

MARIA HELENA DE PAULA

**RASTROS DE VELHOS FALARES – Léxico e cultura no vernáculo
catalano**



**ARARAQUARA (SP)
2007**

MARIA HELENA DE PAULA

**RASTROS DE VELHOS FALARES – Léxico e cultura no vernáculo
catalano**

Tese apresentada o Programa de Pós-Graduação em Lingüística e Língua Portuguesa da FCL/UNESP- Câmpus de Araraquara, como requisito parcial para a obtenção do Título de Doutora em Lingüística e Língua Portuguesa.

Orientadora: Profa. Dra. Clotilde de Almeida Azevedo Murakawa

Araraquara (SP)
2007

Paula, Maria Helena de
Rastros de velhos falares: léxico e cultura no vernáculo
catalano / Maria Helena de Paula – 2007

521 f. ; 30 cm

Tese (Doutorado em Lingüística e Língua Portuguesa) –
Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e
Letras, Campus de Araraquara

Orientador: Clotilde de Almeida Azevedo Murakawa

1. Lingüística. 2. Língua portuguesa. 3. Lexicologia.
4. Linguagem e cultura. 5. Catalão (GO). I. Título.

BANCA EXAMINADORA

PROFESSORA DRA. CLOTILDE DE ALMEIDA AZEVEDO MURAKAWA (ORIENTADORA)

PROFESSOR DR. LUIZ ANTÔNIO AMARAL

PROFESSORA DRA APARECIDA NEGRI ISQUERDO

PROFESSOR DR BRAZ JOSÉ COELHO

PROFESSOR DR HEITOR MEGALE

AGRADECIMENTOS

Críticas, sugestões, interlocuções diversas, presenças e ausências concederam a este trabalho a qualidade que possuir.

À Professora *Dra. Clotilde de Almeida Azevedo Murakawa*, constantemente orientadora e amiga, que lutou por cada momento desta tese. Exigiu, ponderou, confiou; quando tudo parecia sem respostas, suas hipóteses mostraram o caminho. Professora, orientadora, amiga a quem reservo respeito, admiração, carinho e gratidão.

Aos professores de cujos cursos fui aluna e cujas lições foram mais que científicas – lições para a academia e para a vida: *Dra. Clotilde de Almeida Azevedo Murakawa*, que me aceitou como aluna especial, sem me conhecer, e me fez especial; *Dra. Rosane de Andrade Berlinck*, a seriedade personificada; *Dr. Heitor Megale* e *Dr. Sílvio de Almeida Toledo Neto*, companheiros de outras trilhas, amigos de mesma bandeira; *Dra. Marymárcia Guedes*, interlocutora atenta nas discussões sobre metodologia e estruturalismo e dona de riso farto sempre; *Dra. Maria do Rosário V. Gregolin*, com quem pude ver tantos outros nesta pesquisa e atravessei veredas da cultura.

Aos meus *pais do pó da estrada*, em adoção depois dos vinte, *Sirlene Duarte* e *Braz José Coelho*. Incentivadores, interlocutores discretos, amigos para toda hora. Nos seus rastros, escrevi estas páginas.

Aos meus *pais do pé da serra*, Afonso e Mariana, por quem, na singeleza da dor e da profundidade de suas vidas de roceiros, toda a inquietação deste estudo começou e quem me ensina ler o mundo que está fora das páginas dos livros. Nos seus rastros, eu faço minhas páginas.

Aos familiares que estiveram sempre comigo nesta pesquisa. Especialmente *Neira*, *César*, *Adalves* (que me apresentaram tantos narradores), *Cida* e *Dinha*, pela torcida

constante, *Paulo Afonso*, *Elisângela* e *Jason*, exigente debatedor que me puxou para a História e a Cultura que sustentam este estudo e que me pedia respostas nunca antes pensadas.

Aos amigos do Curso de Letras do Campus de Catalão, da Universidade Federal de Goiás, pela liberação das atividades acadêmicas para obtenção da licença. Aos amigos de Pós-Graduação, especialmente Niguelme Cardoso Arruda, amigo de fino trato até compartilhando angústias de pesquisa. Verdadeiramente, um irmão depois dos trinta!

Ao CNPq pela concessão de Bolsa de Estudos, imprescindível ao prosseguimento de nossa pesquisa.

Aos amigos e familiares outros de quem nos ausentamos ou que precisaram se fazer ausentes durante esta empreitada.

Ao *Paulo Fernando*, amor de toda hora, leve e doce companheiro de cada dia. Por cada espera e compreensão nas angústias, pelo apoio incondicional e pelo ombro que me amparou e me carregou nesta caminhada. Sem você tudo seria muito difícil.

E, *especialmente*, aos narradores, cada senhor e cada senhora, que não posso aqui nominar, que ao meu bater às suas portas, abriram suas casas, derramaram suas histórias que se misturaram às minhas num amálgama que povoa sempre meus sonhos. Deram-me seu maior bem, as memórias, o passado e o presente e ensinaram-me a profundidade do simples e a minha pertença cultural. Sujeitos essenciais para esta pesquisa a quem vão meu carinho e admiração.

Aos colaboradores, *in memoriam*, cujas vozes ecoam neste trabalho e atravessam minha história, os senhores Felicidade da Cruz, Manoel Luciano e José Raimundo.

A todos, o meu respeito e reconhecimento de quão imprescindíveis foram suas presenças para a realização deste trabalho.

ESPECIALMENTE

Ao Professor Dr. *Luiz Antônio Amaral*, amizade que se iniciou na Banca de Qualificação e se estendeu, atravessando momentos difíceis e neles se reforçando. Seus rastros, nesta empreitada de conhecer a academia e aprender a pesquisar, são a doce memória, laborativa e em elaboração, de cada momento deste trabalho. Aprendi com você, *companheiro*, que lamentar a queda é menos importante que lutar para se levantar. Por todas as lutas, esclarecimentos, apoio e amizade, eterna gratidão.

A Professora Dra *Clotilde de Almeida Azevedo Murakawa*, firme, perseverante, confiante em minha pesquisa. Mais que *orientadora*, é também *companheira*. No meu silêncio, nas angústias diversas e nas dúvidas, sua ponderação e exigência me empurraram a crer que podia dar certo. Respeitou cada memória minha, trazida lá do sertão, defendeu-me mesmo quando não agradávamos. É merecedora do meu respeito, gratidão e dos méritos deste trabalho.

À pequena *Alice*, o *milagre* que deu à minha alma então pequena a razão e a emoção para tudo continuar.

Prepare o seu coração prás coisas que eu vou contar
Eu venho lá do sertão, eu venho lá do sertão
Eu venho lá do sertão e posso não lhe agradar
Aprendi a dizer não, ver a morte sem chorar
E a morte, o destino, tudo, a morte e o destino, tudo.
(*Disparada* - Geraldo Vandré, Théo de Barros)

PAULA, Maria Helena de. mhpcat@gmail.com. *Rastros de velhos falares – léxico e cultura no vernáculo catalano*. 2007. 521p. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista *Júlio de Mesquita Filho*. Araraquara. 2007.

RESUMO

Pretendeu-se, neste trabalho, estudar aspectos lexicais no vernáculo catalano, especialmente como a relação existente entre o léxico e a cultura manifesta conceitos em signos lexicais. O estudo buscou em onze narrativas orais de falantes, que tenham vivido grande parte de suas vidas na zona rural de Catalão, o material de análise. Nele, procurou-se entender como as memórias conduzem a formas de apreender o mundo que a cultura reporta. Fez-se o levantamento dos conceitos, conforme modelo de Hallig e Wartburg (1963) e, deles, alguns campos lexicais foram analisados. Adotou-se a perspectiva de que há um sistema graças ao qual o léxico obedece à lógica racional de apreensão e compreensão dos conceitos que organizam as relações humanas.

Palavras-chave: léxico; cultura; vernáculo catalano; sistema de conceitos, memórias, narrativas orais.

PAULA, Maria Helena de. mhpcat@gmail.com. *Traces of old speakings – lexicon and culture of the catalano vernacular*. 2007, 521p. Thesis (Doctorate in Linguistics and Portuguese Language) – State University Paulista. Araraquara. 2007.

ABSTRACT

We intended in this paper, to study lexical aspects of the catalano vernacular, especially as the existent relation between the lexis and the culture manifest concepts in lexical signs. The study searched in eleven oral speakers' narratives, that might have lived most of their lives in the rural zone of Catalão, the material of analyses. In this material, we've tried to understand how the memories conduct the ways of learning the world that the culture reports. We have done the concepts' survey, such as Hallig and Wartburg's (1963) model, and from them, some lexical fields have been analyzed. We have adopted the perspective that there is a system thanks to which the lexis obeys the rational logic of apprehension and comprehension of the concepts that organize the human relationships.

Key-words: Lexicon; culture; catalano vernacular; system of concepts, memories, oral narratives.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Fotos

Foto 1 Cutelo.....	200
Foto 2 Balaio e jacá	200
Foto 3 Pilão e mão de pilão	200
Foto 4 Pilungue	200
Foto 5 Plantadeira de dois canos.....	201
Foto 6 Plantadeira perna de grilo.....	201
Foto 7 Carpideira.....	201
Foto 8 Fermento.....	203
Foto 9 Gamelão.....	203
Foto 10 Fôrma para rapadura.....	203
Foto 11 Monjolo (regio-d'água, calabouço e pilão).....	204
Foto 12 Tear artesanal.....	205
Foto 13 Trava, braça e varão do tear.....	205
Foto 14 Lançadeira, canelinha e tempereiro.....	205
Foto 15 Descaroçador.....	206
Foto 16 Arco de bater algodão.....	206
Foto 17 Par de cardas.....	206
Foto 18 Roda de fiar.....	207
Foto 19 Balaio com algodão cardado.....	207
Foto 20 Dobadeira ou dobadura.....	208

Mapas

Mapa 1 Mapa da Localização do Município de Catalão/GO.....	519
Mapa 1 Mapa da Localização das Comunidades Rurais em Catalão (GO).....	520
Mapa 1 Mapa de Goiás	521

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

0.1 Proposição e assunto	12
0.2 Sobre os sujeitos da pesquisa	13
0.2.1 Primeiras considerações sobre o <i>ethos</i> dos narradores.....	20
0.2.2 Identificação dos narradores.....	26
0.3 Procedimentos de composição do <i>corpus</i>	33
0.4 Procedimentos de transcrição do <i>corpus</i>	39
0.5 Estrutura do trabalho	44

PARTE I - RECORTES TEÓRICOS.....45

I Do objeto e seu tema	47
1.1 Das abordagens ao objeto.....	48
1.2 O <i>continuum</i> da arcaização no vernáculo catalano.....	53
1.3 Considerações sobre vernáculo.....	59
II Recortes da História de Goiás e de Catalão	61
2.1 Goiás – uma história lingüística por contar.....	61
2.1.1 Ecos lingüísticos no Goiás Colônia.....	67
2.2 Catalão – ecos de um pouso na história do Goiás Colônia.....	70
III Cultura – recortes transdisciplinares	73
3.1 Recortes teóricos para uma definição de cultura.....	73
3.2 Recortes da cultura popular roceira em Catalão.....	77
3.3 Considerações breves sobre língua e cultura	88
IV Léxico, memória e narrativa	97

PARTE II - ANÁLISE DO *CORPUS*112

I O Sistema Racional de Conceitos de Hallig e Wartburg (1963)	113
1.1 Sistema Racional de Conceitos: a divisão tripartite	117
1.2 Por um sistema racional de conceitos nas narrativas	123
II Campos lexicais: memórias e conceitos em recorte	190
2.1 Esboço dos campos lexicais do inventário de conceitos	192
2.2 Micro-campos lexicais	197
2.2.1 Campo lexical <i>instrumentos e ferramentas de trabalho</i>	198

PARTE III - O *CORPUS* – FRAGMENTOS DE NARRATIVAS210

CONSIDERAÇÕES FINAIS508

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS513

APÊNDICE – Termo de ciência e autorização das narrativas gravadas	518
ANEXO A – Mapa da Localização do Município de Catalão/GO	519
ANEXO B – Mapa da Localização das Comunidades Rurais em Catalão (GO)	520
ANEXO C - Mapa de Goiás	521

INTRODUÇÃO

0.1 Proposição e assunto

O presente estudo intitula-se *Rastros de velhos falares - léxico e cultura no vernáculo catalano* e tem como principal fim levantar e investigar os rastros de velhos falares no vernáculo catalano e entender como as suas construções léxicas indicam traços da cultura deste lugar.

Nota-se que a primeira parte do título aponta para o objeto da pesquisa, os indícios dos velhos falares, a segunda parte para o material de análise, o vernáculo catalano, e as relações que se acreditam empreendidas pela língua e cultura, notadamente como as realizações lexicais servem a expedientes de cultura e como são servidas por eles.

A opção por esta temática de pesquisa se deveu, inicialmente, às nossas experiências iniciadas no mestrado em Letras, na Universidade Federal de Goiás, e continuadas com a participação no grupo de pesquisa Filologia Bandeirante e com desenvolvimento de estudos isolados da cultura catalana, especialmente de matiz popular e de realização oral, na nossa vida acadêmica.

Este estudo, todavia, não é uma continuação teórico-metodológica de objetos de pesquisas antes desenvolvidas. Aqui, os objetivos e as pretensões são outros, embora, ao fim todos os nossos estudos nos direcionem a questionamentos e indagações de natureza teórica e de campo, das relações entre realizações lingüísticas e expressões de cultura consideradas não eruditas, manifestas oralmente. Por esta razão, esta pesquisa pretende ser uma leitura destas relações inegáveis entre a realização da língua e da cultura efetivamente características de um povo, especificamente o vernáculo catalano usado por pessoas natas do sudeste goiano e de base cultural rural ou roceira. É apenas uma das leituras diversamente possíveis sobre este

objeto, na perspectiva de que o léxico serve à cultura e por ela é servido, baseada em estudos sobre cultura, história e linguagem.

A hipótese em que centram as indagações empreendidas neste estudo é que na realização particular da língua portuguesa falada no Brasil, no sudeste goiano, por pessoas com baixa ou ausente alfabetização, com idade superior a sessenta anos, haja evidências de uma tendência ao conservadorismo lingüístico. Ressalta-se que muitos estudos já foram feitos com o propósito de confirmar tal hipótese. No entanto, desconhecemos qualquer estudo que intente evidenciar esta tendência ao conservadorismo, no nível lexical, na realização rural do vernáculo catalano.

0.2 Sobre os sujeitos da pesquisa

O objeto deste estudo são os velhos falares de sujeitos idosos e seu objetivo é verificar neles formas lexicais do português em conservação, em um *continuum* de arcaicidade. As hipóteses levantadas no projeto de que existem nos recônditos do Brasil falantes que conservam traços da língua portuguesa conduziram à composição do *corpus* e à busca nele de evidências das perguntas que fizemos ao objeto. É possível verificar em muitas das variantes dialetais do português no Brasil arcaísmos fonológicos e morfológicos. No entanto, buscamos nesta pesquisa encontrar no nível mais dinâmico da língua, o léxico, marcas de sua conservação. Esta tarefa exige que as entidades lexicais sejam estudadas em contexto de significação, ou seja, em uso efetivo para que se perceba sua dinâmica – se sentidos se expandem, se retraem ou se mantêm em formas ainda em uso ou sob outras formas usadas. Optamos pela expressão oral da língua em um grupo de usuários específicos para composição do material de estudo.

Os documentos que compõem o *corpus* da pesquisa *Rastros de velhos falares - léxico e cultura no vernáculo catalano* são narrativas orais de idosos do município de Catalão-GO. O conjunto das narrativas foi gravado em fitas-cassete, através de um gravador portátil, nos domicílios dos narradores.

A preferência por sujeitos que tenham mais de sessenta anos de idade justifica-se por entender que essas pessoas tenham participado da história cultural, econômica e social do município a partir da década de quarenta do século XX, e que revelarão costumes; relações trabalhistas; funcionamento das leis; tipos de tratamento, constituição e formação familiar; perfis da saúde e de doenças; as formas de sobrevivência registradas na lida com a terra, com as plantas de natureza medicinal, com a fauna e a flora do cerrado, já quase extintas hoje, de onde retiravam grande parte de sua alimentação (a caça, a pesca, a coleta de plantas comestíveis, o plantio de roças) e de suas práticas medicinais para as doenças que fervilhavam suas vidas de poucos direitos à assistência social.

Acredita-se que estas pessoas tenham muitas histórias de suas vidas a contar e nessa evocação narrativa deixem transparentes aspectos da geografia, da organização social, das práticas de sobrevivência de pessoas que a história dita oficial, porém excludente, não fez incluídos em suas páginas escritas, em suas memórias de poder, produzidas e divulgadas por organismos midiáticos estatais (ARRUDA, 2000, p. 42).

Alijados de quaisquer eventos de inclusão social como assistência médica, leis trabalhistas, escolarização, estes sujeitos têm apenas a oralidade como forma de manutenção e transmissão de seus saberes, constituídos de experiências em grupos ou em família. Resguardar o que lhes é o saber que detêm e os faz senhores de uma identidade no grupo só é possível na prática da memória oral, que mais que retomar ao texto falado presente os fatos acontecidos é a representação sobre fatos, pessoas e lugares. Então, não interessa aqui se as narrativas apresentam verdades sobre fatos, pessoas e acontecimentos passados, mas que são

textos enunciados representando discursos sobre os possíveis fatos, pessoas e acontecimentos a que se referem os sujeitos.

Queremos dizer que os narradores, ao enunciarem suas experiências e opiniões, evidenciam representações sobre o que viveram ou sonharam viver e que este aspecto, o da representação no que foi dito, no que foi narrado é que constituirá o *corpus* de nosso estudo. Não se deseja julgar como verdadeiros ou falsos os fatos, as descrições, mas entender como tais elementos textuais apontam configurações culturais, portanto lingüísticas, de um modo de viver na região de Catalão a partir da década de quarenta ou mesmo a partir da década de vinte do século passado.

Interessam à pesquisa as pessoas que vivem ou viveram grande parte de suas vidas na zona rural do município de Catalão. *A priori*, qualquer catalano nato saberá falar de uma temática rural visto que o município apresenta, como grande parte das cidades goianas, uma ruralidade marcadamente identitária seja nos costumes religiosos, alimentares, nos gostos musicais, no falar dito caipira, nas práticas de cultivo da terra etc. Estudos como o de Lima (2003) e Mesquita (1993) informam, respectivamente, que a primeira empresa mineradora a se instalar em Catalão iniciou suas operações em 1976 e que a modernização da agricultura em Catalão nos moldes empresariais teve início na década de 80. O que estas pesquisas apontam é um caráter rural da economia e da organização social da cidade até a década de setenta do século passado, quando, certamente, os narradores desta pesquisa já haviam vivido mais da metade de suas vidas e, por conseguinte, já haviam constituído a maior parte dos hábitos lingüísticos que ainda mantêm.

Entende-se, então, que a população catalana que hoje apresenta mais de sessenta anos não vivenciou em grande parte de suas vidas surtos de industrialização no município, salvo a fábrica de laticínios em cujos “caminhões de desnatadeira” alguns trabalharam na zona rural, como um apêndice de suas profissões de vaqueiro ou empregado em fazenda

alheia. Dos sujeitos cujas histórias foram gravadas nenhum foi empregado de fábrica ou empresa que porventura existisse à época de sua fase produtiva. Todos, por outro lado, foram roceiros plantando e cultivando nesgas de terras manualmente sob a forma da meiação ou de arrendamento; nunca usaram colheitadeiras em seus cultivos, mas conheceram os tratores que substituíram o arado e a carpideira de tração animal, a plantadeira e os instrumentos manuais de plantio; já trabalharam em engenhos de açúcar, rapadura ou aguardente; cuidaram de rebanhos bovinos na função de vaqueiro, tropeiro ou apenas tirador de leite nas fazendas.

Todas as mulheres que narraram suas histórias também trabalharam nas mesmas ocupações que os homens, além de saberem fiar e tecer as vestimentas da família. Aliadas imprescindíveis na sobrevivência de sua família, não se restringiram a cuidar apenas dos filhos e da casa: acompanhavam pais, irmãos e maridos no eito da roça, no curral, no engenho; muitas foram parteiras e também tiveram seus partos nas suas casas com a ajuda de mães e vizinhas.

Estas pessoas vivenciaram todo o aprendizado de que se valeram ao longo de suas vidas rurais e o repassaram a outros apenas pela prática oral, numa época em que a escola não ia a todos os lugares nem era para todos. Conviver com os filhos dos patrões, que pagavam mestre-escola para alfabetizá-los em casa, não era garantia de que os narradores teriam tempo e direito aos ensinamentos das cartilhas e lições. Nesta lacuna entre o saber que se constituía na lida diária nas roças e conversas em família e aquele saber que se fazia constituir pela escrita é que se davam as vivências dos narradores, embora algum contato com a escrita tenha se estabelecido. Um relativo afastamento de práticas que denotam um nível de urbanidade pode ser percebido quando, após a gravação e a permissão para registro fotográfico¹, o

¹ É notório o fato de as fotografias tiradas após cada gravação despertarem mais interesse como registro do que as narrativas. Apenas uma senhora quis ouvir sua fala para “apreciar se sabia falar”, mas todos escolheram ângulos, lugares na casa ou no quintal para se deixarem fotografar melhor. Ressaltam-se dois casos em que a escolha do lugar veio seguida de explicação verbal exaustiva, porém não gravada: o de uma senhora que desejava ser fotografada de modo a aparecerem na imagem revelada tanto a palmeira de estimação como a sua velha roda na qual por tantos anos fiara roupas para si, para a família e para outros e o caso do senhor que

narrador, ao ver sua imagem na fotografia, associava cada detalhe do quintal que se notava à imagem e, extático, exclamava sua alegria por ter “tirado foto” pela primeira vez de sua vida².

Se a escolarização que ia às fazendas dos patrões e as escolas rurais não alcançavam os narradores é esperado que não tenham tido condições de buscar na cidade os meios de aprender a ler e escrever, porque sobreviver às dificuldades do dia-a-dia era mais urgente. Alguns senhores e senhoras dizem ter tido pouco contato com “banco de escola”; porque não se adaptaram ou porque não puderam prescindir de trabalhar, mal internalizaram as primeiras letras e alguns sabem apenas “assinar o nome”.

Afastados, então, de práticas de escolarização o convívio com burocracias e exigências da vida social se torna custoso. Dois senhores contam, com certo desalento, como foram desacreditados pelas “moças do INSS” que lhes cobraram documentos como identidade, certidão de casamento ou nascimento para aposentadoria. Mais que uma necessidade legal, entendem que estavam sendo desacreditados nas informações que concederam como idade, nome de pais, local de nascimento. Assim, precisaram fazer o registro civil de nascimento e a identidade, cobranças desnecessárias e que revelariam uma desconfiança das funcionárias sobre suas honras de pessoas honestas que sempre foram.

Há também o caso de uma senhora que deixaria de receber o benefício da aposentadoria porque não tinha o cadastro de pessoa física. Ora, o que se verifica não é o não-ajustamento destas pessoas a estes ordenamentos urbanos, mas estes que excluem tais pessoas por não lhes preverem, nos arranjos da modernização das leis e das cidades, um modo de tratamento que não os desenraizassem de seus lugares e símbolos de cultura.

escolheu ser fotografado frente ao paiol abarrotado de milho seco que ali havia guardado há poucos dias porque assim apareceria a fartura fruto de seu trabalho, ainda que o paiol estivesse fechado e na fotografia o milho não tenha aparecido. Isso chama a atenção para a representação que concedem nas suas vidas estes sujeitos e especificamente estes dois narradores que esmiuçaram a prática de fiar e a prática de plantio, cultivo e colheita de alimentos básicos, enumerando inclusive quantidade de grãos a ser posta em covas, ferramentas, etapas de crescimento.

² Soubemos que o senhor já havia sido fotografado antes porque em seu documento de identidade constava sua fotografia. Supõe-se, então, que provavelmente aquela era sua primeira oportunidade de se fotografar para situação que não fosse específica para documentação, o que o deixou demasiadamente satisfeito.

Na perspectiva de quem nunca precisou de documento escrito para mostrar-se homem ou mulher de honra inabalada, a quem a palavra dada ou empenhada é sempre cumprida sob quaisquer condições, as “coisas” de cidade se opõem à vida da roça em que os acordos se firmam tacitamente sob uma moral e uma honra do costume, da vizinhança, do parentesco, do compadrio. Estas formas elementares de vivência social garantiram por décadas uma harmonia aceitável entre estes sujeitos, foi seu arranjo social diante das condições que lhes eram impostas na divisão das riquezas do país.

Assim, se nunca puderam comprar tratores e herbicidas eficazes, faziam os mutirões, as demãos, as treições e uma nova ordem, a destes sujeitos, se instaurava garantindo-lhe sobreviver. O grupo e a família tornam-se, pois, imprescindíveis à manutenção desta ordem, seja nas formas de trabalho, seja nas práticas de lazer, seja nas manifestações religiosas: as festas de roça, os terços a que seguem festas só são possíveis porque os grupos se fazem presentes e porque vizinhos, parentes e conhecidos cantam o terço e animam as noites festivas. Histórias de mutirões de fiandeiras, de capina de roça, de limpa de pastos, de limpa de regos d’água são sempre narradas como um momento de todos, quando a convivência e os laços se reafirmam.

Estes senhores e senhoras, que não puderam se escolarizar ou que pouco se escolarizaram, não representam mais, por força das leis trabalhistas e por sua capacidade de trabalho, uma mão-de-obra que deva ser mantida nas fazendas, em seus subempregos. Procuram as cidades e se deparam com as dificuldades de verem seus direitos de aposentadoria assegurados porque não possuem registro escrito de que foram trabalhadores. Suas histórias de ridicularização em filas de posto de saúde, nos caixas-eletrônicos onde recebem benefícios do INSS ou em ônibus atentam contra suas dignidades e, por isso, suas memórias são também ressentimentos. Ressentem no sentido de que sentem novamente ao narrar, ao trazer à presentificação fatos passados e ressentem porque todo ato de narrar de

sujeitos que contam com histórias de desenraizamentos culturais a que tentam resistir têm a memória como seu palco intocável onde podem reinar lembranças e mágoas.

Nestas narrativas emergem descrições, fatos, enumerações detalhadas de vários aspectos de sua cultura e acredita-se que neste ato mnemônico a expressão lingüística enuncie os *rastros* perseguidos nesta pesquisa. Acredita-se que as narrativas, sob tais condições, apontem os velhos falares de velhos e velhas e tragam à tona formas lingüísticas consideradas já em desuso, especialmente as de natureza lexical, uma vez que dão significações, explicam plantas, animais, peças, costumes detalhadamente com o fim de fazer compreender o mundo em que viveram ou ainda vivem.

São as narrativas orais de sete senhores e três senhoras, eivadas de memórias que buscam resistir ao tempo e às pressões dos não-ajustamentos, que formam o *corpus* da presente pesquisa. Destes, três vivem na roça desde que nasceram, nove vivem em uma comunidade urbana, um povoado de menos de mil habitantes dos quais três ainda exercem as mesmas funções nas roças em que trabalham sendo a casa do povoado apenas uma referência de moradia onde moram filhos que foram estudar e trabalhar e esposas.

O propósito inicial era de gravar histórias de vida de dez casais, no entanto, as primeiras gravações indicaram a problemática do tempo que se despenderia neste intento. Cada hora gravada exigiu, no mínimo, dez horas para transcrição manuscrita, além do tempo para digitação. As primeiras gravações revelaram senhores e senhoras hábeis na arte de narrar, empolgados com a oportunidade de dar voz às suas vidas e então pensamos em delimitar o tempo de cada gravação. No entanto, o primeiro senhor cujo tempo de fala foi limitado em noventa minutos, solicitou insistentemente para que gravássemos mais sua fala porque havia se lembrado de muitas coisas importantes que gostaria de contar ou esclarecer. Na segunda gravação, narrou aspectos de alta descritividade da fauna e flora da região que interessam em

demasia a este estudo. Por esta razão, entendemos que deveriam falar sobre suas vidas a partir de perguntas feitas conforme o seu fluxo narrativo.

Então, o *corpus* desta Pesquisa é constituído de onze narrativas gravadas de dez narradores uma vez que um senhor gravou duas vezes suas histórias. Há senhores que falaram noventa minutos e senhores que falaram mais de cento e oitenta minutos. Em média, as narrações têm duas horas.

0.2.1 Primeiras considerações sobre o *ethos* dos narradores

O mundo rural em que sujeitos cujas vidas e histórias se assemelham às destes senhores e senhoras não pode ser visto numa compreensão que tende a polarizar como um modo particular de vida que ora é o de extrema rusticidade e uma quase total ausência de qualquer civilidade e malícia, ora é o de uma completa selvageria em que reinam atos de jagunçagem e bravos matadores. Tampouco deve ser concebido como lugar em que há uma ausência de qualquer sofisticação em modos de vestir, comer e andar de grupos rurais de vida familiar que lutariam para a sobrevivência. Nem se deve polarizar o mundo rural com a ausência de humanidade em que homens e mulheres se submetem a coroneladas, escravizações e mortes por honras em vidas miseráveis.

O que estas compreensões polarizantes não notam é que não há uma escolha individual, definida pela vontade do sujeito. A honra do homem cujo pedido de dança em um baile de roça fora negado se recupera eliminando a razão da desonra porque assim o seu grupo de convivência estabeleceu. A aceitação de que a pouca colheita seja dividida com o grande fazendeiro, ainda que a família não possa dela prescindir para sobreviver até a próxima colheita, só ocorre porque para estes senhores e senhoras a palavra empenhada quando se combinou a meiação da roça pesa mais em suas honras que a falta de alimentos para a família.

As roupas grossas, manualmente produzidas, são a demonstração de que os “tecidos de cidade” são para os que podem pagar por eles; são, também, para a dureza na vida da roça com suas atividades exigindo grossos panos. São a manifestação secular de uma prática cultural em que todas as etapas do processo de produzir uma roupa são dadas e conhecidas pelas senhoras que tecem: sabem plantar, colher, selecionar e preparar o algodão; descaroçam-no, cardam-no, fiam-no e o tecem em peças e, por fim, costuram manualmente as roupas que vestem toda a família. Embora nem todas as senhoras saibam fiar, tecer e costurar, conhecer a tecelagem artesanal não é necessariamente uma escolha das mulheres rurais goianas do século XX: o acesso à cidade onde haveria fazendas de tecidos à venda demandaria condições de viagem e o dinheiro para comprá-las que elas não possuíam.

A rusticidade de suas roupas grossas denota, então, um modo de viver de senhores e senhoras rurais não porque assim o quiseram. Este modo de viver está, na verdade, inserido na dinâmica da vida rural goiana do século XX, especialmente até os anos setenta, a qual, por sua vez, está na lógica do desenvolvimento industrial no interior do Brasil. Por esta razão, em lugar de expressar um atraso ou uma rusticidade, as práticas destes sujeitos revelam uma capacidade de viver (plantar, comer, vestir, curar) cujas formas foram criadas e repassadas conforme os recursos de que dispunham.

Quer dizer, porque as cidades eram poucas e de difícil acesso, porque as máquinas de beneficiamento de leite e arroz só existiam nas cidades havia pilões, monjolos, engenhocas de desnatar o leite; porque havia pouco sal e candeias e lamparinas nas roças fazia-se a conserva de carnes em banha e guardava-se o toucinho empalhado em jacás; porque não havia médicos e remédios desenvolveu-se vasto saber sobre potencial curativo da flora e fauna; porque não havia irrigação, tratores e colheitadeiras plantava-se quando chegavam “as águas” e, à mercê das condições climáticas, arava-se a terra e carpidavam-se as roças, usavam-se

cutelos e pilungues para a colheita em bancas de arroz, bandeiras de feijão e leiras de milho para armazenar em tuias e paióis.

Isto faz entender que não restavam outros modos de sobreviver para estes senhores e senhoras que não fossem com os *companheiros*. Então, práticas de demão, mutirão (SANTOS, 2001) e treições eram sua forma de congregar forças para cuidar das roças submetidas ao tempo das chuvas e das secas, para cuidar dos pastos, dos regos d'água e do algodão a fiar e tecer. As ajudas mútuas criavam laços de solidariedade muito fortes porque a companheirada quase sempre eram os vizinhos, parentes e compadres ou, quando não, o tornavam.

O que se quer fazer compreender aqui é que qualquer visão polarizante que queira conceder ao indivíduo força para escolhas particulares não alcança a dinâmica desta vida rural. No entanto, não se afirma aqui a força suprema do meio sobre os indivíduos. Essencial neste tipo de vida em que práticas culturais se dão e se repassam – se reafirmam, então – é a convivência em grupo que as reforça e as torna necessárias para o grupo.

Há de se notar, no entanto, que a inserção de novos elementos nesta dinâmica a altera e os seus sujeitos também precisam refazer caminhos para a vida em grupo. Deste modo, com a concessão de aposentadorias rurais, as máquinas que plantam e colhem e a eletrificação rural muitos destes roceiros foram para as cidades ou buscaram delas elementos para a vida nas roças.

No entanto, esta nova dinâmica experimentada, a do êxodo rural ou de elementos da vida urbana para as roças, não apagou da vida destes roceiros muitas destas práticas, especialmente aquelas que não carecem de *companheiros*. Muitos dos narradores revelam em suas memórias práticas que lhes eram imprescindíveis para sobrevivência e que hoje são como o fio que os mantêm no passado, que os mantêm como pertencentes a uma cultura com fortes sinais de mudanças. Relembrar para eles não é apenas falar sobre como foram suas vidas nos

tempos “de primeiro”; é também reafirmar práticas que ainda mantêm e que os fazem ser quem são. Plantar e colher como antes, conservar carnes em latas de banha e toucinhos salgados empalhados em jacás os fazem ser roceiros; participar de mutirões, terços e treições os mantêm *companheiros* de roça.

Ainda que na contramão dos costumes de hoje, os narradores entendem que a figura do pai e da mãe é sempre inquestionável e a ela todos devem obediência e respeito incondicionais. Muitas composições musicais caipiras e causos têm o fim de reafirmar esta ética entre pais e filhos e, didaticamente, revelar que nestes modos de viver também ela era ferida e punida.

Defendem a honra³ e a moral, diferentemente para homens e mulheres, de modo que fazem lembrar a ética da jagunçagem e da coronelada, motes de renomados escritores regionalistas brasileiros⁴. Possuem crenças em assombrações, conhecem histórias fantásticas das quais muitos dizem haver participado, enredam curas e enfermidades de ervas engarrafadas que os mantêm assentados, apesar do êxodo que experimentam, no seu *locus* cultural.

Não se espera, todavia, que ao rejeitar uma perspectiva polarizante, se crie a idéia de que tudo nas vidas destes narradores seja tradição e conservação. Porque partícipes de uma dinâmica em constante movimento, expedientes dos tempos “de hoje” se inserem em suas vidas, como saber senhas e ir a caixas eletrônicos para o recebimento de aposentadorias,

³ Em visita recente a um dos narradores, quando comentávamos sobre um caso de crime passional ele foi veemente em menosprezar a atitude do rapaz assassino porque, segundo sua moral, se fosse por uma dança que a moça lhe tivesse negado seria aceitável. Traição, desamor, para este senhor, hão de doer menos e não ferir a honra de um homem como ser “um enjeitado na festa, na frente de todos”.

⁴ Ver em *Grande sertão: veredas*, de João Guimarães Rosa (1983), *Seleta* e *O Tronco*, de Bernardo Elis (1974) e *Peonagem e cabroeira*, de Braz José Coelho (1971) como matar por lealdade ao compadre, à honra da filha, esposa, mãe ou irmã ou movido por uma espécie de código de jagunços não fere a moral ou suas crenças religiosas como se assim matar se justificasse.

conviver com agrotóxicos, tratores e desmatamentos⁵ do cerrado, fazer visitas regulares a médicos e tomar diariamente remédios⁶.

Brandão (2004, p. 123) diz que temos todos, habitantes das cidades ou dos campos, uma tradicionalidade rural que seria um modelo de viver utópico ideal, da atualidade, baseado na ética e estética rural. Ao homem rural, nesta perspectiva, atribui-se uma confiabilidade, humanidade e preservação da tradicionalidade rural existente em todos nós. Nas palavras do autor:

A visão de que, se existe um lugar não de vida de paraíso, mas de uma vida cuja ética, cuja estética, cujo modo de viver deveriam ser o nosso, deveriam se estender a todas as pessoas, seria o lugar do camponês, o homem do campo. Em todas as eras e tempos.(...) Existe um ser confiável, um alguém que preserva e reproduz ao longo das eras e por toda parte uma maneira de viver, de pensar, de sentir (...), de se relacionar com a natureza, que nos serviria de modelo, que nos humanizaria. Ele não está distante de nós como um ser idealizado do futuro, ele não estaria entre nós, mas estaria presente – às vezes, talvez idealizado também – nessa gente dos mundos rurais de todos os mundos de antes e de agora (BRANDÃO, 2004, p. 123).

Todavia, não se pode ignorar que neste *locus* conflitos afloram exatamente em função desta ética. Os jagunços, os “capangas”, os coronéis que espetavam peões com ferrão afiado, os meieiros que perdiam a colheita de todo o ano para o fazendeiro dono da terra, os homens e as mulheres quase escravos, os agregados sem salários e sem roças são também elementos recorrentes nas narrativas em estudo.

⁵ Todos os senhores e senhoras desta pesquisa praticaram ou ainda praticam a destocada ou a bateção de pastos, formas manuais de cortar árvores em pequena extensão de terra e apenas para o cultivo de roças ou facilitar a pastagem dos gados, diferentemente do desmatamento com máquinas.

⁶ Marques (2004, p.146), em estudo sobre campesinato goiano, diz que “À medida que esse campesinato vai tendo o seu sistema de produção debilitado, em decorrência das mudanças observadas, a sua reprodução se dá de forma cada vez mais difícil.(...) O camponês migrante experimenta a condição de proletário na cidade grande e isso muda a sua visão de mundo”. Os sujeitos deste estudo não vivenciam esta situação porque, crê-se, são idosos e à organização capitalista urbana não interessariam como força produtiva, além de não terem se mudado para a cidade grande, mas os que o fizeram foram para o distrito de Pires Belo.

Aliados a esta tradicionalidade, eventos de violência, de exploração e pobreza ocorrem também na vida do homem e da mulher rural. Então, a campesinidade de que trata Brandão (2004) não parece irrestritamente pertinente aos sujeitos cujas histórias foram registradas, não porque este *ethos* estaria ameaçado pela entrada de não-roceiros nas roças como sugere este estudioso, mas porque a ética da vida que os sujeitos da pesquisa narraram se assentou nestas práticas. Assim, pensar a tradicionalidade como um modo de lidar com a natureza e as pessoas exige também, paradoxalmente, que se pensem a ocorrência e a permanência destas outras práticas nas vidas destes homens e mulheres rurais.

Estes sujeitos também enfrentam situações de descontentamento nas suas relações de sobrevivência com a natureza. No mato e no campo buscam alimentos e remédios como frutas, raízes, folhas e animais. Também no mato e no campo encontram plantas que não curam doenças, outras que envenenam animais domésticos como o gado leiteiro, ou ainda animais que os ferem como cobras e onças. O rio que lhe fornece boas pescadas mata amigos e parentes, lava roças em baixadas férteis. O campo que oferece abundância de plantas de teor medicinal como o pé-de-perdiz e a arnica não serve, por outro lado, para o plantio de roças de subsistência e nem sustenta o gado na época da seca. Esta luta que se trava a cada dia para sobreviver nas roças é uma luta, sobretudo, com o incerto. Se as chuvas forem na medida e nas épocas esperadas colhe-se com fartura bastante para provisão até a próxima colheita. Se o sol faltar ou exceder-se em dias de colheita ou em fases do crescimento perde-se o trabalho de uma custosa preparação da roça.

Esta dependência das condições da natureza e das práticas culturais que se transmitem por gerações cria, possivelmente, laços nos homens e mulheres roceiras que os prendem por décadas à terra, ao mesmo pedaço de chão, à mesma nesga de terra onde viu o pai morrer, os filhos e netos crescerem. A preservação da memória nestes narradores muitas vezes se dá com a manutenção de gestos que consagraram como expedientes de memória. Há

recorrentes referências a árvores plantadas por alguém que já morrera ou a taperas conservadas porque suas paredes foram feitas pelo marido morto há décadas. O telurismo, no caso destes sujeitos, não obedece a uma lógica do bom ou ruim, do certo ou errado para suas vidas, mas à lógica da natureza e da memória. E possivelmente Brandão (2004) esteja, em última instância, entendendo este telurismo e apego aos objetos e lugares de memória como a ruralidade, a tradicionalidade em todos nós, rurais ou não.

0. 2. 2 Identificação dos narradores

São sujeitos desta pesquisa os narradores que sumariamente apresentamos sob uma identificação fictícia propositadamente criada para este fim para que se evitem constrangimentos de qualquer natureza em um possível reconhecimento de seus nomes reais. Segue também, o modo como os excertos serão reportados no texto: em parêntese, **N** se refere a narrador, **M** ou **F**, ao sexo e o numeral cardinal à idade do senhor ou senhora quando efetivamos a gravação. A identificação obedece à ordem de apresentação das narrativas, que será marcada com numeral cardinal. Assim, a indicação **(1NM82i)** identifica o narrador do sexo masculino, o primeiro dos narradores cujas narrativas são apresentadas, que estava com oitenta e dois anos na data da gravação, a primeira das duas narrativas que nos concedeu gravar. Seguem, pois, as identificações dos narradores e narradoras sujeitos da pesquisa.

1- 1NM82i – primeira narrador (1), primeira gravação (i) em trinta e um de maio de 2003, no povoado de Pires Belo, no quintal da sua casa.

Narrador (**N**), sexo masculino (**M**), oitenta e dois anos (**82**), viúvo, pai de treze filhos. Nascido em Minas Gerais, Paracatu. Com aproximadamente seis anos veio para Goiás,

para a zona rural do Distrito de Santo Antônio do Rio Verde, município de Catalão, onde viveu até os cinquenta anos, na lida diversificada dos afazeres na roça. Quando criança, nas horas de folga do serviço brincava de fazendeiro, cangava e carreava boizinhos, frutos de pau-terra, tomava banho em córrego e nunca gostou de jogar de bola. Desempenhou diversas profissões, tendo começado cedo no trabalho de fazer polvilho para ajudar a mãe na criação dos irmãos órfãos de pai (vítima de hidropisia). Depois de alguns anos, a mãe casou-se novamente e deixou os filhos com a irmã casada. Então, se casou porque a vida estava muito difícil. Foi amansador de boi e carreiro por quase duas décadas, plantou e colheu toda a sorte de roças em sistema de meieiro, arrendado ou agregado, cuidou de gados em fazendas alheias. Julga-se que teve formosura e era cobiçado por moças ricas, o que o envergonhava porque *tinha poucas forças*. Assistiu à mulher com que vivera cinquenta anos *acabar-se, como um passarinho* e desde então tem sofrido muito para criar netos e filhos. Já plantou todo tipo de roça comum aos tempos dantes e diz que hoje tem muitas plantações que só existia em quintal como alho e cebola. Descreve minuciosamente a fertilidade das terras, na *cabeceira* ou no *fundo*, que dispensava os adubos de hoje. Relata como os tempos das águas mudaram e como a marcação do tempo de plantio e colheita hoje é diferente dos costumes *de primeiro*. Descreve como o arroz emborracha, chocha se faltar água para granar o leite e como se colhe e armazena este mantimento; o milho, que emboneca e espiga, é quebrado e medido em jacás e carros e o feijão, que se bate em dias de sol quente, também são descritos como plantações essenciais à vida na roça. Ainda hoje planta e colhe como dantes e orgulha-se do paiol abarrotado de milho que colhera recentemente. Afirma que “o arado corta, pica tudo, (...) costura no mei[o] da terra” quando descreve como lida com as plantações; pelo cheiro sabe que roça está plantada e se é tempo de colhê-la.

2- 1NM82ii – primeiro narrador (1), segunda gravação (ii) em 16 de agosto de 2003, no povoado de Pires Belo, no quintal da sua casa.

Narrador acima referido, detalha no segundo encontro a seu pedido, minúcias de plantas e animais que conhece de vivência. Demonstra profundo conhecimento da fauna e flora do cerrado goiano, suas propriedades medicinais e os males que podem causar quando mal-ministradas. Narra suas tristezas e a angústia de trazer no sangue a *ofensa* da jararaca. Destaca que seu nome limpo é sua maior honra no povoado. Conta sobre crenças, benzeções e assombrações e com desgosto diz que deixou de guardar o seu dia santo porque o patrão não aceitava que faltasse ao serviço, em tempos quase “igual cativoiro”. Revive as suas experiências de roceiro, meieiro e agregado. Suas memórias, neste segundo encontro, encontram o que se pode entender como a memória-ressentimento e a memória-(res)sentimento.

3- 2NF91 – segunda narradora (2), gravação (3) em 31 de maio de 2003, no povoado de Pires Belo, na sua casa.

Narradora (N), de noventa e um anos (91) conferidos nos documentos guardados, vive sozinha em casa dada pela prefeitura, no povoado de Pires Belo. Nasceu na roça, órfã de pai ainda pequena, mescla as lembranças de misérias com as brincadeiras rurais. Após perder a mãe é dada para criar a uma fazendeira que a trata bem dando-lhe presentes como sabão para banho, algumas roupas e elogios a sua discrição na casa. Casa-se antes dos dezoito, teve nove filhos, mas Deus, em sua opinião, lhe permitira ficar com apenas dois. Trabalhava com o marido em terra alheia, ganhavam da dona da fazenda comida, pedaços de carne, um pouco de banha e assiste ao marido morrer por, em função da visão deficiente, confundir sal com

açúcar, contrariando fatalmente o passadio de pessoa com hidropisia. Narra em detalhes peças e etapas de fiar, mas fica “caçando” na imaginação a arte das tecedeiras, que não domina. Tem estado “fraqueada” por uma doença que a acompanha há anos, impedindo-a de ingerir alimentos sólidos e da carne de porco que tanto gosta toma apenas o caldo. Descreve plantas e seus efeitos medicinais diversos. Conta casos de assombração e mula sem cabeça, embora diga não acreditar neles. Diz que a vida já esteve pior, mas após contar “casos do arco da velha”, acha que o bom da vida é mocidade e saúde.

4 - 3NF(70?) – terceira narradora (3), gravação (4) em junho de 2003, no povoado de Pires Belo, na sua casa.

Filha de mãe solteira, a narradora foi deixada pela mãe “natural” aos seis meses com sua mãe de criação. Recorda-se de brincadeiras de infância que a preparavam para a vida de adulta, como brincar de casinha, de cozinhadinha e de descaroçar algodão. Com pouco mais de treze (13) anos casou-se com um rapaz bom e trabalhador que vira apenas três vezes antes, porque a tia que cuidava de si faleceu. Tem oito (08) filhos vivos. Demonstra profundo conhecimento de medicina artesanal, faz garrafadas, já fiou e teceu para vestir e agasalhar toda a sua família. Viveu na roça por muitos anos e há pouco tempo mora no povoado. Conta da movimentação à época da construção da BR-050, próxima à sua casa na roça. Passava até quatro anos sem ir à cidade, por falta de necessidade. Quando precisava arrancar um dente ou comprar algo, deslocava-se de caronas em caminhões e carros ou ia de jardineira e, anos depois, de ônibus. Custeava suas idas à cidade com a venda de animais ou colheitas da roça. Diz que, apesar da tristeza de ter perdido filhos ou não os ter todos juntos mais, acha que a vida hoje é melhor.

5 - 4NM(80?) – quarto narrador (4), gravação (5) em junho de 2003, no povoado de Pires Belo, na sua casa.

Narrador que viveu grande parte de sua vida na roça, mudou-se para o povoado para que os filhos pudessem estudar. Lamenta a morte da esposa e, desde então, vive com a filha. Reclama do barulho dos carros e som alto nas ruas, mas acha que, na cidade, o conforto é maior. Descreve minuciosamente práticas de trabalho rural coletivo, ferramentas, festas e crenças e carrega um saudosismo dos amigos de outrora. Possuiu pequeno terreno e nele trabalhou quase toda a vida com pai, irmãos e filhos para tirar o sustento da família. Conta histórias de assombração, dias santos e festas.

6 - 5NM(66) – quinto narrador (5), gravação (6) em abril de 2003, em Catalão, na casa de sua filha.

Narrador com escolaridade mínima, conta que vive na roça até hoje, cuidando da terra. Aposentado, não depende mais apenas de seu serviço para sobreviver, mas antes, pai de nove filhos, trabalhava de sol a sol com esposa e filhos maiores para o sustento de todos. Animou festas, participou de treições e conhece histórias de assombração e castigo por abuso aos dias santos. Foi candieiro, conhece minuciosamente etapas de plantio e colheita e partes de um carro-de-boi, como juntas e suas funções. Narra acontecimentos de tropeiros, arribistas e boiadeiros. Fauna e flora do cerrado, com descrição e função medicinal e alimentar também matizam sua narrativa.

7 - 6NM(62) – sexto narrador (6), gravação (7) em agosto de 2003, no povoado de Pires Belo, na sua casa.

Casado, pai de família, este é um narrador nato. Embebido na maestria de contar histórias, por mais de três horas a fio detalhou etapas da sua vida e, junto, a organização sócio-cultural do município. Desde os oito anos já trabalhava no engenho onde lhe ensinaram fumar. Morou em diversas fazendas e fora comprado, juntamente com uma delas, pelo novo patrão, que se tornou seu compadre depois. Narra com minúcia todos os trabalhos que cabem ao homem da roça saber fazer. É rezador de terços, fazedor de pinga e rapadura e se acha uma pessoa importante porque não se entrega às muitas durezas da vida. Tem saudades da liberdade de quando era solteiro e tinha cavalo bom e boa arreata.

8 - 7NM(83) – sétimo narrador (7), gravação (8) em agosto de 2003, no povoado de Pires Belo, na sua casa.

Ainda novo, veio de Salvador (BA) porque o pai era “comprometido” e vivia fugindo pelas fazendas, atravessando rios a nado. Relembra as “maldades” do pai com a esposa e filhos, porém o tem como influência moral e religiosa. Nunca estudou porque não suportaria alguém falar-lhe alto e tem problemas de visão. Na lida na roça, fez todos os serviços, mas acha capinar o pior deles. Foi carreiro e candieiro por anos, mesmo depois de um carro-de-boi, carregando mais de uma tonelada, atravessar sobre o seu corpo. Casou-se, teve oito filhos. Como o pai, sabe benzer e dançar a Folia de Reis; ofendido de cobra, reclama da cegueira e acha que jamais voltará a enxergar. Entoa uma ladainha, não tem medo de assombração, uma vez que sempre gostou de andar à noite, sem rumo certo. Hoje, vive no povoado, numa casa de fundo de quintal porque não suportaria viver na mesma casa que a filha e netos.

9 - 8NM(80?) – oitavo narrador (8), gravação (9) em junho de 2003, no povoado de Pires Belo, na sua casa.

Narrador veemente em dizer que sua vida, trabalhando para os outros, era de um “escravo”. Diz que não conheceu o pai porque, quando sua mãe estava grávida dele, este morreu. Teve uma irmã alejada que foi, como a mãe, viver no asilo. Fora dado a um padrinho porque não havia quem o criasse. Reclama que só foi conhecer sapato quando pôde comprar, já que sobrava para ele roupas usadas e o padrinho nunca lhe dera de presente nem uma “precata”. Não sabe a data de nascimento, diz que sua certidão de batizado encontra-se na Santa Casa, tem apenas carteira de trabalho e documento para receber aposentadoria. Pai de oito filhos vivos, orgulha-se de, apesar das dificuldades, nunca ter “pego um ovo de seu ninguém” para tratar da família, prova de sua honestidade. Mora sozinho, cuida do quintal o mínimo para não perder o hábito de plantar e colher e garante que a vida hoje, para ele, é melhor.

10 - 9NF(53) – nona narradora (9), gravação (10) em agosto de 2003, no povoado de Pires Belo, na sua casa.

Dona de uma narrativa entrecortada por ressentimentos e lágrimas, a narradora é a única com idade inferior a sessenta anos. Gravadas em mais de um dia, suas memórias diferenciam-se das dos outros sujeitos. Tem apenas três filhos, estudou, veio para o povoado mais nova, tem mais desenvoltura com a cidade, trabalhou na casa do patrão dos pais, nunca precisou trabalhar em roças, plantando e colhendo, não sabe fiar e tecer. Vive o conflito da religião aprendida em casa, como os pais, e o modismo dos evangélicos, aprendido com um dos filhos. Conta da vida na roça com o distanciamento de quem não lidou diretamente com

os afazeres duros de um roceiro, já que desde que se casou cuida dos filhos e da casa. Reclama das maldades do marido e de como ele era sovina, deixando-a em necessidades para cuidar de filhos doentes.

11 - 10NM(85?) – décimo narrador (10), gravação (11) em junho de 2003, no Fazenda Morro Agudo, na sua casa.

Não sabe ao certo a idade, que os documentos devem atestar. Reclama da desconfiança com que as moças do INSS o trataram quando fora requerer aposentadoria rural. Não se casou, não tem filhos, não sabe ler e acha que “se tivesse uma *leiturinha* pegaria um emprego bom”. Vive em uma casa, na roça, vizinho da sobrinha. Sempre trabalhou no pesado e, por isso, “estragou” a coluna e não consegue trabalhar mais. Descreve em detalhes todas as lidas da roça e sente saudade de uma vacada boa de leite e de quando trabalhava na cidade, na máquina de arroz. Conta da doença ruim da mãe e da morte do pai. Acredita em dia santo, conta sobre festas e mutirões e treições. Descreve a fauna e a flora do cerrado em detalhes. De narrativa onomatopaica, fala de doenças, castigos dos santos cujos dias não foram guardados. Não acredita em assombrações, embora tenha medo delas.

0.3 Procedimentos de composição do *corpus*

Acredita-se que as características do material que compõe o objeto de estudo, em pesquisa que combina investigação de campo e teórica, podem ser dadas pelo modo como ele se constituiu e que este, por sua vez, está assentado nas motivações da pesquisa. Então, como se adquiriu o material, os seus motivos e a que se destina o estudo dão o perfil desta pesquisa. Sob a perspectiva de que compreender a opção por este tipo de pesquisa, as escolhas teóricas

e metodológicas feitas há de conduzir à compreensão dos seus resultados passamos às considerações que seguem.

São apresentados, neste estudo, resultados de pesquisa teórica e procedimentos de investigação de campo. A pesquisa de campo não consistiu apenas na coleta *in loco* de material lingüístico. Sabe-se que, conforme os interesses do pesquisador e as demandas da pesquisa proposta, diferentes formas de pesquisa de campo com modalidade lingüística oral são possíveis. Gravações de situações públicas de realização oral da língua como conferências, palestras, programas de auditório veiculados por rádio ou televisão, registros não autorizados previamente e feitos à distância ou em presença, respostas orais a questionários são algumas das muitas formas possíveis de coletar material lingüístico oral produzido em pesquisa de campo.

Tais pesquisas não exigem, necessariamente, que os sujeitos da pesquisa – aqueles cujas falas serão registradas em gravações – e o pesquisador estabeleçam contatos embasados no envolvimento face-a-face entre ambos para a aquisição do material a ser pesquisado. Alguns dos estudos de *corpora* orais podem ocorrer sem que o pesquisador que o analisa tenha gravado o material de que se valerá. Nestes casos, os *corpora* são usados por diferentes pesquisadores para atender a diferentes perspectivas de análise e níveis lingüísticos. No Brasil, este é o caso do material gravado para o Projeto NURC, utilizado por estudiosos de diferentes tendências teóricas para atender a diferentes intenções de pesquisa.

Esta relação científica de composição e de análise do *corpus* lingüístico não merece ser vista à luz de uma concepção segundo a qual só poderia se valer de um *corpus* oral quem tivesse participado de seu registro. Lingüistas, estudiosos cujo material de estudo é, por sua natureza poliédrico e heterogêneo, devem se valer de *corpora* constituídos por pesquisadores da área e, também, de material lingüístico registrado por pesquisadores de outras áreas se esta for a demanda de seus estudos.

Ressalta-se que esta possibilidade configura mais que uma solidariedade científica. Há de se considerar, ainda, que os *corpora* de análise não são posse do pesquisador, assim como os resultados deles obtidos, especialmente nesta área das ciências humanas, tão carente de material publicamente disponível e na qual constituir *corpora* demanda tempo e recursos, caracterizando sobremaneira a formação de pesquisadores nestas áreas no Brasil.

Neste estudo, porém, os fragmentos do *corpus* e os resultados apresentados são uma leitura da relação que sabidamente um sistema lingüístico estabelece, na sua configuração léxica, com as representações culturais daqueles que a usam. Para tanto, a pesquisa de campo que empreendemos, diferentemente daquelas acerca de que se considerou brevemente acima, não consistiu apenas na coleta *in loco* de material lingüístico nem tampouco se valeu de *corpora* orais registrados por outros pesquisadores.

Longe de significar um ineditismo em estudos de léxico no português usado no Brasil⁷, não prescindimos deste procedimento porquanto julgamos que executar, em campo, cada passo do registro do material lingüístico e extralingüístico para a constituição do *corpus* já é uma parte da pesquisa.

Sob a perspectiva de que as relações existentes entre língua e cultura⁸ são inquestionáveis entendemos que a língua é, para o povo que a usa em seus vários prismas comunicativos e discursivos, um bem cultural, organizado sob regras tácita e coletivamente elaboradas e aceito pelos grupos que dela se servem. Serve a esta comunidade lingüística para manifestar seus bens simbólicos elaborados por gerações e em constante reelaboração, marcando, por vezes não raras, as suas pertenças culturais. E as configurações culturais dos grupos humanos só se efetivam e se transmitem e se (re)elaboram porque estão asseguradas

⁷ As teses de Isquerdo (1996) e Zambonim (1987) tematizam a relação entre o léxico de uma língua e a cultura do povo que o usa a partir da realidade cultural de seringueiros brasileiros. São alguns dos poucos estudos de que tivemos conhecimento e que puderam mostrar um caminho de pesquisa nesta área, especialmente com a modalidade falada do português.

⁸ Ver capítulo 3 da I Parte considerações mais específicas sobre esta relação.

por alguma prática lingüística que as entretece, que lhes permite materializar e abstrair saberes na e da convivência humana.

Amparados por esta compreensão é que realizamos a gravação do material e a posterior análise cujos resultados serão apresentados. Sabe-se que um *corpus* de análise lingüística é apenas um recorte da língua cuja totalidade só estará assegurada na memória lingüística de todos os falantes, manifesta nos inúmeros gêneros e modos de sua realização.

Sabe-se, também, que as interpretações dos aspectos culturais e lingüísticos empreendidas aqui, ainda que assentadas em teorias e estudos já consagrados, são modos particulares de ver e de se colocar diante deste objeto de estudo, particularmente um recorte da língua portuguesa usada no Brasil, especialmente no sudeste goiano, por senhores e senhoras, sob forma de narrativas orais.

São, ainda, um recorte específico da multiplicidade cultural brasileira manifesta neste uso lingüístico. Os caminhos particulares deste fazer científico não significam, todavia, que os usos e os hábitos lingüísticos e culturais evidenciados no *corpus* sejam partes separadas da língua e da cultura brasileira de que são constituintes. É importante entender que só podemos vê-los e nos colocar diante deles tão particularmente porque são interfaces de um todo, elementos caracterizados por gramáticas e léxicos do português e dele também caracterizadores. Ainda, porque as relações sociais que se fizeram notar nas narrativas estão matizadas do que Bosi (1987) e Ortiz (1985) entendem como marca da cultura brasileira.

A nossa pesquisa de campo caracterizou-se por momentos tidos como essenciais para a aquisição do material lingüístico e a compreensão da sua natureza, quais sejam, estabelecimento de um contato prévio com os senhores e as senhoras, a gravação e a transcrição das narrativas e possível retorno aos narradores para dirimir dúvidas, efetivar outras gravações ou especificar passagens das narrativas que careceram de mais entendimento.

O primeiro momento, certamente, caracterizou e possibilitou os seguintes. A abordagem aos senhores e às senhoras não teria sido possível se não soubessem exaustivamente quem somos e porque desejávamos falar com eles, se não se convencessem de que possuíam saberes válidos e interessantes a este estudo. A presença ou a recomendação de pessoas que os conhecem foi a forma menos difícil de nos aproximarmos deles e de narrarem suas histórias.

Vencidas as barreiras do estranhamento, a fala esquivada, as suas certezas de que “gente sem leitura não pode ensinar muita coisa” a outros, os senhores e senhoras se mostraram desejosos de narrar suas vidas, o que fizeram em fluxos ininterruptos. Por horas a fio, desfiaram enredos de suas vidas como se houvesse entre eles e nós convivência de várias décadas. Ensimesmados nos seus sofrimentos passados e presentes, foram solidários e desprendidos em dividir suas memórias e falares. Campearam longe, nas roças em que moraram e cultivaram, nas terras onde cresceram e deixaram décadas de suas vidas, nos tempos “de primeiro”, nas poucas brincadeiras de infância, na lida com a terra, as plantas e os animais, nas rezas e festas de antigamente, nas roupas que teceram, nos fueiros dos carros-de-boi! Campearam nas suas memórias suas pertencas culturais. Reencontraram-se, reforçaram raízes e fizeram ecoar-lhes histórias.

Não raro, neste momento, contracenaram lágrimas e risos, gentes de muitas décadas com as gentes de hoje: modos de ser e viver de épocas tão díspares foram sempre postos em confronto e um ressentimento do passado se atrelou a um saudosismo “daqueles tempos”. Pausaram as narrativas para mostrar-nos objetos e plantas a que se referiam. Formatos, tamanhos, texturas também nos foram encenados nas pausas narrativas. Vozes alteadas, onomatopéias, hesitações, sussurros concederam deveras às suas falas o matiz de material vivo. Imagens perfeitas através da língua, dos gestos e as coisas se fixaram nas suas falas.

Este material sonoro, para os propósitos deste estudo, se legitimou como material para análise quando transcrito, uma vez que o resultado da pesquisa se apresenta, em sua essência, escrito. Imediatamente após cada gravação, as narrativas foram transcritas, o que nos permitiu não perder detalhes contextuais e das narrativas que auxiliaram compreendê-las. Por outro lado, a necessidade de transcrição distanciava-nos do ímpeto de ouvir e gravar mais histórias. A transcrição subsequente permitiu notar detalhes das falas que não foram notados na gravação e, assim, observá-los nas gravações posteriores, evitando-os ou provocando-os.

Esta metodologia para compor o *corpus* concedeu-lhe uma dinamicidade e flexibilidade porque ele se enriquecia à medida que a gravação seguinte se dava com a experiência das anteriores e suas transcrições. A ausência de um questionário previamente elaborado a que obedeceria o fluxo narrativo não significa que os motes foram livres; ao contrário, a cada gravação, os passos do que desejávamos saber se tornaram mais definidos. Tal procedimento se mostrou de incontestável fiabilidade porque cuidamos em selecionar senhores e senhoras cujos perfis culturais e lingüísticos se assemelhassem considerando, contudo, as suas idiossincrasias

Se *a priori* qualquer catalano nato poderia ser um sujeito desta pesquisa, esperamos ter explicitado porque senhores e senhoras com perfil sócio-cultural descrito são sujeitos deste estudo. O conteúdo cultural que se revela em suas falas e as significações associadas a expedientes lingüísticos usados acreditamos que seriam melhor verificados em falantes deste perfil. Como forma mais espontânea de manifestação no nível lexical de matizes culturais, optamos pela expressão oral da língua, uma vez que estes sujeitos, na sua maioria, não sabem ler e escrever o que, em nossas hipóteses, é um fator para a conservação lingüística.

De modo geral, as narrativas abordam conteúdos que são contemplados nos campos conceituais diferentes, porém interdependentes, como se apresentam na II Parte desta pesquisa

0. 4 Procedimentos de transcrição do *corpus*

A transcrição do material desta pesquisa colocou-nos diante de problemas que envolvem sempre pesquisadores que têm o material lingüístico oral como seu objeto de estudo. Ramilo e Freitas (2001) trazem vasta discussão sobre vantagens e desvantagens de vários procedimentos usados na Europa e no Brasil e entendem que discutir os problemas de transcrição de um *corpus* oral é sobremaneira relevante porque “todas as decisões tomadas relativamente ao seu método de transcrição influem no resultado final do projecto e no seu posterior aproveitamento” (p. 02).

Também nós realizamos demoradamente inúmeras tentativas de transcrever o *corpus* para que servisse aos nossos propósitos e fosse inteligível a quem o ler. A transcrição que se apresenta, então, foi a que nos pareceu reunir mais vantagens à pesquisa. Não obedeceu às normas de transcrição de exemplos propostos por Preti (2000, p. 15-16) e que são seguidas em grande parte das análises de português falado, especialmente aquelas dos *corpora* do projeto NURC. Entendemos que detalhar pausas, hesitações, silabações e outros recursos prosódicos não é o interesse desta pesquisa.

Por isso, fizemos transcrição gráfica, tal como ouvimos os textos valendo-nos dos recursos tradicionais de marcação prosódica como sinais de pontuação, uso das maiúsculas que caracterizam um texto escrito, uma vez que a transcrição feita por nós deu aspecto gráfico a um material oral.

Sabemos, no entanto, que esta transposição não atende à associação perfeita do que se ouve no registro escrito nem acreditamos haver uma transcrição que dê conta de resgatar todas as nuances da oralidade porque esta se circunscreve a exterioridades à língua que a escrita não alcança nos seus limites gráficos. Uma transcrição fonético-fonológica daria conta de detalhes de pronúncia, mais deixaria escapar traços prosódicos. Ou seja, a transcrição completa seria a que congregaria todas estas e ainda desse conta das exterioridades do ato de fala que as determina.

Os textos transcritos tentam recriar ênfases, acentuações, pausas e cadências da fala e, no material em análise, respeitam a acentuação e a pontuação tradicionais. Isto configura a intenção de que recriem no leitor das narrativas um cenário lingüístico o mais aproximado possível do que foi registrado nas fitas e, mais ainda, do que foi ouvido em presença no ato de gravação. Sabemos, no entanto, que mesmo em textos que não sejam frutos de transcrição propositada da fala, “o jogo de pausas e cadências tem de ser recriado pelo leitor. Este trabalho é auxiliado pelos sinais de pontuação, mas nunca de maneira absoluta” (CÂMARA JR, 2001, p. 57).

Admite-se, então, que os textos transcritos das narrativas são intenções de aproximação da fala, que sabidamente não conseguem cumprir as marcas lingüísticas como se dão oralmente porque a língua varia de tal modo, em todos seus níveis de realização, que demandaria vasto recurso para codificá-la, além de estar sediada em situações de acontecimento de linguagem não-verbal como gestualizações, expressões faciais ou silenciamentos. Para tal, cumpre a nós informar, em parênteses e em itálico, sucintamente quando estas outras linguagens complementaram as narrativas.

Igualmente difícil é representar na escrita, na tentativa da fidelidade máxima possível à oralidade, rupturas, quebras ou reduções que podem se confundir com outras realizações lingüísticas já existentes e normatizadas como “ma”, redução de “más” ou “mais”

ou “quan”, redução de “quando” ou “quanto” que receberam informações na transcrição, entre colchetes, a fim de evitar tais confusões. Reduções, acréscimos ou junturas vocabulares foram transcritos como ouvimos apenas quando julgamos não confundirem a leitura com mais de uma possibilidade de entendimento.

Deixamos de lado o registro de aspectos fonéticos que não nos pareceram relevantes para a configuração lexical em nosso estudo. Também há notas explicativas ao pé das páginas que têm o objetivo de esclarecer um possível significado para a realização narrativa a que se reportam. Por outro lado, ao elegermos o que registrar manifestamos um posicionamento diante do objeto porque Cintra (2000) nos ensina que:

Transcrever, contudo, não é uma tarefa mecânica, sujeita apenas à representação de sons por símbolos gráficos, mas sim “um posicionamento (ideológico) teórico, que permite estabelecer que fenômenos interessam à observação e por quê, quais de seus aspectos são relevantes para os fins pretendidos, e que grau de variação deles se pode ou poderia esperar.” (CINTRA, 2000, p. 165).

Nesta perspectiva, seguem, pois, os procedimentos que foram adotados com o intuito de facilitar a leitura dos trechos das narrativas e de dar-lhes a maior fidelidade possível. Ressalta-se que esta chave de transcrição é necessária para o trabalho com o *corpus* e, principalmente, para a sua leitura por aqueles que não presenciaram a gravação.

1. (*comentário*): inserção de quaisquer comentários externos à fala dos narradores.
2. [palavra ou palavras completas]: inserida para indicar a supressão da palavra que se recupera no contexto da narrativa, porém não selecionado neste recorte, ou apenas subentendida nele. Exemplo: “Chumbava [café] pa muié lá, né” (2NF91).
3. [parte de palavra]: inserida para indicar a supressão de sílabas e/ou fonemas na fala sem os quais comprometer-se-ia o entendimento do trecho narrativo ou o confundiria com outra forma já transcrita. Exemplos: el[e] e el[a], para desfazer equívoco entre *ele* e *ela*; [a]quel[e]s e [a]quel[a]s, para desfazer equívocos tais como *que*, *aqueles* e *aquelas*; quan[do],

que poderia ser entendido como *quanto* ou *quando*; [fi]cô, para desfazer equívoco entre *ficou* e *co*, forma reduzida de *com o* e *época*, e ép[oc]a que poderia se confundir com *epa*, forma interjeitiva.

4. [parte da palavra]: inserida porque a supressão na transcrição não é reconhecida por nenhuma das ferramentas de ortografia dos programas de *word* que a corrige automaticamente. Exemplos: sen[do], que se confunde com *sem* porque a forma *sen'* é repetidamente corrigida; [a]judei, que automaticamente é corrigida por *judiei* e [a]judô e [a]juda, entendidas pelo programa como *judô* e *Judas*.

5. inserção de apóstrofo para indicar supressão de parte da palavra que não comprometeria o entendimento de quem lê, geralmente no final ou no início das palavras. Exemplos: cantan'⁹, para *cantando*, 'té para *até*, er' para *era*. Não foram marcadas construções como *cê*, *tava*, *rumava* porquanto entendemos que sua realização é bastante comum na maioria dos dialetos brasileiros.

6. (...) indica supressão propositada na transcrição com o fim de omitir nomes ou dados que poderiam constranger o narrador ou a narradora e cortes na narrativa que não interessaram à composição do trecho em análise.

7. indica pausa da fala, própria do fluxo narrativo.

Além da marcar a supressão com os recursos supracitados, cumpre ressaltar os casos cuja pronúncia se pretendeu manter na transcrição gráfica porque não é um complicador do entendimento a falantes de qualquer dialeto brasileiro. Assim, registraram-se perdas ou acréscimos em posição inicial, medial e final das palavras. Vejam-se os exemplos de *memo*, *sozim*, *gora*, *novim*, *nóis*, *travêiz*, *inda*, *maiô*, *dotô*, *tava*, *comerça*, *puque* dentre outros tantos.

⁹ Pode-se pensar que os verbos no gerúndio também se realizam deste modo na maioria dos falares brasileiros, o que não justificaria esta marcação. No entanto, sem o apóstrofo, o programa de correção ortográfica o transforma em verbo flexionado na terceira pessoa do plural, no caso dos paradigmas da primeira e da segunda conjugação, ou em construções totalmente esdrúxulas para a narrativa transcrita como rim (rindo), partim (partindo) e im (indo).

Manteve-se a pronúncia na transcrição de rotacismos, monotongações, alçamentos, despalatalizações como se vê em *quarquê, airgũa, ô, contô, falicido, munjol, trabaia e trabaava*.

Manteve-se também palavra de pronúncia diferenciada, mas cujo sentido se recupera no contexto narrativo como se vê no trecho: “Ah! Ô...saí d’lá inda er’ muleque [a]ind[a], que ô tava na, na companhia do meu pai, né. On[de] meu pai ia nós tava.” (ver 10NM, 4).

Igualmente, registrou-se a ocorrência de /l/ como consoante em posição final de sílaba por entender que esta é uma realização específica destes narradores como em *hospitali* no trecho: “É e el[a] sofreu dimais. Nós internô ela...ficô ficô aí o o dotor, é...internô el[a] im Goiana, aí o dotor chamô, mandô chamá os irmão todim lá no **hospitale** (...)” (ver 10NM, 11).

No plano da realização sintática mantiveram-se a ordem dos elementos nos enunciados e a supressão de conectivos como se evidenciou na narrativa. Veja-se o trecho: “falô [as]sim: “Óia s’ocêis tivé dinheiro pa gastá ca sua mãe, pode levá el[a] quarqué país do mundo, num tem jeito não.” E falô o o incômodo, [fa]lô: “Pode, pode pelejá, só Deus”. Inda o dotô inda ‘Ó, esse incôm’ só Deus”. Qu’ela ia fazê, né?” (ver 10NM, 11).

Não se registrou a ocorrência da variação u/o e i/e em final de palavra átona porque é comum em quaisquer níveis sociais e faixa etária no português usado na região lingüística estudada. Tampouco registrou-se a variação de /t/ e /d/ como africadas porque tais alofones são marcas deste falar e não há falante nato da região estudada que não os realize quando precedendo /i/.

0.5 Estrutura do trabalho

O presente trabalho se estrutura em três partes, quais sejam, a primeira, em que realizamos os *Recortes Teóricos*, constituída de quatro capítulos. No primeiro abordamos o objeto e seu tema e apresentamos um recorte lingüístico. No segundo, apresentamos algumas nuances da História de Goiás e de Catalão, associando-a à sua história lingüística. No terceiro, numa perspectiva transdisciplinar, apresentamos considerações sobre cultura, cultura popular em Catalão e relações sobre língua e cultura. No quarto capítulo, discutimos brevemente as relações estabelecidas entre as confiugrações do léxico e a prática de narrar e a memória.

Na segunda parte, empreendemos uma *Análise do Corpus*, também sucinta e em recortes dada a vastidão do material que se nos apresentou e o viés que decidimos conceder à pesquisa. Esta seção apresenta dois capítulos, a saber, o primeiro em que apresentamos brevemente o Sistema Racional de Conceitos de Hallig e Wartburg (1963), que sustenta nossa abordagem aos dados e sua respectiva análise; neste, inventariamos das narrativas apresentadas na III Parte, uma classificação de signos à luz deste sistema de conceitos. No segundo capítulo, consideramos sobre campos lexicais e analisamos um micro-campo a partir de alguns signos da classificação empreendida no primeiro capítulo.

Na terceira parte, apresentamos alguns excertos de narrativas, selecionados para constituir *O Corpus – Fragmentos de Narrativas*. A autoria dos excertos é identificada conforme indicado na Introdução.

Este trabalho traz, além da Introdução, Considerações Finais e Anexos, ilustrações ao longo da II Parte com o fim de elucidar nossas considerações sobre os conceitos inventariados nas narrativas.

PARTE I – RECORTES TEÓRICOS

Esta seção cumpre a tarefa de discutir as bases teóricas deste estudo. Fundamentada numa diversidade de referências a autores e obras não há de significar uma formação híbrida e fluida destes pressupostos, tampouco uma imprecisão de suas leituras. Contrariamente, à luz da composição do material de análise, do perfil dos sujeitos-narradores e da hipótese de que a cultura só se faz semiose porque manifesta na língua suas realizações enquanto memória, parece-nos relevante empreender o recorte das várias teorias que dêem conta de apontar um entendimento mais amplo do objeto que propusemos estudar.

Assim, far-se-ão incursões teóricas não exaustivas, uma vez que este não é um estudo que se dipõe a ser um tratado sobre a cultura e a história de Goiás e Catalão, sobre memória ou léxico. Os recortes teóricos que se apresentam são deveras *recortes* porque propositadamente não pretendem ser tratados conforme dito acima, mas considerações necessárias à análise das relações entre língua e cultura em realizações léxicas no vernáculo catalano. Também porque não se inserem nas discussões mais completas que se possam efetivar e das quais porventura carecem estes temas em estudos especificamente direcionados a tratá-los e tão somente. E, principalmente, crê-se que as narrativas, embora sejam a evidência de materialidade lingüística das memórias dos narradores, não representam a língua em uso pleno e cotidiano daqueles senhores e daquelas senhoras. Por isto, buscamos tantas referências para entendê-las na vastidão do que dizem e significam.

Por tais razões *recortamos* do vasto quadro teórico sobre estes temas convergentes e definidores do modo como vemos o objeto deste estudo, problemáticas e interpretações que julgamos as mais pertinentes. Também por isto defendemos que como recortes de leituras não são adaptações esparsas ou estanques ao objeto. São, sobretudo, o esforço de ler as realizações lexicais na perspectiva que acreditamos caracterizá-las: a história e a cultura do povo que

delas faz uso, as suas memórias e como se manifestam nas narrativas vernaculares de catalanos conforme já apresentados.

I Do Objeto e seu Tema

A nossa pesquisa tem o título “Rastros de velhos falares” e como subtítulo, “léxico e cultura no vernáculo catalano”. Seu objeto são, pois, os rastros de velhos falares, as marcas evidenciadas de falares anteriores àqueles que se podem considerar como atuais, quais sejam, os usos feitos por gerações de falantes com idade inferior à apresentada pelos sujeitos da pesquisa e anteriores àquele que se tem como o atual estado de uso da língua. São, pois, falares que remontam a formas outrora usadas correntemente e que se conservam, também como uso corrente, nestes falantes. São os falares de velhos que certamente guardam ocorrências que não supúnhamos encontrar ou que revelaram minudências descritivas de peças de carro-de-boi e tear explicando, numa etimologia própria, nomes como “junta de coice” e “canelinha”.

Enveredar por estes “velhos mistérios” da língua e neles verificar rastros, marcas, sinais deixados em formas usadas nas narrativas certamente conduzirá a facetas sociais e temporais da variação que se evidencia no material lingüístico. Cumpre ressaltar que intentamos verificar razões de ordem temporal, ainda que acreditemos que fatores de ordem social, neste caso e possivelmente em qualquer nível de análise de qualquer sistema lingüístico, implicam a manutenção ao longo dos anos de formas no vernáculo catalano. Ou seja, certas formas léxicas se mantêm no tempo porque houve condições sociais que o permitiram, como o isolamento deste grupo populacional de grandes surtos de urbanização, aliadas à situação geográfica da região estudada.

Nesta ótica, não podemos prescindir de fazer incursões no que delimitamos como o recorte temático deste estudo: o modo como o léxico configura práticas culturais em um *continuum* de uso e desuso _ aspectos perceptíveis nas memórias dos narradores_ nas formas lexicais no vernáculo catalano. Estas formas revelariam um *subtractum* cultural

caracterizador destes grupos sociais, da década de quarenta ou mesmo a partir da de vinte, radicados num contexto geográfico e histórico específico, ainda que em grande parte determinado por contextos maiores.

Esperamos, desta forma, apresentar neste estudo elementos significativos da cultura em Catalão e, pela compreensão de que o léxico é o repositório mais dinâmico das configurações culturais denotadas em uma dada língua, que nos itens lexicais selecionados para análise se possa notar uma tendência à resistência, ainda que não propositada, por parte dos falantes em manter suas práticas culturais a partir de usos lingüísticos com contornos específicos de manutenção.

1. 1 Das abordagens ao objeto

É necessário pensar que a manutenção ou a não-manutenção e a inovação lingüísticas, propositadas ou não, devem ser entendidas como perspectivas de falantes que experimentam usos e visões diferenciadas sobre a mesma língua em uma mesma temporalidade. O que para os narradores é de uso recorrente, portanto, comum é, para outros com quem convivem, de gerações mais novas, formas já desgastadas, antigas. Consideramos, como Dubois *et al.* (1998) que:

Num dado momento, numa comunidade lingüística, existem simultaneamente, segundo os grupos sociais e segundo as gerações, diversos sistemas lingüísticos. Em particular, existem formas que só pertencem aos locutores mais velhos; estas serão consideradas pelos locutores mais moços como arcaísmos em relação à norma comum (DUBOIS *et al.* p. 65).

Uma problemática se nos apresenta, então. De que parâmetro consideraremos como formas de conservação ou formas em um *continuum* de arcaicidade aquelas que verificamos nas narrativas? Cremos que dicionários de séculos anteriores, como o

“Diccionario de Língua Portuguesa” de Silva (1922), edição fac-similar organizada por Laudelino Freire, e o “Novo Dicionário da Língua Portuguesa” de Cândido Figueiredo (1925), e um dicionário atual da língua portuguesa, o “Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa” (2001) auxiliariam no cotejo destas formas. Com estas obras, tem-se o registro da língua no século XIX, primeiras décadas do século XX e o início do XXI. Ofereceriam uma delimitação mais didática na análise de formas em possível processo de conservação, que conviveriam com outras menos conservadas e atuais, ainda usadas pelos sujeitos. Este cotejo, porém, não é nosso propósito neste trabalho; recorreremos a estas obras apenas se, esporadicamente, algum signo o solicitar para elucidação.

Não obstante nos parecer procedimento mais científico o cotejo das formas selecionadas para análise nas obras acima citadas, ainda que não nos propomos realizá-lo, alguns estudos dão como irrefutável que a língua dos “rústicos” brasileiros seja arcaizante se comparada ao português falado em Portugal. Bueno (1954), sobre a língua portuguesa que se fará implantar no Brasil recém-descoberto, considera que:

Os marinheiros que aqui aportaram, os colonos aqui vindos, falavam todos a língua vulgar português, arcaica. Se dentro de poucos anos Portugal receberá os primeiros bafejos do Renascimento e procurará por meio dos seus literatos aproximar-se novamente dos primitivos tipos latinos, a língua do povo permanecerá estranha a tais modas literárias. Provamos isto (...) comparando a linguagem dos tipos populares que Gil Vicente traz à cena, em suas peças, com a linguagem ainda hoje ouvida aos nossos rústicos em qualquer ponto do país. (...) o Brasil muito mais novo que Portugal representa em matéria de linguagem, uma expressão mais velha, arcaizante (BUENO, 1954, p. 68-9).

No enalço de estudos mais anteriores sobre o português no Brasil e seu conservadorismo parece que a perspectiva é tratar o português “rústico”, falado pelos populares no Brasil em relação ao de uso corrente em Portugal. Seria mais apropriado fazer comparações do português nos dois países a partir de usos por grupos que, em suas culturas nacionais, tivessem o mesmo estatuto soiolingüístico. Melo (1946, p. 84), sobre o caráter

arcaizante de nossa língua em terras brasileiras, entende que o “linguajar plebeu”, a “nossa linguagem vulgar é fundamentalmente o Português arcaico *deformado* pela ação dos índios e tupi-descendentes e dos negros e afro-descendentes”.

Para este filólogo, estes usuários do português, por não terem se elevado na escala social nem terem recebido instrução, *deformam* o português falado no Brasil, a despeito de considerar que tais deformações constituiriam um denominador dialetal do português falado no Brasil e têm uma natureza arcaizante. Não partilhamos a idéia de que a variação dialetal a que se refere e as razões que elenca respondam pelo que chama de *deformação* do português, concepção que se encontra grandemente superada depois dos estudos dos fenômenos de variação empreendidos pela Sociolingüística.

Mattoso Câmara Jr (1965 e 1985) em dois estudos, quais sejam, *Línguas européias de ultramar: o português do Brasil* e *História e estrutura da língua portuguesa*, respectivamente, contesta a tese de que substratos lingüísticos indígenas e africanos respondam por discrepâncias entre a língua padrão do Brasil e Portugal. Embora tais substratos possam ter atuado no português popular no Brasil, as marcas dialetais deste se devem mais a traços portugueses arcaicos que teriam sobrevivido em áreas isoladas dos grandes centros de comunicação. O autor concede à situação geográfica, juntamente com a social de implantação do português no Brasil, relevância nesta configuração específica do português e dá às bases afro-indígenas um tratamento não de exclusão ou deformação, mas de uma massa lingüística de composição adaptada no português popular brasileiro.

Lucchesi (2001), em estudo sobre as vertentes da formação da língua portuguesa no Brasil, não descarta que o modo como indígenas e africanos aprenderam o português em terras brasiliaras responda pelas características das suas variedades. Segundo ele:

o português sofreu profundas alterações ao ser adquirido inicialmente pelos índios aculturados e posteriormente por contingentes cada vez mais

expressivos de escravos trazidos da África; desencadeando um processo de transmissão lingüística irregular que marcou decisivamente a formação das atuais variedades populares da língua portuguesa (LUCCHESI, 2001, p. 104).

Outros estudos atestam que o português popular falado correntemente no Brasil tem realizações que indicam raízes em séculos anteriores. Castilho (2001), em estudo sobre estruturas sintáticas duplicadas no português do século XV, argumenta que diferentemente do que manuais de Lingüística Histórica do Português consideram, a base do português falado no Brasil não é quinhentista, mas quatrocentista. Segundo a autora, o português quinhentista teria se constituído simultaneamente à lusitanização do nosso território, a partir de 1530, o que tornaria insustentável cronologicamente que o português do século XVI de Portugal constituísse a base da sua variante brasileira.

Além desta impossibilidade cronológica, Castilho procura confirmar suas hipóteses procedendo à análise de várias sentenças em que ocorre duplicação, comumente encontradas em documentos dos quatrocentos e no português popular no Brasil. Apesar de não ser de caráter lexicológico, mas sintático, o estudo mostra bases que se constituiriam o português que se manifesta diariamente na fala de grande maioria dos brasileiros de diferentes níveis sociais, fortalecendo a tese de que se fala no Brasil um português ainda muito à moda dantes.

Pesquisadores do Filologia Bandeirante têm orientado teoricamente suas hipóteses pela perspectiva de que em localidades afastadas de grandes eventos de midiaticização e que foram parte das rotas das bandeiras paulistas encontram-se vestígios recorrentes de um português antigo (Cohen *et al.*, 1997). Acredita-se que o português medieval do século XIII ao XV seja semelhante ao que os bandeirantes falavam e que espalharam pelos sertões do interior do Brasil, no caminho pelo qual perseguiram as minas. Afastado dos interesses

comerciais da Coroa, São Paulo de Piratininga não experimentou fluxos populacionais, ficando obrigado a buscar sua sobrevivência material nas pedras preciosas¹⁰.

O isolamento geográfico em relação a Salvador e Recife teria permitido aos paulistas que os traços antigos da língua lusitana se mantivessem em sua fala por mais tempo. Então, na empreitada das bandeiras é esta língua que difundem e que, por isolamento das pequenas cidades, povoados ou vilas daí originadas, teria permanecido até hoje na fala usada por pessoas mais idosas e que preferencialmente vivem em zonas rurais ou periferias urbanas, afastadas de grandes eventos de urbanização¹¹.

Encontramos nas considerações de Lucchesi (2001) argumentos que indicariam que os sujeitos de nossa pesquisa sejam usuários de uma variedade rural, não-padrão, do português, a que este autor chama de português defectivo, caracterizado fortemente pelas condições sócio-econômicas em que se dá seu aprendizado como segunda língua por indígenas e afro-descendentes. Para o autor:

Até a metade do século XX, a grande maioria da população brasileira era analfabeta, (...) os meios de comunicação de massa praticamente não existiam e (...) o acesso a vastas regiões do país era muito precário e (...), portanto, a influência dos padrões lingüísticos urbanos e institucionais era mínima (LUCCHESI, 2001, p. 106).

No encalço destas hipóteses é que entendemos que Catalão, ponto estratégico na rota de Anhangüera rumo a Capitania de Goyaz e reconhecido Pouso para onde afluía grande número de bandeirantes e outras pessoas para alcançar vilas ou descobertos na capitania, seja uma dessas localidades que representaria um *locus* de manutenção de traços deste português de outrora, transportado pelos bandeirantes e permanecendo nas falas de pessoas como os senhores e senhoras cujas narrativas registramos.

¹⁰ Ver em Davidoff (1998) as razões por que as bandeiras se formaram a partir de São Paulo rumo ao centro do país.

¹¹ Ver em Lopes (2002) algumas considerações sobre o que seria a *língua dos bandeirantes*. Também a Revista Pesquisa da Fapesp, na sua edição 72, traz uma descrição e questionamentos em torno do horizonte da língua bandeirante.

Então, se estas hipóteses nos amparam nos resultados que esperamos alcançar e se reforçam com vários exemplos de estudos diacrônicos do português, é necessário ressaltar que estudos sobre o impacto destas idéias sobre o léxico não se avultam como os da natureza fonológica, sintática e morfológica. Sabemos que o léxico representa as experiências culturais de um grupo ou de uma nação recortadas na língua de que faz parte. A expressão das crenças, as artes culinárias e medicinais, as tradições, as inovações e todas as nuances da vivência social de um povo se fazem notar no seu universo lexical. Por esta razão, o léxico, ao mesmo tempo que consolida o saber de um povo e o resguarda como um baú na memória dos falantes, é também a face lingüística mais dinâmica de expressão desse saber, uma vez que os saberes se atualizam e se interpenetram constantemente.

E o léxico, que faz significar, associar sentidos, resgatar e recriar valores, ampliar e reordenar significações, não passa imune a tantas peripécias dos sistemas sociais e lingüísticos. No limite que não se pode precisar nem definir das inovações e das tradições lingüísticas e sócio-culturais estão as construções lexicais. Neste *continuum*, o que não quer dizer que seja um campo fluído, impreciso e caótico, residem os fatos de cultura servidos pelos usos lexicais e os fatos da língua constantemente sendo definidos pelos acontecimentos culturais.

1. 2 O *continuum* de arcaização no vernáculo catalano

O material de nosso estudo revela formas que estão em processo de possível arcaização. Muitas delas são avaliadas diferentemente por falantes mais novos deste vernáculo. Para alguns, são desconhecidas e estranhas ao entendimento; a outros, porém, especialmente aqueles que convivem com os falantes mais velhos e em condições de uso recorrente destas formas, não soam estranhas ou desusadas.

O fato de estas formas serem concebidas de uso corrente por alguns falantes, independentemente da idade que possuem e da região geográfica em que se situam (uma vez que são todos falantes nativos do vernáculo catalano), nos levou a problematizar que as formas que inicialmente julgávamos arcaicas estão experimentando o *continuum* da mudança, processo graças ao qual poderemos, na deriva da língua, dizer se implicarão arcaísmos ou variantes apenas.

Saussure¹² (1995, p. 89) diz que *o signo está em condições de alterar-se porque se continua*. A solidariedade das dimensões sociais e temporais na historicidade da língua dão-lhe o que o autor considera como fato inegável: a mutabilidade e a imutabilidade. Para ele, o tempo faz perceber as mutações, mas não pode, isoladamente, provocá-las porque “as modificações da língua não estão ligadas à sucessão de gerações que, longe de sobrepor umas à outras, como as gavetas de um móvel, se mesclam e interpenetram e contém cada uma indivíduos de tôdas as idades” (SAUSSURE, 1995, p. 86).

Megale e Toledo Neto (2005, p. 29) atentam para a possibilidade de que traços conservadores em uma variedade lingüística são motivados fortemente por fatores sociais como baixa escolaridade e isolamento geográfico. Apresentam, ainda, a hipótese de que as redes de relações internas, particulares do grupo de falantes, podem ser mais fortes como fator para conservação. Isolados da convivência com outros grupos populacionais e de organização cultural diferente, estes sujeitos se fecham a influências externas porque as suas relações mais cotidianas supririam a necessidade de contato externo e inovações.

É o que parece terem experimentado sobremaneira os narradores sujeitos desta pesquisa. Enquanto se circunscriviam à vivência em grupos familiares ou de vizinhança, assentados nas relações de solidariedade e compadrio características desta convivência, aí se abasteciam cultural, econômica e lingüisticamente. Então, por força da não necessidade de

¹² A edição do *Curso de Lingüística Geral*, obra póstuma de Saussure organizada por seus alunos, a que nos referimos neste trabalho é a 20ª, publicada em 1995.

outros contatos mantiveram conservadas muitas práticas culturais e, conseqüentemente, os expedientes lingüísticos para significá-las, além de não se abastecerem de inovações externas.

Almeida (2004), em estudo sobre as pistas de urbanização na fala de informantes rurais, aponta a aproximação de algumas marcas lingüísticas da norma culta que, no seu entender, representam mais comumente o falar urbano. Embasada na leitura dos vários estudos sobre falares e/ou dialetos rurais no Brasil, a autora identificou como algumas destas marcas a concordância verbal e nominal, o vocabulário que apresenta termos comuns no falar urbano, convivendo, não raro, com termos também comuns no falar rural.

No entanto, embora nosso estudo tenha preferido sujeitos de perfil cultural e etário específico, seria de esperar que as marcas a que se refere a autora não se apresentassem no material, especialmente no vocabulário. Ora, também identificamos no material em análise o que Almeida (2004, p.171-180) considera como marcas lexicais que aludem ao universo urbano (como “INPS”, “aposentadoria”, “ônibus/condução”) as quais, todavia, não centralizam o eixo narrativo, razão por que não as identificamos como recorrentes nas falas dos senhores e senhoras porque mais comuns ao meio urbano. São, por excelência, a evidência das relações assimétricas a que estes sujeitos se submeteram, nos não-ajustamentos da cidade às suas vidas.

Assumpção Jr (1986), em estudo sobre processos da dinâmica léxica portuguesa, considera que há duas formas de desativação de um signo léxico. O desuso do signo em virtude do desaparecimento do referente a que se reporta se explica extralingüisticamente; uma vez que a língua simboliza relações intelectivas e referenciais de nosso contato com o mundo a ausência ou desaparecimento destas relações implicaria que o seu signo também deixasse de existir enquanto tal no sistema.

A outra forma a que se refere o autor diz respeito à seleção interna da língua que impõe a supremacia de um signo ao outro. Para ele, “não se trata de ‘morte’ de palavra

(mesmo como metáfora de sua eliminação do patrimônio léxico) mas de deixar a atividade lingüística, preterida por concorrente de maior prestígio na comunidade” (p. 137). Embora o autor se refira a formas em evidente competição no sistema, internamente, não convém ignorar que a avaliação da comunidade também pode determinar a permanência ou não de certos elementos na língua.

Por isso, os processos de manutenção ou não manutenção lingüística são lingüística e socialmente seletivos. Lingüisticamente porque muitas vezes o signo ganha adaptações morfológicas para referir-se a outro ou ao mesmo elemento extralingüístico e socialmente porque é tacitamente aceito ou não aceito pela comunidade de falantes, seja sob a forma primeira ou sob a forma adaptada, referindo-se a realidades distintas ou à mesma realidade extralingüística.

É lícito considerar que seja por desativação ou reordenação no sistema, uma forma lingüística não se torna arcaica subitamente. Provavelmente pelos menos uma geração de falantes conviverá plenamente com a forma que enfrentará a arcaização que só será notada como provável arcaísmo no futuro, na convivência lingüística dos falantes da geração anterior com os da nova geração em que tais construções lingüísticas se manifestarem.

Neste caso:

A desativação léxica corresponde, por não se efetivar subitamente, a uma *arcaização*. A forma *desativada*, entretanto, só equivocadamente poderia ser identificada com a *forma arcaica* ou *arcaísmo*, pois o conceito de *arcaísmo* na tradição gramatical refere-se ao emprego *impertinente* de uma forma obsoleta, em geral reprimido com “vício de linguagem” (ASSUMPÇÃO JR, 1986, p. 138).

As palavras de Assumpção Jr, acima colocadas, acenam para a necessidade de pensar o conceito de arcaísmo na tradição gramatical não como o uso de palavras inexistentes, reativadas do nada para significarem novamente na língua. Embora não sejam usadas correntemente por todas as comunidades de fala, elas participam da memória de uma língua

seja porque já foram registradas, seja porque há saberes e referentes em desuso que só podem ser recobertos por estas palavras, chamadas por muitos como obsoletas.

O preconceito que se evidencia em relação a formas arcaicas ou em processo de arcaização quando aparecem em uso é, muitas vezes, um preconceito com as pessoas e os referentes a que se reportam não havendo, portanto, razão lingüística para tê-las como vício de linguagem. A propósito, não nos parece concebível entender que seja vicioso qualquer uso lingüístico que serve aos falantes para referirem-se às suas práticas sociais, às suas experiências de vida, às suas relações com a língua na tarefa de simbolização do mundo e de sua inteligibilidade. Há, certamente, razões sociolingüísticas para a permanência destas formas no cotidiano lingüístico daqueles que as usam.

No conjunto das realizações lexicais que se evidenciam em nosso estudo o que se nota é a ocorrência de formas em possível processo de arcaização. Embora existam formas de ocorrência já registrada no período arcaico do português, como *entanguir*¹³ cujo sentido não difere daquele usado pelos narradores no *corpus*, não temos como objetivo e metodologia principais recolher no material da pesquisa todas estas formas e cotejá-las com *corpora* de estados mais anteriores do português.

A lida com o material oral demandou tempo e particularidades que não nos permitiram esta atividade de cotejo que, sabidamente, seria interessante e tornaria mais contundente nossa hipótese de que no vernáculo catalano há rastros de velhos falares. Faremos apenas a consulta às obras lexicográficas citadas anteriormente, ainda que esta consulta pode não ser tão satisfatória como seria o cotejo com textos de fases anteriores do português. Para isto, seria necessário, além do trabalho com o material oral, ler e conhecer estes outros textos e neles reconhecer precisamente a cronologia das formas lexicais e,

¹³ Houaiss e Villar (2001, p. 1161) e Silva (1813, p. 709) registram este verbo (*entanguer*, p.p. *entanguecido/entanguido*) com o sentido que ele tem nas narrativas. Os primeiros remetem a abonação a Gil Vicente, no *Auto da Fé*. Consultamos este auto, do qual extraímos o trecho que segue: “Ve o menino chorar, / e a Senhora afligida, / sem ter cousa nesta vida, / nem panos pera o pensar: / na mangedoura metido / em pobre palha chorando, / e os anjos embalando / o menino entanguecido” (GIL VICENTE, 1951. p. 93).

principalmente, delimitar o gênero textual de que nos valeríamos. Esta tarefa, mesmo que sedutora a quem se presta a encontrar rastros de velhos falares em um dado vernáculo, é inexequível para os limites desta pesquisa.

No estudo das narrativas e das memórias dos sujeitos procuramos evidenciar o que já apontaria um desuso como prática cultural no meio em que vivem e que tende ao desaparecimento. Não raro, narradores informam que muitas coisas, práticas e crenças já não existem mais porque “a vida de primeiro dimudou muito” ou porque “as pessoas de hoje não acreditam nisso mais não, ninguém quer saber disso daí”, quando, por exemplo, se referem a carros-de-boi, treições, assombrações e benzeções.

Ressaltamos, porém, que existem como memórias suas e como um saber fazer que ainda praticam, razão por que entendemos que ainda não figuram como desusadas ou totalmente arcaicas. Por isso, recorremos ao estudo do léxico, pois entendemos que ele recobre os significados e a dinâmica referencial das práticas sócio-culturais, historicamente dadas.

Então, a partir do estudo de formas lexicais procuraremos identificar práticas culturais e formas lingüísticas correspondentes que podem estar em processo de arcaização no vernáculo catalano. Para isso, a consulta aos dicionários e estudo destas realizações de cultura se fazem necessários na identificação deste *continuum* sociocultural e lingüístico de conservação. Recorremos, para tal, a uma análise da representação de goianidade e da identidade de ser catalano, a sua cultura manifesta nas narrativas, considerações sobre léxico e memória nesta tarefa de conservação e elaboração lingüística das relações sociais históricas manifestas no vernáculo.

Adota-se aqui a perspectiva de que o léxico é a face mais dinâmica da língua porque nele estão manifestas as práticas culturais de um povo que dele se vale na sua comunicação diária, mas também, paradoxalmente, é a face que guarda o saber e garante seu

uso sistemático graças aos ordenamentos gramaticais de sua composição. Queremos dizer que se o léxico possui o aspecto de dinamicidade ele só se faz elemento de língua porque se ampara, como tal, em regras específicas da estrutura semântica e gramatical. Devemos, pois, considerar que há na língua forças que a fazem avançar rumo a possíveis mudanças porque há, de igual modo, aquelas que a sustentam na conservação. É a persistência da matéria velha, a quem o passado é apenas relativamente infiel, permitindo a continuidade, a alteração (SAUSSURE, 1995, p. 89).

Propor, então, o estudo do léxico de uma comunidade significa adentrar o mundo cultural que ele recorta. Nesse sentido, perscrutar elementos culturais configurados nos campos lexicais será nossa tarefa. Acreditamos que há, no convívio dos sujeitos narradores, práticas culturais consideradas em desuso e que para a elas se referirem usam formas lingüísticas igualmente consideradas em possível processo de retenção. As realizações vernaculares específicas destes sujeitos ofereceriam o material que esperamos obter.

1.3 Considerações sobre vernáculo

A par do que Labov (1983, p. 266) chama de *paradoxo do observador*, foi informado aos senhores e senhoras com quem falamos que suas histórias seriam gravadas com seu consentimento, o qual poderiam retirar em qualquer momento de nossas pesquisas, se lhes aprouvesse¹⁴. Ainda que intentando realizações vernaculares do português, em alguns momentos nossa intenção anunciada pode tê-los inibido a falar de modo e conteúdos que já nos haviam falado antes ou depois da situação de gravação. Tal fato nos conduz a entender que as realizações que trazemos ao conhecimento para análise não refletem a total e a absoluta capacidade de uso que os narradores fazem da língua, tampouco podem ser os seus usos mais freqüentes.

¹⁴ Ver em Apêndice modelo do *Termo de Ciência e Autorização* que foi assinado por todos que permitiram a gravação e uso de suas falas.

Mesmo contando com esta situação própria da pesquisa em que o material se constitui em campo e com a alternância estilística da mudança dos temas das narrativas, cremos que registramos o que Labov (1983, p. 265) chama de *vernáculo*. Interessa ao pesquisador, segundo ele, apenas o estilo que no *continuum* possa oferecer dados mais sistemáticos ao estudo que se pretende realizar. Para o autor, é no vernáculo – *el estilo en el que existe la mínima atención prestada al control del discurso* – que residem estes dados lingüísticos sistemáticos, em que pese o paradoxo de pesquisa desta natureza.

É no vernáculo, a língua usada naturalmente nas interações face a face diárias (TARALLO, 1990) que está o que buscamos neste estudo. Falar de suas experiências de vida, crenças, relações de trabalho, lazer, brincadeiras permitiu que os sujeitos desta pesquisa, superando a inibição inicial, se desvencilhassem de qualquer timidez ou constrangimento lingüístico no ato narrativo.

Quando apenas informavam pareciam menos à vontade. No entanto, ao passarem da informação – por exemplo, falar sobre o lugar onde nasceram e cresceram, sobre brincadeiras e brinquedos de infância, sobre como funcionam as peças do carro-de-boi – para a narração de situações e pessoas envolvidas nestes elementos informados, notamos o que Labov (1983) e Tarallo (1990) compreendem como o *vernáculo*. Neste momento estavam interagidos mais com o *que* narravam do que com o *como* o faziam. É a força do ato de narrar que só se faz com o desprendimento da memória.

É nesta perspectiva que adotamos o *vernáculo catalano* como a fonte de nosso material de pesquisa. Na língua falada o mais naturalmente possível em contexto rural, por senhores e senhoras de vasta experiência nas roças catalanas buscamos investigar como as relações entre léxico e cultura se manifestam.

II Recortes da História de Goiás e de Catalão

Abordar-se-ão nestes recortes aspectos constitutivos da história de Goiás e de Catalão que acredita-se responderem pelo modo de ser, viver e falar goianos e, mais especificamente, catalanos¹⁵. Este recorte ratifica a escolha pelo estudo do vernáculo catalano e as considerações sobre suas configurações histórico-culturais.

2.1 Goiás – uma história lingüística por contar

Propõe-se, aqui, apresentar breves considerações sobre a história goiana a partir das representações construídas sobre as minerações e sobre a economia rural que concede ao povo goiano, rural ou urbano, considerável matiz caipira. Tais representações se afirmam a partir de a) os documentos sobre a vida aqui em época das minerações, redigidos por escrivães da Colônia ou da Metrópole, nas viagens ao "continente", nos cartórios ou na Corte¹⁶ e b) os relatos feitos por viajantes, especialmente Auguste de Saint-Hilaire (1775) e Pohl (1951) em que se expressam conceitos e valores acerca de Goiás: seu povo, sua cultura, sua geografia, sua história.

Baseando-se em experimentações de contato direto com Goiás e, não raras vezes, de contato indireto possível graças a leituras das descrições presentes em documentos, viajantes, bandeirantes, escrivães régios, padres etc traçaram perfis bastante numerosos das terras goianas e do modo de organização social de sua população mas, quase sempre,

¹⁵ Ver parte das considerações deste capítulo em Paula (2005).

¹⁶ Não tivemos acesso a nenhum documento manuscrito para este breve estudo; baseamos nossas considerações nos excertos de documentos notariais constantes em Palacín, Garcia e Amado (1995), que mesclam manuscritos editados com trechos de obras de viajantes estrangeiros, gráficos e mapas.

convergentes na representação, no imaginário que se fundou, a partir daí, do que significava ser de Goiás ou estar em Goiás, do século XVIII aos nossos dias.

Ao lado do “desbravador do sertão”, da meta de civilização e de “desinfestação” dos gentios achamos o índio acuado, sujo, rústico, “na maior pobreza”, o “lugarejo insignificante”, cujos “moradores (...) avessos ao trabalho” mais lembravam um protótipo de jeca vivendo da fartura que a natureza permite.

O estereótipo do homem bravo, forte e obstinado na obtenção de riquezas, ainda que isso lhe pudesse custar a vida acaso necessário fosse, encontra sua configuração em Bartolomeu Bueno da Silva, o filho que após quarenta anos recupera a picada que fizera com o pai, aos doze anos. Perdido, retornando à Província de São Paulo depois de três anos vagando ao léu, o Anhangüera é a encarnação perfeita do paulista líder obstinado, seguro de suas ambições e senhor de uma sorte (ou seria o “dom” bandeirante protegido pelos bons e sacros interesses da Coroa?) invejável que o livrou da morte por doenças, fome ou ataques de índios ou intempéries da floresta densa.

Com alguns poucos companheiros restantes dos tantos que compunham sua bandeira, o Anhangüera chegou ao local onde hoje está Ferreiro, a um quilômetro da Vila Boa. Cansado, sem provisões de mantimentos para sustentar-lhe e à tropa, resolveu partir a São Paulo, aonde chegou em 21 de outubro de 1725 e encontrou Rodrigo César Menezes organizando uma tropa para ir a seu encalço, já que não enviara notícias por três anos a fio.

As novas de seu feito, sua bravura e heroísmo por sobreviver em condições tão adversas e delas ainda trazer a grande e relevante notícia, principalmente para os cofres da Corte, de um *descoberto* enorme e rentável por anos, repercutiram de tal modo que de várias regiões da Colônia e até de Portugal, acorreram pessoas a Santana, às margens do Rio Vermelho, cercado pela Serra Dourada. Foi a grande leva populacional do Goiás colônia.

Os ventos que espalharam a fama do bandeirante desbravador¹⁷, também espalharam a idéia mesquinha de que o sertão por ele conquistado e “domado” só era habitável pela “civilização” graças ao seu feito. Quer dizer, conceder a Bartolomeu Bueno da Silva uma representação de “Que ou aquele que desbrava” aquele que sabe desbravar, isto é, “1. Tornar manso, domar, amansar” e/ou que sabe “2. Preparar (terreno) para cultura; arrotear” e “3. Explorar (terras desconhecidas)” (FERREIRA, 1986, p.548) é conceder, pelas estratégias de sentido do discurso bandeirante, aos “desbravados” uma natureza de bravos, selvagens, não-domados, desconhecidos, sujos, não-educados – bárbaros!

Assim, ao mesmo tempo em que se constrói o estereótipo do líder-bandeirante-desbravador também se forma o valor do sertanejo-desbravado. Sabendo que a tropa dos bandeirantes se compunha de líderes, os brancos, e liderados, os negros e os brancos pobres e os gentios domados¹⁸, podemos inferir que a “civilização” da população goiana teve muito do préstimo dos liderados quem, de fato, minerava, lutava contra gentios, plantava e cuidava da infra-estrutura das minas e roças. Então, muito do modo “desbravado” e “civilizado” e “domado” do que tinha e tem do que é ser de Goiás e do que é estar em Goiás carrega marcas do Desbravador e dos seus desbravados – os bandeirantes, os brancos líderes e os liderados. A imagem que (trans)aparece no imaginário da goianidade – o rústico, o caipira, o roceiro, o não-civilizado, o não-urbanizado, o não-educado, o introspecto – está eivada da historicidade dessa representação. Para entendê-la há de entender os percursos históricos que a fundam.

Nos *Annaes da Província de Goiás*, escritos em 1863, Alencastre (1979) despeja sua visão rançosa e rancorosa sobre a colonização goiana, inescrupulosamente motivada, patrocinada e imposta pela Coroa. O retardo econômico-político que Goiás experimentava

¹⁷ Americano do Brasil (1980, p. 29-32), finalizando sua crônica intitulada “O desbravador dos sertões”, escrita em 17 de setembro de 1918, sintetiza a fama do Anhangüera, considerando um desprezo da Coroa àquele que tanto a honrara ao mesmo tempo em que o toma como uma “das figuras mais dignas de ser memoradas nos dias de hoje (...) pela importância de seu papel na história geral deste Estado”, cuja memória “há de viver em coração humano enquanto existir o último goiano”.

¹⁸ Ver em Palacín, Garcia e Amado (1995, p.26) citação do documento nº 06, trecho do relato do alferes José Peixoto da Silva Braga.

naqueles anos imperiais, que ele pôde bem conhecer no tempo em que governou Goiás (de 22/04/1861 a 26/06/1862), deveria ao fervor da mineração, única empresa que resistia quando se morria de fome, quando o “comércio do interior (era) fiscalizado e vexado; a lavoura quase de toda abandonada; a indústria da criação limitada e interdita; o fisco insaciável” (ALENCASTRE, 1979, p. 18).

Em nome do lucro, de tribos devastadas, gentios refugiados caçados e capturados por capitães-do-mato foi levada a cabo uma política que a nada visava no futuro. Contumaz nos qualificativos à impertinência da Coroa, Alencastre a metaforiza em “Cultivador, que não planta, vê afinal suas terras, embora feracíssimas, reduzidas a urzes e carrascais. Herdeiro que, na ociosidade, devora sua fortuna, em pouco tempo está exaurido” (ALENCASTRE, 1979, p.15).

O historiador, geógrafo e ex-governador parece ter nutrido considerável asco pelo que fez a colonização por Goiás. Os adjetivos que usa em atributos a bandeirantes, mamelucos, colônia são altamente depreciativos e no seu uso sente-se uma elaboração contida da raiva pelo que restou de toda a guerra justa, o desbravar do sertão, a má governança de Portugal que levava só deste estado mais de uma centena e meia de arrobas de ouro, salvo os contrabandos e desvios. Da Capitania dos Guayazes diz que “a sua história nem é longa nem é rica de episódios, mas é dolorosa de contar-se” (ALENCASTRE, 1979, p. 17).

Nos relatos dos viajantes e nos documentos notariais das minerações ou nas modas de viola e nos discursos sobre Goiás está tecida toda uma trama de discursividade sobre o sentido de *ser goiano* ao longo dos séculos, especialmente do XVII ao atual, expressa no traje, nas manifestações culturais, na literatura, na língua do seu povo etc.

Por constituir um discurso, um modo de ver, pensar e conceber tais processos ela dá a eles a verdade de que necessitam para a legitimação, para a sua *impregnação histórica*. Quer dizer, manifesta nos documentos das minerações e nas obras dos viajantes estrangeiros

como Saint-Hilaire e Pohl, nos escritos oficiais, e na literatura e em discursos outros como mídia televisiva sobre o caipira goiano, essa representação goza de uma incontestabilidade até que a formação ideológica que a sustém se interpenetre a outras ou seja suplantada por outras.

Se os bandeirantes e a mineração são tidos como a alavanca da civilização, do “amansamento” e urbanização goianas, o modo de viver e de ser em Goiás está prenhe dessa cultura e desse modo de ser paulista, mas também indígena e africano uma vez que o povoamento das minas se dá numa congregação desses três elementos imprescindíveis: o *paulista*, *branco* (preferencialmente os reinóis) e pela liderança (capitão, governador, ouvidor), o *índio* amestrado no trabalho e o índio que cercaneava as minas com o fim de atacá-las ou se chegar e delas fazer parte e o *negro* para o trabalho e como mercadoria.

A moral cristã que constava nos regimentos como “proteger os índios em nome de uma investida religiosa” (guerra justa) ou os aldeamentos, instituições para a “purificação da alma gentia” e preservação de seus costumes esbarra-se na necessidade premente dos bandeirantes e de seus comandados de se juntarem a índias para terem filhos, reconhecidos legalmente. Embora não houvesse mulheres nas bandeiras e as índias devessem se prestar aos interesses e desejos dos desbravadores e mineradores, não foram dignas sequer de serem esposas ou mães declaradas. Em nome da moral cristã, purificaram-se-lhes as almas, procriaram os bastardos, povoaram as minas mas não assumiram a vida quase, senão totalmente, marital que estes homens das minerações tiveram com as gentias.

Essas marcas da urbanização civilizadora em Goiás respondem pelo imaginário constitutivo da cultura acerca das pessoas urbanizadas e as de vida rural. Há pouquíssimos anos, a escolarização em Goiás não chegava à zona rural, em especial às mulheres, e àqueles que desde pouca idade trabalhavam para a sobrevivência da família.

Martins (1975, p. 83-102), em estudo na década de 70 do século passado sobre comunidades camponesas paulistas, coloca como a escola não combina(va) com a zona rural

porque ela rouba(va) o tempo do trabalho das crianças, jovens ou adultos empreendidos na sua tarefa de escolarização, o que não era(é) possível àqueles a quem comer e sobreviver era(é) mais urgente. Não parece ser diferente a realidade goiana até os mais recentes dias.

Os moradores da zona rural, não-escolarizados, não experimentaram, por igual razão, ondas maiores da urbanização, embora dela precisassem cada vez mais para se adequar à vida brasileira institucionalizada como ir a médicos e a bancos e fazer financiamentos rurais, necessitar de cartórios, igrejas, participar de eleições etc. Surge daí o “saber assinar apenas o nome” bastante comum entre essas pessoas. Tal fato parece-nos o eco de nossa história: assim como estes, poucos das bandeiras sabiam ler e escrever, os líderes; os outros companheiros da tropa, que não comandavam, que cuidavam das roças ou que fugiam ou desistiam de minerar, desconheciam a escrita.

Dessa forma, o morador da zona rural e o não-escolarizado se enquadraram na representação de não-civilizados, de rústicos, os que precisam ser adestrados, os comandados. O morador escolarizado representaria o avanço, a cultura, o que comanda.

Tais valores, embora absurdos antropologicamente, prevalecem em muitos investimentos institucionais e políticas públicas (como saúde, educação, moradia e previdência) ao homem rural e não-escolarizado¹⁹ até em pesquisas lingüísticas que têm a língua caipira ou de quaisquer outros marginalizados como *código restrito*, em oposição ao *código elaborado* dos letrados, os ditos civilizados. Memmi (1977) diz que os males deste tipo de discurso do colonizador está no fato de que, sempre imbuído de forças e expedientes para sua imposição, delinea o discurso do colonizado que passa a acreditar nesta imagem que lhe é conferida.

¹⁹ Hoje, com o crescente êxodo rural e a agroindustrialização, as pessoas rurais e não-escolarizadas habitam as cidades em condições subumanas, salvo algumas as quais, saudosamente tinham terras que, vendidas, garantiram habitação ou que, diminuídas consideravelmente, são apenas nesgas da nostalgia daquele tempo em tudo parecia melhor, porquanto tinha onde plantar.

2. 1. 1 Ecos lingüísticos no Goiás colônia

Palacín, Garcia e Amado (1995), discutindo os *Núcleos Urbanos e População* no Goiás colônia, defendem que a povoação provocada pela mineração é primeiramente urbana e, depois de décadas, rural. Essa compreensão, provavelmente, explicaria porque os mineiros eram mais respeitados que os roceiros mesmo que estes estivessem em condições financeiras muito melhores que aqueles e, nessa mentalidade, porque pessoas de vida urbana são mais respeitadas que as de cultura rural.

Os traços populacionais e lingüísticos de Goiás, a partir desta compreensão, têm inicialmente uma base urbana e bastante miscigenada – brancos de diversos lugares, negros e índios no aglomerado populacional das minas. Todavia, se com a decadência aurífera ocorreu o esvaziamento das vilas e povoados, uma vez que seus habitantes buscavam novos descobertos, é bem provável que tenham ficado nesses lugares aqueles a quem faltavam recursos para a empresa da debandada, ou para a volta ou para novas empreitadas na mineração (CHAUL, 1997).

Alencastre (1979) aponta como a mineração povoava em complexos maiores (vilas, arraiais) a cada descoberto e também como despovoava já que:

A notícia do descobrimento de Goiás fez atrair para o interior uma grande população de aventureiros de toda a espécie, seduzidos por falazes esperanças (...). Após uma longa esperança, viam fugir diante de si, a perder-se no infinito desconhecido, no vago das incertezas (...). E bom era se, afinal essa população de imigrantes, depois de arrastada pelo turbilhão vertiginoso da paixão do ouro (...) procura na indústria lícita os meios de subsistência. Nem sempre assim sucedia (...). As povoações que se formavam por esse modo, não tinham nenhum caráter de permanência (...). É por isso que em Goiás se vê um grande número de povoações acanhadas e decadentes (ALENCASTRE, 1979, p. 22-23).

Casos há que contam dos que ficavam para o plantio das roças, nas estocadas ribeirinhas, muitos dos quais ali permaneceram até o fim de suas vidas, pelo gosto do lugar ou porque se sentiram bem assistidos para não ousarem novas aventuras ou retornarem às suas terras de origem. Dar conta da formação populacional goiana ajudaria em demasia compreender as suas bases lingüísticas. Porém, não parece tão ligeira nem fácil esta tarefa.

Quando os paulistas chegaram a Goiás, oficialmente em 1722 com a bandeira de Bartolomeu Bueno da Silva²⁰, a sua composição populacional já era por demais miscigenada. Estudiosos da linguagem, historiadores, antropólogos têm buscado entender o movimento migratório que forma o povo indígena no Brasil Central para a partir daí estudos mais específicos serem empreendidos, como relacionar com mais precisão os movimentos migratórios ou populacionais com o comportamento lingüístico.

Antes mesmo das bandeiras paulistas do século XVIII os índios goianos já experimentavam uma mobilidade *sui generis* (para refugiarem de tribos inimigas, buscarem terras férteis ou por mero traço cultural) nos movimentos migratórios no Brasil Central. Assim, apesar de achar pertinente entender a formação populacional goiana pré e pós-bandeiras para melhor entender seu comportamento lingüístico, sabe-se que esta é uma empreitada custosa a uma geração de estudiosos.

Da mistura dos *negros*, que serviam para o trabalho nas minas, o carregar das traíais das bandeiras e o plantio das roças; dos *índios* que, domesticados e escravizados para o trabalho nas minas e nas roças das tropas, serviam nas fazendas dos geralistas depois da decadência aurífera e dos *brancos*, que afluíram de várias partes e eram, em grande maioria, os comandantes das minas é que se forma, a partir do *substractum* indígena aí encontrado nos setecentos, o quadro populacional em Goiás. Ressalta-se a grande prevalência dos primeiros

²⁰ Palacín e Moraes (1994, p. 5-9) e Palacín, Garcia e Amado (1995) destacam que se concede a Bartolomeu Bueno da Silva, o filho, o “descobrimento” de Goiás porque teria sido ele o primeiro a vir para cá com a intenção de aqui se fixar, embora já em 1590 e durante todo o século XVII o total de dezesseis bandeiras tivesse atravessado o chão goiano.

sobre os segundos e de ambos sobre os brancos. Ainda assim, a dominância do falar do branco foi legitimada pela sua institucionalização – no português, possivelmente com traços de uma escrita cartorial misturados a traços da oralidade, é que foram escritos os documentos das minas de Goiás, restando aos dialetos africanos e à língua indígena engrossar, com o português popular falado, o expediente lingüístico que Lucchesi (2001) chama de português com leve criouliização e que, mais adiante constituirá, junto com o português dos paulistas e reinóis, o português usado pelos bandeirantes.

Sem condições de precisar a influência ou herança de cada falar para o português em Goiás, convém dizer que muito do modo como se fala aqui também se encontra em terras de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul (fugindo da fronteira), Minas e São Paulo. Não nos parece, pois, aconselhável dizer de um modo de falar de Goiás ou de uma língua goiana, de um dialeto goiano, mas de uma língua portuguesa com dada feição dialetal que se verifica também nos falantes goianos nativos.

Historicamente parece mesmo compreensível que os nativos destas localidades que se mantiveram distantes de grandes centros midiáticos, apresentem estruturas lingüísticas parecidas nos processos de mudanças da língua portuguesa. Sob semelhantes, ou até iguais, condições históricas, embora em diferentes localidades, experimentando similares práticas culturais é possível dizer de um *subtractum* lingüístico comum a estes falantes.

Alencastre (1979), reconhecendo o legado da história colonial no que foi a cultura [educação] goiana no século XIX, cabendo tão bem ao expediente cultural e lingüístico de hoje, diz que:

Quem conhece o país, quem tem viajado e estudado os usos e costumes da nossa população do interior, onde ainda se vê bem salientes os traços que distinguem e diferenciam a educação dos tempos coloniais da dos nossos dias, e, o que é mais, dos vícios e das virtudes de então, poderá dizer qual o valor desse influxo moral, quais as tradições que nos legou todo esse passado (ALENCASTRE, 1979, p. 21).

A história da língua portuguesa nestes lugares de mineração é sustentada pela manutenção de um português da época das bandeiras. É imprescindível insistir na força institucional, financeira e política da língua portuguesa que suprimia qualquer manifestação lingüístico-cultural mais forte e original dos negros e índios. Todavia, os quilombos, como os Calungas, os fugitivos indígenas e as práticas culturais destes dois grupos étnicos ainda são encontráveis em Goiás.

2. 2 Catalão – ecos de um pouso na história do Goiás colônia

O Goiás Colônia conheceu a força urbanizadora das bandeiras, uma vez que sua rota estabeleceu, ao longo do século XVIII, a fundação de importantes cidades de referência incontestável como Cidade de Goiás, Pirenópolis, Crixás, Traíras, Arraias, Santa Cruz, Anicuns, Luziânia, Pilar, Mossâmedes, Catalão. Para esta confirmação, convém examinar o mapa citado por Palacín, Garcia e Amado (1995. p, 126)²¹ e o que ilustra o prefácio feito por Affonso de E. Taunay à obra de seu pai, intitulada “Goyaz” (TAUNAY, 1931). O primeiro há de mostrar os principais caminhos da Capitania de Goyaz e o segundo, de época mais recente, já apresenta povoações que não desapareceram com a decadência das minas.

O caráter emancipatório das minas em Goiás formou cidades por centro de minas – onde se povoou cavucando à procura do metal precioso – ou por pouso de provisões – onde se povoou plantando e pastoreando para o abastecimento das bandeiras no seu ir e vir desenfreado pelo Brasil Central. Cumpre dizer que os maiores arraiais, além de sediar a mina, exigiam que se cuidasse de seus mantimentos nos seus arredores ou porque eram distantes das

²¹ Ver em Anexos C

vilas ou povoados de pouso, o que encarecia os mantimentos, ou porque o seu afluxo populacional era tamanho que precisavam buscar a auto-sustentação.²²

Em uma leitura comparativa dos mapas acima referidos aparecem em Taunay cidades que não constavam no mapa da Capitania de Goyaz. Cristalina e Catalão são dois casos. A cidade dos cristais servia aos que iam e vinham de Paracatu e Bom Despacho - MG, aos que se dirigiam a Santa Luzia (hoje Luziânia) e Meia Ponte (hoje Pirenópolis) ou aos que de lá se dirigiam ao oeste da capitania por aquela rota. O Pouso do Catalão, por sua vez, servia aos que adentravam Goyaz pelo sul, atravessando o varadouro (Porto do Lalau) no rio Paranaíba, próximo ao Ponto do Anhangüera²³.

Dotado de boas roças, farta pescaria e outras provisões²⁴ bastante necessárias aos bandeirantes em trânsito pela capitania, o Pouso do espanhol, alcunhado Catalão, que aqui ficara quando deixou a bandeira do Anhangüera em 1722, tornou-se parada obrigatória a quem fizesse o caminho a Vila Boa, Meia Ponte e outros arraiais pelo sul. O Pouso transformou-se, assim, em simbólica referência por ter sido o último lugar por que passou Bartolomeu então senhor de estar no caminho certo. Após essa passagem, o "desbravador" perdeu-se por três anos e vagou pelo Norte até achar a região de Vila Boa. Passar pelo Pouso era como *estar no caminho certo*, indo da Capitania ou vindo a ela.

Novamente, sobre a passagem de Anhangüera pela região de Catalão, Americano do Brasil (1980) diz que:

Saiu Bartolomeu Bueno de São Paulo em julho desse ano [1722] e chegou sem incidente à margem do Paranaíba, a que Silva Braga dá o nome de Meia

²² Oliveira (2000), considerando a *Relevância dos estudos genealógicos para a caracterização sócio-histórica da língua falada na trilha das bandeiras*, dá à geografia de Taubaté grande importância por ser um ponto que fomentava as bandeiras, sendo a "base de abastecimento".

²³ A chamada Fazenda dos Casados é o lugar onde Bartolomeu Bueno deixou uma cruz marcando sua entrada na rota conhecida de sua memória de quando, aos 12 anos, fizera com seu pai a viagem aos Guayazes.

²⁴ Muitas vilas e arraiais enfrentavam estiagens ou cheias duradouras que dificultavam sobremaneira a alimentação de seus moradores: as primeiras reses e varas comerciais que Goiás conheceu substituíam muito bem, e sem maiores custos, mantimentos como arroz, feijão, farinha, que dependiam da regularidade das chuvas. Nos pontos de pouso tais criações tinham destino já pronto: carne de lata, carne seca ao sol e sal, toucinho salgado. E estas são formas de armazenagem e conservação de alimentos por meses a fio ainda comuns em família rurais (e até muitas urbanas) de Catalão.

Ponte; atravessando este rio mais ou menos no meridiano de Catalão, enfrentou uma longa Chapada, indo ter às proximidades do Tocantins, onde deu-se a cisão da bandeira (BRASIL, 1980, p. 30).

A relevância dos pousos para a emancipação das cidades na Província parece se mostrar na proximidade cronológica da elevação à categoria de cidade do Pouso de Catalão com a da Vila Boa. Em 1859, a povoação que faz a entrada na Província e em cujos córregos, ribeirões e serras – geografia de localidades auríferas – não se encontraram além de peixes, água e cerrado abundantes, se digna com sua emancipação (GOMEZ *et alii*, 1994).

Aos olhos de hoje que cobram uma ligeireza excepcional dos fatos, a distância desta emancipação à da Cidade de Goiás, em 1818, é um tanto grande. Mas, quarenta e um anos em um século que vivia a pós-mineração, a decadência de muitas vilas e arraiais que se tornaram verdadeiras “taperas coloniais”²⁵ são dignos de dar a Catalão uma importância no sudeste goiano.

Não sendo local de minas, estando a mais de 350 km distante da antiga Vila Boa, o pouso parece ter sido repouso de muitos que por aqui passaram e até o pouso para onde muitos outros afluíram, décadas depois. Era aqui que todos se encontravam; aqui desembocavam todas as venturas e desventuras dos que adentraram o sertão.

Cumprir dizer que no município, no distrito de Santo Antônio do Rio Verde, divisa com Minas à altura de Paracatu, há prática ativa do garimpo. À cidade e seus arredores urbanos, todavia, reservou a História o posto de *o Pouso que virou cidade*, já que, conforme discurso gaboso dos mais populistas políticos locais, o caminho de Goiás começa aqui insinuando claramente que a entrada para Goiás é Catalão.

²⁵ Paulo Bertran, em prefácio à obra de Chaul (1997, p.11-14) intitulado *O Olhar Alheio e o Próprio Umbigo*, diz que viajantes como Saint-Hilaire e Pohl construíram uma representação da decadência goiana. Estes tecem informações que não correspondem à realidade geográfico-cultural dos que descreveram: com olhos alheios e visando ao próprio umbigo insistem em que não fariam as viagens se lhes fosse dada de novo a escolha. Um lugar decadente de pessoas indolentes que se amolecem ao calor do sol e adormecem ao menor esforço são revistos por Bertran como uma ruralização da população que vivia da mineração, aniquilada pela Lei da Trintena. Era a abundância, embora não fosse abundante, que amoldava as pessoas à lentidão do calendário agrícola no “exercício dos prazeres de uma vida simples”.

III Cultura – Recortes Transdisciplinares

Já se fez bastante evidenciado o caráter transdisciplinar deste estudo, especialmente porque traz como hipótese de leitura a configuração cultural e lingüística intimamente definidas por suas inter-relações. É nesta perspectiva que trataremos do conceito de cultura, apresentaremos recortes da cultura popular rural em Catalão e faremos considerações entre língua e cultura para, posteriormente, discutir memória e léxico como formas de expressão da língua e da cultura.

3. 1 Recortes teóricos para uma definição de cultura

O conceito de cultura com que se operam as considerações neste estudo demonstra quão difícil é definir este aspecto das relações humanas. Cultura é o conjunto de práticas sociais, situadas historicamente, que se referem a uma sociedade e que a fazem diferente de outra. Baseia-se na construção social de sentidos a ações, crenças, hábitos, objetos que passam a simbolizar aspectos da vivência humana em coletividade. Construída socialmente no cotidiano das relações humanas demanda que seja definida no seio das relações sociais e históricas que a amparam e por ela são caracterizadas.

São, pois, diferentes modos construídos pelos atores sociais de estabelecer valor às suas relações cotidianas. São as ações diárias eivadas de significação simbólica, matizada por seus atores e sua situação história nas relações de poder (a produção e a circulação do poder). Por isto, caracteriza-se a cultura de um país ou de um lugar conforme se agrupam as suas expressões de poder.

De modo geral, a cultura é pensada numa visão polarizante, como sendo cultura popular ou cultura erudita. Convém dizer, porém, que ambas são formas e conteúdos

diferentes de expressão de uma dada realidade social e histórica. Então, não devem ser vistas como opostas ou excludentes, mas como maneiras específicas de ver, sentir e expressar a realidade conforme se situam seus atores na produção e circulação do poder.

Assim, nem uma nem outra é melhor, mais elaborada e funcional ou pior, menos complexa e mais restrita. Cada grupo de sujeitos sociais, conforme suas necessidades e vivências, elege tacitamente no decorrer de suas inter-relações, o que lhe é válido para expressar o seu modo de ver, sentir, trabalhar, comer, constituir família, se relacionar com divindades etc.

Conforme as pessoas entendem que participam de uma cultura esforçam-se para agir e expressar dentro do que julgam ser pertinente a ela. Neste aspecto, as práticas culturais são representações discursivas das quais constantemente emergem outras práticas na representação que as pessoas têm de que são participantes de uma ou de outra cultura.

Formas de expressão de grupos de pessoas detentoras de habilidades de letramento e com acesso a formas científicas dos saberes constituídos pela humanidade são conhecidas como cultura erudita. Marcada pela presença do domínio e acesso irrestrito a categorias científicas de ordenar, legitimar e repassar o saber esta cultura tem suas peculiaridades, porém não é unicamente definida nem é imune a elementos da chamada cultura popular.

Ainda que possa ser elaborada em meios tidos como autênticos palcos da civilização e letramento, a cultura popular é entendida como a expressão de vida em que sobrepujam “todas aquelas práticas e representações culturais vivenciadas no cotidiano de atores sociais específicos, distantes do racionalismo científico, como forma de recriação do seu universo: crenças, hábitos, costumes, conhecimento” (MACHADO, 2002, p. 335).

Todavia, como não parece haver entre nós a possibilidade de grupos e pessoas absolutamente isentos deste racionalismo, supõe-se que a definição de cultura popular deverá considerar mais as condições de acesso às formas de saber que necessariamente a distância

em que está delas. Isto porque é possível que representantes da cultura popular saibam da existência destas práticas eruditas de representação e até convivam com elas, no entanto, não participem delas como sujeitos nem conheçam seu funcionamento.

Convém, então, compreender que cultura popular e cultura erudita são rótulos que servem a uma vontade de fronteira, de delimitação do que é continuidade (BHABHA, 2003). Na dinâmica da vida social, contudo, elas se interpenetram e se reelaboram e, por isto, é sempre um risco precisar limites entre o que é popular e o que é erudito.

Comumente, em meios urbanos, entre pessoas de reconhecido labor intelectual, ou seja, entre representantes da chamada cultura letrada erudita, não é raro encontrar crenças, expressões das relações de trabalho etc. do que se chama cultura popular. Há, então, entremeados à cultura erudita, princípios e formas de lidar com o mundo que são marcadamente encontrados em culturas populares.

Tais formas e princípios são as *expressões de fronteira*, com códigos específicos de realização para a chamada cultura erudita e para a popular (BOSI, 1995, p. 46). São formas, marcadas por fronteiras particularmente expressas, de vivenciar e significar a realidade. No entanto, não se pode dizer que tais expressões constituem força para delimitar com precisão as fronteiras das culturas. São expressões diferenciadas, sob a luz da escrita e sob a luz da oralidade, mas não com estatuto bastante para alçar às culturas esta diferenciação. Não são apenas a escrita e a oralidade que identificam uma prática cultural como erudita ou popular. Elas são aspectos que estão na fronteira do *continuum* da Cultura e, por isso, não delimitam sozinhas o popular e o não popular.

A prática de salgar carnes, cozinhá-las até secar-lhes a água e conservá-las por meses em gordura natural, procedimento semelhante adotado pela cultura erudita, com ar de inovação, sob a denominação de técnicas de preservação de alimentos, é exemplo deste *continuum* de limites entre o que é popular e o que é erudito nas expressões de cultura. Os

arados manuais e de tração animal, a carpideira e as plantadeiras manuais são remodelados em potentes tratores e máquinas que plantam e colhem. Ou, ainda, os regos d'água, *eruditamente* transformados em reservatórios e encanamento de água. Podemos ver em organizações não governamentais ou outras instituições de solidariedade e filantropia outras denominações, em outros espaços e tempos, dadas por outros atores a práticas já comuns em comunidades rurais do interior do Brasil, como as treições e os mutirões.

Esta consideração nos conduz a pensar que muitas vezes, por razões históricas e sociais, o que insistentemente se separa como particular da cultura popular e da cultura erudita se reconfigura, nestas formas de cultura, como maneiras diferentes de significar e conceder valor às relações sociais de poder nelas embutidas. É a necessidade de rotular que as põe como distintas e opostas, desejando negar a dinamicidade que as sustém; pois se não fossem dinâmicas não se fariam entremeadas, entrelaçadas.

Se entendemos que a cultura são meios diversos e distintos de expressar a vivência humana e a ela dar sentidos entende-se que a cada modo de expressão tem-se uma forma de cultura também distinta. Por isso, a cultura distante do universo científico-racional (mas não absolutamente separada da ciência e da razão) é conhecida como cultura popular, a cultura do povo, a serviço dos valores, crenças e modos de vida daqueles excluídos na divisão social do trabalho e do poder. É uma cultura de expressão peculiar porque serve a um específico modo de viver, mas não necessariamente pura e intacta a outras formas e conteúdos de expressão da vida humana.

Por esta razão, diz-se que a cultura não é única e exclusiva. Há, em qualquer intenção de tipologias de cultura, uma pluralidade de elementos sociais reclamada (BOSI, 1987), pois a cultura é caracteristicamente traço de humanidade e da dinamicidade das relações entre as pessoas. Ainda que haja comunidade bastante isolada e impenetrada por outras, suas práticas culturais não terão se mantido sempre as mesmas nem nasceram do nada;

são a continuação de outras e, no constante de suas inter-relações, se reelaboram a cada necessidade de seus atores.

3. 2 Recortes da cultura popular roceira em Catalão

Pelo seu distanciamento das relações instituídas do poder dominante, a cultura de expressão popular, não raras vezes, é a expressão da resistência e do enfrentamento a uma lógica cultural estabelecida. Vejamos o caso de senhores cantadores de terços rurais, participantes essenciais em muitas novenas e festas religiosas no município de Catalão. Quando participam de missas oficiais da Igreja Católica são apenas alguns entre os fiéis a quem o padre dirige ensinamentos e sermões. No entanto, no seu *locus* diário e cotidiano de cultura, inseridos na prática de resistência e invenção do cotidiano (CERTEAU, 1994) de fé, nas roças do interior do Brasil Central (BRANDÃO, 1992) são hierarquicamente os maiores enunciadores de um saber religioso que reinventa a reza do terço, acrescentando-lhe ladainhas, latinórios secretos e oferendas e pedidos que não seriam permitidos no espaço eclesiástico²⁶.

Neste caso, não negam a fé da Igreja, mas a realizam diferentemente daqueles a quem é dado convencionalmente pela Igreja realizar. O grupo necessita do reforço da fé que os inter-relaciona e vê nos rezadores de terço, sujeitos comuns no dia a dia da comunidade, aqueles dotados de um saber e modo de manifestação do saber que podem subverter sem, contudo, negar os que reinventam os caminhos da fé.

Os rezadores e demais da comunidade estão configurando os caminhos da fé diferentemente, mas não os criam como outros. Isto aponta que estas práticas carnalizantes

²⁶ Bosi (1995, p. 48-50) chama de *litania cabocla* na grande metrópole, em relato carregado de poeticidade e encantamento, a manifestação de religiosidade popular distinta da que a Igreja Católica oficialmente realiza. Neste evento, passado em 13 de junho de 1975, em São Paulo, o autor assiste a trabalhadores urbanos entoarem ladainhas e orações em latim, aprendidas graças à tradição oral familiar.

(BAKHTIN, 1987) são o enfrentamento, mas não a anulação, e caracterizam a cultura popular da qual são atores. Não anulam porque isto seria deixar de reconhecê-las e, não as reconhecendo, não haveria razão para enfrentá-las e resistir a elas.

Para Bosi (1995, p. 51), estas práticas simbólicas e espontâneas que acenariam para a identidade destas pessoas sobrevivem, resistindo e se reelaborando. Segundo ele:

Essa cultura basicamente oral, absorve, a seu modo e nos seus limites, noções e valores de outras faixas da sociedade, quer por meio da Igreja e do Estado (desde os tempos coloniais), quer por meio da escola, da propaganda, das múltiplas agências da indústria cultural; mas, assim fazendo, não se destrói definitivamente, como temem os saudosistas e almejam os modernizadores: apenas deixa que algumas coisas e alguns símbolos mudem de aparência (BOSI, 1995, p. 51).

Por representar, muitas vezes, o enfrentamento e a invenção de práticas de cultura consideradas eruditas, a cultura popular é vista como subversiva ou prática de desordem. Assim, é julgada sem poder e sem legitimidade, restando-lhe apenas o estatuto de folclore e tradição. Ora, a legitimidade de qualquer prática cultural está assegurada na sua propriedade de expressar os conteúdos e os modos de ser, viver, trabalhar, rememorar de um grupo. Se ela serve a este grupo é, pois, legítima para ele. Não será, provavelmente, a grupos que não representam. As práticas da cultura popular são parte do mundo real do grupo a que serve porque estão inseridas nas suas relações sociais, econômicas, religiosas etc.

Tais práticas se manifestam material e lingüisticamente em ações, crenças e objetos da vivência diária de seus atores. Misticismos como a crença em assombrações e benzições; terços e suas canções imperativas; treições e mutirões; o fabrico de remédios caseiros a partir da fauna e da flora locais; o uso de ferramentas para plantar, cultivar e colher são algumas das formas de expressão da cultura popular no sudeste goiano, manifesta no material de nosso estudo. Todas estas formas estão evidenciadas na expressão máxima da cultura popular: a memória enunciada em narrativas orais e de caráter pessoal.

Entender a cultura popular como uma resistência, ou como uma invenção cotidiana de conteúdos e formas de significar as vivências humanas, é comprometer-se a concebê-la como inserida na dinâmica social e histórica e que, por isto, apresenta-se dotada de dinamicidade. Isto quer dizer que as práticas se reelaboram e se adaptam conforme as necessidades, na maioria das vezes tácitas, do grupo. Por isto, a cultura não se obriga a ser a máxima da tradição conservada ou do folclore. Ela não é o passado apenas: é o passado reinventado e reinventável no presente. Também não é o presente absoluto: é o presente cuja característica maior é ser o passado remexido e refundado pelas demandas do hoje.

O que se nota nesta busca por definir cultura é a necessidade de se desvencilhar de qualquer visão monológica, estática e regular das práticas culturais. Também não é pertinente defender que haja culturas impenetráveis, puras e que se fecham a quaisquer interferências e diálogos de outros modos de expressão. Tampouco as alterações advindas destas inter-relações culturais devem ser vistas como deterioração ou conspiração; antes, são necessidades impostas pelas relações sociais dinâmicas na sua historicidade. Por isso, diz-se que a cultura é plural e presente (CERTEAU, 2001). Ela não aceita na sua composição e definição a rigidez do passado e da singularidade, do irrestritamente peculiar.

A pluralidade da cultura poderá ser reconstituída através da memória, muitas vezes guardada apenas na lembrança das pessoas. Por isto, ela se reinventa, a partir destas memórias (institucionalizadas ou apenas pessoais, resgatadas em narrativas) para ter claramente capacidade de sobreviver à sociedade do espetáculo. Muito comumente, órgãos oficiais ritualizam práticas de cultura como folclore, com datas que contemplem a calendários de seus interesses.

Para não servir à espetacularização que faz dos atores meros expectadores, a cultura se reelabora e se refaz numa luta constante para não se fixar como data e ação comemorativas. As práticas que estão sujeitas às alterações sociais do meio em que se inserem

não se podem fixar, pois ao se fixarem em calendários e programações externos aos interesses do grupo deixam de ser a sua expressão e este não se verá mais representado através delas.

Na zona rural de Catalão, ocorrem nos últimos anos as chamadas *festas de roça*. Introduzidas inicialmente como festejo a um santo devoto a quem a comunidade já realizava novenas, as festas têm, hoje, função de espetacularizar aquela expressão de religiosidade. Quando circunscritas apenas à comunidade da qual cada membro participava e tinha suas funções definidas claramente pelas relações sociais que estabelecia no grupo, as novenas (ou festas religiosas a santos) eram a expressão evidente da religiosidade popular rural em Catalão.

Hoje, como espetáculos, carecem de autorização policial e bênção da Igreja Católica figurada em algumas participações de seus representantes oficiais (padres ou ministros). Devem ter, obrigatoriamente, animação com bandas musicais, leilões, danças e até estacionamento. São anunciadas em cartazes de divulgação pública onde se lê “*Tradicional festa em louvor a (...) Haverá leilões, bailes e reza do terço*”. Nota-se que a intenção de que pessoas externas à comunidade participem das festas se evidencia não mais no ritual, na sazonalidade própria das culturas populares em que oralmente se noticiavam as novenas, mas no espetáculo do popular que se institucionalizou como tradicional. O calendário de tais festas não obedece mais aos dias dos santos, mas a datas compreendidas entre maio e julho.

Quer dizer, com a crescente necessidade de espaços coletivos para a convivência não apenas da comunidade, mas também pessoas da cidade, as associações se organizaram legalmente e instituíram como espetáculo suas festas religiosas. Muitas têm estatutos e votação para a escolha do festeiro que melhor possa comandar a festa no ano.

Provavelmente, os organizadores querem resgatar nestas festas não apenas pessoas que viveram muito tempo nas roças e que, por alguma necessidade, foram para a cidade. Querem, principalmente, trazer para suas raízes aqueles que nunca participaram delas.

Querem imprimir a eles um enraizamento que também as pessoas da comunidade sentem estar perdendo. Certamente, acreditam que nesta reelaboração de cultura popular se façam mais fortes representantes dela. O que se nota, porém, é que o caráter de espetáculo se sobrepõe ao primeiro e motivador desta prática, a memória de uma religiosidade. Parece que no intento de encontrar suas raízes estão evidenciando mais fortemente seu desenraizamento²⁷.

As práticas reinventadas da cultura não podem se distanciar das raízes de seus atores. Quando se distanciam, estão na verdade, se desenraizando e servindo a outros interesses como pode ocorrer com as festas de roças de Catalão a que nos referimos. Elas têm como função maior angariar fundos para a Igreja e para a comunidade, seja para reformas de quadras e escolas ou para compra de tratores e insumos agrícolas. Salienta-se, ainda, que em algumas festas os terços são rezados antes da festa em si, no fim da tarde; isto é, à parte no espetáculo, fora dele.

Prática de enraizamento é, certamente, a reza do terço durante o ano, em casas alternadas de moradores, sem a obrigatoriedade de festa. Assim, estará resguardada na intenção primeira da cultura popular: representar vivências e crenças cotidianas dos roceiros, repartidas e reforçadas pelo grupo.

Convém trazer à baila o que Ecléa Bosi (1987) considera cultura em desenraizamento. Para ela:

A conquista colonial causa desenraizamento e morte com a supressão brutal das tradições. (...)

No campo brasileiro a conquista acontece sob as formas de monocultura e pastagens. O arroz, a soja, a cana provocam tão forte migração de lavradores que constituem genocídio pelo número dos que vêm morrendo no caminho para o Sul.

O arrozal em Goiás despojou o pequeno lavrador. Avançando, destruiu sua roça, derrubou a mata, extinguiu a caça e a lenha, secou o olho-d'água,

²⁷ Já se encontram leiloeiros que anunciam ao microfone pausas no espetáculo para o *hasteamento da bandeira ao santo*. Ora, basta participar de algumas práticas mais enraizadas desta manifestação de cultura para saber que não se diria hasteamento de bandeira, expressão demais oficial a uma prática religiosa. Normalmente diz-se *levantamento do mastro* ou *levantamento da bandeira* do santo a quem se devota.

invadiu seu cercado de galinhas e criações, formas de vida incompatíveis com a monotonia exclusiva do arroz.

(...) O migrante perde a paisagem natal, a roça, as águas, as matas, a caça, a lenha, os animais, a casa, os vizinhos, as festas, a sua maneira de vestir, o entoado nativo de falar, de viver, de louvar a seu Deus. Suas múltiplas raízes se partem (BOSI, 1987, p. 17).

Quando colocamos as palavras de Ecléa Bosi a serviço de nosso propósito de entender a cultura catalana devemos esclarecer que as localidades no município em que a monocultura acelerou a ocupação das terras dos pequenos produtores roceiros não há mais as práticas de cultura popular. Não há mais os antigos moradores dantes, logo não há mais os laços de compadrio e a solidariedade necessários entre os vizinhos. Também não há os mutirões, tampouco as treições, já que máquinas diuturnamente plantam e colhem imensas lavouras. As festas de roça a que nos referimos, todavia, se localizam em comunidades, as agregações rurais em que pequenos produtores geograficamente vizinhos se unem no mesmo interesse de resistir ao êxodo e de permanecer nas suas roças plantando e colhendo diversidade de culturas.

No conjunto dos narradores sujeitos de nosso estudo apenas dois afirmaram conhecer festas locais e delas participar e três são participantes ativos e centrais de prática de terço rural. Ou seja, uma senhora e dois senhores são os fazedores do terço: ela, a dona da casa em que por décadas ininterruptas esta prática religiosa acontece; um deles, rezador deste terço desde a primeira vez que se realizou e o outro, rezador também em outros terços, faz parte deste pelo menos há vinte anos ininterruptos.

Segundo a senhora, há sessenta e seis anos²⁸ o realiza em sua casa. Sua devoção se deve porque, embora já o realizasse antes entre os seus, diante das enfermidades por que passava o marido e as dificuldades financeiras para cuidar da família com filhos pequenos prometeu ao santo que se ele a guiasse no campo e no mato para que encontrasse raízes,

²⁸ A gravação foi feita em 2003 e nos anos seguintes o terço realizou-se normalmente. Então, em 2007, esta prática completou setenta anos de realização.

folhas ou qualquer coisa que aliviasse o marido da doença ela se prestaria a, todo ano, até o fim de sua vida, a rezar-lhe o terço e oferecer uma janta àqueles vizinhos que, também devotos, comparecessem. Satisfeito o pedido, a doença aliviada e, desde então, o terço a São Sebastião acontece anualmente.

Indagada se após a morte do marido, anos mais tarde pela mesma doença para a qual o santo a teria guiado no encontro da ervas curativas, ela ainda se sentia obrigada a gastar grande parte de suas economias para realizar o terço ela foi veemente em dizer que já lhe era devota antes da promessa e que, depois da morte do marido, continua devedora do santo porque ela ainda está viva. Também argumentou que os vários pedidos que se fazem ao santo a cada terço só reforçam a sua dívida e fé, razão pela qual não se pode abandonar a promessa pois o santo pode não atender mais os outros pedidos que se realizam anualmente a ele ou até desfazer outros já atendidos.

O que se nota no momento dos pedidos no ritual religioso é a mistura de solicitações de natureza diversa e característica dos medos e necessidades dos crentes ao santo: pede-se que as águas e as estiagens sejam boas para as plantações; que a alma de parentes ou amigos descanse em paz; que outras doenças também se curem; que filhos ou netos de familiares sejam dispensados de servir ao Exército; que as mulheres grávidas tenham bom parto. Quer dizer, as fés e necessidades se interpenetram e constituem a massa de religiosidade particular à cultura das pessoas que participam do terço.

Os preparos para o terço ao qual seguem uma janta oferecida aos presentes e, quase sempre uma festa, demanda meses de economia. As despesas são custeadas pela dona da casa e a festa não aconteceu nos anos em que haviam morrido recentemente parentes ou amigos da senhora. O terço, porém, sempre é rezado e se tornou referência nas comunidades vizinhas. Ele é o momento em que os vizinhos, compadres, parentes e pessoas que se

mudaram para a cidade se reencontram e refazem seus laços. Sazonalmente²⁹, o terço é o reforçador e a memória das raízes.

Esta realização do terço, então, cumpre os rituais da cultura popular, porquanto, nas palavras de Machado (2002):

Por essa ótica, a religiosidade popular, suas festas e representações, permite a esse outro, nosso interlocutor, reaver sua identidade, reconhecer-se na coletividade, rearticular uma memória social esfacelada, solidarizar-se com os outros, descobrir-se no outro. Porque permite o convívio social - amálgama comunitário -, a festa é um dos momentos de realizar o reencontro com as raízes fundantes, de estabelecer parcerias, de (re)construir uma humanização perdida (MACHADO, 2002, p. 344).

Esta prática reinventada, reelaborada do catolicismo popular, segundo Brandão (1992) tem razões históricas. Para ele, tais manifestações têm, no seu íntimo, a fé católica, porém regada pelas necessidades e particularidades do povo que a realiza e, sob o olhar urbano e centralizador da Igreja, são apreciadas como profanas. Especialmente em função da formação histórica do lugar em que o padre que teria dado nome à cidade era, antes de tudo, um plantador de roças deve considerar-se que padres, nas décadas de setenta e oitenta do século passado, visitavam escolas rurais para realizar missas trimestralmente às quais seguiam fartos lanches feitos pelos moradores do lugar.

O que se percebe é que circunscritas às suas tradições, estas práticas de religiosidade dos oprimidos, em Catalão, foram ratificadas com a presença das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), comuns no Brasil no regime militar e que já não existem mais em Catalão; aquelas, porém, continuam inabaladas pela entrada e saída da oficialização da Igreja

²⁹ Nos últimos sete anos o terço não está sendo rezado no dia devotado a São Sebastião (20 de janeiro) porque é época de chuvas na região. Isto impedia parentes e vizinhos de comparecerem uma vez que o acesso à casa da senhora é por estrada de terra. Esta prática cultural, diferentemente das festas de roça a que já nos referimos em páginas anteriores, não divulga cartazes, não tem a obrigatoriedade da festa e, tampouco, perde o seu motivador inicial, a religiosidade coletivamente repartida. A sua adaptação de data se deve porque, em caso contrário, devotos, vizinhos, compadres e parentes não se encontrariam e não reforçariam suas crenças. A dona da casa, vale lembrar, prometera ao santo fazer-lhe o terço e oferecer janta aos vizinhos em sua devoção o que torna essencial que eles estejam presentes: são a representação de que a senhora devota está cumprindo a promessa.

em seus palcos³⁰. Depreende-se, assim, que à parte do que considera e define a Igreja, esta manifestação de cultura popular existe e persiste porque é a demanda de significação e expressão das crenças e fés dos que a fazem.

Então, estamos tratando de sujeitos que *enfrentam* o desenraizamento por outros modos. Muitos deles se sentem isolados, sozinhos e distantes dos poucos vizinhos que restaram do êxodo rural. Outros se supõem sem a relevância social que outrora tinham no grupo porque já não representam força de trabalho de que se possa valer. Outros porque, com os rendimentos das aposentadorias rurais, com a oferta de alimentos beneficiados e a diminuição de pessoas que dependem de seus esforços para sobreviver (muitos filhos se casaram e/ou se mudaram), não carecem mais de plantar e colher ou labutar nos engenhos como antes. Isto significa que suas relações sociais e econômicas são outras, por isto suas práticas tendem a ser também outras ou em processo de adaptação.

As doenças que hoje conhecem e enfrentam não são tratadas apenas com os emplastos, chás e garrafadas ou benzições. Há os remédios de farmácia ou doados por planos assistenciais dos governos. As roupas grossas e pesadas tecidas do algodão que plantavam tornaram-se raridades ante à facilidade de deslocamento à cidade e à condição para comprar peças industrialmente tecidas. Muitas ferramentas de trabalho deram lugar a máquinas porque não há mais o trabalho a ser realizado com elas: não há mais a profissão de carreiro e candieiro, nem a de tropeiro. Há, em seu lugar, o tratorista e o motorista de caminhão boiadeiro, profissionais que trabalham sozinhos, isolados da coletividade que lhes assegurava aquela pertença cultural.

³⁰ Vittorio Lanternari (1974, p. 203) diz que no Brasil, pátria de “populações fortemente compósitas”, o catolicismo é a prática religiosa predominante nas comunidades rurais: seus processos míticos e seus fundamentos de fé circunscrevem-se no âmbito do catolicismo como a devoção a santos, a prática de terços etc. No entanto, percebe-se uma nuance de resistência à religião oficializada que, em Catalão, não segue o que o autor chama de profetismo (como Padre Cícero ou Antônio Conselheiro). O benzedor, o rezador de terços ou o curandeiro são vistos como quem reza e tende a praticar o bem com as benzições e os terços ou as garrafadas e rezas que curam, apesar de alguns narradores sugerirem que também poderiam praticar o mal, especialmente o benzedor.

Dissemos, anteriormente, que os narradores *enfrentam* o desenraizamento porque algumas das práticas culturais “de primeiro” ainda persistem. Não foram substituídas por máquinas ou grandes monoculturas, mas estão cercadas por elas. Ainda carpidam suas roças de milho, mas aram suas terras com o trator; ainda fazem chás, emplastos e pós para curar doenças, mas compram remédios nas farmácias. Têm televisão e geladeiras, mas ainda participam de mutirões, rezam terços, fazem os “batizados de casa”, reúnem pessoas para o preparo das carnes enlatadas ou para a pamonhada.

Mesmo com os financiamentos em bancos e aluguel de terras para o plantio, ainda há a porcentagem, a meiação e até agregados. Compram o arroz e feijão beneficiados, mas plantam as roças de arroz, milho e feijão nas matas roçadas e socam o arroz no pilão ou na máquina de arroz, guardam o milho no paiol e o feijão ensacado. Conhecem as colheitadeiras, mas colhem suas roças em bancadas de bater arroz, quebras do milho e com pilungues nas bandeiras de feijão. Sabem que na cidade a compra de alimentos baseia-se no peso, mas contam suas colheitas nas medidas em quartas (arroz, feijão, polvilho) e jacás e carro (milho).

As mulheres não fiam e tecem as vestimentas para a sobrevivência da família como antes. As que ainda exercitam a tecelagem artesanal o fazem para a confecção de cobertas e lençóis para uso próprio ou venda ou tecem cortes encomendados de peças avulsas.

Nota-se que os narradores convivem com situações e objetos que tendem a desenraizá-los. Porém, porque estão assentados em memórias do fazer e do saber e, principalmente, porque permanecem ligados à terra como pequenos sitiantes, agregados ou meieiros se reforçam na sua expressão popular de cultura. Há, ainda, aqueles que perderam a condição de pequenos proprietários ou nunca tiveram terra: estes têm a memória da lida com a terra, mas não a da sua posse. Este fato, porém, não impede que todos se situem como partícipes de uma cultura marcadamente rural, porque não é a posse da terra que os torna roceiros, mas a vivência nela e a sobrevivência graças ao saber sobre ela.

Todos os narradores que disseram ser donos de pedaços de terra já foram ou ainda são meieiros ou arrendatários porque suas terras são fracas para plantio ou criação de gado e lhes faltam recursos para melhorá-las. Isto reforça a certeza de que o roceiro não precisa ser, por regra, o dono da terra em que se fazem roças, mas o que dela vive e apreende e desenvolve relações sociais e culturais da sua lida nela.

Estas práticas de cultura ainda persistem porque fazem sentido aos narradores. Elas representam a dinâmica do *continuum*: são aqueles saberes, crenças e modos de viver, falar, sentir e curar que permanecem, mas também que se alteram no cotidiano do fazer sentido às vidas destes roceiros.

Michel de Certeau (2001) discute a pluralidade da cultura e o efeito conceitual que ela implica: a ausência de limites e impossibilidades do silêncio ou da voz única. Para ele, é uma opção teórico-metodológica, portanto de relação com o poder da institucionalização, o estudioso querer calar as vozes múltiplas e facetas várias da cultura. Acerca disto, ele considera que:

(...) a cultura oscila mais essencialmente entre duas formas, das quais uma sempre faz com que se esqueça da outra. De um lado, ela é aquilo que “permanece”; do outro, aquilo que se inventa. Há, por um lado, as lentidões, as latências, os atrasos que se acumulam na espessura das mentalidades, certezas e ritualizações sociais, via opaca, inflexível, dissimulada nos gestos cotidianos, ao mesmo tempo os mais atuais e milenares. Por outro, as irrupções, os desvios, todas essas margens de uma inventividade de onde as gerações futuras extrairão sucessivamente sua “cultura erudita”. A cultura é uma noite escura em que dormem as revoluções de há pouco, invisíveis, encerradas nas práticas --, mas pirilampos, e por vezes grandes pássaros noturnos, atravessam-na; aparecimentos e criações que delineiam a chance de outro dia (CERTEAU, 2001, p. 239).

Cumpre a nós, então, ressaltar que no estudo que empreendemos da relação estabelecida pelo léxico e a cultura no vernáculo catalano escolhemos o caminho do múltiplo nas muitas memórias e nos muitos sentidos que elas apontam.

3. 3 Considerações breves sobre língua e cultura

Consideramos, anteriormente, sobre o conceito de cultura com que este estudo opera e, de igual importância, é apresentar o conceito de língua que fundamentará nosso entendimento das relações entre língua e cultura. Pela necessidade de estabelecer estes limites conceituais dentro dos vários estudos sobre esta inegável relação e, essencialmente, porque o objeto de nossa pesquisa não é um recorte limitado por excelência, está evidenciado que esta tarefa, a de entender com se estabelecem as relações entre língua e cultura, embora pareça óbvia, não é tão fácil.

O século XX mostrou que as ciências humanas reclamaram para si estatutos e métodos próprios, mas pela natureza mesma de seus objetos e investigações seus limites também se fizeram transitórios e multidisciplinares. Os paradigmas das ciências humanas se revêem constantemente pois os estudos da cultura, da língua, da memória, da política ou da economia mostram a incontestável natureza social, múltipla e dinâmica do homem.

O modo como se estrutura política e economicamente uma sociedade diz muito de suas estruturas culturais; estas, por sua vez, só se fazem possíveis graças à elaboração cotidiana do arcabouço de memória coletiva, ao modo como é concebida e ao estatuto que lhe é dado. Expressando estas inter-relações, servindo a elas no cotidiano da comunicação humana e carregando em seu funcionamento muito do modo como a sociedade se faz e se refaz está a língua.

Então, no percurso das ciências que se ocupam destes objetos (a língua, a cultura, a memória, a história), os amuralhados jardins que as abrigam desde o início do século XX, dialeticamente, apontam para a necessidade de conceber tais objetos como caracterizadores da natureza dos outros. O que se quer dizer é que um estudo sociológico, antropológico ou lingüístico não poderá enquadrar-se em seus limites apenas porque seus objetos não têm

muralhas limitativas. Carecem, sim, de métodos próprios, mas não podem prescindir de considerar que os seus objetos estão caracterizados pelos outros e os caracterizam. Compete à especificidade de cada estudo definir a perspectiva de análise, mas decididamente não poderá negar as inter-relações entre eles.

Cumprir defender que a língua, contudo, não é só objeto; ela é, nas relações sociais mais diversamente possíveis, também instrumento de investigação distinto que ajuda entender os outros sistemas sociais. Por esta razão é um metassistema, isto é, para estabelecer, reelaborar e reinventar culturas a prática lingüística é expediente de realçada importância tanto quanto a memória.

Para que se estabeleçam e interajam os sistemas políticos, culturais e econômicos, a língua é seu principal instrumento, de modo que para entendê-los é mister entender como a língua, enquanto sistema de signos para a comunicação e para a interação humana, se estrutura e como recorta estes sistemas e é por eles também atravessada.

A língua como sistema encontra sua melhor defesa em Saussure. É um dos muitos sistemas semiológicos e entre eles se distingue, segundo este estudioso, porque “é um sistema de signos que exprimem idéias, e é comparável aos ritos simbólicos, às formas de polidez, aos sinais militares etc, etc. Ela é apenas o principal desses sistemas” (SAUSSURE, 1995, p. 24).

O sistema de signos, patrimônio da coletividade, é construído ao longo da convivência dos falantes com suas regras, o que implica dizer que se submete aos interesses e planos da vida do homem em coletividade. Por outro lado, também, não significa que a língua esteja sempre à mercê de todas as variabilidades sociais: as suas estruturas que organizam e disponibilizam os signos para a intercomunicação garantem ao sistema funcionalidade e relativa imutabilidade aos signos em seus usos efetivos. Não se reconhece total paralelismo entre as alterações socioculturais e as lingüísticas. Sapir (1969) diz que há uma tendência à conservação nas configurações lingüísticas maior que nas culturais. Para ele:

Os elementos culturais, que servem de maneira mais definida às necessidades imediatas da sociedade e entram mais claramente no campo da consciência, não só hão de mudar mais rapidamente do que os elementos lingüísticos, mas a própria forma da cultura, que dá a cada elemento a sua significação relativa, há de ficar num processo contínuo de remodelação. Os elementos lingüísticos, por outro lado, embora em si mesmos possam ter, e tenham, rápidas mudanças, não se prestam facilmente a reformulações, devido ao caráter subconsciente da classificação gramatical.(...) Em outras palavras, a tendência conservadora se faz sentir muito mais profundamente nos lineamentos essenciais da língua do que na cultura (SAPIR, 1969, p. 60-1).

Elaborada e aceita tacitamente pela coletividade a que presta significar, a língua, ao se tornar seu patrimônio, então carece ser vista pelo seu caráter social. Isto implica que as estruturas gramaticais e lexicais da língua, parte da memória coletiva de um povo, podem não se manter mais na lógica formal que as organizou pois agora são dadas ao uso e suas possíveis demandas de significação não lhes garantem mais a permanência.

Os *Escritos de Lingüística Geral* de Saussure (2004), organizados por Bouquet e Engler e publicados recentemente, dizem que a língua:

É apenas o sistema de signos tornado coisa da coletividade que merece o nome de sistema de signos e que é um sistema de signos: porque a partir desse momento, o conjunto de suas condições de vida é tão distinto de tudo o que ele pode constituir fora disso, que o resto não parece importante. E a isso acrescenta imediatamente: se o meio da coletividade modifica tudo para o sistema de signo, ele é também, desde a origem, o verdadeiro ambiente de desenvolvimento a que tende, desde seu nascimento, um sistema de signos: um sistema de signos feito para a coletividade, como o barco para o mar. Ele é feito para se ouvir entre vários ou muitos e não para se ouvir sozinho (SAUSSURE, 2004, p. 249).

Como um dentre os sistemas sociais, a língua, então, assegura sua existência graças à estruturação dos seus elementos funcionais e de significação. Seus elementos formais dotam-se de significação porque constituídos e inseridos na dinâmica social das relações humanas. No uso cotidiano e efetivo do sistema lingüístico significados se constroem, se estabelecem, se remodelam porque, como metassistema, a língua não serve apenas a expressar

e comunicar significados intercambiados na vida social. Ela também cria significados e neste processo criador é um dos mais simbólicos e importantes recursos de que dispõe a humanidade. Por esta razão, é o sistema semiótico social mais amplo e de que se servem os outros (HALLIDAY, 1994).

A complexa rede de significados que sustenta o caráter de semiótica social da língua tem organização própria, porém não autônoma. A cultura, esse tecido dinâmico e inconsútil de significados, se faz e se refaz graças às suas formas lingüísticas de expressão. É na sua manifestação lingüística que a materialidade cultural se constitui, também, um sistema de linguagem. Hábitos, crenças, saberes se repassam como cultura pelo ato não raro de repetição por outros, mas sua consciência simbólica de significação da coletividade se assegura e se reforça graças à configuração lingüística.

Vejamos a ocorrência, já tratada anteriormente, do terço rural como prática de cultura. Ele só se dá a conhecer aos outros, só se faz elemento de cultura do grupo que o pratica porque se materializa na língua. A promessa ao santo é ato lingüístico; a reza que a cumpre também; o chamamento e a realização coletivos a ele também o são; as ladainhas, os pedidos, os agradecimentos, enfim, todos os entornos de realização do terço, assegurados pela fé e pelo outro com que ela é partilhada, se dão lingüisticamente.

Então, a cultura só se faz significativa porque intermediada e possibilitada por sua realização através da língua. É neste sentido que se afirma que a língua é o principal canal através do qual se transmitem os modelos de vida e se aprende atuar como membro de uma sociedade e adotar sua cultura, isto é, seus modos de pensar e de atuar, suas crenças e de seus valores etc (HALLIDAY, 1994, p. 18). Por isto, também, é pertinente que ao falar de cultura falemos de como ela se manifesta lingüisticamente e igualmente pertinente é falar de língua, na perspectiva adotada neste estudo, como elemento da cultura.

As relações dadas como incontestáveis entre língua e cultura reclamam, todavia, considerações mais esmiuçadas porque entre estes dois sistemas semióticos não se estabelece perfeito paralelo. Não se pode afirmar que uma língua está a serviço de *uma* cultura ou de uma sociedade ou que, em contrário, uma cultura se manifesta em *uma* língua, apenas e tão categoricamente. Casos típicos são as línguas portuguesa e inglesa e as culturas expressas por elas; estes sistemas lingüísticos não servem, cada um deles, a iguais culturas respectivamente nos vários territórios onde são falados.

A cultura inglesa e a estadunidense se diferenciam muito, mas se valem, ambas, do inglês. A cultura brasileira, portuguesa, além das outras tantas expressas em língua portuguesa, são diferentes entre si. Há, ainda casos de países bilíngües e que não têm duas culturas distintas correspondentes às línguas. Neste sentido, é importante dizer que as línguas, como as culturas, podem ser impostas, por processos diversos, e sofrem a força das mudanças ao longo da sua história. Não há, por isso, obrigatoriamente uma correspondência direta entre elas.

Diversos estudos dão conta desta não-correspondência direta. Sapir (1969) afirma que é possível que línguas de mesmo parentesco expressem culturas diferentes e, também, que línguas diferentes, como já consideramos, expressem uma mesma cultura. Admite que o léxico é o nível lingüístico em que mais intimamente se interligam língua e cultura.

Pesquisas sociolingüísticas procuram entender a relação entre variação ou mudança na língua e o grupo que a usa, principalmente quando associam a estes processos inerentes à língua a avaliação subjetiva de seus falantes. Crê-se que variações no plano fônico ou morfossintático da língua podem ou não se associar diretamente a variações no nível sociocultural dos falantes. Variações na concordância verbal, na prosódia ou na realização fonética possivelmente não se relacionam apenas ou diretamente ao estatuto social e cultural dos falantes, mas ao nível de formalidade e ao gênero do texto.

Se entendermos que o modo de realização de um texto e seu grau de formalidade se instanciam pelas relações socioculturais, então nos vemos dispostos a entender que indiretamente também estas variações lingüísticas se relacionam com a cultura. Certamente esta hipótese tem sido alvo de muitos estudos aprofundados daqueles que se prestam a pesquisas desta natureza sobre estes níveis de realização da língua.

Nosso estudo quer buscar relações entre o nível léxico e a cultura e encontrou mais consenso nos estudos que nos serviram de referência nesta indagação. Sapir (1969, p. 43-62) defende que a relação mais estreita entre língua e cultura se dá no plano léxico, como se vê nas suas palavras:

Que o léxico assim reflita em alto grau a complexidade da cultura é praticamente um fato de evidência imediata, pois o léxico, ou seja, o assunto de uma língua, destina-se em qualquer época a funcionar como um conjunto de símbolos, referentes ao quadro cultural do grupo. Se por complexidade de uma língua se entende a série de interesses implícitos em seu léxico, não é preciso dizer que há uma correlação constante entre a complexidade lingüística e a cultural (SAPIR, 1969, p. 51).

Estas palavras nos conduzem a pensar como a cultura se mostra estruturada na língua ou, dizendo de outro modo, como realizações lingüísticas apontam para específicas práticas culturais ou destas podem inferir-se aquelas. Nota-se que a perspectiva desta pesquisa concebe que a cultura é resultado da atividade continuada do ser humano nas suas inter-relações e que a língua é, nesta ótica, fato de cultura. O nó da questão não é contestar, pois, este fato incontestável mas entender e explicar o modo pelo qual a relação entre língua e cultura se realiza.

Benveniste (1989), na série de estudos agrupados sob a denominação “Léxico e Cultura”, apresenta como configurações culturais se manifestam nos arranjos lexicais. Destes estudos sumarizamos dois para, a partir das discussões do autor, defender que em escolhas

lexicais podem estar expressões práticas de cultura. Sobre a “blasfemia e a eufemia” considerou que as interdições na língua não chegam a apagar dela certas palavras. Elas continuam a existir interditas e a força que ganham na memória dos falantes é exatamente porque não podem ser enunciadas. Na eufemia, a memória da interdição é corrigida como ocorre, em português, com “diacho” e “doença ruim”, para as blasfêmicas “diabo” e “câncer”.

Em “dois modelos lingüísticos da cidade”, mais que revelar procedimentos distintos de formar palavras para o que seria, em primeiro momento, a mesma referência (a instituição que hoje conhecemos como cidade), Benveniste aponta que possivelmente ao entender a gênese não apenas da denominação, mas da idéia de *cidade*, *cidadão* e *civil* – o que vem primeiro e o que vem depois – está em jogo a concepção das instituições européias.

Neste texto, o autor reforça que a afirmação tradicional de que a língua espelha a sociedade não recobre as minúcias de uma compreensão satisfatória das relações entre língua e cultura. É no arranjo inerente à língua, neste caso o processo de derivação, que está um possível caminho para o estudo da relação língua e sociedade: como conceberam os povos europeus, diferentes nas suas formações lingüísticas específicas, o grego e o latim, o que sejam o *civil*, o *cidadão* e a *cidade*, o que é condição para um e outro. Este estudo é a instauração de uma ordem epistemológica das instituições mais que um estudo apenas da derivação nas línguas em questão.

Câmara Jr (2004, p. 287-293) salienta que a língua é uma parte da cultura, destacada do todo mas conjugada com ele. Ela só existirá não com um fim em si mesma, mas com a função de expressar a cultura para tornar possível a comunicação. A cultura, por seu turno, se transmite e é simbolizada, não raras vezes, pela língua. No contexto desta pesquisa, acentuamos que as narrativas orais são realizações lingüísticas que manifestam a cultura popular roceira ou rural de Catalão.

Neste sentido, esta realização lingüística torna possível que esta cultura ultrapasse os limites locais e se faça conhecer em outros palcos. Além disso, no ato lingüístico de narrar, os sujeitos-narradores também realizam cultura porque narrar sobre suas práticas exige ordenação de fatos e da relevância do que fazem cotidianamente. Neste ato, praticam cultura porque elegem o que lhes é mais simbólico e mnemônico.

Podemos, então, considerar que sem a língua a cultura tende a não se realizar entre seus atores e entre outros com quem eles porventura se interagirem. Como sistema de signos, dotado de um aspecto formal, entende-se que a língua poderá estar a serviço de qualquer sistema de cultura, conforme considerou Sapir (1969). No entanto, é preciso assinalar que todo signo se constitui também de um significado, convencionalmente estabelecido e dado no âmbito da cultura. Este significado se faz elemento de cultura, transmite cultura e é transmitido por cultura, porque tem uma forma lingüística que o permite realizar-se.

Por isto, em instância maior, a língua, que é forma, também é convenção. Cabe a nós, desta sorte, buscar como elementos da sua forma expressam e carregam marcas da cultura e são evidenciados por ela. Quer dizer, verificar como o léxico, organização lingüística de sentidos que obedece a uma gramática, estabelece intimidade com a cultura dos que a usam.

Na perspectiva de que na língua fatos novos estão a serviço de realidades lingüísticas novas e fatos antigos ou reinventados a serviço de práticas antigas ou reinventadas, tomemos a forma *treição*, que realça dados da cultura rural em Catalão. Esta forma particular de recriação lingüística – o que a torna fato cultural – possivelmente através de manutenção fonética, convive com a forma também recorrente *traição*, com sentido oposto ao desta, e serve a uma recriação particular da convivência de homens e mulheres roceiras para o trabalho, o lazer e a religião.

Não é demais ressaltar que uma dada língua pode servir a diferentes manifestações de cultura porque é um sistema de signos autônomos, repartidos em coletividade no uso. Sua estruturação, ainda que fruto da convenção humana, só se efetiva porque é dotada de signos articulados *a priori* independentemente da cultura que manifestam. Assim, a língua portuguesa na sua variedade vernacular catalana poderia servir a qualquer expressão de cultura, como de fato serve. No entanto, apesar de outros aspectos que não o da ruralidade na cultura catalana, queremos ver como ela serve aos narradores em suas práticas narrativas.

A indagação que se coloca é se haverá traços nesta realização lingüística que a diferenciam de outras para os sujeitos que a usam nesta localidade. Por isso, enveredamo-nos pelos campos léxicos e culturais, tão híbridos, simbólicos e multifacetados e, certamente, carregados de historicidade. Acreditamos que no léxico em análise neste estudo possam residir características peculiares deste uso vernacular que os narradores fazem da língua portuguesa em Catalão-GO. Possivelmente o léxico analisado evidencia aspectos de cultura não apenas dos narradores em estudo, mas também de quaisquer sujeitos que se assemelham culturalmente a eles, quer na região quer em outras localidades.

IV Léxico, Memória e Narrativa

Propor um estudo de natureza lingüística de recortes de memórias pessoais é submeter a memória – esse fardo recontar, recriar, ressignificar, reelaborar saberes – a uma investigação da relação tempo e história da vida dos sujeitos que as evocam. Tão múltiplas quanto as facetas da memória são as possibilidades de estudo que ela oferece a variadas áreas das ciências. Desde as neurociências às ciências humanas mais recentes como a História Cultural ou as já bastante conhecidas como a Antropologia, a Crítica Literária, a Psicanálise, a Lingüística, a memória tem atraído pesquisadores desejosos por compreender o funcionamento desta característica cultural e humana por excelência.

Depositárias da experiência humana em sua diversidade, as práticas de memória têm garantido que o saber sobre a caça e a coleta – tão caras aos primitivos hominídeos – não se perdesse nos vãos da história; que canções folclóricas, infantis ou patrióticas não se esvaissem no tempo; que formas de governo se perpetuassem ou que, sob outras delineações, se transmutassem ao longo da vivência humana em comunidades; que saberes sobre plantio, colheita e preparo de alimentos não se restringissem apenas ao roceiro que cultiva para a subsistência; que afetos, valores morais, crenças religiosas se tenham reelaborado constantemente no afã humano de identificar sua pertença a grupos, credos e a uma dada moral. É a memória, em suas configurações múltiplas, que permite reconhecer em cada pessoa uma identidade social e cultural.

A informação e a sua reelaboração encerradas na memória possibilitam o sentimento de pertença cultural, pois ela, a memória, “é um elemento essencial do que se costuma chamar *identidade*, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje” (LE GOFF, 2003, p. 469).

Cada ato humano, na sua mais corriqueira manifestação, traz matizes de suas memórias, elaboradas ao longo das gerações. Assim, em função das inúmeras formas de organização social e das diferenciadas finalidades a que se prestam, as memórias se apresentam distintamente. Há as memórias elaboradas institucionalmente e estimuladas em espaços oficiais de representação como museus, cartas constitucionais, dicionários, obras literárias, manuais de gramática, tratados entre governos, monumentos, bíblias, arquivos cartoriais, os chamados lugares de memória. Há as memórias institucionalizadas que se podem, porém, acessar restritamente como os códigos de segurança internacional, acordos entre governos e países, pesquisas de laboratório registradas em relatórios, códigos de funcionamento de descobertas tecnológicas. Há memórias que são institucionalmente elaboradas e que se destinam a quaisquer pessoas que queiram acessá-las como teses, artigos científicos, publicações sobre descobertas da medicina etc. que, entretanto, se limitam, na maioria das vezes, a um público restrito. Estas memórias elaboradas no âmbito de instituições sociais são regidas por leis próprias que as fazem acessíveis àqueles que possuem um saber mínimo da linguagem em que os seus procedimentos se fizeram elaborar. Neste sentido, embora coletiva, a memória tem acesso limitado e seu registro a partir da escrita pode se tornar uma forma de poder.

Os elementos de elaboração destas memórias são articulados conforme um ordenamento próprio das instituições que as oficializam, o que quer dizer que tais memórias são prescritas por uma forma específica de se fazer registrar: de caráter público, restrito ou amplo, têm um uso padrão do código em que se manifestam. Visando a atingir potencialmente as pessoas que as acessam, estas memórias, embora carreguem traços de quem as produziu e da época em que se fizeram representar, também apresentam particularidades. As pessoas que elaboram tais memórias de caráter público estão inseridas em um cenário social e cultural que, certamente, lhes concede também memórias. Assim, qualquer ato de elaboração de memória

é, sempre, uma prática de ativar processos mnemônicos, construídos na vivência humana. Então, as memórias institucionalizadas oficialmente trazem consigo memórias outras das pessoas que as fazem e vivem a partir delas. Carregam ideologias e são metáforas porque visam,

de alguma forma, ao controle do passado (e, portanto, do presente). Reformar o passado em função do presente via gestão das memórias significa, antes de mais nada, controlar a materialidade em que a memória se expressa (das relíquias aos monumentos, aos arquivos, símbolos, rituais, datas, comemorações ...) (SEIXAS, 2001, p. 42).

Há, porém, as memórias que nem sempre se fazem registrar em páginas ou tratados, aquelas que se divulgam e permanecem oralmente, como parte de um saber local (GEERTZ, 2002). Estas, porque não se inscrevem nos âmbitos da escrita, não carecem, todavia, de legitimidade enquanto um *ethos* dos que a detêm e a reelaboram continuamente. São formas de sobrevivência imaterial da vida em sociedade; tecem as tramas sociais mais amplas ou mais restritas; estão no aprendizado das crenças, nas opções políticas ou apenas no comportamento estabelecido pelas relações parentais em uma dada família.

Porque nem sempre são amparadas pelos códigos da escrita, estas memórias têm meios específicos de serem produzidas: organizam-se numa visão pré-científica do mundo; são efetivamente instituídas nas teias da coletividade e instauram um modo intuitivo de sobreviver socialmente. Antes de serem oralizadas, as memórias dos que não detêm a escrita se inscrevem como ato lingüístico e se organizam lingüisticamente. São asseguradas fundamentalmente no seu caráter narrativo porque se prestam a comunicar informações sobre fatos ou objetos, ausentes no ato de narrar (LE GOFF, 2003, p. 421).

Trataremos, neste estudo, das memórias aprendidas e ensinadas oralmente, que se organizam paralelamente à escrita, porém independentes dela. São as memórias que estão

inscritas nas falas de senhoras e senhores, as quais carregam saberes que se repassaram secularmente à margem da escrita, especialmente no uso de alguns signos lexicais.

Cabe considerar, porém, o que temos insistentemente chamado de *narrativas* e *narradores* neste estudo. Buscamos em Benjamin (1985) uma compreensão que nos satisfaz diante do que a pesquisa apresentou, desde as gravações até as análises que conseguimos empreender. Para o autor, em seu célebre texto *O narrador*, narrar, mais que uma atitude épica diante da vida, é uma forma de comunhão com o outro porque só saberá narrar bem aquele que souber verbalizar suas experiências, transformadas em sabedoria, a matéria por excelência da narrativa.

Entendemos que contar fatos, seqüenciados em enredos e eventos acontecidos ou acontecíveis, não é o mesmo que narrar. Há algo mais utilitário na prática dos narradores: eles são donos de sabedoria da vida, não apenas acumulam experiências ou fatos acontecidos. É neste “conselho tecido na substância viva da existência” (BENJAMIN, 1985, p. 200), a sabedoria, que reside o senso prático da narrativa. As histórias contadas, as memórias trazidas à tona sempre ensinam, vão além da mera informação: elas aconselham sem, contudo, impor forçadamente valores, crenças e saberes.

Para Benjamin (1985, p. 205), a narrativa é uma forma artesanal de comunicação e, concisa, está a salvo de análise psicológica e pode ser mais facilmente memorizada, isto é, será aprendida e repassada pelo reinventar constante da memória nas práticas de cultura que a sustentam. Todavia, as narrativas que apresentamos quase sempre são distensas, especialmente quando os narradores revivem momentos em que certamente também narravam ou ouviam outros narradores.

Nestas mulheres e homens narradores, que não têm a habilidade da escrita, a prática de narrar é mais criativa porque não se liga a detalhes da *palavra por palavra*, própria da reprodução mnemônica dos que ligam a memória à escrita. Quando narram não têm o

suporte do registro escrito para amparar-lhes em uma possível negligência da memória e, assim, oralmente as suas memórias se recriam, se reinventam, se distendem em hesitações, repetições, reelaborações peculiares a textos orais. O narrador “evoca, dá voz, faz falar, diz de novo o conteúdo de suas vivências. Enquanto evoca ele está vivendo atualmente e com uma intensidade nova a sua experiência” (BOSI, 2003, p. 44).

Narrar quando se trabalha em grupos como mutirões, reuniões de amigos, festas, terços, batizados é estar também absorto, absorvido pelo fiar, o capinar etc. e a memorização e o contar se dão despreocupados de qualquer regra ou necessidade de explicação. É esta narrativa que fica na memória e que deve ser repassada como saber adquirido e a se adquirir. A perda destas práticas culturais propícias a narrativas, posto que nelas há público e há narradores, pode significar perder o fio da narrativa, do gosto de narrar, do gosto por viver e reviver o épico da vida.

Não é por acaso que os narradores, ao narrarem suas vidas, o fazem de forma vagarosa e minuciosa. Contam sobre o dia-santo e ensinam o respeito a eles sem impor que se deva crer no santo do dia. Primeiramente contam sobre uma pessoa, que não conheceram diretamente mas com quem um parente mais velho conviveu largamente, tornando o ensinamento mais confiável, anunciam todos os preâmbulos para justificar o ocorrido e, especialmente, o ensinamento que se deve daí retirar. Ao fim do narrado, tem-se a certeza de que não se é levado deliberadamente a crer e endossar os valores desenvolvidos na narrativa. No entanto, a eloquência singela, a certeza com que narram e o envolvimento do ouvinte tornam a narrativa uma comunicação, nos dizeres de Benjamin, “quase manual” (1985, p. 205). É daí que a narrativa ensina, que o narrador aconselha sem ordenar e impor e por isto muitas vezes se faz eficaz no ensinamento. É essa sabedoria de que fala Benjamin.

O que se nota é que não basta apenas ter a experiência, é preciso saber falar dela, ensinar através dela. Entre pessoas ou em comunidades onde a oralidade é a forma de

transmissão do saber, narrar é essencial para sobreviver na vida em grupo: sem ela não se aprende sobre as formas de plantar e colher, não se ensina sobre doenças e remédios artesanais, não se alcançam as crenças que amparam muitas práticas solidárias do grupo. Graças aos narradores se perpetuam os terços, porque eles convenceram outros de sua importância para a vida espiritual e moral do grupo, não raro a partir de sua história de vida. Graças à sabedoria dos narradores, as tecedeiras aprenderam e ensinaram a tecelagem artesanal, as mulheres aprenderam ser parteiras, as medidas para a colheita, os sinais do tempo da chuva e da seca são interpretados pelos narradores. Todos os sinais da natureza se tornam evocadores de sentidos, porque há sempre alguém que já viveu ou conhece alguém que tenha vivido para ensinar-lhe algo: é assim que os macacos ensinam ao plantador de milho, que aves e outros animais anunciam a mudança de clima em vozes épicas dos narradores.

É impossível narrar acontecimentos solitariamente ou sem os ter vivido, pessoalmente ou pela experiência do outro. Assim, a narrativa sobrevive na vida em sociedade e tende a perdurar onde a forma de aprender seja a oralidade, mais forte ou tão forte quanto a escrita. É preciso, pois, saber algo que sirva a quem ouvir e que lhe ensine, indiretamente, sobre a sua vida, pois narrar é compartilhar experiências e sabedorias. Não raro senhores e senhoras perguntavam-nos se de fato não sabíamos sobre aquilo que nos contávamos ou, às vezes, indagam-nos sobre a valia que teriam as histórias que contavam e se o material gravado serviria a pessoas que sabem tanto do mundo da escrita e, portanto, saberiam tão diferentemente o que narravam.

A indagação e a quase timidez com que começavam suas narrativas revelam que os narradores questionavam intuitivamente se o que para eles é um saber e uma lógica de vida teria o mesmo estatuto para quem os ouvissem ou os lessem. No decorrer da gravação, levados pelas suas memórias, ficavam tomados de suas histórias e testavam a nossa atenção ao que enredavam sempre. Muitos deles perguntavam se não quereríamos saber sobre algum

detalhe ou se já não havíamos ouvido aquela história. É esta experiência de pessoa a pessoa, testada ou simplesmente desfiada demoradamente pelos narradores, a fonte de toda narrativa. Por esta razão, as práticas culturais que sustentam estas narrativas são ensinadas e repassadas, porquanto sem experiência a compartilhar não há o que narrar. Faculdade humana por excelência, a narrativa não se dá fora do âmbito da linguagem, tampouco se faz prescindindo das práticas de memória

Os narradores, sujeitos deste estudo, identificam-se como plantadores, roceiros, carreiros, vaqueiros, raizeiros porque são as memórias destas práticas que os regem. O que narram, o que ressentem ao buscar o passado vivo no presente está na instância das suas memórias como tecedeiras, plantadores de roçados, carreiros e candieiros, rezadores de terços em treições e rezas a santos devotos etc.

Estas práticas de cultura dos narradores sobrevivem com mais vigor porque ainda são memórias que se transmitem e, portanto, são práticas presentes, reforçadas pela coletividade de que eles participam. Outras práticas não resistem ao passar dos anos porque a memória delas está guardada apenas nos narradores, e não são aprendidas quando são trazidas à tona pelo recontar dos velhos e nem são mais praticadas por eles: estas práticas sobrevivem nos narradores porque eles as experienciaram, sobreviveram delas por décadas e, no presente, as vêem substituídas por outras que a organização social lhes impõe.

Tomemos como exemplo o plantio com as plantadeiras de um cano, prática que já inexistente entre os narradores. Todos a praticaram, rememoraram-na, mas é inviável no presente não porque as tenham esquecidas ou porque não plantem mais. Ao contrário, muitos deles ainda plantam manualmente, cantando grãos jogados em covas feitas com o canto da enxada; alguns deles ainda fazem roçados e abstém-se de tratores no preparo do solo. Mas as terras não são mais férteis com as dantes, por isso não podem se valer da plantadeira de um cano só, a chamada *perna de grilo* (ver foto 06 na II Parte). Esta ferramenta para o plantio é de cano

mais fino, daí *plantadeira perna de grilo*, porque o solo em que se planta com ela não carece de adubos e ela não precisa ter capacidade além da que comporte os grãos a serem plantados, diferentemente da plantadeira de cano mais grosso ou de dois canos, em que se colocam a semente e o adubo, um em cada cano (ou perna).

Quando se traz esta memória para a realidade da agricultura imposta pelas leis do mercado atual, nota-se quão distante ela se faz enquanto prática que tende a continuar em ação. Ela é realidade como memória, amparada pela lembrança dos que a usaram e a guardam ainda, mas dificilmente sobreviverá além da memória. Há demandas ambientais que impedem roçados de matas ciliares (as chamadas terras de vazante e/ou de cultura); há necessidades de mercado que empurram os praticantes da agricultura familiar de subsistência para as prateleiras dos supermercados em busca do arroz ou do feijão nas embalagens industriais; há os benefícios sociais como aposentadorias rurais que tornaram mais viável comprar alimentos do que plantá-los para subsistência; há, na região em estudo, a invasão das terras para plantio pela cultura da soja, do tomate, do alho e do milho. Realidades como esta impõem aos senhores e senhoras que encontrem outros meios para sobreviver.

Com a memória está o signo, o rastro do velho falar, o rastro do fazer *de primeiro*, mas provavelmente como prática para além da linguagem e da memória não poderá ser encontrada entre os narradores. Guardam, empoeirados, objetos de memória como a plantadeira perna de grilo, o tear abandonado, as cardas rotas, a roda de fiar dependurada, a roda do carro-de-boi, o nome dos bois e suas juntas, as benzeções e seus rituais etc. Guardam o universo lingüístico que entretece suas memórias e toda a sapiência que o cerca e o possibilita enquanto representação do homem no (e o) mundo.

Assim os narradores sobrevivem materialmente e espiritualmente e todo o seu uso lingüístico denota esta experiência de vida. Não se espera encontrar memória de descobertas científicas ou invenções tecnológicas nas narrativas. Nelas, há nomes de animais e plantas que

remetem à denominação anterior aos estudos de botânica de Lineu; denominações de solo e clima que não carecem de conhecimentos de geologia; práticas e instrumentos de plantio que antecedem às técnicas da agroindústria; há receitas de emplastos, garrafadas, benzeções; há rezas para curar males e fazer males; há histórias de assombrações e a lei, não raro, se fez por vingança, jagunçagem ou capangas; não há nomes de brinquedos e brincadeiras que remetam aos de hoje, mas há descrição de brincadeiras arranjadas na folga do serviço das crianças que as antecipam para as responsabilidades de adulto como brincar de vaqueiro, de cozinhadinha, de compadre e comadre etc.

Sobreviver, nestes termos, é alimentar-se, vestir-se, abrigar-se, curar-se, crer. A busca pelos alimentos pressupõe cultivá-los, colhê-los ou retirá-los de plantas e animais, conforme oferece a natureza. Abrigar-se compreende organizar um meio para a moradia, a proteção do sol, da chuva e do frio, vestir. Curar o corpo e a alma, não poucas vezes, se faz entre os narradores pela forma intermediária entre a medicina e a religião: as benzeções e as ervas em infusão representam a mediação dos “místicos da religião e os truques da magia aos conhecimentos da medicina popular” (OLIVEIRA, 1985, p. 25).

Este misto de urgência e necessidade para encontrar formas de continuar existindo, material e imaterialmente, está perpassado por práticas de memória que, por seu caráter narrativo, se assegura entre os sujeitos no grupo por ser fundamentalmente lingüística. O que se pretende fazer entender é que a memória e a narrativa são características humanas, mas também necessidades destes narradores, uma vez que a sabedoria e a experiência só se fariam repassar entre as gerações porque houve quem as guardou como bem de informação e, principalmente, como demanda para a continuação cultural e material do grupo. A memória nestes sujeitos, se faz, então, pelo cotidiano, pela ação diária e oral da experiência.

Estas ações para sobreviver não são isoladas e deslocadas da vida em sociedade em que são tecidas em cada ato, do mais ao menos consciente; antes, são “costuradas” pelas

ações intercomunicativas, pelos signos lingüísticos, organizados e repartidos socialmente. Isto é, quaisquer ações humanas dos narradores, desprovidas do que as torna ato feito no grupo, aprendidas e reelaboradas no grupo, não constituirão cultura. Estes expedientes de informar a cada geração, reinventando modos de sobreviver, adequando e descobrindo possibilidades que as relações sociais e com a natureza permitem estabelecer, são complexos e traduzem o modo como o homem se relaciona com as possibilidades e necessidades para a sobrevivência. É a cultura como luta para sobreviver física e socialmente, assumindo o caráter de “batalha ininterrupta de tênues desencontros e conflitos de toda ordem, lutando-se pelo monopólio da informação” (FERREIRA, 1994, p. 117).

Se para sobreviver é essencial a vida em sociedade, em grupos familiares ou comunidades como atestam os narradores, seja para aprender ou ensinar, não se prescinde nesta “batalha” inevitável e infinda da importância da memória. Não apenas da memória de quem aprende a tecer simplesmente porque viu a mãe, a tia ou avó tecerem; não apenas a memória dos que ajudaram a plantar e colher ou dos que guiaram juntas de bois em carreamento de mantimentos colhidos. Cada uma destas ações é tecida, antes, por linguagem: há falas e saberes entrecortando cada etapa da tecelagem; há signos, organizados e entendidos pelo grupo, que permitem ao candeeiro e ao carreiro entender a função de cada junta de bois; há ensinamentos que se fazem verbalmente a quem aprende quantos grãos se põem nas covas, a distância delas nas plantações de arroz ou de milho, os cuidados em cada fase do crescimento e colheita. É a necessidade do enraizamento (BOSI, 2003) exigindo práticas de memória.

Estes saberes tornam-se memória nas narrativas porque são traduzidos em linguagem, em signos lingüísticos. São estas memórias, reveladas nos signos cadenciados nas seqüências narrativas, que revelam os rastros dos velhos falares, os rastros da cultura que as tornam possíveis e que elas possibilitam.

Segundo Gagnebin (2001), a memória enquanto rememoração,

também significa uma atenção precisa ao presente, particularmente a estas estranhas ressurgências do passado no presente, pois não se trata somente de não se esquecer do passado, mas também de agir sobre o presente. A fidelidade ao passado, não sendo um fim em si, visa à transformação do presente (GAGNEBIN, 2001, p. 91).

Um modo eficiente, como já consideramos, de agir sobre o *continuum* passado e presente é a evocação mnemônica pela linguagem. Nas narrativas que se apresentam nesta pesquisa, textos essencialmente orais que se transpõem pela escrita, encontram-se os saberes inscritos nos discursos, nos contornos prosódicos, nas metáforas evocadas, no arranjo dos signos léxicos. Acreditamos que nestes e noutros aspectos lingüísticos estão sentidos variados; trataremos, porém, da realização léxica como lugar de manifestação de memória, narrativa e cultura porque, como já discutido em capítulo anterior, é no léxico que esta relação se mostra menos questionável.

Para abordar o que até então se apresentou como léxico e o tratamento que tentamos dar a ele no recorte lingüístico material deste estudo, carece que se ressalte o que entendemos por léxico. As questões que Biderman (2001, p. 97-213) suscita ao discutir *Os fundamentos da Lexicologia*³¹ podem se resumir ao quão difícil é descrever o léxico de uma língua, em função de seus critérios teóricos, suas possíveis unidades de estudo, suas abordagens metodológicas. Relevam-se, assim, questões tais como: qual a unidade priorizar em uma abordagem lexicológica, os lexemas, as lexias ou as expressões idiomáticas? Qual uso da língua servirá ao estudo: o vernáculo, o padrão, as variantes regionais, o registro escrito (qual tipo de texto e de época), o registro oral, o uso registrado nas obras lexicográficas?

³¹ Segunda parte da obra *Teoria Lingüística* em que a autora apresenta questões fundamentais à Lexicologia.

Qualquer que seja a opção a estas questões em um estudo lexical de uma língua parece resultar incompleta frente ao complexo que é o seu léxico. A prática científica, porém, exige que se façam escolhas teóricas e metodológicas que, nesse particular, já se efetivam incapazes de abarcar a diversidade cultural que representa o léxico de um determinado recorte lingüístico em estudo. Desta feita, não é demais ressaltar que as escolhas teóricas e metodológicas são necessárias e deverão cumprir os objetivos a que se propuser o estudo.

Nesta perspectiva, este estudo ampara-se na compreensão de que:

O Léxico de qualquer língua constitui um vasto universo de limites imprecisos e indefinidos. Abrange todo o universo conceptual dessa língua. Qualquer sistema léxico é a somatória de toda a experiência acumulada de uma sociedade e do acervo da sua cultura através das idades. Os membros dessa sociedade funcionam como sujeitos-agentes, no processo de perpetuação e reelaboração contínua do Léxico da sua língua (BIDERMAN, 2001, p. 179).

Como se vê, o léxico é o campo da vastidão conceitual da língua porquanto dá a configuração lingüística aos saberes acumulados dos que usam o sistema lingüístico. Para continuamente perpetuar-se e reelaborar-se no sistema, o léxico se estrutura na gramática da língua, o que quer dizer que para abarcar as experiências culturais que se servem do inventário lexical de uma dada língua há regras próprias de criação, redução ou alteração. É assim que léxico e gramática estruturam uma língua em sistema formal disponível ao uso nas práticas intercomunicativas.

Como variado é o uso e muitos são os falantes da língua é de supor-se quão variados são os contornos lexicais dados às experiências culturais, diversas pela sua natureza histórica. Assim, não daríamos término satisfatório em um possível intento de registrar todos os usos particulares que se manifestassem em cada narrativa e, especificando mais, em pequenos excertos de cada uma das que compõem o *corpus* desta pesquisa. É por esta razão

que optamos por inventariar, na II Parte, não as lexias, mas os lexemas ou, nos dizeres de Hallig e Wartburg (1963), os signos léxicos que comportassem o universo conceptual dos narradores.

Buscamos novamente em Biderman (2001, p. 167-172) a definição de *lexema* e *lexia*. Lexemas são formas léxicas abstratas, livres ou dependentes e variáveis porque se realizam, no plano do discurso, nas lexias, e não estão presas a outras. As lexias, por sua vez, são formas concretas que, na fala, realizam os lexemas, de modo simples ou complexo. Nesta perspectiva, os lexemas constituem o léxico, o “vasto universo de limites imprecisos e indefinidos”, “o universo conceptual” da língua a que se refere a autora (p.179) e as lexias compõem o vocabulário do recorte lingüístico em estudo (p. 170).

Assim, no sistema que inventariamos dos conceitos nas narrativas registramos os lexemas, uma vez que as lexias vão além do propósito de apresentar os conceitos com que recortam o seu mundo os narradores. Os narradores, os “sujeitos-agentes” que perpetuam e reelaboram o léxico do uso lingüístico com que recortam suas experiências, dão-lhe matizes peculiares porque particulares são os seus usos do vernáculo português em Catalão, porém, não exclusivo e único. São, sobretudo, falantes de português, situados na história e na geografia brasileira, inseridos na dinâmica sócio-cultural do município e de Goiás. Por isto, facilmente muitos de seus lexemas poderão ser recorrentes também em outros inventários lexicais de outras variantes do português, malgrado a configuração cultural que os ampara.

Ao tratar da lexicologia do dialeto caipira em obra pioneira e cuja ideologia expressa o momento em que foi escrita, Amaral (1976) toma o seu vocabulário como “bastante restrito, de acordo com a simplicidade de vida e de espírito, e portanto com as exíguas necessidades de expressão dos que o falam” (AMARAL, 1976, p. 55). O que o autor quer dizer é que o vocabulário, o uso concreto que se faz dos recursos léxicos das possibilidades conceituais da língua, denota o *modus vivendi* dos que o usam.

Tratamos os narradores como roceiros, ou na acepção trazida por Amaral, como caipiras, porque vivem ou viveram nas roças e delas tiram ou tiraram os meios de sua subsistência e porque, lingüisticamente, as suas experiências como roceiros perpassam o seu inventário lexical: os saberes, as memórias, os bens materiais e imateriais estão matizados pelo que experienciaram como moradores e sobreviventes das (e nas) roças. No entanto, não concebemos que seja restrito ou simples o uso lexical que empreenderam nas narrativas. Entendê-lo nesta ótica seria tomar suas experiências como demonstração da “simplicidade de vida e de espírito”. Ora, suas vidas e espíritos não são ou foram simples ou exíguos; pelo contrário, são a demonstração da complexidade de ações que empreenderam em épocas “sem recursos” quando se arranjavam entre si e graças ao saber sobre o mundo para se manterem vivos e se perpetuarem como cultura e memória. O seu uso lexical se dá no seio de suas experiências e, por isso, não poderia expressar outras formas de “experiência acumulada”. Assim, não apresentam qualquer signo referente a peças ou mecânica de automóveis porque não conviveram com eles como demonstram as narrativas, mas sabem nomes de juntas de bois, peças dos carros-de-boi, funções e exigências na lida com este meio de transporte e trabalho quase exclusivo na época, a saber, da primeira década até aproximadamente a década de oitenta do século passado³².

Particularmente ao *corpus* constituído nesta pesquisa, o inventário lexical dos caipiras ou roceiros que narram memórias, os recortes da História, não é restrito ou simples, assim como não é exagerado ou complexo: representa, tão somente, “todo o universo conceptual”, “a somatória de toda a experiência acumulada de uma sociedade e do acervo da sua cultura através das idades” que trazem consigo, conforme diz Biderman (2001, p. 179).

³² Esta marcação temporal justifica-se porque as narrativas contextualizam acontecimentos desta época, seja como memórias de pais dos narradores ou de outros com quem conviveram e porque, ainda que muitas destas atividades estejam ativas na região estudada, acredita-se que a partir dos anos oitenta nova configuração cultural e econômica se insinua mais fortemente.

Reiteramos, por isto, nossa intenção ao tratar da cultura e da memória impressas nos velhos falares dos narradores.

Recortamos até aqui leituras teóricas para compreender como se relacionam a cultura e o uso lingüístico dos senhores e senhoras que narram porque entendemos que é tarefa fadada ao insucesso dissociá-las em um estudo sobre léxico e cultura no uso vernacular em questão. Sabemos, também, que é uma tarefa intérmina dar conta de todos os contornos lexicais dos signos que inventariamos na classificação conceitual na II Parte, motivo pelo qual trataremos de alguns entre os tantos que se apresentam.

II PARTE – ANÁLISE DO *CORPUS*

A segunda parte desta pesquisa se destina a apresentar alguns recortes de análise lexical feita a partir das narrativas selecionadas e que constam na III Parte do estudo. As considerações teóricas sobre os procedimentos para composição do *corpus* e sua natureza, os narradores e seu *ethos*, as memórias e as narrativas que sustentam o inventário lexical de que nos servimos encontrarão, nesta parte, uma análise, dentre as muitas que seriam possíveis, centrada na relação entre o que temos chamado até então de inter-relações culturais e a sua realização lingüística, especificamente nos seus usos lexicais.

Buscamos no Sistema de Conceitos, desenvolvido por Hallig e Wartburg (1963), o referencial de análise e classificação destes usos. Seu estudo, baseado na relação do homem com o mundo, é aplicado nestas análises, especialmente nos signos que acreditamos recortar de modo bastante singular a relação cultura, memória e narrativa dos narradores sujeitos nesta pesquisa.

A classificação dos conceitos receberá, ainda, considerações relacionadas aos saberes que expressam e à elaboração das narrativas. Para alguns signos lexicais, apresentaremos imagens fotográficas com o fim de explicitar os conceitos. Na medida em que os conceitos são dados, excertos narrativos os contextualizarão e evidenciarão como foram elaborados pelos narradores. Trazer à análise fragmentos das narrativas e imagens justifica-se pela intenção de demonstrar o signo em uso pleno e inequívoco.

I O Sistema Racional de Conceitos de Hallig e Wartburg (1963)

A segunda edição do *Begriffssystem als Grundlage für die Lexikographie*, de Rudolf Hallig e Walter Von Wartburg (1963), corrige a edição de 1952 e a ela acrescenta considerações em resposta às críticas diversas que receberam os autores ao Sistema Racional de Conceitos (SRC). Para as análises que empreendemos aqui, servimo-nos da segunda edição desta obra, que propõe servir de base à lexicografia.

Na segunda edição, os autores respondem a críticas que receberam, tais como: se um dicionário deve ser ordenado alfabeticamente ou não; se o conceito deve servir de base a um sistema de classificação; como se dá a classificação dos signos e como escolhê-los para fazerem parte nesta classificação e qual o valor universal e as possibilidades de emprego do Sistema de Conceitos e sua utilidade.

Os autores defendem que se abandone a ordem alfabética em proveito de uma classificação que se baseie nas idéias expressas pelas palavras (p. 31). Neste sentido, uma organização lexicográfica de uma língua, segundo os autores, seria mais pertinente se fundada no seu caráter onomasiológico. Os signos se organizam em uma língua pela relação conceitual que estabelecem entre si e servem à comunicação e expressão do mundo exterior e do mundo criado pelas relações do homem enquanto ser social e espiritual, graças à linguagem.

Nesta perspectiva, uma organização lexicográfica fundada na ordem alfabética não considera este princípio básico de uma língua e, por isso, não permitiria a visão de mundo expressa pela língua, tampouco o sistema da língua que descreve. Deste modo, justificar-se-ia o sistema racional de conceitos. A possibilidade de realizar uma classificação do léxico de uma língua a partir dos conceitos, para os autores, reflete as tentativas das línguas como entendimento do mundo.

As línguas, como tentativas do espírito humano de entender o mundo, oferecem realizações e atualizações lexicais particulares, as quais deverão ser a base do que propõem Hallig e Wartburg como Sistema Racional de Conceitos. Estas realizações, centradas no modo particular de cada língua como bem cultural e social, se organizam conceitualmente porque se estruturam conforme os signos que expressam o mundo físico (o universo), as relações do homem com este mundo e as relações do homem enquanto ser social.

Os autores dizem que “o ‘mundo’ (no sentido amplo) não é um caos, mas qualquer coisa de ordenado, e que o homem pode – isto é verdade – realizar esta ordem³³” (1963, p. 32). Assim, se há uma ordem no mundo e as línguas expressam o modo como apreendemos o universo que nos rodeia e as relações que entretecemos nele, é possível, então, estabelecer como o léxico que o representa se organiza, sem que o fundamento conceitual se configure como um caos. Esta perspectiva toma as palavras como “signos de conceitos” (p. 32).

O sistema de conceitos deverá apresentar a característica extra-lexical das palavras, o conceito que, para os autores, tem a vantagem de poder de ser constante e ser apreendido pelo intelecto. O modelo que propõem deverá servir de base para o vocabulário de qualquer língua ou dialeto, em qualquer época porque lida com conceitos comuns. Afastam, pois, os conceitos científicos por acreditarem que não ocupam “todo o campo do diálogo entre o homem e o mundo³⁴” (p. 34) e porque a ciência criaria “as divisões, as separações, as ligações que a língua corrente ignora³⁵” (p. 34).

O que os autores chamam de conceitos comuns diz respeito a uma maneira, anterior à ciência, de ver o mundo, a um procedimento de organização segundo uma lógica não ditada pela ciência, mas pelas relações do homem com o conceito que um signo suporta.

³³ Confira-se a passagem: “le ‘monde’ (au sens le plus large) n’est pas un chaos, mais quelque chose d’ordonné, et que l’homme peut – il est vrai – réaliser cet ordre” (HALLIG e WARTBURG, 1963, p. 32).

³⁴ Confira-se a passagem: “tout le champ du dialogue entre l’homme et le monde” (HALLIG e WARTBURG, 1963, p. 34).

³⁵ Confira-se a passagem: “des divisions, des séparations, des liaisons que la langue courante ignore” (HALLIG e WARTBURG, 1963, p. 34).

Pensemos as diversas explicações, denominações e organização conceitual que os narradores apresentam quando se reportam a elementos da natureza em relação direta com suas vidas e doenças. Todos eles conhecem igualmente certas plantas porque fazem parte de uma lógica pré-científica de pensar o mundo e, por isso, as denominam conforme a necessidade que lhes atribuem na vida diária em sua comunidade, como a planta *quebra-pedra*, cujas propriedades medicinais são indicadas ao tratamento renal. Certamente nenhum dos narradores sabe o nome científico desta planta e nem precisa saber porque a lógica que rege suas vidas é a do uso imediato ou da não necessidade de uso desta planta conforme demandam suas saúdes.

Queremos dizer que organizar o léxico de uma língua pelos conceitos conferidos aos usos parece mais pertinente porque é nesta esfera, a do uso cotidiano e comum da língua, que se estabelece o léxico correntemente absorvido pelas relações do homem com os seus semelhantes e destes com a natureza, independentemente dos avanços da ciência. Ressalta-se, ainda, que muitos saberes científicos provieram destes saberes empíricos, destas formas lógicas de organizar o mundo e, especialmente, de organizar a língua que o significa.

A classificação dos conceitos, então, solicita uma maneira pré-científica e empírica de ver, organizar o mundo e se relacionar com ele. O que os autores chamam de homem natural está fundado neste princípio e no que chamam de “maneira estritamente lógica” (p. 36) de se proceder ao sistema de conceitos. Inicialmente, é importante entender que a noção de sistema adotada pelos autores do Sistema Racional de Conceitos concebe que, embora tripartido e subdividido ainda mais, o conjunto organizado não significa isolamento dos conceitos apreendidos no estudo da língua. Ao contrário, é a demonstração de que um conceito advém do outro e se relaciona imediatamente com ele e com o que dele derivar.

Por isto, o estudo do vocabulário de uma língua conforme propõe o sistema trazido pelos autores deve ser o mais geral possível sem perder de vista as particularidades da língua estudada. Quer dizer, mesmo que parta de conceitos gerais, o sistema de conceitos de uma

dada língua deverá apreender suas particularidades, as quais manifestam as relações empreendidas pelos homens com o mundo natural e as suas relações sociais.

O sistema de conceitos está dividido em três partes, sob a lógica de que uma resulta da outra, “segundo a lógica própria da vida” (p. 36). Além do que já referimos anteriormente de que a lógica que rege o conceito é a do uso da língua pela comunidade falante, por “lógica própria da vida” também devem ser entendidos os diversos domínios do pensamento, o que justifica a divisão tripartite do Sistema Racional de Conceitos e suas subdivisões.

Certamente na conversação diária, a comunidade falante pode tornar mais ou menos fluidos certos conceitos, especialmente aqueles que dizem respeito à relação do homem com o universo e do homem com seus semelhantes. Parece-nos facilmente justificável esta fluidez, uma vez que o conceito universal referente a *céu* é o mesmo em qualquer língua, porém o valor espiritual dado ao *céu* como o éden pós-morte ou como apenas o que se encontra acima da terra depende das concepções religiosas que uma língua pode suportar na organização de seu léxico e no modo como a usam seus falantes.

Assim é que para os narradores de nossa pesquisa, os bois *falam e entendem* porque *têm ciência* que exige, como contraparte nesta relação do homem com a natureza, muita paciência e sabedoria de quem lhes *ensina* a prática de boi de carro. Salienta-se que entre o boi que se destina ao carro e o carreiro que o amansa para a tarefa de puxar o carro-de-boi, cria-se, segundo os narradores, uma espécie de lealdade. Porém, para falantes do português que desconhecem esta prática cultural e forma de trabalho elas podem parecer absurdas porque o modo como recortam o mundo e se relacionam com ele não acolhe estas experiências ainda encontradas no interior do Brasil, a saber, a prática de carros-de-boi. *Bois que falam, bois que têm ciência* seriam, pois, conceitos fluidos porque estão ancorados na relação do homem com o universo. Porém, o signo *boi* como animal simplesmente traz um

conceito mais fixo e geral na língua porque, ao contrário, não está marcado por estas práticas referidas.

É sob esta percepção que Hallig e Wartburg contestam os que dizem que o seu sistema de conceitos teria um uso limitado. Caberá, pois, ao estudioso de uma língua em questão cavar nas nuances particulares da língua o que o conduz a conceitos mais gerais e o que o conduz a conceitos mais específicos (p. 99). Fica evidente, assim, que um estudo nesta perspectiva exigirá que se adentrem ao máximo possível os limites da cultura e da organização social dos falantes da língua ou do dialeto e da época em estudo.

Dar conta das universalidades conceituais levará à certeza de que se trata de uma língua que se sustenta como todas, supostamente, na relação do homem com o universo e, nas particularidades, ao entendimento de como são tecidas as relações humanas com o universo enquanto relações estabelecidas social e culturalmente. É sob esta ótica que basearemos nosso estudo no sistema de conceitos de Hallig e Wartburg (1963), a saber, particularizando os conceitos que os narradores apresentam no inventário lexical em suas narrativas e relacionando-os ao sistema maior e universal de conceitos na língua que expressam, sobretudo a visão do mundo e como ele se organiza.

1. 1 Sistema Racional de Conceitos: a divisão tripartite

Sob a defesa de que não classificam as palavras, mas os signos lexicais que representam os conceitos (p. 96), Hallig e Wartburg apresentam a divisão tripartite que acreditam poder servir a qualquer sistema lingüístico uma vez que aponta conceitos os quais podem ser reconhecidos universalmente por todas as línguas. Caberá, a cada estudo particular, reconhecer neste sistema racional de conceitos o que servirá à análise que propõe realizar. A divisão em três partes, como assinalamos anteriormente, não supõe uma visão dos conceitos

em partes isoladas; antes, se sustenta na inter-relação entre elas de modo que uma derive da outra e que todas sustentem uma maneira de conceber o mundo e de representá-la lingüisticamente. Seguem, sumariamente, as divisões e subdivisões apresentadas pelos autores para que, depois, possamos delas aproveitar o que utilizaremos para nossa análise.

A primeira divisão conceitual, **O Universo**, demonstra que os autores partem do universal para as especificidades de representação dos signos na língua. Subdividem-na em quatro capítulos, a saber: *I - O céu e a atmosfera; II - A terra; III - As plantas e IV - Os animais*. Nas palavras dos autores, “os fatos e as atividades da natureza formam a matéria da primeira parte de nosso sistema: A- O Universo. Sob esta rubrica estão ordenados os conceitos que se relacionam aos objetos da natureza orgânica e inorgânica³⁶” (p. 89).

Dar ao universo o primeiro lugar na divisão significa uma tomada de posição dos autores para quem este mundo natural independe do homem: o universo era e permanecerá conceitualmente como tal antes e depois da existência e do contato humano com ele.

Na segunda parte do sistema, **O Homem**, concede-se “ao homem consciência de si-mesmo, com todas suas disposições, seus pensamentos, seus sentimentos, sua vontade, seu trabalho e seu poder criador³⁷” (p. 89). Esta parte também se subdivide em quatro capítulos, a saber, *I – O homem, ser físico; II – A alma e o intelecto; III – O homem, ser social e IV – A organização social*. Aqui, encontram-se os objetos da cultura material, isto é, aqueles criados pelo homem e que se relacionam diretamente com ele.

O capítulo I traz conceitos que se referem ao homem como um ser que tem um corpo, com forma, funções, comportamento natural e ciclo biológico. Aborda, ainda, a vida, a morte, a reprodução, os incômodos advindos das doenças e o que é necessário para manter-se vivo.

³⁶ Confira-se a passagem: “Les faits et les activités de la nature forment la matière de la première partie de notre système : A. L’Univers. Sous cette rubrique sont ordonnés les concepts qui se rapportent aux objets de la nature inorganique et organique” (HALLIG e WARTBURG, 1963, p. 89).

³⁷ Confira-se a passagem: “à l’homme conscient de lui-même, avec toutes ses dispositions, ses pensées, ses sentiments, sa volonté, son travail et son pouvoir créateur” (HALLIG e WARTBURG, 1963, p. 89).

O capítulo II apresenta conceitos que tomam o homem como dotado de alma e de inteligência. Neste aspecto, é particularmente difícil delimitar com precisão os conceitos porque abarcam subjetividades que devem, prioritariamente, se estabelecer porque o homem tem alma e inteligência. Sabe-se que as sensações, a consciência, a memória, a imaginação, os sentimentos, a vontade, a moral, dentre outros conceitos relativos a este capítulo, se dão no homem não apenas porque ele é dotado de alma e intelecto, mas principalmente porque estabelece uma vida em sociedade que lhe permita desenvolver estas características.

Não cremos que sejam conceitos que se relacionam ao homem, isolado nestas características apenas, mas porque dotado delas e em convívio social produz determinadas memórias e não outras, tem determinada moral e não outra, apresenta esta vontade e não aquela. Assim, parece-nos que neste capítulo, particularmente, embora se considerem estes conceitos no homem com ser dotado de alma e de intelecto, não podemos perder de vista a dimensão social que ampara muitos deles, conforme já dissemos, a memória, a moral, a vontade etc.

No capítulo III, os fatos sociais são classificados de modo geral, isto é, todas as relações ordinárias que decorrem do fato de o homem viver dentro de uma dada comunidade, como a língua, as relações de trabalho, as atividades práticas, atividades artesanais, as ferramentas que antecedem à indústria moderna.

O capítulo IV trata de tudo que se relaciona ao domínio social, as organizações criadas pelos homens e das quais não se pode prescindir na vida social. As artes, porque são criadas pelo homem com ser social e dadas ao conhecimento pela vida em sociedade, juntamente com as relações do homem com as forças sobrenaturais e as instituições que as representam, também têm lugar neste capítulo.

A terceira parte, **O Homem e o universo**, é reservada à apresentação dos conceitos que estabelecem o homem em sua relação com o universo. Subdividida em dois capítulos,

trata em *I - A priori* de como os objetos e a sua conexão se relacionam com o homem como ser inteligente. Os conceitos, neste capítulo, procuram entender como o homem apreende o universo que o circunscribe, distinguindo nos objetos o estado, a matéria, a quantidade, as qualidades, a ordem e a desordem, o valor.

O segundo capítulo, intitulado *A ciência e a técnica*, é reservado aos conceitos concernentes à ciência e à técnica e à ciência e indústria que se fazem sobre a técnica de outras ciências como a farmacêutica.

O que se nota nos conceitos apresentados no sistema de Hallig e Wartburg é que cada parte que sucede à outra ou cada subdivisão demonstra, conforme as relações em um sistema, como os conceitos que foram apresentados em partes se interdependem e nos são apresentados enquanto conhecimento gradativamente, segundo nosso contato com o mundo. Assim, depreende-se que o universo antecede a toda e qualquer forma de relação humana, o homem como ser físico e social se caracteriza isoladamente para, depois, serem dadas as suas relações com o universo. Para o estudo do léxico de uma língua, então, evidencia-se que primeiramente deve-se entender como ela recorta o mundo físico, depois como ela significa o homem e, por fim, como conceitua as relações do homem com o mundo.

Para os autores, na classificação dos signos lexicais para os conceitos contar-se-á sempre com o conhecimento de língua do estudioso que guiará o que melhor simboliza o conceito em questão (p. 96). Estes conceitos e outros mais que apresentam “são os dados imediatos da consciência e as noções às quais a experiência, a consciência do que é pensamento concreto nos têm conduzido” (HALLIG e WARTBURG, 1963, p. 95)³⁸.

Insistimos que nossa análise, então, não obedecerá a uma ordem alfabética nem cuidará em dar o significado de cada palavra. Segundo o sistema de conceitos que embasará esta parte da pesquisa, importa mais saber que signos lexicais nos conduzem a um conceito

³⁸ Confira-se a passagem: “sont les données immédiates de la conscience et les notions auxquelles l’expérience, la conscience de ce qui est la pensée concrète nous ont conduits ” (HALLIG e WARTBURG, 1963, p. 95).

apreendido racionalmente na organização sob a qual se apresenta o vernáculo catalano, realizado nas narrativas selecionadas.

Sob esta perspectiva, a consciência de língua do estudioso o guiará ao signo que melhor simboliza o conceito que se quer registrar. Por isto, os autores do Sistema insistem que uma classe de palavras não tem prioridade sobre outra: verbos e substantivos se dispõem sem a preferência de uma classe sobre a outra, porquanto a ordem que dita a sua classificação é a da associação lógica dos conceitos, como se vê, por exemplo, os signos *toilette* e *les objets de toilette* (substantivos) seguidos de *laver, se laver* (verbos) (HALLIG e WARTBURG, 1963, p. 146)³⁹ porque estes signos nos remetem a conceitos que se associam na lógica de nosso saber sobre o mundo.

A classificação, então, dispõe os substantivos para conceitos que designam objetos e os verbos para ações. Apenas os substantivos no plural recebem artigo. Signos que podem dar dúvida quanto ao seu sentido são acompanhados da designação gramatical. Um signo derivado não estará ao lado de um simples porque etimologicamente se ligam: se se referem a conceitos diferentes são separados no inventário, mas se marcam apenas uma nuance ou uma idéia contrária, não serão citados, como *atar* e *desatar*, em que apenas *atar* será inventariado. Se um signo for polissêmico, escolhe-se um de seus sentidos para registrar.

Adjetivos têm lugar no sistema se forem especificadores de substantivos como ocorre com *notion*, subespecificado em *claire, precise, vague, confuse* (p. 148) e *idée subite* e *idée fixe* (p. 148) ou se servirem a significar estados, qualidades. Signos que podem funcionar como substantivos ou adjetivos como *infidèle* (p. 166) não são identificados como adjetivos, porque o sistema os registra na forma substantiva que, certamente, é um uso corrente na língua. Em contraparte, signos como *critique* (p.164) são seguidos da sua informação gramatical de substantivo (s) feminino (f) e da remissão ao sentido em que estão sendo usados

³⁹ Os autores elencam o sistema de conceitos do francês que, conforme suas considerações anteriores, pode ser ampliado ou reduzido mais, a depender do período de interesse de estudo do pesquisador. Os signos apresentados neste sistema do francês (ver p. 112 a 229) compõem um modelo para classificação.

em outra parte na classificação, a saber, o homem enquanto ser físico, no conceito alma e intelecto, pensamento, julgamento e conclusão (ver, na classificação de Hallig e Wartburg, Parte B, seção II, item f, p. 149). O que isto significa, tecnicamente, no sistema é que, embora o falante provavelmente tenda a usar o signo como adjetivo, neste caso ele está prioritariamente registrado como substantivo, referendado pela remissão que a classificação faz ao conceito que se deseja entender.

Expressões figuradas ou locuções, bem como expressões que aparecem dentro de locuções não têm lugar em um sistema de conceitos (p. 97). Os signos com função de relacionar signos gramaticais também não participam do sistema; assim, negações, preposições e conjunções constam apenas em construções como *donner suite à* (p. 159) ou *du chien et du chat* (p. 176).

O critério adotado por Hallig e Wartburg para não incluírem estas classes no sistema remete-nos ao funcionamento morfológico do que Câmara Jr. (1998, p. 36-7) chama de formas dependentes, aquelas que só fazem sentido na língua se tomadas em um contexto. Elas têm a função de relacionar os signos lexicais no ato comunicativo ou, no dizer de Câmara Jr., só funcionam ao lado das formas livres porque não podem “funcionar isoladamente como comunicação suficiente” (1998, p. 37).

Igualmente, as formas presas também não figuram no Sistema Racional de Conceitos, porque, semelhantemente às dependentes, não encerram um conceito em si, apenas auxiliam na formação de outros signos. Ressalta-se que Hallig e Wartburg chamam de signos lexicais não os morfemas lexicais, mas as chamadas por Câmara Jr. de formas livres que, isoladas, têm entendimento suficiente no sistema lingüístico.

O critério dos autores do Sistema Racional de Conceitos aponta que sua classificação não se baseia na gramática *per se*, mas na comunicação, possível graças à gramática e ao léxico, porque associa os sentidos comumente conhecidos na língua a

conceitos de mundo, a saberes que os signos encerram e a que se reportam os falantes no uso que fazem cotidianamente da língua. Insistem os autores do referido sistema que “Toda classificação deste gênero é subjetiva e condicionada por inúmeros fatores que têm determinado a representação que se faz seu autor do mundo e da vida” (p. 99)⁴⁰. Isto quer dizer que, mesmo amparado pela gramática⁴¹ da língua e graças a ela, o sistema não se baseia em critérios gramaticais *per si*, mas na compreensão que permitem os signos lexicais nas representações do homem como o mundo.

1. 2 Por um sistema racional de conceitos nas narrativas

A intenção de adotar este sistema aos procedimentos de levantamento de dados e sua análise a partir das narrativas decorre, especialmente, de um levantamento prévio do que julgamos ser a organização dos saberes que elas encerram. Organizamos, inicialmente, uma classificação geral que abarcou a nossa percepção imediata de como os sujeitos da pesquisa compreendem e organizam logicamente suas vidas. Metodologicamente, o sistema (SRC) permitiu-nos organizar conceitualmente o que nos parecia tão disperso e, dialeticamente, tão associado e inseparável à medida que adentrávamos nos velhos saberes que se manifestam nas falas dos narradores. É desta perspectiva que apresentamos a classificação dos conceitos que inventariamos nas narrativas.

Cumpramos ressaltar que este sistema esboça apenas as muitas possibilidades conceptuais trazidas nas narrativas, não podendo recobri-las totalmente.

⁴⁰ Confira-se a passagem: “Tout classement de ce genre est subjectif et conditionné par les nombreux facteurs qui ont déterminé la représentation que se fait son auteur du monde et de la vie” (HALLIG e WARTBURG, 1963, p. 99).

⁴¹ Referimo-nos aqui a *gramática* como as regras internas de estruturação de uma língua, das suas unidades menores às maiores. Nesta acepção, é esta estruturação gramatical que permite que unidades menores formem signos lexicais e estabeleçam comunicação. Sem a organização e o funcionamento interno da língua não seria possível, pois, pensar em seus signos lexicais.

A – O UNIVERSO**I - Céu e atmosfera**

Chover

Invernar

Sol quente

Chuva

Sol

Chão

O tempo

Veranico

Secar muito

Dia frio

Invernar

Poeira

Tempo da chuva

da seca

do sol

frio

Calor

Geadas

Gelo

Gelado

Mudança no tempo

Estiar

Estiada

Seca (brava)

II – A terra

Terra fraca

seca

molhada

de cultura

Terreno espraguejado

seco

Capim formado

Serra

Gramma

Capão

vazante

III – Plantas

a – plantas

Para alimentação

Gabiroba

Bacupari

Pacari

Ananás

Araticum

Goiaba

Pequi

Fruta

Araçá

Guapeva

Marmelada

De poder medicinal

Algodãozinho do campo

Lobeira

Sabugueiro

Marcela

Utralzim

Alho de São Paulo

Erva-terrestre

Velame

Funcho

Quina

Barbatimão

Fedegoso

Pau terra

Pau santo

Pacari

Arruda

Guiné

Catuaba

Algodãozinho

Pára-tudo

Mamacadela

Erva de lagarto (erva-lagarta)

Veludo branco

Arnica

Erva-de-santa-maria

Raiz

Pé-de-perdiz

General

Hortelã

Broto de mamão

Boldo

Chapéu de couro (do mato/do campo)

Favaquinha

Erva-cidreira

Assa-peixe

Capitão do campo

(Óleo) de mamona

Carmelana

Jalapa

Catuaba

Pingo de amor

Cajuzinho do campo

Alcaçuz

Vassourinha

Cabo verde

Quina

Quitoco

Congonha de bugre

Abóbora d'anta

Giuné

Bálsamo

b- plantações

Arroz

Dez a quinze caroços na cova

Perfiar

Pé de arroz

Touça

Cacho

Nascer

Chuva atrasada

Espraguejar

Limpar

Limpa

Colher

Arroz três meses

Arroz quatro meses

Borrachinha

Cacho branco

Embranquejar

Emborrachar

Engrossar a cana

Caninha grossa

Granar

Chocho

Dar o leite

Perder a planta

Cachear

Chocheiar

Amarelar

Cheiro de arroz

Cortar

Bater manual

Bandeira

Banca

Rama

Feixe

Jirau

Arroz duro

Pancada

Ensacar

Empilhar

De sapé

Formiga

Espantalho

Tuia

Milho

Empendoar

Espiga granadinha

feita

Espigar

Pendão

Bonequinha

Faquinha

Quebrar [para comer]

Amarelar

Palha

Endurecer

Colher

Colhedeira

Manual

Desocupar o terreno

Secar

Murchar

Mofar

Apodrecer

Sabugo

Debulhar

Esmoer

Palhada

Paiolino

Jacá

Medida exata

Milho verde
duro
grande
miúdo

Carro (de milho)

Mandioca

Abóbora

Quiabo

Plantio de roça

Plantar

Planta

Cará

Batata

Batata doce

Hortinha da porta

Cebola de cabeça

Feijão

Roxo

De corda

Terreiro

Chão

Cuia

Arrancar com a mão

Bandeira

Colhedeira

Bater vara

Pano

Esparramar

Morguear

Palha

Palha grossa

Munha

Pilungue

Adubo

Remédio de planta

Veneno

Cortar planta

Adubo

Laranja

Manga

Banana

IV - Animais

Criação

Boi

Vaca

Bezerro

Chifre

Boi de carro

Cobra

casavel

cobra do alto

chocalho

uns nozinhos

tinido

bote

cabeça chata

jararaca

jaracuçu

cobra d'água

coral

cascabulho

achatadeira

cor de terra

caninana

cobra mole

dar um limpa

mamar como bezerro

jibóia

Atrair [a presa]

Boca

Chorar

Ofender

Ofensa

Mordida

Veneno

Veado

Paca

Bicho

Do mato

Pegador de galinha

Manso

Penoso

Bandeira

Gambá

Jaguarica

Onça

Gato

Gato do mato

Tatu

teba

galinha

veado

bola

canastra

Porco

Cuiudo

Castrado

Capado

Catitu

Leitoa

Marrão

Chiqueiro

Passarinho

Iambu

Juriti

Codorna

Jaó

Pavão

Pescador

Pomba do bando

Rolinha

Capivara

Gado

Galinha

Pena

Pintinho

Vivente

Cachorro

Formiga

Cupim

Pássaro-preto

Perdiz

Codorna

Pato de casa

Pato de rio

Rato

Inseto

Varejeira

Peixe

Pescar

Cachorro

Cachorradinha

Cavalo

Bilro

Estragador de roça

Gralha

Guacho

Galho de pau

Ninho comprido

Cantar bonito

Encruzar

Córrego

Água

Pavão

Peito roxo

Pés feios

Pés brancos

Gemido

Arara

Às manadas

Beira de ribeirão

Mudança de tempo

Gritado

Asas

Pintas

Folhas vermelhas

Cabeça

Jandaia

Periquito

Pé de buriti

Baguaçu

Buritizal

Guariba

Bicho de cabelo

Bicho feio

Cachorro macho

Fêmea

Feder

Catinga ruim

Subir em paus

Gritar

Dependurar

Balançar

Laçar

Rabo

Uivar

Jaburu

Sentar

Cansar

Alimento

Lambari

Voar

Viaja

Enfileirar

Bando

Galo

Terreiro

Pescoção comprido

Ema

Bicho do campo

Os quartos

Carne

B – O HOMEM

I – O homem, ser físico

A – sexo

Homem

Mulher

Menina mulher

Rapaz

Menino homem

B - Raça

Negro

C – corpos e membros

Costas

Carne

Perna

Barriga da perna

Canela

Barriga

Joelho

Ouvido

Corpo

Pé

Mão

Dedo

Braço

Coluna

Cabeça

Costelas

Pernas

Umbigo

Útero

D - Órgãos e suas funções

Coração

Boca

Pulmões

Engolir

Escarrar

As vistas

Enxergar

Sangue

Coagular

Fígado

Nervos

Olho

Rins

Xixi

Bexiga

Intestino

E- Órgãos da fala

Boca

Garganta

F – Os sentidos e suas atividades

Cheirar

Feder

Olhar

Trem mole

G – Movimentos e posições

Ter força e disposição

Sentar

Levantar

Cair

Tombar

Pisar

H – Sono

Dormir

Posar

Cansar

Cama

Soneira

Coberta

Colchão

I – Saúde e doença

a - doenças

Doença

Doença custosa

Alguma doencinha

Aquela doença

Outras mortes

Constipação

Derrame

Cólica

Ferida

(Comida) remosa

Infeção

Nó na tripa

Deixar

Incômodo

Paralisar

Azangar-se

Acabar

Não ter jeito

Hospital

Internar

Lombriga

Doutor

Pneumonia

Ficar doente

Falecer

Saúde

Hidropisia

Opilação

Inchar

Morrer

Verme

Comer terra

Comer carvão

Comer torrão velho de barro

Adoecer

Transmitir-se o verme pela carne

Desconsolo

Descrença

Ficar amarelo

Ficar descorçoado

Ficar desanimado

Dor nas pernas

Dor de cabeça

Dor de barriga

Dor nas escadeiras/coluna/costas

Soneira

Desânimo

Curar

Não andar

Pressão alta

Problema de coração

Tratar

Hemorróidas

Internar-se

Coração fraco

Sem força

Canseira

Chagas

Câncer

Sofrer

Incômodo

Pelejar

Paralisar

Acabar

Melhorar

Sarar

Veneno

Tratar

Desanda

Reumatismo

Perder as vistas

Cair em

Tuberculose

Coqueluche

Sarampo

Catapora

Cachumba

Apendicite

Barbeiro

Tosse

Inchar-se

Batedeira

Tontura

Zonzura

Machucado

Cuidado

Inflamar

Gripe

Andar sadio

Vomitar [sangue]

Dor

Tumor

Caroço

Vir a furo

Fístula

Recair

Furar

Ferpa

b – remédios

Mercúrio

Fedegoso

Raiz

Raizeiro

Garrafada

Manteiga de capivara

de cobra

Ferriginoso

Colostomina

Remédio

de horta

amargoso

santo [remédio]

Tempero [do remédio]

Planta

Cortar doença

Fortificante

Tomar

Jiló verde

Folha de guiné

Fumo

Banha

Azeite doce

Soro

Vacina

J – Vida humana em geral:

a - idades da vida

Molecada

Rapazinho

Moleque

Abaixo de

Acima de

Depois de

Novo

Rapaziada

Acabar de criar menino

Grandão

Rapazão

Idade

Idade avançada

Turma [de]menino

Velho

Gente velha

Idade completa

Dez anos mais ou menos

Os mais novos

Mais velho

O menor

O maior

Estar grande

Anos

Menininha

Mocinha

Estar na companhia do pai

Criança

Infância

b – nascimento

(Mulher) grávida

Parto

Ganhar filhos

Companheira (ajudante) no parto

Parteira

Palavrear [a parteira]

Sentir mal

Neném

Aniversário

Parabéns

Completar anos

c – morte

Ser falecido

Morrer natural

Ir embora

Acabar

Morrer

Falecer

Virar

Descambar

Sofrer

Cuidar

Beber veneno

Sentir mal

Sepultar

Parecer dormir

Ficar sozinho

Viúva

Amontoar-se

Cair

Matar

Porrete

Suicidar-se

Beber veneno

Deus chamar

Hora de morrer

Vivo

Morto

Tumba

Caixão

Casa de velório

Velar

K – necessidade do ser humano

a- alimentação

Cozinhar

Almoçar

Almoço

Arroz doce

Comida

[Bulada de] Leite adoçado

Merenda

Biscoito

Tirijum

Janta

Jantar

Matar criação

Comer

Carne

de porco

matar

arrumar

retalhar

faca

salgar

secar ao sol

arame

cerca de madeira

sal

de frango/galinha

de vaca/gado

arrumar

salgar

sol

fritar

de tatu

de veado

de capivara

de teiú

de queixada

de bandeira

de paca

cabelo

ferver

água

molhar

limpar

Alimentar

Alimento

Leite

Planta

Pepino

Abóbora

Geladeira

Armazém

Peixe

Córrego

Ribeirãozinho

Anzol

Ganchada

Gancho de pau

Enganchar

Facão

Faca

Iambu

Assar

Fritar

Fruta

Araticum

Melancia

Jabuticaba

Guapeva

Semente

Leite

Amadurecer

Quintal

Casca

Descascar

Favão

Bacia de comida

Prato

Pia de prato

Fogão de lenha

Fome

Toucinho

Manteiga pronta

Almôndegas

Leite

Couve

Verdura

Farinha

Fubá

Cuscuz

Canjica

b - vida sexual

ser adiantado

c – vestimentas e higiene

Ficar com as roupinhas

Tomar banho

Agasalho

Gandola

Camisona

Corte de tecido

Pano de calça

Arrumar a casa

Assear

Limpeza

Descalço

Calçar

Botina

Chinelo

Calças

Alpergatas (precata)

Vestido

Flanela

Fralda

d- moradia e acomodação

Pousar (posar)

Colchão

Lençol

Coberta

Pouso (poso)

Tapera

Rancho

Parede

Adobe

Casa de pau-a-pique

Telha

Casa

Fogão

Cama

Quarto

Sala

Cozinha

Cabeça da cama

e – locomoção

A cavalo

A pé

Perder a viagem

Carro-de-boi

Estrada

Caminhão

Jardineira

Ônibus

Carroça

Cadeira-de-rodas

Ir no pé

Chispar

Carro

Carona

II – A Alma e o intelecto

A – atitudes

Separar irmãos

Esparramar

Inzonar

Ficar bravo

Dar andamento

Arranjar um carro

Bebedor de pinga

Fumar

Zelar

Salvar (cumprimentar)

Salvar dívidas (pagar)

Ajudar

Empurrar

Ser ativo

Vergonha

B – Percepção, sensação

Povo parado

Tempo parado

Sem recurso

Parecer que

Fogaréu

C – Consciência, representação

Complicada a vida

Num ter saída, não ter nada

Trabalhar para ganhar as coisas para casa

Evoluir

Tempo bom

Ter sorte com as moças

Ter formosura

Ter forças

Ser estragado no serviço

Controlar

Exemplar-se

D – Memória

De primeiro

Tempos de antigamente

Ficar perturbado

Memória

Lembrar

Esquecer

Recordação

Fugir o sentido

Entreter o pensamento

E – Imaginação

Brinquedinho bobo

Achar que é fazendeiro

Batizar

F – Moral

Educar

Apanhar

Ser bravo

Bater

Rancar o couro

Menino teimoso

Fazer erro

Bagunça

Má-criação

Xingar

Falar conversa pesada

Mal-criar-se com os outros

Dar resposta para os mais velhos

Apanhar de vara

Perder o crédito

Ter vergonha

Considerar bem

Educar

Brutalidade

Ignorância

Relevar

Ser sistemático

Respeitar

Ser honesto

Estúpido

Estupidez

Briga

Ficar aborrecido

Ficar calado

Obrigação

Estar habilitado

Ter que viver

Brutaria

Reclamar

Arrematar conversa

Costume

Mostrar má cara

Tratar bem

Prestar atenção

G– Pensamento

Parafusar

Pensar

H – Sentimento

Remorso

Clamar

Contrariar

Desconferença

Confiança

Medo

Inveja

Saudade

Passear

Vida alegre

Tristeza

Triste

Passagem difícil

Arranco [na vida]

Aperto

Arreponder

Incomodar

Ficar sentido

Coitada

Duvidar

Amizade

Viver encantado

Preocupar

Assustar

I – Vontade

Desatino

Vontade

Dar uma doidura

III – O homem, ser social

A – vida da sociedade

a - relações de parentesco

Irmão

Irmã

Mãe (natural / de criação)

Pai

Meu velho

Turma [de] menino (os filhos)

Velho (o pai)

Velha brava (a madrasta)

Irmão legítimo

Irmão só da parte de mãe

Avô

Avó

Neto

Nora

Genro

Filho

Primo

Tio

Tia

b – casamento

Mulher velha (ex-esposa)

Mulher

Casamento

Combinar

Namorar

Casar

Deixar [os filhos]

Solteiro

Namorada

Casar no padre

Casar no civil

Esposa

c – relações de amizade

Companheiro

Companheiro de brincar

Juntar a turminha

Vizinho

Menino igual a

Emprestar

Colega

Amigo

Conhecidão

Ajudar

Ser de mal

Brigar

Amizade

Levantar amizade

Boa vida

Encrenca

Arrelia

Tratar bem

Não abusar

Boa vivência

Andar despreocupado

d – relações de compadrio

Madrinha

Padrinho

Compadre

Comadre

Batizar

Afilhado

Negócio

Trato

firme

severo

e – relações entre classes sociais

Fraqueza

Ser fraco

Pobre

Gente pobre

Escravo

Casa pobre

Filho de agregado

Riqueza

Rico

Gente grande

Ir para o pesado

Patrão

Família rica

Moça rica

Menino (filho) de fazendeiro

[Não] Dispensar moça rica

Companheiro

Peão

f – Diversão e lazer

Baile

Pagode

Festa

Pinga

Ficar alegre

Mutirão

Festar

Acordeom

Sanfona

Dançar

Foguete

Treição

Cantar

Entretenimento

Violão

Brincar

Brincadeira

Cavalo de pau

Negócio de jogar bola

Bola

Camposinho

Campo

Campinho

Brinquedinho bobo

Brinquedinho de roça

Brincar com uns boizinhos

Roçar

Boizinho de sabugo

Turma de brincar

Cambuiar com os bois

Boi de carro
Fazer curral
Apartar vaca
Fechar com umas linhas
Curral de linha
Sair para o cerrado
Boizinho de pau terra
Ir para o ribeirãozinho
Tomar banho
Pescar
Carrinho de brinquedo

B – Homem no trabalho

a- profissões e ocupações diversas

Professor

Topógrafo

Roça

Vaqueiro

Tirar leite

Ajeitar a vacada

Emprego

Mexer com roça

Cabo da enxada

Precisar para trabalhar

Tocar roça

Ligar a máquina

Fiar

Tecer

Costurar

Estar de folga

Estar meio parado

Bater pasto

Quebrar enxada

Plantar feijão

Colher

Arrancar

Levar para casa

Engordar porcos

Carreiro

Candeeiro

Carrear

Tomar conta de carro-de-boi

Fazer carvão

Queimar lenhar

Queimador de lenha

Arar

Colher

Plantar

Agarrar-se no serviço

Fiar

Fiar na roda

Trabalhar na cidade

Firma

Fábrica

Máquina de arroz

Caminhão

Puxar creme

Vaqueiro

Capinar

Vacada boa

Peão de boiadeiro

Deixar banha

Bater pasto

Fazer rapadura

Fazer pinga

engenho

cana

cortar cana

puxar cana

lenha

moagem

canavial

tacho

fermento

destilar

álcool

Fazer açúcar

fôrmas de açúcar

açúcar de fôrma

barro branco

b- relações de trabalho

Agregado

Fazendeiro

Ajudante

Meieiro

Companheiro

Peão

Peonada

Morar na proteção de

Comprar (o peão)

Patrão

Escravo

c- práticas trabalhistas

Apertar-se com serviço

Mutirão

Mutirão

de mulher fiandeira

de limpar rego

de bater pasto

de colher arroz

Demãozinha

Treição

Reunir

Aprumar-se

Descansar

Empregado

Emprego

bom

pesado

com leitura

Firma

Algum dinheiro

Pagar

Sair para um outro

Ganhar

Fazeção de farinha

descascar mandioca

lavar mandioca

relar

Pagar

Ajudar [um homem]

Ser sujeito de serviço

Ser ruim de serviço

Ser bom de serviço

Ganhar menos, mais ou igual

Arrendar

Arrendo

d- instrumentos e ferramentas de trabalho

Algodão

Roda

 Canelinha

 Pedal

Tear

Carda

Liço

Jacá

Balaio

Monjolo

Reladeira

Enxada

Picareta

Caminhão

Fábrica de manteiga

Latão

Escorregar

Máquina de arroz

Ensacar

Balança

Pia

Sacaria

Saco

Saco de arroz

Tuia

Paiol

Lanterna

Cutelo

Pilungue

Enxada

Covar de enxada

Plantadeira (de madeira / perna de grilo)

Carpideira

Machado

Alambique

Engenho

Forno

Ferro

Pôr com a mão

Foice

Machado

Limpar

Colhedeira

Arado

Matraca de mão

Jirau

Banca

Pano de algodão

Infestar

Pano plástico

Pano americano

Carro-de-boi

Madeira

Roda

Mesa

Assoalho

Cheda

Fueiro

Esteira

Arrear

Boi

Canga

Canzil

Azeite

Fula

Arreamento

Correias de couro

Tamba

Tambueiro

Tambão

Encambuiar

Canga de coice

Cabeçalho

Espetar

Encorrear

Par

Junta

Junta de coice

Junta de chaveia

Junta de guia

Junta de pé de guia

Junta de corda

Argolão

Tiradeira

Pregaria

Roda

Carretão

Carroça

IV- A organização social

A – Estado

Governo

Hospital

Aposentadoria

Presidente

CPF

INSS

Casa de saúde

Centro comunitário

Banco

Comércio

IBAMA

Santa Casa

B – Organização judiciária

Polícia

Certidão de nascimento

Cadeia

Proibido

C - Ensino e instrução pública

Escola

[Saber] Leitura

Ler

Estudar

Estudo

Leitura boa

Leiturinha

Assinar o nome

Professor

Aluno

Grupo

Matemática

Palmatória

D - Guerras

Briga

Revólver

Facada

Encrenca

Escutar pilhéria

E – Crenças e religião

Mal de sete dias

Enfiuzar em Deus

Fé

Benzeção

Simpatia

Deus

Raizeiro

Benzedor

Benzer

Perdoar

Pecado

Perdão

Reza

Azar

Senhor São Bento

Nossa Senhora d'Abadia

Livrar o corpo de

Defender o corpo de

Céu

Nosso pai

Poder

Batizar

Palavra de Deus

Crente

Orar

Oração

Pai nosso

Não levantar com o pé esquerdo

Gato preto

Azarento

Dar pouca conversa

Dar pouca palestra

Ser contrito a Deus

Mãos de Deus

Cisma

Desencarretar/atrapalhar/descontrolar as coisas

Sapo morto

Castigo

Dia santo

Regime (religioso)

Santo

Santo de guarda

Senhora d'Abadia

Senhora de Lourdes

Santa Efigênia

Nossa Senhora Aparecida

São Francisco

São Sebastião

São João

São Bento

Santa Luzia

Trem (coisa) mandado

Bom Jesus

Devoto

Devoção

Três Reis

Alferes

Bandeira

Pouso

Cantar

Jesus na Glória

Proteção (dos olhos, dos casados)

Abusar

Superstição

Serventia

Folhinha

Almanaque

Bobagem

Assombração

Lobisomem

Casa de assoalho

Puleiro de galinha

Sexta-feira da Paixão

Quarta-feira Santa

Quaresma

(Não) comer carne

Jejuar

Vulto

Gente que morre

Alma

Visão

Mãe do ouro

Medo

Acreditar

Remorso

Lenda

C – O HOMEM E O UNIVERSO

I – A priori

A – estado das coisas

a- forma

Empanar

Juntar

b- dimensão

Comprido

Quadrado

Redondo

Plano

Reto

c-matéria

Saco de linho

Saco de plástico

Saco bandeirante

Broaca de couro

B – Qualidades e estados

a- qualidades químicas

Caruncho

Enferrujar

Ferrugem

b- qualidades percebidas pelos sentidos

Encorreado

Alto

Baixo

Cascudo

Fedido

Catinga

Feder

Macio

Esquentar

Frio

Entanguido

Entanguir

Gelado

Endurecer

Coagular

Magro

Zonzo

Tonto

Amargoso

Meio esverdeado

Preto

Roxo

Branco

Verde

Pintado de

Amarelo

Meio cinzento

Emparelhado

Sentir

Ardume

Escondido

C - Relação, ordem, valor

a – medidas

Miúdo

[o gado] grande

Litro

Meia

Meio

Um quarto de

Quarta

Um carro de

Três partes

Alqueire

Hectare

Saco

Atilho

Jacá

Metro

Palmo

Rua

Alinhamento

Braço

Chave

Palmo

Légua

Eito

Tubo

Carro

Quilômetro

Centímetro

Litro

Jacá

b- pesos

Arroba

Quilo

Tonelada

Balança

c- moeda

Dinheiro

Gastar

Centavo

Ganhar

Pagar

Mil réis

Réis

Real

Preço

Receber

Dívidas

Vender

Custo da vida

Dar valor

Juro

Inflação

(O) Principal

d- tamanho

Maior

Butelo

Grande

Menor

Pequeno

Pequitito /pequeninho

D – número e quantidade

Bulada [de leite adoçado]

Monte de boizinho

Terninho

Quatro a cinco pessoas

Bocado de sorte

Golinho de

Par

Uma porção de / porção de

Um lote de

Seis ou três caroços

Meio

Sacada

Aumentar

Punhado de

Junta

E - espaço

Cidade

Rua

Fazenda

Estrada

Cerrado

Quintal

Ribeirãozinho

Dentro de

Rego d'água

Casa

Debaixo de

Pasto

Mata

Roça

Meio da roça

Beira da roça

Fundo da roça

Cabeceira da roça

Carvoeira

Boteco

Venda

Perto de

Terreiro

Pano grande

Encima

Beira do rio

País

Mundo

Barranco

Ali

Longe de

Cupim

Ribeirão

Grota

Trieiro

Baixada

Quintal

Paiol

Tuia

F – tempo

Bem tempo

Porção de tempo

Poucos dias

Hora da noite

Sol alto

Madrugada

Cedo

Uns (quatro, cinco) anos

Nesse tempo

Dia inteiro

Diária[mente]

Hoje em dia

Naquele tempo

Naquela época

Mês

Janeiro

Fevereiro

Março

Abril

Mai

Junho

Julho

Agosto

Setembro

Outubro

Novembro

Dezembro

Hora

Tarde

Anos

Dias

Estar com bem tempo

Semana

Era

Época

Segunda-feira, terça-feira, quarta-feira, quinta-feira, sexta-feira, sábado, domingo

Noite

Sol alto

Escuro

Nesse tempo

De dia

Escurecer

De almoço para tarde

Tardinha

Hoje

Ocasão

G – Causalidade

Ferroada

Facada

Entanguir

H – Movimento

Abaixar

Carregar

Bater

Avançar

Dar um tapa

Ajuntar

Separar

Sair de roda

Chispar

Segurar

Amontoar

Cair

Embrulhar

Sentar

Trançar

Tecer

De cima para baixo

Virar do lado

Correr

Fugir

Cangar

Esconder

II – A ciência e a técnica

Hospital

Internar

Doutor

Caminhão

Fábrica

Máquina de arroz

Ligar a máquina

Balança

Médico

Umás farmacinhas

Aviar receita

Santa Casa

Farmacêutico

Remédio

Aparelho

Laboratório

Exame

Carro

Revólver

Enfermeira

Luz

Lâmpada

Motor

Trator

Turbina

Jipe

Jardineira

Rodovia

Ponte

Ônibus

Geladeira

Freezer

Colhedeira

Plantadeira

Trilho-de-ferro

Dormente

II Campos Lexicais: Memórias e Conceitos em Recorte

As incursões pelo léxico de uma língua, em especial pelo uso léxico regionalmente caracterizado se inscrevem, sabidamente, nos interesses da Lexicologia. Todavia, não cabe a um estudo de natureza lexicológica recobrir todas as nuances que compreendem o léxico, empresa demais custosa, metodológica e teoricamente. É sob esta ótica que realizamos aqui recortes de alguns campos léxicos, no vasto sistema de conceitos levantado das narrativas.

À luz dos estudos de Coseriu (1977), entendemos que descrever o léxico, ainda que apenas em algum dos aspectos de seu todo, difere de uma descrição gramatical. Na gramática, encontra-se o máximo de analogias, contrariamente ao mínimo que se encontra no léxico. Dotado de várias e diversas “classes abertas”, o léxico tem um quadro de elementos funcionais mínimos bastante amplo e sistematizá-los todos em uma análise seria, como sugere Coseriu, uma tarefa demais trabalhosa para o estudioso. No entanto, embora o léxico seja um inventário aberto e vasto e com o mínimo de analogias, não significa dizer que seja um nível no arranjo lingüístico que não possua uma estruturação.

Ensinam os estruturalistas que as estruturas gramaticais definem internamente o (e no) sistema pelos traços de oposição, como ocorre com os fonemas, por exemplo; há, também, igual possibilidade de descrever estruturalmente o léxico, por suas oposições. Diz o autor:

Se por “estrutura” entende-se o fato de que as unidades funcionais são analisáveis por completo em elementos diferenciais (“traços distintivos”), se pode, também, falar de “estruturas léxicas”, já que, a este respeito, a analogia que se comprova entre os fonemas e os lexemas não é menos evidente (COSERIU, 1977, p. 32-33)⁴².

⁴² Tradução nossa da passagem: “Si por “estructura” se entiende el hecho de que las unidades funcionales son analizables por completo en elementos diferenciales (“rasgos distintivos”), se puede, asimismo, hablar de “estructuras léxicas”, ya que, a este respecto, la analogía que se comprueba entre los fonemas y los lexemas no es menos evidente (COSERIU, 1977, p. 32-33).

O léxico, um baú do saber dos que o usam, parece suscitar vagueza, imprecisão e assistemática lingüísticas; é, todavia, um conjunto organizado e complexo:

que primeiramente configura a realidade extralingüística e arquiva o saber lingüístico duma comunidade (...) é o repositório do saber lingüístico e é ainda a janela através da qual um povo vê o mundo. Um saber partilhado que apenas existe na consciência dos falantes duma comunidade (VILELA, 1994, p. 06).

Porém, conforme já abordamos em momentos anteriores neste estudo, o léxico está intimamente relacionado com a cultura e a História do povo que o (re)cria e o amplia por gerações, a partir das interações sociais e comunicativas. Defendemos, aqui, que visto apenas pelo seu aspecto social, o léxico já nos levaria a suspeitar de que, ainda que vasto e complexo, possui uma sistematicidade e uma estruturação que o “amarram” em seus múltiplos “elementos funcionais mínimos” na tarefa diária e incessante de comunicar e significar o mundo.

De modo mais específico, o sistema de conceitos que inventariamos no primeiro momento da II Parte da presente pesquisa se estabelece sistematicamente no contexto enunciativo das narrativas. Nelas, o sistema se explica e os signos que o constituem se associam de modo a significar práticas de cultura e memória, inscritas historicamente na língua. Ante o conjunto dos conceitos apresentados encontram-se, certamente, signos cujos sentidos conduzem a um saber comum a falantes competentes⁴³ do português. Embora nem todos os lexemas se refiram à maioria das práticas de cultura que sustentam as narrativas, há no sistema de conceitos signos que compõem o fundo léxico comum a todos os falantes do português. Este fundo é mais um argumento em favor da sistematicidade e da estruturação do léxico, o inventário aberto, que se sustém pelo que o faz comum e inter-relacionado em suas unidades e a realidade extralingüística, pelo que o faz um sistema dentro do sistema

⁴³ Considera-se, aqui, falante competente de uma língua o indivíduo que a usa plenamente e suas atividades corriqueiras e diárias da interação verbal, com suficiência comunicativa.

lingüístico. É o fundo léxico que nos permite comunicar minimamente com qualquer falante do português. Segundo Fiorin,

pertencem ao fundo léxico comum os nomes das partes do corpo e dos laços de parentesco, termos relativos à casa (mobiliário, etc), nomes de animais domésticos e selvagens, nome de ocupações mais antigas, relacionadas à agricultura, ao pastoreio, ao artesanato, etc., nomes de plantas, termos designativos de fenômenos da natureza, nomes dos astros, dias, meses e estações do ano, termos religiosos que expressam convicções muito antigas, palavras que indicam virtudes e vícios, etc. (FIORIN, 2000, p. 114).

Os signos que constituem, então, o fundo léxico comum, diferentemente das noções abstratas e particulares a configurações históricas e culturais, tendem a permanecer por mais tempo na língua e, por isso, podem ser alcançados pela compreensão geral na interação lingüística. Estes signos referem-se a conceitos universais, enquanto os que denotam conceitos mais fluidos estão estreitamente ligados às experiências particulares das nuances culturais da língua.

Nesta perspectiva, no intento de relacionar léxico e cultura no vernáculo catalano, apresentamos duas seções neste capítulo. A primeira, em que tentamos organizar brevemente os conceitos em campos lexicais, traz sinteticamente a definição de campos lexicais a partir de Coseriu (1977) e na segunda tomamos alguns signos léxicos, ou lexemas, que se referem a alguns conceitos mais fluidos e que se distanciam do fundo léxico comum, para tecermos considerações sobre o saber que tais lexemas expressam nas narrativas. Esta, particularmente, se apresenta da perspectiva dos narradores e de alguns estudos esparsos a respeito do que tratam os lexemas escolhidos.

2. 1 Esboço dos campos lexicais do inventário de conceitos

Para Coseriu (1977), os campos lexicais não apresentam homogeneidade na classificação uma vez que há neles interferências das nuances particulares da língua, do plano

da norma e da fala. Eles não coincidem, necessariamente, com campos conceituais, pois estes são associativos e os lexicais se manifestam para fora do sistema, no uso; são, pois, *centrífugos*.

As escolhas lexicais obedecem a paradigmas limitados e delimitáveis no conjunto lexical da língua. Realizam-se em função do saber que se tem das possibilidades significativas e das intenções comunicativas nas interações verbais. No entanto, no vasto mosaico de limites imprecisos que é o léxico, as escolhas feitas buscam nos paradigmas as unidades que convêm no ato discursivo. Arranjadas por identidades e oposições, as unidades léxicas constituem o que Coseriu denomina campos lexicais de uma língua. Nas palavras do autor:

O campo léxico é uma estrutura paradigmática primária do léxico; mais ainda: é, neste domínio, a estrutura paradigmática por excelência. Pode definir-se como paradigma constituído por unidades léxicas de conteúdo (“lexemas”) que se distribuem em uma zona de significação contínua comum e se encontram em oposição imediata umas com as outras (COSERIU, 1977, p. 210)⁴⁴.

Empreender o estudo dos campos lexicais requer, então, buscar como as relações internas de um domínio lexical qualquer se determinam por suas identidades e diferenças, quer dizer, pelas suas oposições semânticas. Procede-se, assim, ao levantamento dos lexemas da língua que se pretende estudar, identificam-nos pelas oposições formais, as quais se instauram até onde a realidade extralingüística⁴⁵ determina.

As “zonas de significação” estabelecem os diferentes campos lexicais. O inventário que se pode visualizar deste levantamento são os múltiplos campos lexicais e, mais ainda, os múltiplos lexemas da língua em estudo. A língua, enquanto sistema, não nos permite isolar suas unidades de funcionamento (gramaticais ou lexicais) e nelas encontrar sentido. É

⁴⁴ Tradução nossa da passagem: “El *campo léxico* es una estructura paradigmática primaria del léxico; más aún: es, en este dominio, la estructura paradigmática por excelencia. Puede definirse como paradigma constituido por unidades léxicas de contenido (“lexemas”) que se reparten una zona de significación continua común y se encuentran en oposición inmediata unas con otras” (COSERIU, 1977, p. 210).

⁴⁵ Coseriu denomina a realidade extralingüística que, juntamente com as oposições formais, orienta o estudioso na identificação dos campos lexicais de *ponto de vista óptico* (COSERIU, 1977, p. 216).

assim que o léxico, um subsistema aberto que assegura (e se caracteriza por) o sistema formal maior – a língua – constitui-se de estruturas lexemáticas, variadas semanticamente e relacionadas por traços opositivos mínimos de conteúdo léxico, os campos lexicais (COSERIU, 1977, p. 135).

Macro-campo I – *O universo*

Micro-campo 1: clima

Micro-campo 2: atmosfera

Micro-campo 3: terra

Micro-campo 4: plantas

Micro-campos: *plantas, plantações, de fins alimentares, de fins medicinais*

Micro-campo 5: animais

Micro-campos: *domésticos (criação), não domésticos, de fins alimentares, de fins medicinais, pássaros, mamíferos, répteis, peixes, insetos.*

Considera-se relevante ressaltar que os campos assim dispostos aceitam mais subdivisões, como se nos mostra possível o Sistema de Conceitos, inventariado das narrativas. Os micro-campos *animais, animais domésticos* podem ser especificados em *fins alimentares* (como o signo *porco*) ou *destinados ao trabalho* (como o signo *boi*). *Boi*, por sua vez, poderia participar de vários micro-campos: *animais, animais domésticos, de fins alimentares, mamíferos, destinados ao trabalho*. Conta-se com o saber de mundo e o saber sobre o fundo lexical comum para, dos campos apresentados neste esboço, elencarem-se outros ou fazer recorrentes em mais de um campo os signos que o permitirem.

Macro-campo II – O Homem

Micro-campo 1: o homem como ser físico

Micro-campos: *sexo, idade, raça, corpo, membros, órgãos, sentidos, movimentos, posições, sono, saúde, doença, nascimento, morte, alimentação, vestimenta, higiene, moradia, locomoção.*

Micro-campo 2: alma e intelecto

Micro-campos: *atitudes (punitivas/não-punitivas), percepção, sensação, consciência, representação, memória, imaginação, moral, pensamento, sentimento, vontade.*

Micro-campo 3: o homem como ser social

Micro-campos: *parentesco, casamento, amizade, compadrio, classes sociais, diversão e lazer, trabalho.*

Micro-campo 4: o homem na organização social

Micro-campos: *estado, justiça, ensino e instrução pública, guerras, crenças religiosas*

Como ocorre com o Macro-campo I, o Macro-campo II, Homem, constitui um inventário muito aberto e diversificado. Apresentamos micro-campos lexicais que comportam muitas outras subdivisões, como pode ocorrer com o campo *trabalho*. Este campo permite outros como *profissões (assalariadas/não-assalariadas; rurais/urbanas; artesanais/não-artesanais), relações de trabalho, práticas de trabalho, instrumentos e ferramentas de trabalho*. Neste último possível micro-campo, cabem outros como *partes constitutivas e função das ferramentas*. Com o micro-campo *crenças* o mesmo pode suceder-se, conforme se vê nos conceitos retirados das narrativas, subdividindo-o mais em *crenças cristãs, católicas/não-católicas, eclesiásticas/não-eclesiásticas, santos e devoções, simpatias,*

benzeções, superstições. De igual modo, o micro-campo *doenças* permite muitos outros, assim como *remédios*. Nota-se, assim, que as narrativas são contextos em que os signos que constituem o sistema de conceitos fluem recorrentemente e comportam análises lexicais variadas.

Macro-campo III – O homem e o universo

Micro-campo 1: o estado das coisas

Micro-campos: *forma, dimensão, matéria, estado químico, qualidades, quantidade (ordem, valor, medida, peso, tamanho), espaço, tempo, causa, movimento.*

Micro-campo 2: ciência e técnica

Micro-campos: *medicina, automóveis, indústrias, fábricas, armas, eletricidade.*

Como nos macro-campos anteriormente citados e seus micro-campos, o macro-campo III, O homem e o universo, também pode comportar muitos outros campos lexicais. Tome-se, a exemplo, o campo *medida*. Este comporta outros como: *medida aproximada, medida com partes do corpo, medidas das coisas e objetos, medidas de distância*. Destes possíveis micro-campos, tome-se *medida com partes do corpo* e encontrar-se-ão signos nas narrativas que apontam significados diferentes, como *palmo, braça, chave*.

2.2 Micro-campos lexicais

Feito este esboço de campos e suas possíveis subdivisões, toma-se aqui apenas um micro-campo, exemplificado com excertos narrativos que, por si, explicam os significados trazidos pelos lexemas que os apresentam. Seguem, pois, considerações acerca do micro-campo lexical *instrumentos e ferramentas de trabalho*, que tem como campos imediatamente maiores, *trabalho*, *homem como ser social* e *homem*.

A escolha por tratar de apenas um dos micro-campos lexicais deve-se ao fato de os conceitos serem muito vastos e os signos e os fragmentos narrativos que os representam também. Sabe-se que a pesquisa com léxico fundamenta-se na lida com material exaustivo; neste estudo, porém, muitos conceitos já foram por nós tratados ao longo das considerações sobre os narradores, suas memórias e seu *ethos*.

Os excertos narrativos da III Parte cumprem respaldar o que temos insistentemente defendido: o modo como se pensa e se organiza o mundo deixa *rastros* no léxico. Ainda que se reconheça o chamado fundo léxico comum de uma língua, são os conceitos fluidos (HALLIG e WARTBURG, 1963) que dizem respeito mais diretamente à cultura e à memória de um grupo ou de um povo.

É neste sentido que procuramos, nesta seção, apresentar o micro-campo *instrumentos e ferramentas de trabalho*, por entender que ele recobre conceitos fluidos, provavelmente mais específicos aos sujeitos-narradores do que ao universo de falantes do português. Também porque este campo remete-nos a uma constatação que nos inquietou desde o começo da pesquisa: instigados a falar sobre suas vidas ou de suas histórias, os narradores sempre começaram contando sobre o trabalho ou se mostraram mais à vontade quando desfiaram histórias sobre profissões, ferramentas e práticas de trabalho.

Também acredita-se que o trabalho e suas ferramentas fornecem o perfil dos narradores, porque é o elo entre religião, doenças e saúde, relações sociais diversas etc. Segundo os ensinamentos de Hallig e Wartburg (1963), o trabalho, como prática social do homem, é o centro do Sistema Racional de Conceitos, de modo que o Homem, como ser social, não poderia ser visto fora dele.

Com isto não se entende, todavia, que outros conceitos, recobertos nos vários possíveis campos lexicais, não sejam relevantes em um estudo da natureza que propomos. Como parte de um sistema lógico e racional de pensar e viver o mundo através da língua todos os conceitos apreendidos identificam o vernáculo catalano e podem, em uma análise lexical, apontar os rastros dos velhos falares que tanto perseguimos. No entanto, pelas razões acima postas, optamos por considerar sobre este campo.

2.2.1 Campo lexical *instrumentos e ferramentas de trabalho*

Os signos encontrados nas narrativas e que constituem este campo são: *enxada, foice, machado, cutelo, pilongue, pilão, mão de pilão, carro-de-boi, plantadeira, carpideira, arado, caminhão, trator, balaio, jacá, banca de bater arroz, pano, peneira, roda, engenho, fôrma para rapadura, gamelão, fermento, monjolo, roda, caneleiro, arco, cardas, descaroçador, dobadeira ou dobadura, tear, (tempereiro, lançadeira, trava, canelinha, urdideira, liço, varão)*. Apresentam-se, também, trechos narrativos e fotografias com o fim de permitir que alguns dos signos sejam melhor visualizados nos referentes que os ilustram.

Cada lexema nos remete a práticas de trabalho de senhores e senhoras-sujeitos deste estudo. Trazidos à memória em suas histórias contadas conduzem-nos a um modo de vida em que os avanços da indústria (como ferramentas para agilizar o trabalho) não haviam chegado a eles, embrenhados nas suas roças e com mínimas condições para adquiri-las.

A organização social e geográfica do trabalho, nas épocas contadas, torna estes instrumentos e ferramentas essenciais à sobrevivência. Seria impossível a sobrevivência dos narradores se não houvesse *enxadas*: com elas, plantava-se e capinava-se a roça, ou seja, plantava-se o alimento de todos os dias. Vejam-se, em destaque, no fragmento que segue, algumas signos que, na explicação do narrador justificam a importância da enxada no plantio e bom crescimento da roça. Elencam-se algumas desvantagens das máquinas atuais, pois as covas ficam mais juntas e a planta desenvolve menos. O que se nota é que, com o plantio manual, o roceiro tem o controle da distância das covas e, por conseguinte, saberá que a planta viçará mais, sabedoria que a técnica das plantadeiras e colhedeiras ignora:

No temp' que prantava de **inxada** era de quinz[e] pra baxo. Era bem prantado. Tan[to] qu' às veiz, cê **prantava** vinte lit[ro] de **arroiz**, **cova[do] de inxada**, dava quarenta, cinqüenta saco. E se eu prantá de **prantadera**, cai mais, fica mais mal prantado. Tinha is[so], né? (...) É pior. Ele fica muito juntim, ele fica, ele num cresce quase. Fica fino. E ele se ele ficá poco na cova, el[e] cresce, el[e] viça, o cacho vem grande... Até o caroço é maior, né? (...) O **milh'**é cinco, seis, na cova[do] d'**inxada**. Hoje, vem essa, negóc[i]o de **prantá** cum **prantadera de tratore**, e parece qu' é uns sete caroço por metro. Eu num tem muito certeza. Milh' é mais, mais lairgo. A rua é um metro, uma cova da ota, quando é **covado de inxada** é uma base de mei metr' uma cova da otra às veiz... (6-5NM66, 47).

Com o *machado* e a *foice* faziam-se os roçados, descoivavam-se matos, batiam-se pastos para o gado, cortava-se a lenha, como se vê no excerto narrativo abaixo:

Uai, naquele tempo que tinha mato, ocê pegava o mato, sempre é na meia, que sempe tabaiô na meia, pá **roçá**. Cê **roçava** de **foice**, ô fibra, aque[la]s maderá mais fina, ficava aquela parte grossa, [a]que[la]s arvinha. Aí cê ia de **macha[do]** derrubava. Cortava tudo, gen[te] num podia dexá árve em pé, né, e ali dexava, às veiz, dois mês, secano. **Roçava** semp[r]e mês de junho, quando muito julho pa quemá lá pa setembro. Às veiz, até outubro, que num estivesse de chuva, né? Aí que fazia a queima. Às veiz, tinha roça[do] que quemava tudo, às veiz tinha o[u]t[ro]s que quemava mal. Às veize, num prestava. Dava serviço demais, cê tirava aquil' tudo do **machado**, que nói falava **coivara**. Tirá as **coivara** do quemado, da roça. Muntuá tudo, pô fogo, quemá pa limpá. Às veiz ficava, é, ficava muita coisa por quemá. Ocê tinha que cortá, de **foice**, **machado**, muntuá, fazê os monte, quemá de novo (6-5NM66, 58).

O *cutelo* era usado para cortar o arroz, batido nas *bancas*, sobre os *panos* ou o chão limpo e joeirado com *peneiras* ao vento. O *pilão* e a *mão de pilão* eram os instrumentos para pilar o arroz, o café e o milho preparado para fubá ou farinhas, descascando-os. Os *jacás* eram usados para medir a colheita do milho, da mandioca, para carregar pequenas porções de coisas e objetos nas roças, o que também se fazia com *balaios*. Vejam-se as ilustrações:



Foto 1 – cutelo



Foto 2 - balaio e jacá



Foto 3 – pilão e mão de pilão

Com o *pilungue*, ferramenta feita com um pedaço de pau ao qual se amarra um outro menor e mais pesado ou um pedaço de ferro, batia-se o feijão bem seco, colhido geralmente em roças de milho, já secas. Veja-se a foto:



Foto 4 – pilungue

O excerto narrativo abaixo demonstra que a prática de carpidar e desquilinar o milho facilita a sua limpa; apresenta, ainda, como se colhe manualmente o feijão.

É ho[ra] que el[e] tivé mais ó men', [de]pois dum, uns dois mês que el[e] tá grande já, aí passa a **capidera**. Ajuda puque fi[ca], é, limpa, né? Limpa o mio aí o mi...aí o mii fica bunito se que se num limpá el[e], el[e] vai marelan' ali no mei' do sujo, né? Aí passa a **capidera** e daí tin...[a]que[le]s, capina com a inxada nas cova ali on[de] fica [a]quel[e] sujo ali. É pranta o feijão. (...)Ho[ra] que o feijão madura gen' ranca ranca o

feijão vai fazen' aque[le]s monte, ho[ra] que secá bate, ranja um **panão**, istende e põe o feijão [a]li e bate. Baten' cũa vara, né? É. Era vara daí passô batê, falá que chamav' **pilungue** (5- 4NM80(?), 26).

Com o *arado*, arava-se a terra; a *plantadeira matraca*⁴⁶ era usada para agilizar o plantio; a *carpideira* ajudava na limpa de milho, *desquilinando-o* e facilitando a capina. O *caminhão* e o *trator* aparecem apenas como a memória da curta vida profissional na cidade ou em “roças de mais ricos”. O lexema *plantadeira* se especifica em *plantadeira de dois canos* e *plantadeira perna de grilo*. Esta recebe esta denominação em comparação a uma perna de grilo e por ser mais fina, uma vez que tem um cano apenas e era usada para o plantio em terras de cultura, as quais não demandavam fertilizantes. Vejam-se as ilustrações:



Foto 5 – plantadeira de dois canos



Foto 6 – plantadeira perna de grilo



Foto 7 – carpideira

No preparo da cana para fazer açúcar ou cachaça (pinga), os instrumentos que sobressaem são *engenho*, *fôrma para rapadura*, *gamelão*, *fermento*, *monjolo*, além do *carro-de-boi*. Este último instrumento de trabalho permitia que se levasse a cana cortada ao engenho e a lenha às fornalhas para fazer aguardente; também servia para desfazer-se do bagaço, transportar quantidades maiores de provisões e objetos, em distâncias maiores. Veja-se o excerto:

[Carro-de-boi] carrega faxa de por exemp[lo], um **carro de mii**, que dá na base de quinze saco de sessenta quilo... vai dá quantos quilo? (...) É. Carreg' até mil duzentos quilo que ô...um **carro** de mii...já é caiga, mas, não é caiga pesada dimais pum car' não (6-5NM66, 19).

Como se percebe no fragmento abaixo o *engenho* era imprescindível à vida nas roças: dele, retiravam-se açúcar, aguardente, melaço e trato para animais. Por esta razão,

⁴⁶ A plantadeira é caracterizada como *matraca* porque no plantio, à medida que é aberta e fechada para caírem os grãos na cova, emite ruídos como uma matraca.

certamente, o *engenho*, o *alambique*, o *monjolo* e o *carro-de-boi*, nestas práticas de trabalho encerradas no campo de que estamos tratando, se aproximam, especialmente e sistematicamente. Eles se interdependem e ficam sempre próximos uns aos outros, pois os produtos feitos em um são a matéria para o que se produzirá no outro.

O carrero ia, buscava ota viage punha no **ingem** pa manhã cedo. Ali cê cabava caquela cana. No ôt' dia a cana já tava no lugá. Cê pegava de madrugada né, pá sobrá tempo de i[r] lá na roça buscá ota viagem ou duas viagem. Dependen' do **ingem**, né? Do tanto que consumia... Sempre era o mesm' carrero. Ele carriava a cana e mei que, vam' supô, muía, ficava três, quat[ro] no **ingem** pa apurá aquele melado, fazê o açúcar, o **rapadura**, que o açúca é mais demorado. Fazia mais é **rapadura**. E o carrero cabava de muê, ele pegava os boi, o carro e ia buscá mais, né? Picisava mais cana pa pô lá no **ingem** pa num faltá. Pa no oto dia cedo cumeçá de novo (6-5NM66, 9).

Na prática que circunscreve instrumentos e ferramentas na moagem de cana encontram-se lexemas como *gamelão*, *fôrma para rapadura*, *fermento* e *monjolo*. Vejam-se as ilustrações e os excertos abaixo:

Cê ti[nha] que batê direto cum a...pra num derramá. E clariá, tirá aquel'iscuma que era a impureza da cana né, pa num ficá mui[to] preto. [Se não bater] Fica feia, fica preta, né, dipois do **melado**... Dav' muito gost'. Depois qu'o melado dá ponto, ia co'ele p'um **gamelão**...pa batê, pa virá a massa pa...**informá** a **rapadura** (6-5NM66, 10).

A **foirma** dum tip[o] dum cocho de mad...de taba e por bax'uma abertura piquena. Ali punha el[e], el[e] no **melado** gros[so]. Vinha, punha barro por cima, um barro branco. [Pegava] Nas bêra de...barranco de corgo, né, punha, ele i[r] istilan', o melad'ia descen' e fican' só o **açúca** den[tro] da...daquel[a] **foirma** (6-5NM66, 12).

Agora, muitas veiz num tinh'o 'lambique pra fazê a **ping[a]**. Pirdia [a]quel[e] melado que iscurria **d'açúca**. Aquel[e] perdia, né. (...) [Pinga] também. Trabaiei sim. É. Aí. É, aí ia co'el[a] pa...pô el[a] pa **fermentá**, né, que lev'uma tantas hora. E[le]s cunhece. Tinh'um negocim de me... de midi[r]... a **fermentação** lá, se tives[se] bão ia p[ara]o '**lambique**...fe[r]vê (6-5NM66, 13).



Foto 8 – fermento



Foto 9 – gamelão



Foto 10 – forma para rapadura

O lexema *monjolo* refere-se a práticas diversas nas roças: é mais rápido que o *pilão* no preparo de alimentos com casca e não carece da presença e esforço físicos do trabalhador uma vez que trabalha com a força da água, que desce pelo *rego-d'água* e faz socar alternadamente a *mão de pilão*, descascando o arroz, o milho e o café, como se percebe no excerto abaixo:

Arroiz er' lim[po] no, nós morav' na bêra, morav' na bêra de coigo [as]sim, tinh' o, puxava o rego d'água lá ti[nhá] munj...**munjol**, sabe que que é munjol, né? Um t[r]em...A água dispejava na na face da gamela, né, o munjol levantava, batia encima do do arroiz, ali ia até limpá. Limpava o arroiz ali, num tinh'e[ra] negó[cio]...num tinha máqui[na] de limpá arroiz (5- 4NM80(?), 38).

O milho descascado no *monjolo* pode servir de fermento no fabrico da cachaça. O melado, no ponto de fazer *açúcar* ou *rapadura*, vai ao *gamelão* e, batido, segue para as *fôrmas de rapadura* ou para as de *açúcar de fôrma*.



Foto 11- monjolo (regó d'água, calabouço e pilão)

Entre os *instrumentos e ferramentas de trabalho* destinados quase exclusivamente às mulheres, sobressaem lexemas como *roda, caneleiro, arco, cardas, descaroador, dobadeira ou dobadoura, tear, (tempereiro, lançadeira, trava, canelinha, urdideira, liço, varão)*. Todos estes signos dizem respeito à prática da tecelagem artesanal, imprescindível à vida de homens e mulheres na região até aproximadamente a década de setenta do século passado. Acredita-se que, embora em grande parte do interior do Brasil esta fosse também uma necessidade para garantir o vestuário e o agasalhar das famílias nas roças e cidades, na região de Catalão e mais peculiarmente aos narradores-sujeitos deste estudo, nas roças, onde o meio de transporte era o carro-de-boi, carroças ou cavalos e onde faltavam condições para a compra de remédios e alimentos, as famílias que possuíam teares e mulheres tecedeiras garantiam as peças do vestuário e do agasalho em invernos rigorosos.

As boas tecedeiras viviam basicamente tecendo para a família e para a troca de “cortes” de roupa ou “cobertas” por outro bem de que necessitasse a família. O tear, suas peças, rodas, cardas e outros hoje, em grande parte das famílias, é apenas a lembrança de “eras difíceis” de muito frio e pouco “recurso”. Nos *tempos de primeiro*, famílias que não possuíssem tear e mulheres tecedeiras precisavam exceder em colheitas para a troca por peças de vestuário e cama. Assim, os lexemas deste campo se inscrevem não apenas em *instrumento e ferramentas de trabalho*; estão também inscritos em *vestuário*, indiretamente. Seguem algumas considerações, excertos narrativos de uma senhora e fotos que objetivam ilustrar alguns destes lexemas.

O *tear* artesanal exige forças nas pernas e braços das tecedeiras, além de agilidade a cada movimento, para que se lance a *lançadeira* e não se misturem os fios. O *tempereiro* garante que a peça fiada, esticada no tear, não repuxe pelos lados, dando uma aparência desigual, isto é, ele “tempera” o tecido e as ações sobre ele. Confira-se o fragmento e as ilustrações seguintes:

O **tial** é [as]sim, pega o, tem um **liço**, né, põe o liço... É o liço, o liço é de, é de cordão. Faiz de cordão, de linha. Aí passa tu[do] no liço, passa num pente de pau, o **pente** é des[se] tamãe, passa no no pau. Mei' met[r]o. É mei' met[r]o de pente, e é...no pen... é um pente mem'. Parece com o pente. É por is[so] que chama pente, el[e] é assim, agora [a]qui pro dent' é tudo chei' de ta... de taboquinha 'té terminá, chama pente. É, tem pente grosso, tem pente fino, o pano fino é pente fino, né, e aí **alija**⁴⁷ vai tecen' ali e joga a **lançadera** pra lá pra cá e...Põe [a linha] assim pa... passa no no liço depois passa no pente depoi' marra. É, em cada dentim do pente, agora [a]qui (*gestos*) pega e e faiz a, marra [a]qui pa podé cumeçá **tecê** (4 - 3NF70(?), 11).



foto 12 – tear artesanal



foto 13 – trava, braço e varão do tear

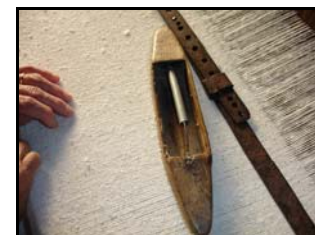


foto 14 – lançadeira, canelinha e tempereiro

O algodão, elemento essencial e primeiro na tecelagem, é plantado nos roçados ou quintais, colhido e selecionado de possíveis ciscos. Depois vai ao *descaroçador*, uma espécie de banco em que se sentam duas pessoas e que tem ao centro a engenhoca que faz os caroços separarem-se do algodão. Veja-se a descrição abaixo:

Essa fi...histór[ia] de fiá é [as]sim, ixa...a gent' **ixaroça**⁴⁸ o algodã...ca...ixaroça o '**gudão**, **carda**...Iscaçá no **isca[ro]çadô**, né? Ah! O **iscaçadô** é um treim de pau, né, isca...assim um **isca[ro]çadozim**, aí a gent' vai tocan' el[e], tocan', vai passan' o **algudão**. Vai passano, passan', aí depoi' gente pega **carda**, aí é **cardá**, né? Depoi' vai se... vai ajuntan' el[e], vai juntan' el[e]. Uai, é puque passa el[e] p[ra]el[e] saí o caroço, né? É. Tem que saí o a semente, né? Chama semente. Aí passa el[e] no iscaçadô, o algodão vai passan', a semente vai fican' pa tráis, a sementinha preta. Aí depois que a gent'iscaçoça, aí pega, aí vai cardá, e nũas **carda**, duas **cardinha de dentim**, aí a gent ca[rda], depoi' vai **fiá** na **roda**. Aí **fia** (4-3 NF70(?), 7).

Descaroçado, se ainda apresentar ciscos, o algodão deverá ser batido no *arco*: esta ação o deixará limpo de impurezas que, principalmente, fazem o fio puxado na roda

⁴⁷ Provavelmente variação de *alija*, passar no *liço*.

⁴⁸ *Ixaroça* é variação de *descaroça*.

arrebentar-se, conforme descreve a narradora no próximo excerto. Ainda assim, porém, o algodão deve ser cardado novamente em um *par de cardas*, ferramenta de finíssimos dentes e que, ao movimento preciso da cardadeira, deixa o algodão leve, como se nota no fragmento acima.

Bate, se quisé. É puque fica bem arrumadim pa quan' passá nas **carda** num tem cisco, num tem nada, tá muito ogarnizado, mui... Não, caroço num tem mair não, bate se quisé, né? É **aico**. Aico, fa...intorta um **aiquim**, um pauzim. E põe um **cordão**, aí vai baten' aí... Ah! Bate assim: tuc tuc tuc (*risos*). É vai baten'. É. Sigura el[e] assim, vai baten' [as]sim ó, é igual essa alcinha⁴⁹ sua é o cordão [a] qui ó. Aí sigura o **aico** na mão e o cordão no ot', vai baten': tuc tuc tuc tuc. É. E vai tiran' o **agudão** do **aico**. Aqui tá firman' aqui c'a mã...mão isquerda, e aqui vai tiran' o **agudão** do **aico**. Fazen' a, moviment'. Aí dá aquel[e] monte de **algudão batido**. Não, aí tem que passá nas **carda**, né? De novo, tem que cardá todim. Pricisa, tem que passá pa linha ficá bunita, né? É, el[le] fica sistema dum bodoque, né? (4-3NF70(?), 9).

Vejam-se, também, as fotos ilustrativas:



Foto 15 – descarçador



Foto 16 – arco de bater algodão



Foto 17 – par de cardas

As muitas meadas de algodão cardado são armazenadas no *balaio*. Depois, a fiadeira (ou fiandeira) as puxa na *roda*, movida pelas forças do pé, e estende os fios até onde alcançam os braços. Os fios mais finos servem para peças de roupa, como corte de calças, camisas e vestidos. Os médios destinam-se aos lençóis e os mais grossos à confecção de cobertas. Na passagem narrativa abaixo, o *jacazinho* a que se refere a narradora é comumente conhecido por *balaio*, jacá menor, que serve para carregar objetos menores e/ou mais leves na lida na roça. Confiram-se, ainda, as fotos:

⁴⁹ Refere-se à alça da roupa da pesquisadora.

Uai, passa ãa **carda** na ota, né? Õa carda na ot[a]. O algodão põe no chi...é, aí tira el[e] da carda põe no **jacá**. No mei' das **carda**, depoi' vai faz...a...fazen' com ela assim ó (*gestos*) depois e[le] sai aquela prasta cumpridinha, duas. Sai duas prasta. Fofinha mem'. Aí a gen' vai pon' no **jacá** depo[is] gen' pega e e vai **fiá**. Ah! Um **jacazim** assim mais ó men' de mei' met[r]o. É de mei' met[ro]. [Coloca] Nes[se] **jacazim**. É. Um pro cima do ot', vai pon' po cima do ot', po cima do ot'. Num mistura não. Não mistura. Hora c'a gente vai fiá a prasta tá separadim igual um dedo (4 - 3NF70(?), 8).



foto 18 – roda de fiar



foto 19 – balaios com algodão cardado

O algodão fiado que se armazena na roda é distribuído em meadas, estendidas na *dobadeira*, para que não se misturem os fios. Algumas tecedeiras que preferem tingir suas peças levam as meadas fiadas a vasilhames com tintas de anil, urucum e outras plantas. Depois, o algodão está pronto para ir ao *tear*, onde seus fios se transformam em cobertas, lençóis, cortes de roupas variadas. A seguir, esmiuça-se a prática de dobrar ou fazer as miadas de linha, quer dizer, novelar a linha. Confira-se, também, a ilustração:

Dob[r]á? É puque cha...é **lovelá**, fazê o **lovelo**. Tem que pará a **roda**, aí pára a roda pa **lovelá** a linha. Aí depois, se quisé fazê es[se] pano de vê...azul ô vermêi tem que **miada**⁵⁰, no **miadô**⁵¹, no **miadô** que faiz assim ó. [O meadouro] É redondo. Faiz um pezim nele e põe uma varetinha e põe um ãa o **rodero**, e põe uns braço cruzado assim ó, e enche tu[do] de tornim. Tornim é, põe o tornim assim pa mode **rodá** a **linha**. É mo[de] da linha fazê a miada. Fair aque[la] **miada** mair bunito. É **miada** [as]sim de linha, né? É aquel[e] miadão ... assim não (*gestos*), é [as]sim, ó. É, quand'eu num tinh' o miadô e[u] fazia é no braço assim, tirava ela da roda no braço, mais aí eu mandei fazê o **miadô**. É, **miadô** (4 - 3NF70(?), 9).

⁵⁰ Variação de *meada*.

⁵¹ Variação do provável signo *meadouro*, peça artesanal que se destina a fazer as meadas de linha fiada. Também conhecido como *dobadeira*.



Foto 20 – dobadeira ou dobadoura

Os lexemas aqui tratados não representam todos os instrumentos e ferramentas de trabalho comuns aos senhores e senhoras nas suas lidas diárias pela sobrevivência. São apenas um esboço do que julgamos conceitos fluidos à sua prática de cultura. São elementos que não lhes escaparam da memória nas suas narrativas porque são muito mais do que peças de plantar, colher, moer, tecer, fiar ou armazenar. Expressam como os *tempos de primeiro* comportavam social e economicamente e, aliados a práticas de trabalho, delineiam relações sociais da época e das pessoas em questão. Tais instrumentos apontam para relações sociais de trabalho não menos conservadas e que, hoje, soam opressoras.

Como fazem parte de um sistema de sobrevivência, os instrumentos e ferramentas só apresentam esta configuração social porque havia práticas de cultivo e preparo dos alimentos e das vestimentas que os demandavam, ainda que no Brasil, na mesma época e em outros locais, as relações econômicas e sociais já tivessem estabelecido outras configurações dos instrumentos destinados ao trabalho.

O que se percebe, no entanto, é que a meiguagem no cultivo de roças, *sistema* ainda encontrado na região estudada e largamente praticado por todos os narradores, nos remete a práticas feudais em que possuir terra boa para o plantio dava ao seu senhor o poder de determinar como dela tirar o sustento e a partir dela estabelecer, a seu modo, as relações com quem a cultivasse.

Por mesmo motivo, vestir-se nas épocas narradas, só era possível a estes senhores e senhoras artesanalmente. Embrenhados em suas roças por meses a fio, sem condições para

se dirigir à cidade e nela comprar tecidos, cabia-lhes plantar o algodão para as tecedeiras que preparavam o agasalho e vestimentas da família. Vestir-se com roupas gossas, em tecido cru, cobrir-se com cobertas de algodão pesadas ou agasalhar recém-nascidos em tecidos de fios tecidos mais finos não era escolha – era-lhes a única forma de sobreviver aos *tempos de antigamente*.

No esboço que realizamos de um sistema de conceitos das narrativas, nota-se a quantidade muito superior à *ciência e à técnica*⁵² dos conceitos relativos a *ferramentas e instrumentos de trabalho*. Certamente isto demonstra que isolados das conquistas das ciências e das técnicas modernas homens e mulheres, há quase um século, na região estudada e com o perfil apresentado, sobreviviam com as *ferramentas e instrumentos de trabalho* apresentados. Não se defende, porém, que esta seja uma particularidade da região e dos sujeitos estudados, mas que os conceitos expressam como reagiram às demandas da sobrevivência.

Reafirma-se que o campo lexical em questão, conforme ensina Coseriu (1977), se caracteriza por agrupar lexemas cujos referentes se aproximam e se inter-relacionam no sistema léxico do vernáculo estudado para constituir o sistema maior de significação e comunicação, a língua portuguesa usada por estes senhores e senhoras diariamente. Quer dizer, embora agrupados em campos lexicais, lexemas e conceitos constituem, sobretudo, um sistema.

⁵² São trinta e seis (36) conceitos elencados das narrativas para *A ciência e a técnica* (ver p. 188-189), relacionados no capítulo II da parte que diz respeito ao *Homem e o Universo*, e 88 (oitenta e oito) para *Instrumentos e ferramentas de trabalho* (ver p. 170-173), no que diz respeito ao homem enquanto ser social nas suas práticas de trabalho.

III PARTE – O *CORPUS*: FRAGMENTOS DE NARRATIVAS

Esta parte contém fragmentos selecionados do *corpus*. Nela estão apenas os excertos que julgamos abarcar satisfatoriamente os signos conceituais tratados na II Parte. Obedecem aos procedimentos de transcrição apresentados na Introdução e foram selecionados na perspectiva teórica adotada na I Parte. Não são, portanto, a totalidade das narrativas gravadas, mas fragmentos de histórias de vidas inter-relacionadas e que mantêm um fio narrativo que permite ao leitor apreender a seqüência de seu enredo.

Acreditamos que aqui dispostos possam servir para uma leitura mais contextualizada das nossas considerações e permitir melhor visualização dos excertos retirados para análise no segundo momento desta pesquisa.

1 - 1NM82i

1. [Nasci] Foi município de Paracatu. [Vivi lá] Uns seis ano mais o meno. [Cresci] lá no Sant'Antoin do Ri[o] Verde. Nas roça. Uai, algumas [roças] gente lemba, né? Trabaiava lá no, na roça por nome de Mata, né? Nessa eu trabaiei lá por muitos ano, né? Depois trabaiei numa ... Fuimiga. É o nome do chão lá, né? Era o nome memo, né? Tinha [formiga] não. Era na be[i]ra do Ri[o] Verde, mais é, o nome lá era Fuimiga, né? Não, lá eu ... tem pocos ano que eu vim pr'aqui, né? Eu morei...criei lá e fiquei lá, mudei de lá já tava c'o mais de cinqüenta ano. É. Foi, foi criado e...morei lá quais[e] a vida intera. Nói[s] era, primero irmão ligíti[mo] [as]sim, primero era três, né? É, depois mais três irmão só parte de mãe, né? Mais três, né? Seis irmão. Não, é ... duas muié e os oto é hôme, né? Quato hôme.

2. Brincava [as]sim, uns brinquedim bobo, né? Da roça, né? É, brinquedim de roça. Ah, é brincá c'uns boizim ... roçano, esses trem, né? Boizim de sabuco ... fazi ... nói[s] tinha a tuima de brincá lá [as]sim, fazê essas coisa. Cambuiava co el[e]s, qu'era boi de carro, né? Ota hora fazia um curral, apaitava, diz qu'era vaca, né? Era essas coisas, né? Não, fechava c'umas

linha. Robava, pegava as linha lá da véia e fazia os curral de linha, né? É, no quintal, ota hora nós saía po cerrado lá [as]sim po[r] disbaixo dos pau, né? A véia era mui bastante braba. A gen[te] pegava aque[le]s boizim de pau terra, de pau santo, né? Tem uns miúdo, né? E, fazia aquilo e, quando era boi nói[s] punha chifre ne[le]s e incambuiava, diz qu'era boi de carro, né? Cangava, né? Ota hora vaca ... punha [a]que[le]s miudim era bizerro, né? E os grande era vaca, né?

3. Ah é! Quando nós tava foigado [as]sim tinha dia que juntava o ternim assim e brincava o dia interim lá, fazeno o brinquedo, né? Pois é, não é ... (*risos*) Fazi ... achava qu'era o fazendero, né? Juntava [a]quele monte de boizim, diz qu'era vaca tav'aí, né? É ... batizava os minino dos oto assim (*risos*), fazia os brinquedo [as]sim batizava, né? Diz qu'era minino. É tudo [faz de conta], é. Ah, nessa ép[oc]a tinha uns...deiz ano mais o meno, né? Nessa ép[oc]a qu'eu brincava, né? (...) Não, num tinha, quais[e] qu'era esses brinquedim assim, esses negócio de jogá bola essas coisas nunca gostei disso, né? Não, essas coisa assim, né? Num tinha muito brinquedo não. (...) Isso nós gostava, i[r] pos reberãozim tomá banho, né? Não, pescá pescava mais era poco n'era muito não. Nosso brinquedo quais[e] qu'era isso memo, né? É, num tinha mais brinquedo não, era só essas coisas, né? Carriá [as]sim, fazê os carrim de brinquedo, era os boizim, ota hora, oto dia era [a]partá as vaca, né? (*risos*). Ficava vurvido⁵³ o dia intero c'aquilo. Pois é! (...) e o dia que nós tava de foiga envolvia o dia intero c'aquilo.

4. É que eu toda vida em desde piqueno sempe trabaiava, né? Mais o dia que tava mei parado é ... ia brincá, né? Quande vinha os cumpanhero, que eu só memo te num brincava não, né? Brincava c'uns cumpanhero, né? Pudia ter uns...mais nói[s] tinha os cumpanhero de brincá co nós, né? Aí nói[s] juntava as tuiminha e fazia os brinquedo, né? É vizim, é. É, minino igual nói[s] memo. Trabaiava. Eu em desde a idade de deiz ano eu dava um jeito de

⁵³ Ocorrem, aqui, aférese e rotacismo: *envolvido* > *vurvido*.

trabaiá, né? Ah, saía mais minha mãe. Tinha uma fazeção de farinha. Eu ia ajudá ela, né? Ela ia pos oto assim, relava de mais assim ... agora eu ia pa lavá mandioca, né? Ficava o dia intero dento d'água lavano mandioca. (...) era minha mãe que era reladera, né? Agora eu ia p[ar]a lavá mandioca, né? É só ... Cascá e lavá, né? [A]go[ra], tava dento d'água d'interim, né? E quando era de tardin[ha] as mão assim, ficava curriadinha assim, ó.

5. E trabaiava o d'interim dento do rego lá, lavano mandioca pa ganhá um lito de farinha. Cê pensa que que era as coisa, né? É. E era um di[a] interim e era trabaiado, poque eu num ... toda vida eu num gostei de brincá, né? Inzoná. Trabaiava o di[a] interim pa ganhá um lito de farinha pa levá pra casa pa cuidá dos mais novo, né? Qu[e] os oto era piqueno. Não ... um lito de farinha (...) numa casa assim de quato cinco pessoa, é poca coisa, né?

6. Não, era diara⁵⁴, né? Que nosso pai ficô duente cinco ano, né? Cabô quand'ele faliceu, nós ficô c'as ropinha e umas panela, né? Agora, minha mãe tinha saúde e trabaiava demai[s]. Agora ela saiu, eu saía co'ela, né? Trabaiá pa podê trazê as coisa pra casa pos piqueno cumê, né? É, é ... trabaiano pos oto memo pa ganhá as coisa, pra levá pa casa, né?

7. Não, num ... se ficasse deveno deiz mi-réis, que falava mi-réis, né? Pos oto, ói se brincá a gente perdia o crédito. A pessoa pa ganhá um mi-réis por dia, tinha que sê bão memo. Eu já tava rapaizão e trabaiava ganhava quinhento réis. Aí que um ... fui [a]judá um hôme lá batê pasto, posav[a] lá dibaxo dum pé de manga lá, [no] pasto, né? Ele f[al]ô, não (...) vô te pagá ocê mi-réis, cê pa ganhá quinhento réis tá doido, é ... pode não ... Eu trabaiava, né, tinha força e ... tinha disposição, né? Aí dessa ép[oc]a em diente eu passei a ganhá um mi-réis, né? Por dia. Mai[s] era quinhento réis, né? Não ... se num fosse bão num ganhava um mi-réis não. É. Que hoje em dia pode sê sujeito, fô de siviço, seja o que fô é ... ganha igual os oto, né? Agora não, naquela ép[oc]a, sujeito ganhava conforme fosse o siviço dele, né? É ... se ele fosse rúim ganhava meno[s], se fosse bão ganhava mai[s], né?

⁵⁴ Redução de *diariamente*.

8. É ... eu só, eu é o mai[s] véio. É mais o meno uns deiz ano. É aquel[e] ... deu negócio de ducrisia⁵⁵, é ... opilação, né? Naquele tempo era um tempo parado, né? Naqui[lo] foi in[d]o passô a cumê terra, (*incompreensível*). Foi inchano foi inté morrê, né? É, é um veime, né? Agora o verme se num matá ele, a pessoa vai in[d]o passa a cumê, cumê terra, cumê caivão, essas coisera. Não, ele já num güentava andá mais, fazia nóis, é numa tapera assim buscá turrão p'ele moiá pa cumê. Aque[le]s turrão véi de bairro. Dá [a]quilo tem que cumê, né? Ota hora cumê caivão. Aí foi inchano, foi in[d]o ele num güentava andá mai[s], foi inté morrê, né? Inchô bastante, né?

9. E era um tempo parado, sem ... o povo era um povo parado e era sem recurso num existia médigo, essas coisa, né? Era umas faimacinha, né? É, é longe que nem o povo num tava, veiz duecia uma pessoa, muntava de acavalo pa i[r] lá em Catalão num faimacêutico lá buscá remédio, que num tinha médigo, né? Chegava lá contava p[ara]o faimacêutico, “Ah, fulano tá desse jeito, daquele” ... trazia os remédio e dava certo. Ali cum, às veiz três, quato dia [a]quele duente tava andano, né? Acertava, que é...sempe acertava, num ... era difíci às veiz pessoa perdê a viage, né? [Meu pai ficou] cinco ano. Cinco ano sofreno. Ah não, dava até uns remedim, mais foi in[d]o parece que o veime dipois que estremitiu⁵⁶ de mais na carne, né? Num teve sulução, né? Ah é ... hoje em dia inté num dá mais opilação esse veime cumo dav[a], mais de primero dava dimais nas pessoa, né? Agora tinha os remédio que a pessoa tomava que combatia com aquele ve[r]me.

10. Que nem eu memo, numa ocasião eu tava de jeito assim que eu ia p[ara]o siviço assim, era aquele discusolo⁵⁷ num fazia nada, uma discrença. Aí um, um vizim lá f[al]ô: “Não, (...) vô trazê uns remédi p'ocê”. Aí troxe um tal ferriginoso e uma colostomina, eu tomei, ah daí pocos dia eu tava quebrano inxada (*risos*). Tava bão dimais. Foi um santo remédi pra mim,

⁵⁵ Aqui o narrador refere-se à hidropisia.

⁵⁶ Variação da forma verbal *transmitiu*.

⁵⁷ Variação de *desconsolo*.

né? Pois é, opilação é do veima⁵⁸, né? Pois é, o veime dava opilação na pessoa. A pessoa vai ficano [a]marelo, disacussuado⁵⁹, disanimado, dor nas perna, né? Dor no coipo, sonera ... senta assim, senta assim num lugá quan[do] dá fê tá durmino, né? E dá um disanimo⁶⁰ na pessoa. É, o tal do veime dá um disanimo a pessoa, se num curá vai inté morrê memo, ó. É cum[o] aconteceu meu pai, né? Incha o coipo tudo, né? Ah não ... é ... dói, né? E meu véi foi in[d]o, meu pai foi in[d]o ficô assim de num andá, num saía pa banda niũa, né? Nóis tinha, quan[do] dava [a]que[le] [de]satino p'a [a]que[l]as fudriguera, eu ia com remorso mais tinha que buscá, né? É, mais tinha que buscá, né? Qu'ele ficava brabo se num buscá.

11. É eu fui essa vida, acumpanhano ela, depois eu fui tomano um tamãezim, aí eu já ia com meu avô p'a roça, né? E[le]s tocava umas roça lá nessa Mata que eu falei, né? E[le]s naquela ép[oc]a plantava muito feijão, lá rancava mais o meno que num tinha preço, coía aquilo caruncho comia, que num vendia, né? Agora eu ia pa pruveitá feijão assim, qu'e[le]s largava no mei da roça, trazê pra casa, né? Posava na roça semana toda. Agora eu ia catando aque[le]s feijão, qu'e[le]s ia largano, né? Trazê pra casa. Depoisi o irmão tomô mai[s] um tamãezim nóis já passô a fazê uma rocinha pra nóis, né? É. Aí fui vuluino⁶¹ mais, né? Já nóis passô tê as coisa em casa, mantimento, né? É, aí nóis já passô [a tratá da família] ... a minha mãe pric[is]an[d]o trabaiá mai[s], aí já nóis tinha ... o que nóis cuía nóis levava pra casa, né? Já passô ... já ingordava uns poiquim, foi crescono, foi aumentano o siiviço, né? No fim, nóis já tinha fartura em casa, né?

12. Depois minha mãe casô, dexô nóis ... na casa. É ... Tava [grande], não nóis tava rapaiz, né? Aí nói[s] foi morá na casa d'uma irmã nossa, né? Ficô nóis só na casa. É aí nóis ficô só dois irmão na casa, né? É, a irmã já tinha casado, né? Agora eu mais o irmão era sortero, né?

⁵⁸ Variação de *verme*, que se apresenta nesta narração como *verme*, *veime*, *veme* e *veima*.

⁵⁹ Variação de *descorçoado*.

⁶⁰ Variação de *desânimo* (substantivo), por hiperbibasmo.

⁶¹ Variação de *evoluindo*.

Aí nós foi morá na casa de[le]s, né? Aí é lá nesse ano memo nós todos os dois casô, né? É, tava difíci aquela vida, né?

13. Uai, gostava muito de festa, né? (*risos*) Uai, té gostava [de namorar], né? Uai, num achava [ruim] não, né? Num sei que eu inté tinha sorte c'as moça, né? É...Pela minha fromusura eu inté num posso cramá, eu tinha muita sorte, né? Moça assim inté que mim namorava, que inté tinha veignonha, né? Que pelas minha força, né? Às veiz moça assim rica, né? De gente, de família rica, me namorava. Eu num dispensava mai[s] eu ficava com veignonha. É que eu ... fraquim, né, de fo[r]ça, né? Mais e[la]s queria namorá, eu num dispensava, né? Aí, bão, [era bonito] no tempo de mai[s] novo ... É, trabaiava e tinha mais furmusura, né? Hoje em dia gen[te] vai ficano véi e toda vida fui estragado dimai[s] no siiviço, né? ...Eu num sei se é qu'ê ou se um bucado era a sorte, inté num posso cramá, eu inté era de muita sorte com namorada, né?

14. Aí eu casei, né? Eu casei com vinte e três ano. [Casei] Só uma veiz. É, gora nesse janero que passô agora fez oito ano⁶². Ela morreu em noventa e quato. É, sô, fo[i] problema de coração, né? E num gosta ... pelejava p'ela i[r] pa tratá, parece que se fosse i[r] num médi[co] assim, fosse preciso dela ficá internada, [a]quilo pra ela era um bicho, num ia de jeito nium. Quando ela resorveu i[r], tanto eu insisti co'ela, né? O dia que fez quato dia que nós tinha ido no médi[co] ela morreu. É, foi muito atrasado, né? Mais é, num era força minha não, ela num ia memo, né? Teve um povo dela aqui pelejô, inda falei: “Ó, cê vai com e[le]s, manhã eu vô. E[le]s leva ocê lá no médi[co]”. Ela num quis é de jeito nenhum. No oto dia eu tentei co'ela [ou]tra vez, ela falô: “Não, num vô não”. Aí no oto dia tornei falá com ela, ela falô: “Não, eu vô mai[s] é p'a Camp'Alegre, Catalão eu um vô não”. Eu falei: “Não, eu num vô te contriia, onde se quisé i[r] eu te acumpanho, né?”. Aí nós foi, né? Aí foi lá ela ... tem um faimacêutico lá o (...), ela falô: “Não eu quero i[r] no (...)”. Eu falei: “Não, intão vamo”. Aí

⁶² Refere-se ao tempo decorrido da morte da esposa, como se nota adiante na narrativa.

chegô lá (...) pôis o aparelho nela, falô: “Não, cê vai lá”. Ligô lá no hospital: “Cê vai lá p’o ... tem um médi[co] lá, cê vai lá no médi[co], eu num vô te dá remédi não”. Aí ela foi chorano, né? Chegô lá ele marcô p’uma hora da tarde, né? Aí nós foi, aí chegô lá o médi[co] falô: “Ó, o coração dela tá fraquim demais. Cêis vai em [I]pameri”. Falei: “Ah nós vai lá, né?”. Ela falô: “Não, num vô não”. Ah, eu num podia contriiá, né? E eu falei: “Não, num vô te contriiá não, eu achava que precisava de i[r], mai[s] num vô te contriiá”. Aí nói[s] vei[o] imhora, passô os remédi e nói[s] vei[o], né? Aí o dia que fez quato dia, quando ali seis hora da tarde ela cabô, né? Foi. Até ela tava sentada lá do lado fora assim, os minino tava lá com ela, ela sentada lá, quando os minino gritô: “Oh a mãe aqui!”. Quando eu curri lá ela tinha virado, tava cambano. Foi iguá ... a mema coisa d’um passarim, né? Não, somente bebeu um golim d’água que eu puis na boca dela, né? Aí num falô nada, foi a mesma coisa que morrê um passarim, né? Qué [d]izê, que sofreu na vida assim, mai p’ela acabá num sofreu não. Qu’ela ficô duente aí mui tempo assim, cuidano, nunca parô de trabaiá, mais gente via qu’ela tava ruim, né? Sem força, é. Depois já passô senti cansera, dava a noite assim, tinha noite que p[r]icisava dela ficá sentada, né? É tipo de chago⁶³, né? Já no fim tinha noite que pricisava dela sentá, já num güentava ficá deitada, né?

15. E, tá doido ... Nói[s] viveu cinqüenta ano junto, nós nunca teve disconferença⁶⁴ nenhuma c’um a outro, né? É, graças a Deus nunca teve disconferença nenhuma c’um a outro, né? Ela me considerava bem e eu considerava ela também, né? Ah, gostava [demais um do outro] né? É ... qué dizê, meu casamento foi feito lá na Vazante, né? É, foi em Minas, né? É, na festa da Vazante. Nói[s] foi e casô lá, né? Casô lá, quer dizê, casô no padre, né? Depois nós casô civil em Goiás, né? Em Catalão, né? Tinha que casá [no padre], é. É, tinha que casá, né?

⁶³ Possível referência aos sintomas da doença de Chagas.

⁶⁴ *Disconferença* aqui se refere a qualquer desentendimento entre o casal.

16. [Tivemos] treze filho. É, é ... qué dizê, que é vivo é só deiz, mais era treze fii, né? Graças a Deus, tudo sadii, meus fii foi tudo sadii, né? Não, ela ganhava e[le]s tudo lá na roça, né? É. Judava assim, às veiz [eu] arranjava uma companhera, né?

17. Tinha [parteira]. Naquela ép[oc]a sempe tinha, né? Já tinha queza⁶⁵ partera, né? Às veiz gen[te] té já palavriava eza⁶⁶, né? P'aquele tempo, né? Di[a] que a muié sintia mal gen[te] pircurava ela, né? Não, graça [a] Deus, né? (...) minha isposa sempre era feliz, né?

18. É, deiz [filhos]. Tem três morto. Uai ... uma morreu cum mal de, tava cum um ano, acho que c'um ano e nove mês, é mal de sete dia, né? E os oto foi bebeu veneno, né? Inté o pai dessa minina qu'ê ... a mãe dessa minina aí ... mãe daque[la] menininha é uma da que ... E[le]s fala que, fala que foi veneno, eu truxe ela pr'aqui, levô em Catalão, ela num deu mostração de veneno, mais e[le]s fala que fo[i] ... É, mãe dessa, dessa minina [que] tav'aí. É. É, é ... vó do neném. É. O oto morreu cum dizessete ano, né? Ele foi em Catalão, tinha [a]quela pensão da (...), é ... ele ficava sempe era lá, as mocinha lá gostava muito dele, ele falô pra e[la]s lá que ia chegá em casa e bebê veneno, né? E chegô no oto dia e bebeu veneno memo. Num sabe mutivo, né? É, o prazo qu'ele teve foi dele i[r] pa casa, uns três quilôme[tro] lá de casa na casa d'um irmão dele, chegô lá...É. É, morava na roça. É, qué dizê, quand'essa mãe da, da minina aqui...eu já morava [a]qui, eu truxe ela pra cá, né? Ela morreu lá no, na bera do São Maico, lá em riba na fazenda dos Barrado, né? Não, e[le]s lá me contô que ela sintiu mal assim e morreu logo, num demorô muito não. Uai, alá e[le]s fala que foi veneno maisi, aí quando foi duas hora da manhã chegô um rapaiz aqui, chamano, que ela tinha morrido, né? Que era pra mim dá indamento. Aí eu saí, arranjei um carro aí e nós foi lá buscá. Seis hora da manhana nós tava co'ela [a]qui, né? Aí pegô ela levô em Catalão, té a pulícia ali levô, pa fazê ixame, né? Um soli quente vei[o], foi inté dá hora de sepurtá, paricia qu'ela tava duimino, nem deu mostração de veneno de jeito nenhum. Eu fico parafusano

⁶⁵ Juntamente com *ques* [kɛz], *quesa* [ˈkɛza] é forma variante de *aquelas*.

⁶⁶ Forma variante de *elas*: [ˈɛza].

cum' é que foi essa morte dessa minin[a] minha. Não, ele [o médico] num falô nada [sobre veneno], né? Eu memo num fui, qu'eu tava c'uma dor de cabeça medonha, os oto aí que foi, né? É, não, foi...eu num lembro mai[s] era que eu vim pra [a]qui, mas já tá cuns mais o meno, cum dizesseis ano. Ah não, é, num é faci não, né? S'ocê vesse lá esse rapaiz, ele ... parece que eu fiquei perturbado, custô demais saí minha memória aquilo, né? Foi. Não, esse foi o veneno memo, né? Gen' sabe que foi, né? Ah, num é faci não. Pois é, parece né, que ... Ah não, o trem é...

19. É, trabaiano sempe nas roça, né? Depoi[s] morava nas fazenda dos oto assim, trabaiaava, passava a carriá ... existia carro-de-boi, né? Aí toda fazenda que eu ficava assim, tomava conta de carro-de-boi pos oto, né? Os oto tinha confiança comigo, né? E eu cuidava daquilo direitim, né? Uai, os oto gostava de mim pra carriá, né? Que eu, eu sabia mexê c'as coisa, né? E tinha força, né? As fazenda qu'eu morei tudo, sempe povo tinha carro, eu que tomava conta, né? Dipois que'eu tô aqui memo eu inda, inda trabaiei oito mêis inda, carriano uma carvoera lá (...), né? É. Dipois eu abandonei isso aí ... Não, lá (...) era só memo na carvoera, né? Fazeno caivão. É, carro-de-boi, né? É, é, carriava maderá. Não era maderá. Mai[s] entrava dento dos forno p[ar]a tirá caivão.

20. Trem mais triste é entrá dento d'um forno p[ar]a tirá caivão, ó. Tem dia que fo[rno] tava quente ... Entrava. O dia que picisava d'eu entrá, eu entrava. E aqui[lo], aquela poera que dá, um trem horrivi, aquilo ó. Gen[te] fica pretim, e a gen[te] iscarra o pur[o] caivão, ó. Aquilo faz um mal...desde quando o fo[rno] tá quente, é brabo ó. Pois é, [a]quilo té num duecia dimais, é o mistéro de Deus, né? Não, é, mexê com carvoera pra queim[ar] ... queimá lenha num é fáci não. É no que a pessoa...tanto que toda pessoa quemadô de lenha assim, ele é bebedô de pinga, que a pinga p[a]rece que limpa aquele caivão, né? G[a]ranto c'aquele caivão vai ... mem[o], às veiz qu'eu tirava eu ficava iscarrano aquele caivão assim mui tempo, ó. Aquilo mexe e vira vai ingolino [a]quilo, vai desceno p'os pumão, né?

21. Nunca fumei. Nunca. É um trem que eu nunca gostei foi de fumo, né? Pinga, eu bebo aigum golim, mais nunca fui pinguço. Nunca, nunca muntei a cavalo p'a i[r] num buteco p'a bebê uma pinga, né? Não, num ia, né? É isso ... hoje em dia eu inda bebo mai[s] é muito poquim, agora no tempo d'eu [jovem] ... bibia assim, eu gostava de i[r] em festa, gostava de levá uma pinguinha, ficava mais alegre. Quando eu começava ficá assim, mei alegre eu parava, né? Nunca parei de dança po[r] conta da pinga, né?

22. Ah, não! É ... faz o carro de madeira, né? As roda, faz a mesa, ago[ra] fa[z] assôide, é p'o assuêro⁶⁷. É fal[a] tal che[da], chedo, pa fazê a mesa, né? Cheda. É. Agora fura cum ferrim fino p'a pô[r] os fuêro, né? P'a pô[r] a madeira, pô[r] uma estera p'a carriá milho, né? Não, eu num sei fazê não. Tem um cara ... É, tem uns cara aprend[e], propriado p[ar]a fazê, né? Agora os boi, faz é arriá, faz as canga, faz os canziro⁶⁸, que fala, né? Faz as fula, faz o riamento assim, as correia de coro, né? Arreia assim, põe seis ou oito boi, p[ar]a carriá num carro, né? Ah é ... na base de seis, oito boi aí, por exemplo, que põe, né? É, fa[z], faz as canga, agora canga e[le]s de parêia assim, né? Agora num mei aqui põe um tambuero na tamba ... põe um tambão, né? e vai incambuiano, né? Agora lá no carro põe...faz uma canga torta, qu'e[le]s fala canga de coice e espeta o cabeçai do carrim e amarra, né? E aí sai tudo incurriado, né? É incambuiá os boi no carro, né. É. Incambuia os boi e espeta no carro, né? É pro exemp[lo] se, se é seis, fica três dum lado e três d'oto, né? É as parêia de dois a dois, né? A gente põe o nome ne[le]s, né? Ah, o par, né? A gen[te] fala o par, né? O par de boi, né? É o nome a gente é que põe, né? Não, custuma, ó...dipois que...a gente amansa e[le]s, né? No amansá já põe os nome, né? Agora e[le]s cumpriende, falô, falô pelo nome e[le]s já sabe qu'ê ele, né? É mesma coisa de nói[s] assim, por ixempre, chamô a pessoa pelo nome, pode gritá de longe qu'ele sabe que tá gritano é ele, né? [O boi] Atende! Amansei muito, né? Mansei ... só numa fazenda que eu morei que, qu'eu mudei pa vim pra qui, só lá eu mansei uns

⁶⁷ Possivelmente uma referência ao *assoalho* do carro-de-boi.

⁶⁸ Variação de *canzis* (singular: canzil).

cinquenta boi. É, lá eu carriei lá uns dizesseis ano. Quandi eu vim pra [a]qui qu'eu tava jeitano uns boizim, né? Aí o don[o], meu patrão lá vendeu a fazenda foi piciso d'eu, d'eu saí, né? Aí eu, eu vim prá cá e eu fui vendeno e[le]s, né? Cabô. Por aqui num ... tinha que [a]lugá pasto, era custoso, né? Não, nunca pissuí [fazenda] não. Andava memo só com fazenda dos oto, né?

23. Prantava. Toda vida eu prantava assim, de roça prantava quase que de um tudo, né? Mii, arroz, a mandioca...Prantava, muito! Miduim. Prantava assim, o que é de prantii de roça, prantava quais[e] que de um tudo, né? Uai, é...aboba é, quiabo é, tudo é prantii de roça, né? Assim, de prantii de roça, prantava de um tudo, né? Ah, numa rocinha des[sas] véia, doce dimai[s] era memo aboba, quiabo, essas otas coisa num prantava não, né? Cará, Batata, né? essas coisa, né? A batata doce, é. Não, ela quais[e] num igistia⁶⁹ não, né? Ah, o povo prantava só a hortinha assim p[ar]a, p[ar]a tempero de panela memo, na casa, né? É, num igistia esse prantii de ai⁷⁰ igual tem hoje não. É cebola tamém prantava, as hortinha da porta memo, era só p[ar]a dispesa. Não, [cebola] de cabeça sempre prantava, né? Mais só memo po[r] dispesa, né? Ninguém fazia prantii assim p'a vendê não.

24. Não, às vez prantava em ota fazenda, né? que nem quand'eu, assim de[s]de mai[s] novo, lá nes[as] fazenda da Mata, nós trabaiava, lá era ota fazenda, né? Nós trabaiava lá, né? Não, naquela ép[oc]a era rendado. É, rendado. Ah, lá era ... nessa fazenda da Mata, lá gen[te] trabaiava era, a renda era, por exemplo, era um ... se fosse meia era um quarto por quarta, né? Agora, a roça desse o que desse, gen[te] tinha que pagá um carro de mii por quarto de terreno, né? por prantii c'a gente fazia, né? Não, se na roça num desse nada, num pagava tamém, né? É, podia dá, uma quarta de roça, podia dá inté seis carro, eu tinha que pagá só um, né? Só um. Se desse dois carro eu tinha tirá um e ficá só c'um. Aí ficava na meia, né? (*risos*). Não, é já tocava a roça cumbinado, né? Agora eu num pagava arrendo de feijão, essas otas coisa que

⁶⁹ Variação da forma verbal *existia*.

⁷⁰ Variação de *alho*.

colhia de roça, num pagava arrendo nenhum, né? Só pagava arrendo do arroz e do mii, né? Do arroz por exemplo, era rendado também, três parte um, ou quato parte um, era assim arrendo, né? Era, por exemplo, era um carro po[r] quarta o mii, né? Um quarto de prantii c'a gente fazia, né? Agora se desse, podia dá inté seis carro, gen[te] tinha que pagá só um carro de arrendo, né?

25. É mai[s] lá, a fazenda lá era boa mai[s], né? Dá, dava muita coisa, né? Não, num egistia adubo não. Num igistia esse remé[dio] de pô[r] nim pranta, num igistia nada, né? Pois é, e dava, dava muita...trem de mais, num tinha esse negócio de cupim p'a matá, num tinha fuimiga p'a cortá pranta. Era um tempo bão, num tinha esse coiserada que tem hoje em dia não, né? Hoje em dia se num pô o veneno num dá, é ... se num pô[r] o adubo, num dá. Pode sê a terra boa que num dá, né?

26. Não lá, lá nessas fazenda que nós trabaiaava, quais[e] tanto fazia no fundo da roça cumo na cabicera, dava mantimento igual, né? Tan[to que] lá era uma mata grande assim, era muitos aiquero assim, era um bachi⁷¹, né? lá era, era uma costa boa dimais, em caiquer lugar que prantava dava bão. Fejão era na base ... tinha quarta de feijão lá dava té vinte saco de feijão por quarta, né? Dava trem dimai[s] memo, né? Dava muito feijão. Era boa de mai[s], ó. Feijão lá ó, esse feijão roxo, que hoje iem dia ele num dá corda, né? lá ele ia no topo do milho, ó. Era boa dimais, cê pricisa de vê.

27. O mii sempe naquela ép[oc]a prantava setembro, outubro, que a chuva vinha cedo, né? Agora o [ar]roiz era na base de ... prantava fim de outubro, primero de novembro, era ép[oc]a de prantá o arroz. Ah, o mii chegava primero, né? É, o mii chegava primero, dipois o arroz prantado em novembro e o mii prantado em setembro, no mês de feiverero já tava seco, secano, né? Agora o arroz prantado em novembro chegava pa colhê [a]li no mês de abril. É, é na base duns quato mês, né? É, o arroz.

⁷¹ Possivelmente variação de *baixada*, nome dada à parte mais baixa da terra para plantio, próxima às matas e aos córregos.

28. Pranto [milho]! Não, pois é, eu pranto todo ... que nem, eu tô c'uma rocinha lá p[ar]a coiê, né? Uai, de prime[ro], de primero era covado de inxada e posto co'a mão, né? Ah, era na base de cinco, seis caroço, naquela ép[oc]a que covava isquado longe, né? Agora de prantadera, hoje em dia pranta só de prantadera, né? É na base de caí ... a prantadera tem sortá na base de dois, três caroço se não cai muito, né? É, aí sempre fica mais perto, né? Uai se prantá ele caino assim, na base de dois, três caroço e prantá perto, ele rende mais, né? Rende mais e fica mais impanado. Topado. É, mais topado. Mais perto um do oto, né? É cum ... vinte e cinco dia, trinta dia, era ép[oc]a de limpá, né? É, é na enxada, né? Inté hoje em dia eu limpo é na enxada. É, que o povo aí hoje em dia limpa ... mais limpa é com veneno, né? Mai eu nunca bati veneno em roça, eu é quase nem pô[r] veneno na pranta p[ar]a prantá eu num põe, né? É memo na, na natureza do tempo, né? Não, é só enxada, né? Não, é ... capidera que fala. Não, aquilo num passo não. Que eu num tenho aquilo e p[ar]a i[r] ficá arrumano com os oto p[ar]a ... vai pagá e[le]s cobra muito caro, né? P'a gen[te] tomá imprestado é rúim, né? [A]go[ra] memo, nói[s] limpa é só na base da enxada. Ah, é de dois mêis, dois mêis e tanto ela já tá começano a dá, dá ... pinduá e dá espiga, né? De três mêis ele tá espigado, né? É, quando ele já ... o mii tá prantado pa bo ... isboçá ele, né? Já vem o pendão e a bunequinha, a faquinha, qu'e[le]s fala, né? Fala faquinha, né? É, um fala buneca oto fala faquinha, né? Aí já nem o ... rompe o pendão e a faquinha de uma veiz, tudo de uma veiz, né? Aí quan[do] ele vem desse jeito ele fica bão, né? Quando ele pendoa assim dipois p[ar]a vim a faquinha ele fica a espiguinha miúda. É. Dois mêis e mei[o] ele já tá espigano, né? De três mêis ele tá espigado, né? Só qu'ele tá...As espiga tá feita, só que num tá granadinha, né? Mais já tá espiga feita. É quando, é...fica assim granadim na posição de quebrá assim p[ar]a cumê, né? É, no ponto de cumê. Fica molim. É, enquanto tá de quato mêis qu'ele espigô aí ele já tá, aí tá duro já, amarelano já as paia. É, [a]marela e mii tamém, aí vai endureceno, né? Ah, mais aí tem que esperá ele, né? Aí...hoje em dia o povo mais cói é de

coiedera, mais nóis cói é manual, é na mão, né? Aí tem esperá ele, quais[e] nessa ép[oc]a assim p[ar]a quebrá, né? Quando é a épa de coiê, né? É que aí, em ante ele tá (...) Esse nosso foi prantado, já foi em, em novembro, né? Mais agora qu'ele tá bão de quebrá, né? É. É que, faz esse tempo assim...sempe as roça, pode sê prantado assim em outubro, a ép[oc]a memo de coiê é nesse mês⁷², memo né? Agora, o povo aqui cói mais cedo que, e[le]s vai prantá aí, né? P[ar]a disocupá o terreno, cói o mii inté mei[o] verde, né? Fica lá secano, né? (*risos*). Secano. Ah não, isso aí, se num tivé secado e fô[r] piciso quebrá, quebra, mai[s], mai[s] num é bão não. E ele mucha tamém. Mucha. Se quebrá ele verde e num dé sol assim, quebrá ele mei[o] verde e num dé sol p[ar]a, p'ele secá aí ele mofa tudo, né? E pudrece o sabuco, vai dibuíá depois o sabuco ismói tudo, né? É. É esperá nessa ép[oc]a assim que aí cói ele sequim, né? Já pode quebrá e, se fô[r] pa guardá, já pode trazê e guardá. É. Pega lá no pé e quebra, né? Agora o povo aqui cói quase qu'é só de coiedera, né? Não, aí quande, se vai ará aí passa o arado po[r] riba e e[le]s mói, né? Agora se vai limpá a roça de enxada é, vai juntano e pono fogo. (...) Se dexá pa fazê esteico é mió, né? Mai[s] quando a gente junta de enxada, gen[te] vai juntano e queima, né? É. Agora, o arado corta, pica tudo, né? Costura no mei[o] da terra.

29. Ah, a gen[te] fala paiada, né? Paiada. Ah, junta passarim dimais, né? Hoje em dia junta mais poco que e[le]s, os passarim l'em vai sumino, né? Mai[s] memo sempre assim junta, né? Ah, sempe é os ... passupreto⁷³ é ... aque[le], gen[te] fala pomba do bano, né? Nas roça bera de rii de primero, junta nessas roça aqui num vem não. (...) Mai era o passupreto, era a pomba do bano, aque[la]s juriti qu'e[le]s fala, né? Essa ... dento da roça. Uai, nessa roça nossa aí sempe ia umas perdiz, né? Codorna, inhambu ... É que tem o [pato] de casa e tem o do rii, né? Agora essas roça bera de rii, antigamente e[le]s juntava muito, né? P[ar]a cumê nas roça.

30. [Depois de colhido o milho] Ah, põe nos paiolim, né? Ah é, é um jacá. A medida é trinta e dois atii o mii grande, né? Agora põe de...p'a pô[r] todo mii aí pega mais, mai[s] a medida

⁷² O mês a que se refere é maio, posto que a gravação se deu em 31 de maio de 2003.

⁷³ Variação de *pássaro-preto*.

exata é trinta e dois atii. Atii é quato espiga, né? É, tem que escolhê no monte de mii, só o mii grande, né? Aí é a medida exata. Não, quande tem que parti, tirá a renda lá, aí já mede na roça, né? Ah (...), onde o mii num, num dá pa confiri com o mii ...[en]tom a medida tamém é dois meto, assim, uma corda de dois meto passa no fundo e topo na boca assim tamém é a medida certa, né? Dá um jacá. É dá, aí é um jacá, né? Qué dizê que o mii pequeno, por exemplo, se o mii grande, se pegá cinqüenta espiga, do miúdo pega umas cem, né? É a mesma coisa, né? É dois meto de corda, passa no fundo e top'ela na boca do jacá assim, é a medida, né? É uma corda, né? por exemplo ... É uma corda que nem essa aí, agora põe ela...dois metro, põe ela no chão e põe o jacá em riba e topa as ponta dela assim na boca do jacá, né? Se deu...se deu aquela medida de dois meto é a medida exata, né? É [o jacá uma forma de medir], mais às veiz e[le]s faz de todo tamãe, uns faz menos, otos faz maió, né? É ...qu'e[le]s faz às veiz ... faz um maió, passa da medida, otos faz otos menos, né? Uai, quando traz assim purção, vai inté na coieta tem, né? É...sempe às veiz quande é...compra [a semente], tem o mii comprado, mai[s] tá muito caro, né? É, aí já tem que comprá, né? Que aí ele [está] mudificano muito, né?

31. É, não o arroz é gen[te] pranta sempe é, quando é prantado na matraca de mão é, é na base ma[is ou] meno de deiz, quinze caroço na cova, né? Agora o espaço, um espaço assim de dois paimo, d'uma cova na ota e uns dois paimos e mei[o], três paimo o linhamento, né? As rua assim. Ah, que se prantá e[le]s muito largo nessas terra fraca ele num dá nada, né? É. Ela tem prantá mais p'e[le]s impaná mais, né? É juntá, né? [Milho] Fica [ruim]. Se prantá ele muito perto ele fica finim, num dá espiga que presta não. Pode sê a terra boa qu'ele num dá bão. Né não, dá espiguinha miúda, né? Ah, na terra mais mió é na base de deiz, quinze caroço [de arroz] a cova. Uai, costuma, um arroz bão, costuma nascê tudo, né? Uai quande, o arroz quande prefia às veiz tem pé de arroz que dá inté, um pé só dá té cinco pé, né? Qu'ele prifeia, né? É, aprifeia, né? Um pé de arro[z] ... é brota assim, um pé só dá cinco, seis, né? É,

aprifeira, é. É, brota dos lado, né? Não, pois é ... se ele prifiá ele fica uma to[u]ça grande. Por exemplo, se pô[r] muito aí ele prifeia, aí ele nem num dá, que aí a to[u]ça fica grande, né? Ele num, o cacho dele num presta. É, tem que pô[r] poco, que se ele prifiá ele num, aí ele fica bão, né? É oito dia. Oito dia ele tá nasceno. Uai se ... é tem que dá a chuva. Quaquê uma chuvinha que dá ele nasce com oito dia, né? Agora se num chovê ele atrasa, né? Pa nascê, qua às veiz a terra tava seca, ele fica lá inté deiz dia na terra. E se tivé moiada tamém ele nasce a mesma coisa. Nasce. [Milho] É na base de oito dia também, né? Ah não fica ... qu'esse negóci[o] de prantadera fica mei fundo, né? Mai[s] numa posição assim ... É, menos de mei[o] paimo. Uai, se fô um terreno ispraguejado é com vinte dia gente tá limpano, né? P[re]cisa limpá, né? Agora se fô um terreno que num ispragueja muito aí é com vinte e cinco dia, trinta dia, tá teno [de] limpá, né? Ah, o terreno, se fô um terreno que num [é] espraguejado é umas três limpa, né? Três limpa p[ar]a podê coiê ele. Uai, tem o arroz três mêis e o arroz quato mêis qu'e[le]s fala, né? Agora o três mêis, com dois mêis de [crescido?] já tá fazeno a burrachinha, né? Saindo do chão, o cacho. É, vem do chão. Tanto que se dé o soli na ép[oc]a qu'ele tá saino lá do chão, aí ele atrapaia, né? Aí sai o cacho, mais imbranqueja. É a burracha do arroz que sai do chão (*risos*). É, nós fala burracha poque fala: "O arroz tá imburrachano, né?". É, ela ingrossa a cana, né? É. Quando ele vai saí a burracha ele fica caninha grossa, né? É, se dé o soli forte, aí ele dá a burracha, ele sai o cacho mais imbranqueja tudo, né? E num grana, né? É tudo chocho, né? Imbranqueja, né? Fica o cacho branco, né? Que ele nasce [a]quele cacho bonito aí com pocos dia ele, cê olha assim ele tá tudo branco, né? Num, num dá o leite, é. Pois é, não, gente, gen[te] fica preocupado dimais quando dá ... o arroz tá fazeno, começano a fazê o cacho, gen[te] preocupa dimais com o tempo, né? Pois é, gente fica preocupado dimais, fala: "Ah, se num chovê vai perdê a pranta, né?". Aí naquela ép[oc]a aí já, já passô, aquilo tá perdido. Já passô o tempo e prantá [de novo], né? Naquele ano, que nem eu memo aqui, eu já perdi três pranta de arroz aqui, ó. É.

Depois do arroz cachiado ... Ano passado memo eu coí mai[s] foi pelas metade, né? Vei[o] o soli, ele chuchiô quase tudo, né? É difíci demais, ó. A gente, a gente trabaia é no arrisco, ó. É na aventura, né? Qué dizê que a gen[te] toca aquilo fiuzado é a fé em Deus, né? Mais gente preocupa demais com o tempo, né? Aí che[ga] o tempo de prantii assim gente procupa dimai[s], ó? Ah eu ... eu fico preocupado quando pega aquela, aquele veranico grande assim, que vai muitos di[as]. [Quando] os dia é poco num tem nada, mais quando vai passano assim os dia aí vai precupano c'o tempo, né? Seca muito, né? Esse terreno aqui é bastante seco, né? É, ele fez a burracha, logo ele rompe o cachim, né? Sai. Ah, é um mêis e tanto, quais dois mêis pa ele ... um mêis e mei[o] ele tá dano p'a coiê, né? Tempo tivé bão assim, um mêis e mei[o] ele dá p'a coiê. (...) Ele amarela, fica [a]marelim! Ah fica bão! Quando tá assim a roça ... chega na berada da roça assim já sente o chero, né? Sabe, é. Ah, é um cherim bão, gostoso, né? (*risos*). É. Chero de arroz (*risos*). [Colhe] É cortado, né? P'a [g]ente batê ele manuali é, corta com ferro e vai fazeno umas bandera, depois carrega e bate na banca assim. (...) Corta a rama assim, uma posição que a gen[te] peg[a] ela pa batê, né? (...) Se ele ficá arto corta assim mais no mei[o], agora se ele ficá muito baxo, corta bem perto do chão, né? P'a dá uma distância da gente pegá pa podê batê lá no jirau, né? É, pega os fexe assim com a mão e bate no jirau, né? É batido assim, manual, né? Não ... arroz duro é ... tem que dá até seis pancada. Agora arro[z] mai mole com quato pancada ele solta, né? É com força! Não, é com força memo, toda força c'a gente tem, né? P[ar]a pô[r]... Ah cansa, é ... batê arroz assim no jirau é cansado. Ah não, tem que, que ... de primero fazia terrero batia era na terra assim, né? Hoje em dia tem os pano, né? Pano grande p[ar]a, p[ar]a pô[r] a banca em riba, né? Cai em cima do pano. Tem os pano de algodão e tem os pano de prásti[co], né? C'a gente compra. Aí de primero fazia os pano de...comprava aque[le]s pano de americano, que falava, né? E infesta ... Fazia um pano grande, né? Aqui o (...) memo ali tem um pano desse. Mais hoje em dia o povo compra mais é prásti[co], né? De primero era batido era na...rapava o chão, batia era na

terra. O feijão era batido na terra, tanto qu'era aque[le]s feijão chei de terra, né? Dava um trabai p[ar]a iscolhê aquilo p[ar]a cuzinhá. Pois é, juntava, juntava com terra, com tudo era tanto que usava as cuia de cessá o arroz pa podê cuzinhá, né? Ah não, sempe coía e traz[ia], mais antigamente, que hoje em dia o povo num faz rancho nim ro[ça], mais antigamente as roça tudo tinha ranch[o], né? Pode sê, cuzinhá, durmi, né? Que hoje em dia o povo num posa na roça, mas de primero gente ia pa roça, posava na roça semana toda, né?

32. Ah, fala que tem uns cumpanhero, né? Gen[te] num pode falá que é peão, tem que falá os cumpanhero, né? Cumpanhero da gente, né? Não, poque peão acho que já ... peão fica [a]quela conversa mais mal falada que falá cumpanhero, né? Que cumpanhero, é cumpanhero da gente, né? Agora, peão acho que já é mais, acho que já num é mais certo, né? Mais muita gente fala é peão, né? Mais eu falo os cumpanhero.

33. Ah não, o feijão gen[te] faz ... Não, é rancado c'a mão. Hora qu'ele seca, gen[te] vai lá e ranca, vai fazeno as bandera. Se tem a coiedera, joga na coiedera, se num tem, faz um terrerão assim e bate no, na vara. Sempe bate no ... põe no pano e bate, né? É. Faz um terre[ro] ... rudeia ele assim um ... terrero que esparrama ele bem esparramadim e ranja uma vara grande, assim que muigueia e bate, né? Hoje em dia o povo mai[s] ranca e bate mais é, é na coiedera, né? Ranca ele e joga na coiedera e bate. (...) Quebra não. Pega só na paia, né? E aí põe a paia...a paia grossa. Agora bate, depois gen[te] vir[a] ela, torna a batê. E aí panha ela e joga fora e põe otra, né? Barre aquela munha e põe oto feijão e bate, né? É. Não, tem que tá seco. Um dia frii que nem hoje, num bate não. Bate assim, na coiedera bate, num dia que nem hoje, mais na vara assim, tem que tá o soli quente memo. É quanto mais quente tá o soli mió é.

34. Não, o arroz é [medido] nas lata, né? Essas lata de, que fala, lata de quarta, né? Vinte [litros]. É, o arroz é medido nas quar[tas]. Ah o arroz, gente insaca ele e impia dento de casa, né? Uai, hoje em dia o saco é, mais é, quase qu'é na base, é de quato quarta, né? De primero tinha [a]que[le]s saco que pegava inté seis quarta, mais num vem de[le]s mais, né? Hoje em

dia esses saco é ... quando pega muito é cinco quarta, mais é, base é quato, né? Ah esses saco que vem ... de plástico, [es]sas coisera, né? Hoje em dia num vem saco de lin[ho] mais, né? É, de primero era de lin[ho], né? Vinha os saco banderante qu'e[le]s falava, aque[le]s pegava seis quarta. Grande, é. (...) Pode [misturar] não. Ah lá no, no paiol p[ar]a lá, os rato dá ne[le]s, né? Até dento de casa memo os rato pressegue, né? Gosta. E o mii tamém e[le]s gosta. Gosta. Lugar que num tem uns gato pa pegá e[le]s, estraga muito mii. [Feijão] É, é de quarta tamém. Ah põe [no saco]. Mais o feijão hoje em dia o povo guarda poco, que caruncha dimais, né? Caruncha. Caruncha. Mai[s] é guardado dento do saco memo, né? É, dento de casa. Qué dizê, que aí, aí tudo expicado (*risos*).

2 - 1NM82ii

1. Pois é, primer' primeramente é o é o birro⁷⁴ istragadô de roça né? Dipois do birro tem a a graia qu'istraga muito a roça, né? Dipois desses aí tem a o gacho é um bicho um pá[ssaro] mõi bunito, faiz o nim 'pindurado, um t[r]em muito importante e[le]s faiz o, pe...o nim 'pindurado de garranch' [as]sim no gai' do pau, tece aquil' de riba pra baxo, eu fi... ãa coisa importante, cumé que e[le]s faiz um ninzão cumprido 'sim, cumé que e[le]s po[de] tecê aquil' de riba vai, agor' tece o, pega no gai' do pau e vai tecen' pra baxo, faiz aque[le]s ninzão de garranch' [as]sim, cruzan'. É, faiz a boquinha de entrá lá po[r] riba, né, mai[s] desse, dess' tamãe [as]sim, 'pindura[do] nos gai' dos pau, né?. O guacho é um bicho muito bunito. Não, ess[e] é um e um bicho bunitim mai[s] ess[e] num ist[r]aga roça não, né? El[e] é [as]sim mei[o] verdiado, né? [As]sim mei[o] pamba ca...canta bunito. Can... Canta. Agor' eu acho muito importante é o jeit' del[e] fazê o nim, que pega é o no gai' do pau e tece de riba pra baxo, né? Cumé que, cumé que vai incruzan? (*risos*) E faiz aquil' e el[e] entra lá dent' e el[e]

⁷⁴ Variação de *bilro*.

é um bicho bem grandim. Quando aquil' num cai, né? Fica assim quan[do] tá ventan', fica balangan'. (...) Dá mais assim, inté gosta fazê mais po[r] riba dos coigo assim um, um pau que tá po[r] riba da água assim, el[e] faz um nim, no rumo da água, né?

2. (...) [De]poi[s] tem o pavão, que hoj'em dia inté quair num vê, é bicho assim da, do mato. Dá de mato, né, hoj'em dia é difici' a gente vê el[e], um bich'[as]sim, el[e] é preto do peito roxo, muit[o] bunito, canta buni[to] dimais. Agora iss' é piada do povo, né, que vê um bicho muit[o] bunito e dos pé fei'. Ago' o povo faiz piada diz qu'el[e] canta triste daque[le] jeit' é que óia nos pé fica burricido (*risos*). Não, o can... é é can[to] d'um gimido mais é mui[to] bunito, né, el[e] é um páss[ar]o mui bunito também. El[e] é el[e] é preto do do peito roxim c'o bico branco, os pé branco. É um páss[ar]o mui bun ... mai[s], hoj'em dia inté há mui'tempo eu num vejo del[e], né, qu'el[e] dá mais é nim mato [as]sim. El[e], é... mui tempo eu num vej' del[e].

3. Mais tem a arara também, qu' é um páss[ar]o mui bunito. E[la]s só anda às manada assim, quat[r]o, seis, e[la]s fica [as]sim be... gost[a] mai[s] de bera de de riberão, né, 'gora quan[do] fa...o tempo fai' mudança e[la]s e[la]s sai, [as]sim, o tem[p]o [as]sim muda de lugá, né? Canta mui bunito assim, um gritado bunito. Uai, e[la]s é verde [as]sim e pinta[do] de vermei' nas asa e tem ãas pinta nas asa ãa ãas fôia vermeia, ãa pena vermea, né? E a cabeça de[la]s, tem ãas é 'marela ot' é vermei', né? Quai' do tipo de jandaia, só qu'ela é grande. É tip[o]... é um tipo dum piriquito mais é só que é grande, né, maió, que o piriquito é menor, né, a jandaia é grande. Ah! A arara é grande. E ... bem grande. (...) Ah!... Uai, ess[e] eu num, ess[e] eu inda num vi o o tipo der não, né, ah, não e[la]s, e[la]s é de pé de buriti. Assim, baguaçu, ela ela é nesses pau qu'el[a] qu'e[las]s faiz o nim, né, on[de] tem buritizal, é no nos pé de buriti.

4. Aí tem o guariba também que é um bicho do mato [as]sim, ess[e] é um bicho de, bicho de cabelo, né? O... Não [esse não é passarinho], agora quan[do] dá, [a]qui nos mato [as]sim que nem nes[se] mato do (...) mem' tem, dá mudança de tempo veizi e[le]s fi[ca] (*calvando?*) o

tempo vai dá diferença no tempo, né, se tá invernan' e[le]s pegô gritá o tempo vai dá istiada e se tá o sol, [as]sim quand' é temp' das água e[le]s pegô gritá pode isperá c' a chuva vem dali pos trêi' dia el[a], a chuva vem, né? É um bicho 'té fei', é um bich' de cabelo, es[se] trem [as]sim dos mato. Ah! Um tipo dum cachorro [as]sim ma[s] um bicho cabeludo, né, fei'. Mui[to] grandaião não. A, o macho é branco, agor' o as fêma é pret[a], né? Fede, el[e] tem ãa catinguinha rúim, né? Não, e[le] sobe nos pau, quando el[e] tá gritan', e[le] fica pindurad' nos pau, né, e balungan' assim e gritan', né? É é acho que laça... o rabo lá [as]sim balungan' fica urvan' do tipo dum ingem de pau quan[do] tá cantan', né? (*risos*). E fica balungan' assim fi[ca]: "ru uu uu uu". Muda, o e, qu'agor... e ago' mõi temp[o] num vê cantá, se vê el[e] cantá, o tempo vai dá ãa mudança, né?

5. Tem o jaburu também, ess[e] é um... Ess[e] é um páss[ar]o, né? Ess[e] é, e[le] fica assim é, fica só ber' de riberão, né, de rii, e[le] anda é a manada assim de cinqüenta, muitos, e um bichão, grande. É páss[ar]o mais é gran', né, agora e[le] e[le]s fica naquer lugá, quandi a veiz o tempo vai dá ãa mudança qu'e[le]s qué mudá e[le] e[le]s avôa assim, viaja assim um di'interim [as]sim sem assentá se, se cansô, qu'e[le]s muda de um riberão pro ot', né, e[le]s com[e] é é trem de ber' de riberão, é lambari, essas coisa. Agora se el[e] cansô, e[le]s chega na ber' de um riberãozim, e[le]s senta, fica ali dois trêis dia, sentado nos pau lá, né, avôa dali viaja de novamente, fileradim assim, ó, 'té bunitim quand'e[le]s sai assim. Já vi um bando [as]sim 'té de cinqüenta qu'eu já contei, né, fileradim assim, a veiz passa um terno pra frente ot' mai[s] pra trái[s] ma[s] tudo e e[le]s fica de riberão em riberão, né? É divagá, né, e[le]s avôa assim pega um, nem nem batê asa e[le]s num bate, vai serenim [as]sim, agora quandi e[le]s cansa munto aí e[le]s senta é na ber' d'um riberão, um trem, discansa ali um, dois dia, trêis e torna viajá inté chegá num rii maió, né? El[e] é, el[e] é branco [as]sim mei' cinzento, né, um bichão. É qua... é bem grande. Ah! É maió de que um galo grande [as]sim do terror', né? Pescoção cumprido. É, el[e] é maió de que um galo [as]sim. É, el[e] come esses trem de

ber' de rii, é lambari, essas coisinha assim de ber' de coigo, né? Da lama. É o, o alimento del[e] é essas coisa, né? Tant[o] qu'e[le]s fica só mim ber' de rii, po[r] conta dis[so], né? É o... ah! E... há munto qu'eu num vej[o] der não, esse é fica mai[s] é é ber' de ribeirão, ber' de rii, né? Eu lemb' nã' da...aqui memo, [de]poi[s] [que eu] tô 'qui mem' eu já vi e[le]s passan', né? Mais mui[to] difici' é, num é todo ano c'a gen' vê e[le]s não. À[s] veizi vai p[ara]o lugá [as]sim, à vei' passa mai[s] em um lugá c'a [g]en[te] num vê, né, qu'e[le]s, e[le]s mora só mem' ber' de rii, né?

6. Tem tem a ema também, ess[e] é do campo, é um bichão grande. Ess'é, bichão grande dimais, pescoção cumprido. Ah! Mũi maió [que jaburu]. A ema é e prunque num po[de] matá ela hoj'em dia que é pruibido, mai[s] os quarto dela [as]sim dá carne dimais. Um bichão, né? Não, de primer'o povo matava, ago' hoj'em dia, ah, se um sujeito matá ãa ema nãa fazenda [as]sim e[le] vai pa cadeia. Uai, né, é pruibido, né, num pode, mai[s] de primer' o povo matava. Primer' é, fi... Eu nunca cumi não, mai[s] diz que é boa, né, o pov' matava, as carne do dos quart' de[la]s [as]sim dava pa fazê armonca⁷⁵. É grande, é um bichão grande. Ess[a] só, e[la] fica só no chã, ess[e] num, num sobe no pau nem nada.

7. Ih! Agor' pare[ce] [que] saiu da memora um poquim (*risos*). Ah, que nem aque[le] dia 'cê preguntô foi 'té no últi[mo] é a qual é a qual é o tempo mai[s] t[r]iste qu'eu tive na vida eu num lembrei, a vida mais triste qu'eu tiv' no mundo foi quandi perdi minha isposa, né, é a coisa mai[s] dur[a] do mundo, né? Ah! Foi difici' dimai' inté hoj'eu ach' difici', né, a...[de]poi[s] de oito ano, eu num acho façú⁷⁶ não. Acho que é nes[se] tempo qu'eu já vivi foi a época mais, mais dura qu'eu já passei foi essa, né? Ah! Fai' [falta] dimai', né, nossa! Que...minha isposa trabaiav' dimai', foi muito honesta, né? Foi a época mai[s] mai[s] dura, mais triste pra mim foi essa época, né, que passei muita muit'arranco no mundo, muita coisa mais o a o aperto maió foi ess[e], né?

⁷⁵ Variação de *almôndegas*.

⁷⁶ Variação de *fácil*.

8. Ah, no tudo por tud' hoj' pa lidá em casa, o jei[to] de vivê tud', né, que vivo mai[s] meus fii aqui mais gen' veve que tem que vivê, né, mais é dur' dimai' de vivê aqui, né? Ah, é, custos' dimai', que ãa é neta ma[s] o neto é mais (*incompreensível*) mais a fia cunversa dimai', é estopenta dimai', né, nós quai[se] num dá certo [as]sim, veve junto que tem que vivê mai[s] é muit'istopenta. (...) Não, a casa é minha, né? Ah, não ...não, fala, dia c'a gen[te] ...e e...brutaria, isturdia⁷⁷ e[la] mim xingô até de burro! Que...E eu fico calado que se a gen' fô falá gen' briga, né, um um...fico calado mai[s]...Ah, não, eu eu fico 'burrici[do] dimai', né, essas coisa que qu'eu faço e...eu faço coisa sem podê aqui pra e[le]s ó, coisa que ach' que inté num é da minh'obrigação qu'e[le]s tá tudo habilitado, né, tudo véio, né, maisi t'ái den[tro] de casa o qu'eu posso fazê eu faço, né, e num e num num num recramo, recramo é só das istupidez de[le]s, né?

9. Ah! [seria mais fácil] muito que quandi e[la] quan' Deus chamô ela eu tav' com a vida discansada eu, vô lá, veiz eu ricibia ess[e] dinherim qu'eu recebo ô ia, chegav' 'quí fala[va]: "Ó ieu, devo no Pires Belo obrigação p[ara]o povo", que hoj'em dia eu trabaio, que toda vida eu trabaiei, né, vendo as cois' tud' num tem um, num tem ãa veiz qu'eu sarv⁷⁸, minhas dívida, né, e...é um trem que ela da[va] valor qu'el[a], ela parô do sirviço pa morrê, né, ela sabia do custo da vida, né, e dav' valor nas coisa, ago' minha famia ... num quem num sabe do custo, num dá valor.

10. Ah! Pago mûi, né, p[a]r[a] e[le]s saí assim que pricis' de dinheiro, né, vem é pa riba de mim, que graças a Deus aqui eu tem amizade e e e tem confiança aí com o pessoal que num passa aperto assim um dinherim poco eu inté num e[le] num num num vivo incantoado não, né, que se pricisô aí eu sai e e[u] num peico viagem, né, rumo, né?

11. [A morte da esposa] onde pra mim foi a maió tristeza qu'eu tiv' na minha vida foi essa. Ah, não, inté que, e[u] nunca pude isquecê del[a], né, tem di[a] que parece qu'eu vejo 'té a

⁷⁷ Juntura vocabular de *outro dia*.

⁷⁸ Possível variação, por rotacismo, de *saldar* (eu *saldo*>eu *sardo*), ou possível variação semântica de *salvar* (*quitar*).

recordação del[a] lidan' [as]sim den[tro] de casa, né? Vai pa den[tro] oito ano, a gente é lá um dia c'a gente a veizi inté foge o sintido assim um poquim, né que gen' interte c'otas coisa, né, mais num isqueço dela jeit' nium.

12. Ah, não, num, e e[la] t[r]abaiav' dimais se eu num se eu num tem, minha vida num é mió num é num é qu'eu num topei muié pa mim ajudá não que e[la] trabaiô dimai', inté na hor' de morrê, né, e foi muito honest' foi... nói' viveu cinqüenta ano junto, nói nunca brigô uma o...nunca deu um impurrão num a oto graças a Deus, né?

13. Não, sinto [a falta da esposa], que 'rumá, falá que e[la]⁷⁹ num 'ruma em casa, e[la]s asseia a casa tu[do] bem 'rumado e ma[s] é é o jeit' de lidá, né, [as]sim com a gen', né, e...Não a a neta inté num mim maltrata não, agora a fia a vei' carqué cois' qu'eu falo aí remata cunversa dimai', um trem qu'eu num gost', né, e muit'istopenta, né, carqué cois' qu'eu vô falá é...responde gritan', [as]sim fo...num é jei[to] de de gente cunversá, né, além da gen' sê pai, né? Ah! El[a] e, saiu uns tempo dipói' que que a mãe dela faliceu aí ela vei[o] pra den[tro] de casa, né, num quair num pára não, vem fica uns dia sai, el[a] já saiu e[u] num sei se vorta hoje ô se...saiu calado, num falô nada cumigo. Maisi só a neta que é mais feit' [a]qui cum casa. Saiu tamém deu a duidura aí cabô com tamém foi pa São Paulo, 'pois chegô lá num num deu certo vortô, né, tá'í.

14. (*risos*) Nem parabém⁸⁰ num deu. Ah, que, ela mais é não, mais é o costum' de[le]s, né, num num a veiz sempre que compreta uns ano assim e[le]s nem precupa co'is[so] não. Não, [eu] sempre pergun ...eu tem só ãa nora que que dizê que el[e] tá long' que se fosse mais perto essa pracupa dimai', né, ma[s] el[a] mora lá em Campo Alegre ela, essa nora minha el[a] se fosse mais perto ela cuidava de mim [as]sim quai[se] igual a minha isposa, né, ela dá muito valor nim mim (*risos*). Ah! Eu fiquei queto fiquei o di'intero. É, nem pa..., nem descí na rua on[tem] e[u] num discí, né? É porque fazia idéia de descê e passei queto aqui na rua, lá

⁷⁹ Refere-se o narrador à filha.

⁸⁰ O narrador refere-se à filha que sequer o parabenizou pelo aniversário no dia anterior à gravação.

em casa, o di'intero. Ah não, fiquei [triste], fiquei só nesses vizim aqui pertim, fiquei parado aí uns uns fii de long' num vêi niium também.

15. Ah, é...vivo é deir, né? É, e trêi' morto. É, um punhado, né? Não é, tem que falá é de coisa boa, né? Graças a Deus aqui, pro mim o pessoal daqui tud' é amigo meu, né? Que ao meno' assim gente 'tá jun[to] com e[le]s e parece que ninguém a...mostra [as]sim a má cara, né, pra mim e...todo mundo mim mim trata mõi bem 'qui, 'té as criança mim trata bem, o... À vei' eu passan', as criança [as]sim 'títica ô⁸¹ vô passan' aí na rua, e[la]s fa[la] [as]sim: “Ôopa!” (*risos*) Faiz cum dedo e (*risos*), eu ach' 'té graça, o... E...Pois é, eu presto 'tenção tamém tod', tod' mundo, né? É grande, é piquen', se é rico é pob', meu jeito é um só, né?

16. Ah não, tem [cobra] divess' tipo, tem a, tem a canina, tem tem jibóia, né? Canina é ùa cobra braba, cumprida, brincá ela corre atrái' da gente. É. Fica braba. É, a a se e[la] tivé assim, gente infezá ela se brincá ela corre atrái' da gente. Mais e[le]s fala que el[a] num tem venen' não, é, e[la] pega mais eu ach' que tem qu'um dia eu vi ùa atrain' um rato, e o rato chorav' mem' [as]sim, se eu num chego ela ia pegá el[e], né, e[la] tev' lá pert' del[e] [as]sim e vortava choran' [as]sim ia lá long', vinha que vim, eu fiquei oian' num tav' ven' el[e] não, el[e] ia lá longe [as]sim e vinh' naquel' choro, assim pa ban[da] da da cobra, aí eu vi ela aí eu mandei um cassete intrimei' os dois e o ratim (*risos*) isticô no mundo, né? E[la]s [a]traí⁸², né, o bichim assim. É, o bicho, caiqué um um um passarim, caiqué ùa cois'[as]sim e[la]s [a?]traí e vai lá long' [as]sim e vem choran' assim e vai inté entrá na boca dela. Caiqué ispeça de cobra faiz is[so], né? E[le]s fala que el[a] num tem venen' não, mais e[la], el[a], se num tives[se] vene' e[la] num [a?]traía o bicho, né? 'Tão pode sê um venen' mais fraco mais tem, né, aí eu cheguei ela vi... passei num coiguim [as]sim, e[le]s tav' um, nũa beradinha de mato

⁸¹ Redução de *eu* > *ô*.

⁸² Aqui, pode-se entender a fala do narrador como *atrai* e *traí*, uma vez que a cobra, segundo suas palavras, age *traioeiramente atraindo* para si a sua presa. Abaixo, o uso do signo *traição* parece indicar esta dupla possibilidade de interpretação.

e[le]s tava lá, aí quandi eu vi ela eu mandei um cassete entrimei os dois, aí cortô a traição dela, o ratim foi 'bora, né?

17. A tem, tem a ji... a ... A jibóia é um...uma cobrana mole essa, ela dá dessa grussura [as]sim, ó (*gestos*), um bichão, ela é pintada [as]sim, cinzenta, pintada, el[a] fica...iss' é um bicho mole, [as]sim, sabe? Pega..., quand' el[a] 'prende pegá assim, por exe[mplo]...pegá franguim essas cois'[as]sim, vem dá um limpa. Vem assim per[to] per[to] da porta [as]sim 'té eza⁸³, tem e[la]s, is' cob[ra] pegá, pega franguim grande. Prende mamá nim vaca também, e[la]s berra do tipo de bizerro, [as]sim à[s] ve[zes] fica em riba dum cupim e berra lá do tipo dum bizerro, a vaca vai ali incosta e[la], aí, tem vaca quandi é...o dono num, 'té c'o dono discobre aquil', à[s] ve[zes] custuma 'té matá o bizerro, né, qu'el[a], e[la]s va' mamam' o leite e o a o bizerrim dela vai secan', né, e[la]s fica em riba do cupim, a vaca chega ali incosta, e[la] berra do mesma coi[sa] de bizerro, né, e a e a vaca incosta ali e ela mama o leite da vaca tudo.

18. A e e a caninana tem uns 'marela e tem ãa preta, né, pretinha. Agora, a jibóia é pintada [as]sim de cinzen[to], né, quair do tipo des[se] prasti'⁸⁴ aí ó, mais iscuero um poquim. Tem as mancha [as]sim, e[la]s é um bichão dessa grussura [as]sim, grande. Tem o cascavel também, tem a a cora a coral é pintad' de vermei' e e roxo, né, assim preto. É, tem uns que, tem ãas que é mais é do campo, agora, cascavel, [as]sim, a jibóia é ma...dá mais é no campo, né? Caninana, [as]sim, agora esses oto é mais é do, do mato, né, cascavel, o coral. Tem a o cascabui, esse também gosta mais é do campo, né? É ãa cobra chapadera, el[a] é mei' cor de terra, e[la] vê a gente [as]sim ela chap[a] no chão, e[la] fica braba dimai', né? É. Agor', o mair brabo é o cascavel, que cascavel se ofendê carqué um vivent' só pro Deus, né, pa iscapá, né? É braba el[e], tan[to] qu'el[e] num el[e] num difici' el[e] errá bote que... Ah! E[le] el[e] dá um chucuaim no na pon[ta] do rabo, uns nozim assim, tant[o] quandi el[e] 'tá infezado

⁸³ Variação de *elas*: [ˈeza].

⁸⁴ Variação de *plástico*.

el[e] el[e] bate aque[le], o rabo dá aquel[e] aquel[e] tinido, [as]sim, aque[le] chucuaim, né, ess[e] é ess[e] é ãa cobra braba dimai'. Ela el[a] el[a] inté é ãa cobra 'sim mansa qu'el[a] num é andadera, maisi é braba que se ela, tant[o] que se ela dé um bote [as]sim é difici' ela errá o bote, né? E...pa iscapá só mem' pro Deus, né, se... mais é difícil.

19. Não, esse [o cascabulho] é um, el[a] é ãa cobra quar cor de terra assim um, cobra 'té feia, né, cabeça chata. É dá grande tan[to] c'a ho[ra] se a gen' vê ela [as]sim ela ela [a]chata no chão, fica chatim. Braba ess[e] tamém é e...mũ difícil ofendê a as cois' [as]sim, mais se ofendê é braba dimai', né?

20. Ago' o jaracuçu calqué cois' se ofendê inté a binzição, a simpatia tudo vale e e mũ difiçu', agora essas ota duas ofendê um vivente assim, é e[la]s é braba. A coral inté e[la] nunca vi falá que a coral el[a] ofendess'um um vivente. El[a] é ãa cobra, parece qu'e[la]s num, quair num num ofende os oto [as]sim mais diz qu' é braba tamém, né? Se ofendê, mais é difiçu' eu num, inté nunca vi falá que ela ofendesse assim um ãa pessoa assim. Aqui, aqui nem aqui, 'qui, 'qui vi...paricia vi, tev'uns tempo que paricia muito é era o jaracuçu, né? É. Aqui tev'ũas ép[oc]a, ago' cabô mais tev'ũas ép[oc]a que paricia muito.

21. É. Um dia é 'qui memo tinh'um, memo aqui impariado nes[se] banco, eu, eu le...parece c'a luiz tava 'pagada eu cheguei na porta tinh'um gato aqui queren' dá um pulo, né, e eu vi aquel[e] mancha de trem preto aqui, e[u] pensei. Aí eu 'cindi a lâmp[ad]a e[la] tav' inrudiadim aqui ó, iss' é coisa que a gent' sai assim se a gen' passa aquí ô passass' beran', né, e[la] tav' rudiado aqui e o gato, el[e] envinha pra dent[ro], né, o gato o gato viu el[e] o gato quiria pulá nel[e], e[le] rudiô, né? Aí acindi a lâmp[ad]a el[e] tava aqui aí eu matei el[e]. De primer' 'paricia muito, agor' já tem bem uns tempo que gen' num vê mair não.

22. É [de água] é o jaracuçu. É o...o cascavel é é mair do arto [as]sim, mai[s] bêr'[as]sim. Agor'o jaracuçu carqué um jaracuçu d'água qu'e[le]s fal[am], né? El[e] tem mais el[e] é o jaracuçu é mai[s] é mais de bêra de de ca...de água.

23. Não, benzê eu num sei, mais agor' simpatia é, assim, é tem os remédi', né, que nem, por ixemp[l]o, a pessoa sintiu que tá ofindido, nem que num vê o bicho, cumparação, maisi ma...come o jiló verde assim uns trêi' jiló, é muito bão. E...bebe ãa fôia de guiné, is[so] tudo é contra o venen' do bicho, né, fumo... Não, banha, por ixemp', banha com aquel[e], é...dismancha o fumo n'água e banha, né, isso tudo é bão, é contra o venen', né? Não num sei benzinção ninhã.

24. Já, eu já fui ofindido de cobra. Já, quair murri dessa veiz, eu 'sustei mõi, né, se a pessoa num assustá 'té zanga mai[s], num é tanto, ago', ieu assustei dimai', né? Inda morav' lá na Pripitinga, né, lá na fazenda do (...), e[le]s é...Uai e[la] e[la] e[la] deu poco prazo d'eu vê ela que tav' muit' chujo⁸⁵ o lugá mai[s] eu acho qu'era a jararaca, ãa cobrinha fina, pintadinha, iss' é braba dimais tamém, né? De dia e...nó[s] morava lá lá na proteção do cumpade (...) aí el[e] mudô pra cá e mim levô pa ficá lá na cas[a] tomá conta dos trem lá pra el[e], né? Eu morav' nũa baxada [as]sim pra bax' da fazenda, aí nós ficô, lá is[so] foi nas água, ficô lá uns, uns mêis num lemb[ro] quan[to] foi não. Aí el[e] vendeu p[ara]o cumpade (...) foi foi 'rumá lá, né, aí eu vortei pa minha casa e lá era ãa baxada, era foimado, aí o capim tinha criscido muito, tinh' um chiquero, o capim tav' muito alto aí eu le...tinh'uns poico eu levei os poico e puis lá no chiquero, tinha só um trierim pa i[r] lá no chiquero aí eu fui lá na fazenda. Inda tav' tiran leite lá ainda, fui lá na fazenda, tirei o leite, puis cuai e vortei. Eu tin[ha] que rancá um fejà[o]...is[so] foi mêis de janero, tinha que rancá um feção das água, né? Falei co'a (...) fa[lei]: “Ocê, 'cê fai' o armoço, eu ma[s] os minin' vai na roça rancá o feção inquan[to] 'cê fa... o praz' de 'cê fazê o armoço vô limpá em redó um eito assim capinan”. E quando eu virei do lado assim pa rastá aque[le] trem, 'fundei a, carça raigaçada que tav' o tempo de chuva, né, carça regaçada [as]sim 'té em riba quando eu 'fundei a perna lá no mei' do capim eu sinti 'quel[e] ardum'.Qu'eu oiei, ela já ia sumin' no mei' do capim, deu pa mim pa mim

⁸⁵ Variação de *sujo*.

matá el[a], né, quando eu vi aquilo eu assustei dimair, né se cois' qu'eu tivesse aimuçado eu acho qu'eu 'té tinha sintido mal, né, mai[s] eu num num tinha, aí eu cheguei lá da dent[r]o é, minh'água era, curria, tinh'um, fazia ãa grotinha [as]sim, eu puxei ãa água, um reguim d'água [as]sim pa tirá for[a], na hor' que as muié dixia⁸⁶ lá, ficava mei' iscundid' lá, e e e[la] tava lá na na aguinha e eu num vi, passei pa sala, cheguei na sala eu já num 'güentei vortá pa cozinha mai[s], né, a perna indureceu, pegô mem' na barriga da perna [as]sim, ó (*gestos*). Aí ela chegô lá dent[r]o eu chamei ela, aí já mim carregô lá pra dent[tro] iss' e...aí virô foi ãa ãa dor de cabeça que parece qu'eu via é um fogaréu dent[ro] das minhas vista 'qu'el[e] trem. Aí nis[so] chegô um benzedô, benzeu, e aquil' parece que num miorô e e iscarran' sangue, o sangue vivim e[la] fazi' 'quel[e] fexe de pano [as]sim, no na cabeça da cama, poco praz' aquil' tava tudo moiado, né. Aí que tinh'um irmão meu, e[le]s insinaro lá bebê o o azeite doce que pára de vumitá o sangue. Aí e[le] foi lá na casa do cumpade (...) já de tardiquinha, falô el[e] falô: “Não, tem é que tomá o soro, se num tomá o soro el[e] vai morrê, vai vumitá o sangue tudo”. Aí el[e] muntô num motor véi', num sei que prue[za] qu'el[e] foi em Campo Alegre, né, troxe o soro, e[le] trox' dois tubo, é uns tubo grande [as]sim, eu tomei só um e cortô tamém, né, que mais, durant' ess[e] quat[r]o dia foi vumitan' sangue [as]sim sem pará ó, 'té ãa hora num tinha pano iscarrei [as]sim na parede foi inté nóir mudá o sangue ficô la na no adrobo [as]sim, num saiu, né? Isso eu fiquei, acho qu'eu fiquei mais de mês, quair dois mês sem, a perna indureceu, acho que pegô neivo, né, ficav' ca perna dura, se eu ia, fos[se] descê a perna assim, eu fartav' poco gritá de dori, e foi crian' um temor⁸⁷ assim e o povo insinan' pô remédio p'aquil' vim a furo. Tinha o véi (...), er' muit' bõo benzê, el[e] tav' viajano, hor' que el[e] chegô a muié foi lá aí el[e] foi lá, falo: “Não, Nos' Senhora, se se iss' aí furá vira ãa fist' ⁸⁸ que num sara mair nunca.” Aí el[e] insinô os remédi' e dent[ro] de trêi' dia aquil' disbotô tudo, já tav'um um caroço assim quair pa furá ó, den[tro] de três dia 'quil' dismanchô tudo, né, aí

⁸⁶ Variação de *descia*.

⁸⁷ Possivelmente *tumor*.

⁸⁸ Possível variação de *fistula*.

el[e] insinô, eu fui mioran' de tuada tamém, né. E[le]s, minha mãe morava [as]sim pa riba passav' duas aguinha, aí e[le] falô: “Oh, tal dia 'cê pode ir na casa da sua mãe” E...insinô a sampatia [as]sim pa mim hora que chegá na bêt' da aguinha eu fazê pa mode eu num recaí, né, o dia qu'el[e] falô qu'eu podia ir na cas' da minha mãe eu já 'güentei ir.

25. E...diz que era o...fazi' ãa rudiinha assim dum, fazia ãa rudiinha dum cipó e e jogá na água, né, aí podia passá que num tinha nada, né, eu cheguei nãa, fiz a rudiinha joguei, passei, cheguei na ota tornei fazê fui lá na ca[as] da minha mãe, vortei e aí fui saran' dipressa, né, mair fiquei uns dois mês [as]sim parado sem podê trabaiá, ó. Foi [bravo] e se se Deus num manda esse véi chegá mai[s] dipressa da viagem del[e] e furasse e...era...podia sará pro Deus, né, maisi dav'ãa ferpa que e[le] falô, falô aí: “Se furá iss' aí dá ãa ferpa qu' é capaiz que num nem num vai sará, é mui[to] difici' de sará”.

26. Não [vi], quandi eu vi e[u] já tav' cumo n'ocê⁸⁹, eu sei bem qu'era ãa jararaca, né? É que a jararaca, e[la]s é fininha, pintadinh' assim de branco e preto, né, eu vi qu'era ãa jararaca, é que ela dá mais assim p[ara]o lado do campo, né?

27. Fui [ao médico] não, naquel' tempo era um, era parado dimai', né, sem recurso. Foi um irmão meu [que aplicou o soro], né, ele, el[e] intindia, assim de mexê cum vacina, essas cois' né, tomei um só, cortô o sangue, né, levei um tubo grande [as]sim.

28. (*risos*) Eu que defen... o que mim defende assim meu corpo, [as]sim tudo é, é é Deus qu'eu num sei, num sei palavra ninhãa assim de defendê meu coipo, né. Eu, Graças a Deus, nunca nunca fui ofindido assim, tiran' de cobra, né, mais eu num sei nada [as]sim de defendê meu corpo, tiran' das palavra de Deus, né? Nada ...nada, nada, a reza qu'eu sei é a é [as]sim que de primer' batizava muita criança, né, é o crê em Deus Pai, o Pai Nosso, é a reza qu'eu sei, né, mai[s] num uso assim tamém não, ó.

⁸⁹ Variação de *como em você*, que quer dizer, *como na distância em que você está*.

29. Que tem gent' que reza todo santo dia, né, eu num rez' não, eu vô deitá eu lembro é de Deus. Eu, eu num levanto com o pé isquerdo na fren[te] de jeito nenhum, é o pé direito e num sento na cama sem num alembrá de Deus, né? É. Tudo qu'eu vô fazê sempre é Deus na minha frente, né, qu'eu num tem, que tem gent[e] reza deita, levantá, rezan', né, eu num num num tive costum' cum isso, né?

30. Não...Não, gato preto eu (*risos*) num gosto de gato preto não. Não, inté aqui tem um dimai' eu eu num (*incompreensível*) el[e] não, ma[s] num, num gosto de gato preto qu'e[le]s fala que gato preto é azarento, né?

31. É é...tem muita gente c'o povo fala dele [as]sim, gente, a gente invita de tê, de tá muita ocorrência com e[le]s, né, num é c'a gen[te] foge de[le]s, mai[s] a gente dá mais poca palestra⁹⁰, né? Que tem, que tem muita gente que às veizi maltrata o próxi[mo] assim inté sem razão, né, que o povo fala isso qu'eu num, eu num tem, eu num tem cisma dessas cois' jeit[o] nenhum, que dizê qu'eu tem muita ... sô muito contrito a Deus, né, eu num, à[s] ve[z]es] ...a vez já tem conticido as...aigũas coisa aqui assim que à[s] ve[z]es] da, 'té pa mim tecê mais eu, eu põe aquil' nas mão de Deus eu, 'quil' 'caba, né num tem nada. Só aqui... Só aqui em casa tev'ũa ocasião apareceu uns trem aí, parece muit'isquisiti, né, mais eu num, na hora eu cumecei dá ãa ci[s]ma depo[is] falei: "Av' Mari...Deus é o maió do mundo, num tem nada cum Deus". Aí pare[ce] que nessa ép[oc]a as coisa cumeçô disincarretá muito pra mim, mais eu 'té num caminhei [as]sim por is[so], mai[s] eu intreguei aquil' nas mão de Deus, 'quil' desapareceu aquilo, né, maisi parece que foi ãa coisa muit'isquisiti, né? Pre...premer' pareceu...um ãa sacolinha cheia de sapo aí den[tro] do quintal, né, sapo morto, pôi[s] den[tro] dessa sacolinha branca e marrô e e dexô no canto do quintal aí e dípoisi no me[smo] dia, tinh'um paiolim ali e aí eu entrei lá, o mii tava poco eu entrei lá dent' do paiol pa dá ãa limpeza naquilo que vai cascan' vai fican' aquela, falei: "Ah! Vô dá ãa limpeza nes[se]

⁹⁰ Aqui significa *atenção, conversa*.

paiol”. Tav’ parado, e aqui eu sempre eu comprav’ toicim, quand’ num era a manteiga pronta é o toicim, mai[s] eu trazia e fritava, né, eu pisei num trem mole lá oiei er’ ãa ãa sacolinha cum pedaço de toicim mais ou men’ desse tamãe assim (*gestos*), aquil’ já tava véi lá, pensei: “Ah! Mais quem que ia pô ess[e] toicim aqui, ninguém, ninguém vem, eu num comprei toicim pa pô aqui”. Eu acho que is[so] foi um trem, que pôi[s] lá pa mim, mim trapaiá e dessa veiz cumeçô trapaiá pra mim, né? Mais eu num num andei a fim disso também, só um minino meu que feiz ãa oração pra mim, né, aí desapareceu, graças a Deus. Cumeçô discontrolá bem minha vida, ma[s] e, ’pois el[e] feiz ess[e] oração pra mim. É, aquel[e] que saiu aqui é muito bão pa orá, né? Qu’el[e] é, el[e] é crente, né, a oração dos crente, né?

32. E dessa ép[oc]a quando dava [as]sim a a boca das noite ’cê contava inté inté vinte sapo andan’ aí no terrero, ó, den[tro] de casa, em todo canto da casa que ’cê, ’cê oiasse tinh’um sapo. Um dia eu fui trabaiá ’qui embaxo, e eu quair num ’güento andá carçado de butina [as]sim muito longe, puis as butina num saco e, era batê pasto e fui de chinelo, cheguei lá qu’eu dispejei as butina que, qu’eu fui calçá eu levei um sapo den[tro] da butina e sortei lá, lá embaxão, muito longe, é...Vê, eu peguei a butina de da berada da cama puis den[tro] da do saco e o sapo tava dent[ro] da butina, a ho[ra] qu’eu cheguei lá qu’eu dispejei a a butina qu’eu bati a butina pa carçá el[e] caiu lá no chão. Uai, tirá o... É que sempre eu uso batê a butina, né, eu bati el[e] caiu, se eu soco o pé num da...el[e] era grande num dava pa calçá não. Essa veiz aí assim a boca da noite e mais paricia castigo, ’cê pricisav’ de vê aí parece que foi um trem, parece que foi mandado, né? Aí o minino feiz ãa oração aí foi desaparecen’, ’cabô, né, Graças a Deus.

33. Não, era, tudo, tudo que eu fazia, é destruía tav’ destruin’ tudo po, num e nessa épa eu tinha mai[s] saúde tocava ãa roça boa, trabaiava lá na mata, cuía muit[o] mantimento e eu fui, e vindia, mantimento ricibia ess[e] dinheiro e aquil’ia destruin’ tav’ venden’ os trem de casa tudo e e a dívida aquel[e] trem, mai[s] num ’cabava, né, paricia que, se eu pagava, se eu

pagav' cem real parece que aumentava duzentos, fui ven...vindi a [maca?], fui venden...tinh' um lote de coisa, aí fui venden', aí dipois que o minino feiz a oração pra mim aí foi [melhorando].

34. Não, que dizê qu'eu num, a gen' num a gen' num viu assim bocalmente assim pa podê aprová, né, maisi eu discunfei que [é] ãa pessoa aí. É. Mais eu num, é num num puis aquil' na cabeça que a veiz num é, gente tá pecan', né? Maisi eu discunfi...eu ta...tav' deitado ali naquel' banco ali ó, tava só eu aqui, a boca da noite, deitado assim de bruço oian' pra fora aqui, passô aquela pessoa aqui, já tav' bem iscurim, passô pr'ali, e prá mim era a (...), foi, pois é eu pensei "El[a] foi lá na casinha". E vortô e, aí que dizê no oto dia ela teve aqui falei "Ah! 'Cê, 'cê onte' de noite entrô aqui (...)" fa': "Não". E[le]s morava ali pa riba, e[la] falô: "Eu passei direto, num passei aqui dent[r]o não". falei: "Uai, e passô ãa pe...pra mim era ocê que passô aqui." E[la] falô: "Não, eu num entrei aí não". E eu levanto e...semp' eu levanto cedim, eu levantei cedim a dita pessoa qu'eu vi passan' aqui vêi dali da ban' da casa da (...) ali ó, e travessô e desceu pr'ali, a mesma pessoa que teve [a]qui de noite, né? Que...ela é magrinha, do cabelo cumprido, né, passô aqui, pra mim era ela, nem num, num precupei de oiá mais não, né, pensei: "Ela vêi pa igreja e de...entrô aqui pa í na casinha." Ma[s] dispoi' que num era, né, aí que eu levanto [as]sim cedim mem' é é essa dita pessoa que passô aqui vêi dali da ban' da casa da (...) e travessô aqui e desceu prá'li abax'.Recunhici...Era o memo qu'eu vi, 'té entrô aqui e passô ali, cabelo puxado assim, prá trai[s] marrado, 'té ãa fita vermêia arrochan' o cabelo (*risos*). Não...Não, graças a Deus nunca nunca ofindi e[le]s cum nada, né, nada nada mem', né, e se é se é qu'essa pessoa [as]sim feiz is[so] cumigo foi po[r] mardade mem', né, né, que, que ofendesse ninhum da fãmia, né?

35. Ah, não e aí assim, muitas muitas pessoa fazê assim e bãõ e mun...e tem gente às veiz qu'eu num cunhe[ço], mai[s] eu tem cunhido, muitas pessoa faiz is[so] com os oto assim e muita vai a pessoa vai matá tanto c'a pessoa vem 'té morrê, né? À[s] ve[zes] a pessoa óia ãa

pranta [as]sim acha bunito ô à veiz pega ãa fôia lá, ô se é um pé de pimenta à[s] ve[zes] 'té pega ãa pimenta aquilo, aquilo morre, mai[s] num é, num é mardade da pessoa não, é a vista forte, né? E[le]s fala que a pessoa nasce no di[a] de sexta-fera tem a vista muito forte, né, mai[s] num é todos ele, né, e à[s] ve[zes] tem a vista forte demais, a mão rúim, pega naquil' à veiz aquela pranta morre ô ãa criação à veiz mufina⁹¹ mai[s] num é qu'el[e] feir mardade caquil' não, é a é a vista que é forte, né? Agor' tem muita gente que fai' po[r] mardade também, né? À[s] ve[zes] ãa criação a pessoa óia aquilo fica cum inveja dimai' daquilo, né, matrata aquel[e] trem, né? Aí só a benzição, né? Quem sabe aque...tem as binzição tamém pa combatê, né? Ago' eu só qu'eu num sei benzição ninhã, nunca aprindi (*risos*).

36. Não, de primero, que dizê qu'eu nunca fui diasantero. Mai[s] de primero o povo dava dia san[to] dimai', eu aiguns eu eu respeitava, otos eu é e semp[r]e ficava nim fazenda dos oto assim daí um lugá c'a gente ficava quair mem' cois' de cativero, né, num, que nem no no lá na Anta Gorda quandi eu mudei pra 'qui e lá no (...) num tinha dia santo não, e lá à[s] veiz e[le]s guardava dia santo mar lá pra mim era assim ó, mesma cois' dum cativero, né? Ah, é, trabava ali e a gent parece que e[le]s era diitido demais co'e[le]s, aí parece que o dia c'a gen' num, se gen' num 'parecesse lá e[le]s ia sabê se a gen' tava duente. Era cativero memo, né, lá na (...) tamém lá no patrão meu, se faiasse um dia ô dois sem eu i[r] lá na fazenda el[e] ia sabê que qu'eu tava fazen', se eu tav' duent', né, lá eu trabaava assim pra ele, pra mim, maisi era era cativero memo, num tinh' ess[e] negóci' de dia santo não e e todo dia, né?

37. Não, qué dizê qu'el[e], eu trabava lá eu trabaava pra mim trabava na fazen[da] direto mais er' de impreito, essas coisa, num era num era salário não, né? É, e[u] morav' de agregado mais eu quais qu'era mesma cois' de um impregado de fazenda, né? Ricibia, eu t[r]abaei, eu tomava conta de carro lá, carriava diara eu quai[se] é um tan[to] que tinha, e[u] num tinh[a] sussego. Eu inha em casa era era oito hora, deiz hor' da noite eu chegava, num tinha dia santo,

⁹¹Varição de *amofina*.

tinha nada, era direto, né. E naquela ép[oc]a eu mexia cum carro de boi e lá só o, só el[e] que tinha carro, e[le] tinha, ô tinha que abartecê p'aquel' pessoal tudo e tinha muita gente, né, ará chão, eu vinha p'essa bêra de São Maico aqui, tudo trabaiaá cum cum boi, né?

38. Fazen[da] do, qué dizê fazenda Buriti e[le]s fa...hoj'em dia e[le]s fala fazenda Frorado, primer'era Buriti, né? Primer' é...hoj'em dia e[le]s trata fazenda Frorado, né? Foi venden', foi mudan' de dono. Ah, mai[s] antigamente er' Fazenda Buriti. Essa, ficava divisa lá co'essa fazenda, né? É do lado do, do lado do rii. É, pa riba, é.

39. Não. El[e] era bão dimais e...el[e] er' bão dimai' pra mim, e num dexava fartá nada pra mim maisi lá er' era cativero memo, né? E tinha que, trabaava muito, tem sirviço lá qu'eu fiz lá, que nunca vai 'cabá, ó, sirviço bruto memo ó, na fazenda. Õa ve[z] eu fechei um quin...um quintalão lá pra el[e] [as]sim tu[do] de maderá de vinhate e laje de pedra arrastado a boi [as]sim, furado as pedra e rastado, ó, tinha pedra que gastav' três hóm' pa pô el[a] em pé. Iss[o] 'tá lá que fe...num vai 'cabá nunca, né, e [as]sim ganhan' baratim ... o boi...

40. Todo, to[do] santo dia, né, num, eu tinha voto de num trabaiaá di[a] de Santa Luzia, que que minha mãe feiz pra mim, ah, nem is[so] num num pô[de]...num pude respeitá mais que num tinha jeito, né, da veiz qu'eu machuquei a vista, fiquei rúim, feiz voto d'eu num trabaiaá di[a] de Santa Luzia, aí 'pois qu'eu passei trabaiaá nas fazenda num tev' jei[to] não. Mais Deus oiav' pra mim que nunca tev' nada. É ó, eu caí e machuquei a vista, né, aí a minha mãe feiz voto s'eu não ficasse assim defei[to] das vista eu num ia trabaiaá di' de Santa Luzia, né, e respeitá o di' de Santa Luzia, né, ah, mai[s] dipois que passei trabaiaá assim num tev' jeito não. Ah, nessa fazenda só boi qu'eu 'mansei lá p'esse home 'mansei um cinqüenta boi. É, carriava diara e arava chão. É, esses arado de disco, né? Trabava, e era, meu cumpanhero era Deus e trabaava sozim e tu... 'mansan' boi, arav' chão, sortav' boi brabo no mei' das roça [as]sim pa dá água e Deus abençoava tanto pra mim qu'e[le] arrumava aquil' tudo, boi nunca mim deu um coice [as]sim de eu mancá ó e trabaiei foi muitos ano' sim, ó, parei mais de dipois qu'eu

vim pra'qui, 'pois qu'eu tô 'qui eu inda trabaiei oito mêis nũa carvuera ali aí depois eu 'bandonei is[so] também, a força vai 'caban', né?

41. Não é, de primero, de primer' tinha se, se a pessoa, se a pessoa falas[se] bobage assim o di[a] dum dia santo el[e] via o inxemplo, que muita gente viu o inxemplo, né, quando de falá bobera, né? Mai[s] que se num falasse pode, to[do] dia é bençudo, po[de] trabaia to[do] santo dia, né, pode sê quarqué dia santo, 'cê levantô cedo e e vai p[ara]o sirviço pega cum Deus e num fica lembran' do daque' dia é dia santo num tem nada, né? Agor' se falá carqué ã bobera vê o ixempri. Vê, hoj'em dia nem tanto, mai[s] primero via, né? Que hoj'em dia a a lei mudô, ninguém di'de Sexta-fer' da Paxão, aquil' o povo trabaia o di'interim, né, que antigamente era um dia respeita' dimais. Já...Eu era bem piqueno e minha minha bisavó era muito devota, né, foi na cas' dum cumpa[dre] del[a], e ess[e] cumpa[dre] de[la], era um dia santo, num lemb[r]o mai[s], dia Santa Bárba[ra], é, Santa Bárba[ra]. E el[e] tava torran' farinha. Aí minha vó à[s] vê[zes] tê ficado calada, né, falô: “Ó, cumpade, ma[s] s'or torran' farinha di'de hoje, hoj' é dia de Santa Bárba[ra]”. El[e] el[e] à[s] ve[zes] de tê ficado calado ô respundido d'oto modo, né? E[le] falô: “ Não, eu faço as barba del[e] no forno”. Ah! Num foi nada não, diz que tav' um tempo limpo, jeit' que tá agora [as]sim, ó, feiz ã nuivinha no mei' do céu no rumo da casa del[e], desceu ã chuva distruiu o que el[e] tinha fei[to] tudo. P'e[le]s num morrê tinh'os tinh'ũa tuia, fazi'aque[la]s tuiona de pau, entrô den[tro] da tuia, socô dubax' da tuia. E matô capado, matô bizerro, tinh'ũa pia de sal gran[de] no, lá no canto da casa distruiu, inxorrada, distruiu qua...a farinha, já tinha muita farinha feita, distruiu aquil' tudo, né, virô sopa, quair ma...num matô el[e] qu'el[e] foi p[r]icis' de iscondê munto, né, e desceu só, foi só em roda [as]sim, ó, ã nuivinha só no rumo da casa del[e], em roda mai[s] num chuveu, mai[s] prunque qu'el[e] falô a bobag', né? Se el[e] num, se el[e] fala, responde el[a] [as]sim: “Ah! Hoje tô p[r]icisan' torrã essa massa aqui, secã essa massa, Deus vai mim perduã”. Num tinha nada, né, que, e[le] falô que passava as barba den[tro] do forno, né, aí é

minha vó diz que num levô, a minha vó foi sain', e se minha vó 'tá lá mai[s] mai[s] Deus deu tino nel[a] que el[a] saiu logo, né, e[la] foi sain' cum poco, desceu a, quando e[la] saiu já fe...viu a nuivinha foirmada [as]sim no mei' do céu, desceu na cas[a] del[e], distruiu is[so] tudo, distruiu, matô capado, bizerro, sal distruiu tudo, a farinha, distruiu o qu'el[e] tinha fei[to] quais[e] tudo, né, e num morreu qu'el[e] foi p[r]icis' de e[le] a acopelá⁹² muito. Derrubô parede da casa, de primero aque[la] parede de pau-a- pique barriado, né, foi foi um diluvo. Eu era bem piquen' ma[s] eu lemb[r]o disso, eu fui ma[s] minha vó lá na o lá o di[a] desse que qu'ela falô iss[o] pra el[e], né, eu era bem mulequim, e além, diss[o], tinh'aconteceu mai[s] muitas coisa, [as]sim pessoa falava bobage, né? E...agor' em dia num tem is[so] mais não, o povo mu...mudô a lei, né, e o pov' respeita mair nada.

42. Não, hoj'em dia inté respeito que [as]sim quair num trabai' mais se s'eu tem que trabaiá, por ixemp[l]o, [as]sim, fô um dia qu'eu p[r]iciso trabaiá eu sai [as]sim eu falo: "Ah! Deus vai mim perduá qu'eu p[r]icis' fazê iss' hoje". E num num fico pensan' aquil' tamém não que, assim de pô na cabeça "Ah! Hoj'eu num vó, é dia santo". Num penso não, que se ficá pensan' qu'é dia santo à[s] ve[zes] a gen' vê algũa coisa, agor'eu isqueço daquilo, né, trabaio, pego cum Deus, tem nada não.

43. Tem são Sebastião, São Sebastião diz que é o padrueiro do lugá, né? É. É, tem munto, pode, todo dia tem um nom' dum santo, né? Ah, o santo é quais que a divução qu'eu tem mais é cum Deus mesm' (*risos*). À[s] ve[ze]s trabai' que nem quan[do] morav' lá na fazenda trabaiava assim, todo to'dia, né, só s'eu tivess' duente, num tives[se] duente era todo santo dia, né, mai[s] num nunca disrespeitei o dia santo se eu ia trabaiá, à[s] ve[ze]s saía nem num lembrava, quando os oto falava, falá: "Hoje é dia santo fulan'". Falei: "Ah! Eu nem num lembrei dis[so] não". E se eu lembras[se] tamém eu pegav' cum Deus e pa Deus mim perduá daqui... daquilo, né, que eu tav' trabaian' num era por abuso.

⁹² Provavelmente *cooperar*, no sentido de que Deus cooperou com a pessoa que abusara do santo pois, apesar da casa de pau-a-pique, frágil, portanto, ao *dilúvio* narrado, manteve-a viva, certamente para aprender o respeito ao dia-santo.

44. Não, esses negóci de 'sombração eu vi duas veiz eu vi ãar buia, né, mai[s] num che...É, é...é ãas buia⁹³ [as]sim, de me[s]mo num cheguei vê o trem não mai[s] o, eu vi um trem mei' deferent', né? É que as da de assombração, né, mai[s] eu num cheguei vê ela assim bocalmente não, né, mais deu d'eu ficá cum medo, né? Ah, isso um dia eu era er' bem piquen' e[u] tav' vigian' um arroiz, primero vigiava o arroizal pa passarim num cumê, né, quan' 'tá maduro, eu tav' vigian' o arroizal e posav' nũa casa lá, e[le]s falava que lá era assombrado. Isso foi cedo da noite, eu deitado num quarto lá e eu vi um trem l'envem⁹⁴ carregan' minha cuberta. Eu imbolava a cuberta assim e e quando eu vi qu'el[a] lá ia imbora mem' e[u] dava um coicim e, foi ãas trêi' vêi' só e eu gritei fei' memo, tava só eu e um cunzinhero, o cunzinh'er durmia lá na dispensa, eu gritei fei' mem' e naquel' tempo era, num tinh' es[se] negó[cio] de luiz, era qu'e[le]s trem de azeite, aque[la] coi[as] (*risos*). Aí aí 'cendeu ãas paia lá, saiu lá onde eu tava, aí eu levantei fiquei na bêr' do fogo 'té o di' 'manhicê, num tive corage de deitá mais, e...lá... "E[u] deitá ess[e] trem vai tomá minha cuberta". Uai, é é só um trem toman' a cuberta, né? (...) Não...num vi, tava iscuero, num vi nada não, só só que a cuberta se eu num se eu num [seguro], dexo soltá... Puxava 'té, eu drobava el[a] [as]sim no juêi 'qui (*gestos*), 'pertava lá nas parede [as]sim ó, quand'é fé, quand'ela tava 'caban' de iscapuli eu dava um tapa na perna [as]sim ela ela vortava, né, foi ãas trêi' veiz aí eu e[u] num 'güentei, eu gritei fei' mem', né? Que se eu, se eu se eu laigo e[la] el[e] el[a] el[e] levav' a cuberta, ia imbora memo. Certo ia imbrunhá, né? (*risos*). Ah! 'Xô⁹⁵ vê, não, era ven...era mai[o] acho qu'er', iss' er' em abril, mais ó men', er' já vespan' o frii, né, qu'é na época c'o arroi' tá maduro. É em abril, já é no no cumeço dos frii. E aí eu de...foi cedo da noite eu fiquei lá no na bêra[da] do fogo 'té o di' 'manhicê, num drumi mai[s] de jeit' nenhum. Ota veiz foi assim, eu vi tinh'um um passoado assim tinha ãa di...um camim um camim de subi assim algum cavalero, gen' de a pé, e e ãa discida de carro-de-boi assim, era um topo bem a

⁹³ O narrador insiste que *buia* seja o mesmo que *assombração*.

⁹⁴ Variação de *lá vem* > *lá envém* > *lenvém*.

⁹⁵ Variação de *deixe-me* > *deixa eu* > *dexa ô* > *dexô* > *xô*.

pique, o carro discia rasbelan' lá fazia: ro ro ro. E eu lá ia no atai assim já iscurecen', e um trem rastô um coro lá nessa (*risos*) nessa discida lá (*risos*). Desceu rastian' um coro, num tinha carro, num tinha nada lá, desceu rastian' aquel[e] coro lá e eu passei, dob[r]ava um ispigãozim [as]sim pa saí em casa eu num sei que hor' qu'eu saí l'em casa, istiquei memo. Ah! Ess[e] trem er' era ãa visão cairqué, né? Que desceu rastian' ess[e] coro lá na, nes[se] lugá, num tinha carro, num tinha nada que discia rastian' lá fazen' ess[e] barui', era era só carro-de-boi, né? (...) Pois é, tinha, tinh' aque[le]s lugá, assim, mais que 'paricia as coisa, né?

45. Uai, eu num sei, sei que que era não, né, que semp[re] tinha, num é todo lugá não, tinh' os lugá memo que à[s] ve[ze]s o povo tinha [as]sim falava: "Lugá [as]sim-assim num po[de] passá lá de noite não que vê isso, vê aquil[o]". E muita gente via, né, agor', eu vi só esses dois sinal assim, num é qu'eu, iscutei o barui, né, ma[s], né, qu'eu visse trem não, né? Aí...

46. Não mais é é qu'eu num (*risos*) se eu fô andá de noite eu num sô, qu'eu num sô andadô, né, mais s'eu fô andá assim, à[s] ve[zes] é, conforme o lugá eu tem cisma, né, ma[s] é qu'eu ô ô num sô muito corajos' merm', né, mais hoj'em dia num ixiste is[so] mair não.

47. Assim o medo pare[ce] qu'é o medo, é ãa duença, pare[ce] qu'é, iss'é ãa fraquez' de neivo, né, que tem gen' que num cirma de um nada ó, agora... Não, tem...tem, ah, tem gen' que num, eu mem' tem eu tem um fii hoje em dia ele deu derrame, el[e] e[le] tá um um 'fíiciente⁹⁶ mai[s] el[e] num tinha cirma de um nada, nada memo, posava em carqué lugá, fos[se] p[r]icis' del[e] durmi den[tro] dum cimitero el[e] durmia, ó, tinha cirma de nada. Posava, e[le] trabaava dimai', posav' pos mato, [as]sim sozim e Deus [as]sim e ãa vei' na Anta Gorda memo morreu um um rapair lá e e[le] tav' rancan' um cerrado lá pertim dum cimetero, e[le] chegô lá já assim sol quais[e] entran' pa sepultá esse hôme. El[e] el[e] duimia lá, cuzinhav' lá den[tro] dum matim lá e posava lá só el[e], né, el[e] inda foi lá vê sepultá o hóm', desceu lá p[ara]o barraco, fei[z] janta, posô lá pertim, incostadim no cimitero [as]sim,

⁹⁶ Aqui, quis dizer deficiente.

ó, num num tev', el[e] num tinha cirma de nada mermo, nada nada, agor'ieu tem cirma iss'é, mai[s] eu, a a cirma na gente é fraqueza de neivo.

48. El[e]⁹⁷ ficav' lá nũa dispensa, l'em bax' [as]sim ó, e eu falei qu'esse trem tinha puxado minha cuberta, né, mai[s] foi o coro lá e, que foi ãa, fo' ãa visão, que lá é só pa...discia carro-de-boi, né, o pe...discia mei' de banda [as]sim, no morro, er' um tambeco⁹⁸ ago' discia raspan' o cascai fazi': ruuuu, do jeit' c'o carro fazia, o coro feiz lá tamém, né. E era ãa moitinha de mato [as]sim um canoado fazi'ũa moitinh' de mato e eu lá ia pro lá [as]sim num triero de cavaleiro, né, a hor' que aquil' rapô lá eu mandei o pé na (*risos*), caicanhá na bunda⁹⁹, né? (*risos*). É, nói morav' no oto, no ot[o] tombo assim, ot[o] coiguim, ah, eu num sei que praz' qu'eu cheguei l'em casa. Ña carrera só, inté chegá. (*risos*).

49. Aí...É. Mai[s] eu posava, trabaava [as]sim posava muit' [as]sim em roça, só eu e Deus [as]sim. Ma[s] e[u] tinha cirma, mai[s] semp[re] dexava o fogo aceso assim quai[se] a noite toda, né? (*risos*). Mais posava muito assim, sozim e Deus nas casa [as]sim, ficav', posava, [a]qu'em casa se fô p[r]icis' d'eu posá ó, [a]qu'em cas' num tem cirma não. Ah, sinto [arrepio], parece que dá, o cabelo da gen' vai levantan' [as]sim, fican' isquisito (*risos*).

50. A tuia fai' fai' de taboca, ãas tuiona e tamém hoj'em dia o povo quair num us[a] isso mai[s], ma[s] inda faiz alguns, ago' hoj'em dia faiz de taba. O de primero o pov' fazi'um jabo (?) nas maderá e uns toco infincava e infia de pau [as]sim, dipoi[s] barriava, né, que nem ess[e] povo lá c'a chuva desceu e[le]s se valeu dessa tuia¹⁰⁰, né? Por ixempo...Por ixempo aqui faiz ess[e] canto aqui, né? Agor' à[s] ve[zes] qué fazê ãa tuia, finca um toco lá de pareia oto aqui, oto 'qui [as]sim, e fecha ess[e] canto assim, né, de maderá, e barreia, faiz a vistia (?) pro baxo, pa guardá mantimento, né, guardá arroiz é, semp[r]e é arroi[z], né, que feção sempre é mais poco, né. O pov' fazia munto [as]sim pa guardá arroiz, ota hor' fazi' de taboca, fazi'

⁹⁷ Retoma-se, aqui, o evento da *coberta puxada* em que estavam presentes o narrador e o cozinheiro no rancho.

⁹⁸ Possivelmente uma referência à estranheza com que descia o carro-de-boi, esconso no morro.

⁹⁹ Referência metonímica a *correr, acelerar o passo*.

¹⁰⁰ Retoma o evento do senhor que teve sua casa destruída pela chuva por desrespeitar o dia de Santa Bárbara e que se valeu da tuia para proteger-se das águas.

aque[la]s tuiona grossa. É, do tipo do jacá, mai[s] fazia grande, pegav' cinco saco, seis saco de mantimento, né? (...) Uai se fi...fizé ela grande pode fazê inté, pegá inté vinte saco de mantimento, né? É bõ memo, foi criado pa guardá arroi[z], né? Mai[s] [as]sim, mais é bõ que na tuia tem mai[s] jeito de 'cê agasaiá p[ara]o bich[o] num istragá, o rato, essas coi[sas] né? Agor' nim saco, quan[do] é o lugá que tem muito rato, el[e] istraga tudo, né? Ago' a tuia, fazê ãa tuia bem feitinh', pô ãa tampa boa nela, tampa, num tem jei[to] do rato entrá, né? E...Ah, [de]poi' suspende aque[la] tampa, tira, né? É, vai ti...se tá cheia vai pegan', ago' quan', vai vê à[s] ve[ze]s quand' é ãa tuia arta, grande, à[s] ve[zes] quan' tá lá no fundo tem que entrá lá dent' enchê um saco e tirá pra fora, né? (...) tive de taboca, de madeira [as]sim não, né? Ago' de taboca é e[u] pissuí ãas três. Ah, sempe de primero, semp[r]e minhas tuia eu tirava mantimento véi pa pô mantimento novo, né, ago' hoj'em dia guarda é só no saco, cabô ess[e] negó[cio] de tuia.

51. Ah, não, pa gente, hoj'em dia pa gente, pa vivê gen' morá nas roça, é mõi' difici' que gen' ficá nuns canto. Hoj'em dia a pessoa, pessoa que é é fraco assim inté é difici' que ficá nuns canto assim se a pessoa num tivé ãa condução de andá mõi difiçu, né? E remédi' quem p[r]icis', sempe tem os remédi' que hoj'em dia, todo mundo é é fraco, 'duecen' diara, né, pode... que na roça muitas coisa é favuricido, na roça 'cê 'cê cria ãa galinha cum mair' liberdade, ingorda o porco, né, s'ocê trabalha 'cê cói o mantiment', é mais fáçu' muitas coisa é mais fáci' num p[r]icis' tá compran', né? É difici' é [as]sim s'ocê num pudé pissuí um um carro, ãa moto p'ocê saí, Deus o liv[r]e e 'duece ali à veiz de ... à noite, à veiz longe assim de oto assim que tem condução é mõi difiçu, né? Ago' de primer' não. É, o povo 'duecia mais poco, o pov' num tinha cirma dessas coisa, hoj'em dia a gen' tem cirma, né? Que...que hoj'em dia é assim, quai[se] todo mundo que mora [as]sim é difiçu' um ... nũa fazenda que num tem ãa condução pa saí, né?

52. Ah ...a não é sempe o...que dizê c' o mantimento num podia fartá, né, sempe gen' tinha que tê aquil' e e cumpanhêro bão, gen' quan[do] tinha cum ...gente semp[r]e tinha cumpanher' tin[ha] que tê conforto pra cuidá der¹⁰¹, né? Aí Graças a Deus pra mim toda vida assim que morav' na roça semp[r]e e e é mais confortado, num fartava as coisa, né? E sempe toda fazenda qu'eu morava os patrão era bão pra mim viu, caiqué cois' fartasse eu curria lá e[le]s mim sucurria, né?

53. Ah, não! É, pa ficá pa mora na roça e[le] e[le] tem, se el[e] é lavrador el[e] tem, el[e] tem que fazê aquilo, se el[e] é um carapina um trem, el[e] tem que tem que usá daquil' tudo, né, que...Aí...Ah não, eu er' no sirviço braçal, que dizê que sirviço braçal [as]sim, sirviço grossero eu sabia fazê quais[e] de tudo, né? É, fazi' um um, fazia ãa ceica, fazia um um curral carqué ãa coisa de [as]sim, só num sabia trabaiá [as]sim de pedrero, iss'é coisa que gen' nunca fei[z], né, os oto sirviço braçal [as]sim grossero, a... Ah, carro, ess[e] carrerim indeu de¹⁰² idade de deiz ano eu, mixi...indeu qu'eu preni candiá boi pus oto trabaiei nes' sirviço inté inté nó[s] mudá pra qui p'esse chãozim, né? Na Anta Gorda, trabaiei lá dezesseis ano foi meu sirviço...em an[tes] d'eu í pra lá eu já tomav' conta de de carro lá pu pu meu patrão, né? Dipois eu mudei pra lá e e eu ta...michia cum tudo mais 'ente(?) era quai[se] qu'era o meu ofici' mais, né? Tocava as roça, p[r]icisiv' tá impreitan' o sirviço que o carrero num dava tempo, que naquel' tempo num igistia¹⁰³ ess[e] negó[cio] de trator, era muito custoso, caminhão era custoso, era era quais[e] tudo era no pescoço de boi memo, né, carriá mantimento, ará chão tud'é, que hoj'im dia tem trator, né, quai[se] num depen...cabô ess[e] negó[cio] de carro-de-boi, né, que... Hoj'im tudo é na bas' do das maquinara, mai[s] de primero era, o que dependesse assim era tudo em feito a boi. Ará chão, carriá. Uai, é, sei, que dizê c'a gen' já, vai in[do] perde o tipo daquil' mai[s] eu sabia carriá e sabia arriá ãa boiada, sabia domá uns boi, né? E, naque' tempo qu'eu michia, que dizê podia tê mió mai[s] assim

¹⁰¹ Novamente ocorre aqui a troca do /s/ pelo /r/, recorrente em outras palavras.

¹⁰² *Indeu de*, *indês*, *indeu* ou *deu* são variações de *desde*.

¹⁰³ Variação de *existia*.

igual, mair mió pa pa mechê cum a boiada que eu acho que num tinha não, né? Eu sabia inducá uns boi e sabia arriá, arriá ãa boiada tamém pa num pisá e[le]s dá, istragá tudo, né? Tem que...na fazenda qu'eu carriava era tudo arri...cairqué hora da noite que chegasse lá pegá uns boi pa saí tava tudo prontim, né? E tirava dia, dois, três' dia só pa 'rumá arriata de boi, né 'rumava a arriata assim que, se incravass' podia ficá 'marrado o di'intero, num tinh'ess[e] negó[cio] de ficá, iscapuli não, fazia trem era bão, bem 'rumado, né?

54. Sabia, gen' cortav' de machado [as]sim, primero, hoj'em dia um num dá cont', né, vô cortá um pau num dô conta de apará o machado pe...pega toda banda (*risos*) Mai...Mai[s] de primero eu aparav'um, eu aparava ãa maderá [as]sim, ficav' pensado que, parecen' que er' cortado de motor-serra, né? A ma...a mão é, acertava, cortava certim, né? Hoj'em dia num dô conta mair nada não, mai[s] a idade avançada, né? Não, ah, num tem força ninhã.

55. Não, eu num, d'eu d'eu d'eu sorter', e[le] nunca fui passiadô, né, trem qu'e[u] num, eu num, num ia, e[u] gostav' mui[to] de festa ma[s] num ia em festa longe, er' só no lugá, s'eu ia, s'eu ia na casa d'ua namorada, num gostav' de cumpanher', e[u] gostava de i[r] era na pessoa só, primer' gen' junta... juntá a turma, né, pa i[r] passíá, né, nunca gostei disso. Eu gostav' de i[r], quandi à veiz ia um cumpanhero cumigo, eu tinha muito colega [as]sim, à veiz era um, oto tinh'e 'juntava a turma [as]sim, fá', e eu, eu num gostava disso não. Eu nunca arriei cavalo pa i[r] pa i[r] num boteco assim bebê pinga, nunca, nem que ajuntas[se] quat[r]o, cinco, assim pa i[r] p'um buteco bebê pinga eu nunca gostei disso, nunca entrei na nessas turma de gente [as]sim não.

56. Ah, não, agora é só, é só memo assim o antigo, o tempo quand'eu intindi por gente, a vida tanto que era custosa, é só essas coisa, né, agor', agora as otas coisa pa[as]sim, inté num, num lemb[ro] dimair não, né? Ah, é...não a assim quandi eu intindi por gente é era era bão assim c'a gen' tinha liberdade assim, tinha, a gen' um...pare[ec] que num tinha aperto, né, que

hoj'em dia todo mundo veve num apuro, né, naquela épa a 'en' 'en' 'en'¹⁰⁴ gen' tinha ãa, tinh' ãa liberdade no mundo, mais era muita, er' muito dificil, né? Tinha farta dimai' das coisa, er' [a]que[la]s casinha pa bêr[a] dos coigo rubuçado¹⁰⁵ de capim, fechado de pau-a-pique, num igistia nem vazia, a água er' panhad' nas cabaça, [às] veiz punh'inté nas cuia, né, era era ãa vida campanhosa¹⁰⁶ memo dif...difiçu' mai[s] mai[s] e achava bão, todo mundo vivia contente c'aquilo, ó. Saía as tuima [as]sim passiano, a gen' tinha tinha foiga num, e... mais er difici' dimai'. Dinhero num igistia dinhero de jeit' nenhum, se a gen' ficasse de...falav' mi-réis ficass' deven[do] déiz mi-réis p'ũa pessoa, se brincá num pagav' ó, que num egistia, o que fazia tamém num, num tinha saída, num ninguém comprava, tinh'ũa galinha no terrero, num tinha quem comprasse, aquilo sobrasse um saco de mantimento, o caruncho cumia ele que num tinha comprado, er' era era difici' a vida, ó. Era essas coisa era as ca...[a]que[la]s casinha na bêr' do coigo [a]que[la]s água dificil, era tudo difiçu' dimais e, mais o povo vivia tu[do] contente ó, todo mundo alegre. Duença, num tinha essa duençada igual tem hoje, e quando a pessoa 'duicia à[s] veiz el[a], bibia ãas raiz lá, ãas cois', sarav' aquil', médico num igistia era aigũa faimaça. Aigum poco, né? Só memo aigum remédi' pa maleita, essas coisa, ago' os ota coisa num lemb[ro] não.

57. [N]oossa! De primer' que, primer' chuvia muito, esses reberão enchia, jogava água nas vazante [as]sim, ago' quando a água água vortava e discia, a água vortava aque...naquer lama pod[r]e [as]sim daque[la]s impuera, ah, era só i[r] lá e trazia a maleita, eu memo sufri maleita um ano, ó. Quais[e] murri. Era, tava mais ó men' da idade duns quin...duns quinze ano, doze a quinze ano, um ano assim completo [as]sim, tem di' que faiava um dia dois [as]sim falav': "Ago' tá bão", pisava num uruvai lá ô cumia caiqué coisa que que num podia cumê e aí já tav' tremen', ó. É um trem triste e bibi um, tinh'um tal poção, um remédi' azul e verde e e um

¹⁰⁴ Variação repetida de *a gente*.

¹⁰⁵ Variação de *rebuçado*, que quer dizer *coberto*.

¹⁰⁶ Referência a uma *vida de campanha*, como *em tempos de guerra*, isto é, uma vida difícil.

tal surupá uns ãas cápi'¹⁰⁷ des[se] tamãe [as]sim, maigava mai[s] que to[do] trem no mundo, mai[s] bibi ess[e] trem 'té injuá e num sarava nem, aquil' foi, aí vai, e um dia minha mãe falô: "Ah! Ess[e] trem, num isso num vai te curá não". Foi po campo, rancô ãa raizada lá do campo e tirô a goma daquil', feiz um um mingau lá e nãa caçururinh' e sentô azeite. Eu bibi aquilo, custei bebê aque[le] trem, foi o que cortô essa maleita minha foi ess[e] trem, ó. Ess[e] remédi' do campo. Aí e[u] nunca sufri maleita mai[s] tamém, mai[s] aí ficô o tal instrução que...É, que dá a maleita [as]sim e[le] dá, el[e] fala instrução, otos que é tiriça, né? Agora fica é benzen' aquilo, que se num curá bem curado vai pos osso. Ah! Gente fica 'marelo dimais e dor nas perna um trem, e rúim pa cumê, aí eu fui benzen' 'té tinha que tinh' os benzedô dimai', né, e[le]s ia nãa capa de banana riscan' [as]sim, falan' as palavra riscan', punha a paia, po[r] riba da fumaça (*risos*). Aqui[lo] secô muita capa de banana lá benzen', punha ãa pedra no fogo assim eu é uriná nel[a] de manhã cedo, recebê a fumaça, tudo é sampatia pa curá aquel[a] instrução mai[s] nim mim acho que num curô, ma[s] acho que num curô bem curado não, que ô¹⁰⁸ toda vida eu sinti dô nas perna dimai', né? Que se num curá bem curado vai in[do] vai pos osso, né, dá, fi[ca] cum dor nas perna (*risos*).

58. Não (*risos*) Isso qu'eu cunversan' [a]qui eu acho graça daquel[e] passado que a gen' passô por aquil', né? Não er' di...era difici' dimai' mai[s] ma[s] eu num achava nada custos', inté hoj'eu num acho custos' não, né? Maisi, primero eu podia passá o apuro que passasse eu nunca achei nada custos' na vida [as]sim, [as]sim à veiz ficav' burricido c'argãa cois' [as]sim mai[s] falá, achá custos' não, siiviço, nada que [as]sim...muita coisa que que foi mai[s] difici' o qu'eu falei pr'ocê, o da minha isposa, né? Foi a coisa mais difici' qu'eu tive na minha vida foi isso.

59. Ah, tem gen' q' fala convulção, né? (*risos*) Gen' tá tremen' é convulção de frii, né? Aiguns fala é cubri, oto fala imbrunhá, né? Ah, eu acho que, e[u] acho que tem que chamá é

¹⁰⁷ Possivelmente *cápsulas*.

¹⁰⁸ Repete-se a variação de *eu*.

cumpanher', que pião à veiz el[e] é à veiz a gente é da mesma igualdade del[e], né? Chamá el[e] de pião e[u] acho que num é certo, é acho que tem que falá é cumpanhero, né? No meu mo[do] de pensá e[u] acho que é [as]sim.

60. Ah, qu'e[le]s aqui, hoj'em dia tem mûn...dive[r]s[os capins]. Ago', de primero, era o capim meloso, era jaraguá, era o capim natural assim que igistia que, que hoj'em dia inté quair num tem mai[s] que o povo distruiu aquil' tudo, né, aigum lugá que inda tem. Mais era o capim natural memo era era jaraguá, e[le]s fala provisoro, oto fala jaraguá, né? É, uns fala provisor', oto fala jaraguá, né? E o me...o capim meloso. É um capim, né, que hoje...de primero era um era o capim bão, aquil' [a]quil' a as criação era sadii tudo, que cumia esses capim, né? O jaraguá e o meloso. Agor' hoj'em dia é mû...é mûi difiçu' e aigûa fazenda que tem el[e], o povo mais é esse negóci' de braquiara é é o capim aldecor é o que te...é o capim que tem hoje em dia. Não, aqui, na roça assim, quand' e[la] vai espraguejan' dá muito capim, custuma dá é o capim e[le]s fala capim cochão, né? Capim, dá as trilha no chão, tri... Ma[s] ago' tem o tem o capim vinte e cinco tamém, custuma tomá con[ta] de roça.E te...tem o tal de picão. É. Tem o timbete, trem que prega na ropa da gente. É, e[la] vai...ûa fruitinha, el[e] vai, e[le]s amadurece a gen', se a gent' entrá no mei' del[e] se el[e] tivé muito [as]sim se brincá num dá conta de saí no mei' dele, e[le] vai pregan' na ropa assim vai inrolan' [as]sim ó gen' num dá conta nem de tirá el[e]. Tem oto que garra tamém o, dá um um pendãozim assim e[le]s tra...fala rabo de burro. É, el[e] é quair tipo carrapicho el[e], el[e] dá até e[le] dá e[le] dá quan' el[e] tá novo [as]sim é um capizim bunito, viçoso, [de]poi[s] e[le] vai c[r]escen[do], e[le] dá um pedão desse tamãe assim, é tudo chei' de fruitinha quai[se] do tipo de carrapicho, agora quand' el[e] el[e] memo el[e] tan' mei' verde el[e] vai pregan' na ropa da gente [as]sim, gen' vai andan' el[e] vai pregan' e vai droban' a ropa [as]sim ó, se brincá indurece a ropa no corpo da gente. Ah, só que o carrapi...é o que o carrapicho tamém garra na gent', né, é quai[se] é só qu'el[e] é el[e] é o o carra...o timbete el[e] é, el[e] é 'marelo, ago' o carrapicho

semp[r]e é é vermei, né, esse, carqué tipo de carrapicho é vermei, né? Quand' e[le] tá maduro. Ago' o timbete é é el[e] é branquicento.

61. Uai, tem o musquit', tem...Tem o musquitim...tem tem o musquitim porva¹⁰⁹ tem a o, tem oto musqui...musquitim poiva é aquel[e] miudim, que quan[do] dá dá mes[mo] [as]sim num lugá c'a gen' vai na nem num é se a gen' num passá um remédi' a gen' num num tulera, né? E garra na gente assim e e[le] el[e] é miudim e[le]s fala musqui' pov' qu'el[e] é miudim mem', ve' e[le]s fazi' aque[la]s nuivinha, [as]sim ó. E tem a ... tem a muriçoca. Lugá que tem mariçoca a gen', e[la] vaza ãa cuberta grossa mem' e fi...e passa o ferrão na gent'. (*risos*) Bicão cumprido. Inda tem a tem a mosca. Tem o carrapato, né? Tem o carrapatim, quand'el[e] tá miúdo el[e] é miudim quai[se] do tipo de um piô de galinha vai pegan', pegá mõi del[e] ah, [g]en[te] [g]en[te] num dá, gent' sussego pra nada, [en]quan[to] [não] 'cabá co'el[e]. Depois el[e] vai crescê vir' o carrapato vermei'. [As]sim maiozim, e dipoisi vira o ridulero, o ridulero é grande. Pega na gente [as]sim, a gen' custa tirá ele, el[e] finca um bicão cumprido. É do merm'. Ago' o ridulero el[e] cresce, quand' el[e] pega nim criação assim ele ingorda, e[le] rebenta ali e[le] e[le] e[le] vira o carrapatim. E el[e] rebenta vira o carrapatim de novo, né?

62. Ago...uai e[le]s fala, se é coieta a gen' fala, se num falá o nome a gen' fala coiê o mantimento, né? É, o mantiment', né, aí tem por exemp[l]o tem que separá, se seja o arroiz ô mii, ô feirão, né? Fala: “Ó, eu cuí um mantimento.”, né, se fô mii aí 'cê fala fala: “Ô cuí um mii.”, né? Mai[s] no cumeço fala coiê o mantimento, né? Se coiê o arroiz fala: “Ah, cuí o mantimento.” aí separado fala que coieiu o arroiz, né? Ah! Iss'é, uai a à[s] ve[zes] a gen' num sabe à[s] vei[z] qu que tipo que é o, né?

63. Ah! Incôm[o]do é é é ãa duença, um, né? Ô à veiz uma preocupação [a]quel[a], que a pessoa tá na idéia, tá preocupado c'aquilo, fala: “É um incôm[o]do”, né? Ah! Incomodo é por exemp[l]o se se sai ãa pessoa caiqué ãa cois' tá longe [as]sim se fa...tá passan' de hora de

¹⁰⁹ Mosquito pólvora.

chegá o que, a gente aquilo, a gen' fica preocupado, na idéia, aquilo, que tá tá demoran', né? Não. O incôm[o]do é um e e o incomodo é oto, né? É, por exemp[l]o é ... ãa duença ô aliás a pessoa tá ãa preocupação, caiqué ãa coisa fala que virô um inco...é um incôm[o]do, né? Mai[s] é ãa preocupação na idéia, né? Ah, o incomodo por inxemp[l]o que se, por inxemp[l]o eu sai aqui pa pa i[r] p'um lugá aí, passô da hora de chegá, se ãa pessoa minha pracupa cumigo fica incomodado tá achan' que tá passan' da hora, né? Aí fica preocupado, né?

64. Uai, vereda por inxemp[l]o, que tem os coigo e tem as vereda, né, a ve...vereda é por ixemp[l]o, é ãa aguinha assim um, por ixemp[l]o on[de] dá um pindaimbalo, um um buritizal, né, aí fala vereda, né? Ah! Isso (*o pindaibal*) é ãa maderá, né, que dá no brejo, [as]sim, maderá cumprida, uns varão. Pindaíba, a gen' fala pindaíba, né? Ah! É ãa ãa ãa aive assim da fôia miúda, ela dá grande [as]sim, varãozão, e on[de] tem muito assim, ó, é bunito demais, né, o brejal que tem, tem muita pindaíba on[de] dá arto muito, grande. El[e] dá...Ah não, semp[r]e e semp[r]e on[de] fala vereda semp[r]e é brejal, né, o pi... a pindaíba é é do brejo, o buriti também é do brejo, né, lemb[ro] quandi aonde eu fui nasci...criado, nascido, e[u] fui criado lá nó[is] morav' na ber' na ber' dum pindaimbalo tant' c'o o lugá lá chamav' Pindaíba, né, er' ãa ber' dũa vereda limpa [as]sim, er' um pindaimbalo e um buritizal um trem mair lindo, o lugá mair lindo do mundo, ó, limpim [as]sim igual [as]sim daquel[e] pindaimbalo nũa artura, buritizal, nói morô lá, uns tempo. Não [há mata fechada na vereda]. É, bã à[s] vei[zes] dá aigũa moit[a] de mato mar mais é memo o é memo o o pindaimbalo e buriti, né?

65. Ah, [estar numa pindaíba] é quando a pessoa tá rúim de situação, né? É. Quando a pessoa [a]li tá deven[do] demais e e e tá muita farta das coisa e aí fala: “Sujeito tá situação rúim, né?”

66. A vazante é um lugá baxo [as]sim, bêt' de rii, [as]sim faiz o, fai' aque[le]s lugá baxo [a]que[la]s quebrada aí fala ãa vazante, né? Não, à[s] vei[zes] dá...um riberão, assim, dá aquel[a] vazante grande sim mai[s] vazante seca, que à[s] vei[zes] o pessoal inté fai[z] roça, né, seco, né, agora e aquil'ali é baxo fai[z] um quebrado, aí fala ãa vazante, né, 'té nas roça

memo à[s] ve[zes] tem ãa roça grande [as]sim, tem um lugá baxo lá [as]sim, mais em baxo, fala “Ah, na...aque[la] vazante”. Ah, iss’ é [um capão] um é um um um capão de mato, [as]sim um, redondo [as]sim que num tem é um mato redondo ali a gen’ fala um capão, né, po[r] ixemp[l]o na ber’ dum riberão que tem um é cumprido, fal’ é aí, falá um um mato lá, agora esse capão é um é um mato redondo, né? Ô que seja nim bêr’ de corgo ...Iss[o] dá no cerrado, à[s] vei[zes] no cerrado memo dá dá ãa moita de mato lá, redondo [as]sim no mato lá falá: “Ali é um um capão”, né?

67. Ah, iss’ é aigũa, eu eu eu penso que é ãa coisa que que tinha que fazê e aquilo num deu certo e ele e num num deu certo dele saí daquilo el[e] vem pra tráis, vem de fasto, né? Por ixemp[l]o, el[e] vêi de fasto, vêi pra tráis, agora fala vêi de fasto, né?

68. Ah, intanguido, uai, tem que sê um um frii forte qu’el[e] tá sintin’, né? E aí el[e] intangue, né, quê se o fi...o frii fô muito arrochado dá pa gente ficá intanguido. Ah, isso vai vai indurecen’ os neivo, vai vai parece que o sangue vai ingrossan’, taian’ e[le] vai paran’ a ciiculação fica, se fô, fô um frii muito forte memo el[e] num num tivé a solução de ele isquentá el[e] bri...se taiá o sangue, pára a circulação dá até pa morrê.

69. Robuçá¹¹⁰, ro...robuçá ô imbrunhá, né, que...(risos) É qué dizê qu’ é imbrunhá com ãa cuberta, robuçá ô imbrunhá com ãa cuberta, né? E...Pois é, uai, ...[rebuçar uma casa] fazia de primero, antigamente é, quai[se] num igistia ess[e] negó[cio] de teia, as casa é, quan[do] num er’ tampado de paia, de buriti er’ capim, macega, rancava e invarava aquil’ juntim e tampava de capim. É o que usava mais.

70. Gen’ fala torim, né? Po’ ixemp[l]o, uns fala fala marruais oto fala torim, né? Não é, qué dizê que tudo é ãa coisa só, uns fala marruais otos fala torim, né? Mais tudo é o é o marruco, mermo, né, marruais que fala.

¹¹⁰ Variação de *rebuçar*.

71. Marrão el[e] é, por ixemp[l]o, é o porco que dizê, se é se el[e] é novo fala que é um marrão, né, se el[e] é macho fala marrão a ...fêm[e]a fala marroa, né? Agor' quandi quand' e[le]s tá grande aí fala é um cachaço, né? Agor' quan[do] tá novo é marrão. E[la], quando já tá grande se ela no, se ela nunca criô fala é ãa marroa mermo, né? Agora quandi ela cria aí fala ãa poica, né? [Se capar] gen' fala, fala é, fala o capão, né, gen'... capei um porco, né? Aí gen' num fala cachaço não. Gen' fala é um capado, né? Ah, que dizê que muita gente fala ingordá, oto fala é pô o porco na seva, né? Seva, por ixemp[l]o, põe na seva pa ingordá, né? [A seva de peixe] Uai, iss' é a seva, e[le]s fai[z] e[le] leva é mantimento põe e joga lá tá sevan' os peixe, né? E...Sevan'e[le]s ali pe...e[le] seva cumê ali aí va...quan[do] vai pescá e[le]s tá tudo, e[le]s vem tudo ali pa cumê aquela, aquela, seva que põe lá aí fica bão de pegá e[le]s, né? Pois é, é a mesma seva. É...Uns fala seva otos fala pinda, né?

72. Ah! Agora vai, agor' ficá nulo (*risos*) Num dô conta não. Ah! Capaiz que é 'té facim, né, é que num num tá na memora [as]sim o jeito d'eu respondê, né? Num dô con... Capai[z] que num vô dá conta não. Tudo qu'eu já passei e tudo [as]sim, 'cê sabe o que nóir tô falan' agora, né? Qu'eu já passei e esses ano que eu vivi, [as]sim num sabe e nem nunca vai sabê, né? Eu num tô dan' conta de carriá¹¹¹ nada não. Não, pare[ce] que eu perdi o jei[to] de de de falá, né? Uai, no meu pensar eu acho que eu sô bão, né? Uai, [porque] pare[ce] que eu num ofend[o] nin...no meu pensá eu num ofend[o] ninguém, né, pelej[o] pa sê honesto, né? Uai e, no meu pensaro parece que que foi, né, e e po e p'or neto o ... pode às veiz falá que eu sô rúim é que eu posso fazê eu faço, né, adoro, todo neto, né, que eu tem, é neto é bisneto tu...eu consider' e[le]s tudo. Uai e, no meu pensar eu fui bão [esposo], né? Eu nunca desprezei minha isposa, né, 'té o final de vida dela.

73. Não, que dizê que aigum dia que as veiz gen' tem ãa tristez' mai[s] num, inté e[u] num num tem tristeza da vida não, né? Eu, no meu pensá eu pens' é [as]sim, ieu tê ãa amizade com

¹¹¹ Aqui, carrear significa definir-se, emendar memórias para dizer, afinal, quem é o narrador.

o povo e e e tê meur negoço limpo, né, e[u] num sê sujo cum ninguém, né, assim, num tem pensado de desejá futuro, mar não, iss'e[u] num penso não, ago' penso é isso e e tê ãa amizade cum todo mundo que tem, semp'eu acho que eu tem às vei[zes] eu tô inganado mai[s] pra mim e[u] acho que tem, né, e e prutigi meur negoço assim e num sê p[r]icis[o] da gente ficá passan' veigonha, é?

74. Não e, [tenho vontade] quan...essas coisa que eu penso hoj'em dia é só memo eu tê ãa fartura em casa e podê tê ãa vi...saúde assim, ãa regalia pa mim podê saí, eu duimi sussegado, essas cois', e[u] num penso assim otos futurament', né? Ah, eu pra mim e eu acho que ao men' de, assim de que seja de jijonja¹¹² todo mundo mim presta 'tenção, né, tant' a os hôme como ar muié ess[e] povo tudo mim, mim prerta¹¹³ 'tenção, né? Uai, eu ach' que seja, nesse cas[o] a cunversô cumigo que acho em suficiença, né, de ocê falá num é assim não? Que se num se num achasse a em suficiença¹¹⁴ de falá, 'cê num falava, né? Eu penso [as]sim, né? Não... Não, por ixemp[l]o é o é o assunt' é esse s'ocê num achasse eu assim insuficiente de ocê cunversá cumigo, 'cê num cunversava, né? Não, num é por tanto que eu sei, qu'ocê achô em suficiença de de ocê falá cumigo, né? E eu falá c'ocê. Ah, não num é tu...num é todos que sabe não, né, maió parte os oto sabe, mai[s] muit'e[le]s num sabe tamém não, né? Tem muitas coisa que eu falei que é passado assim que hoj'esses mair novo niũm sabe, né? Agora esses mai[s] mair muderno é coisa que oto sabe também, né? A a...Ah, é que o o que passô cumigo nesses nesses ano prá trái[s] esses mair novo num sabe o o que passô, né? O que eu já o que eu já cunhici, já vi, né? Pois é mai[s] dipoi[s] assim [dei]xá ficá assim, às veiz inté vem na idéia que jeito que podia respondê, né, isso que que tá parada, né, mais agora e[u] num tô saben'... E eu fico satisfeito [de falar] também, né? Fica parado [as]sim, em horas, pensan' à[s] vei[zes] lembra d'aigũa coisa, né?

¹¹² Possivelmente o narrador quis dizer *lisonja*.

¹¹³ Mais um exemplo de troca do /s/ pelo /r/.

¹¹⁴ Aqui, certamente o narrador reconhece sua competência narrativa por ser escolhido para gravar suas memórias.

3 - 2NF91

1. É [nasci] no municipi de Catalão. É. Ma[s] num lemb[ro] não. Num lemb[ro], sa[be]. Num alembro nem sei se tá assentado ali na o o o... dicumento meu. Ih! Is[so] tem muitos ano dimais. Ih! Setenta, noventa. É. Tem noventa qu'eu nasci? Noventa ano. Ah! tem, capaiz que tem mais, mĩ fia. É. É na roça, mĩ fia. Ah! Munt' tempo, né? Fiquei na roça [as]sim, até o o mundo assim (*gestos*) p'a mim assim num é não.

2. Vida sufida, insive¹¹⁵ farta desse, ó¹¹⁶. Minha mãe tabaava dimais, tadinha, el[a] tabaava p'a toda banda, fazia farinha, fazen' goma, a ... o povo pantava ãa roçona de agudão, el[a] ia pa lá panhá agudão pa ... inchia sacão de lin[ho] assim¹¹⁷, de agudão p'a ganhá esse mais¹¹⁸. Passava fome, mĩ fia ... El[a] dexava um lanche assim ... e eu já saía c'as irmã mais véia e dexava a , dexava a, a cumade (...) que é a maió, a cumade (...) quais[e] que era do tamãe dessa, mais piquena, a cumade (...) era maió, assim, dexava nós ma[is] el[a], ela p'a oiá os oto tan'¹¹⁹ piquininha, [a]té ieu e o cumpade (...), er' os dois piqueno, e el[e] ficava lá. Minha mãe tabaiava lá de de noite, minha fia, c'as, c'as, caiga na cacunda, ela os minin', a as fia dela, as minha irmã, tudo carregano saco na cacunda, cuía arroiz era de (*incompreensível*), né? Tazia. Meu pai 'dueceu, deu misacão no pé dele, el[e] ficô lá, ó. Num trabaiava, t[r]atan' de nós e dele. Aí ... É. Ahn? Misacão. É, misacão. Dá, dá assim no peito do pé, ó¹²⁰.

3. Ih!! E[le]s chegava de noitão! Oito hora da noite e[le]s chegava, que era munto longe, né? onde e[le]s trabaiava, chegava oito hora da noite inda ia socá arroiz, fazê cumida pa nós cumê. Nós já 'tava durmin', fazia cumê, levantava nós lá da cama pa cumê. Nós cumia, nós deitava [ou]tra veiz, dumicia, ela ó, caía [ou]tra vês no, no tabaiá, p'a tabaiá.

¹¹⁵ *Insive* por *in(clu)sive*: supressão de fonemas, no caso, uma sílaba completa, travada por [k/l], no interior do vocábulo.

¹¹⁶ Gestos referentes à prática de comer: mão direita à altura da boca com dedos curvados para dentro em movimento, sugerindo a introdução de alimentos na boca.

¹¹⁷ Gesto de mão à altura do colo (a narradora está sentada em um sofá velho) para indicar o tamanho do saco de algodão que a mãe apanhava.

¹¹⁸ Repetição do gesto conforme segunda desta narrativa.

¹¹⁹ Possivelmente *tan'* por *tão*.

¹²⁰ Gestos apontando o peito do pé.

4. Não [ia para a roça], eu era piquitita, mĩa fia. Er' munto piquena. Eu ta... tava, tava tava tamãe da (...), aquel[a] lorinha custosa. E a cumade (...) era... quais[e] tamãe dessa¹²¹. É ieu, né? As mais véia? Lemb[r]o. O mais véi tinha ... tinha a (...) a mair mais véia, que saía c'a minha mãe, né? (...). Tem a (...) é que saía c'a minha mãe, e el[a] já tava moça. Aí ficava, e[la]s, er' duas, né? A cumade (...), t[r]êis, (...), quato, e eu cinco, cumpade (...) seis. Seis fii. É. Só [um homem] só es[se] que morreu, né? Que num, num põe na conta, né? É.

5. Aí ... o o meu pai tava duente. Na é[po]ca¹²² difici dimais, Nossa Senhora! Mai[s] Deus ajudô, né? Tudo venceu, né? Mais ficô duente, um um ...quais[e] um mês de [doente], is[so] custô sará. Num sei [o que curou o pé] não, mĩ fia. [Eu] Era piquitita. Ficô um ... uns quinze dia cum pé rũim. Dipois miorô foi judá tabaiá, [al]gum sivicim mais manero, né? Mĩa fia, num sei que disse não¹²³. Ah! vai que tá é [a]quel[e] t[r]em [as]sim c[r]iscido tali, p[ar]icid' de isvim, né fia? Aí fi'quel[e] t[r]em assim, ó.¹²⁴ Nossa Senhora! Õa bola grande assim, ó, (*gestos*) [as]sim, dá assim, cuidá a pessoa [a]té morre¹²⁵, Deus mim live. Fica inframado. El[e] num du[r]mia nada, coitado, com, sicudin' o pé de tanta dori. Duía! Dava febe. Aí passô o temp', banhan' cum reméd[i]o né, mĩa fia. E nesse temp' nem reméd[i]o num tinh', hoje agor' num num tinha não. É, reméd[i]o do campo, do mato, é da de horta.

6. [A vida] Ah, fia! Foi mioran' [a]os poco. Minh' mãe até ... assim di'inter' tabaiava dimais, [de]pois meu pai sarô do que...saiu, laigô nóis a muit'...com ela, laigô dela naquela vi[d]a¹²⁶ custosa, num er' igual é agor' não, mĩa fia, er' munto custoso, né? É. Dexô nóis só com a minha mãe. Ma[s] ma[s] ... eu já tava tamãe dessa aqui já quase, ó¹²⁷. É a caçula. Hum! El[a] sofreu, mĩ fia! Minha mãe? Er' direto tabaian' desse jeito, como tava falan' pa sinhora. Tabaian' [as]sim, carregan', tabaian' im tudo quant' é siiviço de roça, mĩ fia, que o povo

¹²¹ Gestos apontando a criança menor, presente na gravação.

¹²² Eca<época: supressão de sílaba medial pós-tônica, i.e., paroxitonação.

¹²³ Modo de dizer que não sabe como explicar o misacão.

¹²⁴ Gesto apontado para o pé, como que gordo, crescido pela doença.

¹²⁵ Quer dizer que “se não cuidar a pessoa até morre”.

¹²⁶ Via por *vida* (ou será mesmo via, no sentido de caminho, estrada da vida?)

¹²⁷ Gesto apontando para a bisneta de mais ou menos onze anos. Conferir na foto, a criança maior e de cabelo mais liso.

mandava ela, arranjava ela pa [ca]piná¹²⁸ algodão, arranjava ela pa pa micê¹²⁹ cum mandioca, né? Renje ... arranjava ela de, pô poco siiviço, el[a] ia tabaiá. Lá num ... depois ela, ela dexô a minha vó com nóis, a mãe dela chamava (...). Tadinha, ela que cuidava de nóis, nóis passava fam[e]¹³⁰ até... a mãe falá, a vó falav' [a]sim: “Meu Deus do céu, que hor', 'té que a (...) vem, que hora que a (...) vem, meu Deus do céu, t[r]azê as coisa pa nóis cumê? Essas criança tudo cum fome”. Nóis saía na ãa chác[ar]a véia, mĩ fia, na roça véia, é vergonha contá, mais é mes[mo], ia nãa roça véia que tinha prá lá, ãa paiada véia, tinha uns mamão, né, el[a] panhava mamão, panhava jirubeba e levava, cuzinhava sem manteiga, só cum sal pa nóis cumê. Nóis cumia, mia fia, cumia, graças a Deus, graças a Deus, 'té sustentava, com o poder de Deus, né. Ah! É... Dava força, mĩ fia. Mamão verde, mamão maduro, tudo el[a] 'panhava, tadin[ha] da vó. Munto difici, mĩ fia, difici [de]ma[is]. Num san... num tinha avô não, num cunhici avô não, mĩ fia, só avó. É.

7. Fui c[r]escen' ô¹³¹ ... 'judei minha mãe tabaiá, né, fia. E el[a] ficô um (*incompreensível*) prá nóis. Minha mãe, el[a] prantô arroizi, el[a] mem' prantô arroizi, nãa, lá assim o arroizal dela ficô bão, ficô munto bão, e el[a] foi mioran', né, mĩ fia. Ah! deu na á[po]ca do depoisi, minh' irmã na ... já er' ãa minininha, sem istôm[ago], era a [a]quela duença, da, cham' dipisia¹³². Tinha um, um reméd[i]o que hoje em dia ninguém num fal' nesse reméd[i]o não, que a im menino¹³³ num dava cont' falá quase, num er', er' desse jeito: camelana com jalapa. É. Já... jalapa. É, indé¹³⁴ reméd[i]o da farmaça aqui. Camelana é um cumpimido desse tamãe, ó. Bem [as]sim (*gestos*). A jalapa é é uns t[r]em [as]sim. E na ... el[a] inchô, ficô uma pipa, coitadinh'. A minh' mãe passava no[ite] de son' lá. Quê? Er' den...den...den... de depisia¹³⁵, mĩ fia. Da ...[hi]deprisia dá de inchá, né. que fal'...É hidu...hidrupisia. É hidupisia. Dá, dá, dá

¹²⁸ *Pina[r]* pode ser tanto *capinar* quanto *apanhar*.

¹²⁹ *Micê* por *mexer*.

¹³⁰ *Fam[e]* quer dizer *fome*.

¹³¹ *Ô* é uma redução de *eu*.

¹³² A narradora refere-se à hidropisia

¹³³ “im menino” quer dizer na idade de menino, quando ainda criança.

¹³⁴ Possivelmente *ainda é*.

¹³⁵ Outra variação de hidropisia.

pessoa inchá, muitos fi[ca]... demais, chega dissorá. Ela e minha vó foi desse jeito, tadinh'. Dissora, dissora. Isso, é do istongo¹³⁶, o o istum' rebenta [as]sim, ó. Fica iscorren' [a]quela água, vai corren' [a]quela água, té, té té que a ispinha rebenta. É, mun...murria. Como minh' mãe contô naquela é[po]ca, qu'eu iscutei falano, que mé¹³⁷ camelana com com já...jalapa. Aí aque[le]s mas o reméd[i]o num podia, o pa, o passadii¹³⁸ del[a] é, é le[i]te, né? Num podia cumê essas coisa, é leite. Mais é um mingauzim assim quais[e] sem sali. E a a mãe passava no[i]te intera oian' el[a]. No[i]te intera. Er er' t[r]ocado, a no[i]te da minha mãe olhá ela, tinh[a] no[i]te do marido dela, né. Aí...minh' mãe tava munto cansada, e com sono, tadinha, [fi]cava 'té noitada, falô, falô po (...), qu' é marido da (...): "(...), levanta dessa [cama], quenta um le[i]te dá dá a (...) prá mim, [es]quen[ta]...isquenta o leite aí dá prá ela bebê". Em veiz de quentá o le[i]te, mĩ fia, fe ...quentô foi ovo, quentô o ovo e deu pa muié bebê, e el[a] tava cum fome, tadinh', bebeu o ovo, n'oto dia el[a] morreu. Cumeu ovo, mĩ fia. Num podia cumê, passadii del[a] er' leite, mĩ fia, leite sem sale, sem doce, sem nada [as]sim. Deu o ... o ovo p'ela cumê ... cumê, ela cumeu n'oto dia el[a] morreu. [Ela] Tinha só ãa minininha piquitita, [as]sim ó, sentan'. A minha mãe que cuidô, coitadinh'. Cuidô da minininha até, 'té que a minina ficô moça, mocinha...

8. Ah, já fui c[r]escen', gaças a Deus, fu ... fui c[r]escen', naquel' sufimento [as]sim, assim memo, ma[s] foi maneran' mais, né. E nós tudo ajudava, nós tudo ajudava minha mãe. Fican' poco mais fáci' prá ela, mĩa fia.

9. Quan[do] ... temp' que nós er' piqueno nós gostava de b[r]incá muito assim, b[r]incá de gangorra, aí aquel[a] gangorra lá [as]sim, muntava saía b[r]incan', tocava de roda c'aquela gan[gorra] fazen[do] caí, né. Os mais piquen' caía (*risos*). B[r]inquei de cangorra, de balango. Balango. No cipó. Ele era bera do corgo, assim parecen' um (*incompreensível*) bastava um

¹³⁶ *Istongo e istum*, logo depois, são variações de *estômago*.

¹³⁷ *Mé* por *remédio*. Hipotetizamos que na fala da narradora, as pós-tônicas finais sempre caem; neste caso, porém, na fluência da narrativa, caiu também a sílaba pré-tônica.

¹³⁸ *Passadio* é o regime alimentar, a dieta específica para o doente.

tongo¹³⁹ pa mim pará. É, é. Os minin' impurrava nós assim, nós ia atravessava os corgo (*risos*). Uai, fia. Finca um tongo¹⁴⁰, um tongo, um pau, um pau assim, ó, no chão, e ruma, e ruma um pausão cumpido cum' daqui ali¹⁴¹ e ... tamãe que qué e fura, fura o pau no mei assim e põe arame im cim' da daquel' pau, aquel' pau e vai tocá a gangorra de roda, ãa hora era de roda, ôta hora assim (*risos*).¹⁴² Ah! senta doisi, um, dois de cada, de cada lado, logo ca ... logo a gangorra subia assim, ó. Ah! os minino [faziam a gangorra] Er' os minino mais véi, mĩ fia. [Brincava] Até ficá tonto, né? Balangá. De cavalo de pau (*risos*). Fazia, fazia buneca, punha (*risos*), punha e[la]s, punha as buneca nos b[r]aço e (*incompreensível*) nos pau (*risos*) e pará, pará, pará. Ia lá, ia longe memo. É. Ia passia c'as buneca de pau, mĩ fia. Is[so] assim er' muito minino, er' munto memo, er' ãa turma. Fazia de pano. As minha, as minha p[r]ima fazia buneca prá nós de pano. É. Ah! Gostava, gostava mais [as]sim de gangorra, buneca, cunzinhadim. Nós ia lá... nós num amolava minha mãe assim assim igual esses minin' de hoje im dia não. Nós ia lá. Sabê de vêi[z]quan[do] mãe dava t[r]em pa nós fazê cunzinhadim, noi' fazia panela de barro, os mini' mai[s] véi fazia panela de barro, punha os t[r]em e levan' no fogo, punha punha sabuco lá no fogo, c'o fogo, as b[r]asa saía marelinha, socava panela de barro, de barro marelo lá dento, fazia panelinh' de barro, fazia potim, a gent' quemava [a]quilo, né? Fazia que nem nas panela de barro, lá nas bera do coigo pa lá. A gent' fica ... ficava [as]sim, ó, fazia casinha [as]sim de de ramo, [fi]cava pa lá brincan'. A minh' mãe g[r]aças a Deus, tadinh', quan[do] ela tinha as coisa el[a] dava pra nós. Dava mantega, dava mantega, dava arroiz pra nós fazê. Er', minin' cumia em casa mesm'. Ficava gostoso. Ah! Tinha que ficá do jeito que e[le]s [os meninos] quisesse, ficav' chei de cardo, nós cumia [as]sim me[s]m[o]. É. Um dia e[le]s um falav' um, uns minin' falav' que er' pai, otos já era a

¹³⁹ *Tongo* por *tombo*.

¹⁴⁰ *Tongo* por *toco*.

¹⁴¹ *Cum' daqui ali* significa *como (se fosse) daqui até ali*, demonstrando o comprimento do pau para a gangorra. Aqui prevalece uma vez mais a força dêitica dos gestos, uma vez que na sua sala a narradora demonstrava o aqui e o ali e as suas dimensões espaciais.

¹⁴² Gestos explicam a referência para *assim*, com movimentos verticais (para cima e para baixo). Quer dizer, na gangorra balançavam em movimentos circulares e verticais.

mãe, uns er' er' cumpade, otos er' er' é fii. Ieu er' a mais piquena, eu er' a fia, aí e[le]s foi bera daquel[a] torda lá, pôis um t[r]em lá, um jirauzim, pôis uns t[r]em lá inda fui e e derramei a mantega (*risos*). As minin' fazia jiquizim, mĩ fia, na bera do coigo. É o jiquizim, pegav' lambari, eu lemb[ro] das minin' [as]sim, ó. Trazia aquil' tudo, fazia. Inté quan[do] eu derramei mantega a a ota foi lá, era minha prima: “Oi, ô (...)”. Er', tinh' um primo, né? É. O (...) chamava eu de fia. “ O (...) vem cá vê a minin' derramô a mantega tudo, cum' é que nós faiz agora? Cum' é que faiz agor' (...) ? Bate nessa minina. Bate nis[so]” (*risos*). Batia de mintirinha. De mintirinha, mĩ fia. E eu num ia sabê, era piquena. Fazia, num sei fazê mais ninhum. Num pensava nada, sabia de nada, né? Pensav' não, 'tava bõ. [Brincava] Só ùa parte do dia, depois ia brincá d' otos brinquedo pra lá. To' dia, nói[s] num amolava minh' mãe não, quan[do] nós er' piquen'. Minh' mãe dexava nós i[r] pa lá, quan[do] el[a] quiria cunvesá as coisa, cunvesá cunvesa [as]sim dos mais véi, né? El[a] num gostava que nós ficava perto, mandava nós i[r] passia, bincá pra lá.

10. [Nós] ubidicia dimais, é. Eu fui c[r]iada, mĩ fia, num p[r]icisa [a]panhá, sabe. Eu num sei que que é nem um biliscão do meu pai, meu pai er' muito bõ pa nós, tadim. Minh' mãe me[s]ma coisa. El[a] num judiava cum nós não. ùa vida sofrida, é. De muito amori. Pu[r]sinal, poco fiquei cunhecen' minha mãe.

11. El[a] [morreu] num tava mu[i]to véia não. Munto tempo! Quan[do] el[a] morreu [eu] tava, tav' mo[ça], fican' mocinha igual essa, ó. Tava nova, fia. Num, num sabia de nada, coitada de mim. Quan[do] er' mais nova [as]sim es[as] minin', minha mãe mo... minha morreu, tav' cum, [não] sei se é cum doze ano, essa vai fazê doze agor', ó. [Eu] tava tav' cum doze ano. A merm' muié que tomô conta de mim quan[do] minha mãe fartô, ela foi lá e mim buscô, fiquei co' ela oito ano, er' muito boa pra mim, mĩa fia, num falav' que ela é igual ùa mãe que igual ùa mãe num tem, num tem, né. Minh' mãe foi ùa só. Mais er' mu[i]to boa pra mim. Ela er' mu[i]to pra mim, num dexava as fia, el[a] num dexava as fia dela mim batê, num dexava as

fia dela judiá cumigo não. Era mu[i]to boa. É , ei muié que er' boa, mu[i]to boa pra mim, boa, boa memo!! Ih! Mĩ fia, [esta mulher morava] er' lá p'esses mundo pa lá, num lugá que chama Celada. Não, num er' perto, muito perto de Catalão não, mĩ fia. É [a]que[la]s banda pa lá.

12. Ih! Graças a Deus, [eu] já lavava ropa, já lavava ropa, ia lavá ropa, lavava ropa, fazia de tudo, mĩ fia. Limpava casa, barria os terrero, de tarde ia ieu mais as minina del[a] barrê terrero com a, um bassora de ramo. Panhava as tal de bassor[a], um ramo que chama ganha-lence. Nóis panhava a bassora, ieu, a (...) e a (...). Buscav' ramo, cada um, cada um vinha c'ũa bassora de ramo pa barrê o terrero de tarde. De tarde nós ia barrê os terrero, ficav' tud' limpim. Ũas duas veiz na semana, eu barria o terrero. Er' grande. Tinha mu[i]ta planta ali, fia.

13. E el[a], Nossinhora, el[a] el[a] zelava de mim demais, mĩa fia, a muié. El[a] mim mim dava ropa, comprava ropa pra mim, mim dava do tudo qu'eu p[r]icisava, né. É reméd[io], é tudo. [Eu era] munto [doente], el[a] cuidava de mim, nessa épu[c]a. Quan[do] deu deu is[so]¹⁴³ nim mim eu já tinha os meus minin'. Eu já er' mãe de quaise, mãe de nove fii. Quando saí de lá, er' munto boa pra mim, tadinha. El[a] foi pa cidade, com[o] tod[a] vid[a] qu'ela ia im Catalão, ela com[prava], ela trazia as coisa pa mim, trazia de tudo: sabão pa tomá banh', trazia ropo pa mim, comp[r]ava pan' lá fazê vistido. Trazia d'um tudo pa mim. El[a] chegô lá el[a] num sabia de nada, né? Tadinha, dexô eu com a cunhada del[a], (...) são ind'ê viva ainda, dexô eu cum a cunhada dela e as minina e foi pa Catalão. Aí, na mente del[a] qu'eu tava lá lá na casa dela, né. Qu'ela num sabia se eu ia saí. Aí o cumpade (...) que num morava pra cá, na fazenda, foi lá mim buscá. “Oh (..) minha, o seu (...) man[da] n'ocê... mandô buscá ocê”. “Pra quê? Num vô nem, num vô não. A dona (...) num t'ái, num vô nem, num vô não.” “Não, tem que tem que i[r]. O Seu (...) até mim bate, o Seu (...) mandô falá que é pr'ocê i[r]”. Ele era irmão do meu pai. Aí el[e] foi, eu saí de lá e[le]s ficô tud' choran'. As minina. Sem a muié sabê. Tava pa Catalão, ficô tud' choran', né. Tamém saí choran' de lá.

¹⁴³ A narradora refere-se a uma doença que a acompanha há décadas.

Aí, dona (...) chegô, cadê ieu? El[a] tampô chorá pu[r] ca[u]s[a] de mim, tadinha. T[r]ouxe [pre]sente pra mim, chegô lá, cadê? Tampô chorá. Inté hoje num vi el[a] mai[s] não, né fia.

14. (...) Fui pa casa do meu tii, [che]guei lá, dona (...) incarrascô falan[do] [as]sim é: “Não (...) dá um jeito da minina ficá cumigo, vim tabaiá aqui, [a]judá. Aí eu já tav’ g[r]and[e], né?. Eu já tava moça, tav’ cum dizessete ano, aí eu num num quis não: “Nem, nem, tii, eu num vô nem, vô ficá aqui cum o sinhori”. “Não, vai, vai, se num de[r] certo lá, cê aí cê vorta, p[r]icisa d’ocê [a]qui cum nós”. Aí eu fui, né? Eu fui pa lá, lá el[a] el[a] num er’ rúim pa mim não. Mais era braba dimaisi. Braba até. Nossinhora Badia. Nunca que el[a] el[a] nunca mim bateu. El[a] gavava eu dimaisi. Ele[a] gavava ieu. El[a] chamav’ eu de crioula. “Ô crioulinha!” (*risos*). El[a] gostav’ de mim dimais, mĩ fia. El[a] er’ braba [as]sim mais nós num bateu não. Dava um tapinha à toa. Qu’el[a] mar¹⁴⁴ punha ieu ... tinha que levantá de madrugada. To’ dia mai[s] a cumade (...). A (...) era criada dela. É. Ieu mair punha eu [le]vantá todo dia, cedim, eu ficava mai[s] a cumade todo mundo durmin’, nós ficava penan’ lá tabaian’. Lá mexen’ lá cum negóc[io] dum munjol pa lá. Mexen’ cum arroiz, banan[do] arroiz. É é lavan’ mii, lavan’ mii pa pô pa pô no munjol pa socá. Lavav’ [a]quel[e] tanto de mii e punha lá num gamelão pa iscorrê que n’oto dia pô pô socá cum farinha. Nói[s] ia deitá munto ta[r]de, deitava ta[r]de, levantava cedo dimaisi pa tabaiá. Quan[do] a dona (...) levantava el[a] tinha, achav’ tudo arrumadim. Ali set’, o[i]to hora, sete hora, sete hora, sete e meia el[a] levantava. Ma[s] nós tinh’ dá conta de tudo. Barria um terrerão assim, ó. Barria os terrerão tudo. Aguá, aguá, aguá hortaliço, água horta, arrumav’ tudo, quando el[a] che[gava]... el[a] levantav’ tav’ arrumadim. Arrumadim, el[a] er’ munto braba, Nossinhora da Badia. Mais el[a] er’ boa dimais, oto dia el[a] er’ braba, quand’ el[a] levantav’ tinha que topá tudo arrumadim. Se se achasse um t[r]em pa [ar]rumá ela danava. El[a] er’ braba mais er’, mim liv[r]e, el[a] falav’ “Ó, eu gosto mu[i]to da da des[s]a crioulinha e el[a] vai nos passei dela el[a] vai nos passei dela, el[a] chega el[a]

¹⁴⁴ Muito comum na fala desta narradora é a ocorrência de [r] em lugar de [s]: *mar é mas/mais*.

num tem nada pa mim contá. El[a] num tem nada pa contá pa mim. Eu dexo el[a], el[a] mais a (...) i[r] nas festa el[a] vai chega [a]qui num tem nada pa mim contá, num conta nada, agor' as ota não, chega [a]qui pá pá pá pá pá mim contan' coisin[ha]". El[a] num gostava. É, el[a] num gostava não. Eu mais a cumade (...) tabaiav' caladinha, tabaiav' caladinha, num num podia cunvesá não. Ah! Eu passei lá cum dizessete, eu fui pa dent' da casa de[le]s tav' cum dizessete, saí cum dizoito. Aí eu casei, né.

15. El[a] saiu. O minin' del[a] adueceu, tav' cum sarampo, tomô banh', ficô rûim dimais. El[a], el[a] foi pa São Paulo com o minin'. E dexô a (...) que mora aqui ó, pa tomá conta de mim, arrumá meu casamento. El[a] [ar]rumô meu casamento, né. Foi na, quais[e] semana do meu casamento el[a] foi [em]bora. "Ah! Cê [ar]ruma tudo pa (...)." Aí el[a] foi falô [as]sim: "Ó, cê [ar]ruma tudo aí pa (...) aí." Aí el[a] el[a] foi, eu lemb[ro], eu vi quan[do] foi salvá o minin', teve um ... o povo er' munto bão até, bem feitim, é (...) custurô, feiz as custura. [Ar]rumô de tudo qu'eu p[r]icisava, mĩ fia. Quan[do] dona (...) chegô eu já eu já eu já tinha saído de lá já. Já tinha casad'. Eu casei, quand' el[a] chegô ieu já tav' lá. É, num tav' lá casa de[le]s mais não

16. Fui morá na fazenda de[le]s. Eu fiquei lá até c[r]já os meu minin' tudo. Tudo lá. Nove fii. Amém... Deus dexô pra mim um casal, g[r]aças a Deus. É, só dois vivo, né. Õa, ãa ãa eu, eu tav' de resguard' inda quan[do] el[a] morreu. Tadinha. Õa, ãa morreu cum dois dia. Deu cól[i]ca dimais de imbigo. [Os outros morreram] novim, for' do tempo. [Fiquei] cum dois fii. Ih! Até e[le]s casá.

17. Dispoi[s] qu'eu casei? Tabaiava mair não... Tabaiava! Tabaiava [a]judá o marido tamém, né mĩ fia? Tabaiava p'ũa tali (...) [depois que casei]. É tabaiava pa el[a]. Ieu lavav' ropa pa ela, lavav' ropa, socá, socava, meu marido na roça tabaian' e tinha [as]sim munto cumpanhero, né, tabaiano e e po hôme. E eu ficava im casa, eu tabaiava tamém. Ia tabaiá pa dona (...), ia socá arroiz na mão, mĩ fia. Pegava cedo pa socá, quan[do] er' mei dia tinha

socado ãa quarta de arroizi. Quan[do] ia ieu mar a fia dela, er' duas quarta de arroiz que nós limpava. Duas quarta de arroiz sem mintira ninhã, tem Deus lá no céu que sabe, Deus. Quan[do] er' ieu suzinha er' ãa quarta de arroizi. Limpava, acelerava tudo né. Depois panhav' pa pô no pilão, panhav' pô, banava, panhav' pa pô no pilão e socava, socava até ficá um um feitim arredondad', arroizi.[Arredondava o arroz] pa catá, né. Na penera, mĩ fia. Eu catav' o marinhero. É. Socav' ãa quarta de arroiz pa dá meia quarzim¹⁴⁵ [as]sim, é (*gestos*). Banava na penera, mĩ fia. É [ba]nava [ar]roiz n' ãas duas penerona grande [as]sim. Butelona assim.

18. Eu dipois qu'eu casei inda ajudei meu marido dimais, Nossa Senhora! Pa criá meus fii [a]judei dimais da conta. [Tra]baiav' na roça. Mais perto, [tra]baiav mar longe. É pus oto, mĩ fia. É, pur dia. Nós tinha que comprá arroiz. Era difici, mĩ fia. [Farinha de milho] Pega o mii, lá no lá, quan[do] er' lá, [tra]baiav' pa dona (...), né. Tinh' um pilãozão, pert' do pilão assim tinha um munjol. É. E tinh' mii pa quebrá lá, quebrav' o mii. Mii seco, [de]pois banava o mii, banava o mii da mode de canjica, né, de cunzinhá, banava o mii, punha de môi. Punha de môi e aí ficava sete dia, oito dia de môi, lavava o mii t[r]aveiz pa socá no munjol pa fazê farinha. É, socav', socav' [a]té el[e] [vi]rá fubá. Eh! Farinha gostosa, mĩa fia. Ah! Não, socava, cuava o fubá, cuava e torrava num fornão assim, forno torrâ farinha, fazia cada bejuzão assim (*gestos*). Ah! Eu sabi[a] fazê, [a]té hoje sei fazê farinha. Fiz já, só quan[do] fazia aí, até o ano passado agor' que num dô conta de socá.

19. Num é [de ferro] não, munjol é de pau. Tem o rego d'água, tem que tê rego d'água, tinha que é o ing[r]açado é que l'imboxo tem um munjol ainda. Eu achei que tinha acabado a raça do munjol, inda tem ainda. Tem rego d'água. Ah! El[e] é inda falei, naquel[e] negóc[io] tinha que tê um cocho, cump[r]ido, né. O munjol, o cocho, um cocho cump[r]ido assim. Aí é pa cá pa lá aquel[e] cocho cump[r]ido, caía água, ond' caía água (*gestos*). Agor' pa cá er' mai[s] mais fino pa cá, [a]quel[a] coisa [as]sim (*gestos*). [A]gora ia, inchia [a]quil[o] de água assim,

¹⁴⁵ Provavelmente *quartinha*, porquanto auxiliada pelos gestos a narradora reforça a pequena quantidade do arroz que sobrava depois de socado no pilão.

punha n'oto pilão, põe dent' pa pa socá. Tem que tê pilão. Aí aí eu ia, tinha socá cedo, aí quan[do] er' mei di[a], onze hora as muié ia torrâ farinha, fazia mûta farinha, fazia [dia?] intero, mĩ fia. [No monjolo] socav' socava mii fazê farinha, socava arroiz, chumbava café. Ah! Gente, gente suspende el[e] assim, suspende el[e] hor[a] que pára, num tá socan' nada mais né. Gente suspende assim e sigur[a] el[e] cum pau, um pau [as]sim, ó, da moda daqui [as]sim, ó, da mod' daqui, ó (*gestos*). Sunga, sunga o o munjol pa riba e toca o pau [as]sim pa sigurá el[e]. É fiimá¹⁴⁶ el[e] p'ele num [descer?] lá. Aí el[a] vai, a água vai pa el[a] vai o cocho, o negóc[iu] lá, a a gamela do munjol, né. Vai derraman' [a]quel[a], agacha [as]sim ó, no suspendê lá el[a] agacha aí a água vai cain' nele lá e derraman'. Inda [e]xiste lá na fazenda [a]té num 'cabô. Não [funciona não] sinhora, [a]gora 'cabô.

20. Chumbava [café] pa muié lá, né. [Para mim] er' no pilão memo. Ah! É [difícil no pilão], ma[s] gente punha, gente punha [as]sim poquim, né. É poquim, é negóc[iu] d'um lito e dois lito de café, um lito a gente chumba. Inda tem dia [as]sim, ó, esses dia pa cá, meu minin' vêi cá chumbô café aí, ó. Tem um pilão, chumbá café (*risos*). Chumba café, soca. Eu soquei munto café aí num pilãozim ali, chumba um café, soca. Quan[do] eu tava [a]güentan' socava arroizi. Inda agor' ninguém soca arroiz mais, já vem comprado, né, mĩ fia. Que agor' vem, já vem já vem limpo. Ah! Não sei não. Os arroiz, socava, socava [as]sim pa pa nós el[e] sai mais gostoso.

21. É. Ieu morav' sozinh' que o (...) casô foi morá na casinha del[e] pra lá, a (...) casô ficô na casa dela. Eu morav' sozinh', eu mai[s] er' pert' de[le]s, né. Pertim de[le]s. Ah! mĩ fia, já faiz capaiz que tem quais[e] vinte ano. Ah! Vai tê. Tem vinte ano qu'eu moro aqui. E el[a] er' incarrascada cumigo, incarrascada, eu vim pa cá, mudei pa cá, ela¹⁴⁷ vêi, ela vêi cumigo, depois tive que i[r] lá na casa dela, laiguei el[a], eu ia lá munto, quando el[a] tava lá cum pai dela, ia ia aí eu ia na casa dele, el[a] tinh' que vim. El[a] vinha [as]sim cumigo aqui. El[a] tá ,

¹⁴⁶ Variação de *firmar*.

¹⁴⁷ Refere-se à neta que morou com ela por anos. Contou a história e idade desta para dizer a quanto tempo mora no lugar onde narrou sua história de vida.

el[a] tava piquena assim, piquena, tamãe da minininh' que 'tá aí. El[a] er' mais piquena ainda, mais piquena. El[a] tá tá cum vinte e oito ano, né. Vinte e oito ano qu'eu tô moran' aqui, fia.

22. Nunca, nunca, nunca [estudei]. Tinha [escola] mais eu num tinha [jeito de?] i[r]. Num tinha idade de istudá, né. Num tinh', a mãe num quis pô eu na iscola, pôis só meu irmão. É meu irmão num, meu irmão tamém ap[r]endeu nada. É, num er' [difícil] não. Só ele [foi à escola]. [Aprendi] nada nada nada. Nada nada. Sei fazê mĩ fia, e toda a idade sei, ma[s] inda sei fazê conta ainda. Sei tudo.

23. Nóis prantav' er' er' aboba, tinha aboba, batata, de mistura, quiriru. Qu'e[le]s tinha. É, arfaça, é esses tudo assim, de verdura. Arfaça, couve, [as]sim, musta[r]da, a[l]merão, es[sas] cois[as] [as]sim. Ah! Er', carne era difici, fia. Quan[do] morav' cum, perto da dona (...), essa muié braba, ganhav' munto, nóis num ficava sem carne não.

24. Tinha, el[a] arruma... El[a] arrumav' de um tudo prá mim, mia fia. Eu já tinha os minin' meu, nóis mo...eu morav' lá pa baxo assim, lá pa baxo, aí...el[a], tadim, dexav' os minin' lá, vinha, el[a] 'rumava d'um tudo pa mim, a...trabaiav' prá ela mai[s] não. Mais el[a]...tabaiava [as]sim...os minin' tav' mai' maiozim um poquim, dexava o (...) ca (...) e ia, trabaiava pa ela. Quan[do] ia pa casa el[a] arrumava de tudo pa mim. Er' leite, er', er' queijo, mai[s] munto, né. Queijo, er', requejão que el[a] fazia, tudo el[a] mim dava. Arrumava de tudo qu'eu p[r]icisava lá, el[a] 'rumava pa mim. O, o...manteiga num fartava prá mim, arrumava, matava capado, mim dava carne. Só capado. Na...era capado, [as]sim matava vaca, né. Galinha ... E[le]s tud' cumia, e[le]s, e[le]s lá. Eu cumia lá na casa del[a], del[a], ond' nóis tinha mũa galinha. No, no, nóis tinha galinha, tinha pato.

25. Ah! Mia fia, a...retaiava el[e], salgav' bem salgad', punha no soli. Pa secá. 'Té hoje alemb[r]o, mim dá vontade de cumê ca[r]ne [as]sim, do jeito que nóis cumia. Inda retaiav' el[a] [as]sim, bem retaiadinha, salgava, punha lá no sol pa secá, ca[r]ne de gado. Aí o o f[r]ita

el[a] 'té ficá rosadim, põe arroiz. Eh! Arroiz gostoso. É. Eu agor' num como mais nada disso, minin'. Diz, diz é ca[r]ne, assim num é nada. Num como nada de ca[r]ne. É só um môi.

26. A [carne] de porco f[r]itava e punha na lata. Punha, punha el[a] lá, a carne, na la ... a ca[r]ne, a ca[r]ne mucicha punha na lata, a ca[r]ne de de osso tinh'isperá curti de mantega. Tampá de mantega. Ah [se puser água], azeda, mĩ fia. Tem de, tem f[r]itá man...f[r]itá a ca[r]ne até a, até, f[r]itá até ficá lá pura mantega, ficá um poquim de água na na na mantega, a ca[r]ne, a a, o, a o. Azeda, azeda tud[o]. É. Cunzinha a ca[r]ne, dexa a ca[r]ne cunzinhá cum poquita, poquita água, depois num dexa ficá água na ca[r]ne, ficá rosadinha, rosadinha [as]sim, bem, bem f[r]itinha, né. Ai cê põe na lata, poquim de mantega. Temperadinha, mi fia. Ali po, po, põe, põe tempero, põe alho, põe um tantim cebola. Ah! Pode ficá munto tempo na lata, é. Num dexan' água, fica munto tempo. Nem, fica não minin'. Tem casa que pode ficá um, num dura nem um mês (*risos*). É, [a]caba logo. Ah! Num perde não. Eu gostava, mĩ fia. É bão até, mĩ fia.

27. Lá pa dona, lá pa dona (...) fazia doce de limão, limão gale[go]...lim... limão rosa, inda tem del[e] ali, ó (*gestos*). Da ca[s]ca dele memo. É da ca[s]ca, é da ca[s]ca. Nós g[r]osa el[e], g[r]osa el[e], bem g[r]osadim, depois, tira aquel[e] miolo, que el[e] tem e põe de môi, põe de môi aque[la]s ca[s]ca, tem muitos dia de môi, dipois, gent' feiventa el[a], passa el[a] na água quente mi fia, gent' pas' pa, pa tirá o amaiguzim, depois põe el[e] no... na na calda, ia lá, punha fogo, doce daquel[a] calda. É doce gostoso demais, mi fia. É. El[e] arrumava mûtas lata, dessas latona de que[r]osene, ó, cheinha de des' des' t[r]em, pa fazê ... tem o g[r]osadô. Tem um grosadô de grosá o limão, limpá pu cima. É o, é o limão, os figo. É pa limpá. E a, tirá o sum[o]. Tirá [a]quel[e] sum[o]. Num fica [amargando] não. Fazia de laranja, doce de, daque[la]s laranja, laranja de fazê doce, a, [a]li no...isquici o nom' del[a]. Tinha, tinha cidra. Laranja da terra. Assim, doce de leite tem bastante, fazia assim de cumê c'a cuié, fazia seco. De veiz im quan[do] de pedaço. Na paia. Cumé que chama? É doce de pingo, qu'e[le]s fala,

parece. Fazia [de mamão], às veiz até hoje o povo inda faiz. Banana, doce de banana é danado p'a ispirrá na gente, quema a gente tudo!

28. Na casa da...da dona muié lá de cima, povo [as]sim tinha [forno para biscoito]. Tinha fornaia...na fornaia que tinha fornim ... eu num fazia não, e[la]s memo lá que fazia.

29. Alemb' [de festa]. Ia. Quan' er' mair nova eu ia. Ah! Eu dançava (*risos*). Eh! 'Té hoje [gosto], mã fia. Se, se dexá hoje, até hoje inda dançava. Uai, fia, agor' [as]sim e[le]s faiz festa aí de ... Diz que é festa de São Sebastião. Ah! Fai' fe...a famia pa[ga] um voto que e[le]s faiz de, de fazê festa. Festa mais é assim, só dá reza, reza, reza. Agor' se quises' dá um, se quisesse fazê ãa festinha, no segundo dia faiz. Mais aquel[e]. A...cum' é que chama [a]quil[o] lá, mi fia¹⁴⁸? Onde cêis dança lá? Barracão não. Lá na quadra. Lá todo ano tem. [Antigamente] É...é...er' tolda, mã fia. Fazia tolda, de...de ramo. Aí tav' [a]quel[a] tolda assim, jogava ramo po cima. Agor' num põe ramo não, e[le]s comp[r]a é lona. Só [ia a festas] dos oto, mã fia (*risos*). Só dos oto. É...quan' er' mais nova [as]sim, quando, quando o meu véi inda ia im festa. Dispois que el[e] morreu num fui mais não.

30. Ah! Muti[r]ão é, é juntá turma de cumpanhero, e, tinha, ia pa roça panhá...pa limpá roça, né, fia. Tinha a, arroizal, é...essas coisa [as]sim planta, fazia muti[r]ão pa limpá roça. É, cumpanhero, munto cumpanhero, mũa gente. Mais é...tinha muti[r]ão de, de fiadera.

31. A a...tenh' a roda [a]li 'té hoje, tá quebrada na casinha. Eu fiava er' mu[i]to, mã fia. Tinha muti[r]ão de fiadera. Era bão até, mã fia. A, as muié fian' e cantan' (*risos*). Er' ãa cardano algodão, a ota fiano, er' aquel[a] aligria mais bão do mundo.

32. É que, e e eu fiava, né, cambui de linha, assim ó (*gestos*). Cambui de linha. Algodão a gente ca[r]da, ele, disca[r]oça no [d]isc[ar]oçadô. No disc[ar]oçadô, dipois tinha a carda, tem carda aí. Tem carda véia, carda o algodão, carda, in ... inchia balai de algodão assim, ó (*gestos*). Inchia balai de algodão. Não. Pa...passa nas carda e carda dá, dá aque[la]s pastona

¹⁴⁸ Mã fia, neste trecho, não é vocativo à pesquisadora, mas à bisneta que presenciava a gravação.

assim. Fofim. Aí el[e], a gente fia. É, [fia o] algodão cardado. E ... vai fiano ... faiz tam ... tambui de linha assim, ó (*gestos*) e dá pa tecedera tecê. Lá, lá e[la]s tece. E fazê, mĩ fia.

33. Faiz, faiz ropa, fazê, pimero, pimeramente, hoje em dia ninguém veste ropa não, fazia rôpa, carça de algodão, camisa de algodão, pano de algodão, ticia, gent', nós fiava [as]sim ó (*gestos*), pano de algodão, é, é, es[sas] cuberta, er' lençol, tudo. Munta gente aí fia inté cuberta de algodão. Tem lençol, tem cuberta. Eu num sei se ela parô. Tem ãa muié aqui imbaxo, eu [es]quici. Cum' é que el[a] chama, gente? É ãa muié [a]qui em baxo, mĩ fia, tem um tiali¹⁴⁹, cumé que el[a] chama? Tinha e tem 'té hoje, el[a] num vendeu não. (...)Não. É [eu sabia]só cardá e fiá, fia. Ah! Õa mei...é...é, é as tal miada. É, é tem a dobadêra, aí põe ãa linha lá, vai tocan', tocan', tocan' 'té que faiz [a]que[la]s mi...'que[la]s miadon[a] [as]sim (*risos*). Não, ãa miada num pesa não, fia. É mu[i]ta miada pa dá um quilo. Num dá [uma calça] nem. Dá não, não. É p[r]iciso sê uma cambura de linha assim, duas cambura de linha pa dá ãa carça. Ah! Lá nós, nós fal' é cambura, né? Cambura de linha, nuvelo de linha. É um nuvelo assim. Não, mĩ fia [eu sabia], é é, que vai dob[r]an' a linha, dob[r]an' a linha, fia, né, na roda, depois dob[r]a a linha, faiz [a]qu[ele]s nuvelo assim (*gestos*), vai fazen', passan' um cordão, um cordão, um cordão aí nós fal' que é cambura de linha. Desse tamãe assim (*gestos*). É. As miada. É, [leva] pa tecedera.

34. Não é, paga...pagava, pagava el[a], mĩa fia, pa tecê. Eu memo paguei tecedêra pa tecê pano pa mim. Ne...nessa ép[oc]a teceu...p'o meu marido. De algodão. Tudo no tial. Ticia cuberta e er' bunita. Inda de balão. É minin', mar cuberta mais bunita do mundo. Aque[la]s floron' [as]sim ó, aque[la]s rosona. Não [era só de uma cor, era] de mũa cor, mĩ fia. Er' branco. Eu fico boba caçan'¹⁵⁰ as tecedera tecê, cum' é que e[la]s tem idéia pa tecê [as]sim. A linha tenge, mĩ fia, comp[r]a tinta. Comp[r]a tinta a...e[la]s comp[r]a tinta verde, quem quisé,

¹⁴⁹ *Tiali* e *tial*, adiante, são variação de *tear*.

¹⁵⁰ Provavelmente *caçando* aqui sugere que a narradora fique *imaginando* a criatividade das tecedeiras, envolvida na arte da tecelagem que ela não sabe praticar.

comp[r]a, comp[r]a vermêia, comp[r]a cor de rosa, comp[r]a marela. Ali, quem pô a...verde, cor rosa, marelo põe, bunito dimais a rosona. Bunito.

35. Tinha [cobertor]não. Só cube[r]ta de a[l]gudão. A...p'a, p'a rebuçá¹⁵¹. Forrá er' lençol bem fino, fia. Finim. Do do [al]gudão tamém. Tudo a[l]gudão, mĩ fia, tudo a[l]gudão. É, ieu, ieu, ieu ieu tenh' a[l]gudão aí. Eu tenh'a[l]gudão, tem carda.

36. Curuis¹⁵², [minha roda] tá distragada, mĩa fia. El[a] el[a], el[a] chama cambota, tadinha. Tão boa, tá lá em cima, lá ó, puis el[a] lá em cima el[a] caiu de lá. Caiu ficô cambota. Mais el[a] a...saiu só ãa, só ãa [perna], agor' el[a] tá pe[r]feitinha. A a a a ... agora, agora a, o negóc[io] da linha, eu num sei aon... eu num sei aonde eu puis, tadinha, tem a canela, aonde a gente põe lá, lá, lá na roda podê fiá. Tá tudo aqui meus t[r]em, fia. Ah! É, el[a] tá sem u, ãa, num sei se é a perna, se é ãa, um, é ôta coisa. A, a ... fartô uns dois t[r]em nela, não, a não, já p[r]ucurei ali, quem 'ruma el[a] prá mim, prá mim fiá, intisti¹⁵³. Ah! Mais num ...

37. Cansa nada, fia, é tão bãõ fiá. Nossa! É um sirviço leve, a[l]gudão [es]tan[do] bem cardadim, a roda sen[do] boa, iche! Já inchi duas rodada no fim dum dia. Duas rodada im duas istera. Fiei por dia. Dá...duas ro...ũa rodada, duas rodada de linha dá...duas miada.

38. Ah, fia alemb' [as]sim, quan' nós morav' na fazenda prá lá num tinha reméd[io] de farmaça não. Tomô reméd[io] de farmaça depois que nós mudô prá cá. Prá lá ó, tadim, o meu vêi morreu po causa de, er' só reméd[io] de lá, [re]méd[io] lá, reméd[io], reméd[io] num tava valen', el[e] deu esse incom¹⁵⁴ de inchá. É, o memo que a minha irmã deu. Num tinha. O dia que cumpade (...), esse hõme que nós morava na fazenda dele, é famia, é fii do (...). O dia que o cumpade (...) foi, foi, vêi em Catalão, foi em Catalão comprá reméd[io] prá ele, comprá reméd[io] prá ele, quan[do] cumpade levô, (...) chegô, el[e] já tava morto. Já tinha murrido.

¹⁵¹ *Rebuçar*, de uso muito recorrente no vernáculo catalano, tem significado mais comum de *cobrir-se com coberta ou cobertor*. Nota-se que ela explicita que a coberta é para rebuçar e o lençol fino e de algodão é para forrar a cama.

¹⁵² Forma variante de “Cruz [credo]”, de valor interjeitivo.

¹⁵³ Possivelmente *entreter*, que na fala da região é recorrentemente flexionado na 1ª pessoa do singular no pretérito perfeito como *intisti*.

¹⁵⁴ Forma variante de incômodo, que significa doença.

Aí ele...Dava [remédio caseiro], mã fia, a cumade (...) deu um purgante prá ele, que é irmã dele, é, a, é e...mãe da (...) do...a cumade (...). A cumade (...) deu purgante ele, rumô um purgante, deu ele, el[e] tava, tava disinchan', tava 'té bão. Dispois o cumpade (...) é vivo e são, tá moran' em Catalão, é irmão dele, irmão do (...). O cumpade (...) saiu cum a muié dele e arranjà el[e] pa ficá na casa: "Oh! Ô cumpade (...)" El[e] é, el[e] é ca...el[e] é o cumpade (...) é padrim do (...) meu: "Ó cumpade (...) foi p[r]iciso ficá aqui, aqui, um dia aqui, de hoje a oito nós vem, nós vem fui c'aquil' lá na ca...óia ãas c[r]iação prá mim". Aí o cumpade, o cumpade, o cumpade (...) insinô ele: "Ó, ó cumpade (...) isso aqui, isso aqui é açúca e isso aqui é, isso é açúca aquel[e] lá é sale". E el[e] tava de purgante, el[e] foi pa lá vigiá a casa do hôme. Im ve[z]...pô...posava lá e encheu, im ve[z], coitado, im ve[z] del[e] pô, im ve[z] del[e] pô, ah! Com' é que é isso... Pois sei que el[e]...el[e] pôis um t[r]em lá, mã fia do céu, p[ar]ece que el[e] feizi...em veiz del[e] fazê, el[e] gostava dimais de tale gemada, né. Num podia, el[e] el[e] tava de purgante, feiz a gemada, fia, negóc[io] de ovo, em veiz del[e] pô açúca' pôis sali, pôis sali mã fia e bebeu aquil[o] [as]sim memo. [De]pois num, aí num teve apelo não. Morreu. Durô só oito dia. É, el[e] durô só oito dia. Daí o cumpade (...) chegô, já tava duente, el' já tava duente, quan[do] cumpade (...) chegô, el[e] pô...a...tomô conta da casa dele, foi prá casa e, e, e, já já foi pa cama, né. O...ah!...num durô nem ãa semana. Não, [os filhos] tava tudo cumigo. O (...) tava cumigo, mã fia, tava cum cum, o (...), o (...) ta...tav' cum dizessete ano. El[e] é mais véi que a (...) t[r]êis ano. Dizessete. Aí foi, foi, ficá, a (...) mocinha nova, foi istudá (*abaixa sensivelmente a voz, em uma fala consigo mesma*).

39. Ah, fia é reméd[io] que eu gostei dimais, né. É quina. Quina, ma[r]cela. Fedegoso de horta. Fedegoso, pa dô de cabeça des[se] reméd[io] de casa é fedegoso, ma[r]cela, quina. Pa istom' é reméd' margoso que tem, chama, iss[o] e...um que chama sete dori. É, to...tomô. Mais amaiga que Nossa Senhora, mia fia. Tem a... pa gripe, assim, a...tudo pa gripe. Hoje im dia nem, ninguém ranca mais, mã fia, ninguém. Ah, fia. É...o o, p[r]imero meu marido saía

p'us campo, rancava mu[i]to reméd[io] prá nós, é...erva lagarto. É. Erva lagarto um ra...um, um...Num se...ah! Num sei, nem sei prá que que é mais, mã fia. Achan' que é p'a gripe. É tal é...erva lagarto, tinha oto reméd[io] que isquici o nome dele. Eu sei que é t[r]êis reméd[io] que tinha, só que eu isquici. El[a]¹⁵⁵ sabe um tanto, el[a] ranca mu[i]to reméd[io], cunhece mu[i]to reméd[io] assim, el[a] faiz garrafada e vende pos oto. Num lemb[r]o mais não, mã fia.

40. Ah! Ieu num lemb' não mã fia, alemb' dessas duença assim, que deu no meu véi, deu...Ah! Duenças del[e] ninguém sa... o povo fala que é ud[r]upisia. É, dess[a] que que deu na minha irmã. Oh! Tem munto incômodo rúim, já deu munto, mã fia. Esses eu num sei reméd[io] mais mã fia, que dimudô, né?

41. Dimudô dimaisi. Os os incôm[odo] do povo dimudô tudo. Muda os remédio. Marcela tem aqui ó é munto. Quan[do] eu...quando assim tô infraquiada¹⁵⁶ eu vô na marcela, peg' ela, põe no copo, bebo aquel[a] água margosa. Aí miora um poco...abre apitite. É ... um tal artimijo. É. Dá ãa florinha branca assim. Bebe é isso. Miora. Artimijo, é...Dá um...um oto, um oto inda num é pa artimijo, o oto é, tudo quan[do] que é pessoa bebe, é po...é bão memo. Mentraço...é...eu isquici o nome dele, sô. Aipo.

42. A aligria que eu tive quand' eu era sortera, né, mã fia. Casô que seja, parece a, mu[i]tas coisa foi t[r]apaian' tudo. Condo casei...vai duecen', né, duece tudo! Er' mais fácil. Ah! Agora t[r]jiste é é a farta da minha mãe, né, fia. A minha mãe, tadim do meu, do meu véi, maisi igual ãa mãe num tem, né fia. Maisi num tem mais, mais [a]ligria do que quand' gente é, é novo, mã fia, gente novo, con'a diz¹⁵⁷, gente novo tem toda ilusão dũa mulhé. A gente num pensa as coisas que gente pensa agora, do que eu penso, quand' eu tô véia, tanta coisa na minha cabeça que entra aque[la]s coisa isquisita, [a]quel[a] f[r]aqueza. A gente novo acha

¹⁵⁵ Refere-se à narradora 3NF70.

¹⁵⁶ É uma forma derivada equivalente de *enfraquecida*.

¹⁵⁷ Forma equivalente a “como se diz”, bastante recorrente no vernáculo catalano.

tudo. Ah! Num tá sen[do], é...é a saúde, p[r]imero saúde que a gente tê saúde, dá...dá tudo aligria na gente, né, mĩ fia. Num acha nada custoso quand' quand' a quand' tem saúde. Gente tá cum saúde, gente tem a toda alegria na vida. A gente sai pa passιά, gente vai nũa festa, gente vai na casa da famia da gente, né? Tudo alegria da gente, e mais é...con'a diz, gente que[r] ir nũa festa a gente vai, gente se apronta arruma...bem rumadim gente sai. Num tem contraadade¹⁵⁸, num tem nada, aquel[a] vida mai[s], mai[s] boa. É isso. Difíci dimais, mĩ fia, gente vai fican' de idade, [fi]can', [fi]can', juntan' tanta coisa! Tudo cumplificado, fia.

43. Eu já tive munta aligria na minha vida quand' ieu era mais nova, né mĩ fia, cá buscado dent[r]o...Até quan' tav' mais, cum saúde, junto cum meu véi tava muito bão, er' tudo aligria na minha vida. Ficô difíci.

44. ...vê assim, g[r]aças a Deus, nós nunca viu [assombração]. Nois nunca viu nem num quero vê, maisi a...Ah! O povo fala, o povo fala que ixiste. Essa minin' tava titita¹⁵⁹, no...novinha, piquitita, a...tava durmin' nũa casinha assim onde a, a minha neta mo...morô, a (...), ãa casinha lá perto da casa da mã..., da mãe dela, casa da mãe dela é como na casinha dela assim, casa da (...), e a (...) mudô, tá lá a casinha até hoje, fechadinha c'os trem lá dento, e e...nóis tava lá, nói', o (...) mudô prá lá. Aí, nós tava [as]sim lá, mim pidiu pa é posá lá, ca (...) “Vó, vai posá, a, o, ó vô, dexa a vó posá lá ca (...) que eu vô trabaiaí, s'ora vai posá lá ca (...) que ela é medrosa”. Nisso eu posá lá ca minina lá, ca (...) no...nessa casinha lá. Essa minina tava titita. Logo o dia, mĩ fia, logo [a]té nem im vão ieu duici, mim deu um andaço brabo lá, ãa coisa isquisita, pa cima e pa baxo assim, ó. E[le]s correu cumigo pa Catalão, pagô, pagô, com' é que chama que gent' fala? É, [condução] pá levá ieu no, levá ieu. Levô ieu, eu fiquei lá internada. Mais, antes disso. Aí...[fi]quei lá internada lá, ‘pois eu vim, ãa, eu duicí num dia, a a véia dueceu noto dia, ãa tal de (...), eu, eu foi fiquei internada lá um dia,

¹⁵⁸ Variante de *contariedade*: contrariedade > contrariadade > contraadade.

¹⁵⁹ Forma reduzida de *pequitita*: piquitita > pititita > titita.

negóc[io] dum, num num, num ficô nem nem, cinco dia posso tê ficado lá. Fui nũa semana, vortei na ota. Vim'bora. E a véia ficô lá, morreu, ma[s] é mema duença cum negóc[io] de andaço. Véia morreu aí es[sa], a minin' garrô mim chamô pa i[r] ficá lá cum ela lá, lá, nessa casa lá eu fiquei lá, posan' co'el[a] lá. Minin'! Quand' é de noite, essa véia gostava munto da (*risos*) [a]té que gostava da (...), né e gostava tal, er' aí brincadera, gostava nós num sabia tinha murrido não. Eu [ouvi?] um baruião, quando eu oiei arrastan' [ar]ra[s]tan' cadera lá de dento do quarto da sala, do quarto da sala pa, pa sala p[ar]ece que lá ia pa cozinha: “rapo, rapo”, ‘rastan' cadera, ‘rastan', ‘rastan' a cama, aí fiquei c'aquel[e] b[ar]uião, aí nós cendeu a luiz, ficô c'as luiz acesa, [fi]cô c'a luiz acesa, o baruião t'ái, eu só, g[r]aças a Deus, num, num [a]g[r]adece não, casquei ó...po lado da fornaia assim, [as]sim, a... cum poco até saiu o (...) casquei ó po lado da fornaia assim, po lado do quarto diz que er' iscuero onde er' ...a fornaia. E...o...vo...o [a]quel[e] iscurão tava claro, num via nada, só iscutava baruiera. Aí eu, a (...) levantô (*risos*) g[r]itô o pai dela: “Pai” (*risos*) Aí, aí só barui que nós iscutô, fia, agor' num num viu nada, g[r]aças a Deus só iscutô barui dimais (*risos*). Dimais na vida. Pois foi no dia que el[a] morreu, foi no no...no dia amanhecen' nós ficô saben' que a muié morreu. [Ela morava] Pertim, fia, pertim.

45. Naque...naquel' tempo, fia, o povo falav' que tinha mula sem cabeça, tinha lubisôme', tinha essas coisa mais eu num tinha medo disso não. ... nós morava p'esses lugá prá lá, chama...um lugá muito longe, nem sei onde é mais. Aí, eu tava catan' mii nesse tempo eu era sortera, no tempo da minha mãe, ainda. Nós morava num lugá prá lá assim (...) isquici o nome do lugá(...). Aí nós tav' lá assim, e tinha um um, bem prá lá, bem longe, nó[s] [es]cutô um barui passan' na ponte: “beng, beng, beng” no, no...munto tarde, fora de hora, e nós era, inda er' minin...tava mocinha ainda, aí, nós mudô muito, no tempo da minha mãe. Aí, nós tava brincan' [as]sim, lá no terrero, a lua crara, nói' b[r]incan' lá de peteca. Tava de noite. Tava dinoitão, e nói' b[r]incan' lá pu terrero. (...)num tinha luiz não, fia. Aí a minha mãe

chamô nó[s] pa dento, quan' nó[s] [es]cutô aquel' barui, mãe: “Minin' vem tudo prá dent', vem prá dent' ó, vem prá dent', vem prá dent' e, o o...vamo' deitá”. Nóis entrô tudo prá dent', fechô a porta e foi deitá. Aí...nóis: “Mãe, que is[so], que será aquil[o], aquel[e] barui?” “Cala a boca, cala a boca.” É... diz que er' mula sem cabeça, e a hora que passa assim, ba...baten' desse jeito. Num vi mais nada não, g[r]aças a Deus. Só iscutei barui, fia. Foi [em]bora, sumiu, foi [em]bora. Lá pu lado da on...on...aque[a] fazenda da véia Sinhá.

46. [A criação do filhos] Dimudô demais, mĩa fia. Dimudô munta coisa. É...o povo p[r]imero falava [as]sim: “Mãe” “Oh! fii” Agora, agora tá com'a diz, daqui mais uns ano cêis vai vê, as coisa vai dimudá em to...em todo ponto, em todo ponto de vida. Cêis vai vê, gent' inda fô vivo 'té lá, va...vai [al]cançá munta coisa, vai vê munta coisa, inda morre sem sabê, nós sabe de, nós sabê mũa coisa, inda, inda morre sem sabê de nada. É. Mudô demais, mĩa fia, Nossa Senhora! É o modo de c[r]iação de fii, é, [as]sim mais munto ponto, muntos ponto. Ah! Fia, ah! Que os fii de hoje im dia num é igual de p[r]imero, né, fia. P[r]imero er', p[r]imero, mĩ fia, o pai falava ãa coisa, dava com fé atendia, né? A...a...'bidicia os consei' dos pai. Falav' ota coisa 'bidicia, falav': “Minha fia num vai im tal lugá”. Num ia não. Dava oto consei' 'bedicia. Hoje em dia num tem isso, hoje em dia, mĩ fia, se [fa]ci[li]tá, os fii é que, os fii é que manda nos pai. Os fii manda nos pai.

47. Chuvia, chuva, ih! Tá doido. P[r]imero gent', era bão demais, fia, chuvia munto memo. Até o modo, o modo de, de, o, do tempo dimudô, né? Munto, o tempo. É. Chuvia, mais chuvia mes[mo] aquel[a] chuva mais boa. Ei! Tá doido, gente. Chegava de corrê inorrada, fazia aque[le]s ôi d'água mais bunito assim no, no camin', [a]que[le] poço d'água branquim gent' pa...gent' saía assim, saía assim no, no, no lugá assim, tav' ven' [a]que[le]s poço d'água mais bunito, aqué...que, aque' botão d'água branquim assim, a gente 'té, dá vontade até bibia. Tava cum sede, ia lá bibia. Dagor' num vê is[so] não.

48. F[r]ii fazia, mĩ fia. Não, 'té g[r]aças a Deus não, fia, 'té frii num passei não. Que quand' caía, o povo fala, quand' caía giada, né? O dia que caía giada o povo sentia frii passado. [A]que[la]s cuberta de...num num zistia cubertor, né? Tinha cuberta de a[l]gudão cuberta de a[l]gudão é munto boa temp' de calori, que temp' de calori, e e e...desejo ãa cuberta de a[l]gudão, é f[r]esquinha. Ma...mais temp' de f[r]ii, tan' com f[r]iage, cuberta de a[l]gudão num isquenta.

49. Nóis já contô coisa do arco da véia, né? (*risos*).

4 – 3NF70(?)

1. Eu nasci em no municipi' dos Martiro, Martiro. Catalão. É roça. É, lá na roça. [Tenho] Sessenta e cinco. Não, e[u] nasci no na roça mem' nos Martiro. Minha mãe tinha partera, que chamava 'té (...), né, aí... aí ela ganhô ieu na roça, né, aí depois ela foi 'bora mim dexô eu cum seis mêis, aí intão a tal de (...), qu' é a minha mãe de criação, que mim criô. [A mãe] Foi imbora pra Catalão. Não, num separô [do marido] não, er' mãe sorter'. Aí ela mim largô e foi imbora. Aí minha, a minha tia que mim criô. [Eu tinha] Catorze. Catoze ano.

2. Nos[sa]!! Aí e[u], já eu é nor Martiro. É, e depois eu vim pa Rancharia. É, Rancharia municipi de Campo Aleg[r]e. Com o tii, ti' (...). Ah! Eu fiquei só trêi' mêis, cheguei lá meu tii mim buscô e chegô lá mim casô tão criança, né, eu num tinha catoze tinha [as]sim, treze e poco. É, foi cum catoze, né, fartav[a] trêi' mêis pa catoze, meu tii mim casô. E[u] che... é, e[u] cheguei lá, p[r]imer[o] dia qu'eu cheguei lá e[u] vi o rapaiz aí gen [te]...nóis ficô sen[do] namorado. E casô. Nã' não. Num fui forçada, qu'e[u] num pensava, era muito nova, né? [Casou] Na Rancharia. Na fazenda, manicipi' de Campo Aleg[re].

3. É catorze...Ah! Uns quarenta! É, quarent' e cinco eu vinha pra cá, pa Pires Belo. Teve fii. Catoze [filhos]. Tem os...Vivo quando eu vim prá cá tinha oito. Õa morreu de dor na perna, e a ota foi diarréia e otos foi três me[ses]...é de sete mêi', for[a] de tempo. Nasceu morto,

todos três. Tinha oito fii. Dois [morreram]. Tem neto, cinco binertim, quat[r]o bisneto. É tem quat[r]o birneto.

4. (...) Ah! A histó[r]ia assim, a gente sofreu muito, né, tocava roça, capinava, capinava, fiava e fazia farinha, fazia goma, mixia cum gado, ia pa roça coiê arroiz. Também. Eu cui arroiz. Panhava aigudão, socava arroi na mão, socava mun...to[do] di[a] tin[ha] que socá arroiz, todo dia. Uai, puque num tinha jei[to], né, num...tin[ha] que sê socado memo, num tinha máqui[na]. Não, num tinha nada, num tinh'esse negoço comprá arroi na cidade, né, tinha que socá mesmo, 'quil[o] er' tirado do pilão mes', e tinha que fiá, fazê ropa, ropa de cama, ropa de visti, num tinha jeito.

5. Nã...Ah! Os minin' era [as]sim a(...) e a (...) foi istudá em Catalão, ãa saiu cum nove ano, e ãa cum doze, é cum doze e ia os oto ficô lá, eu crian' e[le]s, e[le]s ia pa iscola muito longe, um dia e[le]s ia, o[to] dia num ia, era 'quela de, a iscola muito longe. É a iscola Rancharia. É na fazenda Rancharaia. T[r]abaiava e[le]s. É, cada um cuidava um do oto, e eu...

6. [Eu] Ia lá pa pa roça, ia só fim de semana, chegav' lá, lavava ropa, 'rumava a casa, quando é dumingo eu piav' pa t[r]áis. [O marido] Ficava sozim lá [na roça] trabaiano, capinan', tiran' leite, inda cui[d]an' [de] fazenda pus oto. Não, [a fazenda] era nossa não.[Plantava] Pra nós. É depois aqui, [de]pois que sofri muito lá, né, na roça. [Fiquei] só aqui mes'. Era só memo capiná, coiê arroiz e fiá.

7. Essa fi...histó[r]ia de fiá é [as]sim, ixa...a gent' ixaroça¹⁶⁰ o algudã...ca...ixaroça o 'gudão, carda...Iscaroçá no isca[ro]çadô, né? Ah! O iscaçadô é um treim de pau, né, isca...assim um isca[ro]çadozim, aí a gent' vai tocan' el[e], tocan', vai passan' o algudão. Vai passano, passan', aí depoi' gente pega carda, aí é cardá, né? Depoi' vai se... vai ajuntan' el[e], vai juntan' el[e]. Uai, é puque passa el[e] p[ra]el[e] saí o caroço, né? É. Tem que saí o a

¹⁶⁰ *Ixaroça* é variação de *descaroça*.

semente, né? Chama semente. Aí passa el[e] no iscaçadô, o algodão vai passan', a semente vai fican' pa tráis, a sementinha preta. Aí depois que a gent' iscaroça, aí pega, aí vai cardá, e nũas carda, duas cardinha de dentim, aí a gent ca[rda], depoi' vai fiá na roda. Aí fia.

8. Uai, passa ãa carda na ota, né? Õa carda na ot[a]. O algodão põe no chi...é, aí tira el[e] da carda põe no jacá. No mei' das carda, depoi' vai faz...a...fazen' com ela assim ó (*gestos*) depois e[le] sai aquela prasta cumpridinha, duas. Sai duas prasta. Fofinha mem'. Aí a gen' vai pon' no jacá depo[is] gen' pega e e vai fiá. Ah! Um jacazim assim mais ó men' de mei' met[r]o. É de mei' met[ro]. [Coloca] Nes[se] jacazim. É. Um pro cima do ot', vai pon' po cima do ot', po cima do ot'. Num mistura não. Não mistura. Hora c'a gente vai fiá a prasta tá separadim igual um dedo. É, fai...chama prasta. É. Aí gen' tira ela, vai tiran' aque[la]s prastim e fian'.

9. Bate, se quisé. É puque fica bem arrumadim pa quan' passá nas carda num tem cisco, num tem nada, tá muito ogarnizado, mui... Não, caroço num tem mair não, bate se quisé, né? É aico. Aico, fa...intorta um aiqum, um pauzim. E põe um cordão, aí vai baten' aí... Ah! Bate assim: tuc tuc tuc (*risos*). É vai baten'. É. Sigura el[e] assim, vai baten' [as]sim ó, é igual essa alcinha¹⁶¹ sua é o cordão [a] qui ó. Aí sigura o aico na mão e o cordão no ot', vai baten': tuc tuc tuc. É. E vai tiran' o agudão do aico. Aqui tá firman' aqui c'a mã...mão isquerda, e aqui vai tiran' o agudão do aico. Fazen' a, moviment'. Aí dá aquel[e] monte de algodão batido. Não, aí tem que passá nas carda, né? De novo, tem que cardá todim. Pricisa, tem que passá pa linha ficá bunita, né? É, el[le] fica sistema dum bodoque, né? É dum bodoque. É [a]que[le]s bodoque que joga pedra no passarim, sabe? Fica daque[le] sistema. [Põe] Na carda de novo. Aí que vai fiá. Aí a gente, pega a roda e vai, aí a...pega um ãa linha [as]sim põe na na roder[a] da canela da ro[da], chama canela. A canela é um trenzim assim, ó [a]qui é um buraquim. E tem a asinha e o dentim de pô a a linha. Aí a gen' vai ba...fican' com o pé e

¹⁶¹ Refere-se à alça da roupa da pesquisadora.

istenden' c'a mão, [a]que[le]s b[r]açadão, trem mair bão! Rodero. Rodero. É, a linha tem que passá den[tro] da canela, né? Den[tro] da canela, agora o roder[o] é só pa tocá. Tem o rodero. Aí tem o overo, né? É, o overo põe o rabicho de de de coro no no overo e aí pa tocá a roda, que sinão num toca, né? O overo fica po[r] ditráis assim, ó. El[e] fica do la[do] direito. Tem, tem que batê com o pé com o pé mesmo, o di[a] interim. Com o pé, o di[a] interim. Ela pára de rodá, tem que fiá memo, o pezim tem que cumê memo. E as duas mão tudo aprecupada, né, vai fian'. Ela vai fian' aqui ó e aqui a linha vai inrolan', vai inrolan', inrolan'. Aí 'cê vai fazen' as carrera de novo, aí quan' 'cê formá uma carrera a roda enche, aí vai drobá a linha, né, chama lovelá¹⁶². Dob[r]á? É puque cha...é lovelá, fazê o lovelo. Tem que pará a roda, aí pára a roda pa lovelá a linha. Aí depois, se quisé fazê es[se] pano de vê...azul ô vermêi tem que miada¹⁶³, no miadô¹⁶⁴, no miadô que faiz assim ó. [O meadouro] É redondo. Faiz um pezim nele e põe uma varetinha e põe um ãa o rodero, e põe uns braço cruzado assim ó, e enche tu[do] de tornim. Tornim é, põe o tornim assim pa mode rodá a linha. É mo[de] da linha fazê a miada. Fair aque[la] miada mair bunito. É miada [as]sim de linha, né? É aquel[e] miadão ... assim não (*gestos*), é [as]sim, ó. É, quand'eu num tinh' o miadô e[u] fazia é no braço assim, tirava ela da roda no braço, mais aí eu mandei fazê o miadô. É, miadô (*risos*).

10. Não, se fô ti...é pa tingi cê aivejav', fazi' o pano branquim. Igual eu fazi' assim branquim, assim pa fazê caxa de frori, e[u] tem ãa aí depois vô mostrá ela pr'ocê. Não, pricis[a] fazê miada, num pricis[a] trabaiá no miadô não, só na roda, né, e luvelá e levá pa tecê, levá p[ara]o tial¹⁶⁵.

11. Ah! O tial é [as]sim, pega o, tem um liço, né, põe o liço... É o liço, o liço é de, é de cordão. Faiz de cordão, de linha. Aí passa tu[do] no liço, passa num pente de pau, o pente é des[se] tamãe, passa no no pau. Mei' met[r]o. É mei' met[r]o de pente, e é...no pen... é um

¹⁶² Variação de *enovelar*.

¹⁶³ Variação de *meada*.

¹⁶⁴ Variação do provável signo *meadouro*, peça artesanal que se destina a fazer as meadas de linha fiada

¹⁶⁵ variação de *tear*.

pente mem'. Parece com o pente. É por is[so] que chama pente, el[e] é assim, agora [a]qui prudent' é tudo chei' de ta... de taboquinha 'té terminá, chama pente. É, tem pente grosso, tem pente fino, o pano fino é pente fino, né, e aí alija¹⁶⁶ vai tecen' ali e joga a lançadera pra lá pra cá e...Põe [a linha] assim pa... passa no no liço depois passa no pente depoi' marra. É, em cada dentim do pente, agora [a]qui (*gestos*) pega e e faiz a, marra [a]qui pa poté cumeçá tecê. Assim, aqui por inxemp[lo]. [Fica] É num, num pedaço de pau. É, um pedaço de pau, põe um pedaço de pau. Pa num iscapuli, aí marra aí retol quente e retol liço, o liço é de cordão. T[r]em mair ing[r]açado, né, aí vai tecen' aí vai tecen' tecen' e logo o pano sai memo. Joga a lançadera. Õa lançadera é ãa canoinha, fai[z] aquela canoinha ãa lançadera, e enche a canela um um trenzim de de taboca, enche de linha e põe den[tro] da lançadera, aí tem que trabaia c'a lançadêra, pô ela tocá.

12. É, enche muito, enche um jacazim. É aquela miadinha. É a linha qu'eu fiei na roda, né? É a linha qu'eu fiei na roda, aí enche a canelinha, ãa canilinha de taboca. E põe den[tro] da lançadera, num pa... num trem, num pauzim [ou]tra veiz e aí vai trabaian' até tecê, até terminá. Faiz, movimenta mui[to], bate c'um pé, bate com oto, um pé abaxa oto suspende. E o bracim come memo, né? Faz pa tráis. É só pa tráis. É, o movimento é só pa tráis que tem que, joga a lançadera aqui passa [as]sim e aperta, né? Até foimá o pano. Cê já viu, né, pano de agudão? É, num se...pois é, é desse jeitim.

13. Não, o ti...el[e] é aurto, el[e] é igual essa istante assim, pur inxemp[lo], é igual a istante, aí põe quat[r]o, põe dois isteio maió e doi' baxo e aí põe os pau assim, ó, atravessado, aqui põe o liço, põe o pente, só isso. Só isso! Põe dois, põe dois isteio e doir baxim duas istaca baxinha, põe el[e] baxim assim, ó, agora esses aqui é que põe o negoço de pa pô, de puxá o liço, né, tem o pauzim de batê. É. Tem o grosso p[ara]o pano gros[so] de cuberta, né? E agora

¹⁶⁶ Provavelmente variação de *alija*, passar no *liço*.

p[ara]o pano finim tem que sê o pente finim. É pa fazê camisa, é pa fazê camisa. Tem ãas cuberta mais fina. [Faz] Nesse pente mais fino.

14. Só tem um tipo de algodão. [Pano] Iscuro? Incardido? É. Pois é, é puque num crareia a linha, né? É. Ieu crariava a linha. Ah! É mes[mo]. Algodão gango, né, é, aquel[e] 'cê faizi, faiz calça, fazi... igua[l] e[le]s fazia cuberta, cochão...Nunca! Num discora mes[mo]. Não discora. Aí! Cê 'tá falan' e[u] tinh' isquici[do], né, agora ieu é [as]sim eu fiava cochão, eu fiava algodão azul, eu tingia linha azul, vermeia, roxa, pa fazê cochão, minha fia, cochão é seis met[r]o. Pa fazê inchia ele, inchia el[e] de paia pa fazê cochão, né, lençol de algodão, calça de algodão, camisa de 'gudão, tudo isso e[u] tinha que fiá. Só de algodão. Só eu que fiava. Fia[va]...não, tecê e[u] num ticia não, pagava. Aí eu ia fiá p'as tecedera, qu'e[la]s gostava dimais de linha minha. Muito caprichada, linha boa, fininha mes[mo] qu'eu sei fiá, 'té hoj'eu fio.

15. Num tem roda não, vem...quebrô, no mudá cabô, né? Cabô as carda. Ago[ra] num fi[o] mair não. Mais eu quer[o] 'rumá ãa roda pa mim fiá ãa linha de custurá fininha. Sabia [costurar], ago[ra] num se...sei, se eu fô custurá eu sei. É. Mar num tem máquina, né? Tecia, pagava pa custurá. É puque eu num tinha máquina, né, mais pra mim e[u] custu...ma[s] or minin' e[u] custurava na mão. Tudo na mão. Tudo feit[o] na mão.Eu toda vida e[u] fui pobre fia, e[u] nunca comprei ãa máqui[na] e nunca ganhei também (*risos*). É, termina na mão, né?

16. [Ia às festas] Cum ropa de algodão, camisa, calça... Vistido...Tudo de algodão. Mais ar muié e depoir num usô mair não, né, de primero e[la]s ia, lá nor Martiro e[la]s ia tu[do] de saia, de saia de algodão, visti[do] de algodão, assim maircado. Tudo lindo, ia pa reza, pa festa...É puque fazi[a] o vistido e maircava, arvejava el[e] branquim e ma...fazia maiquinha. Na barra, maiquinha, né? É tira um bordadim. Tudo bordadim assim, ó (*gestos*).

17. É lençol. Mais hoj[e] num usa [para] lençol mai[s], hoj[e] só pa calça...Fazia [crochê] cum linha de algodão. É essa merma linha, mais hoje em dia e[la]s faiz é cum luvelão¹⁶⁷, né? Mair num tinha luvelão. E[la]s fazia cum linha de de algodão. Crochê, picô¹⁶⁸. Tudo cum linha de algodão.

18. [Algodão]Tinha muito sirvintia dimair mes'! Num fazia nada [sem algodão]. Aí meu marido co[lhia]...prantava ro[ça], e[u] prantava cinco, se...cuía cinco, oito saco de algodão. Na roça, [a]quel[e] algodão branquim. Não, num tinha [muito tempo] não, só fian' fian', fian'. Aí minha sogra falava [as]sim: "Eh! (...), ma[s] cê fia demais, cê veve só fian' tem que fazê outras coisa". Aí eu passei laigá a roda e 'judá na roça, muito minin' piqueno! Não, e[u] num fio mai[s]. Puque num tem roda, se tivesse e[u] fiava, num tem roda, num tem ca[rda]...mais eu quero fiá, eu vô 'rumá ãa roda, ãas car[das]... inda fiá ali e custurá. Eu vô dá um luvelim de linha pr'ocê. Bem finim, p'ucê vê que gracinha. Pois é, eu vô fiá, e[u] vô ranjá a roda ali, que seu (...) tem. Tem roda, tem carda.

19. Cum'é que, cum'é que vivia [sem algodão], né? (...) Quem tivesse dinheiro comprava [roupa], né? É, na cidade, comprava ame...americano, aimu...amurim, chamava amurim, branquim, né, americano é incardido. De 'gudão brabo mem'. Fiado brabo, ticido assim incardido, e tinha chitão, tinha chitinha, tinha ropa, né, igual, igual tem. [Nós] Num tinha condição. É, p[r]icisav' puque num tinha dinheiro, num tinha nada. O (...) só vistia algodão. Tinha que sabê fiá, sinão num vivia não, toda elas, tinha que fiá mem'. Tinha que casá, fazê de tudo memo, ropa de cama...Lençol, cuberta, cochão...Num precisa disso, uai. Tá tão facim pa casá hoje, hein? É só comprá, né, fia? É só comprá. Não vivia, né, aí e[u] fiei, quande falô nes[se] casamento, qu'era pra mim casá aí e[u] fui fiá mais e[u] num fiei cochão não, fiei só cuberta, fiz doze cuberta. Pa imbrunhá, mó do frio. É boa, quentinha, de, é, ticia ela de quadro, de vermei' cum azul, muito bunita.

¹⁶⁷ Refere-se aos novelos grandes de linha que as bordadeiras compram, hoje, em lojas próprias, para bordar, fazer crochê ou tricô, e que substituem os *novelões (lovelão)*, fiados artesanalmente.

¹⁶⁸ Possivelmente refere-se a um tipo de ponto do crochê.

20. Iche! Só se vê, a gente quandi ia ficá grávida, a gente já ia fiá, minha fia, chamava a...vara, né, ti[nha] que tecê e [te]cê. É [te]ce, é vara de pano. É um, mair do met[r]o. É um met[ro] e vinte centav', é vinte. Centím[etro]. Aí a gente fiava, mandava tecê, quando ganhava o nenê, tav[a] tu[do] arrumado, aque[le]s pano, pano azul, vermei', verde. Inrolava o nenê. Inrolava, lavav[a] bem lavadim, inrolava o nenê naquel[e] sofrimento, coitadim, hein? Aí ia 'juntan' ãas ropinha véia, pa podê criá aque[le] nenê, nunca comprei franela po[s] meus minin' não, nem fraudinha não. Nunca mem'. Só, é, é só a (...) que comprei franela, ganhei frardinha. [Tece] É no pente fino.

21. Fria. El[a] [a coberta de algodão] era fria, a gen' passava frii dimair, minina. Aí quando eu ganhei o (...), e el[e], o minino chorava dimais, aí chegô ãa, a cuma[de] (...), chegô lá e viu o minino inrolado nãa fronha, cum todo frii, aí ela mim deu as flanela qu'eu imbrunhei el[e] o minin' drumiu a noi[te] toda, o pano de algodão num num iscorava frii não, minha fia. É porque el[e] é ralo, ni tecê el[e] fica chei' de buraquim. É, só se pô muit', se pô muito iscora, né? Ti[nha] que pô muita! Tinha gen' que trimi... 'cindia fogo pa isquentá até o di' amanhicê. Num durmia praque passava frii, ieu memo já passei frii dimair na vida, hoje e[u] num passo mair não, né? Boa mais...Não, el[a] é boa na, tem[po] da da das água, né, qu'el[a] é fresca, mais tempo de frii o caboco che... sof[r]e. Pesada. Iche! É um peso!

22. Caía giada! Ih! Caía giadão, fazia mais frii hoje e[u] num sinto frii de, igual de primer' não. Nos[as]! De primero sintia frii passado, no[ssa]! Chuvia mais, chuvia dimair mes'.L'em casa memo nó[s] já perdeu muita pranta. Caía chuiva de ped[r]a, né? É, dava sol perdia aque' lavora, nór memo já perdeu muita roça [as]sim, perdia aque[la] roça murria tudo de sol.

23. Não, não, chuvia, chuvia mais, mais era, a épa dava ãa [a]quela temporana, [as]sim, dá aquel[e] sol e perdia aquel[e] tanto de pranta, mais de prime[iro] chuvia muito, de primero chuvia, julho tava de chuva, julho, agosto. Setemb[r]o, aí de primer' era agos', setemb[ro], agora, agora é já, agora já é otub[r]o, novemb', dezemb' janero, feeverero, 'té março. Uai [se

chovesse], ficava sem coiê, né? Perdia tu' tamém. Agora arroir num perde fáci' não, né? Mais feijão perde. É puque el[e] [o arroz] é forte, né? Não, quande pranta semp[r]e perde. É. Fi...perde a pranta, pranta ot'. Agora pra coiê é bão, pode coiê que num perde fáci', né? Ah! El[e] [feijão] é mole, né? É, el[e] só pidiu três água, né? Ûa pa nascê, ùa pas frori e um pa cuzinhá. Não, pra coiê não, num po[de] coiê cum chuva nem! Perde tudo, nói' já perdeu muita lavora de roça de feijão.

24. De seca [animal] murria. Farta de capim, murria mui'. Murria vaca, animal, dava 'quela seca braba, né? É, quande el[e] tá maduro corta e cói na coidera ô bate. Corta com o ferro, corta el[e] e bate. É, o cachim, a a ma...a a rama. Corta a rama, né? É pra baxo do mei'. Pr[a] baxo do mei'. E aí bate, de primero batia no batedô, né? [Batedor] É um jirauzim de pau, agora hoje e[le]s cói é na coidera, né? E[le]s tá coien' é na, [a]gora é na coiedera, facim, né? De primero era, tinha que batê [o feijão]. Quan[do] prantava rancava assim cum sol, depoi' batia cûa vara. É, ùa vara. É ùa vara [as]sim de, com' é que chama a maderá? Pororoca. É. Tirava aque[la]s vara de pororoca e sambava a ripa mem'. Batia o feijão. Não, o feijão fica é no chão, bate no... É, batia no chão. Agora hoje cói na coiedera, né, o instantim cói tudo, né?

25. Prantava mii, fazia pamonha, ingordava poico, criav' galinha. A pamonha é [as]sim...É, a pamonha é [as]sim, a gente quebra o mio, depois... É quandi el[e] tivé granado, é pranta otub[r]o, novem...é...otub[r]o, novemb[r]o, dezemb[r]o, janero. Janero é tempo das pamonha. Aí quebra ele, corta e rala, rala el[e] depoi'...Corta o mii, né? Na ispiga, rodela o pezim del[e] pa tirá a paia. O pezim só, tira a paia, depois que tira a paia, depois que cas[ca] cata o ca... um cabelo, cata, depois rala, passa num ralo. Depois que cõa el[e], depois tempera e põe pa cuzinhá as pamonha, aí marra. Marra [as]sim, põe ela na, a massa na paia. Na paia do mii, põe duas paia, ùa pra lá ota pra cá e em...e põe depoi' marra e põe água freven'. Assim ó...Num derrama não, põe n'água freven' memo. Aí põe ela e[la] já 'marelan' é no instantim, tá pronto. Gostos' passado! É cum mante[iga]...uai, eu tempero é cum manteiga de poico, bão

é cum manteiga de poico, cê põe a manteiga isquentá bem quente e despeja na massa, põe margarina, faiz um poco de açúca um poco cum doce, separadinha, né, separa a de doce e a de sem sê, de sal. Iss' é gostos', hein? Um dia cê vem cumê pamonha aqui cum nós, né? Pois é, pois é, ajuda fazê...E[u] insino, se, nós faiz aí. Ih! É facim dimai' é, mais fáci' que tem.

26. Do mio? Uai, pode fa...afogá. É, po[de] fazê afogado. Quando e[le] tá mais mole. É, do memo ponto da pamonha, mair mole um poquim. Faiz assado, faiz cunzido. Mingau. É o mingau, é o mingau, a gente rala, depois côa num pano e põe na panela, põe açúca e vai põe lá no fogo e vai mexen' até virá o mingau. É, do milho ah! El[e] dá ãa goma aí passa bem passado num pano, num pano ô num naque[le]s saco de, que vem cum sal. Ô nãa pinerinha muito fininha, e[u] tenh' ãa aí. Pa mode passá ma[s] num passá aquel' fubá, fubá, canjica, né? Passa só a goma do mio, com o leite. [O milho] Mais é da pamonha, é mair mole é mió. É, e pu mi... pu mingau é mair duro, mais assim, mais duro um poquim. Pa dá mais goma, que sinão se pô el[e] muito fraquim igual assim pa pamonha aí ele, el[e] num fica grosso, num fica bão, né? Faiz pamonha assada. De sal e a pamonha assada é [as]sim é, assa ela põe na forma, né, e assa e pica os pedaço. Faiz também. Ah! Tem um tal de cuscuiz, né, chama cuscuiz. Não, num é difici' não, é difici' que o meu istâm[ago] num dá assim, é, sempre o jeit' assim praque põe nãa num imbornal ô num saco de a[l]gudão, ô num imbornal de pan' de a[l]gudão e dibruça na boca da panela d'água freven', põe a água pa frevê nãa caçalora e vem dibruça el[e] assim e tampa, aí el[e] vai, el[e] cunzinha den[tro] da tampa. Mair den[tro] do imbornal, chama imbornal. Imbornal é um saquim de algudão. De pano de algudão. É. Ti[po] de o capa... ãa capanga. Chama cuscuiz. Mair nada, não, faiz fubá se quisé. É, mais duro. Durim assim, a gen... bem duro, a gente rala el[e] e côa e faiz fubá fazê bolo. Muito gostoso. É, del[e] seco faiz a canjica, mói e faiz fubá. Dá pás galinha, dá pos porco. Só come a canjica, del[e] seco. Mais cói, del[e] verde come muitas coisa. Angu também, uai, e[u] isquici, faiz o angu, pa cumê cum frango, né? É, rala el[e] e côa na pinera grossa depois faiz o angu e faiz o

frango cum quiabo, é nós tava isquecen', hein? Pois é, cum' é que nós tava isquecen', cê mim preguntô mais e[u] isquici. Tempe... não, o angu é sem sal, sem nada. É durim, chama angu, e[u] chama angu pu' que el[e] num tem sal, num tem mantega, num tem nada. Angu significa isso: sem sal e sem mantega, nada, nada, aí cê faiz o frango p'ocê cumê co'el[e] a cumida lindra. Frango cum quiabo, pa cumê cum angu.

27. [As]sim, por inxemp', abroba. É abroba pa gente, planta ela pra cumê o batidim dela, cumê e[la] madura, né? Tem o quiabo. Mandioca, é mes', mandioca. Iche! Prantav', fazia goma, farinha. [A mandioca tem] Muita sivintia, faiz o a, que cê vê, fai' a farinha, faiz a goma, né? Fair mané-pelado¹⁶⁹, da massa. Da massa da mandioca. A goma fair biscoito. É biscoito, dive[r]s[os] ca...jeito que quisé fazê biscoito, né? Faiz quebradô, faiz pão de queijo, faiz bruvidade. Faiz biscoit' de goma, biscoitim. Brovidade? Ah! Esse e[u] já já isquici num lemb[ro] mais não. É, isquici de fazê, já fiz muito, mais isquici. É de doce. De goma da mandioca. Eu fazia, eu fiz quat[r]o forno de, fornão de fazê biscoito. Aí punha fogo nel[e] buscava aquel[e] mundo de lenha, punha den[tro] del[e] e e dexava el[e] ficá bem quente, hor[a] que e[le] tivesse quente barria el[e] cum a bassora de ramo. Aí depois inchia de biscoito. Biscoi[to] de goma, biscoi[to] de fubá, quebradim.

28. Não, [o forno era] no terrero, fazia no terrero. Uai, ia foirman' el[e]. Eu foirmava el[e] assim eu ia pon' adrobo, tijolo ô cupim, ia foirman' foirman' até fazê, depois punha a pedra, três pedra na boca del[e]. E depoisi punh'o fogo. É, rapidim. É, tira... não, ficava assim, de cedo até mei' dia, pon' fogo, lenha e lenha, depois tirava e já tav' lá [a]que[le]s biscoitera, o... É, isperan', fazia biscoit' de fubá, de mio, é quebradô, bruvidade, biscoi[to] de goma daque[le]s grossão memo, quai[se] da grussur[a] do meu braço e levava aque...barria bem barridim e dexava refrescá, ia lá inchia o forn[o] de biscoito. Não, refrescá muito não, aí qu'e[le]s ia [re]frescan' aí punha de goma, punha quebradim e tampava el[e] quan[do] cê ia

¹⁶⁹ Um bolo que se faz com a massa da mandioca.

oiá tava cheim de biscoito. Quebradim? É de goma. De doce. Pare[ce], é o memo quebradô. E e e aí rudiava de gent' memo pa cumê biscoito, inchia aque[le] tan' de jacá, punha no jacá. Eh! E[u] já fir¹⁷⁰ biscoito, minina. E guardava...guardava pos oto. Todo mundo que chegava eu dav' biscoito. Não, aí nũa, em cada lugá qu'eu morava eu fazia um [forno]. Qu'eu já morei em muitos lugá.

29. Muito importante, importante mes[mo], num é? Pra quem mora na roça é importante, e[u] num vivia sem is[so] [milho, algodão e mandioca] não. Dav[a] pa passá, dava. Com o feijão e ar mandioca passav[a], fazia farinha, né, cumia cum feijão. Teve um ano nóis perdeu toda [roça plantada] mes[mo].

30. Cumia [carne], matava capado, quan' tinha, né? É. À veiz comprav[a] um pedaço de vaca. Um quar[to] de vaca, [as]sim, tinha frango. [O capado é] Um poirco. É puque capava el[e] depois punha no chiquero e tacava mii nel[e], aí el[e] cumia mii cumia mii cum dois trêir¹⁷¹ mês tava aquel[e] bichão gordo, aí nóir matava el[e] aque[le] farturão. Aí quando el[e] num é capado, aí é porco, né? Só porco. Mai[s] num com[e] el[e] sem castrá o poico macho, num come sem cast[r]á não. Puque num pode, né, é coiudo. É, aí é coiudo, num po[de] cumê não, agora poica pode. Faiz mal, né? E[le] tem assim mau chero, né? Aí é coiudo, chama coiudo, fair mal diz qu' é remoso. Agora [as]sim, a leitoa, poica pode cumê sem castrá. Num fede não. Ai, é pruque e[le]s que, é pruque diz que fica [as]sim, remoso, né, faiz mal. Faiz mal. É, pruque faiz mal. E[le]s fala que carne de pat[o] é [remosa], mair né nada, né? Repôir¹⁷² diz que é [remoso]. É, e leitoa sem, mair né nada, o povo hoje come, num é is[so] nada, né, iss' é o povo que pensa antigament[e], coitados. É...diz que fazia, por is[so] tem muita duença hoje, ocê num tá ven'? Tanta duença disintidida, né, fia?

31. De primero o povo num ia no médico, né, e era um aquel[e] povo sadii, aque[la]s veiona, né, de cem cente e tantos ano, eu tem ãa tia que aturô cente e cinco ano. Nunca foi, nunca foi

¹⁷⁰ Variação de *fiz*.

¹⁷¹ Variação de *três*, como *noir*, no mesmo fragmento, é variação de *nóis~nós*.

¹⁷² Variação de *repolho*.

no médico, mais... Nem, num cumia poico cuiu[do] de jei[to] nenhum, num cumia carne de pato, diz qu'era remoso, repôï, diz que não, cente e cinco ano. E[la]s [mulheres grávidas] não cumia carne de poico, só cumia o lombo, e[la]s num cumia repôï com'eu tô falan', leitoa nem pensá, e carne de capivara não. Carne de paca nem o sonho, e[la]s num podia cumê. Diz que fazia mal, dava dor, dava infecção mais eu acho que nada, né?

32. Ah! Eu cumi. Não, senti nada não (*risos*). Eu cumia, e[u] cumia iscundido (*risos*). Ei! Tinh'o quê? Cumia só fa...galinha, carne de galinha e lombo de poico só, sopa, num cumia arroir, num cumi feijão. Oito dia sem cumê feijão e arroiz. Er' [remoso]...não, diz que fazia mal, feijão diz que dava dori, e o arroiz diz que dava barriga d'água. Agora, hoje elas come, né, aí ficav' cumen' sopa oito dia, sopa de galinha. Que prato rúim, minha fia de Deus, cumê galinha oito dia, né? Cumia, e[u] cumia a sopa, cumia arroi', cumia feijão. Não, [eu] gostava [de sopa], mai[s] num era um, assim invocada não. Eu quiria e... assim, cumê otas coisa, né? 'Besta!¹⁷³ Gent' ficava magrim, 'marelo! (*risos*) Ai!

33. Secava [a carne]. Secava, inda hoje e[u] tava pensan', falei: "Ô, se tivesse um varal de carne aqui, aí secava, retaiava tudo, dexava du[r]mi na samora e punha tudo no sol, secav' e punha no jacá, minha fia. É, ia pon' uma camada de paia, ãa cama[da] de carne, poico... Paia de mio. Agora a carne de poico punha nar lata, cunzinhava aque[la]s lata de carne, secava. Cunzinhava e põe... Inchia de carne cum manteiga. É até cubri. [Manteiga] Do poico memo, cubria a carne de, sinão perdia, né? Mũï tempo, até quan', aí retaiava lombo, fazia lingüiça. Eh! Mais er' bão, fa...faturão, né? Seca, carne seca, seca ela e põe no jacá. Ago' o toicim seca o toicim e põe ãa camada de paia, ãa cama[da] de toicim até enchê o caxote, aí po[de] guardá, po[de] ficá até um ano. Não, num perde de jeito nenhum, saiga bem salgado. Gastava muito sal, nós comprava er' saco de sal. [Para] Rumá capado.

¹⁷³ Interjeição que, na região estudada, se realiza geralmente como "[Est]tá besta!" ou "Se[r] besta!" e indica espanto ou desaprovação de quem a usa.

34. É [as]sim, sariema, inhambu, cadorna, perdiz, eu matava muito. Opa! Eu airmava a arapuca lá e quando e[u] chegava lá tinha que? três, quat[r]o juriti den[tro] da arapuca. Eh! Ma[s] era um festão. Vai sê bão pra lá. Ûa arapuca põe dois pau e põe dois cordão e incruza ele e vai pon' pau pra lá pra cá, vai cruzan' e[le]s até dá na copinha, aí ho[ra] que dá na copa remata e aí aima põe um pinguelim, um isteim cum ganchim assim e aima e a gen' põe o mii. É, aimá pô...da...airma ela po passarim entrá lá dent[r]o. Colocav' mii, arroiz, o passarim vai cumen' cumen' quan' "toc", ela disaimava. E el[e] ficav' preso, tadim, né, sô, pecado, num tem corage fazê is[so] mair não. Eu morav' na roça num tinha carne quais[e], pegava era...

35. Tinha só arapuca, na...laço. Tinha laço, mais eu num sabia aimá laço não. Não, esse e[u] num sabia fazê não. Juriti, inhambu, cadorna, perdiz [a arapuca]. Saracura não. Fair mal, ela dar [a]cesso, né? Dá sapituca nela. É, tinha sariema tamém, tin[ha] gen' que pegava sariema. E[le]s matava, de primero e[le]s matava capivara, paca e hoje se matá vai pres', hein, minina?

36. Tem viado. É, vam[os] falá gaiero, né? É gaiero, é, cum' é que chama o oto bicho? Catitu. Catitu, quexada. Bandero. Bandero. Bandero e[le]s matava dimair mem', matav' 'té trêir dũa ve[z], [a]que[le] carnão, chegav' nas casa tav' aque[le]s varão, fal[ava]: "Oh! Cê matô vaca?" "Não, iss' é carne de bandero". Quexado é um bicho, parece poico. Mesma coi[sa] dum poico, cachação assim. Do campo, do mato, é do mato... Tatu. É. Tatu é, tatu canasta, é tatu viado, tatu bolinha, tatu peba não, es[se] fair mal. Canasto é um butelão. Galinha, bolinha, tatu bolinha. E o peba num pode cumê não. É praque e[le] fai...el[e] come difunto. Come. El[e] vai lá no cimiter' e mai[s] na [as]sim on[de] qu'er[a] interrado no chão, hoje não, né, num tem não, inda tem, né? El[e] vai lá ho[je] que interra a pesso[a] e vai lá bem pro baxo e come o difunto. Num po[de] cumê não, peba não, ago' o canasta, bolinha é...é tatu viado, oh! Ma[s] é um carnão. (...) Sabe, é puque o tatu viado el[e] é [as]sim cumprido, [as]sim ro...cheio. Carnudo, né? Agora o bolinha el[e] é el[e] é bolinha, el[e] é redondim. Menorzim. Ago' o tatu galinha é ãa bolinha [as]sim, el[e] é bem piquinim. Tem tatu galinha, é o bolinha.

El[e] é miudim. Bem me... é, mió do que o bolinha. Menorzim. Muito gostoso. Aí o canast[r]a é o catu canast[ra] é um butelão, maiorão. Ess' é grandão memo, é de pô carn[e] no varal, dá carne dima'. Só num pode [comer] o peba. [Ele] É não, num é muito gran[de] não. Mais tem gen[te] que come, come tudo, e[u] num como nem. Não, né não, não é deferente, el[a] é mais fedorenta, ela tem ãa catinguinha rúim. É catinguinha rúim mem'. [O tatu peba] Come [defunto] mês[mo], verdade. Um dia o ti...meu tii chegô lá no no cimitero, foi lá pô ãa cruz p'um tii...p'um irmão del[e] que morreu, e tav[a] [a]quel[e] baruião lá: “puc puc” lá dent[ro] do buraco de baxo da da se...da cois' aí falô [as]sim: “Sinhor[a] da Lapa, eu vô imbora” e el[e] oiô assim o tatu vei de fasto e el[e] pegô el[e] e p[el]o rabo e matô el[e] de raiva. Den[tro] da cova do irmão dele. Do irmão dele, cê pensô, minina? Pocos dia. Aí e[le] foi lá tampô o buraco bem tampadim, que num tinha tumbo não, né?

37. Né não, é no chão, é põe o bastant' de pau, inchia de pau e depois punh'o caxão den[tro] daquela prensa de pau, aí punha e depois ia jugan' terra, jugav' terra, punha mais pau, dureza, hein, sô? De pau, mod'o¹⁷⁴ tatu num mexê, depois punha lá jugava ãa camada de terra, punha ãa camada de madeira. Mais el[e] num chegô mexê lá não, sabe, é meu ti...

38. Não, [velório]num era na ca[as] de velor' não, era em casa memo. Pudia tê um ranchim...Pudia tê um ranchim piquen' maisi era [a]lí. É, ali a pessoa murria num tinha caxão comprado, não, aí e[le]s ia 'ranjava, tinh'o carapina de fazê o caxão. Aí o carapina e ficava a noi[te] toda serran' aquela madeira e forman' aquel[e] caxão, aí e[le]s ia pa cidade buscá o a ...o fineral, buscá a ropa, ar muié ia custurá na mão, ar muié lá custurano e os hôme fazen'o caxão de tabinha, ia juntan' as tabinha e depois passav'um pano, punh'um galão amarelo, chama galão. Galão é ãas fitinha amarela [as]sim, parece oro. Bem grande [as]sim, ia punha o tanto que cubesse no caxão e ar muié custuran' na mão. Aí depois, hor' que e[la]s dava com...fazia aquel[e] caxão, e[le]s fazia o caxão, fazia a ropa, vistia aí ia sipurtá a pessoa.

¹⁷⁴ Variação de *para mode o*.

Tinha [pronto] não. Era no dia que a pessoa murria. Mûi tem...Não, no instantim fazia jun[tava]...muita gente ajudava, né? É, murria, um dia morreu um den[tro] dum, lá dos, lá nos Martiro, morreu o tal de (...), e[le] morreu afogado, aí quando e[le]s achô el[e] tava rúim dimai', mais feiz o caxão. Deu prazo. Feiz o caxão e el[e] já tava muito rúim, agora teve oto que morreu, e[le]s achô o (...), tava podre, esse demorô achá, aí interrô na bêra do coigo. Interrô, um tal de (...), morreu, e[le]s achô el[e] podrim. Achô (...), caiu dũa pinguela e deu ùa tempestade à noite, minina, e el[e] morreu, ninguém sabe se el[e] morreu na hora, se sofreu muito, cum oito dia qu'e[le]s achô el[e], pelo os urubu. Tadim, pensô, hein minha fí[a]? Quebrô a perna, tava sozim. É, el[e] ia trabaiá pum hôme e lá el[e] caiu, quebrô a perna, braço, perna. [Ponte] Aurta. Aí e[le]s achô el[e], o lencim de mão, lencim de mão del[e] rodô, tirô a butina, el[e] tiro a butina, deve qu'el[e] aturô um poquim, né? Iche, [a ponte] é ùa artura! Nós morô lá perto.

39. E[le] tinha medo d[el]es 'paricê pa gente. É, puque o lugá lá é triste...Tinha, diz que tinha [assombração] ma[s] e[u] nunca vi, vi só ùa veiz. E[u] vi assombração. Ah! Nóis tava pescan', né, nós tava pescan' e vei um vurto. De dia. É, na Rancharia, não, lá na ba... nor Martiro. Aí tinha murrido um hôme lá perto, nós tava buscano, pescan', e quan[do] vei' um vurto tamãe dessa porta, um vurto preto e passô a mão nas fôia [as]sim e nós saiu, laigô peixe, laigô anzol, laigô tudo lá, nôi[s] lá no mair nó[s] num foi. [O homem] Tinha murrido, de repente. Ah! Mais acho que n'é nada, ach[o] qu'iss[o] era impressão nossa, né?

40. (...) Hoje num querdito em ...somb[r]ação não. Não. E[u] querdit'is[so] não. Tem is[so] não. Aquerdit'im Deus. Só em Deus. Mais eu tem a idade, que eu tem idade de pensá que eu acho que num, num ingiste¹⁷⁵ 'sombração não, né? Se aparicê eu querdito que ingiste, né?

41. Já [vi], puque um dia tinha, morreu um tii...um subrim do (...) e ess[e] foi mes[mo], verdade, el[e] morreu matado, lá na Ranca...ess[e] foi na Rancharia, aí quando eu saí no

¹⁷⁵ Variação de *existe* (existir).

terrer' pa buscá ãa lenha. Ah, inda tem is[so], nós num tinha gáis não, nós cuzinhav' no fugão de lenha, era mes[mo], quentava água pa tomá bãe, dá bãe nas criança, é memo, inda ficô essa, né? É, e eu fui buscá lenha lá no terror' pa is...pa 'cendê o fogo e e vei' um trem jugô um fexo¹⁷⁶ de lenha no meus pé mem' assim, no meus pé, que minha ropa chegô de fazê [as]sim, ó. Ah! Eu vim pra dent[r]o gritan': “(...), mim acode, ai!” Uai, deve que foi [assombração], nós passô o dia lá co'el[e], né, de noite eu já fui lá buscá lenha, 'pariceu. No mesmo dia, na mesma noite, e[ra] sepurtô el[e] era duas hora e nóir foi 'bora, de noite fui buscá lenha e jogô um fexe de lenha no meus pé, mais eu num eu se foi el[e], né, mais e[u] eu pensei que foi. Aí eu curri pra dento, mais quair murri de medo, minina. Ah...não, eu chamei o (...), fui lá busquei a lenha e 'cindi o fogo, mair num fui no terror' de noite já mair nunca, de jei[to] niũm (*risos*). Medo.

42. Ah! Cum otas pessoa e[le]s conta que aparicia lençol istindido. Lá nor Martir' aparicia lençol, um dia um hôme foi pa..., foi passá nor Martírio de a cavalo pulô ãa pessoa geladim na garupa do cavalo del[e] e garrô co'el[e] memo, aí el[e] puxô a faca e pôir na boca, a língua del[e] in...el[e] inguliu a língua, né? Aí el[e] puxô a faca e pôir na boca [as]sim pa língua del[e] vortá aí o trem sumiu. Num viu não, viu só garrado nel[e], garrô nel[e], geladim. Lá era assombrado, esses Martir' diz qu'era sombradíssim'. É, põe a faca na boca [as]sim mode a língua del[e] vortá, el[e] inrolô a língua, que se Deus o liv[r]e assim ãa pessoa assustá, inguli a língua cê leva ãa titora ô a faca p'el[a] vortá a língua. É, não, põe dent[ro] assim, ó (*gestos*) Põe na boca da língua [as]sim, na ponta da língua, pa vortá um...cum' é chama o negoço? É...choque...se dé choque tamém põe a titora a pessoa vort'. O hôme mes[mo] [me contou], lá nor Martir'.

43. Sei lá, à veiz foi 'conticido à veir num foi nada, né? Agora e ô... morre, is[so]... é, morreu um hôme aqui, is[so]... no fundo aqui na on[de], naquela casa 'li no fundo e o (...), eu

¹⁷⁶ Variação de *feixe*.

ia no terrero, ia lá na casi[nha] que nóir num tinha banhero ainda, né, aí eu ia lá na casi[nha], lá no fundo, lá mixia, meu fii morreu eu ia lá no quintal, ess[e]...esse hôme matado antionte eu fui no te...lá p[ara]o fundo aí, num vejo nada.

44. É [dia santo], na minha criação de primer' era, mais agora hoje num é, nós tem que tê fé, né? Nós tem que tê muita fé em Deus, num abusá. E nós tem... é, tem que trabaiá, né, fia, que cum' é que faiz, que todo dia tem um dia dum santo, né? Intão nós tem que tê fé cum Deus pa...cum' é que fair, né? Não [desobedecia], guardava tudo, falava qu'era dia sant' guardava. Uai, [hoje] trabai' que cum' é que fair, né, trabai' [as]sim qu'e[ra] só, trabai' em casa, né? Lavá ropa, é limpá casa, cuzinhá. Uai puque, puque diz' que se a gen' trabaiasse era ca...diz que castigava a gente, né? Diz que dava o ca...o santo dava o castigo, mair num dá não, né? Não, num dá não, teno fé. Is[so], ah, eu vô trabaiá puque p[r]icisa, né? Caladim. Calado. Num pode abusá, né? Só vô trabaiá, Deus mim ajuda que num aconteça nada que o santo num mim castiga qu'eu trabai' que pricisa, a gente é pob[re] p[r]icis' trabaiá, né, fia?

45. [Santo] De guardo, é é São Francisco de Assis, Nos'sinho[ra] da Badia dia quinze, São Francisco dia quat[r]o. Quinze, Sinho[ra] da Badia, dia quinze de agosto. São Francisco, dia quat[r]o de otubo, São Sebastião dia vinte de janero, agora os oto e[u] num aguardo não. Tem preficação¹⁷⁷, anunciação, esses e[u] num aguardo, ma[s] inda lemb[ro] dalgum. Ess[e] 'conticia [as]sim, 'cunticia um desast[r]e quaiqué. É. Agora dia de Santa Efigena, é é julho, é mesmo, julho agora, né, mai[s] já isquici tudo os dia santos, poquim qu'eu lemb[ro], dia Santa Efigena ãa muié trabaiô, e[la] falô [as]sim: “Não, eu vô trabalhá pruque, quá, aí e[la] tava fazen' um sabão, e e[la] ãa mininha [as]sim, uns mininim, aí o mininim caiu den[tro] do tacho de sabão, quando ela tirô o minin' já tava só os osso, e o pescocim dele que ficô de fora, dia Santa Efigena, pensô, né? Puque ela abusô, né? E[la] tinha falá: “Não, eu vô trabaiá, Deus mim ajuda que num tem nada.”, né, mais ela falô: “Quá, não, num tem nada não, eu vô

¹⁷⁷ Variação de *purificação*.

p[r]icis' traba... e[u] vô trabaiaá.” e 'conticeu, né? Já tinha murrido a minina no tach[o] de sabão, hein, aí um tinh'um dia santo, o (...) sabe qu'el[e] num tá [a]qui perguntá el[e], isquici o nome do dia santo. Aí o o fu...o pai del[e], do minin'...o minin'... o rapaiz falô: “Não, pai, e[u] num vô trabaiaá hoje não, vô discansá” O rapair muito bão, trabaiaadô, tadim. É, lá chama, lá no Barrero Grande, on[de] nór morava, nói' já morô num lugá chamav' Barrero Grande. Municipi' da Rancharia, [de]pois passô pa Rancharia, aí el[e] foi muê, muê barro, desse barro de [o]laria, né? Aí quando o rapaiz foi muê que tocô os animal, o cavalo, el[e] passô a cabeça, morreu, o rapaiz. Num quiria, o pai del[e] que feiz e[le] trabaiaá, né, xingô el[e] daque[le] nome da pelada: “Vai trabaiaá pelado”, nome rúim que fala, né? E el[e] foi, tadim, diz que quando e[le]s viu o pescoço del[e] tav' pum la[do], a cabeça pum lado o coipo por oto. Que remors', hein, dia Santa Efigena. Tem preficação Nossa Senhora, anunciação de Nos' Senhora, Sinho[ra] da Rusára, Santa Rusara é dia doze, né? É que, e[le]s fala Sinhor[a] da Pricida doz' de otub[r]o. Se disrespeitá acontece, po[de] trabaiaá num tem nada, que todo dia é dia dum santo, num é, todo dia, Sinho[ra] de Lurde, Sinho[ra] da 'Pirici[da], Santa Mairgarida, é todo assim é, todo nome do santo tem o dia do, é diret[o]. Aí se nó[s] fô guardá tem que guardá o ano, né, tudo. Aí nór num come, num trabaiaá, intão Deus guarda nós, né? Deus e os santos, sant'amém. É, puque e[u] num guardo puque cum' é que faiz, né? Mar num abuso não... não, disrespeito não. Peço Deus perdão, esses de guarda que nós falô, São João, São Sebastião, São João... Agora hoje gen' num tá intenden' mais coisa muito mair não, né, minha fia, que ninguém num guarda dia santo mair, né, nenhum né, e[le]s num guarda. Nem sabe direito...Ah! Tem um que ess[e] e[le]s guarda é, dia vinte e cinco de Natal, ess[e] e[le]s guarda, né? Ess[e] e[le]s tá cumen', beben', churrscan', festan'. Ess[e] e[le]s guarda. Mais todos são milagroso.

46. Tinha, tinha firida braba que dava. Tinh'ũa dor de cabeça braba a pessoa murria, muita gente murria de repente nem sabia pruque, muito, muito mes[mo], coração, né, pensei qu'era

coração. É firida braba, num era esses nome qu'e[le]s fala hoje não, qu'iss[o] qu'é cãnçe' essas coisa não, né? Aí dava ãa dor na pessoa aí é apenicite, e a pessoa induricia a perna e gritava até morrê, uns aturava mais, otos 'turava men[os].

47. Um dia deu um nãa nãa minina ela morreu, aí pegô saí istrume, e ninguém sabia pruke, falô qu'é a tripa que rebentô, é o 'penicite, né, sofreu essa me[nina]...essa mocinha. Mocinha já. Ela gritô até, uns trê[s]...uns cinco dia depo[is] e[la] morreu. Não, num sabia, num tinha dottor, só remédi', buscá remédi' no raizero, uns acertava, otos não, qu'era remédi' de raiz memo. Num sabia a duença que que era, né, murria. Tinha muita pessoa lumbriguenta, pura lumbriga. Punha, murria punha lum... murria de lumbriga, punha lumbriga p[el]o nariz, p[el]a boca. Iche!

48. Cê só ven[do], que tristez', ãa cumen', cumen' a criança até e[la] ficá 'marilinha, barriguda até morrê. É nã[o], é diarréia. É, deu diarréia nela, e[la] ficô vinte, vinte dia e morreu. Um an'e seir mêis. Ano e mei'. Deu um...eu dei remédi' demais pra ela de casa aí o (...) foi buscá remédi', quan[do] chegô com remédi' ela morreu. Ficô fraca, infraquiceu. Eu fiz tudo que era remédio, num valeu, e ãa deu ãa dor na perna dela, el[a] ficô quarenta dia, no hospital, não teve jeito. Num sabe que que foi, o dottor num cunheceu. O dottor num cunheceu nada não, dor na perna mesmo e ela gritava mes[mo] e eu cum doir minin' piqueno, num podia ficá co'el[a] lá na Santa Casa. É ma... é mais véia. Pa vê: primer[a], sigun[da], a terceira fia. Não cunheceu, era os médi[cos] [da] Santa Casa, e[le]s num sabia de nada, não conheceu. Não, tinha firida não, só a dor na perna, chegô rebentá os osso, foi rebentan', aí e[la] ficô quarenta e quat[r]o dia, aí morreu.

49. Dava, apenicite e dava [as]sim num tratava, murria à míngua, né? N'água fria e cons...é constipava, né? Ti[nha], constipação tinha demais. Iche! Ah! Dava dor na perna, dor no braço, otos dava firida no coirpo, rebentava firida. Torto, intortav'o pesçoço. Tinha muitas duença, né? Conhici [hidropisia], ieu eu lemb[ro] dũa muié que morreu de d[r]upisia. D[r]upisia é o

sangue vira água, né, e a pesso[a] vai inchan', inchan', inchan', até morrê. É. Conhici ãa [doença] qu'e[le]s operava, tirava um pedaço da tripa, um hôme aqui morreu, dois, tirava o pedaço da tripa, né, e punha um drene, um [as]sim de fora pa obrá de fora, e el[e] cabô morren', um vizim noss[o] aqui. Num deu certo, cabô morren', o doctor num deu vorta não. Miorava, mûis miorava, poi[s] nóis, eu fui criada na roça, o (...), nóis tudo foi assim, né, fazia remédi' nóis sarava, nóis tá [a]í, ó.

50. As cor, os tamãe, né, os remédi' de cê fazê garrafada. É é o hortelão, o sumo de hortelão cum santa maria. Tira o sumo do hortelão soca c'a santa maria e dá p'a pessoa. Eu já dei muitos pa muitos d'eles, põe a lumbriga e sara, fica coradim depois. Uai, soca ele. Soca num pilãozim e e tira o sumo e bebe pa pô o verme, aí põe tudo o verme, verme, lumbriga. Morto, sai vivo sai mort', mais hoje num tem is[so] mair não. Tem mair não, sarô tudo ...num tem is[so] mair não, é só de primer', né? É não, ess[e] e[le]s toma lombriguero, tem, verme tem, mair lumbriga num tem não. Num tem is[so] mair não. É, que é bão pa lumb[r]iga. Seive, se...é é é, serve assim pra, pa tirá um resfriado do coipo, pa tontera. É, pa tontera. A gente fica tonta, cai, é ton...dá ãa tontera na cabeça, né? Assim, à veiz probrema do istômo[go], à veiz come ãa cumida que fair male. Aí é bão.

51. Uai eu ...cunheço [as]sim a gíneral. É, gíneral, chama ãa ... né, chama gíneral, e utralzim. É pranta do campo. É ãa pranta branca, ela dá assim um, ãa frorzinha branca e a fôia branca, né, aí é bão pa pelha¹⁷⁸, bão pa constipação. Tem a e[r]va laga[r]ta também, não, e[r]va laga[r]ta não, feiticera, mama-cadela. E[r]va laga[r]to é pa premunia. É, assa ela e faiz o chá cum óleo de mamona, toma mod'a premunia. A raiz. É piquena, meia, né, meia piquena meia grande. É de rama no chão, a raiz dá no chão, e dá a fôia de fora, [as]sim, des[se] tamanim assim, qu'el[e] dá. É, mais ó men' um met[ro], mei' met[r]o. No campo. É do

¹⁷⁸ Variação de *pele*.

campo. É a raiz. É, assa a raiz, assada, igual assa [as]sim um trem e rapa, iscaurda, e põe o óleo de riço pa curá a premunia, gripe. Tosse, toma. Bão mes[mo]. É a gíneral.

52. É, utralzim. E...el[e] é um trem que dá no no campo pra [in]fecção de úte[ro] pra muié que dá 'quela infecção e toma no vim é bão dimais. Baxim, el[e] dá dess' tamanim, e dá ùa cabecinha na tora. Não, num dá nem um pa...assim ùa batata. E el[e] dá ùa raiz bem grande [as]sim ó, ùa batata. Esse a gente ...'ruma, rapa ele, soca e põe no vim branco, ca...É, e põe o pé-de-perdiz. É p'o út[er]o, pa infecção. Quaiqué infecção c'a muié tivé é bão. Pé-de-perdiz, cê falô? Não, pé-de-perdizi. Quaiqué infecção, aí põe junto. É junto cum utralzim. Pé-de-perdiz, tudo junto.

53. Nossa, eu cunheço dimai' ago' tô isquici[da]. Do umbiguim. Aí é é põe um poquinho de óleo de mamona. Até el[e] cumeçá fechá depoi[s] vai pon' mercuro. É o mercuro. É comprado. (...) Tem o pé-de-perdizi e o alicrim. É. Faiz o pozim muito delicado e põe. Se tivé sintin' mal, né, se não tive, num p[r]icisa. É, só com mercuro seca.

54. P'o istombo...Ah! P'o istombo é bo[l]do. É é um remédi' que tem do campo, chama capitãozim. El[a] é ùa foinha [as]sim carocadinha, a gen' cunzinha e põe um poquinho de sale pa bebê mod'o istombo, bro[to] de mamão, também. Não, num amaiga, num é doce, el[e] é assim normal. Sem gosto de nada, a fôia. [Capitãzinho] é ùa aive, dá [as]sim dá [as]sim, ma[s] n'é caiqué lugá que dá el[e] não, né? Aqui só, só tem del[e] só lá na Serrinha. É terra vermeia [as]sim, bêra grotá, bêra [a]que[le]s grotão. Terra de pedra. É, aqui num tem del[e] não, só tem lá na...Não, no grotão ali, no Morro da Mesa tem. O bro[to] de mamão tamém é bão p'o istombo. É remédi' amaigoso.

55. Ah! Agora num tô lembran' não. Esse qu'e[u] tô isquicida, eu sei muito! Ah! Um brotim de mamão, né? (*risos*) Que é, que num tem a a e[r]va do... a coisa, né, a, cum' é que chama, e[r]va pod[r]e, te... É, e[le]s trata ela de e[r]va pod[r]e. É essa qu'eu falei p'ocê que cê iscreveu. É puque é qu'e[le]s trata el[e] e[r]va pod[r]e, mais e[u] cha[mo] capitãozim. Mema

coi[sa]. Ago' tem o capitão do campo, ess[e] é pa premunia, né? Já é oto remedo. Pra premunia. Não, n' é [ramo] não, é aivona. É já é a casca dele. É já é a casca dele. Num é fôia não. Grande. Põe lá, seca e põe pa pa iscaldá, masseta ele e põe água, quente, escalda e bebe, adoça. Bebe mó' num dá premunia. Pa num dá premunia, se tivé c'a premunia isparrama. Sara. Dá el[e] c'a raiz de e[r]v[a]-cidera de capim. É, e[r]v[a]-cider[a] de capim. Só a raiz.

56. Ah! Pa gripe, pa purmão é axa-peixe¹⁷⁹ branco. É 'xa-peixe branco. 'Xa-peixe branco é um que dá no campo. Tem mûi... Florido, mair bunito qu'e[le] dá. Não, aqui memo tem muito nos campo aí, né? Tem, 'xa-peixe branco. De axapexe ãa foiona redonda, né? Aquel[e] cura gripe. É, cura tro... é tosse, né? Pra pra a pneumunia. Pulmão... sabuguerim. Não, do, da horta. Favaquinha. Tu[do] da horta. 'Xô¹⁸⁰ vê qual... sabugero eu falei, né? Erva terrest[re] é pra feb[r]e. É da horta. El[a] é el[a] é ãa pranta lastradinha. É, ti[po] dũa raminha, ela lastra [as]sim, ó. Ma[r]celinha. É, pa feb[r]e. Nossa! Eu lembrei dum 'gora memo e isquici, Tô isquicida dimai'. Rabo [de] tatu é p'o istombo. É. Se a gente tivé c'o istambo rûi bate el[e] num copo de água e vai beben' aquela água, é p'o istôm[ago].

57. Carmelana e[u] num... ah, não, esse e[u] num tem costume co'es[se] remédi' não. Carmelana e[u] já vi falá mar num tem costum'. Pa firida. (...) É, tem a tiborna, né? É um ramo do campo. Esse é pa firida, né? Ramo, é ramo. Des[se] tamãezim assim, ó. E sabe que num tem não, e[le] quair num [dá], el[e] parece fôia de pau santo. Foi[a] de pau santo é cumpridinha [as]sim, e a maderá é cascuda. Ess[e] tamém é remédio mais eu nunca bibi des[se] tamém não. (...) Não, pau terra não, o pau terra é bão p'o istombo. A fôia. É a casca também. Po[de] tirá a casca, é bão pa firida. (...) Assim se tivé assim probema de gastrite essas cois' é bão. Do cam[po]... [tiborna] é boa pa firida. É, mais hoj'im di[a] num tem [a]que[la]s firida mair não, né? Pois é, el[a] é boa, banha, banha, bebe.

¹⁷⁹ Variação de *assa-peixe*.

¹⁸⁰ Variação de *deixe-me > deixa eu > dexe eu > dexe ô > dexô > xô*.

58. Nossa! Eu cunheço remédi' dima[is] Ah! Tem a catuaba que é bão infa...infecção...afecção. A fôia dela é boa pa nenê sortá o intestino que, o nenê que tem intestino preso, sorta. A fôia, agora a raiz é pra gent' que sof[r]e...gente fraco, né, [as]sim [a]que[la]s pessoa que é fraco. Pa fortalecê. (...) Pa quem tem dor de cabeça? Depende a dor de cabeça, né? Que se fô de gripe é o fedegoso. Bebe o fedegoso. Fedegoso é ùa aivinha. É, ùa aivinha. De campo, não, de curtura. El[a] é de curtura, e bebe assim ma...iscarda el[e] mar maiga. É bão pa gripe, pa dor de cabeça. Não [as]sim puro, quisé pô açúca põe, mair maiga. Ah! Desse tamãe assim mais ó men'. É, des[se] tamãe, desse tamãe. Nesse tempo num acha quai[se]. Não, quair num acha, seca tudo. Ah, é...é dessas planta de fedegos', essas coisa é março, abril. Mair de chuva que a gen' tem que guardá, ranca e guarda. Ago...e tem o chapéu de coro tamém. Chapéu de coro do mato. É um foião que dá nos mato. É, dá [a]que[la]s fôia, [a]que[le]s foião assim e bebe pa mode rematism', costipação. E tem o chapéu de coro do campo também pra rins, bixiga. É praque o do campo el[e] é ùa varinha, né, el[e] dá ùa varinha, dá três, quat[r]o fôia no pezim e dá ùa vara e dá ùa cabeça [as]sim na ponta da da [as]sim da ponta e bebe é a raiz. Agora do mato é fôia, bebe a fôia. Cada foiona assim...Não, num dá [árvore?] não, dá só a fôia, ess[e] só tem nes[sa] curtura, só pra lá que tem. Chapéu de coro do do mato. O do mato é pa custipação, reumatism'. O do campo é pa rins, bixiga, morróia¹⁸¹, que é bão.

59. [Para rins] Tem, a doradinha. A doradinha é um remedim baxim. Dá raiz...Não, é do mato, dá raiz marelinha, igual safrão e cunzinha a raiz e bebe é bão pa rins, pa bixiga. Ùa aivinha [as]sim ó, dá [as]sim [a]té assim (*gestos para indicar altura*). É, não, bem men'. El[a] é baxinha [as]sim [as]sim, quando mu[i]to aqui, ó. É uns, é uns dois pairmo [as]sim. Um pairm'. Dá ùa florzinha 'marelinha. Só da raiz. É. Agora se tivé imparevesado de xixi, que

¹⁸¹ Variação de *hemorróidas*.

não po[de] fazê xixi, bebe a fôia. Aí já é a fôia, num é a raiz não. A raiz é só pa rins, pra problema de morrói’.

60. Cunheço ãa pução, mai[s] eu num tô lembran’. Pa pela? É a mama-cadela. É, e essa gíneral. Tem aicaçu¹⁸² do campo tam...esse é do chapadão. Arcaçu. É, aicaçu, esse é bão pra probema de rins, dor nas costa, costipação. Chama aicaçu, só em Campo Aleg[re] que acha del[e], p[ara]o la[do] que cêis morava tinha. É, ess[e] arcaçu cabô, né, fia? Só no Chapadão, agora os a soja tá, a braquiara tá ’caban’ com os remédi’. Aqui num tá achan’ remédi’ mair não, tá ’caban’. É difíci’, num tá achan’ mair não.

61. Tem a bassorinha. Bassorinha São João. A bassorinha São João, essa é boa memo. É. Se tivé assim cum olho dueno, dan’ aque[la]s remela no ôi é bão, banha, e ela é boa pa bebê pa preumunia também. Essa bassorinha São João, qu’e[le]s fala bassorinha benzê. Cê cunhece ela? É, ela parece ãa bassorinha, e[la] dá...É, che[i]a de sementinha, lá na (...) tem del[a]. Baxinha [as]sim, ó, dá baxinha, dá des[se] tamãe, dá assim. Não, [ela é] da horta. É, dũa curtura. Tem horta e lá e, a (...) tem muita dela, ela nasce nos quintal assim, agora [a]qui num tem não. É, num gost[a] terreno seco. Mais o olho inchado...Pois é, é ela, ãa veiz eu, a minina minha deu remela, deu pos mininim. Esses dia meu netim tamém insinei pra el[e], banhô, foi bão memo. É ãa beleza.

62. Ah! Pa dô de ovido qu’eu sei memo hoj’im dia é, chama pingo de amori. É pingo de amor...E a gente que... é... foi, frita el[e] na no óle’ de soja pa pô no ovi’ do nenê, insinei p’ũa muié ali a mininha sarô. É bão dimais. É de horta, cheros’, de fazê chá. É lindro! É. Lá na (...) dá muito, tempo de chuva tem muito del[e] lá. Baxim assim, assim. Dá fôia, frita e[la] no ói de soja e põe no ovido, sara memo.

63. Ah! Pa dô de den[te] tem um tal de cajuzim do campo. Não, né não, é um cajuzim, e[le] dá des[se] tamãe, des[se] tamãe assim e el[e] dá ãas fruitinha igual ubrim de vaca. Cê sabe?

¹⁸² Possível variação de *alcaçuz* que, segundo Ferreira (2004), é um “subarbusto de cerrado, da família das leguminosas (*Periandra mediterranea*), cuja raiz, adocicada, o povo considera medicinal”.

El[e] dá a flor, mêi[s] de setemb[ro], otub[r]o el[e] dá flô 'marelinha, aí e[le] dá aqueles tanto de cajuzim e dá [a]que[le]s peitim de vaca [as]sim, ó, igual o ubrim, el[e] tem o ubrim e dá os peitim assim ó, aquel[e] é bão pa dor de dente, nos[sa]! Sara memo. É [usa] é da raiz. A raiz del[e] é vermeinha, cunzinha dá [a]quela água vermei' e ba...e banh'e vai buchechan', ma[s] num ingole não. Só banha pro dento e vai jogan' fora, pa dô de dente é cumo num tem. [Dá] É em bêra, curtura. É, nim¹⁸³ curtura el[e] dá. Ali cum'ali pa ban[da] do (...) tem muito, bêra coirgo, assim, el[e] dá.

64. Se pega a raiz se num morre¹⁸⁴? Morre. Aquela morreu só a que fica lá que vô vê, ela brota. Não, tem ãas que brota, a gente ranca e[la], vô lá rancá quando e[u] chego lá e[la]s tá brotadim de novo. Dexe, e[u] dexo um pedaço p'ela brotá.

65. [Para cabelo] Mair nem tem el[e] mais, cabô, um tal de cabelo de nego. É cabel' de nego, el[e] dá igual um cabelo e aí a gente banha, lava a cabeça, mais é bão! O cabelo fica bão assim, ele fica [as]sim cheio, né? E pára de caí. Não tem mais, cabô. Iche! Lá po la[do] sua mãe, que sua mãe morô, tinha dimair del[e], né? El[e] dá, é...Não é que sua mãe mora aonde agora? Cêis num morô naque[le]s bambu? Uns bambu que tem assim, cêir num morava lá não, on[de] tem ãas grota [as]sim? Ah! Num sei on[de] c'a sua mãe mora não. Não, era pra cá, era pra cá, sua mãe já morô pra cá, prigunt[a] ela, e[u] acho que sim. Ah não, intão num sei on[de] sua mãe mora não. Pra ban[do] do Páss[ar]o Preto? El[e] é um trem assim, el[e] dá ãa cabeça, até nós gostava de brincá, trançá o cabelo e passava ismaurte¹⁸⁵, passava ô batom fazia co oim¹⁸⁶, dá ãa cabeça e dá [a]quel[e] cabelo. Aquel[e] cabelão, chama cabeça de nego aí cunzinha, tira os cabilim dele e cunzinha. Pa cabelo aumentá, eu lavei o meu po meu

¹⁸³ Variação de *em*.

¹⁸⁴ Refere-se à necessidade de sempre deixar a raiz para que a planta renasça ou rebrote.

¹⁸⁵ Variação de *esmalte*.

¹⁸⁶ Variação de *olhinho*, em possível referência a uma brincadeira de criança na qual se usaria esta planta para simular uma boneca, com cabelos trançados, olhinhos, esmalte e batom..

aumentá, o meu era poquim. Aumentô, el[e] aumentô. Aí é, e[le] ficô muito, el[e] era poquim só ãa munujinha¹⁸⁷ assim. Mas é pruque eu era de poca alimentação, né, certo.

66. Agora hoje a gente alimenta mió, né, ô intão dá força no cabelo, num é, fia? É, diz que se a gente alimentá muito mal, diz que o cabelo infraquece, mar né nada, né? É igual de primero, ficav' cumen' só mandioca, obroba, essas coisa, né? É, diz que abob[r]a é bão. Nós cumia muita abob[r]a, nós é forte, né? Que, muda o jei[to] de cumê, né? Pois é, agora hoje e[le]s fala que tem que cumê é muita carne po cabelo sê bão, mar né não, tem cumê muita verdura, né?

67. É, e tem o...ainda tem dois qu'eu num falei cum' é que chama...ah, e...tem um que é bão pa pa feb[r]e e de feb[r]e e de sarampo, catapora, chama paratudo. Ess[e] é bão mes[mo]. É, não, é do campo. Mai[s] assim cul[tura]...um terreno acurturado, sabe? Aqui só tem del[e] lá em cima lá po ban[do] do (...) que tem del[e], pra cá num tem. O paratudo é ãa aivinha de...el[e] dá um pezim des[se] tamãe, da fôia cabiludinha. É, um paim' mais ó men', el[e] dá todo tamãe e dá ãa raiz des[se] tamãe, aí el[e] é a gente fura el[e] e is...ispeta na aguia e põe pa secá. [Espeta na agulha] É, pruque el[e] é molim, né? E a gente guarda pa quan[do] fô pricis[o] que feb[re] de sarampo tem o tempo, né? Sarampo, catapora, cachumba. Tem o tempo, aí a gen[te] tem el[e] guardado e hoj'im dia ar muié num tem. Né? Eu quero arrancá pa guardá. Tem o sacatrico também que é pa sarampo, catapora. É, sacatrico, pa íngua, quan[do] sai 'queelas íngua na viria que à vez a gen[te] machuca cairqué um dedo, né? E dá ãa íngua, [as]sim a gente bebe o chazim em banha, cunzinh'e põe um poquim de sal, banha lugá da íngua. Não, ess[e] [sacatrico] é p'ota banda. É, sacatripo, sacatrico, lá pa banda do Morro da Mesa tem del[e]. Mei' campo, e[le] já sai ca... é o paratudo num tem, j'é p'oto lado, iche! Rancá remédi' é difiçu, tem um tal de velam', é memo, e[u] tava isquecen', es[se] é pa

¹⁸⁷ Possível variação de *penuginha*.

constipação. Velani, e...faiz el[e] com, 'mé chama? Cravim, pra firida, né, pa, a firida, a nascida a firida no coirpo. É os dois, o cravim com o velamo.

68. Ah, tem, mais é qu'e[u] isquici, né? É, num tô lembran' mair não. Ah!, inda vô falá um, tem ãa tal de carol' é, cum' é chama? Depois cê po[de] falá, congonha de bugue. É, ess[e] é difici'. Poco sabe. É, ess[e] é el[e] é ãa aivona, e[le] dá ãa aive grande, el[e] dá nim bêra isbarrancado, lá na be...no per[to] daquel' grotão tem tamém del[e], el[e] dá 'quela aive, ãa aive bem gran[de], dá ãas fulor e as fôia del[e] é [en]rugada, aí a gente bebe a fôia pra mode coração, rematism', fraqueza nos neivo. Congonha de bugue. Aí po[de] falá, 'gora que cê vai falá.

69. Cunheço [quitoco]. Pa dor de cabeça, pa probema de muié quan' tem poca menstruação, intão bebe del[e] pa aumentá a menstruação. Ele, o artimijo. Arruda, ess[e] é pa gripe, né? É, pa gripe, pa problema de gripe é ãa beleza, arruda. Mentras[to] tamém é pa dori, dor na barriga, dor de córrica¹⁸⁸. E o, o aim, é...chama aim Nos'Sinhora, qu'e[le]s fala, fala aim paula, né? Ái de São Paulo. É bão pa córrica, pra nenê, pra gente grande, a gente bebe el[e] mai[s] sara me[smo]. É, cum poquim de sal. El[e] é ãa foinha, né, [a]qui tem del[e], uns pezim, el[e] é ãa el[e] é um ái, ma[s] el[e] dá só a foinha [as]sim, ó. É de todo tempo num é de pran... pranta el[e], po[de] ficá um ano, dois ano, três ano, direto. De horta.

70. Quina? Cunheço, ess[e] é boa pa bebê, pa dá fo[me] vontá[de] de cumê, pa cortá feb[r]e, dá pa criação qu' é fraca, né? [A]qu'e[la]s criação que num tem força saí o cabelo [as]sim, ô ãa tosse, aque[le] criação que fica tussin', né? É bão dá a quina, a quina torrada, tem que torrâ ela. Abri o apitite...Abri 'pitite? Tem o cabo verde. É, cabo verde. O cabo verde el[e] dá vontá[de]...'pitite, ele é bom pa dor de cabeça, bão pa febre, o cabo ver[de], bão pa verme. Quem beb'el[e] não dá verme. Não. Se tivé os ve[r]me tamém 'caba tudo. Não, algudãozim do cam... é memo tem ess[e], né, ess[e] é bão pra infecção, pa muita coisa, né? Algudão, do

¹⁸⁸ Variação de *cólica*.

campo, ess[e] eu uso el[e] também. Uso. O 'gudãozim do campo, el[e] dá ãa aive, dá ãa flor amarela agora em dient'e[le] já ta dan' fulor. É, e a gente ranca el[e] dá um batatão. É, aí casca ela e lav'ela bem lavadinha 'quela mandioca [as]sim, ó, lava e põe pa secá, soca e vai beben', põe em garrafada, põe o tralzim, a gíneral, pé de perdiz, vai pon' esses reméd' e põe faiz aquela, e dexa curti uns três dia, né?

71. Ah! O guiné diz qu'é bão pa vento. Pa costipação. Eu beb'assim a fôia de[le]...bão pa tosse, pa num dá croculuche, a tosse nim criança, né? Pegô nes[se] tempo já po[de] dá p'as criança, a gente po[de] bebê, eu quair num bebo que aqui num tem, aqui em casa num ala mesm'. Não, mais é bão, el[e] é um remédi' bão. Tem aboba danta também. É, mais es[se] tamém e[u] num cunheço não.

72. Sempre eu faço [garrafada]. É, quando os oto pede, eu faço. É, e[le]s põe esses remédi' no vinho, né? É, esses qu'eu tô falan' pr'ocê, o tralzim, a gíneral, o argudão do campo, pé de perdiz, a... pode...cum'é chama o oto... velani. Põe no vim, né? Pa [in]fecção. Quaiqué tipi. Aí depende, né? Depende o que a pesso[a] tá sofren', num pode fazê que seiv' pra um pra ot' não, né, iss'é, depende a pessoa, ãa pessoa sofre um trem, oto sof[re] oto, né? Ma[s] e[u] quair num tô mexen' co'iss[o] mair não. É difiçu, num tem reméd[i]o. Longe dimai', num tô mexen' co'iss[o] mair não. Não, se qui[ser] pi[dir], quisé, pidi a gente faiz, né? Aí vai long'e ranca, né? (*risos*).

73. É, que faiz garrafa[da]...É, garrafero, né, que faizi... É, que faiz garrafada, né? Não, eu faço garrafada, deve qu'é raizero que fala? Deve, né, que ta fazen' raiz, né? Usan' fôia. É, casca. Mais eu num mexo co'iss[o] mair não.'Té agor' tá custos', num tem remédi' mes[mo], cabô.

74. Eu? De primer' era mais [garrafada], agora é na faimaça mes[mo]. Pra cá, de campo não, né, tem aigum, é, aí tem é, eu tomo é po ca[usa] de coração, pressão aurta, aí iss'é o médico é que passa, né? Ess[e] num po[de] facilitá, pirigos' dá derrame, né? Tem que tomá direitim.

75. [A]grião, serraia. [serraia] É bão assim pra probema nos puimões, no intestino. Isgo[tou]...(risos) Num tô dan' con[ta]... e à vei[z] depoi[s] a gente alembra, né, igual ali o senhor ali, depois el[e] diz que alembro muito, num deu conta na hora.

76. Cumi muito, tuda ispece¹⁸⁹, né? Pacari, é...paca...paquipari¹⁹⁰, gabiropa, tudo. Cumi muita fruta, caju. Caju do campo, cê le...sabe qual' é, né? É de ot'. Agora ess[e] caju que nós come do campo, el[e] é bão pa dor de den[te] também. É. Aque[le]s dente infreccionado, que tá brocado. É bão, banha, só bõe, num bebe não. Mairmelada? Já [comi] dimai'. É nói' já cumeu aquela guapeba. Guapeba, dũa mairmelada [as]sim que amaduricia c'a gente cumia [as]sim da da bera dos coigo, né? É mairmelada mes[mo], o nome del[a]. É mairmelada também, tem a do campo e tem a do mato. Mu[i]to, nó[s] já cumeu muito, e[u] isquici o nome del[a], nói' já cumeu fruta dimais, do mato, jabuticaba. Laranja. Lima. Caju, travêis¹⁹¹, né, muita coisa que nói' já cumeu, né fia, hoj'em dia quar num tem fruta mai[s] [as]sim do mato, né, ta, cabô, o povo cabô com os trem. Cabô com os mato, cerrado, né?

77. Assim, sob[re] meu fii que morreu. Pois é, foi triste foi [as]sim que e e es...esse, né, qu'el[e] suicidô. E do (...) tamém que el[e] morto, né, da minha mãe que morreu, a mãe que mim criô tamém que morreu e[la] senti muito, foi difici'. A [mãe] ligíti[ma] e[u] nunca vi ela. Não, nunca vi, e[la] mim laigô cum seis mês. De fii... Tem, ela teve mais um casal lá em Catalão, mais num cunheço, posso vê..., posso vê mai[s] num sei quem. Aí e[u] senti muit'[as]sim qu'ela foi 'bora, e[u] nunca vi ela e aí eu fiquei c'a ota mãe que mim criô e ela morreu e[u] achei difici', né? E da meu fia tamém, a (...), a (...), a gente sintiu muito baque, né, de se perdê ela. As passage' mais triste, né, a ma... Foi, que maicô eu mes[mo].

78. Uai, as passage' muito alegre, assim quando eu ganhei meus meus fio, tem e[le]s aí, né, is...é qu'eu as passage muito aleg[r]e qu'eu tem de tê meus fii. Iche! E[u] ficava feliz

¹⁸⁹ Variação de *toda espécie*.

¹⁹⁰ Variação *bacupari*.

¹⁹¹ Juntura vocabular de *outra vez*.

co'aque[le] nenê. Depoi' vinha mair, nunca achei custoso, né? De tê meus fii assim, nunca achei custos' zelá de[le]s, cuidá, né?

79. E[u] já fui em muita festa, dançava. É, na roça, [a]que[la]s festona boa, né, tinha muita coisa boa de cumê, né, lá nas festa, mais hoje não, hoje num gos[to] de festa não. Fiquei mais, é, [as]sim, triste po ca[usa] dos minin' qu'eu perdi, né, e num gos[to] tamém não.

80. Primer' lugá qu'eu morei foi nos Martiro, on' fui nascido. Depois e[u] morei no Barrero Grande. É quando eu casei, na fazenda do meu marido, el[e] tinha ãa fazendinha. Õa fazenda...É municipi' Campo Aleg[re], chama Barrero Gran', municipi' de Campo Aleg[re]. Depois nór morô noto lugá, esse e[u] num gostei não, nór morô uns mêis poco, depois nór morô no... É, aí nór morô lá no Pião, lá nór morô dizessete ano. Aí é, e[u] criei meus minin' tudo lá, na Rancharia. Pião...e Rancharia é quais[e] ãa cosia só. Que Pião é puque é Banda Ran... é pert' da Rancharia memo, mar lá chamav' Pião. Aí depoi' eu vim pra cá.

81. Que antigamente era muit' sofrido, a gent', tadim da gen', criá os fii da gente, né, tadim, [as]sim mõi' sofrido, agora hoj'im dia tá muito mió, né? Tá bem mió, istuda, né, tem a iscola, tem... Nunca istudei. Nunca, e[u] tem ess[e] pedacim pa te contá. Eu nunca istudei, meus tii, assim, minha mãe cumo diz p[ara]ucê, ela foi 'bora, né? E meu pai era pai natural. Intão, e[le] nunca mim pôir na iscola e aí o que meu tii feiz foi casá eu nova, novinha, né? Num tinha nem catoze ano, nunca mim puser' na iscola e nunca mim dero nada também, aí e[u] fui criada muito sofrida, né, [as]sim. Na é[po]ca, e[u] levei um ano pa tê fii. É, e aí eu num sabia trabaiá direto qu'e[u] era muito novinha, né? Fui sofrê...fui muito sofrida, né?

82. [Brincava] De bune...buneca de sabuco. É, bunequinha de sabuco, buneca de pano tinha dela e[u] não, né? Não, só sabuco de pan...fazia [a]que[la]s buneca de pano, sabuco. Brincava sozinha, tinha as amiguinha pa brincá, nó[s] brincava, nós brigav'. Brigav', nós tomava bãe nos coigo. Tomá bãe só daquel' tanto, hein? (*risos*). Iche! E[u] era dire[to] den[tro] do poço d'água, toman' bãe. Era ãa brincadera. Ah! Brincav' de fazê casinha, cuzinhada. De casinha,

fazia cunzinhada. Naque[la]s panilinha de barro. Fazia...Não, e[le]s e[le]s 'rumava, num sei quem que arrumava não, o pov' fazi'aque[la]s de barro, nós fazia cuzinhada, fazia casinha, brincava de subi nos pau. Tomav' bãe no coigo... Pescava dimair mes[mo], pegava um tanto de peixe. Não, minina muié num podia brincá cum minino hôme, não. Não, toda vida tem is[so]. É, e[le]s fazia carrim de pau, fazia curralim, fazia casinha. Brincava, ar minina muié fazia as casinha pa fazê cuzinhada. E[le]s fazia canguinha, brincava com o boi de pau-terra. Uns boizim de pau-terra daque[le] pa[u]-terra que nós bebe. Ah! Ieu mais brincava [quando era criança]. Mais brincava e a mãe assim quair num insinava a gen' trabaia¹⁹², né? É, [a mãe] de criação, e[la]... assim e[la] insinava fiá, iscaroçá algudão, lavá ropinha. É ess[e] siviço tamém que tinha.

83. Mãe, minha mãe de criação morreu. Aí qu'eu fui casá co'el[e]. Uai, 'dueceu morreu, e[u] ficô mocinha, certo foi coração, né? Aí no mem' istante el[e] mim casô po[r] caus' que ela morreu aí a tia, a muié del[e] era muito braba pra mim, e eu casei, no praz[o] [de] três mêis. Eu vi o rapair duas veiz só, de longe. De longe qu'e[u] vi ele. Não, num namorei nada não. E[le]s tratô...uai, se num gostasse, e[le]s tra...viu el[e], meu tii agradô dele, que sabia qu'el[e] era boa pessoa, el[e] é boa pessoa mesmo, né? E ele [as]sim el[e] er', diz que é boa pesso[a] e falô: "Ce vai casá é co'el[e], fia." E tev' que casá, logo el[e] correu or nom...e[le] regist[r]ô, eu num era regist[r]ada. Aí mim regist[r]ô, depois correu os nome. Em logo prazo 'rumô o casamento.

84. [O tio era] Brabo, a gen' num podia namorá de jeito nenhum.Nem, de jeito nenhum, Deus mim liv', e[u] nunca cheguei nem per[to] do namorado. E eu namorei co'el[e] assim, e[u] vi el[e] duas veiz o dia... Vi, aí um dia nói[s] foi num baile assim e nóir deu duas dança só e o tii: "Oh! Vam'bora, vam'bora." Ante' de casá, e[le]s era bravo, Nos'sinhor' num pudi[a] chegá perto não. Nunca sentei perto del[e] ó men'.

¹⁹² Nota-se que para a narradora *trabalhar* seria incumbir-se de tarefas como arrumar casa, passar roupas e que fiar, tecer, lavar roupa eram *serviços* necessários, mas não trabalho.

85. Lemb[ro] [da BR], nós viajô muito na istrada de chão aqui ó. Nói' vinha lá do Barrer' Gran[de], depoi' da Rancharia aí pra Catalão, vinha 'qui pa Pires Belo, que minha minina morava aqui, istrada de chão, ieu lemb[ro] quan' cumeçô. Quan' cumeçô fazê a BR, né? Muita gente, nossa! Aque[le] trabai' memo, p[ar]a ... Muita gente, nossa! Aque[le] trabai' memo, cê p[r]icis' de vê. E, e[u] passa...eu passava lá a[l]gum dia, qu'eu passav, lá aigum dia. Miorô, né? Ficô mair mov[im]entado só puque é pi[ri]go[so], dá mui[to] 'cidente, muita coisa, né?

86. É, e[u] morava na roça eu vinha na cidade é de três em três ano, três e quat[r]o, em quat[r]o ano. Vinha, eu, nós pegava condução, carona. É, num tinha ônhibus, nós andava quat[r]o quilôm[etros] pa pegá o carona [as]sim, depois tinha...Depois tinh'ũa ta...vortava, se num pegasse vortava, ficav' lá o di'intero, depois tinh'ũa tal de jordinera, aí nós pegava a jordinera e ia pa Catalão, depois 'té tinha que pegá carona. É, [a jardineira] passava to[do] dia, Campo Alegre.Uai, [ia] consurtá [na cidade]. É, consurtá, comprá a[l]gum pano, comprav' [aque]la[s] pia de pano [as]sim, e rancá dente, fui muitas veiz. Uai, vindia poico, ô algũa galinha, ô à veiz quando el[e] tinha gado el[e] vindia gado, quandi tinha gado, né? El[e] vindia aí eu ia comprava pano, ia pra rancá dente, rancava, arruma[va], arrumei den[te] duas veiz.

87. Tinha muitos vizim. Bão, os vizim, né? Não, era bão, lá na Rancharia os vizim tudo bão e, lá no (...) nói' num tinha vizim não, era os vizim mes'...mais pert'aqui é Pires Belo, né? Agora, aonde eu morei catoze ano a vizinha era boa, só tinha uns três vizinha só, mais tudo boa. É, nessa fazenda de cá, lá de asfalto. É, Cabicera D'Água, nós morô lá três ano. Mais eu ficava mais era 'qui. Lá mais era el[e]... Naquela da Cabicera D'Água.

88. Casa [era] de chão, né? É, e[u] já morei em casa de capim. De chão, era bão, né? A gente era...Pare[de] de pau-a-pique.Uai, ia pon' os pau assim e fazen' a parede, punha o

bardram¹⁹³, é. Não, de cumprido, punha bardrano, fazi'aque[le] coxim na bardran' ia pon' os pau assim ó, ispetan' assim e fazen' [a]que[la]s parede de pau-a-pique. Não, só os pau mesmo. Depois invarava, barriava, passav', punha barro, né, e barriava e casa de capim, eu morei só nim ãa de casa de capim, o oto tudo er'de teia. É, de teia. (...) [Perigoso] Dimais uai, era pirigoso, muitos quemav'. A criança punha fogo, né? Quemava tudo....É.

89. Tem [saudade] não, eu acho hoje tá mió. Tá, hoje e[u] tô com os fii criado, e[le]s mim ajuda, né, ieu passei muita dificuldade de primero [as]sim, o (...)ficava lá p'as roça, eu ficava 'qui c'as criança tudo istudan' depo[is] assim, custoso, né, tadim. E hoje eu sinto mió. Tem saudade daque[le] passado não. Era sofrido, né? Agora, hoje tá bão, né, graças a Deus. Ainda, trabaia, el[e] tá tocan' roça. E[le] vai e vort[a] to[do] dia. El[e] toca roça e vai to[do] dia. Lá no Foimos[o]. Eu num tem saudade daquel[e] tempo não. Era muito sofrido, né?

90. Ago' lá do da onde eu morava, lá no (...), e[u] tem saudade. Uai, puque a gente era mair nova, né? Os fii 'tava tudo junt'. Não, tava isparramado, ãa ficava em Brasília, a ot'aqui, as fia trabaia em des[de] novinha, não, mais eu acho mió mesmo é hoje. Hoje que tá bão. (*risos*).

91. Nunca pude aposentá. Pode, mais num tem jeito não, é puque nós é casado no civil, diz, né? Tem nada, é por idade, né, fia? Uai, intão vamo' ficá sem casá, casá só no padre, né? Se eu fos[se] casada no padre e[u] já tinha 'posentado (*risos*).

92. Não, [a]güent[o] [trabalhar] não, só sirviço de casa mes[mo]. Divagá, é. Só ago' lavá ropinha, barrê terrero, cunzinhá, né? Num é sirviço de fazê na carrera [as]sim, por ixemp[l]o se eu fô impregá eu num [a]güent[o], né? Sirvicim de casa memo, que a minina mim ajuda, né. [Ela] Trabaia [a]qui memo.

93. Inda ficô [um] po[uco]...É, ãa vida [as]sim na cabeça [as]sim, né? Se eu alembrá...é, e[u] já sei cumo que é nossa, cum'é...Falo, aí eu falo. (...) Num tô trabaian' hoje não, e[u] dexei pra is[so] hoje memo. Pa nós cunversá, né?

¹⁹³ Variação de *baldrame*, viga de madeira para a sustentação de paredes.

5 – 4NM80(?)

1. Foi dia vinte e sete de abril de mil, mil e novicentos e vinte e quat[r]o. É, no distit[r]o que chama Corgo Fundo. Fica do lado do tal Val dos Ferrera, à direita do trevo Davinopi'¹⁹⁴. Trevo Davinópi' entra à, à direita. [Com] dois ano, mudei po tal Ôi d'Água¹⁹⁵ aqui. Fica aqui prá baxo do Pires Belo. A[í] eu vivi foi vinte e seis ano. É. Qu'eu casei cum vinte e oito ano. Mudei pos Pire¹⁹⁶, lá perto da onde meu sogro o sinhô (...). Daí mudei lá pro po (...), fiquei lá um ano lá, daí voltei po po Ôi d'Água t[r]aveis¹⁹⁷. Fiquei lá dois ano, aí mudei prá [a]qui, Pire' Belo. Saí de lá num lembra, num lemb' nada lá.

2. Ah! Lemb', noisi mixia cum lavora, né? Tocano roça direto lá e...É, prantava milho, arroiz, feijão. Não era mais que era só po, só po gasto. Uai é só pa, mes' prá, prá nós de casa lá, nós era, nós era oito irmão e...plantava aí um...coía, à veiz sobrava algum poco de arroiz, feijão assim, e vindia, né? Nós tocava lavora, guardava er' quarenta saco de arroiz só pa, pa cumê. É muito. Feijão. Ah! nós pagav'...Sabe cum'é que pagav' cumpanhero? Um ia trabaiá ganhava era, gan...trabaiava um dia pa ganhá ãa rapadura...Um...gan...ganhav' um, um lit' de mantega por dia, agor' já pensô? Tinha [dinheiro] nem! Num tin[ha], num curria dinheiro não.

3. Pran[tava, ma...matava capado lá e e e guardav' tu[do] na, inlatava tudo na lata, carne, tudo era na, dexava na mantega. Uai puque fritava a carne tinha pô na mantega, se se ficá só a...fora da mantega ela perdia, né? Ah...cumia er', nós, carne cumia era de frango puque num, matav' capado er', veiz matava um capado grande el[e] ficava um mês, dois mês sem matá capado, cumia, aquel[a] carne 'cabava ia, cumia era carne de frango.

¹⁹⁴ Davinópolis é um dos municípios goianos com que Catalão faz divisa, como se vê no mapa “Localização do município de Catalão”, em anexo.

¹⁹⁵ Olhos d'Água é uma das comunidades rurais de Catalão, conforme se vê no “Mapa das comunidades rurais de Catalão”, anexo a este trabalho.

¹⁹⁶ Comunidade rural de Catalão, vizinha do distrito de Pires Belo.

¹⁹⁷ Juntura vocabular de *outra vez*.

4. Matava, [no Olho d'Água] era todo mêis matava um [capado]. É mu[i]ta gente. Ma[s] matava capado tamém é de seis arroba, sete, oito arroba. Não [usava óleo]. Era só a banha de porco. [Se não tivesse] Aí, comprava porco magro e punha ingordá. Que diara tinha mii, [por] ca[u]s[a] que que e[les] fal' paiol, né? Inchia o paiol de mio e comprava porco e punha fech...fechava no chiquero e ia ingordan'. Quanto, quan' tinh' o...dois porco gordo já já tinha comprá mais, mais porco pa, pa pô ingordá que sinão matava um, num tinha oto, diara tinha capado gordo no no chiquero, matava um inda tinha um chegan'. Semp' tin...tinha que tê.

5. Foi vinte, vinte e seis. Foi, vinte e seis ano foi pa casá. Casei, mudei lá pa pa perto do meu sogro, o sinhô (...). É...Fazenda Pire'. Ah, nó[is] foi uns, ma[is] o men[os] um dois ano. É. Namorava mais era, num tinha esse negóc[io] de abraçá não, era namorad[o] ficav' de, cunversava cum el[a] assim de de longe. Foi nói' dois que entendeu, os os pai' aceitô o casamento e marcô. Ah! Gen' à veiz namorava. Dan...dançá dançava. Ia nos baile assim ó, ia nos baile na nas roça que só pas roça que tinha baile e era festona, né? Igual hoje, vai na roça num tem ninguém...

6. Tinha amigo dimais. Nói'. Alemb' nós ia, ia no, nos baile, quan' quan' sabi[a]...quan' tinha um baile na na roça aí ó, logo gente ficav' saben', as as moça (*risos*) já mandava avisá nós ô, ieu já cunvidava os os amigo. (...) Ah! Tinha as, é...a fi...tinha as, tinha as, tinha ãas fia do (...) que er', o (...) era, prim' pri...era primo sigundo meu, tinha as fia del[e], nós er' tud' era era, tinha amizade. Não, num, num podia i[r] junto não (*risos*). Era, era difici'. Ia com os pai ia. Os pai' ia levav' e[la]s.

7. Ah! Er' um hôme', el[e] er' do ôi azul, baxo, mei', parece que 'té er' mei' careca, né? Num tem lembrança direito. Cê cunheceu el[e] não, né? Cunhi...Cunhici o irmão del[e] também, né? Alemb' quan' el[e] ...morava nos Pire' aqui, num ô¹⁹⁸ num alemb' direito o lugá que el' morava não. Cunhicia el[e] mai' num sabia onde que el[e] morava não.

¹⁹⁸ Variação de *eu*: *eu* > *ô*.

8. Ah! 'xô vê¹⁹⁹, eu ale...alemb' algum caus' assim gente é, alemb' do tempo quan' que nós cumeçô o Pire' Belo aqui tinha o tal (...). Er', cumeçô premero que que mudô prá cá foi (...). Cumad' (...) feiz ãa casa aí, pôis um um buteco, né? Aí cumeçô, daí el[e] pegô vendeu prá oto, daí vei o um tii meu, ti' (...) que e[le]s fala, qu'el[e]...daí vei o (...).Foi ano', is[so] foi na época de, ah! Ach' foi mil novecen', mil novecen' e quarenta e cinco mais ó men'. Foi uns, ficô uns três ano'. Daí el' vendeu pa vendeu p'aquel[e] (...), fii do(...). El' morava aqui na, na Serrinha, prá baxo. Er' mais ó meno' ali no...lemb' ond' é que era, mudô mûto aqui, agora...El' er' ali perto do, aqui prá, é prá cá, mai' prá cá, ali pert' do do, pert' do (...), ali. É, na rua de baxo. Foi o foi [au]mentan', daí vei, quai[se] que era povo da roça aqui que ia, só gente cunhicido. Daí duns temp' prá cá qui pegô vim gente istranha aí. Mais istranha. Não 'qui é, chamava er', tratav' aqui é currutela (*risos*). Daí foi, passô pa Pires Belo. É é tomém tinha o nome de Venda, primero era currutela, daí Venda. “É, vô na na lá, nas Venda.”

9. Vez em quando tinha briga. Já vi ãas quat' ô cinco morte, já vi. Num ti[nha] num tinha gente 'sim, tinha brigão assim mai' bibia cachaça e ficava mei' tonto, brigav' mai' er' briguinha à toa, né? Briga de cachacero. É, um cado eu cunheço, cunhici. Lemb[r]o, mais eu num num gen' num po[de] falá não. Num po[de] não.

10. Brincava. Brinque[do] nosso era saí matan' passarim de de bodoque, bodoque, istilingue, saía ...mininada assim saía pos mato matan' passarim. Que tinha mûnt' passarim. É inhambu. Ah, um bodoque é um, cê faiz um pauzim e faiz um arco, 'marra dois cordão [as]sim oto [as]sim e e e mata o pa...e e mata o pasarim. Cê nunca viu isso não? Istilingue. Ah! [bodoque] Parece um, é um pau cumprido assim e gen'...É tip[o] dum arco. Gen' pe[ga], pu[xa], pega, gen' lavra el[e] de lado de lado dexa o o lugá da gen' pegá assim e ma...marra ãa corda assim, a corda fica isticada. [A]go[ra] [a]li põe ãa maia qu'e[le]s fala, um...Uai, faiz um, tece um um ãa um cordão ali no mei' ali pa pe...pa pô a pedra, né? Agora cê, cê cê dex' o

¹⁹⁹ Variação de *deixe-me* (ver) > *deixa eu* > *dexa eu* > *dexa ô* > *dexô* > *xô* (vê).

a o arco mei' mei' torto assim isticado, ago' cê põe a pedra ali e e arma assim e joga no Passarim, matava. Mei' torto assim que a pedra passa beran' assim, ó (*risos*) abe...aberan' o o pau. O pau, né? A pedra passa mais por cima. Machuca, se num subé vai no dedo. Eu tinha um irmão que num errava nem. Ah! Daí, pegá num passarim mata. Ah! Daí passô pa faz... é rumá istilingue e largô do mais o bodoque, é istilingue. Inchia ãa capanga, um ãa sacolinha de de pedra, né, e saía matan' passarim. [A sacolinha] Er' de de pano. Era as muié que fazia pa gente. E[la] tin...e[la] punha tiracolo assim ó, tinh' ãa cordinha, pindurav' inchia e[la] de pedra aí. Ah! Saía brincan' de pos pos cerrado, socá nos barrancado. (*risos*) Corgo...E a gen' brincav' dimais no corgo, ia tomá bãe, ia, 'ranjava uma turma de rapaziada aí, rapaizim e ia po corgo tomá bãe. Tinha mu[i]ta água. Ah! Era, era pirigos' ma' o rapaiz num importava cum is[so], num tinha medo nada, né? Sabia tomá bãe, nadava. Ah! Foi cuns ... uns deiz ano em diante qu'eu peguei an...andá ca cas cons rapaiz, né? A turminha. Ah! Foi, nói', sab' nó[s] trelava a...duas cabaça e punha na cintura assim pa 'prendê nadá (*risos*). 'Prindia que a cabaça num afunda, né? Aí tirava, tirava ela e nadava suzim. É fundo. Pescava! Ah! Mai' achav' mió er' tomá bãe. Ah! Tinha é...sem[pre] é os domingo.

11. Mei' de semana tav' trabaiano. Minin' de deiz an' já tav' trabaian'. Trabaiei muito. Quant' é piqueno é na inxada, capinano. Pai, os irmão. Ah! Num [brincava], o pai num dexava não (*risos*). Ah! Tin[há] que trabaiaá. Eu num sei contá s'eu era custos'.

12. Ah! A minina num sei de que que e[la]s brinca[vam] não. Ah! Os pai num dexava as minin' o o o minin' hõm' misturá com as minina muié de jeit' nenhum.

13. Foi difici' que trabaiaava dimais, diara. Não, tinha mais mai' o meu pai gostav' que trabaiasse, é quiria era fazê futuro, né? Ah! Veiz em quan' meu pai comprava um pedaço de chão...Tive de herança, né? É aqui no Ôi d'Água. Não, daí eu vindi. Foi praz' dum dois an' ô, foi, num chegô dois an' eu tiv' um fii. Três. Foi em setenta e dois [que a esposa faleceu].

14. Uai noi'...aí eu fui crian' os minin', trabaian' e daí as mi...as minin' a (...) tomav' conta da casa, já é piquena maisi já sabia trabaiaá, né? E o (...) também, tudo istudan' e e trabaian' também, o trabaiaá e iscu...istudav' 'té mei' di', mei[o] di[a] pa tarde trabaiaava. [Estudava] Era na roça. Nos[sa], foi difiçu. E a a minina foi istudan', daí, e o o (...) também, quan' passô ãa firma aqui ta...trabaian' na istrada aí ele impanô com e[le]s aí e foi trabaian' até passô pa sê to...topógro[fo], até hoje el[e] inda é. Trabai...trabaia de topografia. Hoj'el[e] hoje el[e] é, el[e] trabaia de topografia mai' el[e] só vai na na obra lá pa fotografá as obra lá lá e levá pos ingenhero. El[e] toma conta de três rodovia. To[do] dia el[e] tem que an...andá. El[e] mora em São Paulo, estado de São Paulo. Matão.

15. [A filha] É diretora. Da iscola é. [O outro] Faleceu. Faleceu cum, indeus que el[e] nasceu foi duente. Ele, só dan' trabaio...foi sofren', inda inda durô vin...trinta e seis an' ainda. Nos[sa]! [sofri] Dimais.

16. Não. Ah! Casei, arranjei ãa muié mai[s] num deu certo, aí, falei: "Não, ficá suzim mesm[o]". Ara...já tem vinte, el[a] casô tá cum, sei se é vinte e quat[r]o ano'. É ca...é casô e ficô moran' cumigo, né? Daí pas[sou] e[la] a mo...morava nãa casinha rúim daí feiz essa casa aqui, passô, miorô, passô prá casa e dismanchô a ota.

17. Ah! Gente alemb[r]a da da da tu...a turma que gente, os cumpanhero pa gente...tem sodade é da da turma de, dos cumpanhero, um cad[o] já morreu. Era os amigo, né? Ah! Têm, têm uns que a gente alembra mai[s], mai[s] tudo é...que era amigo [da] gen[te] ma[s] tem uns amigo que a gente parece que alembra mai[s], né? Ah! Se fos[se] pa voltá de novo, gent' queria tá aquela vida, a gente era mais novo, né? Alembrá daquel[e] tempo que a gente soltero ia nas festa,né? Junto co'a turma, né? Agora gen' vai fican' mai[s] véi já já um...já muda, já diferença tudo, né? Uai, que hoje é os amigo vai isparraman' tudo, gen' fica, tem amizade aí mais é, já é diferente, já já num é aque[le]s amigo antigo.

18. Ah! É, os [tempos] antigo parece que era, era mió. Uai, puque os minino morav' na roça os minin' istudan' vinha de a pé, num tinha num tinha condução pa vim, tinha vim é de a pé to[do] dia pa istudá, aque[le] trabaião doido, aí eu peguei falei “Ah! Dá mai[s] certo é gen' mo...morá lá.” Volto prá cá ô trabaiaava lá e vinha, à noite eu vinha prá cá. To[do] dia. É, eu vim po[r] ca[u]s[a] dos dos minin'. Que tav', ficá pert'²⁰⁰ da iscola.

19. Não, num tinha, num ti[nha] nada qu'eu achav' rúim não que a gen' gente alembra quant' era, morav' na roça a gen' achava bão, na roça. Ah! Aqui tem dia que tem é barui dimais. É só [isso que é ruim], mai[s] já acostumei aqui, acho bão. Tem, tem a maquininha de sovete eu trabaí' com ela aí. Sô [aposentado].

20. Não, era nossa. Semp' teve, toda vida, teve, teve terra. Meu pai, meu pai nunca trabaiei, num dia eu trabaiei na terra dos oto maisi nós tinha terra. Não era cultura. [Cultura] É terra de mato, né? Tem o mato, roçava, fazia, fazia a roça e...[Roçá]É cortá aque[le]s pau que tem...aque[le], cortava tudo e quemava, né? E plantava a roça, né? Plantava mantimento, o arroz, feijão, mio naque[la] terra. Cortava de machado. Tinha, ho' que dipois que secav' punha fogo. É fa' roçado, tem o ro... Tem o roçado pa quemá. Quant' e[le] secava quemava el[e]. À vez ficava algũa moita que num quema' dimais, num, ti[nha] que picá [a]que[la] madera lá, 'juntá e que[imar], pô fogo. Ah! Hoje tem que que põe, mand' o, vai de tratore, dismata tudo.

21. Uai. Era diferente o povo num ti[nha] maquinare, trabaia[va] tudo er' manual, cortava os pau, dirrubava tud' e quemava, fazia roça. Ah! Se num quemasse gen' num jeit' de de fazê roça não que ficava aque[la] pauzera tu[do] sem quemá, né? Ti[nha] que quemá. Ah! Hoj' é o, hoj' é, é mió hoj', é o chão arado, né? Que e[le]s ro...roçava aque[le] mato, ago' daí o mato ia ia prantan' ia acaban' aque[le]s toco daí, agora, agora e[le]s já passa é o arado ali, já ranca aque[la] tocaria tudo e ara, faiz a lavora, chão arado.

²⁰⁰ *Perto*, neste caso, refere-se ao tempo de os filhos irem para a escola, que se aproximava.

22. Não, tinha não, no começo num tinha, num tinha negóci[o] de ará não, daí que passô. Não, só [plantava] se fos[se] roçado. Campo num pu[dia], num prantava, camp' num num tinha valor nenhum, hoje que tem valore que hoj' e[le]s, os campo quai[se] val' mais que o mato. Ah! Pudia prantá 'té deiz ano'. É, tem corgo, semp' tem que tê corgo, começa o roçado na bera do corgo. Aí punha capim, né, e formava, punh' o, fazia pasto, né, po po gado, né? Daí se qui...daí dipois de de tá em pasto quisesse fazê lavora t[r]aveiz aí já é no arado, né? Tratô...Primer' era arado de boi. Uai, punha, o arad' é, tinha pe pegav', ficav' coma assim e e 'marrava ãa junta de boi, né? Daí passô arado, arrumô ota, ah, mudô prá tratore, né? E era tratore. P[r]icisa [de dois]. Um, um pa, um no, no cab' do arado e ot' puxan' o, o boi. Ah! Que o arado era, se laigass' ele el[e] caía, el[e] era, ti[nha] que...

23. Ah! Num sei ixpricá cum' é que, cum' é que paricia. Paricia ãa pranta, negóci' de prantadera, cê num, cê num sab' cum' é que é a prantadera, né? É de, é de ma...não, tinh' o, a prantadê...que tem a prantadera tamém de, gen' sigurá no cabo dela assim e i[r] prantan'. Tinh' a carpidera. Prá capiná, prantava os mio tud'inruado, né? E passava na rua ali puxan' o cavalo ali e um siguran' a carpidera e capinava ca carpidera. Capinava. Ah, capi...passav' a carpidera daí ãa aque...a, daí ãa, tiran' aque[le]s talão que dá intrimei ali na na carrera do mii, fica ãa tirinha, né, capinav' ca inxada. É, pert' do pé do mii, é...é uns talãozim que fica no, no, no, pert' do pé do mii. Não, [a carpideira funciona] só a cavalo.

24. É é ...tinh' ãa que prantava puxad' a cavalo, daí, daí e[le]s inventô otas puxad' a a tratore aí pa...tinha, prantava mu[i]ta carrera de, de mio, de arroiz [as]sim. É é vei vo...'voluin' mai[s] prá cá, né? Era ca inxada, covano. Fazia o buraco assim e punh'...e e e punha o mio. É, cova por cova. Ia covando na, no chão tamém ia covan' tamém e, pa prantá o arroiz e, covav' com o cant' da inxada assim e...E punha o arroiz ali e tampava. Aí era gente, carqué um hôme. Ah, p[r]icisa [de mais de uma pessoa]. É, ot' que pranta. À veiz tinha fazia, uns trê[s]...uns três covan', três prantan...cada um, um um covano e um prantano, o oto covava.

25. Ah, é uns, uns trinta cintímetro. É. Não ma[s] dá mais, é uns quarenta cintím'. Dũa cova na ot'. É [as]sim, ó (*gestos*). Dois, dois palmo. Não, o mii era um...um met' de largura. É, pa frente assim e dexava ãa rua, no mei' pa capiná. Ah, puque ficá jun' dimais e[le]s, e[le]s afina, né? Fica finim o mio, tem ficá mai[s] largo. Num é igual arroiz não. É o pé do mii fi[ca]...el[e] co'es[se] finim, né? Num num dá ispiga que presta. É, tem ficá [grosso]. É, xô vê, pranta...ah! Um seis meis. É, seis mêis el[e] tá [bom para colher]. Demora. Uai, gente le...leva el[e] po paiol, põe e[le] no paiol lá e vai, e põe os porco no chiquero e vai, to[do] dia vai tiran' o mii lá e cascan', jugan' pos porco. Não, tra...galinha...Vaca também po[de] tratá. Ah! Po[de] fazê pamonha, fazê mingau. [A]inda gosto ainda, 'té hoj' nói[s] inda faiz ainda, vez em quando...Agora, o mii agora hoje tem comprá, né? Puque num pranta.

26. Ah, uns, den[tro] duns quinze dia dá ãa capina. Aí qu'esse vai...cresce vai, ho[ra] que el[e] tivé mai[s] grande, praz' duns, mais uns vint' dia torna dá ota capina. Aí, daí quanto e[le] tivé, hora que e[le] tivé penduano, dan' o pendão, queren' dá espiga, né, aí capina e[le] pa prantá feirão no mei'. É pran...Era, premero era no mei' agora hoj'em dia num pran... num pranta se prantá num dá nada. Num sei praque num...mudô a...É ho[ra] que el[e] tivé mais ó men', [de]pois dum, uns dois mêis que el[e] tá grande já, aí passa a capidera. Ajuda puque fi[ca], é, limpa, né? Limpa o mio aí o mi...aí o mii fica bunito se que se num limpá el[e], el[e] vai marelan' ali no mei' do sujo, né? Aí passa a carpidera e daí tin...[a]que[le]s, capina com a inxada nas cova ali on[de] fica [a]quel[e] sujo ali. É pranta o feirão. (...)Ho[ra] que o feirão madura gen' ranca ranca o feirão vai fazen' aque[le]s monte, ho[ra] que secá bate, ranja um panão, istende e põe o feirão [a]li e bate. Baten' cũa vara, né? É. Era vara daí passô batê, falá que chamav' pilungue. Uai cê, pega dois pau e trela e[le]s e vai baten' [as]sim, no feirão. É, [bate] encima do feirão, cum paia, né, daí, gen' vai...Solta dali, cum sol quente e[le] vai dibuian' tudo. Encim' do pano, daí vai bateno e vai dibuian' o feirão, daí tira a paia, joga fora e o feirão já fica ali no pano.

27. O mii tá em pé, se...seco, daí vai quebrá o mio. O o mii já tá seco. Ah! El[e] dá flori, né, daí dá as baginha, né, vai, bage vai crescen' e vira, e dá feirão nas bage. É, o arroiz ele el[e] e[le] c[r]esce e dá uns cacho, né? Aí gen' corta, vai cortan' o arroiz cum, tem o o ferro de de cortá o arroiz, cort' el[e] vai fazen' aque[la]s bandera, [a]que[le]s monte [as]sim, ó, e faiz um, um rancho ali, ô istende um pano e lá e põe um, um, um batedô qu'e[le]s fala [as]sim, ó. E põe põe encima, va...põe el[e] encima do pano tamém. É um jirau. Do jirau de de pau [as]sim aí vai pegan' os mói lá e baten' encima daque' jirau o arroiz vai cain' encima do pano ali, ó. Desse...desse batedô, es[se] tal de jirau, né? Aí bateu ali...Agora hoj' em dia, agor' já, tem a coidera²⁰¹, o arro...o arroiz tá em pé já vai ca coidera, vai...

28. Uai e el[e] dá só os ca...o cacho ali e já vem a, as frutinha ali c[r]escen' [a]li el[e] num,, gen' nuns vê flor não. Ah! Que el[e] vai sain...em em vê el[e] el[e] vai, premero sai a, e[le]s fala a burracha, tá imburrachad'. E daí el[e] el[e] cresce e e vai, a derradera fôia vai abrin' assim e vai apresentan' o pendão, o cachim do arroiz ali. Aí o cachim vai crescen' e o cachim vira, né? Daí...Pesa, e[le]s vai viran', daí ele vai maduran', vai marelan', ho[ra] que el[e] tá ma...madurim gente cunhece, né? Fica [amarelo]. Tem um cherim diferente. Tem quando o mii tá pinduano, vai dan' flor gente vê o chero diferente. Não. O feirão gen' num tem, num têm chero não. Não.

29. Ali ca...aí vai disto...vai capiná, capiná...Cortá o, a soca de arroiz e, e ajuntava e quemava aque[la]s, faiz [a]quel[a] aque[la]s paia de arroiz ia queman'. [Soca de arroz] É o arroiz, corta o arroiz fica [a]que[le]s toco, né? Daí capina, já tá dis...distocan' o arroiz, fazen' a distoca. É. Daí põe fogo. Mun...muntoa ali, põe fogo fica a roça limpa, daí fica isperano no temp' da chuva pa prantá traveis. Ajunta ela [a sobra do milho] tamém e quema. Não aí não, aí é, aí é as as cana de mio, a gente ajunta que, ago[ra] hoje num, hoje hjá num num faiz iss[o] mai[s] não, já caba de tirá ma...os o mio passa é o arad' ali e a e a grade ali cima ali e mistura

²⁰¹ Variação de *colhedeira*.

tudo na terra, tu[do] tá aduban' a terra aqui' ali serve de adubo. O arroiz quan[do], quanto ele fica bão demais ele c[r]esce, ele se vem ãa, um vento el[e] deita ali, fica, pa pa coiê, é custos[o]. Pá cortá ele.

30. Ah, é pomb[a] do band[o] [gosta mais de roça de arroz]. Ih! Aque[le]s band[o] mes[mo]. Vai também [no milho]. Ah! Punha minin' vigiava quand'o arroiz tava nascen'. Não [quando estava de cachos], num ajuntav' passarim quais[e] nenhum não. Quando ajuntava largava, passarim cumia lá mai[s] num num istragav' mõi não. A roça de mii não. É, ah! Passarim gosta mai[s] do arroiz. Agor' roça de mii tinh' é os papagai' que ajuntava, ia na nas ispiga e cumia mio, mai[s] num istragav' mõi nada.

31. “Palhada é a roça que cabô de coiê, largô a, largô a roça lá, vira pai[a]...qu'e[le]s fala paiada, né? É roça de milho, né? É só...é soquero [roça de arroz].

32. É três grão, dois, três [na cova de feijão]. De mii é cinco, seis. Arroiz é uns quinze caroço. É vai jogan...gente sabe vai pô, jugá no, pega assim mais ó meno', cai mais, ota ho[ra] cai men', né? Mai[s] gen' já sabe mais ó men'. [Se cair muito] Aí el[e] nasce muito, num presta, né? Fica rúim, tem que coiê mai...quan[to] mais poco mió. Ah! Parece que [a roça] dava mai[s] no trator. É no no, gente ará demais istraga a roça. Ah! [Com colhedeira] É mai[s] rápido, aí cói mai[s] ráp[ido]. [Des]perdiça mai[s] um poquim, mais é mai[s] mió de que coiê na na mão, e[le] men' siviço, né?

33. Ah! Não e, antes comprá de que de prantá, antes comprá o arroiz que prantá pa coiê, né? Do jei[to] que era. Uai que, cê vai pagá pião pa trabaiá, pa coiê ãa ãa um arroizi, dá pa comprá o arroiz, o dinheiro que cê vai impregá só pa prantá, pa coiê dá pa pa comprá o arroiz do gasto. Mió comprá o arroiz. Tem, tem fazê, comprá tudo.

34. Premero era, era de setembro, outubro, agora tá plantan' mai[s] agora, agora hoje pranta é novembro, dezembro. Ah! Vai 'té, o arroiz vai 'tê mõi[s] mõi[s] de abril, né? Abril cumeça a coieta de arroiz. Agor' o, o mii vai quebrá o mii é lá pa mõi[s] de junho.

35. Uai, ficav' [ocupado], ti[nha] tinha capiná dis...distocan', cortan', limpan' a terra pa prantá ota, né? Ah, é, ti[nha] batê pasto também, né? Que tinha, ti[nha] pasto pa pô o gado, né, mexê cum gado... Michia [com gado]. Tirav' [leite]. Ah! E[u] achav' mió é mexê cum cum roça que a gente é custumado de que mexê cum vaca. Tinh' ãas [roças] que era perto daí ota é mair longe, er' mais ó men' uns, um dois, três quilôm[etros] distância da roça. To[do] dia. (...) Noisi cuzinhav' na roça. Tinh'um rancho. Tinh'um ranch' lá, cuzinhav' lá na roça. Uai, fazi' um rancho lá e punha teia, né? Punha teia. Não, fazia de de de paia de baguaçu já feiz ãa veiz. Já feiz. Não, quand'er' mais per[to] levava [comida de casa], né? Quand' er' mair longe nó[s] achav' mió fazê um rancho e cuzinhava lá. É, ieu fazi[a]...cuzinhava tinh' os ot' irmão meu, ma[s] mais era ieu que era o cuzinhero. Er' mes' cumê que nós cu[m]ia, fazia no armoço cumia, fazia cedo.

36. Não, [a]í era minha irmã [que cozinhava em casa]. Arroiz, feijão, carne, de manhã ced'e ia ia (*risos*). Er' cumida forte. Daí ia trabaiá, né, daí a, er' a ma...era, e[le]s fa[la] tirá jijum, né? Tir' jijum²⁰² cedo, daí armuçava, inda inda tinha a merenda ainda tinh'o mai[s], mais tarde ali pas três quat' hora tinha ti[nha] biscoito, ô fazia arroiz doce.

37. Era, levav' pronto. Qué dizê, diara nós tinha, trabaiava mai[s] tinha dois, três cumpanhero ali, pião prá trabaiá prá nois, quai[se] diara. É um um pião pa trabaiá, né, um, ãa pessoa. Ah! É é meu mo[do] de de de falá, né? Que pião é um vai trabaiá pa gen' gen' fa[la]: “Ah! Hoje eu 'rumei um pião”. Ôta hora fala: “Arrumei um cumpanhero pa trabaiá prá mim.”

38. Ah, era! (*risos*). Arroiz er' lim[po] no, nós morav' na bêra, morav' na bêra de coigo [as]sim, tinh' o, puxava o rego d'água lá ti[nhá] munj...munjol, sabe que que é munjol, né? Um t[r]em...A água dispejava na na face da gamela, né, o munjol levantava, batia encima do do arroiz, ali ia até limpá. Limpava o arroiz ali, num tinh'e[ra] negó[cio]...num tinha máqui[na] de limpá arroiz.

²⁰² Referência à primeira alimentação do dia, o *desjejum*, também conhecido por *tira-jejum* e *tirijum*.

39. A ma...matula é ...é levá um trem de cumê, quarqué um, um biscoito, um um requejão, um trem, daí fa[la]: “Ah! Levá is[so] pa roça lá, tem levá a matula, sinão passa fom’ lá. Gen’ tá tra[balhando], capinan’, né, trabaian’, dá fome.”. (...) A merenda é, era ota, e era era meren[da], e[le]s falav’ merenda mes[mo], né?

40. Ah! Se el[e] num qué rece[ber], num, se el[e] num qué rece... recebê trama ninhã, num ti[nha] jeit’ não, né? É, o dinheiro, e[le] pegan’ o dinheiro el[e] compra o que el[e], compra o que el[e] quisé, né?

41. Ah, era! Nes[se] tempo era difiçu. Num num tinh’es[se] negoço, pr’ocê coiê na roça aí plan[ta] abobra, essa coize[ra] [as]sim num ti[nha], num tinha, num vindia não. É. Cumê mesm’, é as abobra madurava lá, tratav’ de porco. Uai e[le]s, e[le]s ia juntan’[a colheita]... venden’ o, um cad’ qu’e[le]s prantava, cuía arroiz, né? O que sobrava ali do gasto, do, de cumê e e vindia barato mai[s] vindia, né? No cas’ o os o caboco, os dono do chão pegav’ vindia e ficav’ siguran’ o dinheiro pa comprá chão (*risos*).

42. Gen’ fazia... Gen’ tinha, tinh’ ãa roça o o mato tava baxim e tinh’ otos queren’ capiná, a gente trocava dia, e ia na roça de[le]s ia, os vizim ia tu[do] lá, trabaiaiv’ à veiz deiz cumpanhero ia lá capinav’ a roça dele. Gen’ marcava um dia pa vim pa gen’, e[le]s e[le]s vinha pa gente, gent’ gent’ ia, trabaiaiva gente e pagan’ os dia, trocan’ dia, com oto. Ah! mais esse aí a gente tava trocan’, tava pagan’ um dia de sirviço com o[utro] dia de sirviço, né?

43. Falav’ dimão, muti...fazia mutirão, né? É mesma coisa. Marcava aí um pa...e[le]s falava: “Vô fazê um mutirão pa tal, prá sábado”, aí aque[la] turma ia lá e capinava a roça dele, quand’ era de noite e ia dan’, ia fazê, aí era o, a festa, né? Na casa del[e]. Ma[s] o... quand’ er’ mutirão er’, parec[e] que era mais gente, né? Um mutirão era, falav’ falav’: “Tem um mutirão, vai vim, e tem pagode, tem.”. “Ah! Antão eu vô” (*risos*).

44. Ah!...Quand’ er’ dimão ia po... ia poca gen’, né, num num dá pagod’ não, mai[s] quand’ er’ mutirão já era mũa gente, né? Aí e[le]s já falava: “Aí, mutirão lá tem pagode?” “Tem”.

Ah! Gen' saía da roça ia imbora pra casa, ia arrumá, e quand'er' de noite...De noite nós ia pa dançá.”

45. “A treição é [as]sim, cê, se tem um que tá cum as roça no mato lá, né, e os os vizim ia lá e cumbin[am], falav’: “Vam’ vam’ dá ãa treição no no fulano?” “Ah! Vam’”. Aí e ia chaman’ os os vizim tudo mair num contava ele não, quand’ er’ de noite chegav’, chegav’ de madrugada lá, o caboco à veiz inda tava durmin’ ainda, e[le]s chegava e gritava el[e], el[e] quand’ el[e] levantava tav’aque[la] cumpanherada lá tu[do] de de inxada. Ago’ el[e] num, falav’: “No[ssa]! Mai[s] num tem, num arrumei nada”. O o dono da treição já ’rumô tudo: mantimento, trem de cuzinhá, tudo. Aí, é. É, madrugada, aí e[le]s já, o dono, o dono do mu... do mutirão já falava: “Não, intão vai lá no pasto bu[sca], matá ãa vaca.” Matav’ vaca aí... pra tratá do povo. Ia [muita gente]. Õa veiz e[le]s deu ãa treição no meu pai e[le]s deu ãa treição,o irmão, o irmão dele que deu ãa treição no meu pai, juntô mais de cinqüenta pessoa. E a e aí, daí a, a minha irmã deu o, treição na na minha mãe também de fiadera, foi ah, ãas oitenta fiadera. Tá doido! Quan[do] foi de noite foi ãa festa, tá doido! Nossa Senhora! Quan’ foi de noite foi a festa, o pagode. Dançô ’té o dia ’manhecê, daí e[la], a casa era grande, daí e[le]s fechô a casa e foi dançá den[tro] da casa lá, daí foi, armuçô. O di[a] intero e e até ho[ra] do armoço, armuçô e foi... armuçô daí que foi ’bora. Nossa! Fiô muito! É. Ah, era, era animado. E[las] e[la]s arrumava algudão, né, e[la]s daí, já levava o algudão tudo, só fiá, né? É treição parece que o povo tinha mai[s] animado. Que num tinha treição se que num tinha festa não, era, é à noite era o baile. Toda treição tinha que tê. E e e o povo fazia treição assim é puque era muito amigo, muito cunhicido. É às vez fazia mais de ãa treição por ano, assim, fazia na casa de um vizim, na otra casa, fazia, um. Ninguém contava não quand’el[e] acordava o povo tava grintan’, fazen’ barui lá na porta dele (*risos*). É pessoa que tem muita amizade, né, e pi... e tá p[r]icisan’ do, de fazê um sirviço e num e e a roça tu[do] no mato, né, e e[le]s fal’: “Vam’ dá ãa treição no, no fulan’, naquel[e] hòm’.” E e ajunta os pião e vai,

cumpanherada. Ajunta cinqüenta pessoa, capina a roça tudo. Termina cedo ainda. É muita coisa. Faiz batê pasto também. Ah! Agora quair num tá ten' não. Gen', povo num, mexe cum lavora só a maquinário, né? Quair, quair tod'ano tinha.

46. Ah, um cado, um cado [dos companheiros e amigos] mudô pa cidade. (...)Vai mudificano, né? O povo vai mudan', né? Num sei praque. Mudá por cas' do dos minin' pa istudá. Ah, não, quiria não [continuar na roça] (*risos*). Ah, não, ficá lá, suzim lá é rúim dimais, né? Eu já custumei aqui, acho bão [no distrito]...brincá c'ũa caxetinha. Ah! O que eu acho mai[s] rúim [aqui] é aque[le], é aque[le] som, som alto. É aque[le]s baruião de som, aque[le]s, que[la]s música diferente, hoje, hoje e[le]s, hoje a rapaziada gosta daque[la]s música que a gen' nem nem intende que [a]quil[o] tá falan' (*risos*).

47. Primero gostav' daque[la]s mús[icas] sertaneja, né? Agora já, já tem muita mús[ic]a que é boa, né? Ah! Vai fican' véi lairga daquil' tudo. Tinha tinha veiz que cantava quan[do] gen' tava junto cum a turma riunido, né? Era, cantava com o cumpanhero, que tem, tem que sê dois cantan'.

48. Tinha, mai[s] num é igual hoje não ti..., tinha mũa duença mai[s] o povo tratava er' cum reméd[io] de roça mes', da roça, num tinha, i[r] na farmaça não. Dava ãa gripe aí da...a rumav' reméd[io] na roça mesmo, tomava. Ah! Tem, tinha tinha mũa duença que duicia num num tinha cura, né? Hoje em dia caboco sufria ãa apinicite num tin... num num negóci' de ope[rar], tin[ha] que operá, murria sem, num sabia que que era ia até morrê. Agora não, agora a duença aí vai, vai pa, po médico e[le]s fala: "Ah! É ãa úrc[er]a, tem que operá". Opera sara, né?O apenicite tem operá, opera que sara, agora hoje, hoje o e[la], e[le]s opera a pessoa, el[e] sara, e primero não, conforme a duença murria sem, sem recurso. Ah! Tem veiz dava gripe, né, dav', tomav' reméd' e sarava. [Antes] Ah! Era negó[cio] de úrc[er]a, dava ãa úrc[er]a no no is...no istongo, né, num num tinha num tinha negóci' de operá. Ia até morrê.

49. Já, vi falá, já vi gent' inchad' lá na cama lá até morrê, é. E[le]s falav': "Morreu de dupisia²⁰³". Ah! Ia inchan' tu[do] 'té...(gestos). Deformav' tudo.O corpo intero. Falav': "Aquel[e] é, aquel[e] num tem cura não, tá tá sofren' dupisia." Ah! Cumeçava do, a pessoa ficav' amarela assim, pegava inchá, e[le]s falav': "O caboco tá tá sofren' dupisisa, ah, não, se tive intão num tem cura não."

50. Não, num num tinha [câncer] não. Daí, cume[çou], part' de ano prá cá que pegô aparecê es[se] trem. Às veiz tinha o povo num sabia, né? Duícia ia 'té morrê sem sabê que que era. Achav' que era ota coisa. (...)Eu já cunhici uma muié que deu à luiz um... ach' que o minin' iscapô e ela, e e[la] morreu. (...) Ah, ia, criscia sem i[r] no médico. (...)Ah! Foi mais velho já. Eu [tinha] a ida[de] de de quinze, quinze ano eu acho qu'eu nunca tinh'ido no médi[co] não, acho que não. Ah! Ia ia no dentista pa quan[do], o dent' tav', tav' pegav' duê (risos) ia no dentista.

51. Usav' mais er' remédi' de casa. Alemb' tin...tinha negó[cio] de fedegoso, tinha... tin... tinha muitos remédi' de roça assim, da da roça. [O fedegoso] É pa gripe, né? Um ramo, rancava e[le], fazia raiz, da raiz 'massava e fazia o chá. Ah! Num num tem gosto, é mei' margoso. (...) Tinh'um tal de mané jacinto, tamém, ess' é pa... Bão pa quem tá com istongo²⁰⁴ rúim, el[e] é margoso, né? Ah, tem... xô vê s'eu alemb' de oto remédio, é o boldo. É, tamém é tu[do] de horta. Reméd[i]o de campo tem, tem o cravinho...Velano...Velan' cum cravinho, tom[a] el[e] junto é pa, é bão pa curá quarqué um ãa duença aí que veiz um, e e igual igual el[e] ho... hoj'o o povo toma remédio, o cravim mais o velan' é é bão po sangue, né? É limpá o sangue. É do campo. Tinh'um tal chape[u] de coro (risos). Dá ãas fo... ãas foiona grande assim, ó (gestos). É, aquil'era era reméd[i]o tombém. El[e] dá baxim [as]sim, ó (gestos). Eu num sei prá que que era, sei que er' remédio, mais eu num sabia prá que.

²⁰³ Refere-se à *hidropisia*.

²⁰⁴ Variação de *estômago*.

52. Do campo tem mangava tem gabioba, né? Piqui... Ah! Tinha mûta frutinha, pitanga...É, baquipari, né?

53. Tinha, paca. Paca, cutia. Matava. Não [era de bodoque], era tiro. Cachorro, gen' punha cachorro e, num era tempo do Imbama²⁰⁵ não, que agor' num po[de] matá, né? Num po[de] não. Capivara não, el[a] é aqui num tinha es[se] bicho. Lontra tinha. Lontra, pegadô de galinha, né? Nôir morav' na bêra de corgo lá, de ve[z] em quando matava um. Tinha ema, tinha sariema, tinha, do campo tinh' é viado. Tinha, tem o tem o matero, catinguero que e[le]s fala e e o viado gaiero. O gai... o gaiero tem mûto chifre, tem um, e[le] sai o chifre [as]sim e sai [a]que[la] gaia, chifre to[da] gaia, gaiarada de chifre, cê inda num viu não? Quais[e] igual o catinguêro, a diferença que el[e] el[e] é maió. É no no nos mato tomém. O gaiero também é grande, esse dá é é ne ne²⁰⁶ campo. Mais é no campo. Aqui, aqui nem num tem de[le]s, el[e] aon[de] tem de[le]s é n'otas no n'ot[ro] país, aqui num cunheço del[e] não. Cunhe[ço].Eu vejo del[e] num televisão. Mar num cunhe... num cunhici el[e] não. Uai, argum lugá tem no Brasil tem dele, mais é, eu num...Do ma[to] tem é, tem tem guariba. É macaco, mico. Mico, mico e[le] parece um macaco, só puque el[e] é miudim. (...) del[e] num pode [comer] não.

54. O tatu tem também. Tem tatu galinha, tatu viado, tatu canasto, canast' é grande. Tatu teba. Tatu galinha é é el[e] é miudim, tu[do] piquenim. E tatu viado é é grande. E o o oto tatu, qu' é o teba, da cabeça mais chata. Es[se] [o canastra] é grandão. Um bichão assim, gent' num... esse eu num, inda num vi del[e] não. Vejo só o buraco dele, o buraco del' é um um mundo véi, que e[le], que e[le], e[le]s faiz buraco igual esses ot[ros] mais só puque é grande o buraco. Ah, dá. O tatu vi... o tatu galinha é ma[is] mais iscuro, e el[e] é miudim. [A]gora o tatu teba é com' o tatu viado, é é ma[is] [ou] men' tudo, quais um jeito só, mais é, tem a diferença, que o teba é da cabeça chata. [O tatu teba] É iscuro, [as]sim, core, quai[se] da cor dessa porta [as]sim, mais claro. [Tatu canastra] é mei amarelado assim, gen' vê gen' vê o o retra[to] dele,

²⁰⁵ Refere-se ao IBAMA, órgão de proteção da flora e fauna brasileiras.

²⁰⁶ Variação de *em*.

inda num vi dele inda não. O maió del[es] é o é o tatu canastro, es[se] que é o grande. [O menor] é o tatu galinha. É, tem o bolinha, é o é o mes[mo] galinha. Esses bolinha, tatu galinha diz que num po[de] [comer] não. Diz que e[le]s, el[e] el[e] el[e] sofre ataque, diz que el[e], se cumê e[le] pode fazê mal, né? (*risos*). Uai, num sei, que e[le]s fal[am] que [g]en[te] num po[de] cumê el[e] não, [a]go[ra] os ot', os ot' pode.

55. Inhambu, juriti, pomba do band', tud' é gen' matava, rulinha. Um um maió é o mutum... É. Mais gostos' qu'eu acho era inhambu. Inhambu é do tipo de juriti, pom[ba] do band', só que e[le]s é el[e] e[le]s num num avôa iguale os ot' passarim que avôa no ar assim, só avôa [as]sim, se a gente ispanotá el[e] aqui el[e] avôa aqui e vai ... e vai assentá lá na frente, el[e] num tem...possibilidade de i[r] avuan' toda vida não. Num sei, el[e] num tem, el[e] num tem rabo pa ajudá avuá. El[e] avôa maisi só um pedacim assim e cai no chão traveis. Sai, ele avôa e assenta no chão e sai corren'. É o inhambu. A jaó mema coisa, né? Ela avôa mais é... assenta lá na frent' traveis e a e amoita, pelej' pa amoitá. Tem [rabo] não. Ah, puque o inhambu é mair piquen' e o jaó é grande, mais iscuro também. Dá tu[do] no mato. (...) Es[se] [o jacu] é é el[e] é preto, parece mais é urubu do que...Ah! Parece puque el[e] é preto, né? É grandão. Es[se] es[se] dá é já [a]que[le]s band'assim, veiz acha a turma de cinco, seis, tudo junto [as]sim. E[le]s avoa assim e assenta no, vai assentan' um per[to] da ota assim e vai 'bora. (...) Saracura é é el[e] é mei' azulada, dá na bêra de corgo, né? E[la] tá, avoa só o pedacim tamém, avoa e cai lá na frente, né, e já sai, e[le]s gos[ta] saí é, e[le]s gos[ta] de an... saí é correno. Mata, [n]o bodoque, no tiro. (...) [Teiú] Lugá de carn' e tem gosto de carn' de peixe. Diferença [para o calango] que o tiú é grandão, né? Ma[s] é do mes[mo], quais[e] mes[mo] tipo do calango. É só puque ele é grandão.

56. Tem a manteiga do, da capivara, né? Es[se] é, diz que é remédio.Uai, e[le]s fala que é bão pa quem sofre, pe[rece] que é dor na perna, [as]sim ãa de rematismo, diz que passa a a man...a manteiga de capivara, diz que é bão, né? Ma[s] eu nunca passei não. Manteiga de tatu

tamém diz que é bão. Pô os pingo dela assim no no re... no no chá e bebê tamém, quem sof[re], diz que quem sof[r]e asma, bronquite, é bão a manteiga da, do tatu, diz que é bão.

57. Ah, na bêra de corg' tem é, tem mûto é mûto, aque[le]s musquito burrachudo qu'e[le]s fala. O pernelongo também, tudo. Chupa a gen... a gent' tá bêra do ca... na bêra do corgo vem, assenta na gente e chupa a gente.

58. Ah! Tem é cobra, né, tem, iss[o] tem na na bêr' no, nos mato, né, na bêra, nas roça. Tem é surupião²⁰⁷. Ess' é, cê já viu surupião? É um bichim cumprid' assim ele ele e[le] sem... inrola o rabo prá cima assim ó, vai corren' como ali se a gen' pisá nele el[e] bate o ferrão na gent ali quais[e] igual ãa cobra. Brabo, [o veneno] é brabo. E[le]s gost' dá é na na nim monte de maderá, aque[le]s pau véi, [a]que[le]s trem [as]sim, dibax' daque[le]s pau véi ali, mon[te] de de tijolo, veiz el[e] tá mexen' ali, el[e] el[e] sai ali. Infia [o ferrão].

59. Hoje, ah, tá tem mais é é esses inseto que dá, que dá essa essa feb[r]e braba, come que chama, a dengue, né? Primer' num, tinha poco, agor' tem dimais, na nas cidade, né? Ah, ti... tem um, tem um musquito que dá na bêra, aí no São Maico²⁰⁸ diz que tem del[e], el[e] é, el[e] chupa num num lugá assim que cê tá, chupá na perna no braç[o], vira ãa firida, né? Ah! Isquici o nom' dele. Sei que el[e] dá, el[e] onde el[e] el[e] morde el[e] ferroa ali vira ãa firida ali e...pa tratá é difiçu.

60. Tem, na roça tem ãa um um pau que o fii meu num po[de] passá dibax' da da somb[r]a dum dum aro... aroe... da aroerinha qu'e[le]s fala, basta passá dibax' del[a], el[e] dá e[le] dá, impola o corpo todim. É, aruerinha dá alegia no na pessoa.

61. Já vi, já vi mûta gen' que foi [a]que[le]s que fica pica[do] de barbero el[e] dá a chaga, né? Antigamen[te] tinha, fazia [a]que[la]s casona de de adobro aquil[o] ali num num era reboca[do] direito e juntava barbero ali, aque[le]s que a, tem uns que veiz chupava os oto num

²⁰⁷ Variação de *escorpião*.

²⁰⁸ Um dos rios do município de Catalão.

tinha nada ma[s] tem uns que é afetad²⁰⁹, né, chupav' já dava a chaga na pessoa. Antigamente ti[nha] mûta chaga, ago' hoje num tem mais que o, num tem iss[o], quai[se] num tem barbero mais, né, quai[se] num tem chaga não, mai[s] lá e[le] e[le]s joga remédio, mata, né? Consom' e[le]s.

62. Ah! É, já, eu vi, e[le]s falava mûto a [a]que[la]s casa véia, né? E[les] falav' que er' assombrado, mai[s] num eu nunca vi 'sombração não. Ah, eu quedito²¹⁰, antigamente eu quedito que tinha 'sombração, agora, hoje parece num tem mair não. Antigamente parece que tinha puque o pov' contav' cas' de 'sombração, tinha mesm'. Ah, e[le]s falava que “Ah! Lá é assombrado, chega lá... gen' chega lá vê barui.” Vai vê num tem, num tem nada.

63. Alembro qu'eu, um tii meu tinh'um tinh'um, ele ele passava, tinh'ũa estrada passav' no mei' do mato e e[le]s falav' que lá era assobrado, aí ele, el[e] lá ia passan' de a cavalo e e vei um um bicho urran' lá e vei lá de den[tro] da mata lá e dav' [a]que[le] urro lá e vei vei chegan' e ele ho[ra] el[e] viu ele, aque[la] aque[le] vulto assim ele foi e a atirô el[e] de revorv', né? Deu o tiro nele e ele tá urran' mato abaxo assim, ó, e quan[do] vai, e el[e] e el[e] saiu foi 'bora pa casa del' e num sabe cum'é que chegô na casa dele. E[le] num sabe que que era, qu'era, falav' que lá era assombrado e el[e] chegô foi pa, passav' passav' nas portera e e num viu chegá na cas' dele. Chegô e apiô do cavalo e e entrô pra dent[ro] el[e], ninguém sa[be] el[e] el[e] num deu nutiça de nada. El[e] num chego vê não, viu só um vulto e el[e] a vê, atirô el[e], né? De noite, né, ho[ra] que deu tiro o o tiro bateu foi o, vê... vei aquel[e], diz el[e] que a ixposição²¹¹ vei tud' no [ou]vid[o] del[e]. E el[e] sa[iu] foi corren' assim num. Aí num viu mair nada, cheg...quand' chegô na casa dele el[e] chegô chegô mei' dismaiad'e e[le]s num sabia que er'. Daí no o[utro] dia que el[e] foi dá nutiça o que... foi contá o que que era.

²⁰⁹ Provavelmente, o narrador refere-se ao barbeiro *infectado* (*infectado* > *infetado* > *afetado*).

²¹⁰ Variação da forma verbal *acredito*.

²¹¹ Variação de *explosão*.

64. Era assobrado es[se] lugá, diz que era. Ago' hoj'em dia num ixiste iss[o] mair não. Eu ach[o] que não, num tem 'sombração mair não. (*risos*) Ah, eu querdito que não. Iss[o] foi um tii meu que, é, tii meu que contô. Irmão da minha mãe.

65. Ah, es[se] negóci[o] de centro isprito, né e[le]s vai e[le]s, eu acho que é isso. É, eu acho que é. Que tem mũa gente que trabaia no centro isprita ali e e tira [a]que[le]s trem.

66. Não, eu já iscutei um tal (...) ond'e[u] morava el[e] falô que lá tinh'um um trem que subiava lá e lá el[e] ia che... Subiav' em roda da casa assim el[e] num num via nada não. Aí um dia nós, foi eu, um irmão meu, nós foi ãa turma lá passia lá cum poco el[e] pegô subia, vei subian' pertim assim mai[s] noir num viu el[e] não, noir via só iscutá só o subii. E el[e] falava: "Aquel[e] subii lá n'é n'é²¹² gent' não". Num vi não. Iscutei só o subii. Aí nós foi 'bora.

67. Já, não, on[de] nói[s] morava lá no no Ôi d'Água lá na bêr' do corgo, do o[u]t[ro] la[do] tinh'um morrão de pedra lá, quand'é de noite nós via saí aque[la] tocha assim [a]que[la] [a]que[la] luizona assim aces'assim e e fica... e e el[e] caía no n'oto n'oto mato [as]sim. Caía lá e[le]s falav' que era mãe de oro, né, num sei que qu'é isso.

6 – 5NM66

1. [Nasci em] Dezoito de janeiro de mil novecentos e trinta e sete. Não, foi aqui mesm'. Na zona rural. Eu lembro purque dipois de um cumpanhava às veiz até buscá partera eu já busquei, né? Partera. Tinha 'té as mulhé que fazia os parto. Só ela e a mulhé. Fazia e semp[re] podia tê arguém pa ajudá mar mais era ela. Aque[la]s mulhé véia sempre que fazia esse seiviço. A rente buscava a cavalo, num tinha hora, às veize i[a] de noite. Então hor' que pricisasse ia. Buscava na garupa. Não. Num era [família]. Às veiz num era não, tinha aquelas mulhé que sempre tinha esse dom né? P[ar]a partera. Hum-hum! [Nasci de] Partera.

²¹² Juntura vocabular de *não é*.

2. Vivi. Semp[re] vivi na...na zona rural. N'aqui, nasci aqui, vivi no município de Ipameri, mas semp[re]...toda vida na zona rural. Eu dev' tê vivido de uns oito ano lá mais ô meno. E a zona rural de Catalão. É...[diz] mais é fazenda né? Num fala zona rural. Antigamente ninguém falava, né? zona rural. É na roça. Eu mor' na roça.

3. Comecei muito cedo a trabalhá na roça. Uma brincadera é di[a] de domingo, né? Tinh'os minino que brincava. As brincadera era caçá passarim...de istilingue. Ota hora...jogá pião...Era essas as brincadera. Não tinha esses brinquedo de hoje. Não tinha um jogo de bola...Quas[e] num tinha. Era isso. (...) Tinha colega. Eu incrusiva²¹³ tinh' uns três colega que era amigo...de brincadera. Morava [perto]. Dava di[a] de domingo ficava o di'intero pos mato brincan'...toman' bõe' nos raberão²¹⁴. Bão. Tinha perigo tinha né, mas num tinha ota opção. Criava naquele costum'. (...) Às veiz tinha gangorra. Õa taba, uma cerca de curral...uma taba cumprida...um sentava dum lado e o oto do oto... E i[r] cima e pa baxo, cima e pa baixo. Brincava muit'assim...as reza que tinha muita reza, terço, principarmente na quaresma, fazia novena. Brincava de corrê um atrar do oto e...essas brincadera né, [a]que[la]s noite clara, ficava naque[le]s curral, naque[la]s fazenda. Tinha muita fazenda...grande né, de...num era tão grande a criação de gado mas tinha aque[le]s curralão. Ficav' brincan', corren' inquant'os véi tava rezano, às veiz ninguém nem ia na reza, tava é brincan', corren', né? Só minino hôme. Essas brincadera, só os hôme. As minina num brincava não. Elas tinha as brincadeira delas, né?

4. Eu tenho cinco irmão. Nós sam' cinco...é comigo, né? É. É. Eu tem quatro. Eu sou mais novo, o caçula. Três...irmã mulhé. Não. É...num brincava não. Nossa vida era bem...puxada. Trabalho. Era assi'...Judava às veiz fazê a farinha...que era o ram' que tinha né, da roça. O cumerço era muito fraco. Naquele tempo num tinha um jeito de fazê um

²¹³ Variação de *inclusive*.

²¹⁴ Variação de *ribeirão*.

dinheiro... Às veiz, e[la]s foi fican' mocinha, picisava dũa ropa. Tinha que tabaiá pa, ajudá a mãe, né, fazê uma farinha pa vendê, pa comprá. Ganhá vida pesada.

5. (...) Tinha um respeito pos dia-santo. Não tabaiva puque os dia santo era guardado. Muito respeito. Podia sê castigado. E[le]s falava muito. Muitos contava caus' que aconticia castigo né, se tabaiasse, vam' supô, no dia de São Bento era pirigoso uma cobra te pegá...Uh...eu sei de muita história acontecida, assim, sabe? Agora, a gente num sabe se era mesm', né, puquê tinha de acontecê, né? No momento eu num tô lembran', que é muitas, as lenda que o povo contava, né? Num lembro. Num tô lembrado, agora, no momento.

6. Ah! C'uns cinco ano eu já ia pa roça. Às veiz...às veiz num tabaiava, mais ia, né? Tinh' um irmão mais véi, nós ia os dois...Depois na base de sete, oito ano, era na roça direto, né? Tabaiava no mei' da turma de cumpanheiro. Nós num fazia do tan[to] dum hôme, mas ia os dois pá fazê por um. Pá ganhá o tan[to] que um hôme fazia, di' intero. Era pesado. É. Nós ia. Tinh'um negoço de capiná po[r] rua, que se fala, beco. Nós ia os dois num beco pa dá conta, pa saí co'as rua... Aí pa ganhá um dia, né?

7. Tinha. Usava num era tanto, mas tinha muage de cana, que era um siiviço que tinha muito, no tempo da seca, usava muito, né? E era sofrido...Puique naquele temp' fazia muito frii...mêis de júim, julh' até agost' é frii, né? Fazia frii, caía giada. Num usava calçado, às veiz... num tinha. A gente num tinha cundição de comprá. Aquil'os pé chegava a duê, ficav' vermei de frii, né? Moia[do] no gelo. Começava na madrugada, uai! Três, quatro hora da manhã, levantava, né? A cana, aquilo tava branco ali. Nem! No frio que tava!...Ia muen', carregav' o bagaço pa jogá fora, aquele trem moiadim...a garapa. Tão, de veiz em quando tinha que pará na bêra do fogo, güentá pa...güentá. É esquentá. Ah! Sintia...arhh...durmicia tud' né? Ia buscá boi, os boi tav' deitado, cê ti[nha] que pará, os pé tava duên' de frii, né?...moiadim de sereno! Os boi andav', cê pisav' onde e[le]s tav' deitado, tav' quentim. Tinha muit' [engenhos] a boi. Ah...que tocava cum água era muito pouco. Mais era boi n' ingem de pau.

Pocos ingem de ferro. De longe cê iscutava... a cantiga dele. Ele dav'um estalo na... Ele tem, os uns dente, um [en]grenage[m] de madeira. Uma entra na ota [as]sim. Fazi'o barulh[o]... De longe cê iscutava. [Eu] Trabaiava muito. Deude²¹⁵ pequeno. Era...por dia. Era por dia.[Ganhava] muito poquim. Muito poco. Num tem nem jeito. Cê qué vê? Eu vô vê se eu lembr'. No uma... veiz qu'eu tabaiei baten' pasto. Eu ganhava...que hoje vam... sab' que cinqüenta centav'... Naquele tempo, era mirréis...que falava, né? Sab', eu num acho que, eu e meu irmão, nós ganhava um e cinqüenta, e ...vamos falá que é um e cinqüenta, hoje, em centavo era o valor que nós ganhava. Tinha que trabaiá. Num tinha serviço. Naquele tempo num tinh' opção d'ocê ganhá dinheiro. Sirviç[o] era poco, né? Era poco. Muito poco.

8. Num era [barato]. A gent' acha que er' mar²¹⁶ barato, mas cê ganhava poco, né? Comprava ropa, às veiz. Nór tabaiô um veiz, quinze dia pa comprá um terno de ropa. É. Uma camisona cumprida assim... usava...e[le]s falav' gandola. Vige Mari[a]! Er' uma moda [da]quel[e] tempo! É. Aquil' é se quisesse ganhá um dinherim, né, tinha que sujeitá. Cê ia fazê o quê?

9. Cê plantava a cana, né? Dipois, cuidava dela...Ela dava na primera, no primero ano, ela já dava corta. Aí ia pa corta. Cortava a cana, cê tirav' um dia, dois, cortava...que naquele tempo num tinha um mei de muê muito por dia. Cê muía um car[ro], dois carro de cana, car' de boi...Carregava merm'! O car' chegava ficá aberto, né? Era tarefa dum dia. O carrero ia, buscava ota viagem punha no ingem pa manhã cedo. Ali cê cabava caquela cana. No ôt' dia a cana já tava no lugá. Cê pegava de madrugada né, pá sobrá tempo de i[r] lá na roça buscá ota viagem ou duas viagem. Dependem' do ingem, né? Do tanto que consumia... Sempre era o mesm' carrero. Ele carriava a cana e mei que, vam' supô, muía, ficava três, quat[ro] no ingem pa apurá aquele melado, fazê o açúcar, o rapadura, que o açúca é mais demorado. Fazia

²¹⁵ Variação de *desde*.

²¹⁶ Variação de *mais*.

mais é rapadura. E o carrero cabava de muê, ele pegava os boi, o carro e ia buscá mais, né? Picisava mais cana pa pô lá no ingem pa num faltá. Pa no oto dia cedo cumeçá de novo.

10. É, garapa. Tirava a garapa, tinh'o cocho pa onde ela curria, né? E...depois ia fervê ela pa...cuava o di'intero. Cuava. (...) Era pura. Pura. Firvia. Tinh'os tacho de cobre. Muito tacho. Muito grande. Fazia uma casinha pa pô as...os tacho. No ingem ficava de fora, num tinha casa. Às veiz fazia uma casinha de capim, por cima, pa num moiá, né? No temp[o] da chuva pa num istragá, pa num pudrecê a madera, que tinha balanças. E a casa do ingem er' separada. Ali a garapa curria, cê fazia uma biquinha, do ingem ela caía naquel[a] biquinha. Ia po cocho, do cocho pos tacho. Não [carregava]. Já tinha biquinha. Tudo de madera. Num tinha nada... Era [madeira]. Aí el[a] caía. Só o tacho [não era madeira]. Caía no tacho... Folgo. Era semp[re] três tacho. Um tava apurano, os otos dois tav' cumeçan' a fervê. Cê passav' aquel[e] pa frente on[de] ti[nha] mais fogo e punha ota garapa fria naque[le]s de tráis. Temp[o] todo. Demora. Demora. Acho umas três hora de fogo... mesm' pa apurá. Fogo alto. E sob'...el[a] subia, né!? Cê ti[nha] que batê direto cum a...pra num derramá. E clariá, tirá aquel'iscuma que era a impureza da cana né, pa num ficá mui[to] preto. [Se não bater] Fica feia, fica preta, né, dipois do melado... Dav' muito gost'. Depois qu'o melado dá ponto, ia co'ele p'um gamelão...pa batê, pa virá a massa pa...informá a rapadura.

11. Is[so] semp[re] tinh'os carpintero que fazia [as vasilhas], né. Er' gente da roça mesm'. Só dipindia da cidad'os tacho, né? O res[to] tudo era feito lá mesm'. As muenda do ingem, ti[nha] [a]que[le]s carpinter' que fazia. Tud'. Amuntava²¹⁷. Dexava pronto. (...) Se ele [o plantador de cana] tives[se] cundição...que num era... Os pob[res] num tinha cundição qu'e[le]s num tinh' um car', num tinha boi, né. Num tinh'um terren' pa prantá a cana.

12. Do mesm' melado [fazia rapadura e açúcar]. Só cumo...no fervê ele, el' era mais frac'um pouco, o mela[do] mais ral[o]...Tirava, punha nos gamelão, dexav'isfriá, dali el'ia p'uma

²¹⁷ Variação de *montava*.

forma. (...) Batia el'. A foirma dum tip[o] dum cocho de mad...de taba e por bax'uma abertura piquena. Ali punha el[e], el[e] no melado gros[so]. Vinha, punha barro por cima, um barro branco. [Pegava] Nas bêra de...barranco de corgo, né, punha, ele i[r] istilan', o melad'ia descen' e fican' só o açúca den[tro] da...daquel[a] foirma. Aquel[e] melad[o] que caía parav' ele pa fazê a cachaça. Incima [do melado]. E ele isfriava, o melad'isfriava, a [a]çúca[r] saía limpinha, num tinha nada. Er' açúca...istilava, né!? O melado saía, ficav'açúca. [Saía] Por esses...abertura que ficava no fundo.

13. O багаç[o], naquel[e] temp[o], num tinha muita criação de gado. Ma[s] o gad[o] cumia, né. Os boi que tabaiav', ficav' o dintero incima do mont' de багаço cumen'...Durant'aquel[e] praz' que tava parado, e[le]s ficav' ali cumen' багаç[o]. Servia pa fazê um isterco, se el[e] fosse numa terra, adubava né. [En]tão consum' era poco, num tinha...(...) Fazia rapadura. Vindia. O consum' da rapadura era pra tomá...fazi[a] café. Ninguém tinh'açúca cristal. Num ixistia. Às veiz ixistia açúca de foirma, né, que nós falava. Mair a rapadura era cunsumida. Fazia doce, fazia tudo. Era mais fáci. Rapadura dava men[o]s mão-de-obra. A rapadura rindia mais, qu'el[a] num iscurria, né? Agora, muitas veiz num tinh'o 'lambique pra fazê a ping[a]. Pirdia [a]quel[e] melado que iscurria d'açúca. Aquel[e] perdia, né. (...) [Pinga] também. Trabaiei sim. É. Aí. É, aí ia co'el[a] pa...pô el[a] pa fermentá, né, que lev'uma tantas hora. E[le]s cunhece. Tinh'um negocim de me... de midi[r]... a fermentação lá, se tives[se] bõ ia p[ara]o 'lambique...fe[r]vê. Aí, saía né, a pinga, separada. Ela firvia ... tampadinha. É o suor, que é a pinga. Esse é mai' difici. Rende poco. Mais toda vida era mió pa vendê a pinga. Todo mundo buscav' nos 'lambique. Tinha caboc[lo] que lá mesm' ele deitava. Ia buscá e num dava pa [caminhar?]...

14. Tinha [outros serviços]. Às veiz fazia uma cerca de arame. Também, fazi' is[so] tudo, né. carriá, tabaiav' no candiero o diintero. (...) poco dos boi. [Um candieiro] É pa chamá os boi. Cê vai na frente, chaman'. Ele a...o boi aprende, te cumpanhá. Diintero na frente. (...) Aonde

que chamá ele vai. É. Cunversan'... Às veiz, o boi chifra na bunda, tem veiz qu'imbaraç' o boi, fica cansado, inxergado. E [tem] o carrero, né. O carrero é que manda... nos boi. Ele é que comanda a boiada. O candier' tá na frent' pa chamá, né? Vamo supô, uma istrada, cê vai, vai, cê fala, cê cham' o boi. Ele te cumpanha. E o carrero tá lá na, cumo fosse um motorista pa... mandá. De pareia. O diinter'. Às veiz... se a istrada era boa, eles pudia subi no car', né? Mais, de parei' o diinter[o]. Cansava. Era cansativo carriá.(...) Às veiz tinha mais atividade que rente²¹⁸ fazia com os boi. Daí já num era, rastava [u]ma tora, fazia serraria. Era chama[do] de carretão. Aí era o carretão, é duas roda cum mesmo e[i]x[o] cunforme fosse um car'. E[le]s punha um... uma peça de madeira por cima, pa pô a tora. Ela ia de rast'. Vam' supô, um pé dela incima ia rastian'... Levav' pá serraria. Carretão.

15. [O carro-de-boi] Cumeçava, por exemp[lo], as roda era feita a... tinha carpinter' que fazia né? Ia po mato, serrava, naquel' temp[o] tinh'uma serra que chamava divin' pião. Era na mão, de dois. Cab[o] um lad'e ot', serrava a madeira. Ali tirava a roda, dividia em três parte. E é o meião, é o centro; a ot[ra] cê fura pa co... colocá o e[i]x[o]. E as cambota, é as otas parte pa redondá. E dipois a chapa de fer[ro] pa prendê... a roda. Dipois vem o e[i]xo, os cocão, chumaço. Depois vem a mesa, né, que é feita de... por três ou quato parte. O cent[ro] é o cabeçai, né, é onde leva lá na canga os boi. E faiz de taba, o forro, que é a mesa. Fura pa botá os fuero, pa istera qu' é feita de taboca, o[u] bambu. O fuero, cê fura e coloca, lavra uns pau ali, is[so] corta, no ma[to] tem as colidade²¹⁹ boa que num quebra. Uma média. Num é muito grosso não. ... Mais o meno e põe ... Fai[z] deve sê doze fuero, o car', dá a volta... pa podê sigurá a carga, né? E se fô a carga de milho, por exemplo, na ispiga, põe a ispiga... A istera fica, trança ela, marra ela co' as corda nos fuero, põe por dent[ro], amarrada. (...) Faiz ela ca... tece ela no chão, faiz ela de cumprido [a]quel[e] trem cumprido e depois dobra ela assim, verga ela e põe. (...) Tira ela. Tira. Se quisé aí carriá uma madeira, por exemp[lo], tira ela. A

²¹⁸ Variação de *a gente*.

²¹⁹ Variação de *qualidade*.

madera é só nos fuio²²⁰. Mesm' pa carreto de milh[o], essas coisa, coisa mair miúda. Pa num caí. (...) E aí vem a riata, que se falava né, dos boi. É canga, cambão, canzil. Já é nos boi. A canga põe no pescoço com os canzil pa sigurá a canga no pescoço atráir da cab[êça]... do chifre ali pa num i[r] pa frent[re] nem pa tráis, e marra por baxo. A cordinha que marra po[r] bax [o] cham[a] brocha, pa brochá o boi, e vem co'os cambão fazen' aquel[a] fieria de na...de pau, no meio pa pend[r]ê, pa pend[r]ê uma junta de boi aqui, prende a ota lá, põe a canga num ot[ro] vai e prende. E assim por diente. É a...tem a canga de coice. É, a...canga de coice é dos boi de trasera. É que vem no cabeçai, tem um peça de madera que chama chaveia. Soca na corda que marra na canga e vem e passa a chaveia travan' pa de...de jeito qu'ele num volta pa tráis. (...) Uai, eu num sei porque que é [canga de coice] ...Que o boi de coice é...os boi da trasera, o cabeçai, né, chama boi de coice, e[le]s é que sigura o carro, é a função de[le]s, entendeu? É uma discida por exempl[o]...e[le]s é que sigura, desce de rasto. O carrero tem cum[o] brigação de iducá eles. Bate, ele istica o pescoç'assim e num dex'o car' descê liger'. Agora os boi de frente, mais é pa puxá, né?

16. O máxim' é doze. Se passô de doze, comprica, é muito, né? Às veiz carriava até cum sete junta...que uma junta é doir boi igual que catorze boi, mair é muito. E óia é...se...é oito boi, deiz pra tráis. (...) Tem [nome]. E[le]s tu[do] tem nome. E atende. Leva [tempo]. Pega pa amansá quand' o boi é brabo, é novo, marra, tre[i]na. Primero tre[i]na com a corda, fura o chifre, pass'ũa argola e passa uma corda [no chifre]. Quand'ele é de c[h]ifre. Às veiz é boi mocho, e[le]s pass'uma corda no pescoç'e ter[i]na. Chama trela de boi...Trela e dex' e[le]s andá. De dois. Aí ...pá aprendê. E[le]s aprende andá de pareia. Já é um cumeço...da mansação. É cumpanhero [sempre]. Às veiz, um não tem...dev' tá costumado trabaiá com o parcer' dele, põe, ele istranha, né? [Trela] Solta no pasto. Fica muito tempo. E ali ele custuma, né? Às veiz, se...ele rebenta a corda, cê chama por nome, o boi já ...aprende, pa

²²⁰ Palavra de pronúncia e sentido dúbios neste trecho.

ajojá. Fal[a] vam' ajojá os boi. É passá a corda no chifre. Ajojo. É uma corda; corta do co[u]ro e torce ela. Cham' ajojo. E a...às veiz rebenta. A brocha é do pescoç[o] po baxo, pa pô nos cansero pa sigurá a canga. Já no carro. (...) Sempre é o mesmo carreiro pa ele insiná o boi, né, a chamá, chama por nome, fasta, cê qué que o car' vai e fast', fal': "Afasta!" o boi fasta, aprende. (...) Depois tre...depois canga, né? Canga boi brabo, pula, tem que laçá, marrá no toco. Semp[re] põe, por exemplo, põe quato manso, põe aquela junta, braba, no meio, que is[so]...os mans[os] comanda e[le]s, rasto, né? Semp[re] c'amansa é assim.

17. [Carro-de-boi] Canta. Canta e muito bunito. A paxão do carrero é vê o car' cantá. Uai...é puque é apertado os cocão e o chumaço. O chumaç' é uma pecinha de madeira que põe entr'os cocão e a mesa pa ficá incima do e[i]x[o]. O cocão é...fura a cheda do carro que é aonde coloc'a mesa. É as peça principal. É a cheda, que vai de (?) fura e põe os cocão, é dois. Fic'uma abertura pa colocá o chumaç'e depois visti[r] incima do exo. Tem três cantadera um carro, duas dum lad' e a do mei. Ali e[le]s usava, às veiz, óle[o] de mamona, banha de porco pa passá na cantadera pa cantá. Ia pes[o] e cantava.

18. O car' manero num canta. É puque pesa. E canta bunito, né, tabachão é uma cantiga grossa, ele muda voz. Se el[e] tivé manero ele canta mais fino, se el[e] tivé pesad'ele canta... Sabe que tá pesado, né? E naquel[e] tempo tinha muito car' de boi. Num iexistia transporte de caminhão, nem nada não, era tu[do] feito...Tinha carroça. Só que num era de peneu como hoje. Era de pau a roda. Tinha carroção, [a]quilo punha cum boi, já foi uma invenção mais aperfeiçuada. A roda iguale de carroça, de raio, iguale carroça co'a (*incompreensível*), carriava cum quato boi. Aquil'...tem aquel' negóci...se chama oca...E[le]s dexa [sinal]. Um num sei assim os dia. E[le]s usa até pô um...tipo dum esse de fer', faiz e pará...põe uns prégo seguran'. Quale um infeito da roda, né? Nem todos. A ferrage dum carro tem chapa lisa, que us[a] uns preg[os] só pa prendê as chapa e tem de meia laranja qu'é muito prego. O rast[o] fica mair bunito. Na estrada onde passav' um car'-de-boi ela afunda, corta. O carro tava

pesado, cortava muito, né. [A roda] É alta, né? Às vez atolava o carro, ficav'o diintero pelejan' pa tirá, incravava, o oto num dava conta. Ia até tav'...incostá no exo.

19. [Carro-de-boi] carrega faxa de por exemp[lo], um carro de mii, que dá na base de quinze saco de sessenta quilo... vai dá quantos quilo? (...) É. Carreg' até mil duzentos quilo que ô...um carro de mii...já é caiga, mas, não é caiga pesada dimais pum car' não. [Carro de milho] É quarenta jacá. Um jacá de trinta e dois atio. O atii é quat' ispiga. É muita coisa. Carrega. Tem que tê mais boi. Por exemp[lo], carrega trinta sa[co] de arroiz, o[u] de feijão é mais pesado mem', mais carrega. (...)Ele é... el[e] anda em uma istrada bem mais ruim do que hoje. Que hoje num tem istrada carrera, mais, fair mui...tinha muito buraco, às vez tombava, né. Ah...não. Num machuc'os boi. Pirigos[o] se tivé vento ô tivê de parecia co' o carro, tombá incima d'ocê, mair tombava muito! Sobe num toco ô quarqué uma cois'e tomba, né? Iscapulia a exa, a mesa do...do...exo...quebra cocão. Quand'a viagem é longa e...e[le] quemava, pegava fogo nas cantadera. Ind'o cocão e a, e o exo. [A]li isquentan' tanto que pegava fogo. Tinha que tê aque[le]s preparado. Sempre o unto mió era banha de poico. Qu'e[le]s, untava, né? Acunticia de, às vez até quemá o car' se a pessoa num consinti qu'é madera, pegava fogo, né?

20. Eu nunca ajudei fazê. Já vi dimais. Muito. Tabalhei muito. Eu num era carrero mais era ajudante, né? Candiero. É candiero. Carriava lenha, às vez, pos ingem, né? C'a primera coisa do ingem era carriá a lenha, pô a lenha no lugá, né? [Conseguida] No mato. Naquel' tempo, tinha muita roça que roçava o mato, fazia, tirava a lenha, né? Puveitav' [a]quela lenha. Cortava tudo que, s'ocê ia fazê uma roça cê tinha que derrobá tudo, o mato, né?

21. Quat'ispiga. É o atii de mii, falô atraisi, cê ia às vez buscá um mii, fala traiz vinte atii, cê sabia qu'er[a] oitent'ispiga, né? [Um jacá] É trinta e dois. (...) Tem quarta...A quart'é vinte lit[ros]. Arroba! Arroba'é quinze quilo, né? Tinha peso assim, antigamente, pesav'uma lib[r]a, duas lib[r]a, quato lib[r]a é um quil'. É. Iss'era pes' que fazia em casa cum, às veizi

a...confiria, fazia de pedra, corqué coisa, [a]que[le]s pes' e[le]s fazia, né, co'essas balancinha feit'im cas[a], den[tro] d'água. Era o mo[do] de pesá.

22. Tem [outras medidas]. Midia braça que é...é dois met[r]o. A gent'ia trabaiá, pegava tarefa, chegava, falava: “Eu pego deiz braça, doze braça.” Era a medida, cê corta uma vara cumprida, uma pessoa mais ô meno mede na altura e mede assim. Fiqu'em pé e mede com o braço pra cima. Dá dois met[ros]...Er'as midid[as] pa tabaiá, pegá tarefa, né? Braça. Dois met[ros]. É. (...) Midia da corda né. Só qu'eu num tem mui conhecimento das midida de terra, cum'é qu'era, mais é mair ô meno, um tipo de hoje, né? Tinha [a]que[la]s pessoa que sabia fazê aque[la]s conta, né? O alquerão é duzentos metro quadrado, né? É o alquerão nosso...Agora, esses alquerim qu'e[le]s fala é a metade. É só mei alquero do alquerão, né? Mair, naquel' tempo antigo num falav' em alquerim não. Era tudo [al]querão, num tinh' essas midida não. O hectar', deiz mil met[ro] [quadrado] (...) Fala em lit[ro]. Falava. Falav' por exemp[lo], eu prantei deiz lito, vinte lito... Era muito lit' de terra...Pega mais do que um lit[ro] de...de semente. Pega mais. Num sei, a medi[da] de um lit' eu num sei cum'é que. Aí tem que fazê uma conta pa vê né, se um alquero...poque um alquer' num é só oitenta lito. Pega muito mais um alquer' de chão midido... no met[ro]. Pega mais que oitenta li[tros] de arroiz ou até de mii...Pega mais!

23. Usava muito naque[le] tempo, às veiz, fazê um rego d'água que é robá do corgo e...abri[a]...Fazia muito, que toda fazenda tinha, né?...Nas fazenda. Tinha limpa de rego, qu'era custos', isgotá coigo, brejo, em manual, que era duro...Siiviço duro! Os fazendero...Tirava lama...A lama...Capinava tudo, tirava aquele bar[ro] cum... que o rego jugava, rastava tu[do] pra fora...Tirava bem longe do barranco pa ele num voltá pa den[tro] da... Aquil'era sufri[do]. [A]que[la]s fazendona grande, né? [A]quel[e]s fazendero reunia o povo, os...tabaiadó. [A]quil' quand'o dia manhicia tav' todo mundo ali. Num tinh'esse

negóçu como hoje que vai sete hora, pega no siiviço não. Era iscuro. Chegava todo mundo cedim e só parava de tardinha.

24. Não tinha transporte pa carregá a rente... cê andava duas, três légua, que é seis quilômetro uma légua, né? Às veiz ô andav' dezoito quilôm[etro] pa trabaiá pos oto... A pé. Transporte num tinha não. E tinha que chegá na hora certa. E não parava. E o fazender' incima. Do ôi [a]li. Cê num podia pará...cê parasse um poquin, p[ara] às veiz pa discansá, ele chegava e...mandava. Ganhava poquim. A rent[e] tabaiava mais é em troca das coisa de cumê, que a vida era sofrida, num tinha, né?...À veiz cê tabaiava pa ganhá uma rapadura, que uma rapadura é...maxim' era quato quilo...Não tinha...mais...

25. Trocava dia. Chama troca de dia. Eu tabaiava c'uma determinada pessoa, depois ele ia trabaiá pra mim pa pagá aquel' dia. Era troca de dia. Era o jeito que reunia pa fazê uma...um serviço, né? E tinha o mutirão também, que era, esse era pov'...fazia mutirão, reunia o povo pa trabaiá, semp[re] mais nos dia de sábado, né? E ali juntava muita gente. Ali num...num...ninguém recebia nada por aquil[o]...Era foima d'uma [aj]uda. Às veiz dava treição. A treição é assim, é... Num contava aquela pessoa que tinha não, sabe? Chamava, arrumava tudo, aque[la]s pessoa que tava dan' a treição era...incarrega[da] de fazê tudo. E no dia, de manhã, de madrugada, chegava, cantava, dava tiro de fuguete pa assustá o...aquela pessoa...aí reunia todo mundo lá, pa tabaiá. Ali já ficava. Ficav' às veiz duas noite sem durmi. A primera qu'era pa reunião da... da chegada... pensav' chegá ...Par[a] noite intera. E aí tabaiava. De noi[te] tinha a festa, né. Semp[re] tinha. Tinha. Toda veiz tinha. Todo mundo achav' é bão, né? .Não [pagava]. Quem ia dá a treição tinha que [dar] pelo meno a primera comida ele tinha que tê. É tirijum. Nóir falava tir[i]jum naquel[e] temp'. Dava a cumida cedo.

26. Era aquel[a] comida de sal, arroiz, feijão e caine. Matava até vaca! Era farturento, né? Nes[se] mais era fazender' é que ricibia...essas. Que o pob[re] num tinha muita condição nem de se tratá, né, da pessoa, do povo. Então, dava comida, fazia a comida de manhã e depois

almoç' e de taide dava a merenda. A merenda semp'era um doce, biscoito, né? Aí, aí pra casa arrumá pa...pa vim voltá pa festa. Semp[re] na festa mais taide e[le]s dava comida. Dava muita pinga...Não pagav'e num recibia. Dava muita pinga... O pov' bibia, ficava alegre, achava bão. (...) Ajudei dá traição nos oto...Eu mesm' nunca recibí. Mais já tive o dia... [Mutirão] Já. Sem sê traição... (...) Desse tipo era obrigado. Mutirão também. Já fazia, aí a pessoa mesm' fazia já. Com ...O pov' já contava c'aquela festa. Pincipalmente o pov' novo, ficava doido que fizesse mutirão, traição, po[r] ca[u]s[a] da...da festa, né? Quas[e] [sempre] terminava. Quando...Tinh'as vez, acontecia de voltá, né? Num cabô hoje, nós volta amanhã...té acabá. Se num fô assim, por exemp[lo], uma roça, uma capina, limpava roça... acontecia de voltá até...dexá aquela roça...o...a pessoa livre daquel' siivço. [A comida] Era arroz, feijão, a caine, né? Àr vez a primera comida num saía muito...a gosto do pov' porque num tinha tempo. Era...Era traição...Agor' quand'era mutirão...aquela pessoa preparava, né? Fazia...muita. Doce, biscoito. Fazia muito. Tinha muita fartura (...) Ali, máxi[mo] nove hora poque depois tinha armoç[o], né? Um...é oito hora e[le]s dava comida. (...) Aí vinha merenda de tarde, né? Dipois do armoço dava a merenda e semp[re] e embora. Já era tarde. Ti[nha] que pará mais cedo que o povo jantava de noi[te], qu'era mais era a pé, né?

27. [A festa] Era só na base da sonfona e violão. N'era feito lá mús[i]ca, era feita por gente da roça mesm'. Que semp[re] poderia tê quem, né? [En]tão, 'quil' nem usava som não. Nem rádi tinha. Rar', muito raro um rádio. Achava bão, [tocador] tocava a noite intera às vez. [Eu] Às vez i[a] 'té p'um dia. No oto dia, o sol tava quente. Acunticia de ficá, armuçá naquela casa.

28. [Mulher]Ia. Fazia mutirão de fiadera. Semp[re] quan[do] tinha traição ô mutirão as muié arreunia pa fiá. Ia. Fazia. No mesmo dia. Na mesma casa. Então, era muita gente. [Homens] É lá pu...pa roça trabain' e as muié lá fian', né? Apreparava...Aquelas que era muié qu'era

incarregada da...do mutirão de fiadeira arrumava o algodão, cardava, já ficava tudo prontim, né? Aí nur²²¹ dia era só levá.

29. Usei dimais. Tud'algodão. Então, aquil' era pa consum' lá da...da roça. Fazia, tinha o mo[do] de tecê que chama tial. Fazia ropa, custurava, vistia, às veiz fazia num dia cê ainda ia, custurava inda ia no pagode ca calça ainda...camisa d'algodão, tudo. Tinha muié quente mesm' pa tabaiá. Tinha tiar...Só mulher.

30. Tinha mair num era com como hoje que cê vê caminhão chei de mulher levan' po sirviç'. Não. A muié mais era em casa, né? Sirviç' doméstico. (...) Tanto num tinha que num tinha, poca roça. Num era de muita lavoura igual hoje, que o povo era poco o consum'. Não tinha nem preço, né? Num tinha 'quela influência de prantá muito pa coiê, pa vendê. Não, num tinha preç[o], às veiz perdia aque[le]s que cuía muit'. Num tinha consum', num vendia, né? Então, as muié mais era em casa...É...mexen' com algodão, fazen' uma farinha. Era isso.

31. Tinh' época da vida tev' criação de gado mair não tanto como hoje, né? Criav' gado, criava animal, caval'. Tudo, né? Tinha. Semp[re] tinha tiração de leite, mair não fazia, disnatava o leite...um...a...negóc[i]o qu' é uma disnatadera... Separava o creme e tirava...O que ficav' era o soro. Era uma água branca, dura, né? Tirava a manteiga todinha... Vindia. Quas[e] toda fazenda tinha disnatadera. Aí cê ia pono ela, era e[la] tinha um cabo, é manual. Cê ia tocan'...E ali ia (*gestos*). Semp[re] dava pa porco, é o soro que[le]s falava, né? Tratava do porco. Criava muito porco naquel' tempo, ingordava nas fazenda, né? Pa consumo, pos pobre que morava ali, que às veiz tinha fazenda que tinha quinze, vinte...pessoa que morava ali, né? E o patrão é que sustentava, vindia...Cê trabaiava em troca daque[la]s coisa. Ele [o soro] era fraco. Às veiz tinha quantos fazendero que às veiz cê pidia um li[tro] de leite ele num te dava. Te dava um de soro. A manteiga já tinha. Soro. Ele é fraco. Ele é a água, né? A nata é ... vindia. Ia po cumerço vendê. É, creme. Aí depois e[le]s separava a manteiga, né?

²²¹ Variação de *nos*, comum em outras palavras.

Tinh'os proces[sos] de separá. Só que el' num era como hoje que o creme é mui[to] gostoso, ele fresquim, assim da hora que disnatava...cumê co' açúca!

32. Às veiz criava cabrito, carnero. Galinha. Poico. Muito. Criav' muito porco. Às veiz poico vindia, capado, né? Pessoa ingordava, transportava pra cidade no car'-de-boi. Às veiz levava um aqui no municíp[i]o de Catalão, levava pa Araguari que tá distante aí quantos quilômet[ros]! Levava quant', cinco dia,... car'-de-boi. Tocava o capado, punha na istrada. Aquil', quand'era tocado andava só de manhã e de noite que a vorta do dia esquentava. E[le]s num güentava. Deitava tudo, né? Tocan' (...) Num saía. Num saía não. Durmia tudo, a hora que chegava a hora de durmi[r] e[le]s reu[niam], juntava tudo, durmia tudo juntim. Ali na madrugada e[le]s levantava, punha tu[do] na estrada pa 'puveitá o tempo fresco p'e[le]s andá. Comia. Dava água, trato.

33. [Gado] Era tocado, né? Por terra. Num tinha es[se] negóc[i]o de caminhão, num tinha nada não. Só car'. Pudia sê a distância que fosse, tocada. É. Falav': "Invém a boiada. Ó o boiadero"... a invém, né? No poso, às veiz num tinha poso que naquel' tempo num tinha quas[e] cerca. E[le]s fa ... improvisava uma cerca de corda. Levava as corda, chegava num lugá, um canto, assim e[le]s passava uma cerca de corda ali, o gado ficava ali. Só que durmia, nem cumê el' num cumia, que às veiz er' pequeno, só pa durmi[r] arreunido, né? (...) Tocava longe. Buscava lá pa pa Bahia, Brasília, né? Travessava, ia pa Araçatuba, que é um grande criadô de, ingordava boi, né? Levava pa lá. Era quat[ro], cinco mês de de viaje. Boiadero. (...) O tropero é da tropa, né? O da cumitiva que é o cozinhero... Esse tinha os burro lá c'as carga, né? Dava do poso, e[le]s ia, e[le]s semp' andava na frente. Levantava cedo po poso, ele curria na frente. Já tinh'os ponto d'armoço, tudo, né? Chegava e ia fazê o armoço. A boiada anda muito divagarzim. A boiada vinha pa tráis. Quand'a boiada chegava naquel' ponto, parava todo mundo lá, pa armuçá. Ele armuçava e rumava os trem, punha nas, chamava de bruaca de coró, e aquil'era trelado no nos burro e punha, ota hora falava de cangaia, né?

Punha as vazil[ha]s ali e ó (*gestos de corrida*), po poso de janta da frente. Essa era a função do tropero. E sempre a tro[pa], levava tropa, que às veiz um burro cansava, tinha aque[la]s tropa pa pô no lugar, né, pa trocava de animal. Aí punha ele tocado, ele ia junto c'a boiada. Divagazim. Às veiz o boi arribava numa num terren' lá da fazen[da]. E[le]s nem sabia que contava, por inxempo, chegô no poso vam' contá a boiada pa vê se tá certo. Contava. Amanhã na hor' de saí contava [ou]tra veiz. Daí faltava um, na chegada. Fal[a]: “Chegô na no poso vam' contá.” Faltava um boi. E[le]s num sabia onde el' tinha fica[do] durante o dia. Tinha fica[do] na 'ribada, né? Chama ribada. Ali n'o[utro] dia ficava um pião pa pegá aquel' boi. Sabia on[de] tava não. Saía de fazenda em fazenda procuran', né, pela maica. Às veiz ficava três, qua[tro] dia pa três, na ribada des[se] boi. É ribista, falava... Esse é ribista. Semp[re] tinh'um peão determinado pr'aquilo, pa ficá, né, na ribada. Já ficava pra trás. Semp[re] perdia. Às veiz ... tinha boi que às veiz num achava, né? Eu mesm' num vi boi. Do sujei[to] que ficava numa ribada, pegava o boi e às veiz o boi infezava tanto que ele não conseguia tocá ele. Que que ele fazia? Ele furava a venta do boi e marrava um laço, uma corda e punh'ele, puxava ele no burro. Marrava ele na chicha²²². Aí já é chicha. Aquil' doía tanto que o boi cumpanhava. Às veiz acontecia de rasgá, que nem eu vim um dia, um boi rasgô a venta e virô uma fera. Era um senhor velhim que tava nessa ribada. E ele incantuado num barranco e ele sem jeito. Ali el' tinha que laçá o boi, fazê aqui[lo] [a]li suzim, né? E derrobá ele pa pô uma formiga. Que tem formiga também. Que chama formiga. É um negóc[i]o que prende a venta e marra. Aí tira. Dói tanto que a rêis cumpanha. Faz o ...

34. Às veiz ele [o boiadeiro] fazia duas viage por ano. Que levava de cinco a seis mêis, né? Às veiz ia em casa só intregava, que tinha o que tomava conta, que chama capataz, que era o que pegava a boiada pa buscá e contratava os pião. Aquel' capaz era o chefe da turma. Ele que comandava. Às veiz ele chegava, intregava uma boiada e já pegava ota. Ia ca tropa. Ia

²²² Variação de *cincha* que, segundo Ferreira (2004), é “Faixa de couro ou de qualquer tecido forte, que passa por baixo da barriga da cavalgadura para segurar a sela”.

tocan' a tropa, de volta, pa tráis. Trocava de tropa, que uma tropa num güenta fazê duas viage seguida, né? E aque[le]s que tinha aquela, sempre é burro, mais era burro que usava, que é mais forte, né? Virava, ia buscá ota. Às veiz fazia duas viage por ano. Levava na base de cinco, seis mêis, cada uma, né? Chegava nas fazenda, comprava, os patrão ia na frente, comprava. Aí os pião ia pa pegá aquil'. Semp[re] é criado na lairga. Larga é onde não existe cerca. Só cria solto, né?. Mistura ga[do] de um dono co' ota. Só pela maica. Pessoa nem sabia quan[to] de gado ele tinha. Ficav' como solto, ali os pião ia pegá aquel' gado. Semp[re] tinha uma fazenda deteiminada pa juntá, né? Ia fechan' até pegá tudo. Comprô mile hoje, demorava, né, mais de mêis, ajuntá pa soltá essa boiada na istrada.

35. Era um modo muito rúim de durmi. Sempre, não tinha um cochão. Às veiz tinha re[de], mas às veiz era tem[po] de chuva. Tinha que dormi. Era aque[la]s varanda de paiol, de fazenda, né? Num é qu'e[le]s que carregava barraca não. Semp[re] e[le]s (*incompreensível*) um co'oto de durmi[r] é em fazenda. Já tinha aque[la]s fazenda de distância em distância por ùa fazenda pa fazê o poso. Cochão era uns baxero. Aqueles moiado, o dia intero, né? Mêis em mêis. Ropa, às veiz parava um dia, faiava um dia pa lavá porque ia aí num tinha jeito, muita chuva. Poque mais era no temp' de chuva poque no temp' da seca faltava pasto pa boiada. Aí num tinha jeito, né? O boi istrupiava tanto que num güentava andá. Ficava o cas[co], ficava na carne, que o pura pedra, né, quantos dia? Trêis, quat[ro] mêis andan'. [O boi] Emagrecia. A boiada ficava sintida. Antigamente dava afi... aftosa. Ainda não tinha combate a aftosa. Dava uma aftosa numa boiada assim. Ficava. Morria. Perdia muito boi, né?

36. Semp[re] tinha fazenda. Aí aconticia como tô te falan'. De pasto às veiz ele fazia, né, improvisava um pasto com a custa de corda. Aí mais era capa, qu'e[le]s tinha pa cuberta, pa cubrir. No chão. [Vida] Muito custosa. Chuva. Fazia frii às veiz, né? Moιά. Doecia. E semp[re] alegre, cantan'. Quas[e] todo peão de boiader' é lenç[o] no pescoço. E o berrante dele. Aquil' é que era. (...) O xodó da da boiada é o berrantero. É que vai na frente com o

berrante. Quarqué coisa que acontece, ele, to[do] sinal de almoço, de tudo quanto há, ele tira o toque pa avisá. [Um toque] de cada jeito. A boiada obedicia. O toque de de sigui[r] viage. Tocava e a boiada em acumpanhava, né? Fazia a filera atrás do berrantero. Ia na frente. É um guia. Cuidava das currutela que tinha moça, ripicava o berrante pa vê a saída. Pa tirá uma linha nelas. (...) Às veiz estorava uma boiada, né? Aí tinha o toque pa...que às veiz a boiada obedicia, às veiz não. E ali um estoro de boiada passav' por cima de tudo. Tudo corren'. Assustava às veiz, né?

37. Tinha muita doença. E poco recurso, né? Às veiz murria lá pa roça. Eu mem' vi gente morrê na roça sem trato, sem mei de tratá, que n'existia. Às veiz algum binifici que tem hoje, um pos[to] de saúde, né? (...) Tinha muita pessoa avian'. Fazia remé[dio] de raiz. Tinha benzição, que o povo acreditava muito, né? Por exemp[lo], uma cobra pegava, ia atrás do benzedô. Ele benzia. Argum de[le]s chegava até sabê se ia morrê ou não. Se a cobra era macho, se era fêmea. Mas, acho qu' era istória.

38. Tinha remédi de raiz que fazia, né, pa ... Eu até conheço algum. Tem uma cainca. É chama[do] de cainca do campo. Ela dá só duas folha. A foirma e a cabeça duma cobra assim. É uns remédio. (...) E tem a simpatia qu'e[le]s usava muito, né? Simpatia qu'e[le]s fazia. Às veiz alguma coisa que não podia fazê. Por exemp[lo], num podia, se uma pessoa ofendi[da] de cobra não podia passá numa ponte. Se fosse passá, tinha que passá den[tro] d'agua. E[le]s falava que num podia. Eu num sei [porque]. Por exemp[lo], uma pessoa tá ofendi[da] de cobra, uma muié grávida num podia i[r] lá visitá. Falav' que azangava, que era riscoso, né? O povo naquel' temp'era uma crença que não disobedecia. Acreditava, né? Eu acreditava. Te conto um caso. Uma veiz, um cascavel mordeu um minino, era vizim. E meu pai binzia. Aí nóis queren' vê o minino qu'era cumpanhero. Ele falô: “Ó, cêis vai, cada um leva um gaim de ramo. Num pode entrá lá sem um, jogá um gai de ramo que tira o maloiado²²³”. Aí chegô lá o

²²³ Variação de *mau-olhado*.

minino tinha murrido. Cascavel tinha picado a perna dele. Tava morto o minino, sem recebê nenhum medicamento de farmácia. Morreu lá. Não [resolveu benzer].

39. Eu cheguei a fazê alguma benzição. Depois eu cheguei a uma conclusão que parece que, num sei se eu tinha fê, mas o povo tinha fé. Eu binzia picada de cobra. (...) A cobra, por exemp[lo], ô ofensa de cobra, a primera coisa qu'e[le]s fazia, eu até via um dia o rapaz fazê. Um cascavel mordeu no pé dele, não, atrás, no carcanhá. Que qu'ele feiz? Ele tava cum facão na cintura, cortô. Otos queimava aquele lugá. Uai [resolvia], esse pelo menos num morreu. Num sei se o veneno ainda num tinha penetrado, né? Cortô e jogô fora. Ficô o machucado. Mair' às veiz invitô dele morrê, né?

40. Bão, esse, otas doença, assim, todas tinha argum remédi, né, casero, de raiz, tinha. Por exemp[lo], uma sifre²²⁴. Tinha muito remédi que a gente fazia pa depurativo. É tu[do] na base da erva. Inclusive até hoje tem, né? [A] gente cunhece. Gripe, toda doença que tinha. Humm, quas[e] num vinha na cidade atrás de um reméd[i]o, quan[d]o vinha era no último caso. Às veize, cumo eu mesm' aconteceu. Quand'eu sufri meningite já fazia, parece que quato dia. Eu tinha quato ano. É rúim, num sabia que [a]quil[o] era, né? Vomitan', cum febre, o nervo da nuca indureceu. Eu já num sabia, num andava mais. Pôis num car'-de-boi, distante umas quat'ô cinco légua pa levá pa cidade, de [I]pameri. E tô vivo, né? Escapei! Ficô co seqüela mas ...

41. Tinha [remédio]. Mentrasco. É pa o estômago. Por exemp[lo], um gás que tá na barriga, sirvia. Oto pa estôm[a]go é mané-jacinto qu' é fedorento, é um ram' também, é uma praga também. Ele [dá] semp[re] no quintal, né? Erva santa-maria, que esse é bão po machucado. Às veiz faiz pa lumbriguero, a semente. Então tem vários outros, né? Tem o ramo-do-campo que é muit'amargos'[o], que chama cabo verde. É bão pa quarqué desarranjo no estôm[a]go. Muito bão! Tem [a]massá, raiz, e bota ela n'água, amarga demai[s], e vai toman'.

²²⁴ Variação de *sífilis*.

42. Tem a quina. A quina é uma árve. Ela é boa. Usava muito é pa abri apitite se a pessoa não tivesse bão pa cumê... e[le]s fazia o pó, né? Punha na água, da casca seca. É um reméd[io] bão também. Ah, tem o rabo-de-tatu também, que semp[re] dá nessas chapada. Muit' amargoso. Cê pega, cê bate ele na água assim ele ispuma. Deus me livre, amairga demais mesmo. Tem vários otros que amaiga muito, né? Ajudava, né? Que um, cas[o] de estôm[a]go, a gente sabe d'uma, um remédi[o] amargoso é bão, né? Mas, nem todo arresorvia. Às veiz a pessoa inganava, né? Que era uma coisa, era otra. Aconticia de morrê por falta de ... Tinh'um tal qu'era uma doença, e[le]s fala qu'era nó na tripa. Is[so] matava! Pessoa dava cólica, né, até morte. [Ficava] Cum dor na barriga, intistino. Num sei se é a ... El[e] ficava rúim dũa hora pra outra, ah! do nó na tripa! Morria! Até hoje. Hoje tem o que? matou muita gente, apespicate²²⁵ né, que hoje num mata assim. Tem as descoberta, a pesso[a] corre, acod[e]. Mas, naquel[e] temp[o] matava era muitos. Matava! Cê num sabe porque. Achava qu'era de estôm[ago], ia dan' é, usava muit'era sal de gado, era, que eu acho que deve sê pió, né? É um pruduto, um sal, ele é salgado, mais fala sal de gado. É bão po estôme[go]. Ele faiz puirgativ'.

43. [Mulher grávida] Morria. E eu vi muitas morrê, às veize num conseguia tê o nenê, murria, né? Nenê nem a mãe, ou às veize tinh'o nenê a mãe murria, né? Is[so] foi muitas, eu vi. Aconticia. Ah! [muita coisa] mudou. Quand' pricisava dum doutor, buscava a cavalo. Vinha²²⁶ alguém buscá. Pa chegá cum'a muié que tava passan' mal e passav' da hora. Murria, né?

44. Inda existe algum. Carro-de-boi num tem mais. Mas, esses trabalho, assim, de roça, tem arguém ainda que tem, que trabalhá. Aqui na nossa região num tem. Airgum tem é mesm' pa guardá pa lembrança. Às veize, eu tive numa capela, po[u]c[o] temp', vi um carro todo apudreceno, as roda. (...) Faz. Muit[os] faiz. Mas, diminuiu muito porque hoje quas[e] cê num ranja nem serviço pa capiná mais, né? Que hoje é...Bate [pasto]. Mair, muito poco. Mais é de

²²⁵ Variação possível de *apendicite*.

²²⁶ A gravação ocorreu na cidade de Catalão, na casa da filha do narrador, conforme demonstra o uso da forma verbal *vinha* e não *ia*.

trator, desmata ô tem máquina que bate. Tem a batedera, coloca no trator. Então, vai caban'. Ah! Hoje, capiná, num capina mais que tem esses coisa de batê, pá combatê as erva, né? [En]tão quar' muito poco. Só argum que toca lavorinha pequena que às veiz inda usa capiná, né? [Moeção de cana] Cabô. Às veiz, aqui, às veiz, inda tem airgum que mói, faiz pinga, tem pequenos alambique, né? Mas, já é cum motor, já é, já é elétrico, já num tem mais aquel' tip' de ingem que existia. [A fabricação]É a mesma. O mesmo modo.

45. Por exemp[lo], pa fazê uma istrada, qu'era feito manual, era picareta e inxada, né? O picareta é um sirviço duro! O cumpanhero pa, balangava um picareta o diintero, na vista do patrão que num dava folga, el[e] tinha que sê forte, qu' é pesado. [Ganhava] Do mesm' jeito que capiná. Não tinha, dizê que tinha [diferença?]. Não. É a mema coisa. (...) O pasto, arguém qu'inda usa batê é o mesmo modo, né? É foice. O machado semp' usava pa derrobá quand' cê roçava o mato, roçava de foice, cortava os fino e o macha[do] cê derrubava. Hoje, quan[do] vai cortá uma árv[o]re é motor-serra. Já num usa mais machado, né? Tinha aque[la]s pessoa do machado que era machadero bão. Às veiz pagava mais, porque era pesado o machado, né? É. Pa cortá as árve grossa. [Para bater pasto] Não usa. É foice. É as mais fina, né? Que já num num tem árve grossa, né? Que já foi devassado o mato. [Bate para] Ficá limpo, po pasto crescê mais. O gado ficá um gado limpo, num dá berne, num dá carrapato, né? Ajuda.

46. Bão, a capina é a inxada, né? É uma das primera ferramenta que que hoje... Tem a carpidera qu' é puxad'o animal, né, que usava muito. Hoje ela num tá usan' mais. É uma ajuda. Já era um, antigamente nem ixistia. Mas, dipois vei, que num tinha roça, o arad' era de boi. Então, tinha trator, arava cum boi. Então, apareceu a carpidera. Já foi um avanço. Já melhorô muito. A gente já tocava bem mais roça ca carpidera que ca inxada, né, que ela já facilitava muito. (...) [Usa] Que semp[re] tem que prantá ruado a roça. Se pranta, num fô ruado, num tem como, né? Mas, por exemp[lo], mais é pra milho. Arroiz é a rua é junta, às veiz num dá certo, né? Mas, pode passá na terra que num tem pranta ainda pa prepará. Pode

cruzá el[a]. Pa plantá a gente usava, antigamente não ixistia nem prantadera. Que se fal' essas prantaderinha de matraca. Ot[ro]s falav' pern' de grilo. Não usava. Era covado de inxada e prantado ca mão. Era muito custos[o]. Nego caçava muito serviço pa prantá, né? Por exemp[lo], uma quarta de mio, qu' é vinte litro, na média, era três cumpanhero pa prantá. Às veiz, dois po[r] dia prantá, ma[s] era muito raro dois dá conta. Num dia. Um covava, furava os buraco e o ot[ro] punha a semente. Agora, na prantadera, dipois que apareceu a prantadera, cê já fazia suzim, cê güentava até trinta litro. Já miorô mui[to], né?

47. [Arroz] Na mão. Mais trabai. Aí era mais difíci. Lá hoje, já gastava três pa fazê o ser[viço]. Um covava, o oto samiava, o o[utro] tampava. Punha nada. Ess' era custoso. (...) Cê avalia uma base, né. Iss' é a pessoa trenava tan[to] que caía mais ô meno [a]quela base. As veiz, caía mais, um poquim, mais a gente... No temp' que prantava de inxada era de quinz[e] pra baxo. Era bem prantado. Tan[to] qu' às veiz, cê prantava vinte lit[ro] de arroiz, cova[do] de inxada, dava quarenta, cinqüenta saco. E se eu prantá de prantadera, cai mais, fica mais mal prantado. Tinha is[so], né? (...) É pior. Ele fica muito juntim, ele fica, ele num cresce quase. Fica fino. E ele se ele ficá poco na cova, el[e] cresce, el[e] viça, o cacho vem grande... Até o caroço é maior, né? (...) O milh' é cinco, seis, na cova[do] d' inxada. Hoje, vem essa, negóc[i]o de prantá cum prantadera de tratore, e parece qu' é uns sete caroço por metro. Eu num tem muito certeza. Milh' é mais, mais lairgo. A rua é um metro, uma cova da ota, quando é covado de inxada é uma base de mei metr' uma cova da otra às veiz... No mínim'. Agor' o arroiz é mais perto. Arroiz é mais perto e a cova também ... mais pert' uma da ota. O milho, ele cresce mais. Ele dá mais rama, né? El[e] depende mais espaço ... O arroiz é mai[s] rápid'. Hoje, tem arroiz que com noventa dia ele tá maduro. Cê po[de] pranta e já tá coien', né? Agor' o mio vai cinco mês. Primero num, é três mês, depois mais dois mês pa el[e] secá po cê podê quebrá ele, por exemp[lo], se fô quebrá manual, né? [Com três meses] Tá d'ispiga. Às veiz esses mii, que hoje tem as colidade nova, tá granado, né? Antigamente tud' era atrasad'.

O arroiz era seis mêis, tinha arroiz até de se... até de sete mêis. Tinha. Num sei. Depois que in...inventaro esses cruzamento abriviô, né? Primero vem o mii, tem mii hoje que ele é rápido, né? Feijão, pela mesma foirma, com noventa dia tá maduro! (...) O feijão, nós usava assim...Prantav' o milho, quand' o mii secava, mêis de feverero, poque prantava cedo o mio. Er' setemb' tava prantan', tav' choven'. Arroiz, às veiz prantava nes[se] tem[po]. Mair o mio prantava em setembr'. Quando dava janero, tava seco. Aí nós ia capiná aquil[o], terra todinha na inxada, limpá tudo e prantá o feijão no meio da do mio. [Para colher] Primero tirava o feijão. Rancava...Não. Se el' secasse. Às veiz, o feijão secava muito, dava trabai pra rancá, cê tinha que i[r] to[do] dia de madrugada, se não derram...dibuiava tudo, né? [O milho] Nem muito verde. Se ocê prantasse ele com o mii muito verde, o mii judiava com ele. Dava sombra. (...) Ah, é mais ô meno, naquel' temp' nós usava as coieta tu[do] mais atrasado. Num era men[o]s que quat'[ro] a cin[co] mêis não. Mais ô meno. Nós prantava em feverero, ia feverero, março, abril, maio, júim, julho, mêis de julh' é que à[s] veiz chegava c'o ele em casa. Semp[re] tinha serviç'o ano intero. Cabava a colheta, vam' capiná a roça. Capinav' tudo na inxada pa limpá, quemá cisc[o], limpá pa, quan[do] chegasse mêis de outubr' que a chuva num ... prantá de novo, né?

48. [A preparação] Só na bas' da enxada. Num existia arado quas' é. Muito poco. Tabaiav' na enxada. [Carpideira] só depois que tinha prantado. Ela num sirvia pa uma, um mato duro. E[I]a num capina, ela só capina mato mole, enquant' ele nasce que tá pequeno, né? Só pá capiná. Existia prantadera de animal, às veiz inda existe alguma, puxada com animal. Existia ara[do] de boi. É, que se falava de arado bico de pato, era um bico, quase igual uma carpidera cum bico. E tinha arado de disco, puxado p'um boi também. Cum boi. Depois apareceu uns aradim pequeno que puxa com animal, mas ele, el' é mais é pa sulcá uma terra, cê prantá uma cana, uma mandioca...el' faiz sulco. É. Um risco.

49. À[s] veiz tocava [horta], mas poca. Naquel' temp[o] num tinha es[se] consum' de hoje, num tinha gandes hortaliça como tem hoje, né? Prantava assim, mesm' pa cumê em casa, pa uma dispesa, né. Prantava às veiz uma moitinha de alho, prantava arface, essas coisinha, verdura, né? Tinha uma pranta que semp[re] usô muito, era a mandioca que usa até hoje. Às veiz, mamona. Mamona, tirava o óleo pá fazê a lamparina. E é o azeite de mamona. Não existia querosene, essas coisa, nem óleo diesel, todo mun[do] quemava era candeia. Eu lembro! Fazia. Cuía mamona, trazia o azeite guardado nos pote. Tinha [a]que[le]s pote de barro guardav' pa quemá o ano intero na candeia. Era na roça. Plantava sempre na, as ... fazia as carrera dela no mei do milho. Semp[re] no meio do mio qu'ela cresce muito. Prantava. O le[i]te da mamona, [a]panha o cacho. Ele mei verde, amuntoa, depois bate. Aí levava ela. Bate ela com uma vara. Cê muntoa e vai batê, ela dibulha. Dipois, leva pra casa, aí soca ela. Torra ela na panela. Naquel' tempo usava às veiz foirno. Na panela, torra e soca pa tirá o azeite. O azeite é tira[do] dessa forma, faiz aquela sopa dela socada. Ali cê pegava um saco de linhage ou um pano de algodão e punha aquele [a]quel' negóci[o] den[tro] do pano. E punha uma água ferveno, num tacho ou numa panela, e põe aquela negóci' den[tro] da água pa fervê. Com a caloria da água, o azeite separa, fica por cima d'água. E aí fica só a bucha, [a]quel[e] bagaç[o] den[tro] do saco. É. Marrado. Pa num saí. Ali, dipois qu'ele isfriava, as muié ia catá, tirá aquel' mantega pa reconcui o azeite, ficava só a água. Aquele azeite sirvia pa quemá, era remédi muito bõo, usava bebê o azeite; sirvia pa unta do carro-de- boi que num te contei que o carro-de-boi tinh'um chifre marrado que punha. Somente pa remédi e untá e quemá, na candeia.

50. A candeia era uma, um negóc[i]o fei[to] de semp[re] era um fer[ro] fundido. Ela é, fazia aquel' copo como uma frigidera, vam' supô, e tinha o bico aonde o pavii ficava. O pavii era feito de argodão ou de cordão [al]godão, fiava, fazia o pavii e punha o azeite ali den[tro] e punha o pavii ali... El' ficav' moiadim. Tinha o bico onde o pavii ficava. Aí cê punh'o fogo.

A candeia tinha o negóc[io] de pindurá o cabo, d'ocê pindurá e ela, naquel' lugá [as]sim da casa pra lumiá, né? Ia queman' e puxan' esse ... É e cê ia tiçan' aquel' pavii pa frente. Ia queman' que se não ele passav'o fogo pra den[tro] da... Mas, num é que pegava fogo no azeite pur[o]. Cê ia impurran', ele vingava. [O canudo] Ele num era fecha[do] por cima, era aberto. Er' foirma do bico assim de, vam' supô, uma rabinha, tem aquel' afunda[do] daonde desce o café, mema coisa. Às veiz, fazia festa. Era tu[do] de candeia. Quat[ro], cin[co] condeia na torda pa lumiá. E pingava, aquel' azeite ia queman' e pingava. À veiz pingava a cacunda dum cumpanhero, ele levava um susto danado. Chegav' quemá. A ropa ficava maircada c'aquela... Chero rúim do azeite quemado. É rúim. É uma mantega. Tip'uma mantega isquisita, par[e]ce que um ranço rúim. Não é bão não o chero!

51. Plantava. Esses, toda vida teve, cebolinha, salsa, né, uma couve. (...) Frutas às veiz nas fazenda tinha, mas, não cumo hoje. Era, mesmo só nas fazenda, poco, e os fazendero não dexava panhá. Era ridico os fazendero naquel' temp'. Era mau, tip' de coronel. E[le]s mandava, fazia o que queria do pobre. Não tinha como cê criá pobrema co'e[le]s que e[le]s, e[le]s podia mais do que o pov', né? Num tinha, o pobre não existia direito pra ele.

52. [Plantava] Semp' era manga, laranja. Não tinha essa colidade de laranja que tem hoje nem manga, essas...Tinh' essas mixirica. Essas de hoje, esses mixirica grande, pocã num existia. Goiaba, sempre nunca tinha plantii não. Tinha muito lá pos pas[tos] pra lá, né? Banana, às veiz tinha, que bananal eu cunheço deusde minino. Semp' o povo gostô de prantá banana. Bacate tinha. Bacaxi, caja-manga... es[se] semp' é fruta antiga, né? Ananáis. Nanais num sei se era planta, que eu semp' cunhici ananáis naque[la]s tapera onde é um, foi uma morada e ficav' disdexado. Às veiz, tinha, né, acho que não é planta. Foi uma coisa que deve que é uma praga do mato e foi alastran' e num caba. [Do mato] Uai, que eu, em minha lembrança tem, gabiropa que é de chupá, é a foirma da jabuticaba, só que é verde. É muito doce! Muito gostosa! É um ramo. Uma ramage baxa. Dá no cerrado. Tem a mangaba qu' é muito gostosa,

do campo, né? É árve maió, né? El[a] dá leite. É uma nódia, é um leite. Tem bacupari qu' é uma frutinha vermeia, que também é gostosa. Árve... Não muito grande. Tem a cagaitera. É uma fruta que alguém come. Às veiz, quem num cunhece, acha até bão. Nóis num come, mas, dá muita fruta. É cherosa. Tem uma ota fruta do campo qu' é muito gostosa! É muito doce, cherosa! Articum. É. Eu acho que será da mesma família de conde, e é da mesma foirma. É muito cherosa! É muito gostosa! Doce demais! (...) Vê se eu me lembro... É doce. Piqui. Que hoje é muito vendi[do], né. Toda vida eu cunheço. E toda vida é de cumê. Só que antigamente num vindia, num tinha esse consum' que tem hoje, né. (...) Sempre aquel' cerrado vermei, terra planina. Dá mais, né. Tem mais. Tem uma marmelada que até é uma fruta preta. O povo caçuava que é a marmelada de pobre. É uma fruta preta que dá no mato, é doce. Eu num sei poque que é do pobre. Que acho qu' é porque o rico comprava a mairmelada que vinha inlatada e o pobre num dava cont', cumia essa do mato. Murici. Tem. Muito cherosa! Muito gostosa, mar é miudinha, né, uma frutinha. Ela é do campo. [Gravatá] Tem. É na foirma dum dum abacaxi, só qu' ele num dá fruta cumo um bacaxi. Ele dá um cacho no centro da fôia, iguale um abacaxi, mas num dá [a]quel' tal[o] não. E dá a semente assim. Eu até isquici jeit' d' eu t' expriçá. Ali sai de uma a uma. É cheroso, mas ele pinica um pouco, ma[s] é gostoso! Ele é doce. [A gente] Chupa. Ele dá uma sementinha, às veiz pinica dá ... S' ocê tem que lavá ele, pra ele num pinicá. Se eu vê se eu me lembro mais airgum. Tem o caju do ma... do campo. Esse é do campo, que dá muito. Conforme é o lugá, ele cresce, chega a ficá da altura da gente. E dá muita fruta e é gostosa, gostosinha! o cajuzim. Nóis fala de cajuzim. É menor. Tem pitanga, tem umas goiabinha que se fala de araçá. Muito cherosa, muito gostosa. É do campo. Doce. É. Mais doce. Bem mais doce. Num tô lembrando agora. (...) Não tô me lembran' de raiz não. (...) Tem o veludo. Tem o vermelho e tem branco. É uma frutinha à toa. Velud' é, mas come. Gente come. Tem a marmeladinha, marmelada tem a do pobre e tem uma piquitinha, miudinha que num sei se é do rico... Deve sê! No mei do mato. Hoje, quas[e]

num existe mais que num tem mais mato, né? Mas, carrega muito, ela é média... [A marmeladinha] Essa é do campo, essa é miudinha. A marmelada do de pobre, ela dá maior que uma jabuticaba, pretinha d'aquel' jeito, doce. Ela é doce! É injuativa. Dá molinha. Molinha. Às veiz, uma tá caban', a ota tá chegan', mais semp[re] dá uma veiz só por ano. [O povo] come. Hoje quase num existe, que num tem cerrado mais. As gabirola tá cabano, né? Quas[e] num existe mato, num existe, aonde dava marmelada. Mas, de veiz em quand[o] gente inda vê.

53. Comia, o povo vivia bastante da caça. Tinha muito bicho. Matava muito, né? Semp[re] cumia muita capivara, é um veado, né, paca. Esses tinha muito, o povo matava muito. Passarim, tinha muito passarim. Fazia muit'armadilha pa pegá, né? Tinha jaó, tinha jacu. O mutum que é uma ave muito bonita. Tinha o inhambu, né, o juriti. Tem essa ota maiozinha que é a pomba qu'e[le]s fala, pomba do bando, que anda é os bando. Por isso que fala pomba do bando. (...) Codorna, da perdiz. Essa já é do campo, né. A ema, a siriema que o povo nunca foi muito de matá. Semp[re] teve um preconcei[to] de matá, que el[a] é uma ave bunita, canta bunito a siriema, né. Mas, mata, veiz em quando mata. Mata. Tem gente que num respeita, né? Mata.

54. Bom, o povo às veiz, arguém come. Tem o bandera. Tamanduá bandera, que muita gente come, mas não é todos. Num é bicho que se deve cumê. Tem o quati, tem o oriço-caxero que se come. Às veiz, muita gente come, que hoje, quais[e] num existe, né? É o que tem ispim. É Mes[m]a coisa [do porco-espinho]. Quexada é um porco que eu não cunhici. Mas é um poico como o cateta²²⁷, catitu qu'e[le]s fala, né. Só que é maió, mais brabo. Eu não cheguei a cunhecê.

²²⁷ Variação de *cateto*.

55. O pex' sempre teve e continua ten' muito, né. E com essas criação de peixe, às veiz, já sain' pos rio, né? Tem muito peixe. Es[se] tem várias espécie. Quase todo rio aqui da região tem peixe.

56. Plantava. Comia das roça. Ia nas festa. Era [vida] considerada boa né, porque não tinha, hoje, essas violência que tem, né? O povo era tu[do] cunhido, era tud'amigo, cê num tinha gente que cê num cunhicia como hoje. Num existia robo, num existia nada. Às veiz, existia valente. Valente semp' teve. E naquel' temp' num existia gente que... Num tinha prisão, tinha aque[la]s pessoa que tinha mais poder, que às veiz protigia, né? Como hoje que num existe também, né? (...) Tinha [briga]. O pov' brigava. Tinha muita gente valente que vivia de de jagunçá pos fazendero. Tinha. Aconticia de um matá, às veiz brigá, né, de matá. Mas, mais era jagunço. Tinha aquel' povo que vivia de jagunçá. Um jagunçav' p'um fazendero, ot[ro] jagunçava pa outro. O fazendero num fazia, mas mandava, né? Matava. Batia, judiava. Matava de frente. Ó, um tii meu era pobre, coitado. Vivia de trabaiá, e tinh'um fazendero aqui, duma famia tradicional, que tinha, tinha jagunço. E ranjô ele pa batê um pasto, pa impreitá um siiviço pra ele. Mas ele quiria batê nele, por caus' de muié, coisa que a gente nem sabe direito. Que que feiz? Ele foi um dia de domingo pa pegá o impreito. Chegô lá o jagunço tav' atrás do morão da portera. Quas[e] matô ele de tan[to] batê. Que maldade né!!? Quiria só batê. Num matô poque ele num reagiu.

57. Tinha família que tinha uma encrenca uma, com a famia da ota. Ia matan', né, até...às veiz murria muitos naquela famia. Tinha muitas veiz, naquel' tempo inguiçava muito. Às veiz, rico cum rico, cum... increnca de terra. Às veiz dava muita malquerença, né? Matava. Aqueles que era os chefe, num matava, e[le]s mandava. Tinha os jagunço que matava, né? Ia matan'. Esperava. Ficava na tocaia. Por exemp[lo], tinha uma estrada, cê sabia qu'ia pegá a pessoa, ia passá ali, cê ficava ali amoitado pa matá. E matava. Ficô amoitado de trás do moirão. Hor' qu'ele [meu tio] chegô pa pegá o impreit'um jagunço bateu com chicote.

Chamava rabo-de-tatu, naquel' tempo. Er' um coro. E[le]s punha dois coro, falava tala, batia pa matá. Uai, falá cumo? cê num tinha poder de falá. Políci' era comandada por esses fazenderão rico, né? Sufria muito o pobre. Era mandad'imbora de fazenda sem direito. Às veize, o patrão chegava hoje, falava: “Amanhã eu quero essa casa disocupada.” Cê tinha que saí pa debaxo duma arve, quarqué lugá. Não tinha direito.

58. Uai, naquele tempo que tinha mato, ocê pegava o mato, sempre é na meia, que sempe tabaiô na meia, pá roçá. Cê roçava de foice, ô fibra, aque[la]s maderá mais fina, ficava aquela parte grossa, [a]que[la]s arvinha. Aí cê ia de macha[do] derrubava. Cortava tudo, gen[te] num podia dexá árve em pé, né, e ali dexava, às veiz, dois mêis, secano. Roçava semp[r]e mêis de junho, quando muito julho pa quemá lá pa setembro. Às veiz, até outubro, que num estivesse de chuva, né? Aí que fazia a queima. Às veiz, tinha roça[do] que quemava tudo, às veiz tinha o[u]t[ro]s que quemava mal. Às veize, num prestava. Dava serviço demais, cê tirava aquil' tudo do machado, que nói falava coivara. Tirá as coivara do quemado, da roça. Muntuá tudo, pô fogo, quemá pa limpá. Às veiz ficava, é, ficava muita coisa por quemá. Ocê tinha que cortá, de foice, machado, muntuá, fazê os monte, quemá de novo. É, ficava, num tinha cumo cê prantá, trabaiá, que ficava chei de... tinha que quemá. Cortá tudo, muntuá. Aque[la]s galha que ficava... Às veiz ficava, aque[le]s toco mais grosso, né, cê ficava pretim de caivão, poque aquil' tava quemado e cê ia cortá, carregá aquil' nas costa, ficava pretim... Aquel' calor, né? [A]quel' trem mais rúim. Era sofrido. Hoje não. Cêis, cê ara a roça, cê pega a roça arada, né? É que hoje, os rico tão dan' roça mais po pobre poque todo mundo qué tocá é lavorona, é cum maquinaro, né? Cabô! Num tem nem como trabaiá mais. [Antes] Pegava na na meia, né, que se fala é meiero. Por exemp[lo], um fazendero te dava o mato, cê roçava, quemava, tirava as coivara, fazia a cerca e prantava, cê ficava só ca metade. Tudo por sua conta. [O fazendeiro] Levava metade. Aí quan[do] fosse no ot'ano seguido cê tinha que capiná que aquil' brotava, dava muito ramo, né. Seivição que à veiz quase igual a roçada pa torná prantá na meia.

59. [Roçado] era no mato. (...) Não existia adubo. Era no mato. Tinha que sê a curtura, né? É a terra boa onde é mato. Mais é bêra de corgo. Às veiz tem região que a cultura vai mais além da bêra de corgo, né, mas, mais é bêra de coirgo. Às veiz arrendava, mas era muito difiçi cê arrendá um chão. Aí, já era diferente. Às veize, quarenta por cento, trinta por cento, né, mas era muito difiçil o fazendero fazê isso. Quê só se fosse uma roça mais rúim, a terra mais rúim, às veiz e[le]s chegava a fazê, ô te dava p'ocê foirmá capim, cê prantava, fazia a roça, tirava a produção pr'ocê e dexava o pas[to] foirmado pra ele. Tinha que plantá [o capim]. O capim, cê às veiz, punha a semente ca mão, na cova da planta, depois qu'ela nascia, que crescia, cê punha a semente. Ela nascia e ficava ali. Depois que tirava a pranta, ela criscia, né? Aconticia. [O custo era] Tudo de quem tav' plantan'. Num tinha ajuda não. Num ajudava nada. Não, tu[do] por sua conta. [Entregava] Ensacado, a metade era do patrão, cê ficava ca ota metade. Ali, às veiz, cê já tava deveno muito, que semp[re] num tinha condição. Cê já tocava aquela roça, às veiz, fazen' dívida pa podê sustentá a roça e a fâmia, que semp[re] tem, tinha fâmia todo mundo, né? Acontecia muito, às veiz, o patrão te furnicia, ele te vindia as coisa, el'ia venden'. Quan[do] cê cuía cê tav' deven' muito, ele te tomava tudo, cê ficava limpo. Tornava traveiz²²⁸, na mesma vida. Ele vindia. Ia juntan'. Ele pegava a metade, às veiz era lavora grande, tinha muito meiero, ele pegava a metade e aqueles meiero quas[e] todo mun[do] divia pra ele. Ele pegava mantimento, cuía. É, vindia, já te furnicia, já visan' o mantimento que cê ia coiê. Ali, se num desse pa pagá ele tomava tudo, cê ficava sem. Às veiz tinha pessoas que ficava limpo, sem nada. E se ocê falas[se]: “Não, esse aqui eu num posso vendê puique eu tem que comê!” [Ele falava] “Ah! intão cê disocupa a fazenda”. Mandava embora.

60. [Hoje] Melhorô, gente que apareceu algumas veiz que ajuda, né? Às veize, fazendero num tem [a]que[le] certo poder mais de mandá embora, de judiá cumo judiava, né? Mas ainda dexa a desejá a, muita coisa ainda pa vê, né? Ainda tem fazendero mau. Tinha muito mais. Muito!

²²⁸ Juntura vocabular de *outra vez*.

Já trabaei pa gente mau. Iche! [Sofri] muito, muito. (...) Aí, num sei o que que seria que num tinha um mei de ganhá dinheiro, não tinha, naquel' tempo num existia industria quais[e] nenhuma, num tinh' emprego. E mes[mo] se tivesse emprego, cê num tinha capacidade de i[r] puma cidade, que pov' num estudava, era tu[do] criado lá pa roça, num tinha instrução nenhuma. Tinha que ficá é lá mesmo. Cumia o...

61. Consegui [um pedaço de terra] Eu andei plantan' e in[d]a faç[o] alguma planta até hoje, mas a terra que eu tenho, que tem até hoje é fraca, é um terreno de campo, tem pedra, é cheia de morro. Serv' pa [gado?]; às veiz a gen[te] cria airguma criação. Foi tira[do] desse dinheiro que comprei a terra, nos braço, tabaian', né, juntan', às veiz passan' necessidade pa juntan'. Às veiz passan' necessidade pa um dia tê um terrenim pa morá.

62. [Sou pai] De nove filh[os]. Tem oito vivo. Todos estudaro. Argum aprofundô mais e já tem até estudan'. Otos, à[s] veiz feiz só o ginaso. Tem filh[o] que trabaia na roça até hoje.

63. Ah, o arroz, por exempro, era colhido assim. Ele madurava, a gente corta. Semp'era um siiviço que não fazia sozim, que é um siiviço difíci. Era na troca de dia, às veiz, né, que fazia. Corta, tem a ferramenta, que nós fala fial de cortá arroiz, corta ele todim, fazen'os montim, que se fala bandera de arroiz. Dipois, faiz o rancho. Naquel' temp'usava muit'era ranch[o]. Naquel'temp'usava muit'era ranch[o]. Nem pan' num usava, cê fazia um ranch[o] todo fechadim ca palha do arroiz. Dexa só um lado, uma entrada. Faz o jirau de maderá, cumo fosse um banco de maderá e pau pa batê. Aí carrega ele, leva pra den[tro] daquele rancho, no terrero, limpa o terrero, limp'o chão, var[re] bem limpim e vai batê. Vai baten', daí ele fic'ali den[tro] daquel' rancho, né, vai enchen', vai enchen'. Ali pa, por isso que gasta muita gente. Pa cortá, carregá, batê, um suzim é demorado, né? Às veiz se fô uma colheita maió, num faiz. Por isso que sempre reúne. Quan[do] cê não tem dia trocad' assim, usa mais, num troca dia, cê tem que pagá pa fazê essa colheita. Geralment' é mais fáci. Que o milh' é quebra[do] manual também. Cê quebra. Faiz as bandera, os montim. E depois ajunta num jacá, faiz os

monte qu' é car[ro] de mii, dois car[ros], três car[ros]. Se fô na meia, cê já faiz um monte pro cê, ot[ro] pa patrão. Já mede de acordo. Ali o patrão vem e vai escoiê o qu'ele qué. Se é o mió, se é o ... Ele nunca tira o mais rúim, semp'ele tira os mió. Parte. Ali vam' pô carro-de-boi, né, qu'ele tinha car'-de-boi, puxa pra casa, né, pa impaiolá. Tem o paiole, é onde guarda. Pr'ocê... Só o mii. Pr'ocê tratá das criação, de galinha, de poirco, às veiz de gado, quem tem, né? O arroiz, nós usava muito era tuia. É feito de adobo, que é de barro, ô às veiz, feito de madeira, de tábuá. É um caxotão quand' é fei[to] de madeira. Cê levava da roça, dispejava ali. Agora, o feijão pela mesma foirma. É ranca[do] na mão, manual, carrega, bate c'uma vara. Faiz os terrero, forra cum pano, hoje forra cum pano... e bate com a vara. Feijão é mais fáci a colheita, agora o arroiz é um colheta muito compriçada, às veiz demora. Ah! Ele [o arroz] fica amarelim. Madura, fica igualzim, né. Num fica caroço verde. Ele leva em base de um mês ele tá maduro. Quand' eles põe, solta o cacho, aí em um mês ele tá maduro. Ele vai marelano as ponta de cacho, aí vai marelano o cacho todim até ficá amarelim, né. Às veiz, se ele tivé mei verde cê corta, dexa ele tomá um sol, que às veiz ele tá granado, p'ele dibuiá. É duro batê arroiz. É serviç[o] duro. É feit' os mói, marra com a corda e bate. Naquele jirau que nós faiz.

64. O arroiz, quando ele é, vam' supô, de três mês, cum dois mês ele tá soltan' o cacho. Que cum mês, mais um mês, ele madura, né, e às veiz o arroiz que é de seis mês já solt' o cacho cum cinco mês. Nós fala é imburrachano. Ele fica gordo, fica a cana del' fica grossa. Fal[a]: “Arroiz tá imburrachan'.” Logo nasce o cacho. Aquela penca de cacho dele, qu'ele tá embrurrachan' tem que tê muita chuva. Se não ele branqueja, num grana, fica chocho o carocim dele. É [arroz sapé]. Às veiz, ele nem consegue soltá o cacho. Puqu'ele pega sol demais. E sapeca né, fica, perde. Às veiz acontece de perdê a lavora, que ultimamente num tá acontecen', que tá chuyen' poco, mas chuyen' suficiente, os mês certo, né, pra ele dá o cacho.

65. Uai, sapé, eu acho que é a cor qu'ele fica, tem o capim-sapé que sempre ele é da mesm' jeito do arroiz. Ele fica, ele é assim, cinzento, né, o arroiz fica daquel' jeito. E o sapé é da fôia bem pra cima, o mesm' fica o arroiz, ele não consegue soltá o cacho. Fica pra cima, parecen' capim-sapé. [Então]]Não. Acabô.

66. E onde que tira arroiz, aquel' terren' que tirô o arroiz fala soquero de arroiz, diz a soca. Ali, depois, no tempo, quando é, num tinha arad[do], cê tem que capiná, cortá aqui[lo] tudo d'inxada, aquela soca que fica, ca gente corta ele às veiz, assim, um palm', mais de palm' de artura, capiná aquil' tudo, muntuá tudo, limpá a terra, quemá, pa torná prantá.

67. [O rancho] é coberto. A mesma palha, do mesmo arroiz, cê cobre. E as lateral, cê faiz a parede marrado, fica só um'entrada p'ocê pa batê o arroz, poque se não ele esparrama. É. Ele espirra longe, né? Ele vai fican'ali muntuado, vai enchen'o rancho. Aí cê ensaca, vai no ... tem que baná ele, qu' é tirá o chocho, a munha, né? Bana num ... na pinera. O mii não tem. O milho [guarda-se] com espiga; quand' é debulhado, que hoje dibuia com tratô, com máquina e já sai limpo. Feijão tem que baná também, mas quando bate o manual, né? Feijão não usa o rancho. Poque ele num ispirra quase, que cê isparrama ele no terrero aonde cê vai batê. Ele num ispirra, né, igual arroiz que ocê vai movimentá ele no braço pa dá açoito nele pa batê, né? Feijão não, cê bate é cum pau, ele num ispirra quase.

68. O feijão [em flor] é... tá floran', né? O milho tá penduano. Quando ele tá dano o pendão, a espiga tá saino junto.

69. Ela [a mandioca] é mais fáci, gasta menas chuva. Num é, num tem esse, por exemp[lo], ixigência de terreno muito férti. Ela dá em quarqué terren', né? E é s'ocê planta um mandiocal, pode ficá dois ano, três ano lá no chão, ele num perde fácil, né? Cê pode fazê ota coisa. A gen' faiz a farinha. Tira o polvilho pá fazê um biscoito, né. Tem muit'uso, é de muita utilidade. A farinha cê come na comida, com[e], pode tomá cum leite, pode cumê cum açúcar. E o polvilho é biscoito. Fazê um biscoito. Vários tip[os] de biscoito, né? Come, cozida!

Gostosa! Muito gostosa! Come cozida. E a casca da mandioca, quand' é muit[a], cê pode guardá. Seca ela. Trata de gado. Até a rama, muitos às veiz usa triturá, hoje que tem motor pa triturá, tritura cum cana, cum... Usa, pode dá po gado. É bão! Na seca usa mui, na na no tempo que num tem pasto. Usa, o povo usa. Faiz da massa, cê pode usá a massa, rala a mandioca, faiz biscoi[to] da massa. E é muito bão, que se chama mané-pelado. (...) O pov' usa, que eu cunheço, é não, às veiz faiz da mandioca, assim, cê rala ela, sob[r]a aque[le]s pedaço, que às veiz ralava na mão, sobra. Cê faiz um biscoito. Ali cê soca é c'aque[le]s pedaço, põe no sol, ele seca e soca até virá pó. Côa numa penera fina, faiz um biscoito. Nois falav' de biscoito de raspa. É muito gostoso também. Cê usa pá bolo de doce, de sal não serve.

70. Bão, aí do polvilho fair vários, né? Faiz o biscoito de goma, faz pão-de-queijo, faz bruvidade, tem vários tip[os] de fazê, né. Mas, o mais gostoso, que usa mais é biscoito de goma e pão-de-queijo. É um alimento muito bão mandioca. Cê pode tratá de poirco, cum ela pode tratá de gado, ranca, pica, no cocho. Então, é um alimento de muita utilidade.

71. Todos [plantei]. Isto é do uso, né. Tem abobra que é uma coisa que nós planta na roça, pranta no mei do milho, do arroiz. É um trem que faiz muita fartura. A gente come, cê trata de gado, trata de poirco. É uma coisa de muit'utilidade também, né? Usa pa fazê doce (...) Bão. Tem verdura, que é um quiabo, qu'ocê po[de] plantá na roça, né. Semp[re] tem argum c'a gente num lembra, mas tem.

72. Bom, estes momentos de felicidade é quando a gente era todo mundo reunido em casa, família, filho, às veiz tinha mãe, o pai faleceu há mais tempo. Então, era um momento muito alegre, c'a gente tinha felicidade. E momento rúim qu'eu num gos[to] de lembrá é na perca de família que perdeu, pai, mãe, né, filho. Esse'é os momento mais rúim que a gente tem na lembrança. E os mió era no tempo qu'era todo mundo arreunido, é, tabaiava tudo junto. Intão, is[so]. Às veiz de arguém c'a gente conhece. Vizim, a gente tem a mesma noção qu'é a

mesma coisa, né? Que no tempo que vivi, que naquele tempo, era reunida a família, povo num saía. E[le]s criava todo mundo junto, né. Fazia até casa. Às veiz, casava, ficava todo mundo em volta dos pai, mãe. Hoje não, hoje cê vê que a necessidade de saí, procurá recurso é ota, né. Tem que saí. Às veiz, fica só os velho que nas, pas fazenda, nas roça, porque não tem condição de saí, nasceu ali, veve, num tem nem, coma²²⁹ diz, um mo[do] de vivê numa cidade, principalmente, cidade maió, né? É isso.

73. Bom, moment' engraçado qu'eu me lembro é às veiz é de festa. Naquel' tempo tinha muita festa de roça, c'a gent'ia, divertia, tinh'aque[la]s pessoa muit'alegre que fazia muita graça, contava piada. Então, às veiz cê tinha foguera, aque[la]s festa de São João, fica[va] reunido ali na bêra do fogo, da foguera, um contava uma piada, oto contava ota, às veiz tomav'um licorzim pa rearçá mais.

74. De piada? Num tem muita lembrança não. Eu tenh'um caso qu'eu sempre lembro. Eu era minino, assim, rapaizim, tav' cumeçano, e eu tinha uns cumpanhero, nós ia muit'em festa e tinha um que era mei valente. Eu num sabia da qu'ele era tão brab'assim. Um dia nós foi numa festa de São João. E dipois que pôis fogo na foguera, tav' [a]quel[e] fogã[o], nós lá brincan'e ele tava mei tonto. Que qu'ele fez? Me pegô e jogô den[tro] do fogo. Eu saí cinzento de cinza e queman' os braço, tav' aquel' fogão. Sapecô até a sobancelha. Nós era amigo. Era rapaizin. Cumeçan'a festa, né? E mais que eu gostava muito, achava alegre demais de vê, até hoje é dançá. Sapateava, só que eu nunca pude dançá, porque catira qu'é a catira num é do meu tempo, né. Ficô mais atrás ainda. Nunca vi dançá uma catira. [Hoje] É quadrilha, né.

75. Ah! Iss'ái já tev' muito, situação financera [difícil]. Teve muito dificuldade, né, de vida. Muito sofrimento pa sobrevivê. Às veiz trabaiava hoje pa cumê hoje. Amanhã já tinha que se pensá quand'é que ia consegui tabaiá e ganhá pa cumê amanhã, né? Is[so] tev' muito. No

²²⁹ Variação de *como se diz* > *coma diz*.

começo, principalmente, mais no começo era difícil. Muito difícil. Bão, eu comigo até que a num situação financeira, não. Às vezes, alguma doença, ota, mas, não muit[to] difícil, né? Que semp[re], Deus semp' abre um caminho pa gente sigui[r]. E com os vizim, assim, qu'eu tem lembrança não. A situação muit'imbaraçada não. Assim, conforme era a minha, é quas[e] todos era, né. Qu'era uma situação que quas[e] todo mundo que morava nas fazenda tinha aquel' pobrema de situação financeira, de num tê morada certa, às vezes cê tava aqui hoje, o patrão mandav' cê saí po qualqué coisa, cê tinha. Era obrigad' a saí, né?

76. Tem [saudades]. Eu tem muitos. Inclusive, os amigo qu'é da infância, que nós brincava junto, tem alguns ainda vivo qu'eu tem muita saudade de[le]s, daque[la]s brincadera, né? Saía dia de domingo, o dia interim, ficava às vezes po mato, caçano, brincan', subin' nas árve. Brincava o d'intero. Chegava em casa, de tarde, cansado de... Pensav': "Domin[go] nós já vai p'oto brinquedo." Já ficava maircado. Então, aquel' momen[to] cê num esquece, da escola né? E a gente fazia muita arte. A gente tem saudade sim.

77. Na roça. Na fazenda. Uai. Era uma escola da prefeitura, no municípi de Ipameri. Então, a gente naquel' temp[o] num tinha iscola nas fazenda. Muito difícil, às veize tê uma escola. E apareceu essa escola. A gen[te] tinha medo, [a]quel' me[do] de i[r] na escola. Falava: "Mas gente, é amanhã dia de i[r]!" Ia morren' de medo. E vi um senhor que era um baiano, um professor muito mau. Mas, muito mau mesmo! A gente tinha medo. Tremia de me[do] dele né? Bão, os primero dia foi bem, ele até que tava até carinhoso, depois ele foi mostrano a parte ruim. A gente trímia. Chegava na escola, ele usa ainda palmatória, que era e hoje é cunhicido só de alguém contá. E era triste. Muito triste. Ele batia, ele judiava, [en]tão a gente tinha medo. Tinha muito medo. Era um bão professor, mas tinha essa parte ruim. Alembro [o nome]. Chamava (...). Só num lembro o sobrenome. Er'um baiano. Às vezes, ele ia pa cidade, fim de semana, na segunda-feira, quand'ele chegava que nós ia começá a aula todo mun[do] tav' tremen' de me[do] dele. Parece qu'ele voltava veneno puro! Era muito complicado. E

mem' assim eu num dexava de fazê arte. Com muito medo, mas eu fazia. Judiô [de mim]. Bateu. Bateu. Não. Eu num chorei não. Mas, ele o rosto ficô vermeim a, vermeim a vergonha, já tava menino grande, né? [Batia] c'a parmatória. Ele usava... nós usava uma tabuada, eu num sei cum'ê que falava, ele punha nós em pé, numa parede. Ia perguntá a tabuada. Aquel' que num subesse. Ele me perguntava, por exemplo, eu sabia, eu batia naquele que não sabia. Aí, eu batia divagá, eu tinha dó dos minino. Era tud'amigo. Um dia, ele falô: "Cê, vô te insiná cum'ê que bate". Pegô minha mão e pegô essa parmatória, ela já tava cum ele, el[e] ficava co'ela na mão, balangan'ela assim no dedo. E deu uma puxada que ficô uns quat[ro] buraco. Ela tinha uns buraquim no meio. Ficô vermeinha minha mão. Parec[e] chegô inchá, que puxô, o vent' puxava. Nossa sinhora! foi a maió dor! Aí eu passei a judiá com os minino sem querê, tinha que batê senão apanhava, né? [Eles] Estudava, mas toda escola tem aque[le]s que têm mais dificuldade pa aprendê, né? Então, era muito complicado. Semp[re] tinha medo. (...) Castigo de ficá em pé, às veiz, jueiad'eu ficava. Muito! El' judiava muito. Era na roça. Eu estudei lá uns quato ano. Aliás, foi só lá qu'eu estudei. Nunca mais estudei pa lado ninhum, né. (...) Era longe [de casa]. Nesse tempo, não usava lanche nas escola. A gente s'andava, às veiz, seis quilôm[etros] pa i[r], sei[s] pa voltá. Num cumia nada na escola. Num tinha. Às veiz levava airguma coisinha de casa, mas poco. Não tinha muita coisa pa levá. À[s] veiz levava uma pipoca, uma coisinha, né. Chegav'em casa de tardinha, às veiz queren' anoitecê, cum fome, cansado. Era difici pa estudá. [Era] Todo mundo junto. Nós cumeçô com sessenta aluno. Naquele tempo o povo morava tudo na roça. Nin... quas[e] ninguém vinha pa cidade pa estudá. Tu[do] numa sala só. Hôme, mulhé, tudo junto. Todas [matérias]. Lembro...lemb'r' mais ou meno. [Na]quel'ê[po]ca era um model' muit'isquisito de escola, né? Ma[s] aprendia. Muita matemática. Essa era bem aprofundada.

78. [Aprendeu a ler e escrever]. Tive mais dois [professores]. Mas, os otos dois era bonzim demais. Muit'amigo. Às veiz, até num seria tão bom que insinava menos, né? Agora, a

saudade c'a gente tinha de escola era os brinquedo, né? Na hora do recrei. Era bãe no corgo. Tinha uma arreberão, nós tomava bãe. Já saía todo mun[do] corren' po bãe. Aquilo a gente lembra até hoje, né. Qu'e[le]s tinha [a]que[le]s minino mais amigo ainda. Tindh'uns que era mais ami[go] que os oto, que acho que até hoje existe isso, né, nas escola. Tem gente mais amigo. Tem [amigos desta época]. Só que eles ficaram em Ipameri. Mas inda tem deles lá. Veiz em quand'eu vejo.

79. De fazendeiros? Cunheci um patrão, nossa era um senhor viúvo que era muito namoradô. Então, ele vivia que namorava e era muito ciumento. Às veiz, fazia maldade com os oto, po[r] ca[u]s[a] desses namoro, incrusive com nós mesm' ele feiz. Nói[s] morava na fazenda e ele tinha uma namorada e ele era mui ciumento. Às veiz ele queria que meu pai fosse lá com ele. Às veiz, ficava cum ciúme de uma determinada pessoa ca namorad'e queria que fosse pa ajudá ele. Às veiz até brigá ca quela pessoa. E meu pai num ia que num era de interesse de brigá cum quem, às veiz num tinha nem a pessoa nem tava lá por conta da da namorada. Ũa veiz ele chegô acontecê dele mandá nós saí da fazenda po[r] caus[a] disso. Num dia falô, meu pai num quis i[r]. Ele falô: “Amanhã cêis disocurpa minha fazenda. Não quero ocêis aqui mais.” Então, tinha isso. Disocupô. Fom' morá dibaxo dum pau, nũa arve até construi[r] um ranch[o] de capim pa podê morá n'ota fazenda. Aconticia muito. Que eu me lembro assim agora, no momento, é esse, né? Agora, assim, momen[to] de namoraçãon aquel' temp'era mui diferente, né? Num tinha essas liberdade de hoje. Era muito diferente. Moça, num se ficava cum[o] a gente vê hoje. Era muito presa em casa. Tinha oto costume de de vida.

80. Eu já vim namorá já mais, já mais um poco no tempo da evolução, mas andava namoran', né, gostava. [Casei] cum vinte e três an'. Inclusive, eu, aquel' temp'era idade já meia avançada, hoje não, né? Hoje cê vê rapaiz casa é com trinta, quarenta. (...) Ah! Tinha. Toda vida houve isso, né? Tinha sim. Namorava escondido. Às veiz até fugia cum rapaiz. Tinha. Dava (...) muita briga. Muita briga por caus[a] disso. Às veiz, em festa, moça aquel' temp'

era muito presa. Rapaiz brigava, às vez chamava pa dançá, a moça num ia um brigava. Aconticia até de batê, aconticia coisa feia. Tinha [que dançar]. Era um uma coisa isquisita. Se a moça chamasse pa dançá... o rapaiz chamasse a moça pa dançá, ela num fosse, era um abuso dos maió. Rapaiz num num gostava de levá aquil' pra casa não. Tinha que i[r], de carqué jeito ou intão num dexava dançá mais. Não. Punha sentada: “Agora que cê num dançô cumigo, num dança cum ninguém.” Aconticia. Ah! não. [O rapaz] Nunca injeitô, né? Sempr'era o rapaz é que chamava. Por isso que num injeitava, né? Tinha que i[r]. E os pais obrigava. Ia pas festa. No sai[r] de casa, falava: “Ó, nós vai na festa, mas é pa dançá cum todo mundo. Não pode injeitá!” Era um costume que e hoje não, né? Moça às vez num qué num vai, uai. Num é obrigada.

81. Cunheço [caçada]. Inclusive, eu andei, quand'era assim rapaizim, meu pai era caçadô, a gente caçava cum ele, né? Tinha muito bicho naquele tempo. Matava, otas vez ia, num matava, mas dava tiro, corria. Intão, eu ia muito. Agora, pescada cunheço muita história de pescada, né, inclusive, eu pesc'até hoje. Inda pega muito peixe. Não é mentira, c'a gente pega mesmo. Os grande semp[re] fica, né, semp[re] pega.

82. [História] Ingraçada, tem causo assim verdadeiro que acontece de matá, né. De dá tiro, num matá. De onça aconteceu só uma vez que cachorr'acuô a onça e nós chegô. Era tudo rapaizim. E a onça tava encima do pau e cadê corage de dá o tiro? Quem diz que atirava, a onça vinha. “Vamo embora!” Largô os cachorro lá acuano a onça. Cadê corage de atirá? Perdeu a chanc[e] de matá a onça.

83. Tem [assombração]. E[le]s fala. Eu nunca vi, mas o povo contava mui caso de 'sombração. Inclusive, pov' andava muit'a cavalo, de noite. Aconticia de muntá na garupa, o caval' num andava. O sombração [montava]. O caval'às vez ficava piado, i[a] andá, el' andav' era piado, pulan'. A pessoa apiava, oiava, num tinha nada. Aí, o caval' chegava a

gemê, às veiz, de peso na garupa. Num conseguia. Aí, ia p'exemp[lo], ele acumpanhava, às veiz, um prazo. O caval' custava andá. Cum poco o caval' seguia andano ca bala.

84. Eu já vi gente contá certeza que viu sombração. Gente que morreu. Um senhor morava lá per[to] de casa e morreu um cumpanhero lá e esse que morreu vindia as coisa. Chamava seu (...) E ficô, tinh'um rapaiz que era famia nossa. Esse é que morreu (...). Ele vindia as coisa, vindia pinga. E esse rapaiz qu'era famia nossa chamava (...). E ele, muito cantadô de mintira, arremedava os ot[ros]. E diz ele que lá ia de noite sintiu aquel' varada na perna dele, né? Aí ele oiô er'o hôme. Aí, pediu ele, falô: “Óia, eu fiquei deven' uma conta, ocê paga ela pra mim qu'até hoje eu num consigo discanso ainda po[r] ca[u]s[a] dessa dívida.” Aí, diz ele que ripoê tudo, que chapéu chegô a suspendê na cabeça, né? Aí, ele falô: “Não, cê pode, se fô por isso c'ocê ainda num teve um lugá pra você, po[de] dexá qu'eu pag'a conta.” E pagô. E nunca mais viu ele também, né? Mas diz ele que foi o maió me[do] da vida. E é verdade, qu'ele não mintia. E cau[so] sério, né? Diz ele que lá ia, quan[do] sintiu aquela varada na perna dele. Aí o hôme aí em pé. Viu o hôme. E o hôme cunversô cum ele. Ah! eu acho que num é nenhumas pessoa que morreu, né? Ah! Eu pens[o] que não, né? Será que existe isso? Ah! Num sei não. Pode sê ota coisa, né? E ele era muit'ingraçado. E[le] contava e ria, mas ele diz que ficô comed'esse dia. (...) A mãe dele chamava (...). Nóis falav' (...) da (...). Ele, era muit'ingraçado, contadô de história, não tinha hora da noite pra andá, né? Cê escutava ele cantan'. Andava cantan', de longe cê escutava. Falava...Ah! Eu ach[o] que mucado ele... Não. Ele não tinha me[do] não, ele era disassismado. E assim a gente vê muit'istória de sombração que cercava nas estrada, né? Mas eu nunca vi nada, mas o pov' contava muito.

85. Eu cunheç'uma história que aconteceu co meu pai. Minha mãe sufria uma cólica que quan[do] dava, ficava rúim demais, né? E ele tava na roça c'ũa irmã minha, qu'era mais véia de que eu, de poso. E ele zangô demais, a minha mãe zangô, de noite, mas muito rúim. Aí, fora atrás dele, de noite. Cê pensa, naquel' temp[o] num existia recurso. Chegô lá, de noite,

ele falô: “Ó, eu vô, vô agora.” E foi pensan’, né, “O que que eu vou fazê pa ela? [Ele estava] em Caldas Nova, nóis[s] morava lá. E ela tav’em casa e ele na roça, posan’, aí foi, né? Aí no camim ele falô: “Óia gente, que qu’eu faço?” Só quem sabia muito remédi era minha vó. “Eu falei ela podia me dá uma visão dum remédio pa...” [Ela] Já tinha murrído há muitos ano. Era mãe dele. E diz ele que em vai, né? A noite muit’escuro. Diz ele que sentiu as costa, aquil’ junto, né? Ele falô: “Ah! É minha mãe.” Oiô pa tráis, só via aquele vulto branco, né? Mas, ele não parô. Ficô caladim e seguiu em frente. Chegô lá, vei naquela idéia dele, aquele remédio. Eu nem sei. Num me lembro. Num é do meu tempo. Ele contava, né? Vei aquela idéia nele de fazê aquele remédio. E uma raiz. Sei lá de que que é. Ele feiz, foi até minha mãe morrê, nunca mais deu uma cólica nela, sabe? Foi uma uma ajuda, né, que ela era muito raizera. Sabia muit[o] remédi, era até partera, né?. Sabia muita coisa. Tinha morrido. Sintiu, sintiu... Diz ele que vei aquel’ frii, as costa juntô, né, e ele oiô pa tráis viu aquele vurto branco. Pensô: “Só pode sê ela.” Nunca caçô ele, nunca falô nada. Só deu aquela guia pra ele, de fazê aquel’ remédi, né? Ah! Ficô [acreditado]. Esse remédi foi o último. Nunca mais ela sintiu. Sarô, por uma veiz, né?

86. Ai, xo vê²³⁰ s’eu me lembro dainguma. E no moment’ a gente às veiz num lembra, né? Mas, inclusive eu posei demais pos mato, pas roça, né. Tabaian’... Num tô me lembran’ no momento, mas é certeza que tem, que o tan[to] ca gente durmiu pas roça, pos mato, aconticia, né, às veiz de bão e de ruim. Ma[s] acontece, aconteceu. A gente vai perden’ a memória das coisa, num lembra, né? (...) Lemb[ro] da estória dum senhor que morreu limpan’ rego no mutirão. Ai, morreu de repente! Mutirão de limpá rego. Tava, caiu e morreu. Era cunhici[do] demais. Caiu dũa veiz. Não sintiu. Num é dizê qu’ele cramô que tava duen’, né? Deve sê o coração, né? De repente. Caiu na lama do rego, sujô tudo. Cabô [o mutirão]. Quan[do] nós panhô ele, já tava morto. Viu. Tav’ jun[to] co nós, uai. Já vi assim, morrê em camp[o] de

²³⁰ Variação de *deixe-me* (ver)>*deixa eu*>*dexa eu*>*dexa ô*>*dexô*>*xô* (vê).

bola, morreu até no meu colo. Sujei[to] caiu. E prumô pra cima da bola e caiu, né? Caiu e eu já cheguei. Eu, era muita gen[te] chegô, e eu peguei ele. Já pus no meu colo, falei: “Tá morrendo.” Morreu na hora. Amigo. Cumpanhero. [Eu] Tava [jogando] também. Na roça. [Em festa] já vi. Morrê matado, cum tiro, lembro. O sujeit’atirô o oto. Ûa única bala que tinha no revôrve. El’ deu o tiro. Es[se] sujei[to] saiu correno. Tinh’um canavial. E aquele temp’o povo era muit’isquisito. Os irmão do rapaiz falô: “Mar cê é rúim pa tirá.” Caçuan’ dele. Falô: “Não. Eu acertei.” E o rapaiz correu, berano o canavial. Daí, um poco, o pov’ foi atrás. El’ tava morto den[tro] dum brejo. Ele morreu, socô no mei da cana, ach[o] c’afrição foi tanta, foi morrê den[tro] do brejo. Morreu, na hora. O tiro pegô na barriga dele. O oto era rapaiz muito novo, incrusive era da minha idade. Era rapaiz novo, né! Parece que tav’ importan’ não. E ninguém acreditô que... Não. É briga de otos. Ele atirô. Ach[o] qu’ele nem acreditô que tinha matado, que tinha acertado, né?

87. Sei de gente que tava fazen’ cerca e morreu, na cerca suzim. E parece que ficô um dia ô mais, ou foi de ced’até de tarde que incomodaro. Foi lá el’ tava morto. Tav’ fazen’ cerca. É, morreu fazeno ceirca. El’ tava sozim.

88. De raio, incêndi[o] de casa eu vi mui mas não que chegô à morte. Agora d’inchente, eu me lembro dum senhor qu’era pai dos meus amigo, de brin[cadeira], d’infância. Morreu nãa inchente. Ele morava nãa fazenda aonde nós estudava. E o lugar é muito plano, reberãozinho, [a]té qu’ele era até grande. O terren’ era muito plano na bêra do reberão. E ele morava sozim. E de noi[te] choveu na cabicera desse reberão e deu ãa inchen[te] tão grande, passô den[tro] da casa dele, carregô ele. Not[ro] dia, e[le]s foi lá, cadê o hôme? Foro caçá ele, foi achá muito longe, morto. A inchente tocô ele. Ele era um sinhô muito velhim já. Num tinha mais força, né? Não [acordou]. Morreu, morreu afogado. Os fii era tu[do] casado, já morava separado, né? Eu já era grande. Chamava, eu num me lembro o nome. Ele tinha apili[do] de (...). Eu num sei o nome dele. Era muito cunhicido, eu num saía da casa de[le]s quand’ ele era, tinh’os

fio qu'era minino. Nós er', criô junto. Era amigo, assim de bãe. (...) Já vi gen[te] morrê em banho, de pulá e afogá, ficá preso. Já vi. [Eu] tava junto. Lá mes[mo] nessa fazenda, é onde nós tomava bãe. Um rapaiz pulô, e[le]s subia nãa árve pa pulá. Ficava muito alto, ele pulô e num voltô. Ficô ingastaiado nãa pedra no fundo. Quan[do] tiraro ele já tava morto. [Eu] Tava junto. Tava junto. Ah! Deus me livre. Cabô, né. Acho que e[le]s largaro até de tomá bãe. Lá era...era fundo. Mui fundo. Era uma cachuera. Ah! gente num tem noção, mas divia tê os de, uns oito meto de profundidade, né?

89. De rai[o] já [conheci]. Eu não cheguei a vê, mas morreu um rapaizim per[to] de casa, num tem muitos an[os] não. Tava capinan' na roça e ãa nuvinha pequena. E[le]s era mais. N'er[a]²³¹ só ele não. Ele era minin', assim, um minin' começan' a virá rapaiz. Caiu um rai pegô na enxada dele. A enxada nunca mais e[le]s achô, el' morreu na hora, quemô tudo.

90. Uma eu vi, a otra eu não cheguei a vê, mas, é cunhici[do] meu que morreu. Tav', es[se] tava cortan' de motor-serra. Quebrô a galha l'em cima caiu na cabeça dele. Esse eu não vi, ma[s] eu cunhici el' dimais, ia muit[o] na fazenda dele. E morreu um rapaiz lá per[to] de casa que tava cortan', derroban', fazen' roçada. E a árvore caiu. Ele tava armuçan', sentad' enriba d'ũa arve que já tinha caído, e ele tinha cortado ãa e ela num caiu. Ficô presa lá no toco. E ele foi almoçá, senta[do] inriba da ota. E tava ventan' muito, que nós jurga, num sabe. A arve disapregô de lá e vei, caiu em cima dele. Só que a arve tinh' um ãa galha, fazia ãa furquia. A furquia vistiu nele, um galho ficô sentado com essa arve no colo e a ota galha passô nas costa dele, raspano as costas. Ficô lá sentado, is[so] foi o dia todo, ele tava suzim. Foi à noite, deu ãa chuvinha de noite. Foi mêis de agosto. No otro dia era um dia de domingo. A irmã dele, tinh' ãa irmã que era meia sempre, incomodô que foi atrás de gente pá vê que que tinha acontecido. Foi um cumpade meu, el' tava lá preso. Já quais[e] nem cunversava mais, ma[s] inda tav' sentado, pres[o] co'esse negóc[io] na perna. Tinha quebrado, aquil' tava longe o

²³¹ Juntura vocabular de *não era*, em variação: *não er' > ner*.

osso um do outro, a galha prendeu a perna dele, o os[so] tinha separado. Aí que qu'ele fez? Pegou o machado, cortou aquelas galha que tava prendeu, tirou ele, ele já quase num falava, ele ainda pediu água, muito baxim. Ele deu a água pra ele, falou: “Agora cê fica aí.” Pois ele deitado lá no meio do mat[o]. “Eu vou buscar mais gente pra tirar você daqui, qu'eu suzime não te carregou.” Foi. Aí eu tava em casa. Ele foi lá em casa me chamar, nós foi. Nós foi que já levou a coberta pra carregar. Chegou lá ele tava morto. Tinha murrido. Morreu. Aí, nós já foi atrás de gente com carro pra tirar ele de lá, né?

91. Acontecia muita coisa, né, pas roça. Roçada, derrobada era um serviço muito perigoso que dependia da pessoa ser muito alerta nas coisas, que cê tava cortando uma arve a ota soltava uma gaia, podia te pegar. Cê cortava nã arve, caía e jogava nã gaia pra trás, podia te pegar, né. Aí dividia da pessoa ser mais vivo nas coisas, né? Tinha que trabalhar com muita atenção. Ia muito sozinho. Num era bom, que tem certos serviços que dependia ter mais gente pra, no caso dum acidente o outro socorrer, né, mas acontecia de ir.

92. Conheço o rapaiz que morreu num tempo muitos anos, só que eu não vi ele morrer...na morte dele. Vi ele morto. Qu'ele laçou a vaca, a nelore, vaca braba, e caiu e morreu. E[le]s fala com o laço prendeu ele, eu num sei o se foi nã morte de repente, mas depois qu'ele morreu, depois passado e[le]s falaram que foi o laço que prendeu ele. Hora qu'ele laçou a vaca deu aquele arranque e o laço prendeu no peito perto dele. Morreu na hora. Jogou ele no chão. É, es[se] na fazenda dum paulista aqui perto. Agora assim, quebrar perna eu já vi sujeito cair do cavalo, quebrar perna, braço, né? Custela. Es[se] foi eu mesmo.

93. [Plantar] Ess'era serviço mais sem perigo, né. [Bater pasto] machucava, cortava de foice, né? Muito perigoso cobra. Muita gente levava corte muito grande de foice. Machucava. Às vezes cê vai dá um golpe, ela garra nã coisa qualquer lá em cima. Tira ela da direção, vem na perna, no pé, né, corta mais é a perna. Muito perigoso. Às vezes a pessoa dava aquele golpe

mei de quarqué jeito a ferramenta escapole, vem n'ocê. Mui pirigos[o]. Poque se trabaiasse mais de uma pessoa vai tudo junto, né? É mui pirigos[o]. Acontecia muito.

7 – 6NM62

1. [Nasci] É, em quarenta e um, é, dia quinz' de novemb'. Eu nasci ali na Taquara. Nós falava lá Ta... fala até ho[je] ma[s] e[le]s mudaro o nome lá pa Pião, né, mais é Taquara lá é, o nome lá era Taquara, né? Nasci foi lá, né? Cê sabe, cê sabe ond' é que morô a (...), ali prá bax' do ribirão? Es[se] ribirão que fica [a]l'embaxo? É pertim, incosta[do] lá. Isto, é lá, pertim mesmo. Uai, e[le]s fala hoj' lá é, esses lugarô ãa parte lá falava fala fala Pião, né? Mais o nome merm' é certo é Taquara, né? Toda vida foi Taquara. Eu num sei puque que chama Taquara, porque es[se], nome isquisito, nom' fei', né? Taquara! (*risos*). Lá na Taquara eu vivi até os os quinze ano mais ó men', depois de lá eu vim po Mato Seco, nóir mudô [a]qui po Mato Seco o [a]qu'imbax', [a]qui per[to] da Serrinha [a]qui, ó. Aí o nóir morô aí uns an[os] aí, depoi' mudô cá pa Serrinha, cá inriba. Não, num num nunca preguntei ninguém prá que que tinha esse nome. Uai, pois é, iss'aind'é puque é puque a lá era serra, né, de certo é po[r] ca[u]s[a] dis[so], né, que chamava Serrinha. Ali eu morei um ano. É. Aí o meu pai faleceu, aí eu fiquei lá mais um, não, chague[i] lá morá lá morei lá uns, deiz mêis mais ó men', meu pai faleceu, aí eu fiquei mai[s] uns, uns oito mêis, por aí, seis mêis, oito mêis, aí eu vortei lá pa Taquara travêis²³², vortei prá lá fiquei lá um ano mais ó men', de lá eu fui lá po po pa Mata. Mata é lá per[to] do do rii lá embaxo. Aonde mora o, mora o (...) hoje. Tem Mata, um punha[do] de lugar ali cha... lá chamava Mata lá. Não, num tinha nada não, num sei porque que tinha esse nome de Mata lá, né? Intão, lá eu morei lá um, lá era dum tale (...), e o e o (...). Aí is[so] qué vê, is[so] foi em, qué vê parece que foi cinqüenta, cinqüent'e oito. Não, foi sessenta e dois. Foi sessenta e dois, foi num na' na seca braba. Foi...chuveu foi em janero.

²³² Juntura vocabular de *outra vez*.

2. É praque num chuveu, o povo prantô as roça em outubro e num chuveu, a roça morreu tu[do], cabô, o gado morria tud', num tinha, nessa época num tinha, igual lá eu tomava conta dum gadim de (...) lá, é... tinh' um tal (...), morav' na fazenda do (...) lá perto mixia cum ga[do] tamém, foi 'té que nós controlô. Eu levantava cedo ia lá pa casa dele. Chegav' lá nós ia tira vaca do brejo. Eu mais ele e uns minin' del', aí noi' 'muçava e el[e] inha lá prá casa, nós ia tirá as lá de casa, né, no brej'. Uai, poi[s] num tin[ha] nada de cumê, murri...morta de fome, intão ia chuchá no brejo pa caçá trem de cumê e, ó, prantava lá.

3. Ficav' atolada, né? Aí até 'conteceu um fato ingraçado cumigo dessa veiz, eu o (...) vendeu a a parte del' p'esse (...) e que o (...) contô, o (...) era ãa pessoa mu[i]to bõo prá mim. E[le] foi e disse assim: “Ó, eu vindi minha parte po po (...). Ma[s] inda vô voltá aqui ainda.” Aí passô uns dia, um nada, o (...) num 'parece. O (...) 'parece lá um dia falô: “Ah! eu comprei a parte do (...)” “Bão, intão tá certo.” Eu inda continuei des[se] jeito, nóir e lutô a mesma cois'. Lá em vai, vai, l'em vai vai, e es[se] tal de (...) sumiu, sumiu [as]sim, niũm num 'paricia lá. L'em vai l'em vai l'em vai e um dia a pare[de] da casa assim era grama, lugá bunito, cum poco, um dia já de tarde, sol baxim mem' apareceu, 'pontô dois carro²³³ lá em cima perdado, cum cois' que na ia pa Vazante. Cê já viu carro perdado? E[le]s, e[le]s põe um airco [as]sim, ó, no carro assim e põe coro, coro de gado, po[r] cima, sabe? Pa mode num, num moiá, sabe? E e[la]s tinh'. Carro-de-boi, é. Apareceu esses dois carro lá, tava sentad' lá diante de fora lá, apontô dois carro lá, vei cantan' e aí nes[se] car' [as]sim pensei: “Que dia[bo] de carro-de-boi essas hor[a] l'em vem dali?”. Cum poco, desceu, chegô lá a porta lá, pensei: “Meu Deus do céu! mais que diabo será aquilo?”. Aí desçô²³⁴ um véião lá per[to] da porta: “O S'or é que mora aí?” Falei: “Sou eu merm' ” “O (...) contô po sinhore que, contô pr'ocê”, num falô sinhô não, er' um véi da cabeça branca, “Conto procê que vem...eu comprei essas terra del'?” Falei: “Não, num tô sabem' de nada não.” “Ah! Pois é, mai[s] 'visô

²³³ Refere-se a *carro-de-boi*, meio de transporte da época.

²³⁴ Variação da forma verbal *desceu*.

po cê...prô cê não?” Falei: “Não, num avisô não.”. “Pois é, eu comprei essas terra del’ e e falei prá el[e] qu’eu comprei is[so] aqui” Falei: “Não tô sabem’ de nada não”. “E agora?” Aí, eu fui falei: “Agora? Agora o senhor põe os trem lá.” Tinh’ ãa casinha véia lá, as parede tinh’ caído um cado, tav’ só, po riba assim, tinha ãas três parede só. “S’ô põe os trem do senhor aí ó, o...hor[a] qu’eu arranjá um jeit[o] d’eu saí eu sai, mai[s] a casa eu num întrego não, que num mim avisô.” “Não, num tem probrema não, nós fica na casa aqui, num tem, num é temp’ de chuva! Tem probrema não” Incostar[am] lá, oto dia eu fiquei pensan’: “Gent’ do céu! Com’ é qu’eu faço?”. Aí fui lá no no (...) que e[le]s fala, lá em baxo. Chegô lá rumô ãa casa co’es[se] (...). Tinh’ ãa casa lá na frente, prá lá [as]sim no mei’ dum cerrado, ’ranjô ãa casa co’el[e] lá prá mim é prá lá uns dia. Disci prá lá, cheguei lá, falei com el[e], falô: “Pod’, pod’ trazê seus trem pô[r] [a]í na casa”. Aí eu fui ranjei o, o véi mes[mo] com com o carro lá, e[le] pegô meus trem e troxe, botô lá. Eu fiquei lá uns três mêis, só mudei pa Catalão.

4. Morei em Catalão, em Catalão e[u] sufri. Ô²³⁵ fui pa Catalão, cheguei lá [a]luguêi ãa casa lá e, nes[se] tempo a minhas irmã era tudo mocinha nova, né? Três, três irmã. Um ãa ãa. Nóir mudô pa lá ach’ qué vê, inda ach’ que foi, ah! eu num lemb[r]o não mais, parece que foi sessenta e cin... e quat[r]o mais ó men’, sessenta e três por aí, foi negóç’assim. Aí...É, e a minha mãe, né? Minha mãe era viva, né? [De]po[is] mudô pa lá, chegô lá minhas irmã foi impregá, ãa ãa d’e[la]s foi pa Goiânia trabaia lá ’ranjô um sirviço lá em Goiana, foi pa lá, ficô as duas e eu fui, tinh’um tal de (...), el[e] era daqui ó, ’ranjô um sirviço lá prá mim, fa[lou]: “Ah! Cê vai, tira lenha de machad’ lá”. Tin[ha] roçado po lado Mandaguari prá lá assim, pro bax’ da Goiaisférti²³⁶, pro bax’ lá assim, nó[s] roçô um mun[do] véi de mato lá e sapecô el[e] só pa tirá lenha e drumente.

5. Drumente é, cê sabe, é pa pô no trii de ferro. Aque[le]s trii de ferro no Catalão ali ó mai[s] ó men’, um cado foi eu que lavrei, ô...Tava fazen’, já tinha, mais tinha que, que tinha el[e]

²³⁵ Variação de *eu* (eu>ô).

²³⁶ Refere-se à Goiaisfértil (Goiás Fertilizantes), mineradora que se instalou na região na década de setenta do século passado.

mais tinha que re...re...reformá el[e], sabe? Aquil' ve[z] em quan[do] tin[ha] que tá pon' um um drumente. É um, um pau lavrad' assim, quadrado assim, cumprido. El[e] deve sê uns, uns dois metro e poco, mais ó meno. Dois e vinte, dois e mei pa tráis. Ho[ra] que cê passá no trii de ferro lá cê cê óia p'ucê vê. Não, el[e] é um, vinte cintimi[tro] mais ó men'. Quadrado por aí [as]sim. Aí (*risos*) es[se] (...) falô: “Não, cê vai tirá lenha.” Aí eu fui mais um fii del[e] um tal de (...) prá lá, chegô lá nóir pregô o machado, rapai', ãa lenha seca, dura de cortá, uai, e es[se] (...) era trenado, e[le] mandô as pera²³⁷, cortô um dia e eu cortei também, quan[do] foi no oto dia o (...) falô [as]sim: “Pai, eu num vô.”

6. Eu ganhei dinher'. Ganhei dinheiro, o dia que nós cabô de de de de de tirá os drumente nós er' trinta e dois machadero. Ma[s] o trem lá tamém era um mundo véi de trem, sabe? Era ma...o mato era grande e sapecô, quemô só as fôia. O resto tu[do] foi pa tirá lenha e e drumente. Ah! Tinha [madeira de] tudo quant' é qualidade. É, ma[to] nativo, é. Tudo quant' é qualidade tinha, tudo. Tinha óleo, tinha anjico, tinha o jandá²³⁸, tinha otas qualidade, mais ah! Tinha maderá dimai'. Anjico. O jandá. Não, é, e[le]s num falava não, mais tinha, o jandá era mió, o anjico, né, er' mió. O óleo era bão, mais o óleo é danada pa impená, intortá. Se tivé, pego ota lenha, o olé[o] cê lavrava ele el[e] ficava no sol lá el[e], virava a ponta pa riba um poquim. Intão num ficava bão.

7. Aí e esse, aí cabô o sirviço lá que e[le], já era tempo de prantá roça, né, tinh'um tale o...(...) por aí, o o (...) que e[le]s falava, tinha ãas terrinha lá no Corgo Fundo. Mim chamô: “Ah! Vamo plantá ãa, um mii cumigo lá, ãa roça lá, eu te dô ãa ajuda!”. Falei: “Não!”. “Te dô a roça na meia, ma[s] eu te dô a dispesa procê, cê come l'em casa.”. Cê vê eu nes[se] tempo eu er' solter', rapaizim novo, ganhei mui dinheiro, ma[s] o que eu ganhava, eu gastava tudo, sabe o que é, né? Num sobrava nada não, quand'era fim de semana eu cabav', muía o dinheiro, né?

²³⁷ *Mandar as pêras* significa, na região, fazer algo com determinação e rapidez. No fragmento, quer dizer que o rapaz cortou muitas toras de madeira, com rapidez, rendendo o seu trabalho.

²³⁸ Forma abreviada de *jacarandá*.

8. Muía tudo (*risos*). Comprava as coisa, né, de cumê [as]sim, o que p[r]cisava, comp[r]ava, né, mais quando era na oto sáb[ad]o os trem já tava acaban', tin[ha] que ganhá dinheiro pa ca[sa], tin[ha] que tê ganha[do] dinheiro pa comprá mai[s]. Aí, eu fui falei: “Ó (...) eu vô prantá essa roça c'ocê mais é difiçu, puque eu num tem trem pa cumê, pá levá pra lá é custoso.” “Não, eu te dô a dispesa pr'ocê, lá é só ocê mem'.” . “Ah! 'Tão tá.”. Fui pa lá, prantá ãa roça lá, prantei o arroiz, prantei mio. Aí eu firmei el[e]. E[le] tava numa pobreza, ess[e] hôm'. Õa negociada, sabe, ãas dividaiaada que e[le] divia, sô, e o pov' cobran' del[e] e el[e] levantava cedo saía doido. E[le] tinha ãas três vaquinha de leite lá, sabe, e[le] tirava leite, e[le] tinh'um punha[do] de fii. Intão tirav' o lei[te] de manhã, é, a dona (...), a muié dele frivia o leite e nós cumia cum farinha, o leite cedo. [De]pois ela fazia armoço, e[la] tin[ha], tinha quat[r]o fii hôm', trêi' muié, trêi' moça den[tro] de casa. Fazia o armoço lá pra nós, el[a] tinh' ãas panelinha preta, e[la] fazia o ma...o arroi' numa panelinha des[se] tamãe assim, rapai', e[le]s era sete, oito, e eu nove. Nós er' nove pessoa na casa, numa panelinha des[se] tamãe assim, ó, cada um cumia ãa conchada de cuié de cuié de pau, punha no prato, punha feijão, punha farinha, punha abobr'²³⁹ batida, tacava mai[s] farinha, cumia aquil'. Não, cumia carne não, o (...) lá de ve[z] quando, el[e] ia matava um frango, mõi difiçu. Bão, aí passô, eu cui, cui o arroi' lá, cui o feijão, deu muito feijão, cui o mii, a terra lá é boa dimais. Aí vindi um ca[do] desses trem. Ah! Ingraçado, pra mim, mĩa mãe ficô lá no Pi...lá no Catalão, eu pagava aluguel da casa, é...as minina trabaiaava a a a ãa das mai[s] véia e a mai[s] nova, trabaiaav'. Mĩa mãe semp[re] lavava ãa ropinha pos ot[ros] lá, ganhav' uns trocadim. Cê sabe que qu'eu fazia pa mim vem... levá pa mim vendê pa pagá, comprá as coisa de cumê, assim? Um café, comprava açúca' comp[r]av', c'a mĩa [mãe] se tives[se] café pra el[a] chegava, prisav'²⁴⁰ mair nada. Comprav' café, açúca, comprava arroiz, assim quando eu tava tocan' a roça, né? Ieu prantei a, um arroiz lá na, nessas ter[ras] do (...) e prantei mu[i]to pi...sement'

²³⁹ Variação de *abóbora*.

²⁴⁰ Variação da forma verbal *precisava*.

de pipin' lá na roça e nasceu dimais, ficô bão, mai[s] deu pipin', mai[s] deu pipin', eu inchi o saco de pipin', botav' na cacunda ia, l'em ia levá pa Catalão. Quinze quilôm[etros]. A pé. E[u] te mostr' p'ucê vê. Cê óia [a]qui, ta ven'? Tá ven' o cabelo aí? Iss'aí de ran... onde que rancava o coro, de carregá o saco de pipin', ó. Is[so] foi dessa veiz, ó... É, ficô a maica aí, ó. Ma[s] eu chegava lá co'esse pipin' tamém era ãa isca. Vindia tudo. E vindia bem. Eu num sei, né, não, nessa ép[oc]a num num o povo usava não. Num ti[nha] essas coisa pa vendê no comerço²⁴¹ não, né? Is[so] er' mõi difici', cê vê um, tinh'um mercadão véi l'em bax', né, que ness[a] ép[oc]a já tinha el[e]. Maisi num tinha naque[la]s 'venida lá, e[le] mo... nó[s] morav' lá nãa rua ali, na primera rua já chegav' na na na Boca da Onça, subin' l'em cima. Subin' lá po lad' do Posto Manguera. Por ali assim, ó.

9. Bem pra'li [as]sim, ó, bem pra'li. Intão eu levav' saco de pipin' eu ia vindia, comprava café, comprava açúca', sab' com o dinher' dos pipin', comprava arroiz, comprava óleo. Tudo, er' um sacãozão, ma[s] ô²⁴² toda vida tem... Não, levei foi mu[i]ta vei' inquan[to] tav' dan' pipin, tav' levan', to[do] sáb[ad]o eu levava. Eu vindia lá na mĩa rua, né? Vindia na rua lá aque[le]s butequer' lá mim comprava, né, tin[ha] mõi butequim lá per[to], né, cada um mim comprav' um poco. E[le]s, e[le]s comprava pa revendê tamém, sab', comprava muito. Não, não, num saía [gritando] não...Nói[s] chegava lá e lá tinh'um tal (...), e[le] tinha um buteco lá tev'uns tempo qu'ele, passad'uns tempo ele, ô num sei que que 'conteceu co'el[e], se el[e] ficô só cum bra[ço] só. Ess[e] hõm' mim compro mõi pipino. El[e] comprav' tinh'um buteco, e[le] comprava e, comprava muito, e vindia pus'ot' lá no buteco. Ah, ô vindia pipin' p[ara]el', comprava dele os trem: café, açúca, comprava óleo, comprav' paco[te] de arroiz, dexava lá pa minha mãe e e as minina num, a minhas irmã e[la]s , e[la]s e[la]s, qua...quair nem jantá em casa e[la]s num jantava, as cois[as] quai[se] qu'er[am] só da minha mãe. Gen[te] do céu, eu sufri dessa veiz. Eu sufri carregan' esse saco de pipino. Quinze quilôm[etros] pa i[r] e pa

²⁴¹ Variação de *comércio*.

²⁴² Variação de *eu*, recorrente em toda narrativa.

voltá, ô i[a], ma[s] eu i[a] imbora sáb[ad]o de tarde e vortava só sigunda-fera cedo. A pé de a pé, né, po[r] is[so] qu'eu te...p[ar]ece qu'eu tenh'ũa mania, até hoje, né, cê vê eu vô lon...an[do] oito, quilôm[etros] de a pé e vor[to] to'dia hoje. E dessa veiz eu ia quinze, andava ess[e] quinz' quilôm[etros] inda carregan' ess[e] saco de trem. Andava assim ãa distância assim um um quilôm[etro] mais ó men', jogav' ess[e] saco no chão, sentava, né?

10. Fiquei lá [na cidade] uns, um ano. É, prantei essa roça lá, cuí ela, vindi um ca[do] dos trem, trux' um ca[do], vim 'bora pa tráis. Fui pa Taquara traveis. Morei lá um, uns ta... aí eu morei uns tempo bão, morei uns três ano. Onde qu'eu nasci. Aí e[u] fiquei lá uns três an' mais ó men' aí eu, não, aí é, é em antes de desse desse quand' ô vim o (...) mim chamô, f[al]ô [as]sim: "Vam' tocá ãa roça cumigo lá no Isbarrancado!" ali no (...) [a]qui, ó. "Eu te dô a dispesa, nós que vai tocá três arquero de roça, um seu, dois meu, cê num num gasta nada cum dispes[a]. E cê parte a sua roça só que nói[s] num vai separá a roça não. Separá as divis[as] mai[s] pa tocá não, tocá nó[s] vai trabaiá junto. Eu vem pa sua limp' a minha tu[do] misturado. A dispesa eu te dô, e te forneç'a sua mãe tamém, o que fô p[r]icisá eu 'rumo". E eu fui trabaiá mais el[e] lá. Nós ia pra lá, sô, nó[s] ficava lá 'té quinze dia lá na roça. El[e] vin[ha] 'bora, buscava trem de cumê, el[e] morava lá nes[sa] Taquar' tamém.

11. E[u] morava lá. El[e] era genro do tí' (...). Aí, toquei... nós tocô ess[e] mundo véi de roça lá, rapaiz, e e e valeu, cuí...e[u] cuí mu[i]to mantimento lá, paguei ele e sobrô mantimento, um poco. Aí o (...) falô assim pra mim: "Não, cê larga o (...) e trabaia cumigo!". Os terren' era del[e] mais quiria qu'eu prantasse roça ne[le]s po minha conta, né, eu cuzinhava pra el[e] direto, po (...) que el[e] gostava dimai[s] de cuzinhá er' na roça, né? É, e intão el[e] largav' a se...o... a casa dele ia lá pa roça cuzinhá na roça, né, aí eu fui tocá ãa roça por lá da casa [as]sim, da fazenda, a sede. Aí ele el[e] só cumia na casa del[e] sáb[ad]o à à tarde e dumingo. Sigunda-fera mei' dia e[le] já amuçava cumigo lá no rancho. Ele amuçava sigunda, jantava, terça, quarta, quinta, sexta, sáb[ad]o até mei'-dia. Mais toda hor'e[le] tava lá

pa cumê, na hor' de cumê. El[e] chegav' lá, mai[s] tamém assim, el[e] vin[ha] que no [Pir]is Belo comprava carne levav', comprav' toicim levava, comprava, levava frang', robav' as ga[linhas], os frango da muié tudo. Ah 'té el[a] é madrinha da min[ha] muié. E[le] levava frango, lá na porta do rancho lá [as]sim virav' aquel[e] monte de pena, dess' artur', ó. (*risos*) Matav' nós cumia, sabe? Aí um dia el[e] ficô lá 'té de noite, ess[e] di'eu ri del[e] dimai'. E[le] tinh'ũa eguinha pam... ah! Carijó, pintadinha, baxinha a égua, e el[e] ca[l]ça[va] el[e], ia pra lá, e[le] ca[l]çava ãas botinha [as]sim, ó, muntav' ness'eguinha ficav' lá, amarrad' na porta do rancho lá, cumia, e ess[e] dia e[le] el[e] foi pa lá de tarde, jantô e el[e] gostav' dimai' de contá caso e e[le] foi contá cas' pra mim dum t[r]em qu'eu ri dimais del[e]. Qu'e[le] tinh'apilid' (...). Mais eu num tin[ha] corage falá el[e] (...), falava er' só (...), ma[s] eu num tin[ha] corage...achav' qu'el[e] achava rúim, né? Aí um dia, ess[e] dia qu'el[e] jantô lá, 'cabô de jantá e e deitô, tinh'ũa ãa cama lá um, de vara lá, tinh'um cochão de paia, el[e] disvirô o cochão e deitô lá nes[se] cochão, deitô lá e e foi contá cas[o], bobagera dimais, sabe, falan' bobage lá, aí e[le] falô assim: “Ah! Vô contá um negó[cio] p'ucê que aconteceu.” Falei: “O que que foi (...)?” “Ah! Eu fui lá no Catalão esses di[a], cheguei lá incontrei a (...) lá.” . Cê lemb[ra] da (...)? Pois é. E ela tinh'ũa fia chamava (...), ess[e] aí el[e] pegô viu a (...) viu essa (...) lá na rua e[le] foi e falô pra ela assim: “Ô ô ô dona (...), cadê a sua fia (...)” Aí el[e] falô e[la] el[a] falô [as]sim: “Ah! E[la] tá na rua aí, por quê?” Falô: “Não, e[u] tô cum sodade del[a] dimais.” Aí e[la] foi falô pra el[e] [as]sim: “Não, eu vô contá pa sua muié, cê tá falan' na minha fia.” Aí e[le] foi falô pra ela assim: “Ah! Cê num mim cunhece, cê sabe quem eu sô?”. E e[la] foi falô assim, essa (...) falô [as]sim: “Não, eu sei dimais, cê é o (...)” (*risos*) Aí n'ele, n'el[e] falá assim, eu fui pruveitei a oportunidade e perguntei el[e] , falei: “Cê num importa dos oto falá ocê de (...)?” Fa[lou]: “Não, s'ocê nunca mim falô, cê tá perdeno, po[de] falá a ho[ra] que cê quisé.” Aí nói[s] ficô lá contan' cas[o] até de noite, ficô iscuro, e el[e] foi falô [as]sim: “Vambora.”, e eu namorav' ca minha muié, essa [a]qui, ó, e e[la] trabaiava na

fazenda. Aí el[e] falô assim: “Vambor’ lá pa fazenda.” Eu ia pa fazen[da] to’ dia de tarde, fazia hora lá ’té na hor’ de drumi, era pertim lá. Só que eu saí, el[e] saiu muntô na eguinha, né, e eu saí passei pro baxo assim, beran’ assim, beran’ o corgo, um triero e el[e] rudiô po[r] cima passá num cochete e foi, e[le] chegô lá no cochete lá el[e] apiô pa abri o cochete, e eu num sei que arranjo foi lá, sô, e vei ãa jaratataca e mijô nel[e], mijô nas bota del[e]. Ispirrô urina nel[e] lá, rapai[z] do céu, quand’ô saí lá imbax’ assim, perto do vau, distrái[s]²⁴³ da da casa lá, a gent’ saiu na istrada lá el[e] já che...chegô xingan’: “Ah! (...) s’ocê vê que que ’conteceu cumigo.” Falei: “Que que foi (...)? Caiu da égua?” (*risos*) E[le] falô: “Não, [a]piei pa abri o cochete jaratataca mijô nim mim!” Falei: “Ah! Sê bobo.” E[le]: “Não, mijô mes[mo], eh, tô sin...che[ga] lá perto p’ucê vê!” Ah! Quando eu cheguei per[to] del[e] cê num güentava, aque[le] catingão. Aí el[e], nós foi, nós chegô lá, el[e] apiô, jugô essas bota fora lá nãa porta do paiol, né, eu disarriei a égua pa el[e], e[le] falô: “Disarreia essa égua aí qu’eu vô tomá bãe.” E el[e] tomô bãe, cê sabe que o trem não saiu? Não [saiu]. E[le] ficô ãa semana feden’. E[le] teve que durmi separa[do] da muié, a muié num aceitô el[e] de jeito niũm...(*risos*). E el[e] passava tudo quant’ é trem no corpo pa vê se ’cabava a catinga. Custô! Custô acabá. Aí um di[a] de tarde eu cheguei lá el[e] tava lá, falei: “Cabô a catinga?” falô: “Ah! Sô, acho que agora ’cabô, eu num tô feden’ mair não, mais eu tô ven[do] um trem que num tá mim agradan[do].” Falei: “Que que foi?” El[e] falô: “O (...) envem lá.” De tardizinha, né? O (...), né, poi’ é o pai del[e], um veião, o (...) quan’ pontava a cunversá, aí eu fui falei: “Mai[s] puque aí, o que que tem o (...) em vem lá?” Falô: “Não, sabe puque, puque el[e] vem aqui, fa[lar] pa mim arrumá pa el[e] duas quarta de arroiz imprestado e el[e] nunca mim pagô, paga jeito niũm. E el, el[e] vô, e el[e] vai falá cumigo em arroi[z]. Ieu vô passá ãa disfeita nel[e].” “Ah! Intão tá bão.” Aí nóir ficô lá sentado lá porta do paiol lá o arroiz ficav’ den[tro] do paiol lá ãa ãa combizão grande lá, aí el[e] falô assim, o (...) chegô: “Oh! (...) cum’ é que tá

²⁴³ Variação de *detrás*.

ai?” fal[ou]: “Tô bem e ocê? Vam’ chegá, apiá”. Aí e[le] e[le] e[le] foi apian’, fa[lou]: “Não, eu tô cum pressa, ma[s] ô vô apiá um poquim.” “Que que foi cê tá cum pres[s]a?” “Não, eu vim cá p’ucê mim imprestá um ãa duas quarta de arroiz, que meu arroi[z] tá cumeçan’ marelá, é só eu coiê lá eu trago oto pr’ocê” Aí o (...) falô p[ara] ele assim: “Ô (...) eu vô te dá um saco de arroi[z] ma[s] eu quer’ c’ocê num mim amola eu mair nunca”. Aí o (...) pegô: “Intão cê ’ruma qu’eu tô cum pressa!” (*risos*) Aí, o (...) falô [as]sim, é, el[e] achô que o hôme infezava, né, num quiria o arroiz. Aí el[e] falô pra mim: “(...) vai lá, pegá um saco de arroiz lá po ess[e], po hôme.” (*risos*) Aí e[le] chegô co’ saco de arroiz lá nó[s] repartiu, el[e] trelô el[e] nũa, e[le] tinh’ ãa ãa eguinha quemada, quai[se] preta, cor feia, trelô el[e] inriba dessa égua e o hôme muntô inriba tamém e, ó (*som referente à saída da égua*).

12. Não, iss’eu, nunca falei is[so] dimair não, sabe, mais esse (...) el[e] era terríve. Um di[a] um di[a] e[le] chegô aqui o (...) tinh’ ãa venda aqui, num sei se ... cê num lembra que cê era mi... muito minininha. Seu pai lembra dimai’. Chegô ali e tá compran’, el[e] tava mais um um neto del[e], tinh’um netim dele, e[le] num num sei qual’é d[el]es. Os dois, os dois a cavalo, né, e o netim del[e] num num num cavalim, nũa eguinha, e el[e] tamém num cavalim lá. Comprô um punha[do] de trem lá, né, e chegô gente lá e to... e el[e] tomav’ũas, ve[z] em quando e[le] tomav’ũa pinga. Aí o, chegô mai[s] gent’ lá, comprô ãas coisa lá e el[e] viu um cara compran’uns trem lá, deu ãa nota de cinco cum canto quemado po (...) cobrá lá e qu’ el[e] tinha com[pado], o hôme tinha comprado. Aí o (...) vortô o troco lá pra el[e] lá e tal, o cara saiu foi bora, né? E o (...) tá lá, né, que el[e] era cunversadô memo, gostava dum papo, e[le] ficô lá baten’ papo lá e cunversan’, ve[z] em quan[do] mais ãa pinga e comprô mai[s], pegô mai[s], lembrô mai[s] duns trem lá pegô. E e[le]s e[le] nes[se] tempo usava er’ũas mala, num sei cê, cê já viu, seu pai mem’ tinha de[la]s, eu tamém já usei, é um trem de de agudão fei[to] de agudão, sabe, tícido, ’gudão, fazia a mala punh[a], punh[a], jugan’ el[a] den[tro] do arrei’, foi ãa par[te] dum lado, ot[a] d’ota. Pois é (*risos*), el[e] incheu el[e], incheu ess[e] trem,

botô encima da eguinha do do neto, e[le] falô pra e[le]: “Ó, meu fii, cê vai andano, o vovô e[u] vô, vai só acertá co (...) aqui e vai ’bora.” Aí o minin’ ficô cum medo, mar ficô queto lá e tal band[a] de fora lá muntado na eguinha e o (...) entrô lá pa dent[ro] e[le] falô po (...): “Vam’ acertá, cê mim dá o troco aí qu’eu p[r]icis[o] d’eu imbora.” Aí o (...): “Ah! Ma[s] que troco, uai?” “Uai, não, eu te dei o dinheiro aí, uai.” “Ah! Que dinheiro, cê mim deu?” E[le] falô: “Eu te dei ãa nota de cinco cum canto quemado, pod’oiá qu’e[la] t’ái, e cê num mim vortô o troco, uai.” Aí o (...): “Não, cê num mim deu.” “Dei, uai, po[de] po[de] caçá aí.” Aí o (...) mexeu na gaveta lá acha a nota do canto quemado. Aí teve que vortá o troco pra el[e], aque[le] cinco, cinco mirréis, o dinheiro que falav’ na ép[oca]a, lá, cinco conto, sei quant’ é qu’ era não, sei que era mui dinheiro! E el[e] pegô o troco e, ó, essa mala de trem qu’ e[le] tava no arrei’ e foi ’bora, sabe? Sem pagá nada, inda pegô uns trocadim, foi ’bora. Aquel[e] lá é terrive’. Nem, o (...) num alembro do, que era ota pessoa que tin[ha] dado não, pensô qu’era o (...) qu’e[le] falô ... É, ficô ... ficô c’aquilo na cabeça, né, puque el[e] num er’ bobo não, el[e] era um hôme... ãa pes[soa]... El[e] morava aqui po la[do] da véia (...), aqui ó, p[ar]ece mei’ pra lá aí, ó, morav’ pra lá, e el[e], e el[e] tinh’um rompantão pa cunversá que sabesta²⁴⁴. El[e] era feroiz, e[le] cunversava qualqué um.

13. Não, cunhici não. Eu fui lá ãa veiz buscá ãa pinga mais o meu pai. Inda era minin’, parece que esse hôme num tava lá, esse, véi...Véi’ (...), né? Eu acho qu’el[e] num tava lá esse dia não, qu’eu lemb[r]o, parece que intregô a pinga ’rumô a pinga pra nóir lá foi um rapaiz, um um funcionár’ lá que trabaiav’ lá, que lá tinha gent’ dimai’ nessa ép[oc]a, que trabaiava lá, né, eu num cheguei cunhecê esse hôme não, nem a véia tamém num cunhici. E[le] lemb’ de[le]s falá da fama del[e].

14. [Eu]Casô (...) é este ano qu’eu tocava essa roça lá que cuí a roça que cuí a roça e e e foi mês de maio. Cuí os arroiz, quebrei os mii lá e vim ’bora e e eu casá mês de de julho, dia

²⁴⁴ Interjeição de espanto equivalente a “Está besta!”, “Nossa!”.

vinte sete de julho qu'eu ia casá. E eu morava aqui na Taquara, aí e[u] trux'os trem aí pra aí aí o espe[re]... ficô um pedacim no mei' qu'eu num contei, quan[do] em antes d'eu i[r] lá p'essa tal de Picada, que o hôme mudô pra lá sem mim avisá. É, morav' na Picada essa vei[z], né, qu'eu, de lá eu mudei p'uma casinha do do (...), depo[is] e[u] fui pa Catalão. Em antes d'eu mudá pa lá, qu'eu morav' na Taquara, o cumpad' (...) tinh'a primera muié del[e], a (...) era a primera muié del[e]. É, era um curadô que tinh'aqui, ó. E e[le] morav' lá on[de] mora o (...) hoje. Intão o cumpad' (...) tinha ãas terra, as terra do pai del[e] aqui no Morro Alto, hoj'é do do (...), tinh'um fazendão lá, el[e] del[e] era poco, mais er' do pai del[e], é só que el[e] morava lá, e[le] tinh'um pedaço, morav' lá, tomav' conta de tudo, mim chamô pa mudá pa lá. Falei: “Nó[s] vai, uai.” Nói[s] num num tinha muito cunhicimento com e[le]s não, tinha [as]sim, qué dizê quand' quan' eu era minin' trabaiava lá co pai de[le]s mais meu pai. Aí e[le] mim chamô: “Ah! Mudá lá pra lá ô tô p[r]icisan' dum dũa pessoa morá lá per[to] de casa, só que num tem casa, nó[s] tem que fazê.” Falei: “Nói[s] vai.” “Intão cê vai prá lá pra mim lá uns dia, nó[s] vai cumeçá fazê a casa.” Fui pa lá, nós feiz adob[r]o, eu mais ele, cortei maderá lá, cortei uns esteio, finquem' a casa lá e fizem' as parede de adob[r]o, sentô aterro. Aí ele, e[le] tinh'um rego d'água lá, o rego d'água lá tav' cum probrema, rúim dimai', num parava no rego aí e[le] falô assim: “Vô mudá ess[e] rego, um pedaço del[e]”. Aí nó[s] foi mudá o rego lá e um pedaço, num era ...pedacim poco, tinh'um, deir metr' de cumprimento, mais dav'ũa fundura que Deus mim liv[r]e, um tanto de fundura, pa ataiá el[e] pa mode invitá da ... [en]tão lá pra baxo tava quebran', num parava a água, aquil'o gado ia lá, a água derramava tudo, sabe, quebrava o barranco e e[le]s tinha dibuia[do] tudo. Intão tinha que ataiá e[le], ma[s] tinh'um murundum e tinha que passá nes[se] murudum, e tinha que cortá ess[e] chão, né, um metro e tanto, de fundura. No inxadão, aí nós trabaiô lá uns três dia, nũa quinta-fera. Nós 'cabô, cheguei lá cedo ele, el[e] tava tiran' leite aí eu passei minha mão no inxadão e fui pra lá, aí el[e], e[le]s 'cabô de tirá leite chamô eu pa tomá café, eu fui lá tomei o

café, a muié del[e] deitada, e el[e] já tinh' mim contado que e[la] tava ... mui duente, e[le] pelejan' pa levá e[la] no médico e ela num quiria i[r], o pai del[e] num dexava, o pai del[e] er' curadô, né? Dava aquel[e] negoço de, o remédi'era bão, que num sei o que, ocê sabe, negóci' de curadô, né? (*risos*) Aí, e[le] mim contô: “Ah! A (...) num tá boa não, quer[o] levá pa cidade e[la] num qué i[r].” Bão, foi hor[a] do armoço, né, nó[s] foi almuçá chegô lá pa almuçá ela tav' deitada, 'cabô de fazê o cumê e deitô. El[e] entrô lá dent' do quarto, cunversô co'ela, nór armuçô, eu perguntei: “A (...) num tá boa não?” Nóir num er[a] cumpade não: “A (...) num tá boa não?” “Não, el[a] é ãa tal de, e[la] num qué i[r] de jeto niũm, vai lá no pai dela.”

15. Bão ficô, ficô, de tard'eu fui 'bora, e nós 'cabô de fazê o sirviço, aí e[le] falô [as]sim, falô: “Oh! Semana que vem, lá pa terça-fera, não, quarta-fera cê vem nó[s] vai trabaiaá na casa traveis, terça-fera ô vô na cidade, segunda-fera eu tô inrolado aí, intão cê dexa pa vim quarta-fera em diante.” Falei: “Intão tá.” Aí fui 'bora lá pra casa, eu morav' lá per[to] da madrinha (...), é na Taquara, né, aí quan[do] foi no oto dia o cumpade (...) mim chamô, falô: “Ah! Vam', 'judá eu ará um chãõ lá.” lá onde é do (...) hoje, depois eu mudei pra lá, né? Falô: “Vam' ajudá eu ará um chãõ lá?” falei: “Vam', uai, eu vô trabaiaá po cumpade (...) é quarta-fera em diante.” Aí eu fui sexta e sáb[ad]o, 'judá o cumpade (...) ará ess[e] chãõ, terren' lá, ara[do] de, ara[do] de boi na ép[oc]a. E inda inda na sexta-fera cedo ela manheceu passan' male, que ela tava grávida. E[le]s foi na... e[le]s tinh' ido no (...), el[e] deve, deu uns remédi' pra ela, e[le] quiria levá el[a] na cidade o (...) falô: “Não, cê num p[r]icis' levá não, qu'eu dô, o remédi' dela vai sê bão.”, num sei que que tem, né? E ela tamém acreditán' no pai dela, né, e e[la] foi 'bora, rapaiz. Is[so] fo[i] sexta-fera cedo, quan' foi de tarde ela passô mal e ficô rúim, e el[e] correu lá no (...), o (...) morava pra cá, [a]qui nessa bera dess'istrada aqui mais imbaxo, foi lá chamá el[e], que a muié tava rúim, chegô lá el[a] tava quair morta, e morreu. Che[gou], quan' chegô lá, mem' hor' e[la] morreu. O hôme tav' no caminhão, e[le] tinh' ãa camionete, tem ãa camionete e campô co'el[a] lá pa de de... co'el[a] lá pa cidade. Foi lá pa

(...), chegô lá e[le] falô: “Ói’, é sua fia, cum’ é que e[la] tá ó, tá morta, cê num quis dexá e[le] levá e[la] pa cidade!” O minin’ tin[ha] murrído den[tro] da barriga dela. Deu um um negóc[io] nel[a], sabe, num sei o que.

16. Aí, quais[e] que e[le] morreu, el[e] vortô pa casa do pai del[e] aqui no (...), né, foi morá com o pai del[e], largô lá, botar’otas pessoa morá lá, tomá conta do lugá, d’ota fazenda, ieu num quis vim pra [a]í aí qu’eu fui lá po, p’esse lu...lugá lá, mora lá, de lá fui pa Catalão aí quand’eu tava lá no (...), qu’eu cuí a roça lá, qu’eu namorav’ ca muié, qu’eu ia casá no mêi[s] de julho el[e] mim chamô. E aí e[le] já tinha casado ca cumade (...) fazia um ano. É a sigunda vez. El[e] casô eu já tava moran’ lá. Aí e[le] mim chamô, falô: “Oh! Aquela vei[z] num deu certo, cê quisé i[r] pra lá agora!” Falei “Não, ô vô.” Iss’áí eu já tinha vin[do] pa cidade, já tinha vortado, né?

17. É, aí eu fui mudei pra lá, eu lemb[ro] dereitim o dia qu’eu mudei pra lá, dia deiz de maio, qu’eu mudei pra lá. Tinh’um pagode lá no (...). Eu já fui chegan’ lá lá com a mudança, né, o (...) levô a mudança pra mim no carro-de-boi, nói[s] chegô lá o o o cumpa[dre] (...) falô, o o cumpa’ falô [as]sim: “Vam’ no pagode? Um pagodão, tá ten[do] um pagode no (...) al’imbax’, na ber’ desse corgo aí l’em baxo.” Falei: “Nói’ vai, uai.” Eu sabia aonde, falei: “Não, nó[s] vai, uai.” Aí nós foi ca camionete, chegô lá o pagod’aturô, e[le]s brigaro lá, virô ãa brigaiada, né, aí foi ’bora cedo. Quan’ foi dia vinte sete de julho eu casei. Aí morei lá uns três ano, o cumpa’ (...), e[le]s resolvera²⁴⁵ vendê a fazenda, vendeu a fazenda e o (...) foi pa cidade, montô loja na cidade e o (...) pegô o dinheiro da fazenda lá comprô o (...), e[le] já tinha a par[te] de lá comprô de cá, aí eu fiquei lá, o cumpa’ (...) que comprô a fazenda, aí el[e] chegô lá, né, comprô a fazenda. Chegô lá, fa[lou]: “Ah! Eu comprei a fazenda do do (...) aí mai[s] do (...), comprei comprei ocê tamém”. Ô ô, eu num cunhicia el[e] não (*risos*). Eu

²⁴⁵ Aqui não há o uso da forma verbal no pretérito mais-que-perfeito do indicativo como pode parecer à primeira vista; trata-se de uso comum, no vernáculo em estudo, do verbo, seguido de preposição *a* e outro verbo, com sentido de *resolver*, *decidir fazer algo*. Neste caso, ocorre uma variação de *resolveram a vender* para *resolvero a vendê* > *resolver’a vendê* > *resolvera vendê*. Este uso pode ocorrer com todas as pessoas verbais e geralmente não há restrições quanto ao segundo verbo.

num cunhicia el[e] não, sabe? Chegô aquel[e] homão lá, né, el[e] de óqui²⁴⁶, é. Que diabo será is[so], meu Deus do céu?” Aque[le] da Santa Casa, uai, do laborator’ lá. Aí, e[le] falô “Eu comprei ocê tamém, cê vai ficá aí, num vai?” Falei: Uai, e[u] dô um jeito, uai, fô ficá nós fica”. É (*risos*). Aí, el[e] comprô ãa ãa ãas bizerra, ãas nuvia²⁴⁷ do cumpa’ (...) lá, pediu pa mim oiá e[la]s, aí eu oiiei e[la]s lá, quan[do] foi no oto sáb[ad]o el[e] ’pareceu lá, chegô lá e oiô essas nuvia lá, mim chamô pa mim dá uma volta co’el[e] lá na fazenda. Pe...pegô o cavalo, andô lá co’el[e] lá, e mostran’ pra ele, aí eu já tinha dado ãa oiada lá mais ó men’, né, mostran’ pa el[e] on[de] divide os pasto, as grotas, as aguada de gado. Aí deu na hor’ de cumê, e agora? Eu chamá ess[e] hôme pa cumê l’em casa? (*risos*) dottor, né? Isquisi[to] demais, aí eu falei pr’el[e] [as]sim ó: “Seu (...), s’or, s’ô num vai ’bora agora, já é mei-dia, s’or num quer i[r] l’em casa cumê um arroiz? Eu vô, vô dá um jei[to] de cumê um arroiz.” “Uai, se tivê trem de cumê lá nói[s] come, uai.” Falei: “Ai ai ai, será qu’esse hôme vai?” (*risos*).

18. Não, foi a maió coincidên[cia]. Não, a coincidência del[e], qu’eu tin[ha] matado um porco, fazia uns dia poco, um capado e a muié tinha feito ãas carne cheia, cê sabe? Aí chegô lá el[a], a minha muié toda vida é distemperada pa fazê cumê, faiz é muito. Tin[ha] minha mãe, den[tro] de casa, minha mãe morav’ com nós. Chego lá aque[le] panelão de arroi[z] lá, feijão, tinha mandioca cuzida, tinha num sei o que mair lá e a muié isquentô essa carne cheia e cortô el[a] lá no prato assim e e chamei e[le] pa cumê. E el[e] foi c’aque[le] jeitão del[e], num tin[ha] costum’ co’el[e], né? Ah, foi pensei assim: “Meu Deus do céu, será qu’es[se] hôme vai cumê mesm’?” Chegô lá, pegô o prato lá, né, na cuzinh’e foi lá nas panela e botô cumê e botô essa carne e cumeu e ficô doído. Mair cumeu, mais cumeu até...E[le] falô [as]sim: “Rapaiz do céu, mais nunca cumi ãa carne dessa”. “Uai, num é pussíve[l], sua muié fa...” “Não, ma[s] eu cumi, mais num é igual ess[a]!” Falei: “Não, puque s’ô tá cum fome, é por is[so] c’a carne tá

²⁴⁶ Variação de *óculos*.

²⁴⁷ Variação de *novilha*.

boa”. Ma[s] até hoje se el[e] chegá aqui, el[e] chega aqui, se el[e] chegass’aqui ago[ra] mim cobrava ela, e[le] fala: “Oh! Cê mim deve ãa carne daquela”.

19. Ah! Dimais uai, ieu faço dela, cê num faiz? E el[e] d’outa veiz qu’el[e] já passa [a]qui, el[e] mim cobra, fa[la]: “Oh! Cumpade, cê tem que fazê ãa carne daque[la] pa mim vim cá cumê aqui em ca...sua casa.” É, el[e] batizô um minin’ meu, o que morreu. E aí eu morei lá doze ano na fazenda del[e], depois disto.

20. Essa carne (*risos*) rendeu. Fiquei lá doze ano, depois eu toquei, aí e[le] cumecei a resorvê a botá um ingem lá pa fazê rapadura, fiz rapadura, depo[is] vam’ fazê pinga, né, e fiz pinga, depoi’ resolveu fazê açúca de turbina, açúca mais cara, mandô um primo del[e] lá, um tal de (...) fazê a turbina, feiz, levô as turbina pa lá, ieu fiz muita açúca lá, açúca boa dimais. Aí el[e], parece qu’ele, aí el[e] ficô discrente com o lambique e resolveu vendê o alambique, dexô só a turbina, aí el[e] vendeu o lambique, eu falei [as]sim: “ Eu vô ’bora.”, e o cumpa[dre] (...) semp[re] chaman’eu pa mim voltá que aí e[le] tinha, o pai dele tinha murrido, el[e] herdô aqui lá onde eu toco o ingem hoje. El[e] herdô lá do pai del[e]. Mim chamô pra vim pr’aí, eu já tinh’um carrim com os boi lá nessa época, na fazenda del[e], eu tinha comprado, né, os boizim amansei. Aí eu mudei pra cá, fiquei aqui três ano, no cumpa[dre] (...) peguei, e vindi o carro com os boi e comprei essa máquin[a] de arroiz, com esse lote aqui e aquel[e] barraco, aque[le] barraco que tá a máqu[in]a. Ela, cumeçan’ lá o lote ess[e], tudo [a]qui, ó, o lote é trinta e dois met[ros] po[r] doz[e], trez[e] de largura, parece, el[e] vai até na ota rua lá, ó. Ma[s] só tinh um... a a máqu[in]a com o barraco, né, só...É. Intão comprei (...) o res[to] do dinher’ dos boi eu fiz a casa, né, aque[le] casa véia qu’eu morava nela, sabe? Fiz ela, o (...) que feiz ela pra mim, a casa. El[e] morava ali, ó, ond’ mora a (...) hoje, ãa casinha pra baxo [as]sim no, mai[s] no fundo. El[e] morava ali quando e[le] feiz essa casa, e[le] feiz a casa pra mim. Avistei el[e] pa fazê a casa, comprei os trem, el[e] feiz a casa e eu mudei pra cá. Mudei pra cá mar fiquei assim naquela, toque[i] a, toque[i] a

máqu[in]a mais uns três ano, depo[is] qu'eu comprei do véi (...), compre[i] po[r] três ano. Nes[se] tempo num tin[ha] [e]ne[r]gia, meu motor era a óleo. E fique[i] e limpav' arroiz dimais. Aquil' ligava o motor cedo er' o diinterim, faiav[a], e[le] faiav' pa, cumia só. A água frivia, né, no tambor, sabe, o motor isquentava e ess[e] tambô tampô²⁴⁸ dá probrema, fo[i] até co (...) é que levava esse motor pa mim ajudá, to[da] semana tin[ha] que levá el[e] lá pa arrumá. Fa[lei]: “Cê que vê? Ô vô vendê ess[e] trem, ess[e] trem num tá compensan' não, o povo num trai[z] [e]negia pra cá, só fica só falan”. Tinha um motor a óleo lá embax[o] que dava ãa [e]negia aqui em cima. O (...) que tomava conta dele e e e é...logo al'imbax[o] perto, na iscola ali o, er' só 'té deiz hora tamém, né, que dava a, tinha luiz lá. Aí eu vindi a máqu[in]a de arroiz e fiquei inrolado por aqui e vortei pa trabaiá lá na fazenda do cumpa[dre] (...) tocan' roça lá, sabe? Aí só fim de semana eu tava [a]qui. A muié morava aqui na casa. Aí passô aí o dotor (...) troxe enegia pra cá.

21. Eu lemb[ro] dereitim que dia da inaguração da [e]negia el[e] vei lá de Goiana mais o o (...) de de hericópio²⁴⁹. Desceu ali per[to] da igreja, o hericópi' desceu lá, aquil[o] vuô papel e fôia, tu[do] quant' é trem longe, puque tem a héli[ce] del[e], né? Er' dia da [i]naguração da enegia aqui, ma[s] eu já vindid' a máqu[in]a. Aí passô uns seis mês eu comprei ota, comprei, pissuí el[a] uns tempo, vindi ela p'um cara lá de Santo Antõe do Rio Verde, fii do do do véi (...) lá, um tal (...). Um negó[cio] ingraçado: eu vindi essa máqu[in]a p'esse pu p'esse (...), seis vaca, vaca, vaca boa, vaca grande. Aí eu fui lá buscá as vaca e era o valor de seis mil. Mil cruzero cada vaca, acho qu'er' mil cruzer' mes[mo] na épo[ca] que foi lá. Aí cheguei lá, el[e] tinh' ãa vaca qu'el[e] gostava de[la]. Falô: “Ah! Ieu, e[u] vô te dá mil cruzero, lugá da, dũa vaca, tem probrema não?” Falei: “Não, num tem não, essa vaca é de vendê mes[mo]” Tá bão. E[le] foi e mim deu cinco vaca e mim deu mil cruzer', dinher' na hora. E eu trux' as vaca,

²⁴⁸ *Tampou*, aqui, quer dizer *começou*.

²⁴⁹ Variação de *helicóptero*.

chegue[i] [a]qui vindi as vaca. E a Caxego²⁵⁰ tava naquela infança, tava fila de gente, venden' tudo que tinha depusitan' dinher' lá, peguei os seis mil meu e levei e [de]pusitei lá. Bão, fiquei aqui mais uns seis mêis, uns deiz mêis mais ó men', mudei lá po cumpa[dre] (...).

22. Bão, vortei pa lá, chegô lá, tô lá um dois ano lá, a (...) resorve a casá. Aí, bão: “Que que cê qué qu'eu faço (...)?” “Não, quero que cê dá ãa janta. Pos amigo do senhor.” Falei: “Ah! Intão tá bão.” Aí eu pensei: “Ah! Agora eu vô, vô lá na Caxego tirá um poco de dinheiro e comprá ãa vaca e comprá um chopp, vô dá chopp, num vô dá, comprá cerveja não.” Cê prigunta iss' o (...), prigunta o cumpa' (...), fui lá tirá o dinher', pa cê sabe que qu'eu comprei com o dinheiro dessas seis vaca. Comprei ãa nuvia pa matá, cinqüenta lit[r]o de chopp e paguei trinta mirréis, parece que foi trinta mirréis do casamento. Uai, a infração cumeu o dinher' tudo, cabô, se eu demoro tirá el[e] eu tinha fica[do] deven[do] lá no banco. Ah! Ficô uns três ano [no banco]. Aí cabô, uai, o dinher' cabô num num, perdeu o valor lá, cê vê o juro era um ãa cois'absurda! E e o dinher' cabô. Sobrô nada! Eu comprei um barrii de chopp de cinqüenta lit[r]o, ãa nuvia do (...) pa matá po casamento e paguei, parece que er' trinta mirréis, sei lá, sei cum'é que falava não, do casamento. O dinher' limpô. Fiquei, fiquei limpo lá no banco, cabô. Ess[e] er' o dinheiro qu'eu tinha, uai. Não, cabô, o banco...

23. Cumecei, aí qu'eu cumecei do zero. [Ar]rumei um, ô tornei arrumá mais uns boizim eu pudia tá bem, eu eu fui hôme guerrer[o] maisi, a a cabeça num funcionô, 'rumei mais seis boi, fiquei, não, de lá vim 'bora pa cá, o cumpa' (...) mim chamô: “Vam' pantá roça lá cumigo.” Eu fui plantá roça co'el[e], levei os boi pra lá, carrian' lá e tal cois[a]. Tinha, aí o cumpa[dre] (...) falô [as]sim, tamém o cumpa[dre] comprô um tratore, carro, é, comprô um tratore, e[le] falô [as]sim: “Cumpade”, aí nó[s] já era cumpad', falô: “Cumpade, cê num vende esses boi seu? E[le] feiz as conta pra mim, “Esses boi seu dá se dá doze nuvia, nuviinha assim de ano e mei' mais ó men'. Cê vende esses boi, ess[e] seis boi seu, comp[r]a doze bezerra boa, da do

²⁵⁰ Caixa Econômica do Estado de Goiás, que estava iniciando suas atividades em Goiás, ou seja, “tava naquela infança”. Tempos depois, a inflação levou à perda de seus depósitos muitos investidores, como se vê adiante na narrativa.

doz[e] nuviinha, cê comp[r]a e[la]s eu te dô pasto um ano pr'ocê, [de]pois el[e], cê vende ma[is] um cado e dexa só um poco, eu te dô pasto de ãas cinco, seis eu te dô pasto, [de]pois hor' que e[la]s tivé parin[do], daqui um ano e[la]s tá quai[se] parin[do], tá tudo amojadinha, cê vende um ãa cinco, seis, e[u] te dô o pas[to] das ota, mió que ficá cum boi, eu tem tratô agor' pra quê cê vai fazê, o que cum boi?" "Vô vendê, intão" Eu vindi ess[e] trem po tal (...) lá da Rancharia, irmão do (...). Vindi, el[e] pidiu praz[o]: "Ah! Eu quer' praz' sessenta dia." "Ah! Tá, uai." Cê sabe, cê, vô te contá pr'ocê o que qu'eu tem, não o que qu'eu o que qu'eu [a]diquiri desse, desse dinheiro da, desses boi: duas duas porca e um cachaço.

24. Uai, o hôme num mim pagô. Ficô mim inrolan', eu ia lá el[e] mim dava vinte mirréis na épo[ca], num sei cum'ê que falava lá, sabe, ah, mixaria, dava um poco eu tornava i[r] lá, o dinher' ficô tud'im passage, e[u] pagav', pegav' o Lapolina²⁵¹ aqui apiava lá, per[to] daque[le] Posto Jurema. E discia de a pé, doz[e] quilôm[etros] ia lá na casa del[e], chegava lá. "Não, eu te dô cinco hoj'eu num tem dinheiro.", cê sabe, dinher'ispinicado, caba, né, no fim o derradero eu fui lá peguei uns porco dele, duas porca e um cachaço, ficô in[da] ficô pra trái[s] quarenta mirréis na época, e o juro. Nunca mai[s], ó!

25. Nem nutiça, bão, lá em vai eu lá po cumpa[dre] (...). Fui (...), fiquei lá (...) uns tempo lá, prantei roça lá, prantei aí, aluguei, comprei, ô peguei comprei ãas bizerra, ãas nuvia, ãas vaca, fiz um gadim lá, aí eu tirava lei[te], [a]luguei do (...) , eu ia lá tirá leite, longe, ia cedo lá tirava leite, de tarde ô ia lá [a]partav'as vaca. Aí o (...), irmão do (...) né, é o caçula de[le]s, tinh'o terren' lá, né, no fun[do] da minha casa, o fun[do] do cumpa[dre] (...), falô [as]sim: "Tô cum dó d'ocê sofren' des[se] jeito, vô te alugá aquel[e] pasto pr'ocê ao fun[do] da sua, sua casa, cê faiz o curral lá pertim, cê bate pasto pra mim pa pagá". Fui, [a]lugei o pas[to] del[e], fiz um curral lá pertim, eu tirava leite, fazia queijo. Eu tava cum treze rês erada, lá nes[se] pas[to]. Risulvi e vim 'bora pra cá pa Pires Belo'. (risos) Aí eu fui, [tra]baiav' dimai'

²⁵¹ Referência a *Anapolina*, empresa de ônibus que até hoje faz este trajeto por ele narrado. O nome da empresa é usado em lugar da palavra *ônibus*, numa evidente metonímia.

lá, eu falei: “Não, e[u] vô ’bora.” Peguei e vim, fui vendê o gado. “Larga o gado aí, uai, cê tem o pasto aí alugado.” Fa[lei]: “Não, ô vô ’bora, num tem quem óia ess[e] trem aí.” “Não, dexa o gado aí, uai.” Aí, falei “Não, vô ’bora, vô mexê co’esse trem não, vô vendê ess[e] gado imprestá ess[e] dinheiro”. Aí o (...) falô assim pra mim: “ Cê tem trêi’ mêis pago já, inda num venceu ainda, hora que vencê eu te alugo mai[s], dexa o gado aí”. Falei: “Não, ma[s] eu tem as vaca parida, e[u] num posso vim cá tirá leit’ de[la]s, e[la]s num po[de] ficá sem tirá leite.” E[le] falô assim: “Fai[z] o seguinte: dá as vaca parida po seu cumpad[re] tirá leite, o cumpa’ (...) e pega as quantia que cê leva pra lá parida e pega a soltera dele e põe no meu pas[to]. Dá o leite pra el[e] p’ele zelá do seu gado, mõi mió que cê vendê.” Falei: “Não, ma[s] eu vô vendê.” Peguei o gado e vindi: três mil e quat[r]o, deu o gado. Deu, o gado. Aí pensei: “Ah! Vô pegá ess[e] dinher’ imprestá el[e], imprestá el[e] po [a]giota, e[le] dá um dinher’, um jur’ bão.” Imprestei el[e] p’um fii do (...), um que morreu de [a]cidente, dos mai[s] novo. Te mostro ali, tá [a]li dent[r]o o trem qu’eu tem desse dinheiro, é um aparei de som, que tem ali dent[r]o. Esse cara num mim pôde mim pagá e foi inrolan’, sô, mim dava, ô ia lá mim dava tanto, mixaria, ô chegav’aqui o dinher’ tinh’acabado. Aí no fim eu ricibi, fui cabá de recebê del[e], de principal, né, o juro e[le] num pagô não, aí e[u] vindi, comprei aque[le] é, [a]parei de som del[e] tá [a]li, ó, trezens reais pare[ce], trezenci²⁵², mirréis, num sei cum’ é que falava lá. Pa mode cabá de quitá co’el[e], o dinher’ cabô tamém, três mil e tanto.

26. Diz o oto: s’ucê pensa assim: “Ah não (...), tô cum a minha vida rúim dimais, mai[s] cê vai ali, ó, cê vê um com a vida mu[i]to, mile veiz mai[s] rúim. Intão cê tem que pensá é aí. Ieu, ieu, do meu pensamento eu penso essas coisa. S’eu acho que a minha vida tá custosa, mais tem ota muns²⁵³ pió, né? Cê vê gente na cadera-de-roda, cê vê gent’ passano trabai’, passan’ fome, às veiz num tem as cois[as] de cumê, p[r]icis[a] tá pidin’. Intão eu nunca tive, já tive tido tempo de pobrez[a] assim de vivê, é a vida custosa, mais nunca, é, disisperei,

²⁵² *Trezens* ou *trezenci* são variação de *trezentos*.

²⁵³ Variação de *muito*.

fiquei disgostos[o] da vida não, ess[e] eu nunca, e[u] nunca pensei is[so], semp'eu levo minha vida é é alegre.

27. Ah! (*risos*) Ah! Eu, eu eu acho, eu acho qu'eu sô importante. Que, pra mim, pra mim eu acho qu'eu sô importante. É puquê é é é por is[so], é porque é ieu ieu, graças a Deus, sô sadii, tem corage de trabaiá, sô bão pa cumê, sô bão pa durmi, eu eu só filiiz, né, intão quando é, ieu mim sinto ieu filiiz cumigo mes[mo], né? Intão, eu sô sacisfeito²⁵⁴ da minha vida que eu acho que é é é ãa cois'importan[te] na vida da gente é a gente pensá pensá assim que a gen[te], sabê, a gen[te] tem, a pessoa tem que sabê o que qu'el[e] é, e eu sei o que qu'eu sô.

28. É, não, eu sô assim é, ãa pessoa que eu gosto de, é, de tê minha vida, fazê a minha vida do jeito qu'eu quero fazê, e[u] num num vô dizê que, assim, que s'eu pudes[se] sê rico, é craro, uai, tá bão, né, mais já que num tem jeito de sê, mais eu levo minha vida assim: gos[to] de de brincá cum to[do] mundo, pra mim num tem animi...eu num tem [i]nimigo, né, eu brinco c'ocê, brinco co seus irmão, brinco com os minino, eu brinco o rapa... o rapa... o o os rapai[z] daqui de Pires Belo, todos ele cunvers[am] cumigo, ô se minin' cunvers[a] cumigo e mim trata eu de vô, mim trata ieu de num sei de que, num sei de que, cê sab'o que é, né? Intão eu eu mim sinto que eu sô fili[z] dimai[s] po[r] ca[u]s[a] disso, né? Puque e[u] tenh'ũa amizade grande. Intão eu acho que pra mim é muit'importante. Esses dia, falan' negó[cio] de morrê, num sei que que tem e, cunvers[a] bobager[a], o (...) seu irmão falô [as]sim pra mim: "Cê sabe que cê num vai morrê tão cedo?" Falei: "Por quê?" "Cê é ãa pessoa mün..., que veve alegre, igual cê veve num morre. (*risos*) Pessoa (*risos*) Pessoa que vive, que vive alegre num morre, pessoa." E[le] falô [as]sim, ó: "Pessoa que trabaia e viv'alegre, el[e] num num morre fâci' não." (*risos*) É, era bão, né? Se num num dé conta de vivê! Ah! Vives[se] [pelo] men[os] ma[is] uns deiz bão, já tá bão, né?

²⁵⁴ Variação de *satisfeito* (*satisfeito* > *sacisfeito*) que, não raro, pode ser falado como *sasfeito*.

29. É craro, uai, justamente. Tem quat[r]o coisa na vida da gente que a gen[te] num pode dexá de sê. Qué dizê, num é só por a gen[te] não, é por Deus tamém, né, que se Deus num quisé tamém num tem jeito, né? Eu fa[lo], pessoa tem que tê, primero, saúde, né, que já pensô cê duente? Num, num tem não bão, né? A pessoa num tivé cabô, premera coi[sa], a pessoa tem que tê saúde, tem que tê amizade, tem tê créd[ito], a pessoa tem que tê um nome, se el[e] num tivé é rúim, se a pessoa num tivé nome, num tem é saúde, uai, cum' é qu'el[e] faiz? [Fi]ca ãa situação difici'. É, num tem amigo, que é important'a amizade, é bão demais, pa pessoa vivê. Po[de] falá... Tem dia qu'eu fico pensan' assim: Será qu'eu tem ess[e] tanto de amizade? Num é pussíve[l]! (*risos*) Num [a]quedito²⁵⁵. Ô (...), sentá aqui, uai. Cunversa, o dia c'ocê quisé vortá aí cê po[de] vortá nóis, nó[s] inda 'ranja mais coisa pa contá, inda tem a viagem da Vazante, tem a, a balsa do São Maico ali que nói[s] num falô ainda, tinha mai[s]...(*risos*) Tem tanta cois'ainda, p[r]icis[a] vê.

30. Dêis²⁵⁶ qu'eu vindi esse gado eu vindi um um uns e[u] vindi um um um ai²⁵⁷ lá, vindi ãa coisera lá e comprei ota máqu[in]a de arroiz. É essa aqui qu'eu tem ó, tem sete ano, tá doido. Eu vindi o gado, depusitei o dinher'e peguei o oto dinher' do do dos trem de ai, ess[a] cois'e comprei a máqu[in]a. Não, num é que é mió, o negoci[o] é que é, a dispesa dela é cara, né? Ocê vai comprá um par de burracha hoje é quarenta reias, eu tô gastan', depois que o pov' pegô prantá arroiz aguinha gasta o dob[r]o de burracha, um par de burrach'aturava três mês, hoje tá aturan' trinta, trinta e cinco dia. Ah! Eu num sei não, o arroiz é miudim, cê tem que apertá a burracha mais, sinão passa, pas[as] marinher' dimai'. É arroi[z] sem sem cascá, né? Marinhero. (*risos*) Marinher' tem divers[os] tipo, né? Tem os marinher', aque[le]s, qu'e[le]s que vi...viaja assim, e[le]s fala é marinher', tem os que fa[la] [as]sim é, otos fa[la] [as]sim: “Ah! É o primer' marinhero, né?” Num sei pa que não (*risos*). Maisi o marinher' memo é o marinher' de arroi[z], né? Que de primer' a gen[te] socava no pilão, soprava, né, na pinera,

²⁵⁵ Variação de *acredito*.

²⁵⁶ Variação de *desde*.

²⁵⁷ Variação de *alho*.

né, e rudiava. Uai, [rodear] é pô el[e] na pinera. Punha na pinera e e fazia assim com el[e] assim, né, el[e] andava redó na pinera, o arroiz, aí o marinher' su su[bia], ficava pro cima, a, só a ãa pelotinha assim ó, juntim. Aí cê pegava assim com a mão assim ó, juntim. Aí cê pegava assim com a mão assim, ó, tirava el[e] aí cê catava o resto²⁵⁸. É, ficav' facim, né? Era socá el[e] den[tro] lá, é que socava no mijol ô socava na no pilão, né, na mão.

31. Não, eu nunca brinquei. Só quand'era assim minimim mes[mo] de cinco ano seis ano. Quando ô tinha oito ano o (...), cê num cunheceu el[e] não, é o mari[do] da (...) pai do (...), pai da (...), muié do (...), é... pai do (...) é... tinh'ingem, er' lá na Taquara tamém, ingem de boi, tocad'a boi, ingem de de pau. Então é é, e[le] chamô, falô po meu pai: "Ah! Manda o (...) i[r] trabaiá pra mim, ajudá muê!" Meu pai foi falô: "Intão, el[e] vai pra lá trabaiá lá." Eu era, o que? oito ano, nove ano, mais ó men' por aí, aí eu fui. Õa que nóir morav perto, morava na fazenda del[e]. Chegô lá, muê, muía assim, mí[ni]m[o] trêi[s] mêis muen', fazen' rapadura, só rapadura, [rapa]dura preta! (*risos*) As cana, pare[ce] c'o povo num sabia que cana qu'era boa pa fazê rapadura, né? Ô qualqué cana certo sirvia, né? Rapadur' num ficav' branquinha nada. Intão, el[e] muía cum quat[r]o boi de madrugada, pegav' não, pegav' é ãa ho[ra] da manhã. Uai é puque é pa fazê, tinha que fazê quarenta rapadura por dia. Pa fazê quarenta rapadura gastava dois cortan' cana e gastava cinco no ingem, gastav' sete pessoa, pa fazê quarenta rapadura, cê vê o tanto que as cois'era custoso. [En]tão que que 'conticia, noisi, era eu, o (...) e o (...), é os dois fii mai[s] véi del[e]. Nóis trêis muía de madrugada. Õa hor' da manhã e[le] chamava nói[s]. E[le] chamava o (...), qu'era o fii mai[s] véi dele. Respondia lá, né, nói' du[r]mia nóis trêis num quar[to] só, e ali ele respundí' e tin[ha] que levantá, num podia isperá e[le] chamá mais, que se fos[se] p'ele chamá el[e] leva um pedaço de pau, er' brabo. El[e] é dos tal que que nem na car[a] de fii el[e] num oiava, se el[e] oias[se] o minin' já saía cum

²⁵⁸ Refere-se à prática de *socar* e *catar* o arroz que ficou em casca. No vernáculo em estudo dá-se o nome de *joeirar* à técnica de, com movimentos circulares na peneira de palha, *rodear* o arroz e trazer à tona os grãos em casca, impróprios ao consumo. Estes, por sua vez, se juntam no centro da peneira, sobre o arroz descascado e podem ser dali retirado com facilidade e mais agilidade.

medo. Bão, nor' levantava nessa ép[oc]a, nói' tu[do] descalço, né, num tinha carçado, num tinha nada não. Os boi du[r]mia den[tro] do curral cumen' oiadura. Oiadura é a ponta da cana, [a]que[la]s fôia da cana, sabe? Chama oiadura, intão ti... tirava a cana, sobrava aque[la] oiadura, punha po[r] cima da cana, levav', chegav' lá jugav' e[la]s den[tro] do curral, punha os quat[r]o boi drumi den[tro] do curral cumen' aque[la] oiadura, é verdim mem', um trato até bão, o boi ficav' 'té bunito, gordo. Quand'er[a] de madrugada nós ia, e[le] chamava o nói[s], ãa hor' da manhã, chamava, nói' levantava, lavava o rosto, num tin[ha] café, tin[ha] nada não, né, ia lá po curral, sô, o frio que Deus mim liv[r]e. Primer' fazia frii, né, hoje num fai[z] frii mais. Nó[s] cangava os boi discia lá po ingem, o ingem er' pra baxo da casa lá assim. Chegava lá, 'marrava os boi no ingem, a cana era picada curtinha [as]sim, ó, e chanfrada, ocê num sabe que que é que chanfrada, né? Primer' corta cortav'a cana assim, ó, sabe? (*gestos*)
 Pudia sê aparad[a] não, era assim ó. Pa, pa pegá no ingem que o ingem é muend'assim, que tin[ha] e[la] tinha que sê aparad[a] p'ucê botá el[a] p'ela pegá bem, né, se foss'aparada o ingem num pegava.

32. É um met[ro] mais ó men' de cumprimento, poco maió um poquim, pa cor...nór picav' de tar[de] desse jeito, punha mu[er], fazi'ũa, tinh'ũas istaca assim, ó, per[to] do ingenzim, fazi[a] inchia, chamav' piquete. Inchia el[e], ficava arto mem', cheim de cana picada dum lado e do oto, que gastav' dois pa pô cana no ingem, um um de cá oto de lá. Um punh[a] de cá o oto pegava de lá, infiav' pa tráis do oto lado. Não, só pum lado só. É só, do lado c'ocê, do lado c'ocê ficava era o pé era aparado. Tinha probema, é la[do] do pé da cana. O chanfrad'era pa lá, puque cê já pegava o mói de cana já levav' cum chanfrad' na na no ingem. Aí nói' chegav' lá 'marrav' os boi no ingem nói' da[va], e[le] dava uma vorta com os boi assim, nunca isquici tinh'um boi, boi del[e], tinh[a] dei[z] boi, tu[do] bai', cê sabe qu' é bai', né? É branco. (*risos*)
 Bão, e[le] tin[ha], e[le] tinh'um boi de guia, cê sabe qu' é boi de guia? É o da frente, né? Intão é, el[e] er' do chifre pra baxo, [as]sim, ó (*gestos*).

33. Um chif[re] mei' assim, o oto banana. É um um mei' pra cima o oto virado pra baxo. Chamav' Maromba, o boi. Nunca isquici o nom' des[se] boi. El[e] era o de guia e do la[do] de dent[r]o do ingem. Intão eu dava ãa vorta co'e[le]s lá, mandan'e[le]s, dua vorta assim, três, jugav'a vara no chão e e[le]s continuav' muen' e eu ve[z] [em] quando eu falava: "Maromba!" Falav'o nom' dos otos tamém, né? Num p[r]icisav' d'eu an... andan' a redó de[le]s, junt' co'e[le]s não. Aí o (...) falava [as]sim: "Nói[s], agor', cê [a]cende o fogo pra nó[s] isquent'a mão que sinão nói[s] num güenta não." [A]qui[lo] os pé tava duen' de frii, as mão gelada, a cana fria que Deus mim liv'! Aí eu [a]cindi um fogo dum lado e e do oto lado, po oto. 'Cindia o fogo e e[le]s, e[le]s ia lá e, dipressa, né, isquentav'as mão lá e vin[ha] pegav' aque[le] punha[do] de cana e ieu tamém isquentan' as mão lá e e[le]s pitava iscundid' do pai de[le]s.

34. Aprindi pitá dessa vez, eu tinha oito, nove ano. Aí e[le]s ...eu fazia o pito pra e[le]s, e[le]s falav': "Ago' cê faiz um pr'ocê." aí eu fazia o pito, ...o fumo e a paia ficav' cumigo. E era iscundi[do], num pudi[a] dexá o (...) vê de jeito niũm. Aí pitava, né, muía, ho[ra] que o dia manhicia e[le] chegava lá. Lá tinh'um cochão de maderá, um pauzão grande [as]sim, ó, feiz o cocho dele pa garapa caí den[tro] do cocho. Quand'e[le] chegava o cocho tav' cheim de garapa, né, aí el[e] lavava os tacho lá mai[s] o (...). O minin', o fii mair novo, um dos mair novo del[e] que qu'e[le] tinha, e[le] tinh'um oto qu'era o (...), hôme, mais era piquenim. Lavava os tach[os] lá, punha lá, e [co]zinhav'a garapa, né, e logo nó[s], o dia cabav' manhecê nói[s] sortava os boi aí eu ia carregá o bagaço, aque[le] muntão de bagaço. Pegav'aquel[e] mói [as]sim jogav' na cacunda, assim ia levá lá po mei' do pasto, jogá fora. Carregav' dum la[do], carregava do oto. Cum poco, a (...)chegava. É, era muié do (...), né, é ãa que morô co (...), bebeu venen' matô o minin', bebeu, deu venen' po minin' tamém, morreu no mei' do mato, mais custaro achá ela! Fia del[e], ãa das mai[s] véia, a fia del[e], chamava (...), a mãe

da muié do (...). Aí e[la] chegava lá eu lemb[ro] dimai' d'e[la] chegá c'ũa la... ãa lavadera des[se] tamãe, ó, cheinha de biscoito.

35. Naquela épo[ca] usava, hoje num num ninguém capai[z] que, capai[z] que ninguém quas[e] (*risos*) num sabe: o tal, er' pandeló, brovidade, os nom' dos biscoito, né, er'um biscoito de doce, qu'e[le]s assava assim naque[la]s forminha, aque[la]s cois[as]. Levava biscoi[to] de goma, pão de queijo, quando fazia pão de queijo ma[s] num era pão de queijo, num tinha queijo, num usava queijo, fazia o biscoito pareceno pão de queijo mair nel[e] num tinha queijo, eu sei o que que e[le]s fazia não, sabe? Sei qu'el[e] paricia o pão de queijo. Mai[s] num é, o nom' del[e] num era pão de queijo, que num tinha queijo nel[e]. Levava aque[la] baciona assim e aí nói[s], infiava um, ãas cuinha, uns trem lá, ãas latinha inferrujada den[tro] do tacho, tirav'aque[la] garapa quente ia cumê cum biscoito, né, cumia, bibia aque[la] garapa quente. É puque e[le]s ia botan' lá já punha fogo logo o trem tava freven', né?

36. É. E aí ele ia mandá nói[s], ia mandá eu batê tacho. É ãa ãa ãa cuia de[se] tamãe assim, ó, furada, fura[da] buraco grande assim, ó, cum mui[to] buraco, ãa hor' cê põe e[la] num pau, ê levava a cuia lá dent[ro] assim, suspindia el[a], batê pa num derramá, o trem fivia, podia derramá, sabe? E era assim: botava fogo dimais num podia, se batê dimai' pa fazê isfriá qu'el[e] danava, se dexass[e] derramá e[le] danava, era custos' batê tacho pra el[e]. Que se se bates[se] dimais o tach'isfriava, demorava apurá, s'ucê dexass'e[le] subi muito, el[e] derramava, el[e] ficav' brabo. Intão er' custos' dimai[s] mexê co'el[e]. O hôme era, el[e] er' injua[do] dimai'. Nóis trabaiava o diinterim, acabava de de de de muê, acabav[a] de muê era deiz ho[ras] da noite, de muê assim, de apurá. Acabá de formá as rapadur', tirá as rapadura, guardá...Era deiz ho[ras] da noite.

37. Nóis ia lá pra dent[r]o cansado, cum sono, cum fom', chegava lá. Chegava lá a (...) punha água na bacia, né, ãa baciona [as]sim ó, bacia véia inferrujada, punha água na bacia pa nó[s] lavá os pé.

38. Não, tinha bõe, que bõe!? tomav' bõe di[a] de sáb[ad]o só, aí juntava eu, o (...) e o (...), nói[s] primer' nóis, a bacia er' grande, né, tin[ha] muita água. Lá nói[s] juntav' nóis três, sentav' no tamburete em volta [as]sim, nóis er' rapai', eu er', eu er' novo, ma[s] o (...) ma[s] o (...) era rapaiz já, e[le]s er' mõi mai[s] véi que eu, eu era o mair novo, eu tinh'oito, nove ano, e[le]s já tinh'uns quinz', dizesseis ano, mais ó men', dezoito, tinha, e[le]s tinha mai[s], uns dizoito an'e[le]s. Pegava e a água e jugava a água na cara, né, lavava a cara, né, lavava os braço, aí ho[ra] que cabav' to[do] mun[do] lavava assim aí nó[s] punha os pés den[tro] da bacia, né lavava os pé do juei pra baxo, arregaçav' a ca... lava do juei pra baxo, nem nem um chinél' pa carçá num tinha. Ficava c'os pé lá na bacia um poquim até os pé inxugá um poquim, né, discia os pé ia cumê, punh'o cumê no prato cumia só ãa ve[z], acabava de cu[mer], cumia o, cumi[a] [a]quil' lá, punh'o cumê p'ota banda, na boca, né? Cansado e cum sono, né, 'té deiz hor' da noite.

39. Tinh'ũa novena na ca[sa] dum tii meu pa riba lá, nó[s] num pod'i[r] na novena nenhum dia. É hor' de de de i[r] pa fest[a] nóis, era deiz deiz ho[ras] nóis tava lá no ingem, num podia i[r] puque ãa ho[ra] tinha que levantá. Num tinha jeito. [A]judei el[e] uns três ano, desse jeito, eu muía três' méis em siguido, aí eu laiguei, el[e] tamém laigô de muê, infezô, vendeu os boi, aí e[u] fui ajudá o (...) muê, 'judei o (...) uns cinco ano, muen', 'judava todo ano eu 'judava el[e], er' na base de três ano, três méis tamém. Só fazen' rapadura, agor'eu fico pensan'. Naquela ép[oc]a gastava dois cortan' cana, eu mais o (...) lá no ingem e o o (...) mai[s] um dos minin' mai[s] novo lá, na fornaia lá. Nóis tin[ha] qu'ajudá lá na fornaia tamém, fazia quarenta rapadura. Só que era quarenta rapadura era um quad[r]o, quas'ess[e] caderno aqui, ó, era menor assim um poco, el[a] er'isquadrejado, mais gente fazia duas meia, que tinha forma tamém qu'era dividida. É é [as]sim, ó, sabe, fazia duas meia, e ota hora fazia el[a] intera, tirava a tabinha do mei' fazia ãa intera. Fazi[a] quarenta rapadur[as] quarenta e cinco,

ess[e] tan[to] de gente, hoje eu mais o (...) nós faiz noventa li[tro] de pinga, corta ãa ãa camionete de cana cheia e faiz cinqüenta e cinco rapadura.

40. Uai! Agor'e[u] te pergunto, o quê? Mais só que é deferente, né, nó[s] nó[s] aquela ép[oc]a era ingem de pau, né, aquil'er[a] custos', cê cê punha a cana aquel[e] ba[ndo], um punha[do] de cana, num é dizê qu'el[e] saía de lá, cê podia jugá fo[ra], cê tin[ha], o oto pegava aquel[e] lá e virava ele e punha el[e] traveis, né, e[le] saía de cá tornava pa, de cá, cê sabe o que é, né?

41. Uai, num tin[ha], num podia apertá, né, o ingem num güentava qu'era de tu[do] de pau, né, os dente num rigistia. Se apertas[se] muito, intão tinha que p[r]icisá, ago[ra] hoje não, hoj'o ingem elét[r]i[co] cê chega lá cê aperta um botãozim lá, né, o trem tá rodan' cê põe a cana de lá, a cana sai de lá o багаç[o] sai sequim. É, elét[r]i[co] é, a cana sai de lá o багаço é pa pô no fogo, el[e] quema.

42. Puxá cana, ago' hoje puxa de caminhão, é facim de puxá, né? Primero, [a] gen[te] tin[ha] que cangá boi, cê ia atrái[s] de boi no mei' do pasto corren', né, [bus]cá boi, trazê os boi, cangá, i[r] lá pa roça cum carro. Chegava, rabiav'o carro mon[te] de de cana lá, os boi num parava, cum poco o carro tava lá na frente, e os boi andan'.(risos) Intão tud'era custos', num dava certo.

43. Não, eu usei é ferramenta eu já usei um punha[do], ô usei um punha[do] de ferramenta, que o sirviç[o], sabe qu'o sirviço de roç[a], de roça usa é é um punhado de, cê usa o machado. O machado é pa derrubá pau, né, gent[e] us[a], né, antigamente roçava os mato, né, prantava a roça quas[e] que era mata, roça nova, né, [en]tão tin[ha] que roçá, cê roçava os pauzim finim com a foice, depo[is], quando er'os pau grosso a gen[te] vin[ha] com o machado. E pa ro... pa roçado, quarqué um sirvia mai[s] pa derrubá, que roçá um e derrubá é oto. Derrubá é com o machado puque é pau grosso, né, aí gen[te] fal[a] derrubá. Ago[ra] roçá é com os, com a foice. É puque, não, é puque pa cortá de machado num é quarqué pessoa, [tem de] sabê cortá. Tem muita... Não, num tem ciência quai[se] niium, só puque cortá de machado, de primero é,

cê tem que, pa derrubá, que nós falava: “Ah! Vam’, vô vô derrubá pa fulano.” Quan[do] fal[a] pa derrubá puque ia po mato. O roçado, derrubá aque[le]s pausão que sobrô. [En]tão, ess[e] [ca]boco tem que cortá do doi[s] lado. Uai, puque tem que cortá daqui e depoi’ tem que cortá daqui. Cum’ é qu’el[e] corta daqui se el[e] num sabe cortá do doi[s] lado?

44. [En]tão, el[e] faiz a, é gen[te] fala gen[te] fala fal’ é fazê barriga no pau, pa cê vai fazê a barriga no pau, o pau tá cê cê tem que che[gar], chega lá óia o pau, o lado que o pau tá pens[o] se el[e] pens[a]²⁵⁹ mei’ pra cá se va[i] fazê a barriga no pau de cá, fazê barriga é cortá primer’ de cá, fazê o (*incompreensível*), [en]tão pa cortá des[se] lado que cê tem que fazê? Cê tem que sabê, prendê cortá daqui. Cê tem que cortá daqui, aí cê faiz a barriga, depo[is] ho[ra] c’ocê fô cortá na cacunda cê tem que cortá de cá, [en]tão pa, derrubá intão tinha os machadero, preparado p’aquil’, pa derrubá. Não, aí depoi’ de derrubado, quemava. Depois [as]sim vinh’era cum machado, cûa foice disincoivará. Disincoivará é tirá o que sobrava sem quemá. Tirava as ponta, aque[la]s ponta fina que num quemav à[s] veiz, seimp[re] ficava e[la]s, ca foice i[r] dis... disbrotan’aquilo, cortan’aque[la]s gaia assim e aí cê fazia os monte e botava fogo, quemava, aque[le]s pau que sobrav[a], cê tirava lenha, né? Na ép[oc]a, cê muntuava a lenha, picava ela mais ó men’, ma[s] num picava curtim não.

45. Cê tirava aque[la]s ponta, tirava, que à[s] veiz, tinh’ um pau tinha muito gai’, quemava as pontinha, só [de]poi[s] cê tirava, tirava as pontinha [a]qui, quemava, o resto que sobrava era ãa le[nha], um pau mais grosso, cê cortava aqui aqui, ó, ficava só as tora. Esse aqui cê muntuava el[e], fazia os monte pa pegá el[e] aí pra riba, oto pa levá pra casa pa quemá que naquela épo[ca] usava era lenha, mes[mo], né? A tora sirvia, ficava lá uns, tinha, conform’a madera e[le]s serrava, né, conforme o pau e[le]s serrava. Fazia casa com aquil’, né?

46. Pa prantá, não, naquela ép[oc]a, eu mes[mo] já prantei muito é. Prantav’ de inxada, né, o mii, prantav’ de inxada, covava e no, er’ingraçado, quando é o [tempo] de prantá qu’eu era

²⁵⁹ Por analogia com o adjetivo *penso*, o verbo que o narrador usa é *pensar*, em lugar de *pender*.

mair novo, no temp' do meu pai, eu era minin', ia prantá, prantava era assim, era num era ruado não que hoje, tudo que vai prantá é ruado, né? Não, prantav'era no quad[r]o, nó[s] falav' no quad[r]o. É, eu, cê batia a inxada assim, ó, fazia ãa cova aqui levav'a inxada pa [a]qui covava ot[a], fazia ota pra lá, iss'aí, ó (*gestos*). Era um met[r]o e poco, um met[r]o e mei', um met[r]o e vinte mais ó men'. Não, não, é aquel[e] no ôi, né? Num tinh'ess[e] negóc[io] não.

47. Não, era era não, is[so] dependia puque cê vai co[va], cê vai cova no quadro c'um lugá só cê faiz três cova. Cê fazia três cova pa prantá, sab'o que é? Um lugá só que cê ficasse cê batia a inxada aqui, ó, [as]sim (*gestos*). Fazia ãa cova, né, cê fazia aqui ota. Ia pra cá ota, né, ali cê mudava ,cê fazi'o memo, aí cê mudava mai[s] pr'ali ocê mudava pa pa frente. É, aí tinh'o o distância que dava o cabo com o braç[o], né, pa cê fazê, cê covava.

48. Covad' é com a inxa[da], é com a inxada, né, muita gen[te] num gostava que covasse com o can[to] de inxada. Tinha gente que gostava cová ca inxada intera, fala: “Não, puque cê joga o mii, o mii, po mii num ficá impelotado, se o mii ficá isparrama[do] dent[ro] da cova é mió po mii”. E de fato era mes[mo], se o mii ficasse mai[s] ralo, cê punha três, quat[r]o, cinco caroço na cova até seis, mais o bão do do mii é quat[r]o caroço, né? Maisi punha, dexas[se] caí seis num tin[ha] probrema, à[s] veiz iscapulia da mão, né? Seis caroço num agachava pa panhá ele, pegava só, dexava aquel[e] seis lá na cova, mai[s] o certo era quat[r]o, cinco. Ago[ra], muita gen[te] num gostava que cê covasse de can[to] de inxada, que jugava o mio e o mii ficav'impelotadim, assim impelotado. É, e[le]s falava que num ficava bão, né? Agora o o arroiz, arroiz seimpre eu já prantei, eu era minin' mu[i]to novim eu lemb[r]o do meu pai prantá arroi' de inxada. Também mesma cois', covan'. Ingraçado, cová pa prantá arroiz era, cê covav[a] de fasto. Cê cumeçav[a] lá encima e vinha covan'. Uai, se os o[utros] tampava cova, que era era junto, né, pertim. É, puque aí é o arroiz, era iss'assim, né, a laigura. (*gestos*)

49. Intão, s'ocê, s'ocê pe... Não, é men' de mei' metro, é uns trinta cintím[etros], mais ó men', dũa cova na o[utra], dum dum dum dũa rua na ot[ra]. Que dizê, num é rua, mais e[le]s fazia aquela basa²⁶⁰ mais ó men', né. [En]tão, s'ocê fos[se] cová assim se a terra te dá cova de lá, tampava a cova de de cá. Intão cê ia covan' de fasto. Pa mo[de] dá certo, né? (*risos*) Era um trem interessante! Mais isso ô era muito minin', eu lemb[ro] de mu[i]to poco. Mais eu lemb[ro] do povo prantá assim.

50. Não, aí eu passei, ah, passei a prantá de prantadera, né, prantader[a] de mão, é. Semp[re] tinh'as prantadera, prantava. Fejão e[le]s plantava de inxada, mais é igual o arroiz tamém, é muito poco. Eu tem poca lembrança de de[le]s plantá, eu lemb[ro] de[le]s plantá mais mu[i]t[o] poquim. Agora e[u] prantava aí, quando eu já peguei prantá me[smo], trabaiá mem' eu já prantava er' de prantadera, né, o feirão. Ûa veiz nó[s] prantô um um feirão ali no no Capão Cumprido, Capão Cumprido é aqui, on[de] seu pai morô [a]qui, ó, por lá do (...) ali ó, imbaxo, seu pai morava lá, o seu ti', morava o o so avô (...), tudo morava lá, eu lemb[ro] nós trabaiav' tu[do] junto lá. Nós prantava lá a roça, nós trabaiav' tu[do] junto lá, aquel[e] povão. É um di[a] nós tava limpano, limpan' mii deu ãa corca²⁶¹ no meu pai, dor na barriga, sabe, duen'! E el[e] ficô rúim lá. Lá nós tinha o rancho, tinha duas cama, e tin[ha] cochão de paia lá, as as vara, cama de vara e cochãozim de paia lá, inriba lá, né? El[e] istendeu ess[e] cochão lá e deitô lá e passan' mal e deu à noite el[e] passan' male, mandô lá no (...) buscá remédi', o (...) mandô um num sei o que lá p'ele bebê, e nós pegava aque[le]s, juntô mu[i]ta gente. Seu pai deve tê ido lá no rancho, de noite, aquel[e] povo lá das roça lá é um vizim, um uns mora, num é o tanto moradô, o povo que posava nos rancho das roça. To[do] mundo ficô sabeno, muita gen' foi pra lá de noite, ficô lá. Ah, que ... vam' pô um pano... um pano quente, moiado, na barriga del[e], aque[le]s pano de panela, pano preto, moiava o pano, né, na água quente, isquentava a água lá, moiava aquel[e] pano e punh' inriba. Ah! Que miorava,

²⁶⁰ Variação de *base*.

²⁶¹ Variação de *cólica* (*cólica* > *colca* > *corca*).

uai, é apinicite, cum' é que miora? Gunitava, num tin[ha] nada que gunitá mais, sabe, pelejav' pa gunitá. Ficô noite intera, gritan' e o povo lá tu[do] em roda lá, pensô que ia morrê, num sabia cum' é que fazia. Num sa[bia], ninguém sabia que que era, 'ranjá que jeito?

51. E[le] tava, uai, bão. Manheceu o dia, botô el[e] na cuberta, e vei trazê el[e] pa venda aqui, ó, pa curretela. Bão, envém, quan[do] saiu na estrada invinh' um hôme que puxava creme, e[le] chamava (...). Acho qu' é, que chamava, ô é (...) num sei, cremero qu' e[le]s falava, do caminhão, chei' de creme, latão de creme, vin[ha] daque[le] mundo pa lá, viu qu' e[le]s tem ãa urgênc[ia] no mei' da istrada, né, e[le]s carregan' gen[te] na cuberta, parô o caminhão: “Que que foi?” “Ah! O hôme tá queren' morrê aqui, e[le] tá passan' mal.” “Não, põe e[le] den[tro] do caminhão, vô levá e[le] pa Catalão, lá e[le]s dá um jeito.” Aí e[le] botô el[e] no caminhão, levô el[e], ele e um tii meu, um dos irmão do meu pai, os doi[s]. Chegô lá em Catalão, nessa ve[z], cê vê, is[so] num é de hoje não. Catalão num tinha médico, num tin[ha] hospital, chegô lá botar' el[e] deitado lá no, tinh' ãa pracinha lá num sei aonde lá, tinh' ãa grama lá el[e] botô el[e] deitado lá e el[e] gritan' ca dor. Aí eu num sei quem é lá que levô el[e], o dotor (...), genro do do do (...), pegô ele e levô pa Goiandira. Goiandir' tin' hospital, nunca isquici, o dotor que operô meu pai diz que é vivo até hoje, ma[s] nem num aquerdito. El[e] mora mora lá em Goiandira e diz que mora lá 'té hoje, tá véim mes[mo]. El[e] que operô meu pai, meu pai já, a 'pinicite tin[ha] furado, tav' [a]quel[a] lambança já, na barriga del[e], operô ele, el[e] ficô doze dia lá no hospital lá, aí mandô el[e] vim 'bora, e[le] vei pa Catalão, falô: “Oh! Cê vai, ma[s] cê vai pa Catalão, cê num vai pa roça não.” Falô: “Tem um, tem ãa muié lá em Catalão que sabe fazê curativo, ela faiz curativo na sua barriga, cê vai pa pensão”. Aí tinh' um tale, seu pai, cê num cunheceu não, ma[s] seu pai cunheceu dimais, seu pai deve tê posado, é pensão do (...), onde é hoje é a pensão (...), descen' ali po cumpa[dre] (...), ali num tem ãa pensão do lado de cima ali de, pra cá do cumpa[dre] (...), cê sabe ond' é c' o (...) mora, né? Ali na na na Cristiano Víto[r]. Descen' ali num tem ãa pensão no São João? Pensão São João. Lá era do

(...), ess[e] (...) era daqui. Mudô pa lá tocô essa pensão mu[i]tos ano, e ela ficô, por nome de (...) até pocos ano, a pensão. Aí el[e] ficô lá, e e[le] [ar]rumô essa muié lá, essa muié ajudav' fazê curativo na barriga del[e]. Aí e[le] achô que já tava bão, vei 'bora. Vei 'bora, morav' lá na Taquara e eu fiquei aí, cê sabe qu'eu...

52. [Eu tinha] É mais ó men' uns quinze ano, catoze por aí, num era mai[s] não. Aí eu, e[le] fui, infrentei essa roça sozim, trabaiano, eu ia pa lá eu ficava lá quinze dia, nó[s] morav' na Taquara, eu vinh'em casa pa buscá trem de cumê. E meu pai pa lá, aí el[e] vei 'bora pra casa. Chegô em casa ieu tem [a]qui, ó, [não] sei se el[e] tá por aí, eu tenh'um tamburetim que foi el[e] que feiz nessa ép[oc]a. De perna de bálsamo, el[e] era carapina, aí el[e] vei puque é, el[e] num podia i[r] pa roça trabaiaá. Ficô ca barriga rúim, inventô fazê mesa, fazê tamburete pa vendê, e el[e] azangô essa apinici[te], essa essa operação, foi p[r]icis[o] vortá pra trái[s].

53. Chegô lá no médico, o médi' abriu a barriga del[e], tava chei de puso²⁶², da operação, aí e[le] ficô mai[s] um...num sei quans tempo pra lá. Aí vei, né, falô pra mim; “Oh! Cê prantá, enche a roça tu[do] de feijão pa pagá o hospital, qu'eu devo dimai' no hospital devo lá na pensão.” “ [En]ão tá.” Fui, prantei as roça tudo, inchi tu[do] de feijão, a roça de mio, [plan]tei feijão roxo, prantei, tinh'um tal, gen[te] plantava um feijão inxofe do cipó, era da dispesa, gen' plantava poco, qu'el[e] dava feijão dimai' e subia subia [as]sim, ó, ia lá inriba assim e brotav' pra trái[s], tan[to] cipó que e[le] dava, el[e] ficava branquim de bage [as]sim ó. Ess[e] e[le] prantei uns dei[z] lit[ros] só, só pa cumê, pa guardá pa cumê. Prantei feijão roxo, prantei preto, aí quan[do] foi na ép[oc]a de rancá o feijão, lá dava feijão dimais, lá nóis cuía quarenta, cinqüenta, sessenta saco [de] feijão, todo ano nessa roça. E o feijão ficô bão, rapai'. Quan[do] foi na hora de rancá eu ranquei o feijão inxofe, ranquei um poco do feijão roxo aí o os oto parece que tava [as]sim mei' verdolen[go], falei: “Ah! Vô batê esse que tá rancado, depoi[s]

²⁶² Variação de *pus*.

eu ranco os oto feijão.” Bati doz[e] sacco [de] feijão roxo e e uns três sacco de feijão inxof’ de cipó, e caiu água, mai[s] nasceu feijão, foi no ano que o feijão nasceu, foi em sessenta e dois.

54. Esse doze eu [a]priveitei el[e] que e[le] num moiô, né, tava batido já, né, doze sacco feijão roxo e três’ sacco feijão inxof’, falav’ inxofim de cipó, e esse e[u] t[r]uxe, t[r]uxe el[e] pa cumê, ess[e] roxo meu pai vendeu el[e]. Aí m[inh]a i[r]mã falô [as]sim: “Oh! Ma[s] cê ranca o feijão e bate qu’eu tráis el[e] pa catá”. Aí nói[s] rancô, bateu o feijão, e[le]s truxer’e[le], ’té eu lemb[ro] de tu[do]. O cumpa[dre] (...) foi lá com o carro-de-boi, encheu os dois carro de feijão e troxe, levô lá pra casa, lá meu pai fazia dimão lá de muiezada pa catá feijão. Eu lemb[ro] de, nessa ép[oc]a, o povo falava assim, via ãa moça assim bunitinha assim, falav’ [as]sim: “Oh! Mais que brotim, óia que brotim mai[s] bunito, né?” Aí nessa ép[oc]a c’o feijão brotô, nasceu, aí o povo pegô falá, fa[lar]: “Não, é puque o pov’ fica falan’ as moça de brotim, por isso que Deus castigô, mandô chuva po feijão nascê.” pensô que foss’aquilo (*risos*). Ûas coisa que, né, iss’ é ãa supressão na pessoa que num, eu num intindia. Falá que que que por ca[u]s[a] que o pov’ falava as moça de brotim, né, tão e[le]s falô que Deus castigô o povo, mandô a chuva pa num, feijão nascê pa brotá pa mode o povo laigá de falá as moça de brotim (*risos*). E meu pai levô, nói’ levô ess[e] feijão pa lá e catô e vendeu feijão, pagô hospital, pagô lá a a pensão. Aí el[e] nunca mai[s] prestô, meu pai, nunca güentô trabaiá, trabaiava assim de sirvicim poco, pedrero. E[le] era carapina, era pedrero, né, fazia casa pos oto, mai[s] na roça el[e] nunca mais [tra]baiô. É, e ali eu num sei, el[e] ia, ah, el[e] ia ... o di[a] que trabaiava de sirviç[o] pesado de roça assim el[e] sentia. Sentia dô na barriga pare[ce] po[r] ca[u]s[a] de tê operado e, com[o] se diz, abre a operação, né, parece que num que num num ficô bão não.

55. Nessa ép[oc]a, é é é rancava, né, fazia as bandera lá, depo[is] ’juntava pa batê, na ép[oc]a num tinha pano, num usava pano, num tinha plásti[co], num tin[ha] nada, cê rapava um pedaço lá no chão assim e bem rapadim. [A]té dá na terra mai[s] dura um poco, barria cum a bassora, er’um terrerão assim, ó, e batia o feijão lá cum purrete, tip’um purrete. Ûa vara,

arranjav'ũa vara ia jugan' lá e baten' "pá²⁶³" e baten' 'té ficá arto assim, ó, [de]pois cê, de tarde, cê muntuava el[e], jugava a paia encima, ota hor[a] cê insacava. Pa tampá, que à veiz podia chuvê de noite ô moiá no seren', né? É, el[e] protegia, é. Quando era n'oto dia tirava ele e aque[la] paia, jugav'el[a] p'um lado, né, e ia, batia mais encima. Ago[ra], quando é, à veizi tava longe, pa carregá aí cê insacava el[e], fazia o[utro] terrero, p'ota banda [as]sim, à veiz fazia ãa roça assim cê fazia três quat[r]o terrero, pa batê o feijão.

56. O que era da de de da dispesa, de cumida, pa gen' cumê, usav' guardá cum munha, né, num num soprava. É puque a munha num dexa o feijão ficá rúim. O feijão, o feijão guardado cum munha el[e] conserva bão. Aí gente soprava el[e], né, 'ranjava as muié pa soprá. Soprav' na pinera. Ia a muiezada lá pa roça soprá feijão. Soprav', pun[ha] no saco, custurava e, aí ia vendê.

57. O arroi[z] na ép[oc]a tamém era deferen[te] de hoje, que na ép[oc]a a gente quando ia coiê arroiz gen[te] fazia o rancho, igual fazê ãa casa aí, fazi'um rancho, fazia as parede de de só que as parede era de da mesma, a próp[ri]a paia de arroiz. Fazia e cê batia o arroiz lá dento do rancho, fazi'o jirau pa batê fazi'o a um... o jirau e batia o arroi' tu[do] lá dent[ro]. De tarde, cê, aquele que avuava pra fora da porta do rancho, pa tráis, aí cê juntava el[e] pa den[tro] do rancho traveiz, 'té ficá, até batê tudo.

58. Ho[ra] que cabava aí cê, aí levava a muiezada pa lá pa soprá, soprava tudo, insacava, ia atrái[s] de carro-de-boi pa levá pa casa, é assim (*risos*). (...) Aí num tin[ha] probrem' não, num moiava não, sempre na porta do rancho na por[ta] do rancho gen' fazi'um reguim assim, que se chuves[se] grosso a água num entrav[a] pa dent[r]o do rancho. Na berada assim, ó, gen[te] puxava o arroi[z] pa lá, [de]pois cê pegava aque[la]s paia de arroiz cê tinha batido, punha na bêra[da] do rancho, lá na na porta do rancho, põe um pano até o arroiz, que se a chuva viesse num moiava o arroi' lá.

²⁶³ Imitação do som da batida do feijão.

59. O mii o mii é, era era merma cois[a] de hoje, é puque é bão, hoj' é deferente que muita gente faiz é levá coidera lá pa dibuiá, né? De primero, só quebrava, né, quebrava el[e], fazia as bandera, [de]poi[s] juntava, juntava na média de vinte jacá cada monte, quarenta. Partia com o dono e o ot[ro] a gen[te], um ô vindia, o[u]t[ro] trazia, guardava, né, trazia tudo.

60. É, um um um jacá, o certo do jacá é trinta e dois atii²⁶⁴. E um atii é quat[r]o ispiga. (...) Não, só que tem, cê com[ta], ah! S'ocê, ah! Só, só num tivé o jacá, né, aí cê conta por atii, né, cê conta trinta e dois atii é um jacá. É isso, é... É, vende o jacá, né, aí no caso, aí cê vê, e[le]s fala [as]sim: “Oh! Cê mim vende, não, eu quero comprá mei' carro”.

61. Mei' car[ro] de mii é vinte jacá. E um carro é quarenta É. O certo do carro²⁶⁵ de primero era cabê quarenta jacá de mii. O arroiz a gen' mede na lata, né, ãa lata, né, ãa lata de vinte lit[r]o. Num saco é cinco lata, né, cem lit[r]o. Primero gen' falava é, ah! Hum! Quan[do] gente qu'ia trabaiá pos oto, igual eu mes[mo] já t[r]abaiei, t[r]abaiei po (...) pa comprá arroi[z], trabaiav' quat[r]o dia pa comprá ãa quarta de arroi'. Ña quarta. Hoje cê trabaia um dia cê comp[r]a, cê comp[r]a o pacote, né? (*risos*) Ma[s], ago[ra] o arroiz tá mei' caro, né, mais tev' ãas épa... (*risos*).

62. É, só capina, é, qué dizê, a ép[oc]a antiga, é, agora hoje não, hoje cê planta ãa roça lá, cê vai lá cum... ãa bomba, né, bate um venen' lá, mata tudo, fica só a pranta lá, né, mai[s] de primero usava era só capiná mes[mo]. Capinei roça dimai[s] da conta! Iche! Toquei muita roça cum ca[r]pidera. É. Até o arroi[z] mes[mo] cê passa. Uai, é pa limpá, ficá ma[is], ... é só é só pa [di]minui[r] o sirviço de de inxada, né, que s'ocê passá a carpidera no mii a ru[a], no mei' da rua fica limpim, né? Aí cê vai tirá só a quilininha²⁶⁶ do mii, né, el[a], restim que sobra na carrer[a] de mii. Tem que capiná, bão que diminói muit' o sirviço.

²⁶⁴ Variação de *atillo* (do verbo atar), que significa quatro espigas.

²⁶⁵ O uso de carro como medida refere-se ao uso da capacidade do carro-de-boi para armazenar e transportar as colheitas. Certamente, esta é uma medida que continua em uso na região estudada, mas de cuja referência inicial, o carro-de-boi, provavelmente já não se lembre mais.

²⁶⁶ Variação de *crininha* (diminutivo de crina), em referência às ervas daninhas que ficam inatingidas pela carpeira, formando uma fileira ao pé da planta, ao longo da rua, como se lembrasse uma crina (quilina) de

63. É, é o povo é de primero é, essas coisa assim o povo levava aquilo era era sér[i]o, né, achava c'aquilo era ãa verdade, né? Achav' qu'era um cartigo de Deus mes[mo], né, qu'eu lemb[ro] dimai' de de de[le]s de[le]s as muié ficava catan' o feijão, né, lá em casa, ieu vinha lá da roça, chegav' no sá[ba]do, à veiz eu vinh'imbora mais cedo, chegav' lá tav'aque[la] muiezada lá, ca pinerona lá chein[ha] de feijão catan', né? Aí eu chegava e[la]s, falav[am]: “Aí ó, cê rapaizim novo, ó, fica falan' as minina aí de brotim, aí ó, cê tá veno? Ó, tá ven'o tanto de brotim agora, no mei' do feijão aí, ó?” Não, eu (*risos*) chamav' aí, né? Mai[s] num pensava que, eu num ficava pensan' que aquil'era bobage de[la]s não, sabe, eu ficava pensan' que aquil'era bobage de[la]s não, sabe, eu ficava rin[do] puque delas falá aquil', né, e eu falava: “Não, num vô laigá de falá nada, né?” Eu falav' mesma cois[a], né?

64. Não. Eu inda tem, a gen[te] tem os dia santo. eu num sô, que dizê, eu num sô guardadô de dia santo puque eu num num num ... num é puque eu num tem aquela fé qu'eu tinha antigamente não. Eu tem a mesma coisa, aquerdito, aquerdito no dia santo, assim [a]quedito sim, igual é o regime que a gen[te] foi criado, se eu fosse um cara assim tranquilo, ah, que os dia do dia santo eu num trabaiava.

65. Não, que dizê, num é é... que que to[do] dia é dia santo, né, mais tem os dia santo mais de guarda, igual hoje hoje é dia santo. É grande, Senhora da Badia hoje, uai, dia quinze de agosto. Tempo de mais novo, gente, do tempo do meu pai 'té mes[mo] depoi' del[e] murrido, qu'el[e] morreu, tempo da minha mãe viva ela ela currigia a gente. El[a] el[a] mem' mora, semp'ela morava, e[la] tev'uns tempo moran'aquí, chegava aquí el[a] falava: “Oh! Tal dia é dia santo, num po[de] trabaiá não.”

66. Eu lem... lemb[r]o do do do de[le]s falá que num tale é... (...) tava carriano um di[a] dum dia santo. Ai e[le]s falô pra el[e], fa[laram]: “Não, mais hoje num é dia de cê carriá, não, pa quê cê tá carrian', hoje é dia santo.” El[e]: “Ah! Ma[s] que que tem dia sant' ca minha vida?

cavalo, que cai para os dois lados. *Desquilinar* é, então, fazer a capina da *quilina* que a carpideira não pôde arrancar.

Tem nada.” Aí foi carriá e caiu na fren[te] do carro, a roda do car[ro] passô po[r] riba das pern[as] del[e], quebrô as perna del[e]. [En]tão, e[le]s fala puque el[e] abusô do dia santo.

67. Uai, [as]sim tamém num tem a certeza que é, né, mais o povo tinh’ess[a] supe[r]tição, falava, ago[ra] ieu falo assim, eu, igual hoje, muita gen[te] num trabaia, di[a] de hoje, Sinho[ra] da Badia, tem o São João, São Sebastião, dia vin[te] de janer’, né, Santa Luzia, ã, um santo qu’eu semp[re] gosto, seu tivé do jeito, eu num gosto trabaia é Santa Luzia. Eu tem...Eu tem ã proteção cum Santa Luzia. Po[r] ca[usa] do ôi, né, o olho da gente é mui[to] milindrosa, e e[le]s fala que Santa Luzia é a protetora do olho da gen[te], né? [En]tão, aí o o os os mais véi tinh’essa, é é ...,ó, relampian’ p’ali²⁶⁷.

68. Os mais véi tinh’ess[a] super[sti]ção que que que cada san[to] tem um. São Sebastião é protetor dos casado, né? [En]tão é é é cada san[to] tem, como diz o oto, tinh’ũa sirvintia. [En]tão e[le]s gostava de guardá os dia santo e falava pra que que era que guardav’aque[le] santo, qu’el[e] era [protetor] pra que, el[e].

69. E os oto fala, os oto contava mu[i]ta história, né, de cas’assim, mais gente nunca, eu o t[r]em qu’eu nunca isquici na minha vida foi ess[e] desse, des[se] tal de (...). Não, não não não não, Deus mim liv[r]e eu ieu, o di[a] que, o di[a] que fala que é um dia santo eu tem que trabaia, eu já levanto cedo, à veiz argüem fala: “Oh! Cê vai trabaia? Hoj’ é dia santo.” Fa[lo]: “Não, Deus mim perdoe ieu, o santo mim mim perdoa ieu, eu vô trabaia, num vô trabaia po[r] abuso, num é puque, e[u] tô p[r]icisan’ dis[so], p[r]icisan’ daquil’ não. É puque eu tem que fazê o sirviço hoje, s’eu num fizé hoje mim atrapaia, mais eu... num é é é, eu sei que é dia santo, sei que s’eu pudes[se] ficá à toa eu ficava, era bão respeitá o santo, dia santo mais eu já, eu num posso, qu’eu tem o siviço pa fazê que s’eu num fizé hoje mim istrangola.” Eu vô, trabaio, mais tamém num, num eu num penso que aquil’ seja um pecado. Eu acho que s’ocê fô, igual amanhã, amanhã num é dia santo, que dizê, todo dia tem um santo, né, todo di[a] cê

²⁶⁷ Fuga à temática da narrativa para observação do tempo, uma vez que a noite da gravação era noite muito chuvosa.

pod'oiá na na nessa, cê já viu, nas foinha tem, né, nos 'manaque essas coisa tem, todo dia tem um nome dum dum dum santo quaiqué, né, maisi num é san[to]. Amanhã já num é, nós num fala, igua[l] nós qu' é dos antigo já num fala que amanhã é dia santo, é hoj' é, 'manhã já num é, [en]tão s'eu fô fô pa roça amanhã e e e falá quarqué bestera eu posso sê castiligado mesma cois[a], né? E po[r] ca[u]s[a] do castigo não, o castigo pode sê castigado qualqué dia, qualqué hora depende é o que cê falá, né? Agora eu já trabaiei, já guardei mui dia santo e se ti... o dia que tivé jeito d'eu ficá à toa eu fico.

70. Não, é bão, mais se falá qu'eu tem que trabaia eu vô pa roça trabaia' num num lembro que qu'eu tô pecan', po[r] ca[u]s[a] gen[te] trabaiaí naque[le] di[a] de dia santo não, num lemb' daquil' não, eu tô trabaian' puque eu p[r]icis'e de tard', de noite eu rezo e eu peço perdão e eu trabaiei puque eu p[r]iciso fazê isso e tal, num num num tem essa supe[rs]tição [as]sim que, falá assim: "Ah! Não eu vô trabaiaí puque que que tem santo cumigo?" Não, iss' é cois' qu'eu nunca falei na na minha vida, que semp[re] num eu num gosto que, amanhã que num é dia santo, eu num tem corage de falá isso.

71. Num falo, puque se eu fico à toa hoje, eu num vô falá, fa[lar]: "Não, que que tem ô e[u] t[r]abaiá, vô t[r]abiá, ah, e quem manda nim mim é ieu." Não, num é [as]sim não, vô t[r]abaiá puque eu p[r]icis' t[r]abiá. Iss'eu nunca pensei is[so], mais tem gente que tem o, igual o os antigo mes[mo] falava que tinha, tinha as pessoa que era ingnorante, né, e[le]s, e[le]s ia trabaiaí e falas[se] pra e[le]s que era dia santo e[le]s falava tudo quant' é bobage, né, tudo quant' é bestera. E sempre uns er' castigado o[utro]s num era, mais tem gen[te] tamém que fa[la]va, que tem gen[te] tamém que fa[la] ma[s] num fala [as]sim puque tudo cê fala ãa ãa palav[r]a assim ma[s] cê num fala, né? É igual cê falá a palav[ra] mal falada p'ũa pessoa sem senti, cê pen[s]a, depois que passô: "Oh! Sô, mai[s] eu falei aquel[e] trem pa pessoa lá eu num podia tê falad' aquilo não, uai, será que e[le] vai pen...cum poco e[le] vai pensá qu'eu falei foi po[r] ca[u]s[a] disso e dis[so], né?"

72. Intão, à[s] ve[zes] tem gente que fala um trem, ma[s] el[e] num fala aquil' po[r] ... mardade, pensan' que tá falan' um trem que num podia falá e tá falan'. Não, el[e] fala é inucente, né, do que que tá falan'. [En]tão acho que aquilo se existe essas cois[a] de castigo, essas coisa Deus num num num pega por is[so] não, creio que não. Ago[ra] o sujeito falá as coisa por abus' aí eu a... que que até aquerdito.

73. Meu pai era um que num podia saí de noite. Uai, chegav' lá em casa cansado, corren', [as]so[m]bração tinh'aparicido pra el[e]. É, uai. Uai, eu sei lá, uai, eu falav' pra el[e]: “Pai do céu, num tem ess[e] trem.” “Não, eu vi o 'sombração.” É, só quan' tava sozim. Mais 'sombração é é é num ixiste is[so], num, eu nunca pensei em 'sombração. E ele via 'sombração, falá: “Não, eu vi o 'sombração, des[se] jeito assim assim.” Só um trem que meu pai mim mostrô ãa veiz qu'eu acreditei: lobisôme, cê lembra de falá em lobisôme, né? Eu vi o lobisôme. Ago[ra] só qu'eu num tem certeza se é ãa pessoa ô se é um bicho, ô se é ota coisa.

74. Mais que é o ... do jeito que e[le]s falava era. Nói[s] morava nãa casa do (...), casa de suai²⁶⁸, é tinh'um pulero de galinha pertim dũa janela do quarto, e a cas[a] de suai, e a casa era arta, né, o pulero l'embaxo [as]sim. Deu nãa Sexta-fer' da Paxão o cachorro ficô brabo, e meu pai e todo mundo nessa é é nes[as] nessa ép[oc]a que que do do meu pai qu'eu era minino, todo mundo, dava a quaresma, todo mundo tinh'o seu, ô suas devução, as suas coisa pa fazê, né, num cumia, num cumia caine na quarta nem na sexta, né? Meu pai jinjuava²⁶⁹ mai[s] ãa coisa meu pai falava pra mim: “Oh! Eu jijũo, s'ocê quisé jijũá é bão.”, mais el[e] falav' pra mim: “Oh! Mai[s] dize”, el[e] falav' [as]sim: “Meus pai, meus avô, meu pai falava assim, que quem morre jinjuan' num ganha salvação.” Fa[lei]: “Oh! Ma[s] intão pra que jejua, né?” Ma[s] gen' num sabe se aquil'era ãa palav[r]a acertada, se num era, né, e[u] num sei ma[s] semp[re] e[le] falava is[so], né, mais noisi guardava o preceito que era num cumê a caine, né? Rezava, el[e] jinjũava e na sexta-fera muita gente iscundia as galinha, mode

²⁶⁸ Variação de *assolho*.

²⁶⁹ Variação da forma verbal *jejuava*.

lobisôme num pegá, é. Tinh'ess[e] negó[cio] mes[mo], tinha que guardá as galinha, e e[le]s falav' pa fulan'... Diz que via' lubisôme, bão, um dia, eu morav' nessa casa do (...) lá, a casona grande, de suai, o cachorro ficô brabo, e[le] ti...e[u] tinh' um cahorro preto que chamava Corrente, pretim, gordo mem' do rabo inrolado pa riba assim que ma[s] inroladim mes[mo] pra cima [as]sim, el[e] num isticava o rabo hora ninhã, o rabo del[e] era inroladim pa riba. O cachorro ficô brabo, aí meu pai levantô, falô [as]sim: “Oh! Meu fii, cê qué vê o lobisôme, levanta.”, eu curios', né, levantei, el[e] abriu a janela, né, diba[ixo] do puler' de galinha. Aquel[e] bichão lá, né, de bunda pa riba assim, e[le] falava: “Aquil[o] lá é um hôme, ó pai, meu fii.” Ma[s] eu num sei lá se é... Ah! Parici[a], né, eu oiav[a] [as]sim parici'um hôme.

75. Uai, e é a mem' cois[a] dum hôme memo, el[e] num paricia hôme só puque el[e] andava é er[a] era, num punha o juêi no chão, e[le] punha só os pé e as mão, andav[a] [a]quel[e] bundão pa riba assim, sabe o que é, né, e...trenzão fei[o], se sabia que diabo era não, cê achava que era, e[le] oiav'[as]sim era gen' mais, cê via de lon[ge] tamém, sempre er[a] de noi[te] tamém, nunca que cê, cê num chegava pertim, cê. Num tava clarim p'ucê vê, né? Mais cê oiava assim, e[le] falava qu'era fa[lava]: “Aquel[e] lá é um hôme, e cê óia lá p'ocê vê.”. Mandô e[u] oiá, e[u] oiei memo e e lá lá a distança...a distança num num mai[s] longe que da casa assim, ó, bem mair longe aque[le] trenzão lá, né, dibaxo do pulero lá, diz que ta[va] cumen' bosta de galinha, diz qu'era dess jeito. E acunticia ãas coisa que quando aconticia isso na sex...na sexta-fera e o povo já ficava curios': “Vam' vê quem é que tá passan' mal, né?” Sempre, ah, tinh'aiguém na na redondeza que [a]mun[he]cia duente. Uai... Falava: “Aquel[e] é que, aquel[e] é que cumeu bosta de galinha, aquel[e] qu' é o lobisôme.” (...)

76. No normal, tinh'um tal de (...), diz que el[e] virava lobisôme, mai[s] el[e] er'um homão cumprido magro, diz qu'el[e] virava lobisôme, mai[s]... Mai[s], ah, sei lá se era gente, né, mais cê oiava lá, igual e[u], ma[s] meu pai mim chamô pa oiá, qu'eu oiei lá, falô: “Oh!

Me...meu fii aquil' lá lá é um hôme, num é, e cê óia p'ucê vê.” E[u]oiei lá [as]sim, e[u] oiava [as]sim, num sei se é, a a gente é minino, ficava cum medo tamém, né, c'a gen[te] tinha medo, o povo tinha medo de lobisôme, que diz que el[e] garrava se e[le] topasse com a ãa pesso[a] na istrada diz qu'el[e] murdia nele, garrava na saia das muié, murdia, diz qu'er' de[sse] jeito, sei lá, né, o povo falav' desses coisa diara. Falava qu'e[le] tinha murdido a muié, rasgô a saia da muié, e[le]s contava tud'ess[e] histór[ia], e[le]s contava tanta histora de de de lobisôme, p[r]icisava de vê.

77. Mai[s] el[e] num podia saí [à noite]. Um dia el[e] foi na, e[le] foi lá na casa do (...) , chegô lá cansado, de noite. “Que foi, meu pai?” Ah! Um bicho correu atrái[s] de mim aí, um lubisôme”. Fala lobisôme, né? Bão el[e] ia lá po lado do (...) de noite chegava cum medo, chegava tremen' lá cansado, corren', tinha, vist'um 'sombração. Quando e[le] e[le] e[le] ele, ãa veiz e[le] vêi 'judá o (...), marido da (...), pai da muié do (...). “Num posso saí, o sombração me ceica.” Mais só medo, o sombração é, o sombração é medo. Lá um dia a véia azanga de noite e el[e] chamô meu pai, meu pai levantô, né, e el[e] mandô ele, e tinha que passá beran' um pé de manga ali, ó, imbax'ali o, tem el[e] lá 'té hoje, o pé de manga. No pasto ali, ó, e o triero passava beran' o, quai[se] dibaxo del[e]. E a gai[a] do pé de manga deu mu[i]to teia de aranha, ficô branquim, né, a gaia do pé de, mei' pra bax'assim, pindurado, tinh'aque[la]s teia de aranha. E cê óia de noite é branquim, né, e tava e... a lua tava asssim clara, mais tava cheia de nuve, sabe? É as nuve pa... as nuve corren', as nuve passava asssim, ficava claro. De repente, as nuve tampava a lua ficava mei' iscuero, e ventan'. (*risos*) Aí quando o meu o meu pai vei chamá a véia (...) pa muié tava passan' mal. E[le] chegô... Tá chueno? Chu... tá é chueno já²⁷⁰... Meu pai envém, cum poco diba[ixo] do pé de manga lá aquel[e] trem, né? e o vento dava naque[la] gaia do pé de manga, sabe, aque[le] trem branco, vinh'assim, vinha, cum cois[a] que vinha po lado dele, né? E[le] curria pa tráis, o vento, hum!

²⁷⁰ Outra fuga à narrativa para comentar a situação do tempo na noite da gravação.

parava poquim, a gaia vortava, aque[le] trem vortava po po lugá, né, e ele andava, né, andava, chegava, oiava, né, oiava, agachava assim, né, aque[le] aque[le] vurto branco, “Ah! É ãa pessoa, um ’sombração mes[mo].” Foi, foi, pelejan’, né, cum’ é que fazia pa pa mode i[r] lá na muié, p[r]icisav’ de buscá a muié que a o[utra] tav’ passan’ mal lá, né? Aí el[e] resolveu, e essa gaia tava beran’ o triero, trem, ess[e] trem branco. Resorveu, falô [as]sim: “Eu vô fechá o zói (*risos*) e vô passá, se ess[e] trem quisé pegá mim pega.” E foi assim, o zói mei’ abe... fechado, [as]sim ca mão, os braço aberto [as]sim, quan[do] passô a mão na gaia, quan’ passô a mão na gaia e o trem garrô na mão del[e] [as]sim, aque[le]...Teia de aranha, né, aí ele, aí el[e] num güentô não, oiô, né, pa vê o que que era. Uai, não, tava marelím, nũa trimura que fazia até medo, assim el[e] me... assim el[e] contava, num é dizê que é os ot’ que vinh’ e contav’ não, el[e] contava. Qu’el[e] oiô era o aquel[e] trem, teia de aranha, né, o ven[to] batia na na gai... no no pé de manga, né, a a gaia andava pa lá assim, aquil’ia, né, e[le] pensav’ que o trem na’ia²⁷¹ é po la[do] dele. E[le] curria pa tráí’ e o ven[to] tá pra cá, aquil’ vortava, né? Diz e[le] que ficô mui tempo lá, custô tê corage de passá. Mais e ho[ra] que e[le] foi passan’ e aí ho[ra] que el[e] foi ca o...(risos) dipressa assim, andan’ dipressa co braço aberto, a mão passô na gaia, lá... Aí el[e] viu que era teia de aranha, mais era ’sombração, se el[e], diz el[e] que se, diz el[e] se num fosse a muié tá passan’ mal, el[e] el[e] num tinha passado não. E aí tinha ficado ’sombração mes[mo].

78. Um dia el[e] foi lá no (...) lá cansado, falei: “O que que foi, meu pai?” “Não, um ’sombração aí no camim.” Fa[lei]: “Aonde?” “Lá per[to] daque[le] jucubero.” Tinh’um pau na bera da istrada lá, um pauzão roxo, chama jucubero. “Um bichim, um trem saiu lá fungan’ lá, correu atrái[s] de mim lá.” (*risos*). Bão, ficô, passô uns dois dia, três dia o (...) morava lá pra cá da (...) [as]sim cá encima eu tinha ãa foice minha lá, com (...), aí eu fui lá buscá a foice, peguei um cavalim meu qu’eu tinh’um cavalim piquenim, burrim pedrêis e muntei nel[e] em

²⁷¹ Variação de *lá ia*.

pêlo, botei só o baxerim inriba, muntei, era perto, e fui, cheguei lá no (...). Foi [as]sim: “Mim dá essa foice aí.” E eu muntei na no cavalim, né, em pêlo, inda mim deu a foice, puis a foice na cacunda e vim, chegá no jucubero, um trem fei[z] barui lá beran’ lá e saiu no mei’ da istrada, e tava mei’ iscuro, num tav’ inxergan’ direito, e aque[le] trem no mei’ da istra... do da istrada [as]sim, e o cavalo, o cavalo cum medo e eu chegava a ispora no cavalo, o cavalo cum medo e eu chegava a ispora no cavalo, o cavalo ia até perto [as]sim, aque[le] trem fungan’, né, falei: “Esse aqui é o tal ’sombração co, do meu pai, eu vô matá el[e].” Eu num tinha medo, né, peguei a foice e mandei a foice, né, lá na frente lá [as]sim e pegô no bicho, o bicho prontô ãa gritaiada, ãa baru... baruera e socô no mei’ do capim, da massega lá, eu [a]piei do cavalo, só peguei a foice, muntei no cavalo travez e fui ’bora. O trem sumiu no mei’ do capim lá, ’bora. Ca foi[ce] na cacun[da], [em]bora. Cheguei l’em casa “Pai, eu dei ãa ãa foiçada no ’sombração do senhor.” “Ah! Sê bobo, bobo dimai’, corage matá ’sombração, ’sombração gen[te] num mata não.” Falei: “Mata, ’té vô oiá, vê se [tem] sangue na foice.” Eu tinha, ho[ra] qu’eu cheguei, joguei a foice lá no terrero. Eu fui lá peguei a foice e vim pra dent[r]o, cheguei lá per[to] da lamparina oiei, na foice que ficav’ no chão, ela inferrujô, sabe, inferrujô e ficô moiado, e n’eu jugá a foice no bicho lá era um ouriço, e o [es]pin[ho], o espim da foice do... pegô dois ispinzim miú... piquenim assim do uriço na foi[ce],naque[la] ferruja. Moiado, pregô. Aí e[u] cheguei e mostrei pra ele, eu falei: “Oh, pai [a]qui, o ’sombração do senhor ó, ó ó ispin do uriço aqui, é o uriço que tá lá, em vorta no pé daquel’ pau”. O pau e[le] deu um um fogo nele, quemô um um pedaç’ nel[e] assim e el[e] fez um mei’ oco assim no pé. [En]tão el[e] ... acho que drumia lá, e[le]s ia passan’ el[e] saía, né? Fazia barui, ah, fungava um um fungado isquisito e saí[a] no mei’ da istrada corren’ na frente. Aquilo pro meu pai era ’sombração, né? E eu dei ãa foiçada nel[e], aí e[le] viu qu’era uriço, aí el[e]...

79. Não [era medroso], ma[s] el[e] tinha medo dimai’, el[e] num podia saí não, el[e] saía e[le] chegav’ correno, tinha visto ’sombração, viu um trem num sei que que é lá e tal coisa, um

lobisôme lá, um bichão lá, ãa ãa um trem lá, parece qu'era ãa véia, num sei o que, né (*risos*) capai[z], tudo medo, né? É, o lobisôme, eu vi o trem agora eu num sei se, e[le]s falava qu'era gente, né, que virava o lobisôme, mais eu, e[le] falô pra mim e... meu pai falô [as]sim: “Ah, lá ó, cê, tá ven' aque, o homão lá, ó?” Eu falei: “Pai, aquil' é hôme mes[mo]?” Falô: “Não, é, vê cê óia p'ocê vê, num tá parecen'?” Eu fa[lei]: “Tá parecen'.” Mai[s] ô num tinha certeza que era um hôme, né? É, mais que paricia o del[e] puque o é po[r] ca[usa] do jeito de ficá que era isquisito. Cas mão no chão e e os e os pés, os pé [as]sim no chão lá, que se ficasse ajueiado ca mão no chão, tudo bem, né, aí é deferente, né, não, aquel[e] bundão pa riba lá [as]sim aque[le] trem isquiste, né diba[ixo] do pulero lá, viran' lá, [as]sim, catan', diz que, meu pai falav', qu'el[e] tava cumen' bosta, né? (*risos*) Sei lá, sei lá se era, né?

80. De primero tinha, o pov' brigava muito, né? Toda festa existia ãa um tinh'os brigão, né? É. Aquil' tinha mem', tinh' o (...) cê cunhece el[e], né? Assim, aquel[e] er' um dos chefe aí de brigão. El[e] brigava memo, e[le] gostava, ele ia nũa festa, cê visse ele chegá nũa festa cê podia prepará qu'el[e] ia derrubá a torda. Chegava lá e ficava por ali, né, e se a festa num tivesse muito boa, ele muntava na mula, el[e] andava nas mulona, el[e], el[e] chegava e na bera[da] da torda assim, né, muntado na mula, cum poco e[le] levava a mão no pau da torda lá, puxava, aquil' caía tudo. Puxava um pau os ot[ros] caía tudo e saía imbora. Ota hora e[le] dava ãa vorta lá e saía rin' inda. Eu vi ãa briga feia del[e] um dia, essa amansô el[e], essa briga del[e]. Um fii do da (...), feiz ãa festa, um pagode e nói' foi no pagode lá, do oto lado do riberão lá. Lá e[le]s iscavucô na frente da casa assim ó, cortô o barranco assim ó, pa... a casa era, que mei' na casa era mei', mei' subido assim, e e[le]s cortô lá, feiz um barranco arto assim e plaino na porta lá pa podê dançá. Seu pai deve que tava nesse pagode. E lá, e quem mandava nes[se] pagode lá er' os (...), e ess[e] povo, era dos (...) es[se] pagode lá. Bão, o (...) tocan' safon', tinh'um banquim beran'a parede assim, ó, o (...) lá tocan' safona e o povo, e dançan' memo, sô, um pagodim arrojado mes[mo]. Aí o (...), lá de fora, falô [as]sim: “Vô

passá o cavalo e vô passá a mula den[tro] daque[la] torda, vô derrubá não, vô passá aí dent[ro].” Falei pa el[e]: “ Ó (...), vai mexê co’esse trem não, iss’ái é pirigos’, esses (...) é mei’ doido.” “Não, num tem medo não.” “Ah! ’Tão tá.” Aí cum poco e[le] muntô na na mula lá, vei, mais lá tinha, mei’ po lado de cima e de lado assim encima num tinha jei[to] del[e] descê puque tinh’um barranco. Aí a torda, feiz a torda ma[s] ficô baxo, cê sab’o que é, né? Da do barranco incima assim, na torda, ispa...na torda ficô baxo, num tinha jei[to] de passá, mais beran’ o, aberan’ a casa assim, ó, viesse de lá pra cá beran’assim, igual [a]li, ó, dava pa passá aqui, ó. Só qu’aqui num tinha jeito vim de lá pra cá. Pa entrá lá dent[ro], tinha que vim de lá pra cá. Aí e[le] foi lá per[to] da porta da sala na mula assim e vei na mula, e entrô lá no mei’, rapai[z]. O povo tudo dançan’, rapai’, quando o povo viu el[e] já tava ca mula dent[ro] da torda. E e e o pov’ tampô ãa gritaiada, rapai’, e a muié do (...), cê cunhece a muié do (...) dimai’, num cunhece?

81. A muié do (...) deu ãa paulada nel[e], só que o pau era grande e nela batê o pau pegô na bunda da mula primer’, num pegô na cabe[ça] del[e], ma[s] se pega a cabe[ça] tinha derrubado el[e], um pau dessa grussura [as]sim, ó. Aí el[e] saiu do lado de lá, pra lá [as]sim, e deu a vorta lá e tinha ãa ceica de arame assim. Saiu de lá, vei, apiô da mula lá e e ficô lá. Aí o povo sumiu tudo, correu tudo. Uns foi pa den[tro] de casa, otos ficô no fundo do la[do] de baxo lá, ficô quais[e] ninguém lá, a torda ficô co ninguém. Aí o (...), não, aí foi falô pra el[e], falô: “Oh, cê...” aí e[le] falô po (...), apiô da mula, ficô siguran’ o cabo do cabresto, falô po (...) [as]sim: “Eu vô pa... vô vê se essa mula desce aqui agora.”, o (...) falô: “Ocê num entra aqui dent[ro] não qu’eu te mato.” “Ah! Que bobage, rapai[z] mim matá! Eu vô descê mem’.” Eu lemb[ro] dereitim, o (...) tava cum chapéu na de paia na cabeça...no mei’ da torda, tirô o chapéu pois lá no chão assim, ajueiô e falô [as]sim: “Pelo amor de Deus, cê num põe ess[e] trem aqui dent[ro] não qu’eu te mato.” “Não, entrá muntado eu num entro não puque aqui num cabe eu ma[s] ô vê se é. Descê po... e[u] vô puxá e[la] vê se e[la]desce aqui.” Quando

el[e] e...dobrô mais o cabresto que ficô pertim da mula, qu'el[e] puxô ela, e chegô na bêra do barranco, o (...) pegô o revórve del[e] foi: pá, ho[ra] [a]quil[o] bateu el[e] bateu lá junto co'el[e]. Acertô uai, aí (*risos*) e e[le]s luitô lá e aí os (...) juntô e nisso, nesse mei', nesse naque[la] bagunça lá saiu ma[is] uns tiro. Bão, saiu mais um tiro e todo mundo saiu firido lá, né, e virô aque[la] bagunça lá o o (...) i...irmão dele. Aque[la] mais véia, é o marido dela. O (...) foi acudi o (...) lá qu'é irmão, né, tomô ãa paulada na cabeça (*risos*). Furô ãa brecha assim, saiu aque[la] sangüera, né, e a mula de[le]s iscapuliu e o (...)...e el[e] saiu doido atrái' da mula, co'es[se] cortado na cabeça. Aí o (...) pegô, sentô lá na beran' a cerca lá, a mula del[e] escapuliu, né, que ho[ra] qu'el[e] pulô lá, el[a] soltô o cabresto. E a mula saiu doida. E aí o (...) tomô a, tomô essa purretada saiu pra lá tamém, foi atrái' da mula del[e], pel' mo... vê se tirava el[e] de lá pa i[r] imbora. Aí e[le] sentô lá... tinh'um pau deitado assim, beran' a cerca de arame, [as]sim do lado de cima da torda, aí el[e] foi sentô nes[se] pau lá, né, e mim chamô, eu tava ali pertim [as]sim: “Vem cá.” Aí e[u] cheguei lá, e[le] falô “Oh! Eu tomei uns tiro.” Falei: “Ah! Bobage!”. “Não, tomei [a]qui ó, tá duen' aqui ó, pegô [a]qui [as]sim, ó.” Aí eu oiei falei: “Ah! Tomô mes[mo].” E[le]: “Cê podia buscá ãa água pra mim.” Aí eu fui, cheguei na porta da sala tava [as]sim de gente lá dent[ro], eu rudiei, né, entrei lá na porta da cozinha chei' de gente, fui cheguei pe...entrei pra dent[ro] na porta da cozinha, mai[s] nem jei[to] de chegá lá no no no pote, lá mais era pote. Fui e pidi a (...), igual eu tava te contan' caso da (...), né, tava lá e a (...) er' namorada do (...) essa veiz. Falei: “(...) diz que tomô um tiro e el[e] qué ãa água, 'ruma ãa água aí pa mim levá pra el[e].” “Vai morrê, tá morren'?” Falei: “Não, pegô no braço, num vai morrê não.” E é, saiu doida lá nesse pote lá, e[la] pegô um copão d'água lá e vei: “Cadê el[e]?” Falei: “Vam' lá, ô levá ocê lá.” Aí nós foi lá, e ela intregô a água pra el[e] el[e] bebeu a água, né? E e[la] ficô lá cunversan' co'el[e], eu peguei o copo e vortei, quando eu entrei pa dent[r]o iscutei um gemen[do], falei: “Uai, parece que tem um gemen' aqui aonde?” Oiei po trái[s] da porta um deitado, tinh'ũa porta e tinh'um banco,

um banquim cumprido ditrái[s] da porta, um deitado lá incuidim e gemen'. Aí eu fui lá puis o copo lá e vortei e fui oiá quem é que era, quando eu tô lá oian' assim qu'eu agachei, tô oian' lá, oiei po, tinh'um abraço na porta assim do quarto. Oiei o o (...) deita...socado diba[ixo] da cama lá, tremen' de medo, é o que tinh' dado o tiro no (...).

82. El[e] que deu dois tiro no (...), um pegô no braço e o oto foi a hora qu'el[e] bateu lá c'o tiro saiu, ma[s] num acertô no (...) não. Aí e[u] oiei aquel[e] hôme lá, falei: "Ah! Parece que é o (...)" Fui, chamei el[e]: "É o senhor seu (...)" Tava mei' iscuero ditrái[s] da porta, né, e[le] falô: "É eu mes[mo]." "O quê que foi?" "Ah! Eu tomei um tiro" (*risos*). "Uai, mai[s] danô, uai, um lá de fora atirado, agora mais oto aqui." "Não, s'ô²⁷² tomô tiro não." "E[u] tomei." "[En]tão levanta, uai." Aí el[e] ficô mei' assim, falei: "Não, levan[ta], vam' vê, aon[de] s'or tomô ess[e] tiro." Aí el[e] ficô em pé, el[e]: "Não tá tá arden' aqui ó." A camisa de 'gudão, carça de 'gudão, camis' manga cumprida, aí e[le] oiei na camisa dele assim, num vi buraco nenhum, oiei na carça num vi buraco, falei: "Não, s'ô num tomô tiro não." "Não, tomei, tá arden'." Fui, puxei a camisa del[e] pra cima, disci a carça del[e] pra baxo [as]sim, oiei assim na viria del[e] assim, ó, nessa nessa mole aqui [as]sim ó, oiei [as]sim, num vi buraco, aí eu peguei o coro, fiço assim, quand'eu fiz assim, minô sangue. Aí e[le] falei: "Senhor tomô mes[mo]." Ah, aí qu'el[e] ficô rúim (*risos*).

83. Fui, fui dá água pra el[e] (*risos*). Aí el[e] deitô lá no banco traveiz, né, aí o (...) vei falô [as]sim: "Cum'é qu'eu faço?" E lá, e prá baxo da casa lá tinh'ũa capuera, falei: "Entra nessa capuera aí e some, dexa o (...) te vê não, e nem o (...), entra aqui pro bax' aqui nes[se] fundo aí, ó, some, vai 'bora." Nunca mais vi o (...), vi ele esse dia, essa hora, que saiu dibaxo da cama lá de medo e saiu na porta da cuzinha entrô nes[as] capuera. Foi 'bora po, pa Anápo[lis] pa lá, sumiu pa lá, num sei se el[e] já morreu. Aí (*risos*), aí nó[s] foi: "E agora, cum'é que faiz?" Aí o (...) chegô com a mula do (...), falei, falei: "(...), tem que arrumá um um trem pa

²⁷² Redução de *senhor*.

levá ess[e] povo, que o (...) tá qu'essa bala no braço o o (...) tá cũa na viria.” (risos) Aí, e[le] falô: “Cum' é que faiz?” Falei: “Ah! Vai atrái[s].” Ma[s] ô num lemb[r]o mai[s], num sei se era o (...) ô se era o (...), tinh'um jipe nessa ép[oc]a, ma[s] e[le]s num tava lá. Aí o o (...) muntô na mula do (...), laigô o cavalo del[e] 'marrado lá, muntô nessa mula del[e], qu'el[a] er' boa dimai' na istrada, né, e foi atráis, e nós pegô o (...) botô na cuberta que lá num ia carro lá, tinha que descê aqui, é lá na (...), cê sabe onde que a (...) morava, né? Tinha que i[r] pra lá, e nós vin[do] de lá, e[le] tinha qu'e[le]s morav' ban[da] lá do riberão, o pagode, tinha que travessá o reiberão pra cá pa vim cá pa (...) pa pegá o o a condução. Aí nó[s] botô o (...) na ...na cuberta, troxe o (...) e o (...) de a pé junto cum nói', né, cum braço (risos), com a bala no braço, e quan[do] chegô lá cum poco o o, eu acho que é o (...) que tinh'um jipe véi. Aí nós jugô e[le]s dent[ro] do jipe, os dois e eu vim cum e[le]s. E eu morav' na Serrinha aqui, ó, aí eu vim com e[le]s até na Serrinha e daqui e[le]s foi 'bora pa Catalão. O (...) acho que nunca tirô a bala, chegô lá num conseguiu tirá a bala, acho qu'el[e] tem el[a] na barriga até hoje, na viria. El[a] entrô assim, incostô num trem mole lá e quetô e pronto, num teve nada não, sarô, vei bão. Ago' o (...) tirô a bala do braço. E e o (...) nunca mai[s] brigô. Cabô a briga del[e]. Mais ele, el[e] vinha aqui na venda o po[vo], o di[a] que o (...) chegava aqui na venda o povo fechava os buteco. E[le] chegava e e[le]s logo, e[le] el[e] ... El[e] entrava pa dent[ro] do buteco, ia com mula e tudo. Lá onde o (...) mora, e[le]s que mudô o piso lá, até poco tempo tinh'ô sinal do rasto da mula del[e] lá. Ela iscurrêgô lá dent[ro] com a ponta do casco, feiz um risco no ciment' [as]sim ficô o sinal mõi tempo. Inquanto, inquanto e[le]s num dismanchô lá, num passô oto oto cimento tinh'um sinal do rasto da mula lá. El[e] gostava, só da bagunça.

84. Hoje num fai' frii não. Chuvia mu[i]to mais, né, e e fazia mu[i]to mai[s] frii. Quando era tempo de frii era frii mesmo. [A]que[le]s frii duído, ma[s] eu num sei se a gen[te] num tinh'agasai' ô num tinha casa que prestava tamém, só morava em tapera, né, fal[a] casa de

pau-a-pique, cê sabe qu que é casa de pau-a-pique, né? (*risos*). As parede er' de pau assim, ó, né? Uns fazia é a casa dos pau-a-pique assim, depoi' 'marrava ãs vara assim e jogava barro, né, nói[s] faláv[amos] barriá as parede (*risos*). Otos era daque[le] jeito, marrav'um um um uns trem po lado de fora lá pa tampá o vento, num passá pra dent[ro], né?

85. Já passei frii, nessa ép[oc]a q 'judava muê, gente do céu! A gen[te] trimia, nossa Senhor' da Badia, rapaiz, de tanto frii, não mais tamém, aquela ropinha rúim, né, aquel[e] trem mai[s] rúim do mundo, discalço, né? Fazi... não, sentia frii me[s]m[o], frii de tremê mes[mo]. É, não, só falava [as]sim, não, a gen[te], a gen[te] nós ia nós ia nos pagode, né, e chegava lá tava aquel[e] frii que Deus mim liv[re], né, aí sempre tinha aque[la]s moça que era amiga da gente, né, era colega tudo, cumpanhera, semp[re] tinh'as minina da (...), a cumade (...) é viva até hoje. Intão é, nós era, foi criado junto, nós chegava no pagode, nó[s] faláv[amos]: “O jeito é nós dançá e bebê pa vê se isquenta, sinão num vai”. E dançava de de 'manhecê c'as perna inchada, de tanto dançá pa isquentá o frii, né? E levava, eu levava a pinga nos pagode e chegava lá, ah... “Não, cadê a pinga? Vam' tomá um gole.” Botav na moita pra lá, ó, e saí[a] lá po mei' do pasto pra lá, ia lá tomav', cada um tomav' de um gole e vinha pa dançá.

86. Não, à[s] ve[zes] gen[te] via gente falá [as]sim que a pessoa passô mal, sintiu mal po[r] ca[usa] do frii, sintiu frii dimai', tava dispreparado, otos, os o[utro]s tava tonto, né, ficô bebo, igual ãa vei[z] nói[s] foi num, nãa novena no (...) e o derrader' dia nossa, mais tava frii, mai[s] frii mai[s] frii mes[mo]! E o (...) bibia dimais, ficô tonto lá, e lá tinh'um cocho de de botá sal po gado, um cochão cumprido assim, laigo assim, ó (*gestos*), e el[e] era magrim, miudim, ficô tonto lá e caiu lá no, beran' do fogo, e[le]s tinha que [a]cendê fogo. Isquentá fogo ca que num güentava não, tanto frii, caiu lá per[to] do fogo lá. Aí nóir pegô el[e], pôis el[e] dent[ro] des[se] cocho, fa[lou]: “Aqui no cocho p[r]otege um poquim qu'el[e] num num nem num sente frii de baxo e nem de lado, só de cima, né?” Jogô um cuchunil²⁷³ no no inriba

²⁷³ Variação de *colchenil* (*colcha de chenil*): *colchenil* > *colchonil* > *cochonil* > *cuchunil*.

del[e] lá. No oto dia, depo[is] que o dia manheceu o sol já tinha saído nós foi lá chamá el[e], el[e] tava duro. Nó[s] achô qu'el[e] tin[ha], e[le] tinha murrído. Uai, tav' tonto demais, né, e indurece... 'dureceu lá de frii (*risos*). Tava gelado. Cê pegava el[e] assim tava um picolé puro. E[le]s: “Nossa! Mai[s] pare[ce]...” quis caí ãa giadinha tamém, sabe? O cuchunil caiu lá no chão do cocho, né? Tava uai, eh, mai[s] tava ruim demais tamém. Aí nós chamô el[e], sabe, e[le] custô 'cordá, nós achô qu'e[le] tin[ha] murrído. “Uai, morreu!” Aí nói[s] viu que e[le] tava... mexeu co'el[e], nó[is] viu, e[le] tav' toman' forgo²⁷⁴. Aí nós pegô el[e], sentô el[e] lá inriba de[se] cocho, né? Aí el[e] ficô oian' assim, né, aí aí aí e[le] tampô aque[la] trimura brava, sabe? Aí que e[le] tremeu direito, mes[mo]. Mai[s] aí o sol tinha saído, tava sain' já, aí nó[s] levô el[e] lá pa ber' do fogo, né, sentô na bera do fogo el[e] ficô lá mei' zambe-zambe lá redó do fogo. E el[e] tampô andá redó do fogo lá assim e trimia assim que sacudia mes[mo], fazia 'té dó. Mais aí el[e] isquentô um poco lá o [na] ber' do fogo lá, foi 'té qu'el[e] miorô. Mais era frii memo, sô. Lá foi, foi intanguído, ficô foi intanguído. Hum...ah, intanguído é, (*risos*) sei lá é, o pov' fala intangui[r], né, mais é puque o sujeito quando ...é...o frii demais que ele é, é, indurece, fica inté duro, né, a mão fica dur[a], o pé vir'aque[le] gelo, né, aí a pessoa fala: “O sujeito tá intanguído de frii.”. Mais é puque é...sem movimento, né?”.

87. Ah, não, isso é é é difiçu, sabe puque, puque as coisa que que falta é é gen[te] quando nó[s], igual do tempo c'a gen[te] morava na roça, daquelas ép[oc]a era difiçu. Uai, eu eu igual eu falei, eu trabaiei quat[r]o dia pa mim pagá ãa quarta de arroiz, on[de] cê viu isso? Õa quarta de arroiz cum casca, trabaiaiva quat[r]o dia pa pagá, que num tinha, er' difici', cê levava ela e e cê 'rumava o cara te pedia. Ah! absurdo, cê levava ela e e cê ficav' pensan': “Gen[te] do céu!”, cê cumia regrado. E[le]s trabaiaiva um dia em troca d'um lit[ro] de mantega, mantega, cê cobrav'um dia em troca d'um quil[o] de toicim, cê punh'o toicim lá é só pingá den[tro] da panela, sabe? Qué dizê, eu ficav' pensan': “Cabá, cum'é qu'eu faço? Eu

²⁷⁴ Variação de *fôlego*.

já tô deven[do] el[e], eu vô lá o hôme num pode mim vendê mais.” ’Tão aquil’ aquil’ era, muitas coisa entrava na cabeça da gente, sabe? Trabaiav’um dia em troca dũa rapadura, que num num usava açúca, num num tinha, né, açúca, tinh’era café, era rapadura. Ia, fa[lá] po car[a] lá: “Eu te dô ãa rapadura, cê trabaiá pra mim um dia.” Cê quiria pitá é mei’ met[ro] de fumo por dia. Intão, hum! Era é difiçu e... nessas ép[oc]a eu lemb[r]o dimai’ nessa ép[oc]a qu’eu comprei ess[e] arroi’ do (...) num, tin[ha] dia que cumia, batia aboba, punha farinha, cumia cum feijão. Num tinha arroiz, ô [a]liáis dexava o arro[z] pa cumê só de tarde, mei’ dia cê cumia aboba cum feijão, de tarde cê cumia arroiz. Tinha dia que cê num tinha café. É um trem que cê num podia ficá sem, o café, ot[ro] dia num tinha era o açúca, ot[ro] dia num tinha manteiga, era difiçu.

88. Ah, não, iss’é, é difíci’ dimai’ puque o hôme da roça, tem hôme, tinha tinha e tem até hoje. Tem hôme que el[e] num, tem mu[i]to sirviço de roça que e[le] num sabe fazê. Ah, e[le] tem que fazê de tudo. Pa sê de roça e[le] tem que fazê de tudo. Tem que sabê fazê de tudo nũa roça, de tudo. Tirá leite, el[e] tem que sa... e[le] tem que sabê tirá leite. E[le] tem que sabê andá a cavalo. Tem que sabê tratá de porco. E[le] tem que sabê capiná. E[le] tem que sabê a hor’ de capiná, hora de, né, que tem gente que num sabe nem a hor’ de cumê, come puque vê os oto cumê, né? Hoj’ixiste, ó, gen[te] des[se] jeito até hoje. S’ocê num chamá e[le] pa cumê, el[e] num come. El[e] num sabe que hor’ que é hor’ dele amuçá²⁷⁵. Intão, é é as coisa da antigamente é a mesma cois’, é. É, o hôme é pa sê da roça memo, pa intendê de roça e[le] tem que fazê de tudo.

89. Não, eu tivo é, eu tivo um ãas ép[oc]a boa da minha vida e... Que quando eu morava aqui no Mato Seco, foi poco tempo, foi uns quat[r]o ano, tinh’ũa vida boa, achava bão morá ali puque o lugá era bão e eu tinha dois cavalo bão, mu[i]t’arriata muito boa, sabe? Intão, dava no dumingo eu arriava o cavalo e saía passíá, né, ne ... nesses, tinha moça dimai’ nesses fundo aí,

²⁷⁵ Variação de *almoçar*.

sabe? So[l]tero, era rapai' novo, né, num, quinze ano mais ó men', 'tão eu saía passian', era ó, foi ãa ép[oc]a boa minha, sabe?

90. Mais, eu toda vida eu fui muito sofrimento, toda vida é. A ép[oc]a boa qu'eu tive de de vida é, foi essa puque nós tinh'ãa vida mai[s] ó men' tranquil', sabe? É, trabaiava todo todo dia mais dava no domingo, dava no domingo nói[s], eu tinha, podia saí, era tranquilo pra mim, e[u] tinha meus cavalo bão d'eu andá, tinha arriata boa, bunita, tinh'a baldrana, tinha peitorado, eu é, é, um cavalo ajeitado, sabe, e um cavalo bão tamém. 'Tão eu saía, passia o di'interro, ô saía cas moça, as namorada. Depo[is] mudei aqui pa Serrinha, tamém tive ãa ép[oc]a até boa, tempo do meu [pai], era vivo ainda, eu 'té namorava cãa criada do (...) namorei co'ela um ano e seis mêis, ela ela é viva até hoje, mora em Catalão. E era bunita, viu? Bunita dimai' da conta! E eu gostava dela e ela era ãa moça mu[i]to boa, mu[i]to [a]tiva, maisi o padrasto dela diz que num aceitava nós casá e eu, eu tamém era muito novo, né? A mãe dela um dia falô [as]sim pra mim: "Ah!" e eu num sei nem que idéia foi na cabeça dela, e[la] falô assim pra mim: "Ah! Cê podia pegá a (...) e sumi, que s'ucê falá em casá o (...) num dexa." Falei: "Não, num tem corage de fazê is[so]." "Não, faiz, cêis vai fica fica um um mêis fora aí cê vai lá pa sua casa." Eu, a véia gostav' dimai' de mim e a moça tamém gostava, mai[s] eu pensava assim, eu tinha as três irmã dent[ro] de casa.

91. Tin[ha] minha mãe, meu pai tin[ha] murrído, quando e[la] falô isso, tinh'uns uns cinco uns três mêis mais ó men' que meu pai tin[ha] murrído quando e[la] falô is[so] pra mim. Eu já, e[u] já tinha mais de ano qu'eu namorava co'ela. Aí eu num num quis, quis fazê is[so] não. Falei pra e[la], falei: "Não, vô fazê is[so] jeito nenhum. Ieu tem minha mãe pa tratá, tem minhas irmã." E e[la], e el[a] era sistemá[tica] dima[is], purtanto qu'el[a] ia na minha casa el[a] ia, nór morav' pertim, chegava lá à[s] vez chegav', e[la] chegava lá [as]sim, [a]li pras nove hora, deiz hora, veizi minha mãe fazia armoço mais as minina, chamava e[la] pa [al]muçá s'eu tives[se] lá e[la] num cumia, e[la] tin[ha] vergonha cumê per[to] de mim. Intão

tinh'um cumpa[dre] meu, morav' pertim mesm' [as]sim, ó, eu ia...eu ia pa lá, ieu falav' pa minha mãe assim, fa[lava]: “Mãe, eu vô ali no cumpa[dre](...), só²⁷⁶ cabá o almoço cêis pode almoçá, ago[ra] me[s]m[o] eu vem, p[r]icis'esperá eu não.” Só puque eu eu ia pa lá isperava ela almoçá, né, aí as minina punha pra ela, el[a] ficav', assim e[la] ficava, ó, cumen' e oian' vê s'eu invinha, né? (*risos*) É de veigonha, falei “Não, eu vô levá e[la] dent[ro] de casa num vai cumbiná, vai brigá tudo, né?”

92. Ah, não, eu, cê sabe que é um trem que eu poco tive na minha vida. Purque, sabe, purque é, eu fui ãa pessa [as]sim, já trabaiei demais, sufri demais da conta, maisi nunca sufri assim aburricido. Que tem gente que xinga, fala tudo quant'é bestera, né, e eu não. Eu à veizi sofren' no siviço, trabaian' dimai' fora de hora, maisi semp[re] alegre eu num vô [pensar?], fiquei assim, pensan' assim: “Ah! Essa vida minha é rúim dimai', eu quiria ... morrê é mió.” Não! Is[so] é cois' qu'eu nunca pensei na minha vida. Sempre eu ach' mió, como diz o oto: Eu acho a minha vida boa dimai', trabaia demais, soffro muito, mais acho a vida boa. Puque é, cê sabe que que é? É puque a gente vê é, igual eu eu já, como diz o oto, eu num sô de de onte[m], a gen[te] já viu é tantas, tantas pessoa assim, cum sofrimento triste, né, duente. Num güenta trabaiaá, num güenta saí, à[s] ve[zes] vive p[el]as mão dos otos, num come, num num presta pa cumê num po[de] cumê nada, né? Agor' pruque que é qu'eu vô ficá triste?

8 – 7NM83

1. Nasci em São, São Salvadó, né? Eu num sei, já é pa tá cum oitenta, já é pa tá passano de oitenta e dois. É. Ieu a[cho] que já passô. E é, sô do dia três de janero, né, na era de mil novicentos e vinte. É, né? Que o janero já passô.

2. Uai, a minha vida mem[o] é, a no... a nossa vida era mem[o] andá, né, que meu pai andava demais, meu pai num tinha c[r]enç[a] não. El[a] era mu[i]t[o] cumprimitido... Era mu[i]t[o] ...

²⁷⁶ Redução de *senhora*, tratamento de respeito com pais, pessoas mais velhas e de formalidade, comum na região estudada.

num parava em lugá nenhum, né? Nóis andava dimais, é só puque nóis nenhum num sabia nada, né?

3. Dipois de grande foi que nóis vei a pa ... passô a sabê assim mem[o] que a minha mãe é que ixpricava nóis assim dibax[o] dum quet[o], né? Ah! [de]pois que nasceu, que feiz essas coisas lá eu, nó[is] nó[is] ach[o] q[ue] nóis nóis saiu de lá nói[s] er[a] tu... er[a] novim, né? Eu num sei, cê sab[e] qu'eu num sei, eu sei qu'eu era novo. Ieu, ah, ieu er[a] ieu ieu era, num era muit[o] novim não, que inda tinha um que er[a] mais novo do que ieu, vei maman', né? Ah! Capaiz qu'eu tinh'uns, uns deiz an' mais o men', né?

4. De São Salvadô nóis vei 'bora pra cá, né? É [Pires Belo]. É, nóis, fiquei mair meu, ah, naquel' me ... meus primer[o] dia foi [Ran]charia pra cá, né? Prá Perapitinga de cá do rii, né? Atravessô o rii prá cá. Eu lembro do, eu tenh'ũa lembrancinha do rii do [A]baité, mu[i]to poca cais tem, né? Meu pai atravessô o rii a nado pa buscá canoa, p'a atravessá nóis, o São Marco aí el[e] feiz canoa do do corpo dele, né? É. Fai' tempo dimai' ...

5. Ah! Num sei se tinha [ponte] não puque, [de]certo o rii do [A]baité é er[a] era rio, ãa hora tav' grande, chei, ota hora tava vazii, né? Eu crei[o] de lá nói[s] vai... num tem muitos an[os] q[ue] nóis vei p'esse Pires Belo não. Nóis er[a] memo da fa ... já parô na Rancharia mem[o], prá cá da Rancharia. Só²⁷⁷ cunheceu o Barrer[o] Grande? Pois é, nóis morava ali pro cá do Barrer[o] Grande, nóis era, meu pai era agregado daque[la] fazenda, já vê, já viu falá no (...)?

6. É. O (...) era um fazendero, né? Meu pai trabaiava pra ele, fazeno, ferrano carro pra ele, fazeno ferrage de carro, nóis tabaiava na fazenda desse (...), veiz ... É, uai, uai é fer ... batê os prego na, no rodero do carro, né? É. Primero faiz os prego, a pregaria tudo, fura a chapa, faiz a pregaria depois vai, vai pono os prego, que a gente ia impurrano c'a marreta, né? E a chapa vai como ãa trança.

²⁷⁷ Forma reduzida de *senhora*.

7. Iche! El[e] ajudô o véi (...), era el[e] é que ajudava o, o véi. O véi (...) era o fazendero que tinha no Barrero Grande, né? É prá cá da Rancharia. Eh! Ah! Eu tem [saudade] mais agora não, tem agora, mña fãmia acabô tamém. Quem tá durano é só eu, ainda. É, tá seno quase só eu. 'Xô²⁷⁸ vê, quanto eu (...)? Acho que tem, nem num sei os qual'é que tá vivo! Qual'é que tá, (...)? (...) é o que tá seno o caçula agora

8. Ah, já. Agor' cabô. Ah! Minha mãe morreu puque ela era judiada, mai[s] to[do] jeito ela murria memo puque já tava véia, né? Morreu véia, mais um cado é, foi judiação, né? O meu pai era mu[i]to mal. Ih! Não, o pai judiava cum ela dimais, né? Ba ... Batia, ô era prciso nós tá tá sempre chegano nel[e] e acudino ela, né?

9. Meu pai morreu sozim e Deus. É. O resto do povo, fãmia largô el[e] tudo. Po[r] res[to] nós achô el[e] já morto suzim e Deus, morreu no no terrero [a]li. Gente, a gente, el[e] tam[bém] ficô que nem eu, el[e] ficô cego de tudo, né? É. Nós é de raça de gen[te] que vai in[do] perde a visão tudo. Ieu, ieu já tô pa quair num vê nada! É, tem poco tempo.

10. [Meu pai] Ficô. Uai, e[le] num parava cum ninguém, né? Ranjava, ranjava um, sempe tinh'um minin[o], sempe ia ficá c'oel[e], a ho[ra] que ele infezava danava c'aquer' minin[o] ia imbora. Ele tornava mandá buscá. Po[r] resto, ele ficô suzim, né? (...) O meu pai? Morreu na na casa del[e] mem[o], el[e] tinh'o chão del[e], né? Já [morto]. Morreu no terrero. Foi ... el[e] tinh'um arame assim fechan'um sitiozim [as]sim na porta. Eu ach[o] qu'el[e] andô, ele aberô o arame e tava relampiano e ele deu um istalo. Ô²⁷⁹ acho que foi o istrondo que matô el[e], né? Foi no terrero, dibax' de chuva. Nós fiquem' soben' no dia de, deu o istalo, que deu a chuva e deu o estalo, eu ta ... eu tav' trabaian' assim em distança, de lá 'vistava lá no terrero da casa de[le]s, daond'eu tava, né? E o e e[le] sumiu. Quand'é fé chegô uns lá pa vê cum'é que el[e] tava os a ... os minin', tava morto lá. Beran' o aram'. Ah! É. Ieu, ieu tav' trabaian'

²⁷⁸ Variação de *deixe-me* > *deixa eu* > *dexa eu* > *dexa ô* > *dexô* > *xô*.

²⁷⁹ Variação de *eu*, como se vê em várias ocorrências seguintes.

p'otos pessoa, né, e os otos me [avisou?] ... a ra... minin' foi foi lá vê, diz q[ue] tav' morto, né? Não ... morava! Eu morav' na roça.

11. É, foi. Eu, quand'eu vim prá cá eu já tav' perden'ela [a visão], né? E ... e num tá ten[do] jeit[o] não. Tem nada que mim alimpa assim, fica mais miozim, agora cabô, ago[ra] num tem jeit' não. Não, vejo só aquel'iscuridão, qu'eu vejo. Sin ... Uai, de vez em quand[o] ô sinto a é a dor de cabeça, né? Eu sinto da cabeça dimais.

12. Tive [estudo]... tev' não. Eu istudei só um dia. Só um dia, num vortei mai[s] na iscola. Ah! Vo ... ieu, ieu num, a vista num ajudava, né, toda vida. Eu já, ô fui ofindid' endesde piquen', né, tamém, 'findid' de cobra. Fui, fui ofindid' de cobra, carro de boi quas[e] mim torô no mei ãa vez, só tomava remédi[o] brabo, né? Uai, eu fui, fui no mato buscá, buscá, buscá vaca, que nós tinha vaca, né, e a cobra mim pegô. Tava [sozinho], daí eu vortei prá tráis, gritano, minha mãe assustô correu, minha mãe ia, minha mãe rebentô o cordão da saia e e amarrô na minha pelna [a]qui, aqui assim po[r] riba assim, arrochô. É. E Deus ajudô que a antancô²⁸⁰ [pelo] men' um poco. Gen[te] num foi no médico não, meu pai, logo logo cum poco praz'o pai chegô tamém, meu pai que só che ... só chegô, bateu o bico, num num senti dor dimais mair não. (*Risos*) Uai, é benzê, né? Não, eu sint', sintia assim, sinto a, que de vez em quando eu imbaço a vista, né? Ago[ra] dipois qu'eu laivô²⁸¹ fican' fraco, ah, tá fican' rui dimais, eu num tô valen' nada! É ... Ah! Eu era minino, eu podia tê, de deiz, doze an[o], né?

13. [A vista] Num num ficô boa não. Não. Eh! De vez em quan[do] imbaça. Meu pai mem[o] falava que ieu num ia prestá da vista mair não, né? E meu pai binzia tamém, quand[o] mandô atrás del[e], de lá mem' el[e] já falô. El[e] já so[u]be qual'é a cobra, né? É jaracuçu. Eu tava [a]judan' minha mãe tirá barro no, den[tro] d'água pa fazê um forno, eu que ajudava ela fazê forno, né? Ela rancava o barro e eu carregava, né? E a cobra desceu pa água abax' assim, pelejô pa pegá ela den[tro] d'água, ela pulô bunita, a saia dela batia po[r] toda banda, né? Deu

²⁸⁰ *Antancô*, aqui, é *estancou*, parou a circulação.

²⁸¹ Variação de *lá em vou* (vou indo) > *lá em vô* > *laivô*

a vorta lá [as]sim e vei [ou]tra vez, ataiô aond'eu tava, né? Quando eu vi foi aque[la] chiada: *tapi* ... , [a]qui[lo] na perna no mei da canela. E eu gritei “Mãe! A cobra aí.”, e ela desceu, foi lá dond'a mãe tava também e sumiu. Num tinha [visto a cobra] não. Ela de lá ela desceu, do corgo el[a] desceu, a mãe sapatiô nela el[a] desceu, e e[la] deu a vorta assim nũa ilha, desceu corgo abax' e vei, 'travessô, passô nim mim só aque[le] chiad[o]: *tiup* e num feiz parada não. Ieu vi... [Eu] Matô não, aí eu eu gritei: “A cobra, mãe.” e gritei ela ca co... ca mão a a perna tav' duen'. Ela vei oiô, tava as quat(r)o bitim²⁸² assim fininha, sain' o sangue. A presa dela. Não, eu tav' no seco, ho[ra] que ela, a ilha, tinh'ũa ilha assim, né? Minha mãe tava em ci ... pro cima rancan' barro, den[tro] d'água e ela foi lá assim, desceu o corgo abaxo foi lá e vortô, ataiô cá ond'eu tava, e bateu o bico e desceu [ou]tra vez, quando e[la] bateu o bico ni mim eu gritei: “Mãe, a cobra aí.” Eu era minin', né? Eu er[a] criança. Pur iss' qu'ieu sof(r)o da vista.

14. Passô. Tav' cum vinte saco de arroiz e dois de feijão. Uai, foi Deus que oiô, né? Não, ma[is] eu tomei remédi dimais. Um, um boi que tom ... que mim jugô no chão, né? Ieu que era o carrero, ieu tirava leite, eu mansava boi, e[u] era minin' mais eu fazia de tudo, né? E ... Jugô, que ... O carro passô por cima de mim, da minha barriga mem' enriba do umbigo, trave... quan[do] nó[is] desceu ãa serra, né? Pa descê a se... ãa serra, o carro tav' muito pesado eu tirei, eu tirei ãa junta de boi puis na colda atrás da ligera, meu pai er[a]²⁸³ ca vara atrás tamém, mai' num num ajudava não. El[e] num dexô ninguém guiá boi prá mim. Tinha [guia] não. El[e] num dexô não, ninguém guiá boi, eu tinha que dá conta que sinão, s'eu num des[se] conta el[e] me... e... eu ia vo... e[u] vortav' ma[s] er' morto den[tro] do carro, mim matava. Aí quan[do] chegô no topo do morro, parei, tirei a ligera, tirei a junta de boi de chaveia, puis pa trás e tinh'um boi que era e esse de chaveia num podia vê ninguém e quem entrava intrimei e é só ieu mem'. O oto era manso, de manso num tinh[a] mai' jeito, mais esse oto era um

²⁸² Possivelmente uma redução de *bonitinha*, em referência às marcas das presas da cobra na perna.

²⁸³ Forma verbal *era*, neste caso, para significar ação repetida e permanente levando-nos a entender que embora não ajudasse o narrador ainda menino, o pai ficava sempre atrás, permanecia sempre no lugar de carreiro, ainda que não carresse de fato.

curralero fuma[ço] chifrudo, eh! Deus mim liv(r)e! Ah!, quando eu peguei no ajojo prá mim lê.. leva pa fiera, e[le] já tirô um, viu o o don' da casa assim pa tráis [as]sim e el[e] caçava a, quem é que tava oian', cunversan', né? Eh! O boi já tirô um sarto e fo... Pa descê incima de mim eu abaxei el[e] pelo zói fiquei com o istôm[ago] aqui na testa del[e] e el[e] sartin' e urran', sartin' e urran' ele mim babô tud' assim. Po resto el[e] foi incima da junta de boi de coice aí eu num 'güentei, aí, o pai gritava só: “Solta qu'es[se] boi te mata, sorta qu'es[se] boi te mata”. Po resto, eu num 'güentei mais, el[e] mim balançô no ar assim eu disci intrimei a junta de boi de coice, a fiera assustô e rastô o carro. Va... A valença que o o carro quai[se] num tinha prego, mais ficô o sinal ainda na barriga. Uai, ieu fiquei [machucado] mai' e[u] num sinto nada, né?

15. Foi [ao médico] nada, o pai num levav' fii nim médi' não. Rasgô nada. Uai, eu sinto, o qu'eu sinto mais, sin[to] dor de escadere, sin[to] dor na ispinha, né? Quando eu pego munt[o] peso eu sinto.

16. O carro passô incima de mim é... vim foi, foi den[tro] do carro, aí num teve mais quem, quem puseç'a mão nessa junta de boi, né, que, que essa junta de boi num... num aceitava ninguém, e[le] era boi de chavêia, aí tev' que vim de gui...(risos) de guia sorto, meu pai pôis eu den[tro] do carro, quan' já tava, nói' já tav' chegan' no lugá de discarregá o carro, é, quando o boi oiô pa tráis assim que viu o dono da casa, chuuujo²⁸⁴, aque[le] tilanguêra e o boi abaxô por cima de mim, ieu qu'er', eu 'b[r]acei ele assim e falei: “Vam' pião.”, meu istom'²⁸⁵ assim ficô na testa do boi, e[le] babô tudo de sartá e urrá cumigo, tracad' nel[e]. Eh! Vai sofrê num sei adond'! Quan' nós chegô em casa a mi...foi chegan'em casa o o a, minha mãe, el[e] tinha falado, que meu pai falav' munta bobage, e[le] falava pos boi: “Hoj' s'ocê num dé conta de carriá suzã, cê vem é morto no carro, dent[ro] do carro”. Dito e feito, né?

²⁸⁴ Variação de *sujo*, com ênfase intensificadora.

²⁸⁵ Variação de *estômago*.

17. Deus que há de perduá a a alma del[e], que meu pai era mau tamém, mai[s] nem um ho[mem]...ôtos num punha a mão num fii del[e] não. Aí... quando o carro, o carro cantava vazii, né? 'Cabô de disarregá a carga e a junta de boi ninguém punh'a mão nela, a num sê ieu, né, a junta de boi vêi de parecia com os oto. É, num pôde, nin...nin...ninguém num pôde pô a mão nela, né, que 'cabô descê a serra, el[e] era boi de corda, pa tráis, né, mais, quem é que, quem é que punha a mão nele a num sê ieu? Aí...Vêi, mais foi de banda ca... com os otos boi. Quan[do] nói' foi chegan' assim que deu de avistá a porta da da casa, minha mãe chegô na porta e e oi... e oiô que viu a guia sorta, o pai den[tro] do carro, o carro tava de istera e a junta de boi de parecia com os oto, né, se...ah! Minha mãe vei topá e[le], ah! e[la], meu pai gritô ela de lá de longe, gritô, e[la] chamava (...) foi cha... e gritô: "(...) Vem cá, vem abri a portera aqui.", e[la] falô, foi 'té 'té doida, "Machucô o (...)", foi lá, primera coisa qu'e[la] foi, foi lá na...a...Na trasera do carro oiá, né? Eu oiei, "Fecha sua boca, sua boca é excumungada, cê falô que el[e] ia, el[e] ia chegá morto, cê matava ele, feche sua boca qu'era atentada." Iche, foi um be...um um bate, bate-boca munto tempo, nossa sinhora! E quem é que pôis a mão nessa junta de boi pa discangá? Ninguém! Ninguém pôde pô num...foi p[r]iciso 'marrá no pau pa podê tirá o men[os] o cambão que tava na...de rasto, e sortá c'a canga e tudo, né?

18. Foi. Junta de boi er' só eu é que punh'a mão nela. Aí eu num vi nada mair não, né? Não. É...Ah! Mais o carro tav' tav' cum vinte dois saco, vinte, vinte saco de arroiz e dois de feijão, né? E...e[le] passô isso tudo encima de mim, a valença que o ca... a chapa do carro já traquei pra lad' assim, né? Ma[s] inda ficô o sinal na barriga, né? Machucô. Passô mem' encima do imbigio, qu'el[e] pegô. Não, eu inda vi o carro passan' eu pelejei eu eu ingá...ingatinhei pa vê se iscapulia do carro qu'el[e] ia mim pegá er'...ó, assim (*gestos*), né? Ieu, ieu inda ingatinhei de costa po chão 'fora, as ôta é, fiêra²⁸⁶ assustô, né? Nos'Sinhor[a]! Eu alemb[r]o qu'eu

²⁸⁶ Refere-se às outras juntas de bois, isto é, *fileiras* de bois.

pelejei, meu pai gritô po Bão Jesus, que el[e] era devoto do Bão Jesus, né? Po Bão Jesus acudi ieu. Tamém, a ho' que o carro passô tamém eu vi nada mair não. Fiquei [disacordado]. Ah! 'Doido, ieu num sei cum'ê qu'eu num fiquei alejado! É puque o carro quai[se] num tinha prego, né, era tudo in...já tinh' igualado assim tudo...Um carro véi, já usa[do] dimais, os prego já tinha já iguala[do] tudo!

19. Ei! Ieu, ieu sufri nessa vida, minina!...Minha mãe danô co pai, nossa! “Fecha sua boca, fech'ess[e] boca (...), cê tem a boca excumungada!” E...meu pai batia nela, judiava co'ela, esse dia num foi [as]sim pa daná cum ela mai[s] não. Ficô caladim e choran'. Ah! O pai gostava dos fii tudo, mai[s] num, mai[s] tinh' aque[la] natureza de num tulerá, né? É. Que el[e] e...era isquisit' mem', coitado! Falava em jugá em...em vendê os boi. Quando eu miorei um tiquim semp'el[e] falava lá lá da cozinha, ieu lá na na cama p'ôta banda, falav'im vendê os boi e, diz ei[le]s qu'eu gritava “Num ven[de] meus boi não”. Que quem mixia com as boiada er' só ieu, né? Oto num punha a mão lá não.

20. Voltei, trabaiei muito [ou]tra vez. Ah, el[e]²⁸⁷ ficô no carro. Continuô. El[e] era, el[e] era um boi fumaço, curralero, fuma[ço] chifrudo memo. E os cumpanhero del[e] num ia mai[s], eita! P[r]cisava tá baten' pa podê... Era, el[e] num, el[e] num aceitava ninguém, er' só ieu. É...E[le]²⁸⁸ rabiava assim a bunda pra fora, e[le] rabiava a bunda pra dento assim mem', oiava po riba da canga aque[le] jeito que tav' cunversan' (*risos*). Ah! Pudia arredá, quan[do], s'eu tivesse cangan' e[le]s, num p[r]isav' ninguém chegá, né? Qu'el[e] ficava...El[e] ficav' vigian' longe. (...)

21. Ah! Eu podia tê uns, de quin...de dizesseis ano pra cima, né? Eu era novo. Eu...eu fazia fo...força dimais puque meu pai num tinha dó de fii não, né? Minha mãe danava, né, xingava, xingav'. “Ah! El[e] tem que virá hêm[em].” Punha no sirviço. Ei! Mai[s] eu também era atentado. Eu num...eu num tinha nada qu'eu, que dess' vorta nim mim tamém não. Eu pegava

²⁸⁷ Refere-se ao boi que havia desarticulado a junta e que provocara o acidente que quase o matara.

²⁸⁸ Referência, novamente, ao boi que, na sua visão, olhava, apreciava quando era cangado, como se conversasse como o narrador-carreiro.

um trem brabo aí um, laçava um trem brabo no curral, que e[le] tinha um curralão grande. E...e aquil'eu passav' pa riba do lombo daquilo, em pêlo (*risos*).

22. Boi de chaveia é é o é o boi do pé do do carro²⁸⁹, né? Tem o, tem o boi, a junta de boi do cabeçai e tem o de chave...de i[r] à frente assim do do cabeçai é a chaveia, né? É. É o que fica 'marrado no cabeçai do carro. É a é é ess[e] qu'eu tô falan' que tá, né, que fica no coice, né, no cabeçai do carro²⁹⁰. Que tem a boi de chaveia fica na frent' desse, né?

23. Boi de corda é lá atrás, no argolão, no argolão do carro lá atrás, pa podê descê serra, né? Tem a ligêra cumprida mem' pa podê 'marrá no argolão e a junta de boi fica lá lá atrás pa podê descê a serra. Siguran' pa 'judá a junta de boi...A ligera é o a co...é um, é ùa colda atravessada, trucida²⁹¹. [É] Cumprida mem', 'marra no argolão do carro. Lá de de baxo do do carro, né, e a junta de boi ficá lá atrás [as]sim ó, lá longe. É só na discida, pa descê a serra, né? Uai, é os tais boi de colda [servem] pa sigurá, ajudá o coice, né? Que o carr[o] mu[i]to pesado vai in[do] o coice num rejeste²⁹², né? Uai, se a junta de boi num fô de rejistença²⁹³ [o carro] passa, [por cima do boi], né? Joga no chão, tinh'um boi que deitava, né, p[r]icisav' pô corda que sinão el[e], se el[e] deitasse lá, ho' que o carro fazesse assim, ó (*gestos*), matava tudo. (...) pa subi tem tudo na, puxan' pa frente, né? Tem [boi de corda] não, a aí já ta tud' é pa diente, fazen' força tudo pa diente, né?

24. Cambão é o de, o da, cambão é o boi de de chaveia, toda, todo bo...todo carrero tem o, tem os, a a junta de boi cada um tem um cambão de passá a a chaveia na na no tabuêro da canga e marra lá no no pigarro do carro, pa puxá pa frente, né?

25. Uai, a sinho[ra] nunca viu carro-de-boi não?²⁹⁴ É o ca...é os boi que puxa el[e], né? Uai...uai, puxa de, de o...o carro num sen' mu[i]to pesado põe oito, oito boi, põe até deiz boi.

²⁸⁹ Carro-de-boi.

²⁹⁰ *Junta de coice* e *de cabeçalho*, para o narrador, são sinônimas.

²⁹¹ Hesitação que quer dizer "atravessa, torcida".

²⁹² Variação de *resiste*.

²⁹³ Variação de *resistência*.

²⁹⁴ Expressão de incredulidade ante nossa indagação sobre composição do carro-de-boi, que leva o narrador a supor que não conhecêssemos um.

É a junta. (...) ali passa o tabu...passa a...passa a, o currião do cambão po ditráis do pigarro do carro assim e laça lá, ago' vem a ota passa pro cá, laça lá [ou]tra veiz, né? Pigarro do carro [serve] pa num dexá o...Uai, é um, solta assim no, do carro assim ó, pa diente tem a chaveia, né, e pa atrás tem o pigarro. É. É tirado mais ó men' iss'assim, ó (*gestos*). (...) Pra cá tem o o tal pigarro, né? É. Tem o pigarro já que laça a, a ti... a tiradera aqui po ditráis, né, [as]sim e... É de coro, mai[s] e cá adien[te] tem a chaveia, né? Ho[ra] cê [vê] já é na canga de coice.

26. Eh! (...) Deus mim liv[r]e, gente. Ai! Eh! Cabeça véia! Ah! Meu zói é duen' diára. Meu zói num presta não. Ess[e] zo..., ess[e] zói eu passo a noite mexen' cum ele. Esse zói aqui foi furado, foi, foi álco' que avuô nel[e], né, furô, tav' mexen' cum álco'.

27. Não, fazê ele [carro-de-boi] eu num fazia não. Nunca fiço. Isso eu num fazia não, mais ajudá ferrá o carro eu 'judava, que tem a canga, tem a... tem a tenda, a tenda de de fazê prego, né? Fazê os prego. Ih! Eu fazia muito, 'judava batê pre... marretá. É ferrá o rodero do carro. Er' mõi difiçu.

28. A guia é, fala pá guiá boi? É o candiero, né? É, que tem o candiero, tem o carrero quem manda a ca... a boiada cá atrás aí tem o, um que chama guia lá pa frente, a guia 'cumpanha o... Ah! E[le], [boi] tem que obedecê é tudo. É, que se el[e] num obedece um, el[e] num obedece os oto, né? Po[de] trabaia cum quarqué boi, el[e] saben', né? O defeito é que num é todo boi que va' aceitan' qualqué carrero. Não, que nem esse que quando el[e] mim pegô, o boi mim pegô, jogô dibai[xo] do carro o...esse era um boi assombrado mem'. El[e] num a... el[e] num aceitava ninguém, só respeitava ieu. Ma[s] o oto pião, el[e] andava com a, ca bunda torta pra fora pa vê foss'er' algum, ca bunda pa fora pa vê quem é que, quem é que tava chegan' lá, no carro. Ah! Mai[s] num tirava [este boi] não, qu'el[e] era o boi de chaveia, né? É...el[e] era, num era mu[i]to forte não mais, el[e] era um boi que num baquiava, né?

29. Sirviço de...sirviço de inxada, sirviço de foice, de machado, tudo eu já trabaiei graças a Deus. Ah, ieu, toda vida ieu gostav' mai[s] er' da, er' da foice. É. Ah não, a inxada a gen'

cansa demais, mai[s] num tinha recurso, tinha que trabaiá de inxada. [Trabalhei] Dimais. Ganhava nada, ganhav'a mixaria, quand'eu cumecei a trabaiá eu ganhava dois mirréis. Ah! Dava nada. Dois mirréis era, dava nada não. De primero, podia dá um quilo de carne, mais hoje não, um quilo de carne hoj' num, hoj'a carne tá cara, né? Prantava [roça]. Prantava pra mim, prantav' na meia. Ih! Eu trabaiav' de todo tipi e graças a Deus todo mundo quiria ieu pa pa sê rocerô, como nói' num tinha terreno, todo mundo quiria nói'.

30. Ah! Ieu nem num sei, eu já tav' véi, quan' quand'eu 'diquiri famia, ma[s] eu nunca, nunca casei tamém não. Uai, peguei a moça e fiquei, tomei conta. Uai, é...pare[ce] que é seis [filhos]. É...é que...ma[s] tinha mais, tinh' mai[s] um casal fora e an[tes] d'eu diquiri essa, eu tinha mais um casal. (...) Não, até que eu num namorava mu[i]to não, ieu ieu era mei' adiantado. Se eu agradasse eu é, eu era adiantad', né? Mai[s]... Eu avançav' mem'. Uai, se el[a] num quisesse, eu agridia não. Ma[s] el[a] num, e[la]... Não. Os pai da moça tudo gostav' de mim puque ieu era trabaiadô, né? (...) e tinha otos [rapazes] que era tud' priguiçoso, ieu morava de suzim p'as roça, né? Tinha meu rancho na minha roça e a, tinha mantimento, meu rancho de roça er' tudo intupido de mantimento, eu tinha fartura pa daná, graças a Deus, hoj' é qu'eu tô na misera, quand'ô²⁹⁵ tá desse jeito.

31. Ieu festava os Trêis Reis. Eu, eu sô devoto dos Trêis Rei. Todo ano eu fazia, agora eu parei. É...É, toda ela [a festa] dav', que a festa dos Trêis Rei, é pa, o sargento saí ca fulia, né? El[e] sai ca fulia e o e o o a o povo fica em casa arruman', né? Ah, basta que o, a Festa de Reis, a Fulia de Reis só anda à noite. É puque os Trêi Reis, quando quando saiu, a basta que tu (?) fala "Os Trêi' Rei quando saiu, foi visitá Jesus na glora, foi visitá o Minino Deus filho de Nossa Senhora", né? Já, que o demonho andava prissiguino o o Minino Jesus, né? E com os Trêis Reis ele num pôde. Ah! Puque os Trei' Reis só anda à noite, o di...o dia foi clarian' todo mundo, aonde o dia fô clarian' dexa, dexa as ferramenta tudo ali e a bandera, quando o

²⁹⁵ Variação de *quando eu*.

sol vai entran' tamém já pega de lá mem' e já sai, né de vorta. Seis dia. Ah, ieu...Ah, ieu, ieu era o ca...o o chefe da da cantiga de reis, né? Ah! Ieu cantava mai', cantav' dimai' a Fulia de Reis, meu pai era devo[to] dos Trêis Reis. Uai, o a... a gen' canta é [as]sim: "Os Trêis Reis quando saiu, visitô Jesus na Glória, visitô o Minino Deus que é o Filho de Nossa Senhora". Ali vai continuan' pa frente, né? Cantado to...todo dia de noite, né? (...) Lá no, lá tá andan', num tem casa ninhũa num canta não, né? A ho...a hora que vai chegan' na casa já tem os instrumento tudo afinado, né? Ûa hora e[le]s punha ieu na viola, n'ota hora punha na caxa que num tinha quem tocasse a caxa, po resto eu insinei um irmão meu na viola, pa mim podê passá pa caxa. E tinha o alfer e el[e], tinh'ũa irmã, eu tinha só ãa irmã, nós pôis ela pa sê a alfer da bandêra. Viajava a no...andav' a noite intera! Quando o dia ia clariano ali mem' largava a bandera e cada um ia pa sua casa quand'ia dan' a talde, ia chegan' [ou]tra veiz pa pegá a bandera [ou]tra veiz. Aí! (...) Ah! É o, responsabilidade del[e]²⁹⁶ é na bandera, né, qu'el[e] num pode dexá a bandera de calqué jeito, a bandera fica aberta lá na casa que e[la] ficá, né? De dia gen' dorme. (...) Ali punha nũa casa qualqué que tivesse ali, ali e a gen' podia i[r] imbora pra casa, né? Ih! Nós andava longe! Noite intera cantan'. O meu pai era mõi devoto dos Trêis Reis. Ah! Eu, eu can...eu co...ieu canto, eu rezo pa carqué um santo, né?

32. Uns [dias santos] eu guardava, otos eu trabaiava que os...ai...eu tocava sirviço dimais mem'. Se dexasse passá um, ma[s]... É, tem que gualdá mai[s], eu quai[se] num guardava dia santo quair não, num tinha prazo, uai. Ah! Mai[s] Deus óia, né? A gent' num sen' pro abuso Deus óia. Eh! Ih! Meu pai num dexav' fii quetá não, meu pai era mau dimais. Muito difiçu. Quan[do] num tav' fazen' um trem tav' fazen' oto. Domingo, dava dia de domingo tav' faze...tav' no mato, tiran' mato, pau pa fazê, que no...nóis tinha um carro-de-boi, né? Tav'... tiran' pau pa fazê canzili. Can...canzilá as canga, tiran' pau pa fazê, furá as pa...fazê candão.

²⁹⁶ Refere-se o narrador à figura do alferes de bandeira.

Ota hor' tava cortan' coro pa ti...fazê as as ti...a s tiradera. Ah! Nóis tinha poco, poco praz' de descanso.

33. Não (...) não nói num tinh' negóci' de namorá não. (...) Ah, foi. Aí...quand'eu, ieu ieu quand'eu panhei ess[a], peguei essa moça eu já, já morava suzim tamém p'os rancho de roça, né? Eu... Nói largô o pai, nóir num güentô el[e]. Ficô, ficô ca mãe, ca minha mãe e um cado e dois fii mai[s] novo, que, qu'ela adquiriu aqui dispois que nós chegô aqui em Goiás, tinha dois fii mai[s] novo, ficaro co'e[le]s. Nossa Senhora! El[e] er' bra...com os fii era mu[i]to mais! Ih! Brigava demais. Não, batê no nos oto el[e] num batia não puque ninguém isperava ele, né? Já basta que el[e] num, é, el[e] num andava disarmado nem pa, nem saí as porta pra fora. É, el[e] num, el[e] num injeitava ninguém não, coitado, morreu no...so...Morreu sozinho no tempo, né? (...) Fazia. O canzil er' de po...de pô nas canga, né? Pô no pescoço dos boi. De madêra. Eh! Meu pai era terrivi'. Minha mãe era boa demais, minha mãe chorava po mode nós, que nós era judiado demais. Ah! Meu pai num tinha carim cum fii não. (...)

34. Nói' brincava demais. Noite lua clara noir brincava demais é de, de jogá manguara, né? É jogo de jogá, manda a man...o o a manguara no oto assim e[le] rebate e o que o que num dé conta de rebatê apanha, uai. Uai, é, tem os pa...tem os pau lá [as]sim ó da gen' brincá de...é... É. Leva no oto aí o o o oto é que tem que rebatê, né? Sinão o oto apanha, mes[mo]. Brincava. Agora, quan' tinha prazo, né? Uai...ah! Nói' brincava disso, brincava de de rastera. Rastera é dá rastera pa derrubá os oto. (...) nor' tamém tinha só ãa i[r]mã. Nã' num...e[la] brincava com o nós que se tives[se] nós só à veiz el[a] qu'el[a] pudi[a]...o pai num dexava el[a] entrá no mei' não.

35. Não, eu num gostav' pescada! Nem, eu tem nojo de peixe! Ah, não. Se, a di... s'eu chegá nã casa, e tivé pe... posso tá c'a fome que tivé, se tivé peixe ali nas panela, num p[r]icis' nem mim chamá não que, sinão até a má repostada eu dô. Dô até marretad', ô mai[s], e ôta qu'eu num confii de ninguém num mistura a cuié. Num como não. Ah! Fala a cuié do do peixe lá na

ota panela? Não, eu num querdito! Num...Não é qu'eu tenh' nojo do peixe mem', é ieu e meu pai, e era ieu e meu pai, cumia peixe de jeit' nium, e gost' de pescá. Não. E[le] gost[ava] de pescá, ieu, é tanto faiz eu como o pai, tu[do] pescava.

36. Não, as carne ...de de cumê seca e[la]s né, no sol, todo dia punha e[la]s no sol, né? Ah! Ti[nha]... Carne de porco, carne de gado. Assim mem' carne de gado er', eu num e... ô num era mu[i]to cumedô não, ficav' cum nojo, mais inda cumia.

37. Cumerçô a miorá depois a muié, Deus tirô a muiê distrangolô tudo, eu fiquei rúim, claro, qu'eu pr'aqui pr'ali, né? Já tava tudo criado, Graças a Deus [quando a esposa morreu]. Não. Eu sei qu'eu num, num cumbino c'ota muié não, a minha tinha, tinha paciência, né? Ah! E[la] 'ranjô um incômu[do] um, [as]sim dum tipo de garganta, dor na boca do istâm[ogo] que num, er' tudo qu'ela le...tudo qu'ela cumia, el[a] vumitava. E[la] vivia siguran' assim, a boca do istam'. Fo[i] 'té morrê. Ei! E tamém num quis 'ranjá ota, sei que eu num com...sei qu'eu num combino. Gritá cumigo cabô. Eu chamava ela. A ho' qu'eu tava mu[i]to infezado eu gritava. Eu gritav' mui.E, e el[a] carma mem', coita[da]. Graças a Deus, o meus fii tudo era obidient', né? Ah! Ieu nã...num era brabo que e[le]s tu[do] mim obidicia mem'. Ah! Ieu batia. É. Tinha dis[so] não. Ah! Ieu apanhava do pai. O pai quan' pegava um fii era pa tirá o coro. E nunca curri pa num apanhá tamém não. Eu 'panhei dimais. Quan' tocava deu batê eu batia dereito. (...) Uai, maisi à veiz fala um trem e[le]s fica é ma... inzonan' toda vida, né? Perdia a paciência.

38. É, e inquanto eu pissuí a minha véia era tudo bão pra mim, né? Ela tinha paciência dimais e...mais Deus num quis, né? Eu tamém num qui[s] 'ranjá ota. Pô ota no lugá puque eu sei qu'eu num cumbino.Ah! Ieu nem num sei quantos ano foi não. Foi, que aí can...nó[s] já tinha de tudo de cumê, de bebê, né? Quan' foi pa criá os fii nói' já tinha de tudo.

39. Ah! Passava [fome] uai, a princípi', Deus mim liv[r]je. Nói' viajava noite e dia, eu chorava pa mode cumê, que ieu num cumia calque cumê nem, im cim...Em em cima dum calquero,

né? Tinha vez que a minha bunda virava aque[le] firidera, vivia melano do rabicho de de pô no no rabo do animal, sentava ali argum rabicho murdia na bunda da gente. Nossa Senhor[a]! viajava nooite intera! Cuchilava, tinh'ora co... semp[r]e meu pai quiria bem eu mu[i]to mem', né, ia puxan' o animal, co'eu de lado. Viajava! Quan' num tinha jeit' de viajá viajava, mair quando el[e] discunfiava da, da mão, nós ficav' no mato, né? Uai, tinha vez que chuvia, mai[s] semp[re] tinha ãa tampazinha de tampá o a... Ah! Tinh'ũas, um tal de prástio²⁹⁷, capa véia, né? Eu sei que, sei que nós sofreu gente, ih, neste mundo! Minha mãe sofreu mu[i]to mais ainda, que minha mãe é que tomav' conta, nói' num podia...o pai num podia apresentá em calque lugá. Todo mundo num podia vê el[e], né? Ah! Ieu, noir tudo sabe, maisi nói' é que num fala (...) Quando el[e] vei p[ara]o Goiás el[e] num feiz is[so] mair não. Não. Mais andô perto de fazê mais.

40. El[e] num tinha rii pra ele. Não, el[e] num tinha rii chei', num tinha nada, pa atravessá não. Eu tinh'ũa lembrancinha quan' nói' chegô na bêra des[se] São Malco lá encima, um poco l'em cima, eu tem na lembrança. El[e] 'travessô de nado, de parecia ca tropa. Er', passava. Meu pai era peixe n'água. Ah! Não...nó[s] parô foi aí po la[do] da, sabe do Barrer' Grande? Pois é, por ali nóir, lá encima tem o porto de lá, tem o porto. De lá foi que nós foi descen' pra cá, descen', descen'...Ah! O Barrer' Grande fí...num tem cida[de] lá perto del[e] não. Ah, é...é lá, pert do Barrer' Grande é é é ta... a tal de Rancharia. Num tem ninhũa [cidade] não.

41. Não, vei foi...vei pelo rumo, né? Ninguém. É...parô nũa fazenda dum fazendero, o tal (...) aí nós fiquem' arranchado por lá um ano, tocô roça e...o pai, o pai era ferrero, esse véi tinha, tinha tenda, né, de fazê prego, ferrá carro, fazê tu[do] quant' é ferreri²⁹⁸, o pai passô trabaiá junto co'ess[e] véi. Foi o primero fazendero que nós viu aqui. Assim memo até tinha [vizinho], né?

²⁹⁷ Variação de *plástico*.

²⁹⁸ Variação de *ferraria*.

42. Não, o pai num dexav' nói[s] passia não, nós foi criado nói' num passava em casa de ninguém não. Tinha mini[no] que ia o, os minin' lá pra casa, gostav' de nós! Brincava cum nóir lá mai[s] nói' num podia i[r], o pai num dexava nó[s] i[r] pa casa dos oto não. Importav' [que brincássemos] não. E[le] só falava: "Ó, num quero é que briga." Ah, ih! Dimais. É. Brigava dimais por ali, mais eu morava intrimei Rancharia, Pirapitinga, né?

43. Eh! Nós sofreu neste mundo, viu, e minha mãe sofreu mu[i]to mais que nós. Minha mãe viajava carregan' criança nos braço, tinha, tinha noite que p[r]icisav' do pai iscapuli e dexá nós co'ela suzinha e puxano tropa no cargueral, el[e] p[r]icisava iscapuli que a a...el[e] iscapulia pa modo da puliça, né? El[e] era mu[i]to cumprimitido. A puliça vivia prissiguin' el[e]. Eh!

44. Ah! Eu lemb' é... eu tive uns tempo muito bão Graças a Deus, mais daí aí parece que foi distrangolano tud'! Ih! Já pissuí gado, né, de meu, vaca de leite. Já. Já pissuí de tudo! Ah!...Ach' que a [fase] mai[s] rúim qu'ieu passei foi foi quand'eu passei a a faca na barriga do oto, foi qu'eu passei mais aperto. Ficô [difícil]. Aí ninguém num mim via mai[s], né? Uai, ele iscapô, mai[s] depois el[e] foi tamém. Foi...eu num gos[to] de apilido não. Pôis [apelido em mim]. Eh! E meu pai semp[r]e inda falav' pra nói': "Ah! E hôme e tem que honrá a calça del[e]." Uai, foi... Ah! Nós era cunhido que...Não... Negó[cio] de abuso num pres[ta], né?

45. Ieu num istudei nada. Ieu sô o tal cural mem'! Ah! Não. [A esposa] Istudô tamém não. Os meu mini[no] tudo istudô. 'Tudô. E...ago' ieu não. Ih! Fei[z] [falta] dimai'. Ma[s] ieu tamém s'eu fos[se] mex[er]...na no no istudo num num dava não. Minha naturez' num dá não. Ninguém grita cumigo. Uai, tinha [sido mais fácil], né, que mu[i]tas coisa favoricia prá mim, né? Mais a naturez' num dav'.

46. Eh! Eu fiz foi mutirão dimai'. Nossa! Graças a Deus e o povo gostava de nós. Pa fazê mutirão e nós era chamado tamém nos mutirão, o povo, o povo gostav' de chamá nós pa nós fazê chegada, vê nói' brincá, né? Aqui...aquil' cabo de inxada chegava rachá. Vê que num

im...que num subes[se] rebatê el[e] tomav' el[e]. Não, eu quair num faço mutirão. Fiço, fiço alguma dimãozinha. Ah, é [maior]. O mutirão é mu[i]ta gent', né? Se...dima...dimão é minori, e é mair poco, poca pessoa. A treição vem gent' dimai', Nos'Sinhora! Aquil' vem gente em deu da²⁹⁹ madrugada, né? Ieu gostav' da treição só puque i[r]...na treição a gente, semp[r]e quem er o violero er' ieu, né? Toco [viola]. Pa cantá era ieu e meu pai. Eu, meu pai e meus irmão... “Ô (...), vai caçá um gole de café pra nói.”

47. Ah! Eu tenho [músicas na lembrança] mais, mai[s] é nada não e, ota, qu'eu tô mei' [as]sim tapado de idéia! Pois é mais é... eu penso muito o que que eu ach', né? Num tô saben' pô a era...Ah! Amigo Graças a Deus eu tinha mu[i]to, né? Ieu era mu[i]to fujão, né? Uai, eu fugia, lairgav' mña fãmia. Meu...Meu povo tudo e sumia no mundo, sumia merm' à noite. Uai, sumia p[el]o mundo. Meu pai ãa veiz foi mim pegá pa di...muito pa dien[te] de Cristalina. Eu ia [embora]. Ah! Puque eu gosto é de andá, né? Ih! Eu viaj' noite intera, num somo³⁰⁰ cum nada não. E é de a pé, hein?

48. “Meu fii num que que num foi nascido e nem parido, tocado com o leque da mãe, p[ar]a dá de mamá papai que é marido de mamãe. O meu pai chama (...) e a minha mãe chama (...), e ai de Deus cum tanto caco, qu'eu sô fii da cacaria, o papai é caranguej' e a mamãe perna de jia. Peguei na pelna da mãe pensano que era da fia, a sinhora mim desculpa, tava de noite eu num via. Poir lá vai ãa, lá vai duas, lá vai dua', lá vai três, qu'eu agora vô tê que contá o qu' é c'o Rio Preto feiz. O Rii Preto era um neg[r]o tinha um coração cruel e assassina mu[i]tos hôme e defamô muitas mulheri, muitas juliúva³⁰¹ de bem e muitas moça donzela. Rii Preto chegô em casa incontrô ãa mulher só, preguntá pa teu marido, el[e] istá pa Pirancó, Rii Preto na mesma hora resumiu a casa em pó. Ô me... ô meu sogro ô minha sogra toma conta da sua fia, tratô dela quinze ano, pode tratá ma[is] uns dia, s'eu num matar eu ripito: num quero mais a fãmia. Eh! Quando Deus era Minino, quando andava pelo mundo perguntan' os inuncente se

²⁹⁹ *Em deu da* é variação de *desde a*.

³⁰⁰ *Somar*, aqui, está com sentido de *importar-se*.

³⁰¹ Possivelmente é variação de *viúva*.

sabia a oração, se sabia a oração a oração dos pilingrino, quem disser essas palavra sete bem na quaresma tá santa num está nada, quem disser essas palavra no inferno não irá e a porta do paraíso qu'el[a] aberta achará e e São Ped[r]o aluiu a porta para esta alma entrá, que disser essas palavra um ano continuado nesta vida será rei, na ôta será coroado. As conta do meu rusário são balai' da ferrania, quando bate nos infelno cruiz e quem ouvi num aprendê el[e] é no dia do juiz todos tem que arrependê. Glosador da Maria Rosa que lava rei.³⁰²” Ieu sabia. Eu cantei duas veiz, né? Nã' não...É ãa, um um desafii, né? Nã', agora não, minha idéia num tá prestan' mais. Ah!

49. Ah! Eu andei mu[i]to, mu[i]to qu'eu, qu'eu andav' mai[s] junto cum meu pai depois eu fugi do meu pai fiquei disdexado pelo mundo, né? Cunhici [muitas orações ou desafios] mai[s] num num num dô nutiça de nada não tamém não. Num punha sintid'im nada mem', quiria er' só andá. Eu iscutei. Mai[s]...Mai[s] num ia pa casa de ninguém quair qu'eu vivia era só pelo, aquela ilusão de andá, né?

50. Uai, ieu mem' no meu modo de pensá, parece qu'eu ia piá... às veiz até pod' num sê mai[s] que a gente vê [assombração] vê, né? Eu já, uai uai...Eu já [vi]. Já. Cê vê um trem à veiz que cê num nem nem tá pensan' naquil' tem... cê vê um trem de noite assim fora de hora que esses trem assim anda é fora de hora. Ah! Já, t[r]abaiô, eu já andei munto quas[e] meia noite, né? Qu'es[se] trem assim anda é só às meia noite. Uai, uns a gen' tem medo, otos a gente reza a oração e e vai e vai passan', né? (...) Ah! Pelde³⁰³ [o medo] puque o trem num num amola a gent', né? Ah! Gen' vê aquela, aquel[e] trem, aquel[e] vurto, né? Já vi dimais. Eu já viajei mu[i]ta, mu[i]ta noite, eu sufri no mundo, eu fugia do meu pai... Ah! Eu num dô

³⁰² Oração entoada pelo narrador.

³⁰³ Variação, por rotacismo, de *perde*. O mesmo ocorre com *pelna* > *perna* (fragmento 12), *vortava* > *voltava* e *colda* > *corda* (fragmento 14), dentre outras passagens.

conta de de contá is[so], não, né? Eu já vi mai[s] num sei. Num pensá no cas'...Ah, credo! Eu tô suado. Eu tô sintin' calor dimais³⁰⁴.

9 – 8NM80(?)

1. [Meu nome] É por caus' da assinatura do meu avô, né? Por caus' do nom' do meu avô pelidô de (...) porqu' é discunhici[do] no lugá, né? [Nasci no] Mês de junh', dia oit' de junho, né? Não, o an', a era eu num sei. A era num lembr'. É, oiano no documento, mió sabê. Ah, meus document' tá, mĩa certidão de batizado tá lá na Santa Casa. Na Santa Casa não, na, é, ach[o] qu' é na Santa Casa memo. Tem, a, num tem [registro de nascimento] não, tem só a cartera de trabai, e is[so] qu' eu tem, documen[to] de recebimen[to], né? Sô aposenta[do].

2. [Trabalhei] Na roça. No municíp[io] de Catalão, é. Lá, lá ond' eu nasci, lá hoje chama Curuja, é? Lá no chão qu' é do (...) inda é del[e] até hoje. Ah...fica intrimei, né? É aqui, né? É, ness[a] região aqui, ó. Por cá daquel' morro. Fica intrimei Catalão e Sant' Antõi do Rio Verde, né? Intrimei. Pires Belo e Sant' Antõi.

3. Num tem nenhum [irmão]. Tinha ãa irmãzinha alejada, essa já faleceu tamém. Minha mãe já faleceu, agora têm só eu, er' só eu mais essa minina alejada, né? A minina. Era só nós dois de irmão. Pai eu nem cunhici. Minha mãe eu fiquei cū' ela até poco tempo. Ela morreu no asilo, né? Lembro. Lembro dela dimais. Ela já morô cum nós mui tempo, né? Vivi cum ela mui tempo. Depois o (...) resolveu levá ela po asilo, né? Que ela vivia sofreno, e eu num pude zelá dela direito né? Eu tamém sô pobre, né? Nem aposentado num era ainda nesse tempo.

4. [Vivia] Cá na roç[a], trabaanu, na diz³⁰⁵, trabaanu de iscrauv', num foi? Mes[m]o, cê lembra né? A gente trabaiava era de iscrauvo³⁰⁶, né? Num ganhava calçado, num ganhava ropa que prestava. E vistia aque[la]s ropinha à toa. Vistia aque[la]s ropinha à toa e...Não,

³⁰⁴ O estado de cansaço e suor do narrador não se relaciona com o assunto de que não quer falar. Antes, por motivos de saúde, apresentava excessiva transpiração, o que o fadigava e não o animava a continuar a narrar suas histórias.

³⁰⁵ Variação de *como se diz* > *cuna diz* > *na diz*.

³⁰⁶ Variação, por ditongação, de *escravo*. Adiante, o mesmo processo ocorre com *centavo*.

nunca recebi um centauvo. Não. Nunca recibi nenhum centauvo. Ganhava nada nada. Ganhava algũa ropinha muito à toa. Ah, cumê eu cumia é, mim dava um cumida né? É, ma[s] é só is[so], é mim dava cumida e ãa ropinha que antigamente, lembra aquel[e] ranca toco que tinha? Uns panin listrado, fraco, ralo. E aí cê vê o que eu ganhava, né? Tratava el[e] é ranca toco (*risos*). É que ele era grosso, duro, um pan' fei. É, era que era pano de roça, né? Pan' de zurro pan' de roça. Era de 'gudão, é. Er' compra[do] na roç[a], ma[s] aque[le]s panim de 'gudão, aque[le]s panim barato, né? Não. Trazia da cidade memo, e[le]s num usava...Hoje, graç[as] [a] Deus tô discansado, o que eu já passei!

5. Ganhava mixaria, trabaiava er' com' cê sabe, os iscauvo, trabaiava feit' cachorro dos oto, né? Cumia er' o que dava, num pude aisoiê³⁰⁷ nada. Num cumia à vontade. Ah, já tava cum deiz an'. Trabaiava desse jeito. [Tra]baiav' de iscauvo.

6. Eu nasci foi na Curuja, aí eu fui acabá de criá na fazenda do (...), né? Aí, o meu padrim, min[ha] mãe m'ofereceu po meu padrim, o padrim falô “[As]sim ah! Pode trazê el[e], nós vai zelá dele”.

7. Ah, brincava, sempr' nós, sempr' vinh', ia alguns minino lá nas fazenda. Às veiz vin[ha] dia de dumingo, sábad', dumingo, às vez juntava gente lá nas fazenda. Aí ia pra lá, ia brincá, né? Ah! É, c'aque[le] temp' brincá daquel[e] negóç[i]o punh' (*risos*) no burac' e (...) “Vai caçá”. Se é, des[se] certo de achá, falav' [as]sim cum' é que é que falav' [as]sim: “quemô”. Quemô a varinha, né? (*risos*) Ah! Brincava, tamém é, brincava de de roda, pica-pica-machadim, pica-pica-machadim (*risos*) pica-pica-machadim, ranjava mui[to] brinquedo, o antigo, sabia, se quisesse, insinava. (...) Não, sozim num tinha [brincadeira] não. Na[o] tamém er', er' só aque[la]s hora, né? Er' só aque[la]s hora que sobrava pra nós brincá, quand' nos[so] vizim às veiz juntava lá, e dipois ia tud'imhora, né? Ficav' suzim. Aí, meu sirviço era cascá mii, dibuíá, pô e[le]s o carrim de ferro, levá no mui³⁰⁸ lá imbaxo, na bêra do corgo

³⁰⁷ Variação de *escolher*.

³⁰⁸ Variação de *moinho*.

pũi³⁰⁹, um muê lá depois de tarde ia buscá pá (...) dá os capado. Meu sirviço era esse. Quas[e] nem trabaiav' em roça de inxada, num tinha tempo. Meu sirvicim mes[mo] er' cascá mii, dibuiá e (...) Já tava na ida[de] de doze an' já.

8. Eu fui crescen' aí injuei de t'baia lá e fui lá po (...), né? P[ri]mero calçado que eu usei nos meus pé eu pidi o (...) pa comprá pra mim. T'baiei pra ele uma semana pra comprá um pá de butina. É. Um pá de butina er' seis real. T'baiei seis dia (*risos*). P[ara]a pagá o pá de butina (*risos*). Num er' fáci não. Eu tiv' que tirá a medida do pé pá i[r] compá o pá de butina, que e[le]s num sabia o núm[er]o, né? Foi pricis' tirá a medida do pé pa podê compá o pá de butina. Aí depois dis[so] nun[ca] nunca mais andei disca[l]ço. Achei bão demais, né? Ficá calçado. Eu tava cum quinze ano já. É [antes era], discalço.

9. Meu padrim (...) nun' nunca mim deu nenhum pá de chinelo e falá “Ah! Meu fii, lev', carça esse pá de chinelo, vê se serve pr'ocê.” Nenhum pá de chinelo, daque[le]s de que tinha antigamente, tampado na frente, sabe? De sola. Nunca mim deu nenhum pá de chinelo, falá, ah! As precata³¹⁰, é. Nun' nunca mim deu ao meno. Ah! Eu ia andá calçado achava bão, er' parec[e] que, achei tão bão andá calçado, né? (*risos*) Anda, anda liso, sem, sem medo de ispinhá o pé, e machucá, né? É. O andado é mais deferente, né?

10. Fiquei t'baiano mun' cedo. Fiquei lá na ... idade duns quinze ano, aí sei qu'eu, t'baia pa um, t'baia pa oto, t'abaiava pa um recebav', ricibia nada. Ah! Purque e[le]s er' rúim pa pagá, né? Dava, sabe, primer' o povo num dava valor em quem t'baia, né? Hoje em dia que tá mió, mais primero é...t'baiav' uma semana p'uma pessoa aí, ia cobrá, e[le]s: “Ah! Num tem dinheiro não.” Desse jeito. Ia ficano, né?

11. Nada, não, cumê dava, né? Puque, t'baia tem que cumê, né? Ninguém ia t'baia sem cumê. Cumia, mais, é ricibo era nada, né? Um dia t'baiei po tal (...), ah, tava rapaiz, tinha uns dizoito ano já. T'baiei p'ele lá um, mais o meno uns mêis, aí fui revê o dinheiro, falei, ah, vê

³⁰⁹ Variação de *punha*.

³¹⁰ Variação de *alpercatas*.

se tinh' o meu, vê se ruma o dinheiro. “É...num tô teno dinheiro não.” Passava um mês, eu ia lá pecurá o dinheiro traveiz³¹¹: “Ah! Num tem não.” Aí eu fui lá no (...), já ouviu falá no (...)? Aí eu, aí eu fui obrigado minti pra ele, falei, “Ah, o (...)falô pa mim pagá aqui setenta real. Eu faz um mês de sirviço po[r] setenta real.” Aí el[e] tirô um, ãa ficha pra mim, e foi lá na bera do Virism' pegá um uns trem que ele de deu orde d'eu pegá lá, um chapéu qu'eu quiria, um pá de butina, foi lá nonde tinha uma venda lá na bera do Virism', lá que eu peguei esse trem no no nome do do de onde que eu, com o direito c'o (...) mim deu, né? Pegá lá no nome dele. Ah! O hôme ficô brabo. Ficô brabo dimais! (*risos*) Vai sê, ah! (*gestos*). Porque num quiria pagá, né? É porque num quiria pagá, uai. É, eu falei p[ara]o (...) era patrão dele, né? Ele era vaquero dele. Foi. Foi o único jeito qu'eu tive de recebê.

12. Não, nunca tive medo. Não, nunca tive medo de nada. Num tem medo de quem morre, tem medo do vivo, morto num tem medo não. Não, tem medo de quem morre não. Tem gent' que morre de medo de quem morre (*risos*). Ah! Quem morre que[r] é salvação. Qué discansá, vai...[n]inguém qué, [n]inguém qué, vai amolá os oto, dipois que mor[re] vai amolá os ot', os que tá vivo. Morreu, vai, Deus que, se Deus qué vai po bão lugá, e Deus num qué tamém ah!, se tivé de i[r] po inferno vai, né? Cada um tem seu lugá, né?

13. Ah, tinha. Já tinha uns dizes[sete]. Casei cum vinte e cinco ano. El[a] chamava (...). Inda é viva até hoje. Ela mora naquel[a], a casa, que tinha ali baxo, onde ela mora é minha, né? Eu tive nove fii cum ela. Mais véi chama (...) a ota... Ela é viúva tamém, ficô viúva já. A ota, é a mais véia, é a mais nova que ela, morreu suicidada. É. Tava cum dizesseis ano quan' ela morreu. Veneno...Uma moça muito boa, querida dimais né? El[a] tinh'um, teve um disgosto, num sei que disgosto que que ela teve. Quato fii hôme vivo. E tre... tre... três muié viva. Tive oi oito fii, uma perdeu, perdemo inquanto tava, tava novinha. Tudo casado. Iche, já tem neto, já já tem, já tem bisneto já. Já tem bisneto já. Casô novo dimais.

³¹¹ Juntura vocabular de *outra vez*.

14. Continuei na roça. Nunca morei em cidade. Trabalhano p'os oto. E criei os fii tudo, tirado dos braço, nun... nunca peguei um ovo de seu ninguém. Pas... passava aperto, tirava da boca pa pagá o que divia. Mais os fii [ta]mém nunca passô fome tamém não. Cumia feijão cum farinha. Ot' hora arroiz só com abob', mais nunca passô fome. Num, nunca tirei um ovo de seu ninguém, p[ara]os meu fii cumê. Igual hoje se vê o o qué trat[á] fal[a] mũit' é de robá, né? Eu não. Eu nunca tive corage de falá: “Não, um uma galinha botô ali, eu vô lá tirá um ovo pa fazê comê.” Nunca tive essa corage.

15. Depois que eu cas', eu casei lá na na fazenda, lá na Pirapitinga... Lá qu'eu casei, lá, eu fiquei lá, um, mais o meno uns dois ano. Depois eu mudei pra cá. Aí fiquei uns tempo lá, 'pois eu mudei pra cá. Aqui em Pires Belo, aí aqui eu fiquei, né? Ah, já tem uns, já tem uns quinze an' já. (...)Tav', não, quan' vei pra cá os fii tava tudo piqueno, depois um, depois mudei pra cá que e[le]s a...foi, cada um arranjô companhera de[le]s, né?

16. T'baiava aqui mes[mo], é, t'baiava aqui mes[mo], tocava roça c'um, tocava roça c'oto, né? Gen[te] foi enve[lhecendo], foi ino infraquici, num güentei tocá roça mais, laiguei. Três ano laiguei de tocá roça. [Os filhos] 'judava. Quan', quan' eu eu tava [as]sim, tocano roça, tudo 'judava, né? É, em ter[ra], em terra dos oto. Tudo roça na meia. Tudo er' na meia. Aí, é, aí, comparação, se dé dois carro de mii cê tem um, ãa, tem que tirá po dono do chão, né? An...ele fica com a metade, uai. Uá, ah...Diz que é o direi[to] de[le]s é esse, né? E[le]s dá o chão arado, e dá na meia, né? É, e[le]s dá o chão arado, né? E dá na meia. A semente às veiz e[le]s dá, né? À veiz tem veiz que pricis' da gente entrá cum cado de semente, quan' e[le]s num têm, a gente entrá com a semente da gente tamém. Aí disconta quando vai coiê disconta, né? Aquela semente que a gente pôis por conta da gente, né? Mais tudo, já partiu, seja quan' dé dois saco de arroiz, um é de de[le]s. Se dé dois saco de feijão, um é de[le]s. Ah...aí, vai tê, coieiu tem que parti, pode sê o tanto que fô, tem que parti. É. Desse jeito. Tem que parti.

17. Tem, tem três an' que eu não, agor', às veiz eu, a posenduria³¹² que eu pego o dinheiro com[pro], vô lá na nos armazém e compro os trem e trago pra casa, né? É só eu, pois é. É, plantava arroiz, plantava feijão, plantava mii, né? A mandioca até esse ano inda dei pa (...) fazê farinha na meia. Ranquei, ranquei ela, deu, dei pra ela, dismanchô. Inda tem farinha aí até hoje.

18. Não, eu mexo, com meu quintal aqui, lugá aqui num é meu não, eu moro aqui em casa alugada. Tem [casa] ma[s], ali baxo, mais eu, achei mió ficá mais separado, né? É, cuido do quintal aqui, pago o aluguel da casa, né? Ficô mió porque minha dispesa é piquena, né? Dispesa piquena, o dinheiro que eu recebo dá pra mim passá o mês, né? Até eu recebê, traveiz³¹³, né?

19. Ah! Meu pai, nem nem num sei se quan' ele mor... morreu, nem num conhici, num cheguei a conhecê ele não. Minha mãe, morreu tava grávida d'eu. Quando ele morreu, minha mãe tava grávida d'eu. Num sei se ele morreu antes d'eu nascê, se foi depois. Fui. Não, eu fui o primero, depois que a minin', nas... nasceu a minina alejada. A mini[na] alejada viveu cum ela muitos ano, até...até el[a] ir lá po asilo, né? Lá, minha mãe morreu primero, depois a minina morreu. A minina foi pos asilo tamém.

20. Ah! Acho ruim, mais a gente, depois da gente num güentá trabaiá mais, tem que largá, né? (*risos*). Andá eu ando, vô lá imbaxo, busco o leite, que eu ganho o leite, né? Sigunda a sexta eu pego o leite lá, agor' sábad' e domingo num tem leite não. Eu pego sábad', sigunda a sexta, eu pego o leite lá imbaxo, né? Não, é ali na, no centro comunitário. No no, no cent', na casa de saúde. É o governo que dá. Eu mesmo faço, faço, ah e[le]s faiz cumida pra mim aí. O leite eu chego e fervo ele, né?

21. Fazia de tudo, fazia de tudo. Ah, carriava, tirava leite, mansav' cavalo, eu já fiz de tudo nessa minha vida. 'Pois quan' eu fui, aposentá, eu fui lá no, na casa de CPF, lá que eu

³¹² Variação de *aposentadoria*.

³¹³ Mesmo processo de juntura vocabular no fragmento 11.

[ar]rumei né? Não, num foi difíci não. Sessenta e cinco [anos]. É, eu fazia de tudo, carreava, mansava cavalo, tirava leite, fui vaquero muito tempo.

22. Pessoa veiz vinha de fora, quis t'baia lá ele dava sirviço, mais ficava cum ferrão enriba, né? Se ficasse pra tráis um cadim, mandava assim: “Eh! Vamo vê.” Uai. “Cumpanha us oto.” Às veiz a pessoa às veiz ma, mais fraco, né? Tinha que cumpanhá os mais forte, né? Uma veiz tinha um mêis que o sujeito quiria recebê, ele pagava, e mandava o jagunço lá na frente tomá o dinheiro dele traveiz. Tin..., tinha que intregá o dinheiro de volta e, se brincá inda matava ele e interrava lá no cerrado. É, uai. E e ele ele era mau. Er' vingativo. Er' mau. Não. T'baiei [para ele] não. Muí lá as cana pa ele, e ele ranjô uns companhero lá pá cortá as canas, nós foi. Fui eu, aquele jagunço um servo, fui eu o jagunço, um oto que er' criado dela, e foi pa lá, nós foi cortá cana.

23. E eu fui po... posá lá na casa do ingem. Aí um tal (...) falô assim: “Ah! (...), cê num num dá conta de posá aí não, aí é assombrado”. Falei. “Ah! Num tem medo de assombração, num tem medo de quem morre ...Ah! E eu, eu fui posá um dia aí eu ripindi. Fiquei, num pude durmi. Diz que um, tinha um tal de (...), diz que era pião do véi (...), sigurava e mandava o (...) batê, de noite. Na primera noite, deitei lá, rumei ãa caminha lá inriba d'umas taba lá e...tav' deitado. É, primera noite meu braço, [a]qui[lo]... sigurô meu braço, [a]pertô cum cum força memo, tav' cum isquero, eu trazia, carregav' o isquero punha dibaxo do travissero, e a lamparina na berada da cama, falei: “Laiga meu braço.”, tá apertano, 'pertano, peguei o isquero dibaxo do trabissero, puis a mão aqui, risquei ele, cindi a lamparina e aquel[e] trem largô meu braço. Uai, era sombração, a arma³¹⁴ do povo que num ganhô salvação. Quem num ganha salvação 'parece pos oto. É quem num ganha salvação. Quem num ganha salvação num ganha nesse mun[do] não. Aí eu fiquei lá só mais, posei só duas noite. Aí, num num durmi, o resto da noite fiquei c'a luz acesa, o resto da noite, po trem num vortá mais. Aí, o dia

³¹⁴ Variação de *alma*.

amanheceu, eu levantei cedo, 'paguei a lamparina, aí eu t'baiei o resto do dia fui de tarde, peguei mi... minha muchila, minha capanga e fui 'bora (*risos*), num vortei lá mais.

24. Eh! Num tinha medo não. Se tives[se] medo er'... (*risos*) nem vortava lá. Lá é, lá parece que e[le]s chama lá é Fazenda Fartura, né? É, é. O ingem er' no fundo, casa d'e[le]s pra cima, ficav' o ingem er' pra baxo, [as]sim ó. Iche! Casa do ingem er' um mundo véi. Tinha o véi (...) que er' pai do, avô do meu genro, que é, que é casado ca (...), esse é, faleceu. Sinhô novo. A véia (...) er' muito rúim tamém, o o (...) até num era muito rúim, ele er' vingativo, mais a véia (...) que era rúim.

25. Cunhici [a velha] dimais. Uma veiz t'baiava lá. A véia (...) era ãa macaca seca. Ruim que nem cobra. E eu lemb[ro], nhô (...) mandava i[r] lá buscá açúca pa ela, mandava era açúca de fôrma, mandava ãa dela, tinha ãa irmã, chamava (...), mandava tirá aquel[e] açúca sujo po riba, assim, cheia de areia, punha no saco mod'eu levá po (...), chegav' lá a muié do (...) punha num tacho, limpá de novo, cuava a açúca pa podê tirá a areia, né? (...) Ah, toicim. El[e] mandav' tirá aquel[e] toicim mais rúim, e jogava no terrero p'eu podê pegá. “Joga no terrero.” É. “Num dá na mão dele não, joga no terrero.” Fazeno os oto de cachorro, uai. Não [era para mim]. Era pa nhô (...) o hôme que eu t'baiava cum ele, né? Er', peão do véi (...). Er' pião dele. Ah! Eu pegava, que...era impregado, né? Cada um mais rúim. (...) num era rúim não, el[e] [o peão do velho] er' muito bão, mais el[e] er' el[e] er' pobre, coitado, el[e] vivia é... coma³¹⁵ diz: às gata, né? T'baiano, ganhano mixaria, er' sirvicim rúim, abus' abusano igual abusá de cachorro, né? Abusado. Mand'a gent' pegá toicim, jogá no terrero pa gente pegá! Ah, não. Coita[do] do (...) sofreu lá muitos ano, nessa fazenda. Ricibia mixaria, inda era abusado, ainda.

10 – 9NF53

³¹⁵ Outra variação de *como se diz* > *cuma diz*.

1. Eu nasci em cinqüenta. (...) Nasci na fazenda. Fazenda Peroba. Fica região de Catalão.[Vivi na fazenda] 'té quarenta e três anos. (...) na vi[da] de criança até idade de de dez ano eu fiquei jun[to] c'os meus pais. Nóis era onze irmão completo. Brincava, brigava, trabalhava.Ah, era brincá de pegadô, brincá de escolinha, rastá ramo na puera, né, levantá mui puera (*risos*). Era só. Brincava ... Não, a minha mãe quair num dexava nós brincá no corgo não, tomá bãe não. Mais é pescada também, lá a[l]gum dia. Mais é lugá perigoso de muita cobra. Qualqué tipi. (...) Quand'eu quand'é no meu tempo de infança num tinha minina mulhé lá pra brincá, eu brincav' c'o meus irmão hôme.

2. Nóis 'judava meu pai na roça, nós 'judav' minha mãe. À[s] veiz socava arroiz no pilão, é...'judava mexê cum mandioca, e na roça também capinava, 'judav' colhê arroiz, milho, mes[mo] feijão, 'té mantimento.

3. Saí [de casa aos dez anos] pa trabalhá num é...foi na fazenda mes[mo] on[de] nó³¹⁶ morava, on[de] meus pais morava aí nós fi...a gen' ficô lá trabalhan' pa 'judá meu pai qu'el[e] era mui duente. Ah! Gen' trabalhava de ajudá 'rumá casa, mexê cum horta, planta no quintal molhava né, olhava os minin' do dono da fazenda. Até dizoito ano. Aí eu casei, né? Não [mudou], ficô na fazenda, só po[r] causa que é pião de lá, né? Não, ele continuô [trabalhando para o patrão], 'gora ieu não.

4. Ah, num ficô [fácil] não. Mais fácil só quando a gen' tava lá na fazenda, né? Não, que mai[s] difici' que o (...) tinh'o salár' dele³¹⁷, el[e] era muito siguro, né, eu suffri dimai' pa criá três fii. Ah, e[u] sufr[i] assim falta das coisa, né, qu'el[e] num gostava de comprá, depois quando os minino era piqueno, aí depoi' que e[le]s cresceu fui trabalhá, aí eu comprava o que pricisava, o mai[s] necessário aí eu comprava. (...) Aí e[le]s passô pa 'judá, né?

5. Ah! A passage [difícil] assim quand'el[e] e[le]s era piqueninim, e[le]s aduicia o pai num gostava de gastá, num queria que levasse no médico, ficava tratan' com remédi' de casa num

³¹⁶ Variação de *nós*.

³¹⁷ Refere-se ao marido.

adiantava, eu levava e[le]s no médico. Aí quand'era de pagá os remédi', pagá o médico ele ficava bravo demais. Aí tinha vez que era eu mes[ma] que lavava ropa p'os oto, tirava o dinher' e pagava os remédi' que pricisá, ropa era ieu que comprava pra ele e os minin', eu ficava sem. Aduicia muito. Tinha ve...o sigundo minin' el[e] foi mui duentim muito mes[mo], ele ele nasceu, ans³¹⁸ dos do[is] mêi[s] de idade e[u] achava que perdia ele. El[e] ficô muito magrim,. El[e] teve anemia geral, el[e] só ficô a carne mesmo assim, o pai del[e] num, el[e] num importava, sabe, el[e] só quiria trabalhá. E guardá o que fazia. [Tomou] remédi' do médico. Foi, foi o médico mes[mo], feiz a radiografia, tirô, olhô tudo o que el[e] tinha aí num tinha nada, aí feiz os inxame lá deu anemia geral. El[e] mamô meu leite anêmico e passô pra ele minha anemia. Ma[s] Deus 'judô logo tamém o dotor acertô com el[e] logo logo ele foi ingordano e foi alimentan' direito. Aí, Graças a Deus, hoje el[e] é mais sadii que os oto, o fii (*risos*).

6. É...Ah, era o [remédio] que a minha mãe panhava lá e ...e mandava, né, pode falá o nome dos remédi'? Pó de...er' fedegoso, fôia de laranja, erva-cidreira, é...'quela erva-terrest'.Uai, e[le]s fala que é pa gripe mes[mo], né? Até hoje o povo procura muito, el[e] é bão pa abri o apitite.Essa [erva terrestre] pa cortá febre, né, ajudava cortá mai[s] num cortava nada, eu já dava junt' com o comprimido. Eu nunca puis [junto], eu dava o chá passado um espaço q'eu dava o melhoral, né, anador, navalgina. É sabuguerão. É pra pa gripe mes[mo]. Tem aquele, um remé' do campo, come que chama, gente? [A]qu'el[e] que tem aque[le] folha grande. Ah! Aquel[e] balso³¹⁹ que dá ãa folha gorda. Não, el[e] é da horta. O do campo é aquele assapexe grande. [A]que[le] branco.É pa não dexá dá pneumonia.[Aprendi] Foi com a mãe, as vizinha, a pessoa mais velha do que a gente, né?

7. Graças a Deus não [adoeceu mais], foi trabalhano, aí e[le] colocav as cois' direito den[tro] de casa, aliái[s] tinha, né, o pai num era tra...priguiçoso não, el[e] er'um hôme mui'

³¹⁸ Variação de *antes*.

³¹⁹ Variação de *bálsamo*.

trabalhadô ma[s] o pobrema del[e] é sigurança, el[e] é muito siguro. Siguro, num gostava de gastá. Ele quiria era era comprá gado, era terra. Comprô, comprô, e[le] sigurava até del[e] mes[mo], el[e] num importava cum el[e] também não.

8. [Os filhos] Istudô um poquim só. É puque o pai num quis dexá, tirô pa trabalhá. Ah não, estudei, a iscola na roça lá mes[mo]. Eu fiz só quarta na ép[oc]a, não, eu fiz a terceira passei pa quarta aí parô, a iscola acabô, né, professora foi [em]bora. Aí meu pai pagô iscola particulá mai[s] foi muito poquim tempo, o professor er' vagabundo dimais, ele recebeu o dinheiro adiantado, foi na cidade, num voltô mais, aí ficô.

9. Ah! A duença do meu pai era a chaga, né, atacô o intestino aí ele foi assim, dan' crise de intestino preso, dava muita cólica, minha mãe ficava sem sabê o quê que fazia, a veiz el[e] ia prendia o intestino minha mãe dava é [as]sim laxante, sabe, aí el[e] ele e[le] ismulicia o intestino aí el[e] melhorava, né, el[e] 'vacuava el[e] melhorava aí ia ia de novo, el[e] ia prenden' o intestino, prenden', ficava até mai[s] de vinte dia com o intestino preso, e[le] dava cólica de novo. Teve uns tempo tomô remédi' do médico aí disinvolveu o intestino. Ma[s] depo[is], tadim, el[e] tinha muito fii pa tratá, aí o pai num podia i no médico. Trabalhava er braçal, pegava ess[e] dinher', é [as]sim de, só quando culhia, né, que tinha mantimento, um poquim de mantimento pa vendê, aí vendia [a]qu'el[e] tirava o dinheiro. Eh! E[le] sofreu muito, mes[mo] pa marrê ele predeu o intestin' minha mãe deu laxante pra ele, aí soltô tudo, sabe, aí soltô pegô desidratô num agüentô, morreu. É. Aí nó[s] foi atrai' dum fazender' lá que tinha carro, el[e] num quir³²⁰ levá meu pai na hora, quando e[le] resolveu levá já num adiantô mais. (...) E é um oto, que os primero fazender' já tinha murrido, né, esse é otos novo que tava lá.

10. Anh han... (*choro*) Eu lembro daqu'e[la]s festa lá da minha mãe, né? Ess[e]... Han hran. A festa lá é aigũa, [as]sim mutirão que meu pai fazia, né, tinha mui pião, muita alegria mesm',

³²⁰ Variação de *quis*, graças à troca de /s/ por /r/.

com a saúde da pessoa a gen' tem alegria. É com o nascimento dos filho é aligria, dos irmão da gente que é mair novo que nasceu também, dia do nascimento é alegria, minh'irmã que trabalhava fora [às] ve[zes] e[la] vinha passia é aligria também muita...Aí e[la] levava mui tempo pra vim, aí ela vinha era grande aligria, meu pai fazia festa. Saiu sim [para trabalhar], nós que é mais velho que saiu, ficô os mair novo, mes[mo] os mair novo também saiu, a (...), o cumpade (...) veio, a (...) minh' irmã num saiu não, aí eu tamém ...essa ficô, pa 'judá minha mãe.

11. Ah, não...Prantava é com a plantadera, prantava de inxada, [a]que[la] plantaderinha manual, sabe? E[le]s fala, come que que gente fala, é matraca.Essa matraca ma[s] e[la] num adubava³²¹ não, né? Era matraca mes[mo], não, depois' vêi' otas matraca de adubo, vinh'a tachinha de pô o mantimento, a lata e e a latinha de pô o adubo. Adubava com a mão. Quando e aí é roça de toco, né? Num gastava adubo, era mato virge que roçava e fazia roça, num podia jogá adubo, né? Capai[z] que naque[le] tempo num existia adubo.De adubo não, eu lemb[ro] quando ma[s] existia adubo que o sinhô arava é campo, né, el[e] plantava punha adubo, pa dizê que já ixistia, mais pra roça de toco não. É só [a]que[la] terra preta, terra de primera, que semp[r]e terra de mato virge el[a] é terra boa, né?[Cultura] É terra do mato virge. Aí e[la] dá terra de primera.

12. Minha mãe fia...Fiá eu aprindi, agora tecê não. Não. Só fuxico (*risos*). Não, ela ti...ela fiava pra casa mes[mo], ela mes[mo] fiava, ela tecia, né, fazia os pano e custurava prá nós. Ropa de algodão, fazia [a]que[le]s pano branquim, fazia vistido, calça po meu pai, camisa, ropa de cama, mes[mo] pano pa inrolá nenê. Ficava [trabalhando], tinha semp[r]e trabalhan'...Tinha. Era meu pai e muito filho. [A roupa de nenê] Era [do mesmo material], só porque fiava linha mais fina, né? E[la] fazia manta [as]sim, que de primero e[le]s usava flanela, né? Ela fazia manta pa inrolá por fora da flanela. Era lençolzim, ropa pra nós grande.

³²¹ Refere-se à *plantadeira perna de grilo*.

13. Lembro [que] Aí meu pai comprava, né? É. Calçado...Não, e[le]s fala ropa fina, né? É. Meus pais falava, chamava ropa fina. Não, e[le] usava assim, depois nós saiu de casa, né, aí parô de usá ropa de a[l]gudão. Eu mes[mo] quando eu fui pa trabalhá fora eu levei calcinha, 'té calcinha fazia de algodão. Algodão cru, né? Ropa de cama. Minha mãe fazia cuchunil pa forrá arrei. Só, fazia cuchunil, ela fazia manta, né, pra, e[le]s fala baxero, até hoje tem, né, minha mãe fazia. Ela fazia cuberta, lençol. É a manta...Não, [coberta não é baixeiro] num era não, do cavalo el[a] ticia el[e] istreitim, né? Já cortava aquele jeito de pô no, do tamãe do arrei, pa forrá dibaxo do arrei. A ota cuberta pa tampá de frii, é agasalho de frii. Tinha [as]sim de vário jei[to] de tecê, sua mãe tem, né, [as]sim, igual ãa, de f[l]or, é repasse qu'e[le]s fala. É igual ess[e] tapete aqui, desenhada a cuberta. Tinha [tear]. Na minha mãe tinha, tial, né?Não, tem [mais] não. Ela tinha a roda, a carda, o ti...o tial. Essa mulhé aqui tem, cê já viu na casa dela? Diz que tem.

14. Era diferente, era diferente que nór morava na casa de roça de cha...era casa de chão, né? E lá³²² tinha que lavá, incerá. Era tomá conta de galinha, as veizi molhá planta, né, é...olhá minino, esse a gente olhava os irmão da gente, aí pajiava o minin' dela. Ela viajava, a gen' viajava com ela. É, recibia ropa, ricibia o que pricisava, né, é coisa prá iscola, obje[to] de iscola.[Patroa] Ajudô [no casamento]. 'Judô. Assim, quando eu casei ela já fazia, quando a gente era criança trabalhava [as]sim ganhan' as coisa, né, o que pricisava, depois que a gen' ficô moça aí ela feiz salário. Só puque eu num lemb' quanto...Não, era pôco.

15. Que cê fala diferente é o inxoval, o jeit' da gen' tratá as criança, né, é igual hoje. Não, os remédi' nã', não, é a mesma coisa...é do memo jeito. Iss'ái num tem diferença não.cê já já...foi assim pum lugá mais evoluído, né, as pessoas onde a gen' foi, 'cabô de vivê, a infança da gent', que a gent' ficô adulta, né? Eu num lembro assim que jeit' que a minha mãe, é a mesma coisa, a minha mãe dava de mamá, às veiz pricisava dava mamadera, né? É [as]sim,

³²² Referência aos tipos de casa: a da família do agregado era de chão batido, a do dono da fazenda era de lavar e encerrar. Nesta, trabalhavam filhas do agregado.

coisa de, meu pai tinha gado até qu'e[le]s num era [as]sim, passa...num passava as coisa difici' não.É só puque pe diferente a casa de chão, né, à[s] vei[z] criava [as]sim, ô pregada de capim, depois que passô pa casa de teia. Mai[s] sempe foi casa de chão.

16. Não, eu não tive cuidado de resguardo. Não, ah, eu acho qu'eu num quis tê e num pude tê também não, eu era sozinha, né, cum trêi[s] minino, eu num guardei resguardo não. Nem de cumida...Não. Nem de cumida, eu num tive ess[e] negoci' de recei[o] que a minha mãe teve, que o resguardo das mulhé de primer' er' diferent', é, eu no mes[mo] dia q'eu dei a luiz eu levantei, tomei bãe, num, num fiquei assim no quarto, num tampei meus fii também qu'e[le]s fala que tampava o sete dia, né, e[u] nunca tampei também não.(...) Eu nasci nem foi pa partera, a partera da minha mãe foi meu pai. Foi partero. Foi. Foi na mão do meu pai. Meu pai que foi meu partero. Quando eu nasci, partero da minha mãe.

17. É muito pião qu'eu conzinhei pa pião é po meus filho, mesmo aqui até hoje eu cuzinho, pra vinte, quinz' pião, até trinta. É cê, cê qué sabê o tip' de cumida? É [as]sim gent' [as]sim...Ah! 'Gora gen' num sabe, né? (*risos*) sab', mai[s] fazia, eu fazia [as]sim é verdura, né, salada, repolho, alface, mandioca é batatinha frita, carne, às veiz fazi[a] misturada, né, a gente mistura até hoje. Abobra, à[s] veize[s] a abób[or]a madura, né, mes[mo] verde, essas coisa [as]sim, macarrão, ca...carne de porco, carne de gado.Ai, meu Deus, nós tem a mesma coisa, né, no, os minin' pranta de tudo. Meus minin' é trabalhadô, tem de tudo. Tem...Tem a vida de roça num falta nada, tem fartura mes[mo] pa nós dá pus oto e joga fora inda, né?

18. Tem [saudade] assim, o jei[to] de morá, né, ficá lá na roça [a]qui a gen' tá no mei' do povoado mais é a mesma coisa. Eu vô pra roça eu conzinh' pa pião lá na roça e à[s] vei[z] conzinh' em casa e manda cumida pra roça. Não, e[u] tem saudade que a gent' morava na roça tinha fartura de leite, né, e[le]s fazia queijo, fazia requeijão, tinha leite que chega pu cê fazê doce, hoje num tem mais, se quisé compra o litro, né? Eu fazia muito doce mes[mo] pa

mandá de lanche pus pião. É, hoje num tem mais. [Se voltasse para a roça] Ai meu Deus, eu acho qu'eu tô, eu topa[va] pa fazia a merma coisa.

19. Só 'rependi às veiz aigũa coisa rui, né, mais o de bão...[Desejo] Voltá minha família. (...) Voltá os que morreu.

20. Nunca teve [energia elétrica], não. Teve na fazenda, agora on[de] nór morava não. Ah! Hoj' mes[mo] eu penso, l'em casa tem a a geladera, né, tem o frizo³²³, hoje se fô pra mim vivê sem eu num dô conta. Uai, não, aquil' matava a carne e fritava tudo, né, à[s] veiz secava retalhava, punha iscorrê, mesmo assim inda perdia. Perdia, puque às veiz chove, né, cumeça chovê o sal iscorre e perdia o que punha pa secá, mai[s] mais eu fritava punha nar lata. ...Tinha carne, não, a carne de porco quan' matava, fritava a carne que num era de osso, colocava nũa lata, tampava de gurdura, e a de osso a mesma coisa, né, cê que...quan' cê quiria a carne de osso cê 'quentava ela, cê quiria a ota que não tivess' de osso cê 'quentava. Frango, cê matava e cumia o...assim de uma veiz, o que num cumia cê já dexava pronto, o que sobrava, aí na janta cê 'quentava. Só...a carne de porco e a carne de gado [punha na lata], né? É do memo jeito. A de gado hoje retalha, e[le]s fala que faiz carne de sol, né, fa[la] carne seca. E a ota que era pa guardá cê guardava na gurdura. [Da carne de vaca] Eu punha da custela qu'el[a] num secava, qu'eu eu num gos[to] daque[lê] gostim de seco não, eu picava ela [as]sim, fritava, tampava el[a] de gordura e...É na gordura do porco. Cert³²⁴, é pu ca[u]s[a] do gosto forte, né, que gente aprendeu com a mãe, né, com os oto c'a gen' viveu, fritá a gurdura que geralmente eu matava é ... ãa rês tinha que matá um porco primero, né? Aí o toicim cê guardava ele. Se el[e] ficav' defumado, né? Aí cê guardava [a]que[le]s pedaço, cum sal...Eu mes[mo] num michi cum mun' de fazê pelota não, ah! De vaca (*risos*). Guarda na banha do porco. [O porco]Tinha que sê mais gordo, meu irmão mes[mo], ali na roça el[e]

³²³ Variação de *freezer*.

³²⁴ Variação de *provavelmente*, uma vez que se levanta a hipótese sobre a necessidade de ser de porco a gordura que deverá cobrir a carne de gado frita.

pegô impleito³²⁵ dos minin', né, e el[e] pegô a mulhé de[le] feiz pelota, fritô a carne e pôis no na lata, el[e] levô pra roça, po serviço, chegá lá é só quentá lá e pronto. Apruveitá...A não, do porco apruveita tudo até as tripa, né? Que faiz lingüiça, o que sobra faizi, frita, faiz o sabão preto, né?

21. cê é...faiz sabão da tripa, um cado... É puque el[e] fica toda vida na panela, o sabão de bola, né? Qu'e[le]s tem custume falá o sabão preto. Aí agora rês assim eu nunca michi assim pa guardá muita carne, né, que à[s] veiz ia só um pedaço lá pra casa. Eu num sei fazê sabão de bola. Não, eu dava à meia, né? Esse [sabão de bola], não...Não, ess[e] aí e[u] num aprindi fazê não. Não, minha mãe, gen' saía de ca...minha mãe faiz até hoje, né? É. E[la] tá velhinha mais ela faiz. Agora nóir num aprendeu não.

22. Tinha horta. A gen' michia pra mulhé da fazenda mais tinha junto, né? Assim, o que pricisava pegava lá, tocava junto. Apruveito [mandioca] até hoje.Faiz povilho, farinha. Pra cumê também gen' faiz o mané, né, mané pelado.Leva ovo, tem, põe queijo, leva a gurdura e... é só, o açúca'.Não, é da mandioca mes[mo], da massa. Pega o a massa, cê rala ela e tempera ela, [a]que[la] massa, munta gente ispreme e[la] no pano, agora eu num ispremo não, eu já faço diferente, eu pego a massa mole e põe lá ovo, põe a gordura, o açúca' o queijo, a margarina e assa. cê faiz [do polvilho]... o pão de queijo, o biscoito qu'e[le]s fala [a]quel[e] biscoit' de goma, né, cê faiz a bulacha, hoje tem muito jei[to] de fazê otos cois' diferente, cê faiz o quebradô, o quebradô toda vida minha mãe faiz, né, é só. Come. O café da manhã e o lanche. Faiz o biscoito frito, né? A farinha usa ela de muitos tipi. Faiz, com[e] ela na cumida, né, tem gente que faiz a carne, com'ela com a carne, com'ela no feijão, faizi paçoca, né, farofa. [Paçoca] É salgada [as]sim e se num pô muito sal p[de]' fazê ela cum men[os] sal. (...)

Muita gente faiz de doce, né?Do milho aprindi fazê a pamonha. Fazê o, eu falo mingau, muita gen' fala cural, a gente faizi o a pamonha assada, né? Faiz o bolim frito também pa cumê na

³²⁵ Variação de *empreito*.

cumida. É, não, do milho verde, da massa. A não...cê faiz a, faiz a farinha do milho, né? cê fala aque[la] farinha que quebra o milho, põe ela curti, o milho curti depois faiz a farinha, ess[e] aí eu fi...eu já fiz. ...[Há] A batata doce, né? Faiz o bolo dela, mes[mo] faiz o povillo e te...tem o cará também, cê pranta ele, el[e] dá pra fazê a mistura, né? É [as]sim, come ela com a cumida, né, a verdura, só. [Mistura é] a mandioca, a batata-doce, né? No lugá e[ra] legumes, né, é que a gente fala. Eu num sei se a carne é mistura (*risos*). É, num tem carne, num tem verdura. Às veiz tem só o arroiz e o feijão. Aí a gente fala que num tem mistura. É, o resto é mistura.

23. Ah! E[le]s fala é o tirijijum, né? É tirijijum. Eu imagino assim, eu nunca perguntei otas pessoa, eu num sei, eu pens'assim que a pessoa tá em...jijum intão a pesso' toma o café da manhã, e[le]s fala que é o tirijijum, né? Tem muita gente que usa o tirijijum é a cumida de sal, né?Ago' l'em casa dá o, é hoje nói[s] fala o café da manhã, né? Ma[s] muita gente fala o tirijijum. É a mesma coisa (...) tem muitos pião que num come, né, por isso c'a gen' dexô de fazê, eu mes[mo] acha, eu acho isquisito fazê cumida de manhã pa cumê. Eu faço é biscoito, é o pão de queijo é [a]quel[e], aquele biscoitim de porvilho qu'e[le]s fala, né? É o quebradô, o mané pelado. Aí almoço...depoi' tem o lanche, né?

24. Matula (*risos*). Não, pode sê ãa carne cum farinha, é biscoito, um doce, seja qu'e[le]s fala matula, iss' né? Eu já fiz a matula de carne. Põe né, ãa pelota cum farinha e seive. P'e[le]s, pa e[le]s carregá, é. Ocê também usa matula? (*risos*).

25. Quando eu morava na roça quair num tinha [criação de galinhas]. Tinha muito bicho, né, pegava as galinha. É, bich' do mato...Não, bich' do mato . Er' o lobo...gavião. É, bicho gran', lobo, [a]que[le] lobo guará, era gato do mato.É a jabutirica...Cumia tudo, ago' aqui...Num sei se é guati...jabutirica³²⁶ ô sé jaguatiri. É um bicho, ãa oncinha, né? E[le]s fala que é, eu cunhe[co] só pelo nome, eu nunca vi. Vinha os bicho e cumia, à[s] vei[z] vinha a

³²⁶ *Jabutirica* e *jaguatiri* são variações de *jaguaririca*.

per³²⁷ também. É, gen' num tinha remédi' pra dá, às veiz até que a gente acurria com a vacina já tinha...até trazê a vacina...E[le]s fala que morre a cabeça, né, qu'ela pendura a cabeça. Dá febre. Dá e é...intestino rui. Murria tudo, aí ia murrin' mes[mo], morre até hoje, né? Se não acudi com a vacina, morre. (...) tinha 'quela é tristeza qu'e[le]s fala, né? Não, outra eu num lemb' não. Os porco assim antes num dava duença não, depois pegô a dá ãa per³²⁷, e[le]s fala que vêi' de fora, né, pegô morrê muito porco. Essa eu vô falá pr'ocê, noír num viu setoma³²⁸ do porco duente não, quando via e[le] já tava morto. É, ela vinha [as]sim de rúim muito. Não, num via não...Quando via e[le] tava morto.

26. Ah! Chove do mema quantidade. Parece que a gen' lembra da época que meu pai plantava roça às veiz murria os mantimento, né, e no outro ano já chovia milhó, desse jei[to] tá puque, agora pegô a época rúim de chuva, né, ess[e] esse ano, meus minino já num colheu igual colheu o ano passado, esse ano já foi mais rúim de saf[ra]. E[le]s fala que de primero chuvia muito, eu num lemb' dessa época de chovê muito, só os otas pessoa mais véia, né? Era mesma coisa. Esse ano mes[mo] num tev' frii...É. E[le]s já fala que num feiz frii aqui no (...) num teve frii, muito frii não, agora o povo que mora nas roça lá na bera[da] do corgo diz que feir muito frii.

27. [Quando chovia] panhava [os animais] prá dento e punha na ber' do fogo pa isquentá, né? Aque[le]s...Se num fizess'isso murria tudo. De frii, é... Não, num dava tempo não, mai[s] veiz quando achava, né, levava pa bera do fogo, aí e[le]s isquentava voltava tudo, mais se num achasse murria tudo. E[le]s fala, eu já lembrei que que fala, é intanguido, né? E[le] intangue, é. É, fica molhado, muito frii. Não...Gente também intangue. Intangue.Eu já intanguí, meus minino (*risos*). À[s] vei[zes] toma chuva fora de casa, muito, chega muito frio, né? Fica mui tremen' de frii. É a mania do povo falá intanguido. Tomá um bãe quente, né? Infia diba[ixo] de o chuvero isquentá, tom'um chá quente, um trem quente qualqué ... É, aí

³²⁷ Novamente ocorre a troca do /s/ pelo /r/.

³²⁸ Variação de *sintoma*.

imbrulha. Ih! [Intagui] muitas viez. Ocê num intanguiu não? Não, cê fica baten' quexo. Isturdi³²⁹, o minimim do (...) chegô l'em casa intanguido, tadim, e[le] tomô chuva do grupo até lá, ficô friim tava 'té c'a boca roxa, que tav' fazen' frii. Morre, iche! Gen' vê mun...é...São Paulo mes[mo] morre muito, né? Só já vi na televisão. De raio, né?Não, mata mes[mo].Eu mes[mo] nunca vi não ma[s] já vi vizim meu, aqui mes[mo] daqui (...) morreu um. Morreu um rapaiz, um irmão dum rapaiz que morava com nós morreu, morreu aqui na, eu mes[mo] nunca vi não mais eu cunhici as pessoa que morreu de rai'. Minina! Do ano passado, o ano 'trasado morreu um ali sain' do asfalto, descen' pu (...), cê num ficô saben' não? El[e] tava com o moto-serra virado o sai pra cima aque[le] (...) tava cum ele, [a]quel[e] (...) velho. O rapaiz caiu o rai' no saio do motor e foi na cabeça del[e], ispatifô a cabeça del[e], morreu beran' o asfalto, descen' na fazen' do (...).É, o ano [re]t[r]asado. Mata.

28. Não, não...Não, passá no riberão morreu um home aqui na Custódia, né? Irmão do (...), da (...). Esse diz que morreu, a inchent' tocô el[e], mai[s] que e[le] tava tonto infiô na inchente. Infiô a pé, trave...foi travessá o reberão chei', diba[ixo] da chuva. De cavalo, el[e] infiô o cavalo na inchente e rodo o cavalo e e o hôme. O cavalo saiu e o hôme ficô. Já [choveu] tempestade assim caí as parede, né, agora casa não. Caí a casa toda não, a parede, um pedaço do telhado a minha casa mês[m]o chuva braba arrancô um pôco da teia. E derrobô uma parede, ma[s] a casa toda não.Tava dento. E murri de medo. Tava [sozinha] e Deus com os minin' piqueno. Ah! Ieu curri po côm[odo] mais siguro, né, puis e[le]s dibax' dũa mesa. É, puque se vim um ãa ãa vigota, né, ãa telha mes[a] é mais resitent' sigura. Ah não, mata [se acertar].

29. Não, morei co meus pais, né? A [casa]da minha mãe é de pau-a-pique até hoje cê num viu não?El[a] é toda rebocada por dento. É [as]sim, faiz ela de pau, né, pare[de] de pau depois in...(risos) Só proque por dento el[a] é de pau ainda, né, só porque invarô e barra..., barriô

³²⁹ Variação de *outro dia* (*este outro dia*).

sabe? Aí tampô todinha a pe... a pessoa que chegá lá não vê. É, pensa que é de tijolo. Não, é de pau a pique, depois...cê põe a vara, né? Cê faiz as parede, coloca as varinha [as]sim e vem infian' os pau por dento. Assim, cê 'marra ãa vara dum ladi e outro. Aí cê já dexa e cê vai infian' os pau. Es...se traiz...as vara, né? Não, el[a] tem estei aí cê pega duas vara e amarra no no isteí dum lado e de outro, ãa vara dum lado ot' do ot', intão com o isteí ela fica aberta as varinha, cê vai infian' assim. É. Depoi' joga o barro, aí cê invara com as varinha fina e joga o barro. Invará é ocê pegá os varim invará assim ó, igual invará...É, deitado, e[le]s fala invará. Não, só deitado. Em pé não. Aí cê pega os pau em pé da parede, invara e joga o barro. Aí o barro sigura, e cê olha a parede cê acha que é de tijolo, adrobo. É. Hoj' as cas' o vento derroba. Muitas casa qu'e[lê]s levanta canto de casa aí cum coluna e já com o isteí o vent' não derroba a casa de isteí. El[e] tira as teia, mais derrobá a casa não. Num sei, a casa fica mais feia e ela fica mais cara, que a maderá tá muito cara, né? Aí cê tem que pegá é aruera, aruera tá muit' difiçu'. Só vem do norte, por aqui cê num acha aruera mais.

30. [Morei] beran' o mato... Não, ocê mora, eu morava na bêra do mato mais tinha campo aí os campo já foi dismatado, né, tinha um cerrado mair grosso, otos mais ralo, fino. Aí ess[e] foi dismantado. Hoj' é braquiária. Tinha corgo, um riberão. Reberão das Peroba, né? Lembro[que] tinha lobo, tinha passarim, o gacho. Tem o... Gacho é um, gosta mui[to] de furá laranja, um passarim bunito, é preto cum amarelo (...) el[e] é [as]sim médio. E[le] tem o tamãe assim dum um papagaio, cê cunhece papagai'? Tinha muitos tipi de passarim, de bicho, tinha raposa, lontra, é ...tinh' um tal de guaximi³³⁰ também, bibia muito ovo nor nim. Tinha é... tiú³³¹, qu' é o lagarto, né, qu'e[le]s fala, tatu, esses bicho, viado, paca, cutia, lontra. É, algum cumia galinha os otos cumia passava mes[mo] os fruta do campo.

31. [Nós] Cumia [a carne deles]. Igualzim a carne de porco. [Comia] É o lagarto, né? É o tiú. Ah! É gostoso, é merma cois' de carne de peixe. Não cumia [paca] mais é muito rário, né, iss'

³³⁰ Variação de *guaxinim*.

³³¹ Variação de *teiu*.

é quando às veiz um vizim matava levava agum pedacim. Já...os oto é que mata, né, e dava pra gente.[Teiú] É grandão.

32. Ah! Tem. Tem a gabiropa, é aquel[e] araçá, né, qu'e[le]s fala que é [a]que[la]s goiabinha. O araçá é ãas goiabinha docim que dá no campo. Ela fica [as]sim, né...no...cê olha qu'ela tá madura po...ela não muda de cor, eu acho que num muda não, que gent' olha lá no pé pa vê se tá madura cê tem que palpá ela. E[la] tá madura. A goiaba mes[mo], né, essas goiaba mes[mo] comum. Araçá, gabiropa, é o...com' é que chama? A não, isquici o nom' del[e]. tem um nome qu'eu num posso falá dũa fruitinha que nós chupava muito.É tem um nome isquisito, po' falá? Peidorrera. Num sei, e[u] acho qu' é puque ela dá muito, né? Muitos tocerinha no mei' do campo. Deve que ispinica. Peidorrera é uns que dá ãas tocerinh' [as]sim ó e dá ãas fruitinha garrada na rama. Ela não dá cacho não, ela dá na rama dela, né? Não, el[a] é em pé. Baxinha...É. E[la] dá no galho. É rosa é piquinininha, ma[s] é gostosa! Tem, quero [é] vê lembrá...Na ber' do corgo é o jâmbrio, né? É ãa fruta 'marela, essa dá ãa arve grande e dá as fruta 'marela, gostosa, é grandona, el[a] é média [as]sim. Tem o, ara gent', tem ota fruta, eu isquici o nome dela. Essa dá rasterim e tem ãa que dá aive, lugá de serra ela dá grandona, arve. Não [é gabiropa], é oto. Só pra mim vê o ramo dela pra mim lembrá mem'. Ah nem num lemb' não. Tem [mais] não, só essas mesm'. No nosso mei' aqui quar' num dá esses fruta diferente, né? Ah! Essa marmelada mais el[a] é a marmela' de cachorro. A pessoa num come. Não, tem ãa piquinininha, tem ãa grandona e pi...tem pi...muita gente come, né, 'gora gent não, e[u] nunca cumi não. Tem ãa fruta do mato...Não, essa el[a] é ela dá árvire, né, pe' dá munta fruta miúda, ela fica pretinha quando ela 'madurece. Essa marmel' de cachorro. O, tem o...É o ota fruta do mato que é o maracujá, né? É, tem o maracujá da horta e tem o do mato. El[e] é grandão [as]sim ó (*gestos*). É diferente, el[e] é cabiludo. É. cê pega nel[e] assim cê sente o ispim, o cabelim del[e]. O gosto é diferent' tamém. Mais azedo, assim um 'docicado injuado. Pode...Pode [chupar]. El[e] muda de cor um poquim [quando amadurece].

Muito pôca coisa. Fica [as]sim mei' amarelo. Tem o juazim do campo também é mõi gostos. El[e] [o juazim] sempe dá [as]sim em roça nova, quando roça ele nasce, dá ãa aivinh'[as]sim, né, el[e] num tem um, el[e] é [as]sim pau fraco, aí e[le] dá flô e dá ãas fruitinh' amarela. Chei' de isipim. Pode [comer], gostos[o]. Come el[e], cata el[e] lá e, se consigui panhá pu ca[usa] dos isipim, é, aí a gente come, e[le] dá muita sementinha, el[e] é durim pa mastigá. Tem ota fruta, eu num lembro, num tô poden[do] lembrá o nome. Ah! Tem a tal de gamelinha também, co...G[r]andinha. Aquela serra na port' da minha mãe tem muit'. E[la] dá aive grande e dá ãas pareceno é...quê vê cum que qu'ela parece? Num tem ãa fruta c'a gente...E[la] parece guaiaba, só puque é piquinininha, piquinim mes[mo]. El[a] é verde e piquinininha. Na casa da minha vó dava muito, el[e] parece...'Madurece...Fica do memo jeito. Tem a guapeva também. (...) tem a mangaba também. A mangaba é diferent' da guapeva só puque todas duar dá leite, né, tem a mama cadela qu'eu tô pelejan' pra lembrá o nome. Essa ocê com'a fruta dela, el[a] dá muito leite e cê ranca a raiz também e faiz o chá. Da mama cadela. É el[a] é deporativ' de sangue. Dá [leite]. [É] Mei' amarela. Quando e[la] 'madurece é que é 'marelinha. A mangaba chera muito, né, el[a] é verdinha, ela 'madurece fica [as]sim com a cor. Quais[e] do mesma cor. Só qu'ela fica mole. Ela muda um poquim da cor ess[e] que qué ficá [as]sim um verde mei' amarelo. A guapeva é amarelinha tamém, cabiluda, né? (...) A mangaba dá bêra de mato, né?³³² Agora a mangaba dá lugá de serra. É, dá [as]sim na bera do cerrado on[de] tem pedra. É a guapeva [na beira de mato]. A mangaba dá no cerrado, né? De pedra...Mamacadela também é no lugá, é bêra de mato num...Pela folha a manga...a guapeva ela dá arve grandona, maderá dela é [as]sim meia lisa e da folha grande, cumprida, né? A mangaba ela dá no lugá de serra e p[ar]ece que pauzim de[la] tamém é lisim ma[s] a folha já é diferente. É mais curta. Igual folha do a da guaiaba, né, piquininim, e qual é a otra fruita, fruta.? Mamacadela, el[a] já dá um, um tip'assim de cipó mais e[la] dá, ela dá

³³² Mais adiante, a senhora se corrige e diz que a mangaba é fruta de beira de cerrado e a guapeva é de beira de mato.

grandona, diz os meus minino qu'ela dá grande, né, árv' grande que dá porte pra arame. Fazê ceica de arame. E tem dũa piquinininha, de duas, tem ãa que dá piquinim mes[mo], e[la] dá um tip' assim um cipozim de fruta. É, não, a mamacadela...é piquena. Agora a mangaba com a guapeva eu num sei o qual de[la]s que dá maió. A guapeva, né? A mangaba é mais gostosa, né? Num sei [porque], ela é... é ãa fruiti[nha] gostosa. É a mangaba. A marmelada num us[a] ela quar³³³ nem pa cumê, né, el[a] é só do bicho [a]qui do mato. E a tem a guaiaba, né, c'a gen' faiz o suco. Um suco mõi gostoso. Da mangaba, da maderá da mangaba faiz o deportiv' de sangue. É. E da mama cadela. Não, [planta] raster' eu num cunheço nenhuma. Tem o palmito, né? Bera do brejo...Palmito, el[e] é igual o coquero mes[mo], essa ela parece, essa...cum' é chama aque[le]s coquerão qu'e[le]s planta no ... ? Parece queroba³³⁴. Só puqu'el[e]...É Só puqu'el[e] dá um pau lisim, ele vai de soltan folha e vai cain', né, as folha e vai subin' aquel[e] varão pra cima, aí cê corta el[e] apruveita, é o palmito. É, el[e] vai cain' as folha e vai 'bora pra cima, num é igual queroba, ela solta folha mais, ah, ela cai aque[la] folha dela e fica a casca, né?Agor'o palmito fica lisim. É, a folha é diferente. O palmito num amarga, a queroba amarga. El[e] num amaiga não. Ah! [Há o] Gomerim. Gomerim, el[e] dá ãa arve'³³⁵ grandona, ma[s] a fruta del[e] é piquinininha, el[e] dá [a]que[le]s cacho. Pode [comer]. Ah não, eu mes[mo] num gosto não, minino, os otos minino cumia, eu não. El[e] tem um um gostim injuado parecen' igual gen' mastigá tumate verde.Noss[a] S[enh]or[a]! Fazen[da] (...) dá dimais, el[e] fica rochim o pé, cheim. (...) [Há] o jambro. cê morde nele, [as]sim, a gen' rebenta a fruta no dente, é gostosa. (...) Do campo e do mato, é, tem de dois [jatobás]. Tem o do campo e o do mato. É do memo jei[to]. Ah não, tem dó, e[u] num como aquel[e] trem nem. É fedorento, el[e] gruda nos den[tes] da gente. (...) Ah! É o ananais. É quair de memo jei[to], cê quair num tem um, cê num dá conta, cê divurga o...e[le]s fala que o abacaxi, o ananais é abacaxi que fica no mato, aí em vei[z] del[e] dá o abacaxi el[e] dá o

³³³ Variação de *quase*.

³³⁴ *Gueiroba* e *queroba*, neste excerto, são variações de *guariroba*.

³³⁵ Variação de *árvore*.

ananaís. A cor...é diferente. El[e] pinica, né? É, el[e] [o ananá] passa pinicá e a casca del[e] é diferente. Ah! El[e] dá [as]sim mais redodim, num sei se é puque e[le] ficô no mato, né, dá menor, redondo, o[u] aque[le]s coisinha da semente, da casca del[e] é diferente, é mais miúdo e ele pinica. O abacaxi cê po[de] chupá el[e] até verde qu'el[e] num pinica, e o ananaís pinica. Não, a cor é a mesm[a]. 'Madurece fica 'marelo. E chera. Os dois é igual pa chera. [A diferença] É n'ocê³³⁶ cascá cê vê é a a casca del[e] fica diferente, fica [as]sim mair lisa. Do...a...do grava...do ananaís. Tem o gravatá também qu'é ãa fruta. E[le] já dá ãas cabecinha [as]sim no campo aí el[e] dá 'que[la]s, é, quando ele abre a primera veiz quando el[e] tá novim, el[e] fica vermelhim, muita gente ranca pa cumê as cabecinha, depois el[e] dá a f[lor] vem o fruta, é ãas bananinha [as]sim parecen'ãas balinha e a gente arranca as bananin[has] e tira o pé e chupa. É gostoso. Parece [com abacaxi], as folha é igual. É, é, daquel[e] jeito. Dá no mato, no campo, num é todos campo que dá el[e] não mai[s] dá, esse é nativo e e[le]s do, do campo. Não, o ananaí[s] diz que é o abacaxi que vira, né? Fica no mei' do mato, em vei[z] del[e] dá abacaxi el[e] dá ananaís. E[le]s fala isso mais eu creio que sim, porque lá na fazenda tinh'ãa chác[a]ra lá tin[ha] muito ananá[s]...é abacaxi plantado em volta, num agôa e[le]s tav' no mato hoje gen' panha é ananaís, num é abacaxi. Era ess[e] que fico. Ma[s] el[e] nasce tamém, no campo que dá. [Gravatá] É...el[e] dá [as]sim parecen' um, e ele dá a moita, el[e] nasce a cabecinha no mei'. Dele lá, el[e] abre el[e] enche de bananinha e fica lá abertim [as]sim, cherosa. El[e]...fica 'marela [quando amadurece].

33. Se tem [mais frutas] a gente num lembra, né, tem ãa fruta, eu num, do mato...El[a] é amarelinha, tem uns que dá piquinim parecen' pé de gabioba, e[la] dá ãas fruitinh' [as]sim, é amarela quando e[la] 'madurece, casca lisinha. E tem dela no campo também, dá arve grande, e[la] dá cascuda, ela dá as fruta [as]sim cascuda: baquipari. Essa dá lugá de serra...dá ãas folhinha cumprida [as]sim, ó, e dá arve. E[la] dá muito [as]sim ma[s] e[la] dá pregada é na

³³⁶ N'ocê é variação de *em você*.

madera. Fica [amarelo]. Chera. Chera. Tem o mem' chero da gabiroba. Só puque é gostosa, é milhó do que a gabiroba. Ah, é, tem o murici também, eu nunca tomei licor. Murici já é, dá onde tem cultura, né? É, cultura. Não, ela dá um, ãa árv[o]re e dá, [a]qui ness[e] cerrado aqui, ó, tem muito, ela dá as folha grande e dá uns cachim. Muita gente... É, muita gente usa é pô a semente dela na pinga, pa dá chero. E[le]s faiz remédio também da da sementinha. Faiz pó, né, pa cherá. Pra curá dô de cabeça, as veiz senosite³³⁷, é pa remédio.

34. Passarim? Tem, lembra, tem o muntum. Tem o jacu, a jaó. Cunhici [todos]. Tem perdiz, codorninha, inhambu. Jaó, perdiz. Tem o pavão. É o jacu. Passarinho aqui. O muntum é gran...Não, é diferente. A jaó não tem rabo, e[la] parece ãa galinha mais sem o rabo, ela não tem pena no rabo. É colorida mõi bunita o passarim. El[a] é [as]sim perdizada, roxa. É meia cinza, roxa. Jacu? A não a a cor do jacu é mõi difice a gen' vê el[e], é amarelo. Amarelo iscuro, el[e] num dexa a gen' vê ele direito. El[e] é...É. Brabo demais. É no mato. Bera...É, el[e] é gran[de], tamãe dum frango. Ah! Eu lembrei direit'a cor do jacu, el[e] é preto el[e] é amarelo preto. Ah! O rabo del[e] é preto, meu minino puxa aluno, né, um vêi bateu no, no vidro da frente, el[e] morreu, o minino pegô el[e], e era cinco hor' da manhã el[e] vêi e quebrô o vidro da do carro. Voa. 'Tão...Tem [rabo], el[e] é bem rabudo, de pena a as...a pena del[e] é bem gran', tem a sariema também, né? Um que a gen' vê muito, a ema, também tem. Não, [Jaó] é é tamãe dũa galinha. Ah! O jacu parece um franguim dess[es] franguim distripadim. O muntum é grandão, [as]sim... El[e] é grandão. É, nossa! Gan...grandão, maió do que um galo. É, não el[e] é [as]sim mõi difici' que o povo já matô muito. É do mato, ave do mato, é. El[e] veve mais é no chão. Mais ele choca no alto. E[le]s³³⁸ é [as]sim é diferente. Ess[e] (*o mutum*) é diferent' no tamãe, na cor. Mai[s] geralmente e[le] puxa po la[do] do amarelo. A jaó tem quais a cor dess[e] pis'aí, ó. O mutum com com a jacu, eu acho c'o bico de[le]s é parecido. É. Nã...que o muntum dá p'ocê vê el[e] direito, qu'el[e] chega [as]sim

³³⁷ Variação de *sinusite*.

³³⁸ Refere-se à diferença de tamanho do jaó e do mutum.

jun[to] com a gente. Agora o jacu é brabo, só peguei e...ess[e] , né, que o minino matô, o bico é igual, eu num achei diferença não, só puque um é maió, o ot' é menor. Tudo [choca] é na árvra³³⁹, é o nim. É. É igual a pomba do bando. Ess[e] pomba do bando é ess[e] pombim de casa. Pomba do bando é qu'e[le]s dá [a]que[le]s bando na roça, na bera[da] do asfalto cê passa, quan[do] tá cain' soja tem muito, né, carijozim, merma coi[sa] do pombim de casa.

35. Matava [pássaros] pa cumê, mata cum tiro, né? [Conheço] Tiro, a arapuca, qu'e[le]s arma. É um safadim de de vara, e[le]s faiz um safadim de vara, um tip'um caxote só porque el[e] é, el[e] é quadrado, né, [as]sim mei' cumprido, isquisito, aí e[le]s arma el[e] o bicho soca dibaxo, aí el[e] disarma e pega, né? (...) É o laço...Não, el[e] faiz e[le]s de vara, tampa el[e] todim, faiz aquel[e] caxotim, po[de] carregá el[e], aí e[le]s põe um pinguelim lá dento, né? Faiz a armadilha e põe o pinguelim chei' de cumida e e[le]s chega soca dibaxo pa cumê o milho que tá no chão e pisa na armadilha ela disarm'e pega. Arapuca. E o laço. Pega passarim, galinha, depende el[e] dá com[ta] de sigurá el[e] pega. Quand' é passarim grandão igual a sariema, né, a sariema diz que num morre no laço. Fica, ela ranca, né, ele. E aliáis, ela, diz qu'ela avoa ...por cima da viga, né, e fica. (...) O laço...é assim, cê corta ãa vara finca ela no chão. É verde...Aí cê finca, aliais, cê corta um ram[o], eu, ãa varinha lá, um ramo, cê dispela ela e faiz um safadim no chão, e faiz a armadilha lá e põe o...a cumida den[tro] do safadim, e[le]s vem e bica, né, no no no pinguelim da armadia, e... É...Come qu'el[e], aque[le] coitadim ali, chega lá e bica na armadilha e pronto, o laço disarma aí e pega. A arapuca pega pega el[e] vivo, né, agor' o laço mata, inforca o pescocim e pronto. (...) Não, sariema num, diz que pega e ela voa por cima da viga, né, aí ela fica...piriquito faiz a merma coisa, se pegá e[le]s avôa. (...) [Há] Istilingue. Só o bodoque, né? Ah, o bodoque e[le]s pega ãa vara, um pau e e trabalha, faiz el[e] trabalhado, né, aí el[e] vira um arco assim, igual ãa flecha. Aí em ve[z] de[le]s usá e[le]s põe ãa redinha, né, de linha em vei[z] de[le]s usá o

³³⁹ Outra variação de *árvore*.

negócio pa jogá flecha, e[le]s põe é ãa pedra e joga, igual jogá flecha. Tem, tem força, dá pa matá uma pessoa, diz que dá pa matá. Eu mes[mo] já vi bodoque em mão de ot'ái, [quem] us'isso é hôme, né? Não, assim hôme feit' [usa], não criança. Pessoa aduta.

36. Ah! Eu sei, né, do chif[re] do carnero, que e[le]s usa pra fazê remédio, geralmente pra pessoa que tem cólica de rins, né, toma o chifre. E minha minha tia tamém qu'era [e]pilética minha vó quemava o chif[re] dav' p'e[la] cherá, mais acho qu'iss'ái é ãa bobera. Ela tinha [e]pelipsia, né? (...) Tem a banha da galinha, né, qu'é boa pa tosse. A pessoa que tá tussin' põe ela no café e toma, mes[mo] num chá, cê faiz o chá doce e coloca. Tem a mamona, né, também, usa o azeite dela. Pa fazê, iss'ái usa 'té nas farmaça, né? Ah, o óleo da mamona. El[e] vale pra muita coisa.

37. Não, teve aí muitas muitos caus', né, à[s] vê[zes] gen' tá trabalhano, pessoa conta ãas pia...conta piada a gente ri muito, né? Muita bagunça o serviço assim, brincadera, não de briga.

38. Ah! Hoj'e[u] sô, ah, eu sô aqui da igreja evangélica, mais eu num sigo não. É [as]sim, eu tô no mei' do camim. Não, parece que santo assim um...tanto meu minino pregá, e[le]s fala que num ixiste santo, né, será que num ixiste? Eu fico indecisa, se ixiste ô não, eu tem muito fé Noss[a] Senhor[a] d'Aparicida.

39. Não, eu ach'assim que, eu acho um erro na minha mãe, qu'eu já preguei pra ela, já tá de idade, maisi ela num, ela não atende a gente, ela tem que, ela faiz ess[e] terço, ela tinha que pegá cum Deus, né, ela pega com o santo, intão premeramente c'a gen' pegá cum santo a gen' tem que pegá cum Deus, depois com o santo, né? É...É. Iss'é [i]dolatria assim diz, né? Eu vô te falá pr'ocê, eu tô indecisa. Muito indecisa qu'eu num sei um lado que tá certo, nem qual que tá errado, meu mini[no] prega muito, c'a gen' tem que...Na católica [sinto melhor]. Ah! Inquanto tava co meus pais guardô [dia-santo], depoi' qu'eu saí lá de casa e[u] num guardo não. Hoje mes[mo] eu num guardo, que num tem prazo. Não, e[le]s falava que pudi...tinha

que guardá dia santo qu'era pecado, né? Num podia trabalhá puque er' pecado, mai[s] num falava que pecado, qua[l] é o pecado. Intão, a gen' ficav' cum medo de pecá, guardava.

40. Graças a Deus num vi e nem quero vê [assombração]. Eu já vi muita gen' contá cas[o] de 'sombração. É. Mais nunca vi. Eu lembro de uma, o me...meu avô viu um...Ô vi ãa vaca de peito bem chei', o ubri³⁴⁰ cheim mes[mo] do olho clarim o a vaca, né, diz que era ãa vaca bunita, munto gorda [as]sim [as]sim parece que tava mojano com us ubro cheim, andan' atrai' do cavalo del[e]. Andô até el[e] passá, num sei se nel[e] passá num cochete, se é nãa portera aí ela ficô num passô não, e ela ficô, ela cumpanhó el[e] muito tempo andan' atrás. É puque ele viu, né, acha que é assombração que num iscutô barui de nada ela não feiz barulho, nada, com'ela 'pareceu, ela sumiu, ela desapareceu. Não, ele ficô sismado c'aque[e] lugá assombrado. Lá na Serra. Numa serra lá, Serr[a] do Facão.

41. Iscutei a minha tia também, diz é que morava nãa casa de porão, cê sabe quê que é casa de porão? Essas casa de [as]sualho, essas casa qu'e[le]s coisava, e[le]s fazi[am] ela [as]sim de taba, a casa alta em cima duns, e[le]s fa[la] que é porão, a gen' podia infíá diba[ixo] do [as]sualho e morá ãa pessoa lá por baxo. Diz ela que tinh'um aberto, é [a]qui pert' do Pires Belo, um aberto no [as]sualho beran' a casa, tava ela e meu tii lá na sala cum radim ligado, diz ela que viu os mulequim no mei' da casa, andano, se... É. Não, os muleque, uns trem que apareceu lá, uns mulequim. Diz ela que andô, esses muleque saiu dess[e] buraco do [as]sualho e e[le]s andô até sumi lá de novo, diz ela que num fei[z] barui, num feiz nada, com'ele apareceu sumiu, sem barulho. Ela e meu tii, à noite. Não, diz ela que é [a]qui ó, pra bax[o] do Pires Belo, e[u] num sei o nome não, é nãa fazenda aí, deve sê Taquaral, será que num é não? É Taquaral mes[mo], e[le] morô lá. Já, o meu marido viu uma vez também, um barulho, mais el[e] não viu que que era, el[e] num pode falá, diz e[le] que tava den[tro] do mata-burro, meu minino mais velho (...) viu também, parece assim quando a gen' pega frii de cavalo que

³⁴⁰ Variação de *úbere*.

sacode, sabe, um punha[do] de corrente, diz e[le] que assim feiz o barui den[tro] do buraco. E também o sog[r]o do meu minino viu a visão no memo lugá, que o meu marido viu co minino e o pai do (...) foi passá e viu também, [as]sim o pai da minha nora, diz el[e] que viu um pano branco, acho que el[e] ca mulhé del[e], um pano branco istindido perto desse mata-burro qu'esse arame, diz e[le] que correu dimai', largô ess[e] trem branco lá. É, pra cima, lá. No cerrado, é de lá.

42. Mai[s] difíci' [com a morte do marido]. Sente, né, apesá' de de sê custoso cum el[e] tamém que e[le] trabalhava muito, agora tá difíci' também. Não, ela [a mãe] fala...Porque quando faltô os dois filho dela, ela quiria saí né, na morte dum quiria saí, num saiu, depois o outro morreu ficô cum vontá[de] de saí não saiu do lugá, ma[s] ela fala 'té hoje que qué vim pra cá, s'o meu irmão vim ela vem, a minha mãe sem el[e] e[la] não vem.

43. Não, e meu pai é de Paracatu, né, minha mãe é de cá. Ali do do lugá qu'ela mora, ali. Da Roca. É. Meu pai é de Paracatu. Apesar que nóir não tem paren[te] nenhum aqui, só a irmã del[e] que tá no obrigo dos velho, tem mai[s] ninguém. E minha mãe os paren[tes] dela é tu[do] daqui. Eu gost' de todos tii meu, né? Meu tii qu'eu gostav' diferente el[e] faleceu há muito tempo, né? Dexô nóis criança inda. Er' um tal de (...), ess[e] morava com nóis, esse fazia tudo que nóis quiria, né, de brinquedo, mes[mo] quan[do] quiria saí de casa, saía cum el[e].

44. Esse eu num lemb[ro] qu'eu num vim na rodovia, né? Nem os maquinár[ios] trabalhan' eu num vi, nem esse asfalto aqui do Pires Belo aqui que feiz há poco tempo e[u] num vi também não. Eu lemb[ro] passá nas trevessia vê as máquina trabalhano [Na construção da BR-050]. Ma[s] é [as]sim dipressa.

45. Tem até hoje lá na fazenda, dois carro, né, o meu marido trabalhô mûi no carro-de-boi, eu mes[mo] ajudei muito. Eu 'judava jogá à[s] vei[zes] 'judá 'travessá o carro num vau, né, ficav' na fren[te] dos boi. Era, só pa passá, 'té passá o corgo, né? [Ele] Trabalhava sozim e

Deus. (...) depois os minino cresceu, e[le] levô os minino, né, trabalhava, mais el[e], el[e] fazia tudo é sozim e Deus. Nói' 'judava el[e] jogá o mio, se fosse saco de arroiz ô de feção gente ajudava el[e] colocá. Dalgũa passá no lugá difíci', qu'era val, é córego, né, a gente ajudava el[e], ficava na fren[te] dos boi, né, e pra el[e] passá, ajudá el[e].

46. Marruco. Cachaço. Marrão é leitão³⁴¹. Marrão é o macho, a leitoa é fêmea. Marrão, marroa.

47. Catirêro. É, é um negoço, e[le]s chama de catirêro.

48. Boiada. É muitos bois. Boiadero é o dono do gado, né? E o que carreia um, é o que mexe com o boi, né, carro de boi, intão el[e] é o carrero daquel[e] boi, trabai' de carriá. Tem uns qu' é carrero que é o dono do carro, né, mais maió parte é das fazenda. Fazenda aberta, que num tem nada, é em comum. Sem pasto, fazenda aberta. Invernada é campo, né, é pasto. Larga é pasto sem cerca.

49. Dimão é quando 'ocê ajunta muita gente pa te ajudá. É o mes[mo] [que mutirão]. Tem a mes[mo] quantidade. Treição quando cê tem um seiviço pa fazê que a veiz cê tá apertada aquela pesso[a] que te ajudá intão esse cham'os pião, os cumpanhero tudo ajunta, reúne nãa casa e vai te passá a treição, aí cê chega lá c'aquel' tantão de pião, e[le]s faiz seu seiviço, e[le]s passa a treição. É o mesmo, só porque o mutirão cê convida, ocê mes[mo] marca a data certa cham'os o povo o povo e e[le]s vem. Agora o muti...a treição é que ãa pessoa te passa a treição. Igual cê tá sentada aqui chega um bando de gen' pa te ajudá ocê arrumá a casa ô fazê, a gen' chama treição. E[le]s tá, e[le]s pegô ocê de supresa, né?

50. É parte no mei', meeiro. Agregado. É o impregado, el[e] trabalha na fazenda e tem seu salár[iu], né? Agora o agregado, el[e] trabalha lá trabalha por dia pros oto tá na sua casa [a]li. Deles mes[mo], e[le]s mes[mo] constrói a casa e tra...mora lá, né? Aí e[le]s trabalha à meia,

³⁴¹ Enumeram-se os signos por que são conhecidos, respectivamente, o boi e porco não castrados.

né, aí fica sen' meiero, aí parte as roça a mesma coisa. Traba...mora de agregado e toca roça à meia, é meiero.

51. Esse eu num cunhici ele maisi já vi falá. Jagunço é a pessoa que peg'os oto de impleito pa matá. Mar do q'eu sei é isso. Chega e mata e pega o sinal dele e leva pr'ocê. É...Ranca ãa orelha, corta a cabeça, ãa mão. É...Pa tê certeza que matô, pa pegá a grana. E[le] fica na tucaia, né? É... a tucaia é onde e[le]s fica iscundido. E[le]s isconde ali cuns cuns³⁴² diz ocê tá [a]qui, né, na casa tem ãa moita, e[le]s fica na moita de tucaia, pa te isperá. Aí ocê passa e[le]s prega fogo.

52. Roda, eu cunheço roda de fiá, né? É ãa roda, ocê pega o algudão, cê prepara o algudão, cê senta e ela tem o pesa...o o pisado, né, cê pisa e vai fian', ela tem a roda, a roda grande que passa a linha nela e passa na carritia³⁴³, né, aí a roda gran[e] toca a carritilha e vai ela vai fian' e ingulin' a linha.

53. Mijacão muitas pessoa fala que ela vem da urina do cavalo e otas fala que é um bichim que tem assim no no capim, num ramo, um trem qualqué, se a gente pisá ele faiz dá mijacão. Eu já tiv'o mijacão. Já. El[e] cumeçô no camim a duê. Intão por isso qu'eu 'credito que a gente pisa num num num bichim e el[e] dá. É no pé, no duro do pé, bem na sola del[e], dói muito, quema sua perna, fica vermelho, fica vermelhim. Dá [ferida]. Ele vem lá do fundo pra pra fora, el[e] dói dimais, o meu num chegô a furá, eu tomei remédi' p'el[e] resovê, né? Aí el[e] resolveu mais ele deu um, el[e] amarelô lá um poquim eu furei saiu ãa água de sangue. (...) Ah, meu Deus é diarréia, qu'e[le]s fala andaço, né, que o povo de primer' falava andaço. Hoje nó[s] fala diarréia, né? (...) [Hi]d[r]upisia é a pessoa que dá acesso, né? Acesso a pessoa dismaia e fica dano, fica [as]sim mexeno, ronca, baba. Ah! O (...) irmão da (...) e[le] quar morreu c'o ess[e], com ess[e] negoço, el[e] tem, né?

³⁴² Variação de *como se*.

³⁴³ Variação de *carretilha*.

54. [Monjolo] El[e] é um um pau qu'e[le]s trabalha nel[e], faiz um ãa gamela, nel[e] atrás, e põe um exo e põe ãa ponta lá in... infia um um um oto, ãa ota maderinha na ponta del[e], el[e] de[i]x[a], tem a bica, né, cai a água den[tro] do den[tro] da gamelinha del[e], ãa bica dele e ele palma e soca o arroiz, põe o pilão, el[e] enche de água, né, fica lá um um... Não. O pilão fica lá na frente, né? Só onde el[e] infia o a ponta del[e] pa socá. É de maderá. Minjolo. Num sei se é munjolo se é minjolo, e[le] num sei nunca vi iscrito.

55. Acho que [rebuçar] é o mes[mo] cubri, né não? Essa palavra e[u] num usei ela, né? É cubrí, que aonde e[u] morei o povo é mais evoluído, intão o povo aprendeu falá cubri.

56. É a linha da casa l'em cima é a comunher[a]³⁴⁴ qu'e[le]s fala. Picumã é essa telha de aranha, quan[do] tem o fugão de lenha, que vem aque[la]s telha, que ela enche de fumaça e fica pretinha, intão iss'aí que é a picumã. Ela fica preta depois ela cai, ela fica [as]sim é a fumaça dela, sabe? Mais tivé qualqué um trem pra pra ela i ingrossan' a fumaça aí e[u] acho que é assim. É, fica preta intão quando chove ela mela. Ela cai, e[le] dá um melado grosso e fica cain'.

57. Cangalha é ãa furquilha que ocê à[s] vez tem ãa rês fugin', cê corta ãa furquilha e põe no pescoço, né, da rês, aí é cangalha. Aí aa a criação sai cain...carregan' aque[le] furquilha de pau no pescoço, pra não socá dibaxo da ceica de arame, talvez pulá, passá um barran[co], aí ho[ra] que e[la]s vai pa pulá, né injuelha pa pulá aí a cangaia finca no chão, ô garra no arame, aí e[la]s num passa.

58. Rabo de tatu tem o rabo do tatu mesmo e tem um um remédio que chama rab' tatu, qu'e[le]s rança, por aqui num dá não, ess[e] dá só lugá de vereda.

59. Tem ferramenta qu'eu nem cunheço. Ah! Usa machado, foice, inxadão, boca-de-lobo, lavanca³⁴⁵. É vara de ferrão. É pa mexê cum gado. Facão. É...E[le]s usa muito o facão. É que se fô passá diba[ixo] dũa aive que num às vez num num tem jei[to] do cavalo passá e[le]s

³⁴⁴ Variação de *cumeeira*.

³⁴⁵ Variação de *alavanca*.

cortá um cipó, um pau, e dá jei[to] de passá. Abri camim. Mais usado é o facão, né? Usa mais um canivete. Mão-de-pilão. Er'um pilão, né? Que coloca o arroiz. Coloca o arroiz e soca ele, né, com a mão de pilão. Aí, não aí e[le] tir'o farelo a o marinheiro dele, né, discasca o a sai o farelo e cê sopra ele, né? É. Fala qu' é baná, sei lá, soprá na penera. Aí tira os marinheiro que fica, pega o pilado e põe conzinhá. [Marinheiro] É o arroiz que fica no mei' do do outro, né, que ocê cata ele. O que num pila tudo tudo junto, aí o povo cham'ele de marinheiro. (...) Pilá é discascá ele.

60. Pricisa³⁴⁶ da folha de banana ô a palha do milho, depois que mata el[e] sapeca, né, aí a...é ãa faca mes[mo], pa 'rumá o porco é a faca. Finca nele. É...É, põe o fogo nel[e], sapeca, depóis rapa o pelim del[e] e abre. É, depois que abre ele, tira as banda e carrega, né, e...aí vai picá el[e]. Tira a carne todim, aí fica toicim e pica. Eu não sei. Eu só tiro a, e[u] num sei separá a carne, muita gen[te] sabe, né? Aí é só açoguero pa sabê o nome das carne, tem as carne separada. Eu conzinh' tudo junto. Todo jeito vai...Não, a de, a que é maciça eu tiro, né, frita separada a de osso. Ago' quando o porco é piquininim cê pica tudo junto. A pelha o a ... a carne maciça com osso vai vai junto. Apruveitá tudo. Só joga o istrum' fora, né? O nome da carne eu num sei qu'eu num tive ãa pesso[a] que ensina, o açoguer' sabe, né? Eu lembro, é a pá, o pernil. [Pá] é a cocha del[e], da frente. O pernil é o de trás. A pá é a da frente. (...) Tem os rim. Tem o fígado, coração, tem a passarinha, né? Ah! E[le]s fala é o balso³⁴⁷. Tem os pulmão. É, fazê sabão vai é só a mantega da barrigada qu'ela dá. [Barrigada] é as tripa. (...) E[le]s fala é a paqüera³⁴⁸, né, munta gente fala, mais eu num falo não. [Com] a vaca eu num mixi não. Qu'e[le]s leva é o pedaço já, pra .. semp[r]é home que mexe, a mulhé num dá conta, né? É muito pesado. É que os pedaço muito grande, pesado, né igual o de porco, o de porco cê

³⁴⁶ Refere-se às etapas para o preparo de um porco morto.

³⁴⁷ Refere-se ao *baço*, provavelmente.

³⁴⁸ Possivelmente *paqüera* seja uma corruptela de *pâncreas* > *panquereas* > *panqüera* > *paquera*. No entanto, a parte a que se refere a narradora se parece mais com um pulmão.

pega duas mlhé, se tira o pedaço de porco, agora a vaca cê tem que pindurá ela, pindura os quarto e tira, né, as carne.

61. É sem trabalhá, plantá os mantimento, né? Iss'ái, iss' é necessár[io] da pessoa, num vive [sem] não. Ah, iss'ái, ah, planta de tudo. Cria, as criação que tem d'ocê, do seu gasto, é o porco, a galinha, mes[mo] o gado num é todo mun[do] que tem, né, qu'el[e] é muito caro. Aí cê faiz suas planta: arroz, feijão, milho, cê faiz a sua hortinha e cria as galinha.

62. Mas veve [sem energia]. Veve, que a minha mãe que veve até hoje, né? Vivi até mudá pra cá, a casa nossa lá não tem energia até hoje ... usava lampião, né? Lamparina, vela. Querosen[e] ... na lamparina. O gato que foi iscoldado cum água quen ... cum água quente corre da fria, intão vive sempre corren'.

11 – 10NM85(?)

1. É foi o, brincadera deu mai[s] um oto irmão meu. Eu tratava el[e] de (...), né. E é, e eu é, eu sô mais novo do que el[e]. Eu tratava el[e] de (...), e ele mim pôis apilid'(...). Que no...nói[s] tudo er', era mulecada, rapaizim, né? O... dia qu'eu faç' niversário, tamém num sei não. O o...foi na roça. O nome da roça é o 'xô vê, é, eu só sei a fazenda, fazenda do do, do do, nasci na fazenda do do, [a]gor[a] isquici o nome do hôme. Não, é pra cá, lá po lado do, do (...), p'aquel[e] mundo pra lá. É, o... nã[o], a o...nasci na fazen[da] no...foi do, é o...isquici o nom', até a, a mulhé dele é minha madrinha. É, Du..., Duas Ponte. Nasci na na, é Duas Ponte (*risos*). Ah! Ô...saí d'lá inda er' muleque [a]ind[a], que ô tava na, na companhia do meu pai, né. On[de] meu pai ia nós tava.

2. Nós era do...cum muié nós era deiz [irmãos]. Hôme e muié deiz. Daí abaxo de mim (...), acim[a] do (...), [de]pois do (...) é... É o...um [bo]cado é falicido. Morreu assim, um mo..., mo... mo... morreu naturali. Duença, algũa duencinha, mo... é...otas morte. Tá cum bem tempo. Nós era novo, ela [a mãe] dexô nós tudo novo. El[a] morreu foi daquel[a] duença, tal

cânce. Tá cum bem tempo. É e el[a] sofreu demais. Nós internô ela...ficô ficô aí o o dotor, é...internô el[a] im Goiana, aí o dotor chamô, mandô chamá os irmão todim lá no hospitale, falô [as]sim: “Óia s’ocêis tivé dinhêro pa gastá ca sua mãe, pode levá el[a] quarqué país do mundo, num tem jeito não.” E falô o o incômodo, [fa]lô: “Pode, pode pelejá, só Deus”.Inda o dotô inda ‘Ó, esse incôm’ só Deus’. Qu’ela ia fazê, né? Logo el[a] [faleceu], pocos dia tamém el[a]... Morreu im Goiana. Nó[s] inda, inda er’, er’ tudo rapa[z]...não, o nós mais véi er’, ta..., tav’ tudo rapaizim já, tudo, agor[a] os oto me...menor ainda ‘tava novim, né. Ficô, ficô purção de tempo [doente].

3. O meu pai morreu assim, quai[s] dũa hora prá ôta. El[e] so[freu]...deu um i[n]com[odo]’ pari...parilisô, ficô [as]sim, pocos dia tamém, el[e] tamém num teve jeito. Uai, foi até, até a morte, el[e]. Nó[s], quan’ el[e] morreu nói’ já tava maió. Aí el[e] azangô e foi [a]caban[do] logo também. Num sabe que que é. Aí ficô, ficô nós tudo. Aí nós ficô, [fi]cô os mi...os minin’ tudo ficô, nós tudo ficô zelan’ da mãe, né. O pai morreu primero, [de]pois [as]sim...Que fazê, né? Foi pocos dia tamém a mãe tamém foi, foi ’bora. Aí nós ficam[os] sozim, aí o...[a]quel[a] rapaziada assim, né? Foi isparraman’ tud’. Separô todo mundo.

4. Não, ‘rumei mût’ casamento mai[s] (*risos*). É puque eu (*risos*) ficav’, ficav’ cum medo de num dá certo, né. É que o, o medo d’eu, o meu meu medo só de de num num num cumbiná. Eu cumbinava mai[s] namorava assim um poco prazo, daí logo cabava tamém, né. Tinha baile. Ih! Nes[se] tempo fazia baile, baile er’ quai[se] tod’, tod’ sábado. É pagode na, na roça, né. Fa... é, tinha que de primero, tinha mutirão, o povo fazia, né, de i[r] trabaiá, agora, ô e[le]s fazia aquel[e] mutirão, à noite dav’, dav’ o pagode. Era desse jeito. O o, o os baile nes[se] temp’ era é...cordiom,, safona, né? Aí cumeçava, aí mai[s] o mento³⁴⁹ oit’ nove hora da noite, cumeçava e ia até no ot’ dia cum sol arto (*risos*). O povo era animado. Dançava a no[i]t[e] todinha (*risos*). Todo mundo.

³⁴⁹ *Mai[s] ô mento* quer dizer *mais ou menos*.

5. Mutirão. É, o...o o o trabaiadô toca, tocado de, de roça, né, a[s] ve[zes] apertava. Os colega de de de dele ali, né, falav' [as]sim “Ô, vamo' dá uma dimãozinha pa fu...fulano de tal, el[e] tá apertado com serviç', né.” Aí o povo reunia tudo, quando chegava, ê fazi...dav' dava treição, de madrugada, ovia o fuguete na porta: pei pei pei (*risos*). Ia cantan'. Ia o povo do violão, né. I[a] cantan'. O o o dono da roça num sabia não, er' treição que e[le]s dava, sem sabê, aí: “Oopa! Oh! Fulano”. Pá, pá, pá, pá, pá, o fu...é de fuguete, né. E a sonfona (*risos*). Ih! Chegava cheim de hôme. É...ach' que mais ó meno um...Ih! Nesse tempo, nes[se] temp' er' mais ó meno um, uns quarenta cin...cinquenta hôme. E, el[e] dav', o dono da roça levantava cedo e fazia qual...ô matava criação ali, fazia qualqué coi[sa] e leva...aprumava todo mundo e, e aí ia cumeçá e é, é de madrugada.

6. Eh, eh! E[le]s er', levantav' de madrugada e dava treição e daí ia discansá, né? Quando er' cedim, na hora de garrá no seiviço, tav' todo mundo lá. O baile cumeçava, cumeçava, oito, nove hora, ia até no ot' dia cum sol arto. Can...cansav' nada. Dan...(interrupção) dançava a noite todinha. Ar muié, ar muié é tinha que, a vei[zes] tinha...dava mutirão de de de de hôme e fia...e muié fiadera. Ar muié fazia mutirão de de fiá, fiado na na roda, juntava ca...sacad'... [fi]cav[a] cheinha de de muié fian'(risos).

7. É é, a a treição é quando o dono num sab'. Que quan' o o, quan' num é treição e[le]s, o o dono do o dono do serviç' tá sa sa...saben', né, ago' quando er' treição e[le]s ia madrugada. É, mutirão quan' el[e] sabia, que o mutirão, quan' a veiz el[e] memo fazia, né? O povo reunia tudo e dava, dava a dimão ele. De à noit', de à noit' tinha o baile. De quarqué jeito tinha baile. Já morei [na cidade], iche! No...di...eu eu... trabaiei na lá, na cidade mai[s] mo...traba...morava lá, eu tabaiava na, na nas firma, né? Tem bem tempo. Mais o meno uns deiz ano. Depois eu voltei pa roça. No...não, não, eu fiquei pur aqui mesm'. Ô³⁵⁰...E[u] ficô aqui puqu'ieu trabaiei aqui em Catalão só nũa, nũa fáb[rica] mantega, aí eu trabaiei uns, uns

³⁵⁰ Ô, neste caso, não é monotongação de *ou*, mas de *eu*.

quato, cinco ano. Era Jandaia. Catalão, daí eu trabaiei na máq[ui]na de arroiz, mai' na máq[ui]na de arro[z] de arroiz foi um dia poco. É...eu trabaiev' no caminhão de crem', puxá crem' pa...pegava o creme na roça e levava pa fáb[rica] de mantega. Eu trabaia de ajudante. [Na máquina de arroz]Trabaia de sacaria (*risos*). Não, é...pa, levá na, na máqui[na], ago[ra] punha o saco lá e, e e ama...e liga a máqui[na], a máq[ui]na va,vai vai enchen' o saco de arroiz, daí eu pegava, arrumá, punha na balan[ça], custurava, punha na pia (*risos*). É...no máq[ui]na de arro[z]...er'...tudo era pesado.

8. É...aqui ó (*gestos de esforço físico*)...o o crem', ah! O crem' tamém é pesado, pegava o latão de noite, iscuro, iscurrigan', ieu dav' conta, que nes[se] tempo chuvia que só ven[do], nossa! É...ah! Chuvia muito mais [que hoje], é...in, in invernava. Invernava. Ficav' aí um, um...ia um um mê[s]...quai[se] dois mêis, só chuva. Tod' dia. Dia e noite. A istrada era, é, er' istrada véia mem', mai', mais ó meno, mais é dis...arrumava el[a] de inxadão, qualqué cois', e passava. Era de caminhão. [Trabalhei também] Na máquina de arroiz. E, eu, da...daí eu, daí eu voitei pa roça [ou]tra veiz, aí foi só na roça, trabaiei de vaquero...

9. O vaquero é é tirá o...jeitá a vacada. Aqui me[smo], aqui me[smo], o (...) aqui eu trabaiei mui' temp'. Trabaiei, nós cabô de criá foi aqui na fazenda do (...). Eu nasci lá na nas Duas Ponte, na fazenda dum tal, ô esquici o hôme, a a, até a, a muié del[e] é irmã do (...). Aí vêi [crescer aqui], vê... vêi, meu pai mud[ou], morav' de agregad', né. Vêi mudan' mudan' mudan' até que...(risos).

10. Agregd' é é o, o agregado é é o, o que mora na, na fazenda. É o que tem fãmia, trabaia na fazenda, né. Agor' o o, o fazendero dá o lugá pá e[le]s, [as]sim cum ãa casa lá, um rancho lá, e[le]s fica moran' lá. Recebe o, ta, ta tabaia, é, recebe tudo. Os, os fii [fi]cav[a], quan' é minin' fica queto, né. Ago[ra] quando tá fican' rapaiz, rapaizim nov' já, já vai pu serviço. O o o o, já vai pu serviço o mi...o minin' que va', vai crescen', já vai tabaiá. Eu trabaiev' nãa fazenda, tá moran' mes[mo], mai' já vai po cabo da inxada. Brincav', brincá brincav' muito.

Brincav' de de, cavalo de pau, coiserad[a] (*risos*). Cavalo de pau [ar]rum[ava], arruma um, ãa vara, um pau, munta nele e [vo]cê...(gestos e risos). É brincá.

11. Saí correno, correno, brincadera (*risos*). É de, sem sê de cavalo de pau brincav' daí passô bola. Brincava de bola, de jogo de bola, 'rumav' um campuzim lá e ia brincá. É...é bola da cidade. O, os, os hôme brincava, que er' tudo rapa[z]...er' rapaizão, né? Agor' o campo, tinha um campim dos minin' e um campo do, do dos, dos grandão. Aí é o campo de[le]s pra lá, o dos minin' p'oto lado. Ah, as minina muié num, num brincava não. E[la]s ficav', fazia, e[la]s fazia o band' déza³⁵¹, né? [De]pois ficav' lá brincan' de lá, brincan' de de, de é é, é tamém é é e[la]s brincava tamém.

12. É, é puque num, num, a veiz num gostava, né? As mininia muié num gostava de brincá cum, no mei de minin' hôme não. [Os pais] Inducava. Ah! O meu pai quaiqué coisa que nós fizesse ó (*gestos*)...Apanhava, rá! O pai e a mãe, tudo b[r]abo. Ah! Ba...batia. A minha mãe quan' pegav' nós er'...quai[se] rancav' o coro. Era braba que só ven[do]. A ép[oc]a de minin' temoso foi essa época.

12. (*risos*)Aí eu, ieu [teimava] mais, sabe que que é? É puque os otos i[r]mão contava, né? Num podia fazê erro, fazia ba...bagunça e macriação, nada. Que e[le]s con[tava]...fala[va]...contav', os otos i[r]mão chegava em casa, contava p'o pai e a mãe e...(gestos e risos). Macriação é é, xingá a mãe, falá, falá cunversa pesada p'a mãe, né? É a macriação é é macriá com os oto, dá dá má, dá resposta p'us oto. Os mai' véi, né? Aí apanhava. Ah! É...se...é...se fizess' macriação p'um mais véi, chegava em casa os i[r]mão, os i[r]mão contava, chegava e apanhava. (*risos*) Num era [custoso] ie...ieu, eu até num fazia malcriação, né? Que sabia, quando chegava em casa, apanhava mes[mo]. Que contav', primero, primero que contav' p'a minha mãe. Que minha mãe pegava e...(gestos e risos). É,

³⁵¹ *Delas* se apresenta nas variações fonéticas [dez] ou ['deza], como também ocorre com *elas*: [ez] ou ['eza].

apanhava de vara. Quebrava ãa vara no mato assim e 'cabava cum ele nas costa, 'cabava cum ela nas costa da gente (*risos*).

13. Nós num tinha iscola. Nes' temp' iscola p'a roça num...era aiguma mais só p'a gente, gente grande. E p'a gente pob' num tinha. Igual hoje é, hoje tem iscola pa, p'os minin' tudo, pob', é rico, é tudo, né? Nes' temp' tinha iscola só p'os minin' de fazendero, esses maió, né? Fii de agregado num tinha. Ieu tinha von...o...a cois[a] qu'ieu tem mais inveja é d'eu num sabê leitura. É. Mai[s] num, num tev' istud'...Eu tem vontade, mai[s]... Ah! S'eu qui... subess' lê, gent' pegav' um imprego bão, né? É. Pego um imprego de, que que gasta leitura, né? Agor' gen[te] num tem leitura ninhã é...Ah! 'ruma, quem is[tuda] tem leitura, arruma imprego bão.

14. Mai[s] quem num tem é i[r] i[r] pu pu pesado mem'. Tem o, o...esse [irmão] que mora im São Paulo. Ê, esse [estudou]. É. Ê, el[e] tem ãa leitura boa é puque a mamãe é, viu, pôis el[e] no no, no no, no, no colégio. Só ele. Mais os oto tem ãa leiturinha, mai[s], sabe assiná o nome mais ó meno. Eu num sei nada. Num lê, num sei lê nada. Num, nem nem assiná o nome eu num sei. Eu [a]go[ra] falá é (*risos*) é a verdade (*risos*). O o, professô num num ia, o professô num ia na na casa dos aluno. É...aond' é a casa pob' que...num num tinha professor[a] ninhã que...agora, agora que o, já já tem o guvern', né? O guvern' é, e[le]s põe grupo, põe ca...mũta coisa, né? Aí já forma o, o o, a leitura po, po po, po minin'. Ness' temp' nem na iscola na roça num tinha. Num tinha [escola] não.

15. Tivesse, eu ia istudá. E o oto³⁵² tamém, o meu pai tamém tocava, mexia cum roça, né? Num dexava nós istudá de jeito nenhum. Ia tudo p'u cabo da inxada. Pes'...precisava pa trabaiá. Ah! Minha mãe falav': "Oh! (...), dexa". "Não, de je[i]to nenhum, nói' tá mu[i]to apertado. Vam', vam', vam', vam' pa roça. A iscola de[le]s é a inxada (*risos*). Era difici' que é...Tinha que trabaiá, né? Puque o, ness' temp', o povo ta...trabaiav' tocá roça, num tinha

³⁵² *Outro* quer dizer que *há outro motivo* por que não estudou, o qual seguirá informado.

dinhero pa pagá pião, né? Agor' e, er' o, a turma minin', os fii, os fii, o véi e tudo. Ia tudo po cabo da inxada. Mui...er' mui' complicada [a vida]. Num tinha muita saída, num tinha nada. Ganhav' do, de de casa memo num ganhava nada. Ganhava era aigum, aigum dinheiro que a gent' saía p'um oto [trabalho] de fora, né? Aí trabaiv', de tarde ele pagava. Mais em casa memo c'o pai num ganhava nada.

16. Pa coiê roça pa todo mundo cumê. O mai[s] necessaro era arroiz, feijão e e mii. O o mii er' pa criá pa quebrá, pa criá, criá porco, criá galinha. Era isso o mii. Ago[ra] o feijão e o arroiz er' pa...pa cumê. Arroiz, feijão e e carne. Carne? Carne, carne de porco, de frango, galinha (*risos*). Criava na roça memo, só podê cu[mer]...pa cumê, pa alimentá. Cu[mia], a verdura eu cumia. Prantav' mui...muito pipino, abób[or]a, ago[ra] das verdura que o dia que num tinha carne, esse alimento era verdura. [Para não perder] A carne e, matav' o porco, a arrumav' el[a], retaiav' el[a] tudo e punha no sol secá.

17. [Retalhava] É de faca, pegava retaiava tudo bem finim, e saigava e punha no no no sole. É, põe num, num aram[e], oto nũa cerca de maderá, né? El[a] secava ali ficava ãa beleza. A aí, secava bem sequinha, pa num num panhá, num panhá bicho, né? Aí ia, daí ia, ia cumen'. É cumen' os pôco. Ficava um mês, dois mês, el[a] tan' el[a] tives[se] bem sequinha podia ficá até dois mês. Não [perdia], que o sali num dexa criá inseto, né? É o sal que num de[ixa]. E sagô el[a], que a varigera que põe bicho, né? Ago[ra] se sagô el[a], a varigera num num senta. Pu ca[u]s[a] do sali (*risos*). Carne de vaca nós cumia. Meu pai nes' tempo o o gado er' barato, né? Quar³⁵³ todo mês ele quebrava ãa vaca, comp[r]ado dos fazendero, né? Matava. Matava e arrumava tudo bem 'rumadim, sargava el[a] punha no sol, dá dá, dá pa cumê muitos mês.

18. É ô cumia, é...ô...é...fazia el[a] de frita (*risos*). 'rumava nos dia, durante o dia cumia tudo. Ago[ra] no oto dia, ia...fazia de novo [ou]tra vez que el[a] tava boa, né? O tempo que

³⁵³ Quar é variação de *quase*.

num tinha geladera o recurso é, era o sargá e pô no soli. É só desse jeito. Que num num tinha a, que a geladera num num num num ... 'senta in...in...inseto nem nada né? Agora nes' tempo num tinha [geladeira], er' no soli. Sagô el[a] tamém cabô. Num num num num pega varigera, num pega nada. Ah! Precisiv' tê bastante sal. O, o pai ia na, na cidade, nos armazém [e comprava o sal].

19. Cumia peixe. Nes' tempo dava muito peixe. Ih! No' i[a], aí tinha um um um coi[go]...um um um riberãozim assim, era chegá cum anzole, er' pá³⁵⁴ (*gestos*). Pegava de ganchada assim, ó (*gestos*). Ah! Ganchada é ia pescan' e pon' o peixe no no, 'ranjava um um ganch' de de de pau, de madêra, ia pegan' e pegan' ali, ah! Ia pegan' e pon' ali. Hor' que saía de lá da bera do riberão 'tava cûa ganchada desse tamãe assim (*gestos*). O o o gancho é...é é um, é um palm' só, e er' pesado pa gente carregá, né? 'rumava um ganchão grande assim ó e ia inganchan' el[e] ali. Ficav' um, ãa pia desse tamãe assim ó, de peixe, dava peixe pa caramba. Tirav' [o gancho], tirav' no, no mato mesm'. Facão, ia lá, tirav' o, tirav' aquel[e] ganchão assim e, e o gancho er' assim, de madera.

20. Agor' [a]qui (*gestos*), o o fazia a ponta del[e] e ia enchen' lá. Ficava ãa ganchada que ó...(risos). Ma[s]...mais é, nes' tempo tudo er' difíci'. Ih! Eu gostava [de pescar], é o o intistimento que a [g]ente mais, que a gente é er' pescá. Pescava toda semana. Agor' não...só num num pescava é à noite. Pu ca[u]s[a] cobra. Tem o tali jaracuçu, se Deus o liv' ofendê a gente, tem corrê logo pa cidade, [se]não morre memo. Iche, Senhora da Badia. El[a] pegô pode dá jeito que sinão, e é poco prazo. Jaracuçu. É é de noi[te] a...até de dia el[a] pega. El[a] pega e e tem que tra[trar]...Deus o liv' el[a] ofendeu tem que corrê logo, pu pu méd[ico], pa cidade, né? Que o venen' del[a] é terrive'. Sobe poco prazo.

21. Cobra dima[is], tem um tal cascavel tamém, que ai ai ai. El[e] pegô, pod' dá jeito que senão o venen' vai subin' subin', poco prazo ataca o coração. Muita gent' [morreu]. Gen[te]

³⁵⁴ Onomatopéia do que seria o barulho da fígada do peixe e concomitante com o gesto.

que eu cunhici. Dois prim' meu foi 'bora, cobra. Uai, tava capin... trabaian' na inxada, jogô o bicho no pé del[e] e ó e ó pegô (*gestos*). Co... correu co' el[e]e mai[s] num num adiantô mais. E é o que el[e] pegô, o que pegô ele é cascavel. Ah! Is[so] er' lá num tal Corgo Fundo. Cascavel des' tanto!! É. El[e] num viu, el[e] 'tav' du[r]min' dibaxo, que na roça tem aquel[e] monte de cisco, e[la]s isconde dibaxo do cisco pa pa po lado do sol, né. Hor' que el[e] bateu a inxada jogô, bateu já cortô o mato, el[e] jogô ela no pé del[e]. El[e] 'tava jun[to], mais os cumpanhero, aí el[e] assustô: "Oh! O cascavel mim pegô" Ah! Aí o o, é o, a minha avó ficô viúva e el[a] casô cum oto hôme aí o, o tal de (...): "Nos' into³⁵⁵ vamo dá um jeito", foi num vizim 'rumô um carro, 'rumô um carro pa pa levá el[e] pa cidade que a...aqui num num nem co...se ...tinha benzedô, o benzedô vêi, benzeu el[e] mais el[e] 'tava fican'(*incompreensível*)...el[e] tava fican' pió, aí correu co'el[e] pa cidade.

22. Inda levô mui' tempo, aí foi tratado assim, né, cum cum raizero, cum co...coiserada, né aí el[e] [fi]cô, depois del[e] grandão, 'tav' hôme, né, aí el[e], quand' é fé, el[e] 'tava, 'tava trabaian[o], quand' deu fé, el[e] só feiz assim (*gestos*), muntuô lá, e[le]s: "Oh! Nossa, ess' hôme caiu aqui", chamav' (...), chegô el[e] já 'tava 'caban'. E[le]s fala que é o venen' da cob[r]a, ah não, o...'tava coien' arroiz, foi foi um mo[r]deu, o cascavel pegô, pegô el[e] mem', mem' na, no, na mão. No braç'. Quand' el[e] viu, xipa³⁵⁶, e el[e] pelejô, e[le]s fizer' tanta coisa, hum é, nes[se tempo], [a]que[le]s [o]fíndida del[a], o benzedô, o benzedô era um um incima da ô...do oto, teve jeit' mes[mo] não. Aí e ele miorô, sarô, ficô bão, ficô mui' temp' bão, daí o, um dia el[e], num sei que que el[e] 'tava fazen' no arroiz, eu sei que el[e] muntuô. E[le]s fa...e[le]s fal' que é o, o venen' da cobra que ficô, foi in', foi, é su...que o venen' sobe, né. O venen' sobe e ataca o coração, chiii...Pode passá o tempo que fô (*risos*). Um dia vai morrê (*risos*).

³⁵⁵ Possivelmente uma redução de *intonce* ou *intom*, modo como *então* é também pronunciado na fala dos narradores.

³⁵⁶ Interjeição equivalente a "Nossa!" e, possivelmente, uma variação de *xape* e *xulipa*, bastante comuns na região.

23. O (...), o (...) fo...foi e...el[e], a cobra pegô ele, ele já ‘tava bão já, passô mui temp’el[e] ele bão aí um dia el[e] coien’ arroiz [ou]tra veiz, el[e] cortan’ arroiz do do, o tale cutelo é um ferro desse tamãe assim (*gestos*). El[e] cortan’ o arroiz, cortan’, quand’ é fé, é...junt[o] cum cuns otos cumpanhero, quan’ el[e] viu muntuô lá assim, ca...caiu po cima do, do do cutelo. Não, o venen’ da cob[r]a subiu e matô el[e] na hora. E e e[le]s fala, e[le]s fala que é o o, a cob[r]a que pegô el[e], num tratô direito, né? O venen’, ‘inda ficô o venen’. No corpo. O venen’ foi in’ foi el[e] subiu, foi no o...no no coração del[e] e pront’ ...Num secô nada. O...Sentia mais nada. Aí [fal]ô, aí...e[le]s, e[le]s fo...es[se] (...) que curô el[e] da, ufindid’ do co...da cobra foi quais[e] só quais[e] benzedô. O benzedô que [cuidou].

24. Nem o benzedô num deu conta, ago[ra] o benzedô, el[e] já era bão já, né, o benzedô falô: “Ah! Tá bão já” Aí el[e] fo...ficô, miorô, não, el[e], el[e] me[s]m’ falav’ [as]sim: “Não, num tô sintin’ nada mair não”. Ficô, né. Foi um dia...e[le]s fala que é o o, num num t[r]atô no méd[ico] nem nada. O venen’, ficô venen’ no no corpo, o venen’ foi atacan’ atacan’, subin’ subin’, quan[do] é fé, foi no coração del[e] foi pá (*onomatopéia de queda*). Caiu. É, ó, de dia, quan[do] vê ela, Deus ajudan’, num tem nada que, viu ela, ma[is] quan[do] num vê ela, ah! Quando é fé o...joga e[l]as incima do pé, jog’el[a] pu cima do pé e el[a] (*gestos*). Dá ãa murdidinha (*risos*). Eh! É custoso, viu? Er’ pirigoso.

25. O bicho do mato, ’cê cunhece o tatu? Pois é, o tatu é é ãa cumida das mió. É o tatu, o, o viado, a paca, to...tudo é bicho de de do mato p’a cumê. Tem ãa carne gostosa. Matava. E tinha, tinha muito. Que o bi...o pa...o o bicho que vem na porta, só o bicho pegadô de galinha, ago’ esses otos bicho manso num, num vêm na porta não. O bicho pega galinha é é, é bandêra, gambá, o o gato do mato, es[ses] tudo pega galinha.

26. El[e] é bicho, né? Ago[ra] carne do bicho que a gen[te] com’ é é o, é o tatu, o bandêra tamém tem...com’, o tatu, o bandêra, a paca, tudo é bicho de cumê (*risos*). Com’, quaiq...tatu com’ quai...qualqué tipe. Tem o... só num come o teba. O tatu teba el[e] é um tatu cascudo,

cabiludo e e e el[e] tem um chero rûim.[Não come] É é puque ele fede. O...tem o tatu teba, o tatu galinha, tatu teba, o tatu viado, um um... todas el[e] tem o...Um grande? É o teba.

27. Tem. É o...é o tatu galinha, não, o tatu galinha já falei. Tatu teba. Tatu viado. O viado é o mió. É porque ele é mais gostoso. A o...a o...[a]lém do tatu, puque mûta gen[te] com' munto bicho, né, [a]té que o bicho de cumê mes[mo] é é o, o tatu, o bandêra [ta]mém com' ma' mûta gent' num gosta não. E e, e o, a paca, a paca é o bicho ma[is] gostoso. A paca é igual um, ãa, ãa leitoa, um, um, marrão. E...el[a] é do mato. Parece [leitoa]. Tem e...e[la] tem [cabelo]o... ma[s] o cabelo dela jo...matá ela e fe[r]ve ãa água, ela é limpada cum cum água.

28. É. Mata ela e 'ruma e e móia el[a] bem d'água, água que...água quent', água feven', passa a faca, fica limpinha. E com[e], mema cois', mema cois', do do do da dũa do dũa leitoa, mema coisa. Passarim com' quais[e] tod' tipe. Eu cumia mais er' iambu. Iambu é um bichim, um passarim que, el[e] só só só com', só com' é arroiz, só. Arroiz, mii. O...o iambu é ãa beleza. Mata el[e] arrum', 'ruma el[e] bem pre...preparadim e e pod' cumê el[e] a...afogado, assado, frito. Ele é grande, el[e] dá grande assim. Tem um, um um...é, e e tem o, tem o iambu piquen' e o, o grand', o gran...o grand' é do tamãe dum frango.

29. É do mato tamém. Tem que ca[çar] (*risos*)... Ah! Num vem não [à porta da casa]. E el[e] é iscuero, marrom. O bico gran...grand' é é, é o...e e el[e] el[e], tem iambu grande e mai[s] piquen'. Ah! O bico del[e] é grande assim, desses maió assim (*gestos*), é um bicão. É, maió [que o bico de frango].

30. Oto passarim é é juriti, codorna, os o[to]s bicho ma[is] mair piquen'. O o maió é é jaó, o jaó é um bichão grand' danado assim (*gestos*). É bem maió [que o iambú]. O jaó tamém é gostoso! O jaó é é, qua[se] iscuero. É...não e el[e] é, el[e] é, o...el[e] é iscuero, bem iscuero. É...quar preto. É...mai[s] dá um bu³⁵⁷...el[e] é grand' pa caramba. Passarim do do do cam[po], e[le]s tem. Que o passarim do camp', de cumê, passarim do do camp' assim é é, a

³⁵⁷ Possivelmente redução de *butelo*, que no vernáculo catalano é usado para expressar tamanho grande.

juriti, a rulinha, o o iambú, tud' é do campo. Passarim bem maió só o o jaó. É. O jaó é grand'.

Um frangão danado.

31. Fruta eu cumia muito. Tem um...É, fruta de casa um, um tal, cumé que chama, é o...articum (*risos*). Articum é gostos[o]...[o articum]É de casa. É... no quin[tal] mai[s] e, esse é é, é que e[le]s pranta no no nos quintal, né? É um...ũa, ãa frutona assim ó (*gestos*). El[e] é tamãe do do, el[e] dá um butelão assim. Madurim! Ma[is] quan' el[e] madura fica dismanchan' assim. E...el[e] é cascudo. A casca del[e] pro fora é cascudo. Discasca ele assim (*gestos*). O o...é. Não, disca[sca] c'a unha merm'. [Des]cas[ca] c'a unha e...el[e] dá [a]que[le]s favão assim. [A]gora nós...e é gostoso que... É doce. El[e] é, el[e] é doce.

32. El[e] fica amarel' [quando amadurece]. É, quan' el[e] tá verde e e el[e] fica c'a cor verde, né? [A]go[ra] quand' el[e] madura, el[e] fica madurim, fic' vermeim. É, 'marelim. Ago[ra] as ota fruta é...qu'eu sei é...que pranta no, pranta merm', é prantad', né? É melancia, é o o o o é melancia, ôta, o o cum' é que chama...melancia...Ah! Bão [a]gor[a] os ot' jabuticaba, iss[o] é tud' fru[ta]...'cê cunhece jabuticaba, né? A jabu[ti]caba é, dá uns fruta redonda assim, ó (*gestos*). Até, aqui, tin[há] tem, tem pé. E ela, ela dá butelona assim (*gestos*), quan[do] el[a] madura, el[a] fica pretinha. E...doce que é ãa beleza. Tem gen[te] que chupa até, até enchê merm'. E el[a] num fai[z] mal. Aqui tem um pé aqui. É .

33. Hum. A fruta do mato tem, mai[s] tem muitas que é pirigosa. É a fruta do do mato que qu'eu sei é é guapeva. Não [não é perigosa], essa é boa, essa pode supá³⁵⁸, é a guapeugua e el[a] dá um leite. El[a] dá um leite e e e mais, e é vermeinha. El[a] é verminha, el[a] é amarela pur fora e vermeinha pur dent'. [A guapeva] Dá um leite. A hor' que mexe co'ela, el[a] tá ma...el[a] pode tá madu[ra] que el[a] sorta o leite. [Come] É a fruta dela. A a a semente.Ma[s] é gostosa que é ãa beleza.

³⁵⁸ Ocorre visível despalatalização da palavra *chupar*.

34. É é tem, só tem essa [fruta do mato]. Ago[ra] tem mais fru[ta]s mai[s] é fruta braba, né? Tem que sabê uai, pa num cumê (*risos*) É é, tem o, tem a, fru[ta] tem lober[a], ma[s] a lobera cumê el[a] e mo[rre]...e, e Nossa Sinhor[a]. E ela chera que é ãa beleza. Dá dá dá, dá dá peumunia, dá dá...Num po[de] cumê não. El[a] é mû...mui pirigosa. E ela chera que é, ó (*gestos*). Algũa arv'...

35. Tem, tem muita pranta do campo que é remedi'. Lemb[ro]. Tem ãa tal de de, come que chama, gen[te] isquec[e]. O...tem...ah essa, essa lobera tamém é é remedi'. O remé[dio] qu'eu num sei pra quê que é, né? Pa[re]ce que é par[a] dô de barriga, disando, el[a] serv'. Da rai[z], da rai[z], o...da da rai[z] tem o qu'eu sei é é fedegoso. O fedegos' é bão pa pa disand' [as]sim, é reméd' a...a e el[e] é é bão até pa, pa cabeça. É pa dô de cabeça, quarqué cois', que a...aqui tinha mais secô, sinão eu te mostrav' (*risos*).

36. A a raiz é...do do do mato é...o o qu'eu sei é é é é a lobera mesm'. Ah! Bão, pa fazê remédio eu num sei não. Mantega...Ah! Mantega que é boa é a capivara. A capivara é pa quem tem reumatism' no corpo. Essas coisa assim, né? Ago' quan[do] tá, que tá apertan' demais, isquenta bem a a mantega dela e passa aí. Da cobra, da da, da cobra tamém inda é, diz que é reméd'. Mais é um bicho pirigoso, né? (*risos*). É, a cobra é ela é, ela é dureza (*risos*).

37. A a...qu'eu tem mûta saudade é do, de de, de serviço ô quarqué coisa. Que, de serviço qu'eu tem saudade é quando eu, eu trabaiaava cum caminhão de crem'. É po caus' qu' er' era ãa vida, [as]sim ma...mais alegre, né? Só passiano, andan', né? Agor' de, o...de otas cois', que eu trabaiei muito, muita co[isa]...Ago[ra] de serviço qu'eu tem saudade é só de de tirá leite. Era bão, a o o, vaca, vacada boa de leite, né? A gente intertei que vira um trem. Ho[je] hoje eu num tô fazen' quais[e] nada (*risos*).

38. E tamém quai[se] num tô 'guentan', né? Es[se] negóc[io] sab', tirá leite, hoje eu num 'guento mais. É po ca[u]s[a] da coluna. Tem coluna. Ah! S'eu ficá, ficá aba...abaxad' [de]ma[is], que o leite tira é agachad', né? Quan[do] eu eu tirá logo logo a...a coluna dana

ardê que vira um trem. E tem que largá. (*risos*). De de, de de qu'eu lemb[ro] de tristez[a] eu lemb[ro] do, quand' qu'eu, eu trabaiei cum pião de boiadero tamém, né? Pião de boiadero eu tem sodade. É pu ca[u]s[a] de, é um, a um, er' alegre (*risos*). Nã[o] eu quai[se] num tem tristeza. A passagi' difici' da vida...

39. É é é essa de de de, de tristeza, de serviço, ieu lemb[ro] quan[do]...só só qua[do]' ieu, trabaiaiva co, cum, quan[do] eu ta...tabaiava na roça, de inxada. Foi ãa época difiçu. Foi mem'. E foi mõi tempo. A e...ieu ieu ieu, de, qu'eu [ar]repnd' é, a minha mãe tinha ca...cachorra. E a cachorra prduzia e e e cachorradinha, eu [ar]repnd' da, co[isa] eu fiz na minha vida, é tê matado os cachorrim novo assim, ó (*gestos*).

40. Uai, [matei porque] minha mãe mandava. Eu rependo, tadim, pegava o bichim lá assim, novim, is[so] eu rependo. É é puque o, não o, é o a cachorra ...pudia [ser] deiz, doze cachorrim, novo e e man...mandav' matá tudo. Ah! Batia [se não matasse] (*risos*). Ih! Er' ãa onça. Matava de purrete (*risos*). Eh! Tá doido. A única. Serviço qu'eu já fiz na minha vida que ô, que ô nm gostei foi isso. Que ô...matá o cachorrim eu .

41. É ô...ãa...foi ãa purção de veiz.(*risos*). E ô tinha, manda[va] matá. Não, não de...frango já matei matei frango, porco, vaca...Não, esse eu já ma[te]i 'cê sabe que que é? É pa cumê, ê[le]s fal[a] que é de cumê, Deus perdoa. É. O t[r]eim de de cumê é pa...Agor' é pecado é matá pa jugá fora. Agor' pa cumê, pode matá quarqué, to[do] dia. Já. Já vi mu[ito] falá já [em dia santo]. Guardava. O, o meu pai num dexava nós trabaiaã não. Ah! Puque el[e], el[e] num dexava e a minha mãe [ta]mém num dexava. É puque, é pi[ri]gos[o] 'contecê quarqué um, um azar quarqué na na...im casa. 'Conticia.

42. O um, foi um tii meu, foi um tii meu, é, foi es[se] negóc[i]o do do rapaiz c'a cob[ra] pegô. Ago' o o esse é...É é o, é o dia sant' que chamav' Senhor São Bento, o dia sant', né? Aí a, a minha tia que é que a minha minha minha tia er' casad[a] duas veiz. El[a] casô cum cum c'o, cum, daí el[e] morreu, el[a] casô co'esse oto. E el[e] munto inguinorante, né? "Ó, ô ô" Fal[ou]

a mãe, “num pod’, hoj’ num pode trabaiá não” “Ah! Pode uai, ara” El[e] muito aperta[do] de serviço, né? Foi tudo pu serviço. Levô tudo, os rapaiz, né? Que quan[do] minha vó minha vó casô e tev’ ãa purção de de fii c’um oto hôm’, né? Aí, essi (...) er’, er’ fii de, do ôto hôme, aí el[a] falô [as]sim: “É, hoje’ num pod’ não.” E...el[e]: “Pode.” El[e] inguinorante tamém, né? For[am] tud’ pa roça. Quan[do] foi no ôto dia, o cascavel lá, passô o laço no no rapaiz. Di[z] que o S’or São Bento é que liv[r]a nói[s] do do do bicho mal, né? Pegô com el[e] a gen[te] pod’ pisá inriba del[a] que num tem pirigo. Que el[e] liv[r]a o corpo da gent’, né? Agora inguino[rante], a inguinoranca del[e] o...el[e] falô e quan[do] foi noto dia, e[le]s coien’ arroiz o cascavel.

43. Num guardô. Se el[e] tives’ guardado [o dia santo], às veiz o, é o o S’or Sãoo Bento relevava o o bich’ del[e], né? E e ele num guardô não, inda foi na na brutalidade, né? Foi isso. É...el[e] falô bruto. Ah! Meu Deus...Foi um, ãa minina, ãa mocinha já. Num sei que aconteceu lá e a mãe del[a] falô [as]sim: “Ai ai ai! Tem buscá fulan’!”, e ela interteu com as ôtas e nes[se] temp’ já tinha alun’, né? Já tinha isco[la] tinha iscola, tinha tu[do] a a a mocinha invinha da iscola interteu um poquim lá com, c’as amiga dela, quand’ ela andô um poquim assim... Invinha da iscola e e ela interteu com...um poquim com a, com os o[utro]s aluno dela, dele, né? E ela interteu e aí cumeçô a iscurecê e e a mãe del[a] já incomodada. Foi inté cum daqui lá inriba assim, ó (*gestos*). E aí ela dispidu da das colega dela e aí el[a] mem’ contô qu’eu ieu ieu fui ubrigado carregá el[a] nas costa. Ela andô um poquim assim, aí já perdeu as vista. E e sentô lá num, na bêra da istrada lá, num barranco lá e e choran’, num ta...num tav’ inxergan’ nada. Aí ela, a mãe dela incomodô. “Ah! Mai[s] fulan’ tá cus[tando]...” Eu ta...tav’ trabaian’ com e[le]s, eu tav’, tav’ trabaian’ c’o c’o, lá com, com o marido dela mai[s] tav’ trabaian’ por dia, né? Aí e...el[a] falô, assim: “Seu (...)” E era cunhicição de[le]s lá, né? El[a]

falô [as]sim: “Sô ’cê³⁵⁹ mim [aju]dá buscá a a (...), até agora inda [não] chegô e eu eu tô incomodada co’ ela”. Aí ela pegô o rapaizim, já tava rapaizim já. Pegô, pegô a lanterna, rapô enriba, foi chegan’ perto [as]sim onde el[a] ‘tava, o rapaizim ligô a lanterna, el[a] sentada no barranco da istrada. E choran’. Num tava inxergan’ nada.

44. Daí ela, ela falô assim, a mãe dela chamô ela: “Ah! Mamãe, um bicho mim pegô aqui eu num tô inxergan’ nada” El[a] falô desse jeito pa pa mãe dela, né? Aí a mãe del[a] falô “Nossa!” A...aí a mãe del[a] falô: “(...)”, eu trabaiv’ pum ôto hôme prá lá assim, aí a mãe del[a] falô: “Ô (...), é o jeito é ocê ’judá levá ela l’im...lá prá casa que cê posa aí, cê num vai [em]bora hoje não, cê posa aí que, aqui tem mû...mûta mût’ cobrento. Cê posa l’em casa ’manhã cê vai” Aí assim eu fiz. Vortei, posei lá e o pai del[a] falô assim: “Ô ô (...) intão cê ’juda ela levá ela l’em casa, eu vô atrás dum carro agora pa levá e ela pa cidade. Levá, levá, levá el[a] agora” Que el[a] já tav’ perden...perden’ as vista, né? Aí eu fui, falei “O (...) po...pod’ pod’ tá sussegad’ eu ajudo arrumá tudo. Aí eu peguei ela, ieu e um irmãozim del[a], o irmãozim del[a] tav’ grandim assim já (*gestos*). Falei, falei “Ô, (...) cê mim ’juda pô el[a] nas costa, eu ca...levo el[a] nas costa” Joguei ela nas costa e istancô lá de cima aqui e inda, inda bem que era cabeça baxa³⁶⁰, né? E eu, e eu (*risos*) vim carregan’ ela. Falei “Eh! Dia[cho]³⁶¹...E ela, e ela craman’, el[a]...”

45. E e...el[a] diz que num sabe que que cobra que era. Foi [cobra que mordeu]. Que já tav’ iscuro, né? El[a] [fa]lô: “(...)”, eu só vi quan[do] eu pisei naquel’ trem macii e a ferruada no pé, na hora”. E e e ela ela fo...foi pa iscola, né? E...da vinda da escola que que o bicho ofendeu. Aí ela, ela, e ela e e o pai dela, o carro, e tinha ãa, tinha um carro pertim da da da casa dele, né? Mais era de mal com o hôme (*risos*) Pur is[so] qu’eu fal’, a ge’ p[r]icis[a] de

³⁵⁹ Bastante usual no vernáculo catalano é a expressão “Só você” com o sentido de “É preciso que você”. Deste modo, “Só” significa *precisar de, carecer de* frente a uma situação que parece de difícil ou custosa solução. Na narrativa quer dizer “Preciso que você me ajude”.

³⁶⁰ “Inda bem que era cabeça baxa” quer dizer que *felizmente era uma estrada morro abaixo, em declive* o que facilitava ao narrador carregar a menina nas costas.

³⁶¹ É, nos dizeres de Benveniste (1989), uma eufemia para *diabo*.

tud' nesse mundo, p[r]icis[a], p[r]icis[a] de todo mundo, até as criação. O carro pertim del[e] assim, cum[o] daqui lá assim (*gestos*), cum[o] daqui lá assim, ó (*gestos*) o carro lá pert' da casa del[e], ago[ra] foi p[r]icis[o] de i[r] num, atrás dum hôme, dum carro lá num, prá lá da da...

46. Ih! Nes[se] tempo [o povo ficava muito de mal], Nossinhora. Pu ca[usa]é, brigava demais, né? Bri...brigava, discutia, ficav' tud' de mal. Não [é como hoje]. Igual hoje, a amizade levantô³⁶², é ôta amizade, né? A...agor' nes[se] temp' quairqué coisinha, ficav' tud' de mal. Ficav' sintid' e e guardava aquil' na na cabeça, ficav' sintid' c'aquil' mõi mõi tempo. Ieu fiquei mais (*risos*) el[e] já, el[e] já foi³⁶³ tamém (*risos*). Da... daí daí nós voltô uns dia, logo eu sube que el[e] tinha murrido. Viu com'é que é? Mais era briguinha à toa...nóis foi no, nos tapa. Uai puque...é porque ele avançô nim mim, né? E e e ...à toa é, nós discutiu um pôco e ele avançô nim mim. El[e] 'vançô e...mim deu um tapa. E noisi...ái nós trançô. Aí o o...juntô gent' sepa[rar]...apartô. Que nes[se] temp' saía briga que nossa! Ah, é pu[r] ca[u]s[a] de serviç', coisa à toa. É puque nós trabaian' e el[e], eu num sei que que foi lá, el[e], [eu] tav' dexan' banha prá el[e]. Banha é resto de de de cerca que fica, né? “Ah! Cê tá dexan' banha prá mim seu co...” Eu falei: “Eu num tô dexan' banha não.” “Tá sim!” Aí por aí nós cumeçô discuti (*risos*). Não. Eu...ih! Eu qua[se] eu num era brigão. Quai[se] num era bri [gão] num era brigão, se...mûta co[Isa] qu'eu relevava, né? Que tem gen[te] que num re...num releva nada. Quarqué coisinha e[le]s tá, né? Eu não, eu relevava muita coisa!

47. [O povo] Brigava, ih! Brigava. Oh, ieu, ieu era minino, num num num mutirão o o hôm', e[le]s cumeçaro uma briga lá, e o hôm' rancô do revorve: tá tá tá no no no hôm', e o hôm' c'ũa c'ũa faquinha tamãe assim (*gestos*). O hôm' foi chegan', entran' entran' foi in[do] el[e] até, a hor', hor' que el[e] deu o derradero tiro o hôme levô ãa facada, esse que que que que 'tava atiran' tomô uma facada me[s]m[o] assim. Foi pá, el[e] já saiu de roda assim. E o o o o

³⁶² *Levantar amizade* quer dizer *fazer amizade*.

³⁶³ “*Já foi*” quer dizer “*já morreu*”.

que 'tava com o revolve inda iscapô, levô po, levô pa po hospital, pa cidade, tratô tratô inda iscapô. E o que levô a facada ficô lá mesm'. 'Cabô morren'. O hôme qui 'tava atiran', o oto chegô e pegô el[e] na faca. O que tava atiran' morreu (*risos*). Todo mundo junto e cumeç[ava] arruma ãa increnca ali. Tav' logo logo, a coisa 'tava sain'. Quaiqué coisa brigava. O povo era mai' inguinorante. Era sistemático.

48. Assim, trato assim. Tinha que vim. Ago[ra] só se fô, o trato, mai' nes[se] povo aí, mais certo, só se fosse um negoço. Um negoço assim ogente³⁶⁴, aí se num fosse e[le]s contav' pilera, mais o, a... Se se num fos', o negoc' fô ugente assim, um trato, né? Um trato certo, um negoc', ãa coisa, se num fosse o ôto iscutava pilera. É. Iscutav' pilera e é aonde saía a briga (*risos*). Não. Tinha sê negóc[i]o fi[r]m[e] mesm'. É...tem um trato severo. Tinha sê um trato severo. Era desse jeito. Ih!

49. Se...nes[se] tempo tinha mûta gente inguinorante. Ih! Só ven'. Trabaiava. Fui vaquero, tirá leite. O o qu'eu trabaiava mais na roça era, é... na roça mem', na na roça assim, era na inxada.

50. Eu eu tirava leite e de armoço pa tarde, de on[ze] de mei-dia pa ta[rde] de deiz hora pa, pa tarde traba[lhava]...tinha um bacião de cabo³⁶⁵ de cumida, des[se] tamãe assim, ó (*gestos*), ia batê lá na roça, levá levá cumê pus, levá bóia pos otos, pus otos cumpanhero, pos oto [que] 'tava lá trabaian' na inxada. Trabaian' pu pu patrão. Ieu que levav' [cumida]. Eu acabava de tirá o leite e batia um bacião de cumida, des[se] tamãe assim ó (*gestos*). Er' um um... Ah! Essa, essa bacia é, é bacia pa deiz, doze pião. Er' mu[i]ta cumida. Punha na cabeça e chispava, ia no pé. Era bem longe, era da...daqui lá, fazen[da] lá imbax'. Pegav' ela aqui ia levá lá no, lá, perto daquel[e] morro ali.

51. Era mais, mais dũa légua. Quai[se] duas. Tirad' no pé, com aquel[e] bacião de cumida na cabeça. Isquentava dimais. A o forrava um forro des[se] tamãe assim, ó (*gestos*), inda

³⁶⁴ “Ogente” é “urgente”.

³⁶⁵ Provavelmente o narrador refere-se à alça ou qualquer coisa na bacia que facilitava segurá-la

isquentava a cabeça. Ah! Levava mai' dũa hora, que era longe, né? Eu punha a bacia lá no chão lá assim, a pionada chegav' (*risos*). Tinha prato. Ia pionada de prato incima do, da bacia. Sigurav' bem sigurad' (*risos*). Ah! Tinha que sigu[rar] se num sigurá amuntuava tudo.

52. Se caísse tinha que fazê ôta (*risos*). É a ar muié lá da fazenda. Daí eu eu, e... a a inxada o o... o cumpanhero já levava ela cedo. Chegav' lá ieu, ieu garrav' na inxada até de tardinha. Só almoçava. E e e e da, daí levava, tinha ãa tal de merenda. A merenda é oto pião que levava (*risos*) É e...o o que é...o que apartava vaca. Punha um...a merenda, a merenda é poca coisa assim. Levav' nũa, nũa bacia e...É, era arroiz doce (*risos*).

53. É o...não, ôto, ôto dia quan[do] num tinha arroiz doce er' era biscoito. Biscoito, biscoito er' o, des[se] tamãe (*gestos*), inchia um bacião de cu[mida], biscoito [as]sim o povo cumia até. Até [a]ca[bar]...ah! E e o, ãa bulada de de leite adoçado cum biscoito. Era a merenda. Era forte...(*risos*). Aí chega[va] chegav' chegav' de tardica, já qua qua quai[se] de noite. Tinha largard' de tardinha, né? Aí tomava bãe, jantava ia, ia durmi. Ah! Ficava cansado, é o, é o, inxada num é brincadêra não. Ia a cava[lo], ia a pé. Ah! [Não andava a cavalo]É puque tirav' er', pu[r] ca[u]s[a] de pasto, né? Bicho ficav', o bichim ficav' amarrad' lá o di'intero, né? Agora ia, ia todo mundo a pé.

54. Batia pasto, tudo isso. Pinga fazia. Mai[s] lá er' os ôto pião. Só puxava a cana. Eu er' carrero tamém. É é é ieu, eu. O carrer' que é carro de boi. Canga os boi e põe no carro e vai buscá cana, buscá cana, lenha. Fui, mõi temp' [carrêro]. No muage de cana era seis mêis[es]. Sem pará. Ah o o tempo da da muage de cana é é nes[se] tempo. Tempo de seca, né? Não, que a roça, planta ela é no tempo do, da chuva, né?

55. O tempo da a a seca...O tempo da chuva é seis mêis[es], a seca seis mêis[es]. [Quando começa]A chuva? Setembr' em diante el[a] tá cumeçan'. [depois]Seis meis[es] de sol. É no no tempo do sol que faiz [muagem de cana]. Sol e frii. É é..., o sol e o frii. Que na, a muage de cana tem que fazê el[a] tod' je[ito] é nes[se] tempo. Que sinão vira um, vira um trem, num

dá conta não. Pur' ca[u]s[a] da chuva. Agor' na, nas água era inxada. Canavial, limpav', limpav' [a]quil[o] tudo na inxada. Trabai na fazenda [é] doido!

56. Nes[se] temp'?' Quai[se] num fazia frii. Hoje faiz mõi mais frii. Temp' de frii qua[se] quai[se] num tinha frii. É (*tosses*). É puque o...O temp' da chuva qua...quai[se] num tem frii, né? Ju...Junho, nesse mêis agora, junho, junho, julho, agosto tud' é temp' quente, né? Calor, ago[ra] quan[do] dá de, de, de agosto em diante já cumeça fazê é calor. Junho é é essi doi[s] me[ses] é o temp' mais frii. Caía até giada! Ho[je], nes[se] tempo caía giada!

57. Não...nes[e] temp' (*tosses*) faza frii faci' não. Só quan[do] caía giada. Mai' nes[se] temp' [ta]mém qua[se] num caía gia[da], que a giada já é já é, a giada é nes[se] tempo. Junho, Julho, que é tempo da giada. Ho...hoj[e] cai. Ma[s] a a giada nes[se] tempo era de de de des[se] mêis até, até setemb'. Agora, agora já, num cai, nes[se] tempo caía. Tin...tinha tempo que a giada ficava grossa assim, ó (*gestos*). Ah! Pegava c'a planta 'cabava tudo. A a, a a, a criação, o gado, tinha muns³⁶⁶ fazendero, fazia barraco pu[r] ca[usa] do, o gado, fazia barraco. Ga...Galinha, a galinha que o bicho já é, já é, já é já é, penoso, né? A pena sigura a giada. O pintim a muié fazia o barraquim pa giada num pegá e[le]s (*risos*).

58. Murria argum. Um pintim, às vez um outro ficava cum muito frii. Ah! aquele é, el[e] curria tudo pum lugá ma...mai[s], mais quente. Ah! Quan[do] fica (*risos*) durim é é é...tinha muitos que pegava os pintim novim, es[ses] que, es[ses] [fi]cava induri (*risos*) cido. Endurecia o corp' ficav' duro, levav' pa bêra do fogão, fogão de...fogão de lenha assim ó, imbrunhava bem imbrunhadim e punha na bêra do fogão, ele vortava. Fica friim. El[e] fica duro. El[e] fica intanguido. El[e] indure[ce] e...el[e] indurece o corpo. Fica, fica intanguido.

59. Que quan[do] tá o... o vi... o vivent' tá munto frii, ele in...intangue. O...intangui[r] é o frii. Fica duro, fica a...num mexe não! Se brincá morre. Levá po fugão, isquentá el[e] [de]vagazim até el[e] vortá o normal. A vaca? Não, o o gado num num fica [intanguido],

³⁶⁶ Quer dizer *muitos*.

pa[re]ce que é, natureza memo do do [animal], né? O po[r]co já, já é do frii mes[mo], né? O po[r]co, cê vê, o po[r]co é, num sai do brejo, essas coisa, né? Mai[s] o po[r]co quan[do] é ne[se] temp' mes[mo] e[le]s drome tudo muntuadim. Que um, um vivent' isquenta o ôto, né? E[le]s drome aque[le] [ti]pi assim (*risos e gestos*). O o cachorro, fica [intanguido].

60. Gen[te]. Ah! Tem gente que intangue. E fi[ca] c'o c'o, indurece o corpo. Se brincá nem mexe! Oh! ih! Fica, fica (*gestos*). De morrê nunca ví, mai[s], o o hôme, a pessoa, quaiqué um, quaiqué vi[vente] pessoa, intangue me[s]m[o] tem que 'rumá um agasai p'ele isquentá. Que e[le]s fala que o o, sinão o sangue indurece demais de frii, o sangue taia (*tosses*). O o sangue tai[a]...tai[a]³⁶⁷ e morre. Que o o sangue que ci[r]cula o coração, né? Ago[ra] se num...dexá dá, ficá rũi mem[o], o coração pára, pronto. Passav' fome. Eu, eu mem[o] cunheci um pessoalzim, coitado! Ih! Num, num, num, nũa nũa fraqueza lascada! Passava fome.

61. Trabaiv' mai[s] num, num ixempa, p[ar]ece que num sabia controlá, né? O hôme er' só (*gestos de beber*). Na, na pinga (*risos*). O hôme num num, num ia trabaia não, é, a vida dele era comp[r]á li...lit[r]o de pinga assim ó. Tinha os o o a a as fáb[r]ica de pinga, né? Comp[r]ava aquel[e] litrão assim (*gestos*), levav' prá casa. Ah! El[e] passava é a pinga, num é cumida não. Passava fome a fa...a famiia passava fome. É desse jeito. Uai, o, uai é essa duença, essa duença custosa, o tal de cãnçe, né? A minha mãe caiu nessa, né? No figo. Aí o dotori. Nóis internô ela no hospital, né? Lá im Goiana. Aí um dia o dotori, o médico lá do hospital falô [as]sim: “Chama os fii dela todim aqui. Chama e[le]s pa pa mim fa[lar], cunvesá co'e[le]s”.

62. Fui, Ah! A aí o, o, nóis foi, dinheiro nes[se] tempo er' custuso! Assim mem' Deus 'judô no...nóis inda inda tratô, que el[e], mandava dinhêro prá ela qua...quar todo mêis. Nóis tratam' dela, pelejan', pelejan'. Aí o...o médico do hospital chamô. E tinha cunhecido nos[so], nosso né? Ah! E[le]s é...oi...e[le]s é tanto o i[r]mão assim. “Fa[la] p'e[le]s vim todos aqui no

³⁶⁷ *Taiar* quer dizer *coalhar*, *coagular*.

hospital” Nó[is] foi. “Quer’ falá co’e[le]s” O o médico, né? Foi in’ nós chegô lá, sarvô³⁶⁸ ele, foi lá é, foi lá na cama dela. Foi vê el[a] tadinha, ’tav’ magrinha! Aí o médico falô sen[ta].... “Oh! Senta cêis todos aqui” Aí conversô com nói[s]. “Qual qual é o mai[s] véi?” “É esse aí”. Falô com el[e], falô c’o[u]t[r]o, falô c’o[u]t[r]o depois falô com todos. “Agora, s’ocêis tivé dinheiro prá, pa tratá da sua mãe, pode levá el[a], cêis pode levá ela pa quaiqué país do mundo. Nm tem jeito não.” Aí contô prá nós, né? “O o incôm[odo]³⁶⁹ dela é é é a, essa duença custosa. Num tem dinhêro, só Deus”. Aí o do...dotor [fa]lô assim: “Só Deus. Só o o nosso Pai lá do céu que, que dá jeito. Ele tem todo poder. Mai[s] o resto, dinheiro num tapa essa duença, num tapa nada”. Desse jeito. “Pode, pode gastá o que fô.” Nós tudo pob[r]e, né? Quê fazê, né? O do...o médico falô [as]sim ó: “Esse, esse incôm[odo] só aquel[e] que tá lá no céu, lá incima. Que ele tem todo poder”. Desse jeito. Falei “Eita!” Aí aí nós...Quê nós ía fazê, né? Nós tudo pob[r]e ta[balhando] ganhan’ dinhêro do do braço. Falô: “Intrega pa Deus”. Que o o me[lhor], logo o médico, o mió médi[co] de Goiana chamô nós lá no hospitali...

63. Num sabia, nós num sabia [que era essa doença]. El[a] ficav’, el[a] ficav’ no hospital. E...a minha i[r]mã, a minina, nes[se] tempo ela era minina ainda. A (...). A (...) ficava lá com e[la] com ela lá, diara[mente]...Arrumav’ algũa coisinha, el[a] num podia andá, né? A minina que...e tem as infermera tamém, né? As enfermêra que cuidava tudo! Ah! De primero er’ ãa tal. Ô [co]me que chama? É...tubeculos’. Tinha. Ih! Tinh...tinha demais. Fica...ficava, ficava pa...o corpo par[al]isado.

64. Num qua[se]...quair num [a]limentava... Tossia dimais...tosse era toda hora. Ah! Essa é o tal de...é a... inchado é é é du...é...[hi]d[r]upisia. Essa d[r]upisia é a pessoa dá el[a]. Só incha o corpo. Incha o corpo e vai atacan’ o corpo. Chamav’ du...[hi]d[r]upisia. Inchav’ o corpo tudo! Vai até morrê. Até...A duença que dá no coração qu’eu sei é é, é só, a duença no coração é...é é o tal batedera. É é batedera.

³⁶⁸ *Salvar é cumprimentar.*

³⁶⁹ *Incômodo* é uma eufemia, consoante diz Benveniste (1989), para *doença*. Neste fragmento narrativo, especificamente, significa *câncer*.

65. A batedêra é a pessoa fica c' o coração pulan', né? Num num po[de] fazê nada, tá cansado. Dá dá dá dá dá, dá coisa no no, na na cabeça. A...É a a, el[a] dá dá tuntura... Zunzura na na cabeça. Fica zon[za] a pessoa fica zonzim. É do coração. Ataca a cabeça. Ah! Morre. Ah! Desse é pôco prazo. Que ataca a cabeça e o coração, né?

66. Mai[s] é é puque o...a pessoa dava quaiqué cois', el[a] ia el[a] ia el[a] ia prucurá era um remedim de de horta, puque na im ho[rta] em horta, casa assim tem tem munto reméd[io] bão pa pa cortá quarqué do...doencinha, né? Agora e[le]s num tinha dinhêro pa gastá. Era cum o reméd' de horta. Reméd' margoso. [Remédio amargoso]É é bão po pu istôm[ago]. Bão pu istôm[ago] e bão bão pu pu coração tamém. Po po rim o o o po po rim eu cunheço é o tal de queb[r]a ped[r]a. É raiz, a raiz do do campo. Pa machucado é é...Qual? Agor' p[r]icis[a] sabê é o tempero dele.

67. Tem, pa machucad' tem tê cado³⁷⁰ que sinão em veiz daqui[lo] da daquel[e] machucado sará inflama mais (*risos*). O o o reméd[io] ma...reméd[io] machucado assim é é...que tem mõi remédi' pa machucado, né? Ago[ra] num tô lembran' nenhum. Ah! A vida tá mió. Tá mais alegre...tá mais fáci'. Que de primero num tinha, ficô mais fáci' até pa...Que de dia dia de primero num num tinha negóc[io] [a]posentadoria, né? Ago[ra] posenduria³⁷¹ é só pu gen[te] mais véi, já da idade mais alcançada, né?

68. Ah! Agora hoje o médic[o], o dotor já já á miorô muita coisa. Ih! Miorô dimais. Agora muns³⁷² aposentado aqui ah num tá na idade direito não mai[s] muitos arruma, né? (*risos*) Tô [mais fácil]. Prá mim tá mais fáci' que eu já, já arrumei na na idade fáci' né? Na idade. Que o, ah! Bão o, que ô³⁷³, quan[do] eu 'tav[a] arruman', era um, ãa moça que 'tav[a] arruman' esse negóc[io], né? Na leitura, tudo, fazen' os exam', tudo. Ai é, até um hôm' daqui que arrumô prá mim, né? Foi lá, falô co'a moça, a moça fa[lou] [as]sim "Traiz ele aqui". Aí eu fui, aí ô fui

³⁷⁰ Possivelmente o narrador disse *cuidado*, reduzido em *cado*.

³⁷¹ Redução de *aposentadoria*.

³⁷² É uma redução: muitos>mõis>mõns.

³⁷³ Monotongação de *eu*.

lá lá lá no no lá no onde el[a] tav', trabaiv'. Falô [as]sim, falô, feiz munto, munto exame lá cumigo, né? Deu tudo certo na ...natural. El[a] botô tudo certo. El[a] fica c'a gen[te] lá, cunvesan', né? E el[a] arrumô mui certo. Aí ela falô [as]sim pu pu hóm' arruman' prá mim, né? Falô [as]sim. "Pois é". El[e] chama (...) "Pois é seu (...), mai[s] prá mim arrumá esse causo prá ele aqui e[le] tem trazê o, trazê o certidão de nascimento del[e]". El[a] falô: "Tem trazê o certidão de nascimen...de nascimento del[e]. Sinão num [ar]rumo não. Num posso [ar]rumá". Aí o hóm' foi lá no, ond' eu fui, ond'eu batizei, né? Arrumô lá tudo. [Ar]rumô o o documento 'tava lá o o aí el[e] arrumô tudo lá, já vêi co el[e], intregô prá ela. Ela oiô oiô oiô... "Tá certo, a ida' del[e], ah! bõ, ago[ra] dá pa arrumá. El[e] já tá c'a idade completa" (*risos*).

69. Ah! Se se tivesse quaiqué coisa errado num tinha arrumad' não. E muitos aí tá arruman'. A' vez gent' sabe que e[le]s num tem aquela idade e tá arruman'. Só se é ôto, né? É. E a vez [a]té tem idade. É, num mostra idade (*risos*). É é (*risos*). E...ela achô qu'eu 'tava novo ainda, né? Ela achô. Ela achô que ô, achô que ô, que ô tinha um duns, uns uns setenta, oitenta prá lá. E...ieu ieu nem num num sei quan[do] eu arrumei, a idade. Ah aí o, que ela falô assim, aí o o (...) mostrô el[a] fa[lou] [as]sim: "É esse aí?" Eu falei: "É". Ela fa...oiô, leu meus documento tudo, né? Ela oiô oiô oiô oiô, leu um pur um pur um. Assim mem' el[a] inda duvidô (*risos*).

70. É. El[a] acho qu'eu 'tav[a] mui novo. Que el[a] falô assim. "É, mai[s] prá mim arrumá tem pi[di] que o certidão de nascimento garante merm', né?" É tem tudo sê, tudo no document', né? Aí el[a] falô [as]sim. "É, mai[s]". El[a] falô: "Não, se...se tu...tuché³⁷⁴ o, o ce[r]tidão de nascimento del[e] eu 'rumo. Ago[ra] se num truxé eu num posso arrumá não". Fica c'a vida tranqüila. Aí ela, ela falô: "Ah! Bõ ago[ra] tá certo". Aí ó pocos dia saiu (*risos*) Ah bõ, pa gen[te] queb[r]á um gáí e el[a] tá bõ demais. Iche!

³⁷⁴ Variação de *trouxe*.

71. De primero que era que era poquim, né? Ago[ra] o preside[n]te, o governo aumentô mais, né? Tá mais. Agora (*risos*) agora as fêria duzentos quarenta. Ieu veiz im quand' eu comp[r]o [remédio]. Comprá prá mim levá minha vida mais tranqüilo, né?. Tomo reméd[io], comp[r]o o remédio, comp[ro] muita coisa, fortificante, né? Tom[o] fortificante pa, assim pa (*gestos acenando para os pulmões*). Veiz em quando eu tomo. Ago[ra] miorô. Tá bem mió [a vida].

72. Os amigo, tem ot[os] de novo. Tá tudo mió. O tempo assim miorô, né? A fraqueza que era de primero miorô. (*Risos*) Ah! Eu quiria é é boa vida, né? Boa vida, num num tê increnca cum ninguém, né? Increnca eu num tem merm[o]. Que ieu ieu ieu, ieu num gosto de de rilia, trato trato todo mundo bem, né. Num abuso de seu ninguém. É des[se] jeito que, o que fai[z] o que fai[z] a increnca é o gen[te] querê sê mais que o oto, né? Abusá. É ieu sô des[se], trato tod' mundo bem. Até o até o minin', eu respeito todo mundo.

73. E e mais é boa vivença com to[do] mundo. Todo mundo mem'. Ah! Bão, que riqueza riqueza ninguém arruma is[so] is[so] fáci mair não. Agora eu quiria tê boa vida, amizade com todo mundo. Amizade eu tem, né? E vivê assim mai[s] sussegado, né? A boa vida é a pessoa andá despreocupado, né? Sadii. Graças a Deus, primero a saúde. A saúde é que vale o o nosso tempo todim. A pessoa [es]tan[do] [es]tan[do] cum saúde, pidi a Deus pa dá saúde, que ieu eu eu semp[re], eu sof[ro] algũa dô de cabeça, alguma coisa, né? Mai[s] vai passan', né? E gripe. Essa gripe de[sde] d'eu novo nunca mim largô. Eh! Tá doido. Num larga. El[a] vai...Arrumá ãa namorada (*risos*)boa, né [a gripe].

74. Não, mai[s] inda tá cedo ainda. Foi jóia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O propósito deste estudo foi apresentar considerações a respeito das relações estabelecidas entre o léxico e a cultura, em um uso específico da língua portuguesa, o vernáculo catalano. Para tal, propusemos como material de análise onze narrativas orais, de natureza pessoal, de homens e mulheres que tenham nascido e vivido no município ou, quando nascidos em outra localidade, que tenham vivido na região estudada desde criança.

Escolhemos senhores e senhoras que preferencialmente representem a cultura roceira catalana. A escolha de sujeitos de pesquisa com este perfil justificou-se, conforme a Introdução, por intentarmos registrar em velhos falares rastros da cultura e do léxico regional.

Os fragmentos narrativos que compõem o *corpus* constituíram-se como material de estudo a partir da seleção, dentre do universo dos possíveis narradores, daqueles que além de terem vivido ou ainda viverem nas roças delas sobreviveram ou sobrevivem material e culturalmente. Queremos dizer, pois, que os sujeitos-narradores são pessoas que enunciam saberes da vida na roça mais que apenas fatos relacionados à lida em roçados, engenhos, mutirões e treições, tecelagens, fabrico de remédios caseiros etc. Relatar acontecimentos ditos rurais ou roceiros não torna roceira uma pessoa. É preciso narrá-los com as nuances das sabedorias que se transmitem sem a força de conselhos ou ensinamentos impostos e esta é a característica dos narradores selecionados: senhores e senhoras que, sabedores da vida roceira, contam suas memórias com a fluência de quem não se preocupa em ensinar, mas que, ainda assim, sobretudo ensina.

Desta forma, ouvir as narrativas, registrá-las, transcrevê-las e selecionar seus fragmentos para o *corpus* e análise pareceu-nos o meio mais seguro de atingir esta sabedoria e estas memórias. Certamente este momento de nosso estudo, com as intensidades que a pesquisa de campo comporta, apontou-nos quão multidisciplinar figurariam nossas análises

porque o nosso objeto constituía-se múltiplo e vário, mas uno e delimitado, porque se fazia principalmente como elemento de cultura.

A pesquisa demonstrou que nossa hipótese de que os sujeitos-narradores carregam consigo usos lexicais que apontam para práticas de cultura hoje em desuso ou em vias de desaparecimento só se legitima a partir da perspectiva que toma língua, cultura e memória como indissociáveis na história de um povo e na constituição de uma língua. Da inter-relação com as práticas culturais, formas lingüísticas, notadamente léxicas, em possível processo de arcaização, estabelecem um *continuum* no vernáculo estudado.

Os traços de uma cultura prestes a não resistir, seja pelo perfil etário dos sujeitos da pesquisa, seja porque muitas práticas culturais que sustentam o léxico estão em vias de desaparecimento ou total desenraizamento, encontram, porém, na memória sua estratégia de manutenção e expressão.

As memórias enunciadas, com a particularidade da coleta para pesquisa, apontaram a pertença lingüística e cultural da vida rural ou roceira na região de Catalão. As histórias, os signos, as lembranças, as experiências são muito semelhantes em todas as narrativas. O uso lexical, assim, como serve a semelhante modo de viver dos narradores, é recorrentemente semelhante, como se nota nos fragmentos, salvo estilos pessoais.

A partir de leituras em História Cultural, Antropologia e Lingüística discutimos como as memórias destes sujeitos, historicizadas e expressas lingüisticamente é, sobretudo, cultura. Uma vez enunciadas, ganham coletividade e se fazem, assim, raízes, para as práticas culturais que configuram. As memórias, porém, não são abstratas, uma vez que se fazem historicamente: manifestam-se em objetos e em usos lingüísticos diversos etc.

Neste sentido, buscamos entender como nas memórias destes senhores e senhoras foram elaboradas suas práticas culturais e, principalmente, como no plano léxico esta relação se estabelece. Entendemos que a oralidade que sustenta estas memórias demanda uso coletivo

da língua para que permaneça como saber que se aprende e que se ensina porque se reinventa cotidianamente. É nas ações coletivas para sobreviver moral, física e espiritualmente que os sujeitos reforçam seus laços sociais e seus usos lingüísticos sistematicamente.

No tocante aos dados inventariados no esboço de um sistema de conceitos nas narrativas, observou-se que há maior quantidade de signos para conceitos concernentes a atividades mais presentes na vida social dos narradores. Dos mil quinhentos e setenta e quatro (1574) signos esboçados, os que dizem respeito ao homem como ser físico e como ser social tiveram maior ocorrência e foram mais recorrentes³⁷⁵. Assim, doenças, alimentação, instrumentos e ferramentas de trabalho, crenças e religião, juntamente com plantações e animais elencaram a maioria dos signos e os mais freqüentes dentre todo o universo de conceitos esboçado.

Os trinta e seis signos que constituem o sistema de conceitos de *ciência e técnica*, por exemplo, em certa medida, sugerem que o universo cultural dos narradores se organize em um modelo anterior à ciência e à técnica tal como a conhecemos.

Outro aspecto relevante que aponta uma coletividade de memórias e uma identidade lexical é a não dissonância em relação a temas das narrativas. Ao abordarem em suas histórias *crenças e religião*, por exemplo, todos, inclusive os de prática religiosa diferente como evangélicos, se valeram de signos como *dia santo, reza, benzer* porque, provavelmente, ainda que não estivessem narrando as suas crenças e as suas religiões os conceitos enunciados apontam para práticas religiosas comuns ao universo dos narradores. Nota-se que entendemos que o narrador não narra apenas suas memórias pessoalmente

³⁷⁵ O sistema de conceitos esboçado para as narrativas inventariou 358 signos para *O Universo*, sobressaindo-se destes os conceitos de plantações (111 signos) e animais (150 signos); 957 para *O Homem*, sobressaindo-se doenças (98 signos), alimentação (89) para o campo *O Homem enquanto ser físico*; moral (39) e sentimentos (24) para o campo *A alma e o intelecto*; diversão e lazer (52), profissões e ocupações diversas (66) e instrumentos e ferramentas (88) no campo *O Homem com ser social* e crenças e religiões (86) no campo *A organização social*. A terceira parte do sistema de conceitos, *O Homem e o Universo*, elencou 259 signos destacando-se os campos espaço (39), tempo (46) e A ciência e a técnica (36).

vividas, mas o coletivo mnemônico que conhece e que, por conhecer, torna-se também seu saber.

Como se vê, teoricamente este trabalho foi sustentado por conceitos como *narrativa, narrador, memória, vernáculo, léxico, cultura e história*. O que se tentou na I Parte foi recortar diversos estudos sobre estes temas e, então, agrupar contribuições que nos possibilitassem compreender o vasto material de que dispusemos. Na II Parte, focalizamos a discussão para o arranjo lexical no *corpus*, a partir de uma incursão pelas teorias de Hallig e Wartburg (1963) e Coseriu (1977).

A língua como sistema, herança estruturalista de Saussure, é o princípio destas teorias. Há uma lógica no modo como a língua se organiza e que a estrutura e faz possível sua sistematicidade. Esta lógica se estabelece a partir da lógica da organização e da percepção do homem no mundo e, assim, tece o modo como o homem organiza e percebe seu mundo e seu uso da linguagem. Não há caos no modo de o homem perceber e nomear as coisas. O universo e seus elementos (céu e atmosfera, terra, plantas e animais) são comuns a todos os povos, mas o modo de percebê-los física e socialmente é particular. Os conceitos fluidos, isto é, particulares a cada cultura, respondem pelos usos léxicos particulares ou de matizes semânticas diferenciadas como ocorre com os signos *companheiro* e *treição*.

Retirados do contexto narrativo e das práticas de cultura que os sustentam podem ser entendidos sem as nuances específicas de *a pessoa que trabalha com o roceiro e com quem se mantém relações de compadre, parente ou amigo*, diferentemente de *a pessoa que trabalha para o roceiro* (o peão). Ou, no caso de *treição*, ser visto apenas como corruptela de traição e, daí, ser entendida como o ato de trair alguém, ao contrário de *a prática de solidariedade de trabalho em que trabalhadores, em surpresa, saem de madrugada em direção à casa de um amigo que precise com urgência de findar um trabalho; ao término do dia inteiro de trabalho coletivo e solidário segue, geralmente, animado baile*.

Tais conceitos fluidos dizem respeito a práticas específicas de cultura e se inter-relacionam com outros no sistema maior de conceitos. *Treição* e *companheiro* são signos não particulares ao vernáculo estudado, mas com esta significação dizem respeito a práticas de cultura tais como consideradas, sejam da região estudada ou não. Desta perspectiva, o uso léxico é matizado não pela localização geográfica do falante, mas, sobretudo, pela sua identidade cultural ou seu *lugar historicamente* tecido nas interações sociais.

Os fragmentos narrativos que compõem a III Parte objetivam compor um quadro da vida dos narradores. Ali estão mais que histórias individuais. Neles, registra-se o que Benjamin (1985) chamou de a experiência de vida que ensina, que instrui sem a formalidade do conselho e da ordem. Esperou-se que estas narrativas em fragmentos permitissem reconstituir o universo cultural do qual o quadro léxico sucintamente levantado é expressão.

Ante a relativa escassez de estudos e divulgação de pesquisas sobre léxico com enfoque regional, e apesar do muito que se poderia pesquisar a partir do *corpus* que apresentamos, acreditamos que nosso estudo possa servir àqueles que porventura desejem se aventurar na tarefa de estudos regionais do léxico, sob a perspectiva de que a relação entre o léxico e a cultura há de ser sempre inconteste, porém não tão facilmente delimitada. E esta relação há, ainda, de ser sempre histórica e formalmente estruturada, pois é, sobretudo, lingüística, de representação do mundo pelo Homem e de interação deste com o mundo e seus semelhantes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALENCASTRE, J. M. P. **Anais da Província de Goiás**. Goiânia: SUDECO, 1979.
- ALMEIDA, J. E. www.fogãoalenha.com.br: a influência da urbanização na fala de informantes rurais. 2004. Tese (Doutorado em Lingüística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2004.
- AMARAL, A. **O dialeto caipira**. 3. ed. São Paulo: Hucitec-SCET-CEC, 1976.
- ARRUDA, G. **Cidades e sertões** – entre a história e a memória. Bauru: EDUSC, 2000.
- ASSUMPÇÃO JR, A. P. **Dinâmica léxica portuguesa**. Rio de Janeiro: Presença, 1986.
- BAKHTIN, M. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento**: o contexto de François Rabelais. 3. ed. São Paulo: Hucitec; Brasília: Edunb, 1996.
- BENJAMIN, W. O narrador. In: _____. **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 197-221.
- BENVENISTE, E. Léxico e Cultura. In: _____. **Problemas de Lingüística Geral II**. Campinas: Pontes, 1989. p. 245-287.
- BHABHA, H. K. **O local da cultura**. 2. reimp. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.
- BIDERMAN, M. T. C. **Teoria lingüística**: (teoria lexical e lingüística computacional). 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- BOSI, A. **Cultura brasileira** - temas e situações. São Paulo: Ática, 1987.
- _____. Plural, mas não caótico. In: _____. **Cultura brasileira** - temas e situações. São Paulo: Ática, 1987. p. 7-15.
- _____. **Dialética da colonização**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- BOSI, E. Cultura e desenraizamento. In: BOSI, A. **Cultura brasileira** - temas e situações. São Paulo: Ática, 1987. p. 16-41.
- BOSI, E. **O tempo vivo da memória**: ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- BRANDÃO, C. R. Sobre a tradicionalidade rural que há em nós. In: OLIVEIRA, A. U. e MARQUES, M. I. M. (orgs.). **O campo no século XXI**: território de vida, de luta e de construção da justiça social. São Paulo: Casa Amarela e Paz e Terra, 2004. p. 121-131.
- _____. GONZALÉZ, J. L. e IRARRÁZAVAL, D. **Catolicismo popular**: história, cultura, teologia: tomo III. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.
- BRASIL, A. **Pela História de Goiás**. Introdução, Seleção e Notas de Humberto Crispim Borges. Goiânia: Ed. UFG, 1980.

BUENO, F. da S. **Estudos de Filologia Portuguesa**. 2. ed., v.1. São Paulo: Saraiva, 1954.

CÂMARA Jr, J. M. Línguas européias de ultramar: o português do Brasil. [1965]. In: UCHÔA, C. E. F. (Org.). **Dispersos de J. Mattoso Câmara Jr**. 9. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004. p. 113-126.

_____. Língua e cultura. [1955]. In: UCHÔA, C. E. F. (Org.). **Dispersos de J. Mattoso Câmara Jr**. 9. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004. p. 287-293.

_____. **Manual de expressão oral & escrita**. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

_____. **Problemas de Lingüística Descritiva**. 17. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

_____. **História e estrutura da língua portuguesa**. 4. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1985.

CASTILHO, C. M. M. Seria quatrocentista o português implantado no Brasil? Estruturas sintáticas duplicadas em textos portugueses do século XV. In: MATTOS e SILVA, R. V. (org.). **Para a história o português brasileiro**. v. II, tomo I - Primeiros estudos. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP: FAPESP, 2001. p. 57-89.

CERTEAU, M. **A cultura no plural**. 2. ed. Campinas-SP: Papirus, 2001.

_____. **A invenção do cotidiano**. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

CHAUL, N. F. **Caminhos de Goiás** - da construção da decadência aos limites da modernidade. Goiânia: Ed.UCG/Ed.UFG, 1997.

CINTRA, G. Filologia Bandeirante: registro de entrevistas. In: MEGALE, H. (org.) **Filologia Bandeirante** - estudos. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2000. p. 163-169.

COELHO, Braz José. **Peonagem e Cabroeira**. Goiânia: Editora Oriente, 1971.

COHEN, M. A. A. M. *et al.* Filologia bandeirante. In: **Filologia e lingüística portuguesa 1**. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 1997. p. 79-94.

COSERIU, E. **Principios de semántica estructural**. Madrid: Gredos, 1977

DAVIDOFF, C. **Bandeirantismo: verso e reverso**. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 1998.

ELIS, B. **O tronco**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1974.

FERREIRA, A. B. H. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. 2. ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

_____. **Novo Dicionário Eletrônico Aurélio versão 5.0**. Positivo Informática, 2004.

FERREIRA, J. P. Cultura e memória. In **Revista USP**. São Paulo, n. 24, p. 115-120, dez./jan./fev./1994.

FIGUEIREDO, C. de. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. 6. ed. Lisboa: W.M.Jackson Inc; Rio de Janeiro: Livraria Bertrand, 1925.

FIORIN, J. L. Considerações em torno do projeto de lei de defesa, proteção, promoção e uso do idioma apresentado à Câmara dos Deputados pelo deputado Aldo Rebelo. **Boletim da ABRALIN**, Brasília, v. 25, p. 107-119, s/d.

GAGNEBIN, J. M. Memória, história, testemunho. In BRESCIANI, S. e NAXARA, M. (orgs.). **Memória e (res)sentimento**: indagações sobre uma questão sensível. Campinas-SP: Editora da UNICAMP, 2001. p. 85-94.

GEERTZ, C. **O saber local**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

GOMEZ, L. P., CHAUL, N. F. e BARBOSA, J. C. **História política de Catalão** (Coleção Documentos Goianos, n. 26). Goiânia: Editora UFG, 1994.

HALLIG, R. e WARTBURG, W. von. **Begriffssystem als grundlage für die Lexikographie**; Versuch eines Ordnungsschemas. 2. Neu bearbeitete und erweiterte Auflage. / *Système Raisonné des Concepts pour Servir de Base à la Lexicographie. Essai d'un schéma de classement*. 2^{ème}. Édition recomposée et augmentée. Berlin, Akademie-Verlag, 1963. Berlin: Akademie Verlag, 1963.

HOUAISS, A. e VILLAR, M. de S. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

HALLIDAY, M. A. K. **El lenguaje como semiótica social**. [1978]. Colômbia: Fondo de Cultura Económica, 1994.

ISQUERDO, A. N. **O fato lingüístico como recorte da realidade sócio-cultural**. 1996. Tese (Doutorado em Lingüística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 1996.

LABOV, W. **Modelos sociolingüísticos**. Madrid: Ediciones Cátedra, 1983.

LANTERNARI, V. **As religiões dos oprimidos**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

LE GOFF, J. Memória. In _____. **História e memória**. 5. ed. Campinas-SP: Editora da UNICAMP, 2003, p. 419-476.

LIMA, V. B. **Os caminhos da urbanização/mineração em Goiás: o estudo de Catalão (1970-2000)**. 2003. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2003.

LOPES, R. J. A língua dos bandeirantes. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 10 mar. 2002. Caderno Mais!, p. 20-21.

LUCCHESI, D. As duas grandes vertentes da história sociolingüística do Brasil. In **D.E.L.T.A.** São Paulo, 17: 1, 2001. p. 97-130.

MACHADO, M. C. T. Cultura popular: um contínuo refazer de práticas e representações. In: PATRIOTA, R. e RAMOS, A. F. (orgs.). **História e cultura**: espaços plurais. Uberlândia-MG: Aspectus, 2002. p. 335-345.

MARQUES, M.I. M. Lugar do modo de vida tradicional na modernidade. In: OLIVEIRA, A. U. e MARQUES, M.I. M. (orgs.). **O campo no século XXI**: território de vida, de luta e de construção da justiça social. São Paulo: Casa Amarela e Paz e Terra, 2004. p.145-158.

MARTINS, J. S. **Capitalismo e Tradicionalismo** - estudo sobre as contradições da sociedade agrária no Brasil. São Paulo: Pioneira, 1975.

MEGALE, H. e TOLEDO NETO, S. A. Traços de língua antiga conservados nas trilhas das bandeiras. In: DIETRICH, W e NOLL, V. (orgs.). **O Português do Brasil** – perspectivas da pesquisa atual. Frankfurt/Madrid: Iberoamericana/Vervuert, 2004. p. 27-54.

MELO, G. C. de. **A língua do Brasil**. Rio de Janeiro: Agir, 1946.

MEMMI, A. **Retrato do colonizado precedido do retrato do colonizador**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

MESQUITA, H. A. **A modernização da agricultura**. um caso em Catalão (Goiás). 1993. Dissertação (Mestrado em História das Sociedades Agrárias) – Instituto de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 1993.

OLIVEIRA, E. R. **O que é benzeção**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

OLIVEIRA, M. Relevância dos estudos genealógicos para a caracterização sócio-histórica da língua falada na trilha das bandeiras. In: MEGALE, H. (org.) **Filologia Bandeirante** - estudos. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2000. p. 49-64.

ORTIZ, R. **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

PALACÍN, L., GARCIA, L. F & AMADO, J. **História de Goiás em Documentos- I- Colônia**. Goiânia: Ed.UFG, 1995.

PALACÍN, L. & MORAES, M. A. S. A. **História de Goiás (1722-1972)**. 6. ed. Goiânia: Ed. UCG, 1994.

PAULA, M. H. Traços de conservação no português falado no Brasil: um estudo de manuscrito bandeirante e de narrativa oral contemporânea. In **Linguagem** – Estudos e Pesquisas. Catalão: Curso de Letras da UFG. v. 6-7, p. 129-153, dez. 2005.

POHL, J. E. **Viagem ao interior do Brasil**. v. 1 e 2. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde/INL, 1951.

PRETI, D. (org.) **Fala e escrita em questão**. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2000.

RAMILO, M. C. e FREITAS, T. Transcrição ortográfica de textos orais: problemas e perspectivas. In **Língua portuguesa**: estruturas, usos e contrastes. (Volume comemorativo dos 25 anos do Centro de Lingüística da Universidade do Porto). CLUP: Porto, 2001.

Disponível em: <<http://www.iltec.pt/pdf/wpapers/2001-redip-transcricao.pdf>>. Acesso em: 20 mai. 2006.

REVISTA PESQUISA. **O horizonte da língua bandeirante**. 72. ed. São Paulo: Fapesp, 02/02. Disponível em: <<http://www.revistapesquisa.fapesp.br>>. Acesso em: 26 nov. 2003.

ROSA, J. G. **Grande sertão: veredas**. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

SAINT-HILAIRE, A. **Viagem à Província de Goiás**. São Paulo: Itatiaia/Edusp, 1975.

SANTOS, M. P. **O campo reinventado**: transformações da cultura popular rural no sudeste goiano (1950-1990). 2001. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia-MG, 2001.

SAPIR, E. **Linguística como ciência**. [1921]. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1969.

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. 20. ed. São Paulo: Cultrix, 1995.

_____. **Escritos de Linguística Geral**. (Organizados e editados por S. Bouquet e R. Engler). São Paulo: Cultrix, 2004.

SEIXAS, J. A. Percursos de memórias em terras de história: problemáticas atuais. In BRESCIANI, S. e NAXARA, M. (orgs.). **Memória e (res)sentimento**: indagações sobre uma questão sensível. Campinas-SP: Editora da UNICAMP, 2001. p. 37-58.

SILVA, A. M. **Diccionario da Língua Portuguesa**. Fac-símile da 2. ed. (1813). Rio de Janeiro, 1922, 2 tomos.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1990.

TAUNAY, V. **Goyaz**. São Paulo: Editora Cia Melhoramentos de São Paulo, 1931.

VICENTE, G. **Obras completas**. Prefácio e notas de Marques Braga. I. 2. ed. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1951.

ZAMBONIM, D. J. **Léxico específico e cultura regional** – um exemplo amazônico. São Paulo: USP (Tese de Doutorado), 1987.

APÊNDICE – Termo de ciência e autorização das narrativas gravadas

TERMO DE CIÊNCIA E AUTORIZAÇÃO

Eu, _____, portador do RG/CPF _____, natural de _____ e morador em _____, município de Catalão-GO, declaro estar ciente dos fins de pesquisa e estudo lingüísticos da entrevista por mim concedida à Profª Maria Helena de Paula, no dia ____ de _____ de 200__ neste município. Autorizo, ainda o uso para a pesquisa "Rastros de Velhos Falares - Léxico e Cultura em Formas Arcaicas no Vernáculo Catalano" e outras dela decorrentes bem como apresentar resultados, escrita e/ou oralmente, em eventos acadêmico-científicos nacionais e internacionais, além de publicações em artigos, teses, livros.

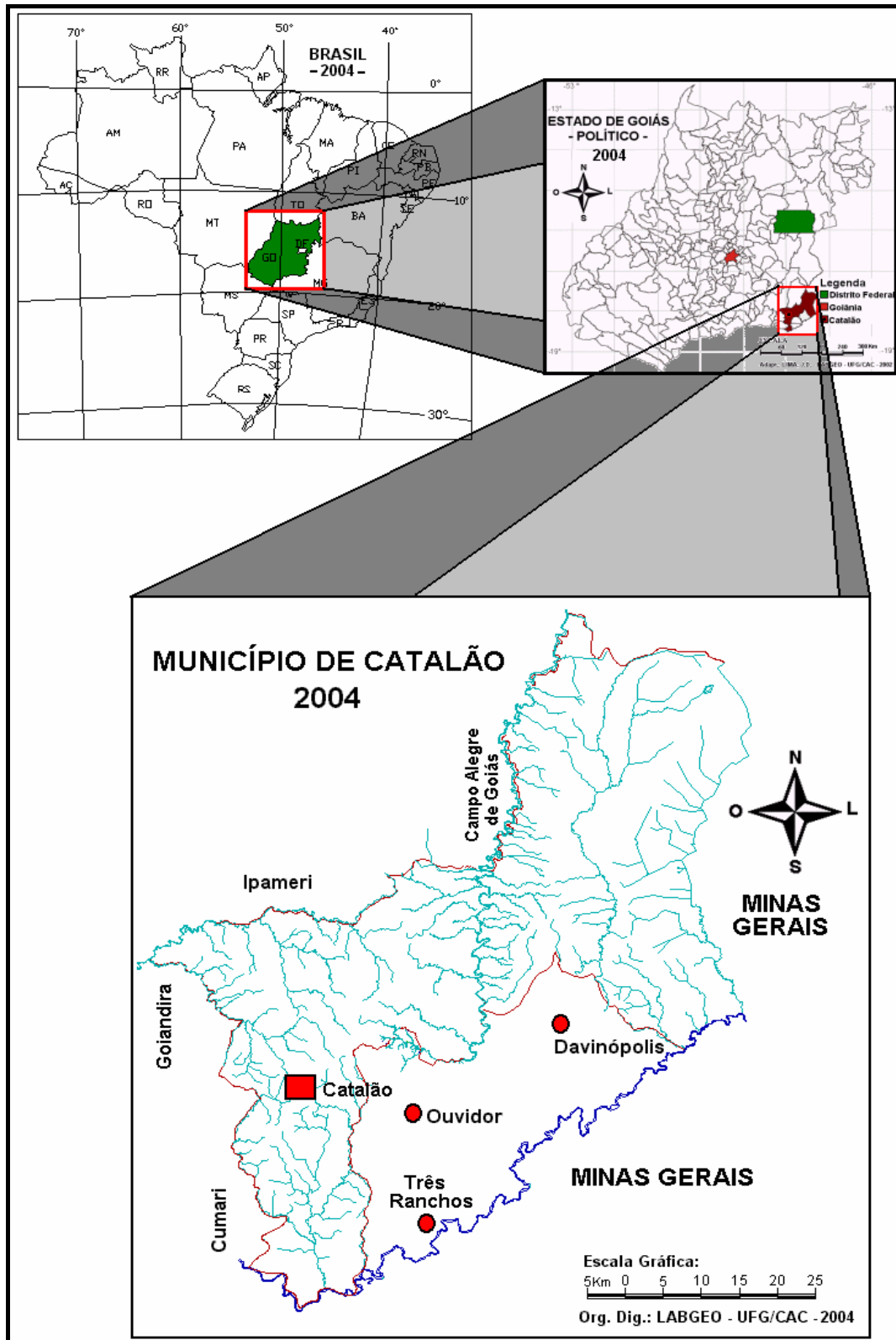
Declaro-me ciente de que o uso exclusivo com fins acadêmicos e científicos desta entrevista fará eticamente ocultar nomes de pessoas (inclusive iniciais), localidades ou qualquer outro dado que possa constranger a mim ou a outros por mim citados em uma possível publicação parcial ou total da entrevista gravada.

Nestes termos, *dou ciência e autorizo* o uso da entrevista por mim concedida à Srª Profª Maria Helena de Paula.

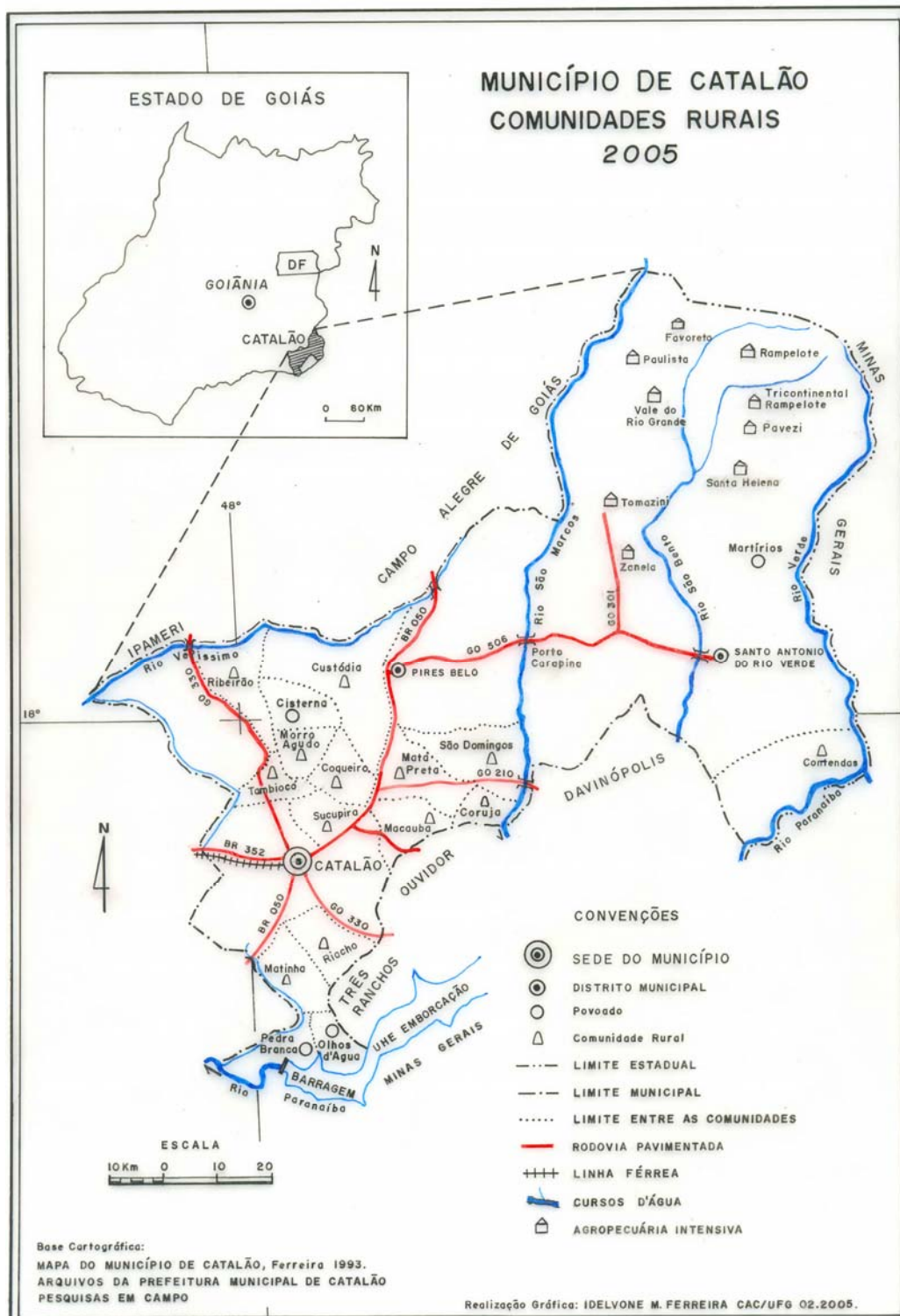
Catalão, ____ de _____ de 200__.

Nome do/a entrevistado/a

ANEXO A - Mapa da Localização do Município de Catalão/GO.

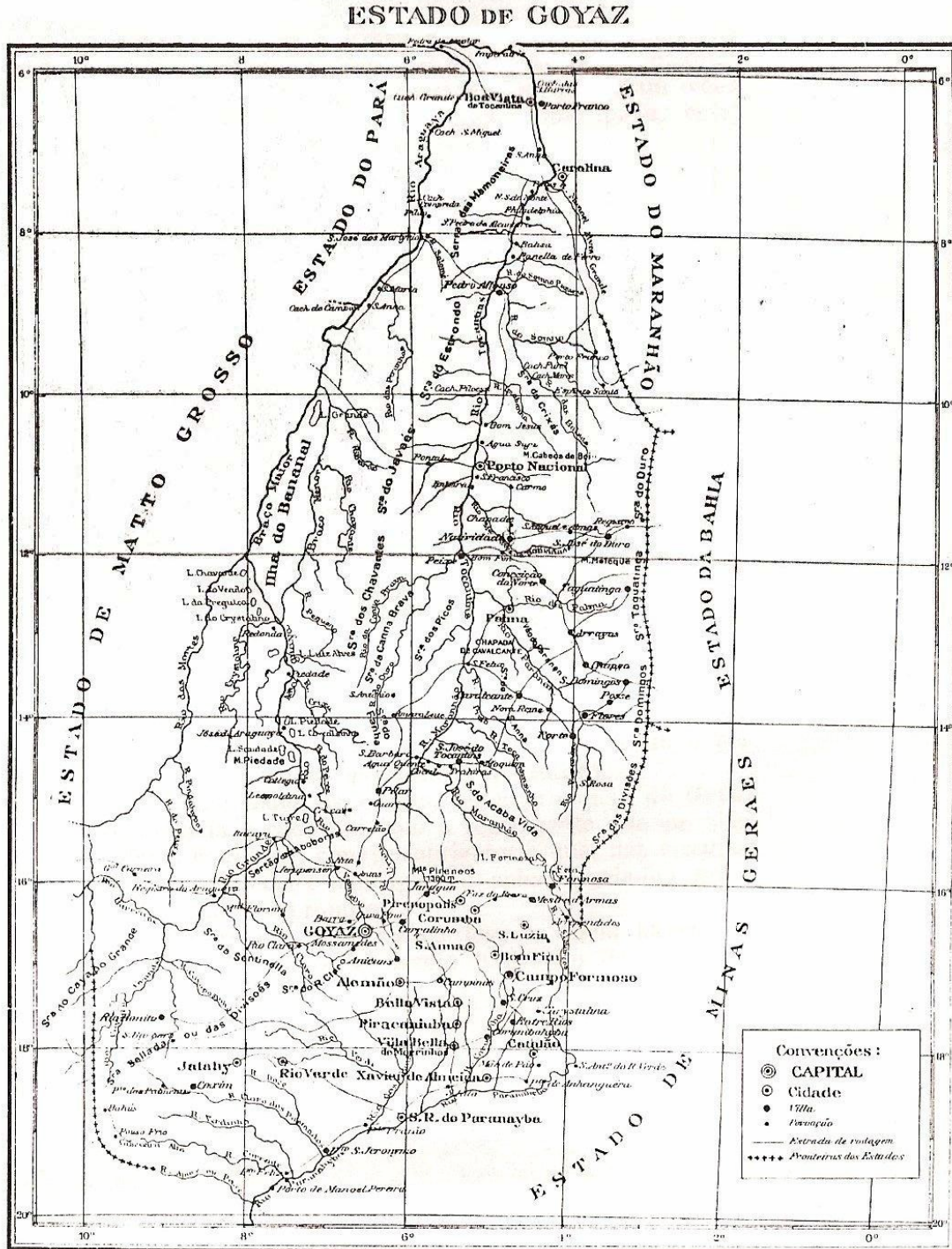


ANEXO B – Mapa da Localização das Comunidades Rurais em Catalão (GO)



Mapa: Localização das Comunidades Rurais em Catalão (GO)
Org. I. M. FERREIRA, 2005

ANEXO C - Mapa de Goiás³⁷⁶



³⁷⁶ Reprodução do mapa publicado por Visconde de Taunay (1931).